INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Agir por um bem comum. Lógicas de ação e perceções do ativista ambiental em contexto associativo

Vasco Manuel de Sousa Santos

Doutoramento em Sociologia

Orientadores(as):

Doutora Aida Valadas de Lima, Professora Auxiliar, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Dezembro, 2021

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Agir por um bem comum. Lógicas de ação e perceções do ativista ambiental em contexto associativo

Vasco Manuel de Sousa Santos

Doutoramento em Sociologia

Júri:

Doutor Pedro Vasconcelos, Professor Associado, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa, (Presidente, por delegação);

Doutor João Francisco Charrua Guerra, Investigador Auxiliar, ICS - Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa;

Doutora Delta de Faria Sousa e Silva, Investigadora Auxiliar, LNEC - Laboratório Nacional de Engenharia Civil;

Doutor Joaquim Domingos Gil Nave, Professor Auxiliar, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa;

Doutora, Aida Maria Valadas de Lima Pinto Guizo, Professora Auxiliar, Iscte – Instituto Universitário de Lisboa.

Dezembro, 2021

«Mesmo na noite mais triste
em tempo de servidão
há sempre alguém que resiste
há sempre alguém que diz não.»

Manuel Alegre

Dedico este trabalho aos meus três filhos e também às mulheres e homens que, de forma gratuita, dia após dia, se comprometem em dar o seu tempo e o seu melhor por um planeta habitável.

.

Agradecimentos

A realização deste trabalho teve, ainda que indiretamente, o apoio de várias pessoas, ainda que algumas não tenham disso tido consciência. Por esse facto, é agora chegado o momento de dar nota do devido reconhecimento.

Em primeiro lugar, agradeço aos participantes deste estudo, pelo tempo que me dispensaram e por me terem permitido aceder às suas vidas.

Depois, uma palavra muito especial de gratidão ao meu pai, pelo seu apoio e por ter sempre acreditado em mim, sem ele o caminho teria sido certamente bem mais difícil.

Um obrigado enorme aos meus filhos, Ricardo, Francisco e Afonso, as pessoas mais importantes da minha vida, com as quais me abstive de partilhar vários momentos e ainda assim nunca reclamaram.

Obrigado, também à minha irmã e à minha mãe e à Inês.

Quero também deixar uma palavra de apreço à Aldinha, por ter estado sempre disponível para me auxiliar e pelos seus preciosos contributos.

E um agradecimento muito especial à minha orientadora, Professora Aida Valadas de Lima, pelo apoio e pelos preciosos e fundamentais momentos de esclarecimento e orientação.

Resumo

A defesa do ambiente, da biodiversidade, dos recursos naturais e a questão das alterações climáticas, têm sido mais do que nunca objeto da atenção por parte dos mais diversos quadrantes da sociedade, com claras implicações na ação de determinados grupos de indivíduos. Uma dessas implicações diz respeito à mobilização e participação ativa de indivíduos no chamado movimento ambientalista e ecológico.

Por este motivo, a abordagem sociológica é essencial para a análise do movimento ambientalista, o qual visa como qualquer outro movimento social, promover mudanças profundas na sociedade através da ação coletiva.

Com o objetivo de identificar e perceber a ação do indivíduo no papel de ativista ambiental, tendo como pano de fundo a sua participação em organizações não governamentais de defesa do ambiente (ONGA), procedemos à realização de uma análise à escala do ator social individual. Para o efeito, optámos por recorrer a um edifício teórico assente numa síntese entre uma perspetiva teórica de tradição disposicionalista, da autoria de Bernard Lahire, e uma outra, desenvolvida por James Jasper, centrada na abordagem cultural à análise dos movimentos sociais, na qual se destaca a influência que as emoções têm no protesto.

Para o efeito, foram centrais conceitos como o de disposição, o de emoção e o de papel social. Foram ainda convocadas referências teóricas que permitiram operacionalizar os valores chamados de verdes.

Para a recolha dos dados empíricos foram empregues unicamente metodologias qualitativas, com recurso à entrevista centrada na história de vida, aplicada a quatro ativistas ambientais. A partir do material empírico resultante foram construídos quatro retratos sociológicos de ativistas ambientais, que permitiram perceber como é que, em cada um dos diferentes retratos, o social se manifestou ao nível individual, através das múltiplas experiências inscritas em cada biografia, as quais conduziram o ator individual a agir pelo ambiente, através da participação ativa numa ONGA.

Os resultados apontam para estarmos perante ativistas, com perfis e histórias de vida muito distintas, que pretendem afastar-se do fundamentalismo e do extremismo com que muitas vezes é identificado o movimento ambientalista. De facto, um ativista identifica-se através do desempenho de um papel social, neste caso, o de ativista ambiental. Trata-se de um ativismo que se reveste de variadas formas de ação, que nem sempre se prendem com o protesto direto, mas que assumem a forma de um compromisso de agir por uma causa, no fundo, pelo bem comum, que é para eles um valor de referência.

Palavras-chave: Socialização, disposições, emoções, ativismo ambiental, ação coletiva e papel social.

Abstract

The protection of the environment, biodiversity, natural resources and the issue of climate change have been more than ever the object of attention from the most diverse quarters of society, with clear implications for the actions of certain groups of individuals. One of these implications concerns the mobilisation and active participation of individuals in the so-called environmental and ecological movement.

For this reason, the sociological approach is essential for the analysis of the environmental movement, which aims, like any other social movement, to promote profound changes in society through collective action.

In order to identify and understand the individual's action in the role of environmental activist, against the background of his/her participation in non-governmental environmental protection organisations (ENGOs), we carried out an analysis at the scale of the individual social actor. For this purpose, we chose to use a theoretical construct based on a synthesis between a theoretical perspective from the dispositionalist tradition, authored by Bernard Lahire, and another, developed by James Jasper, centred on the cultural approach to the analysis of social movements, in which the influence that emotions have on protest is highlighted.

Central to this were concepts such as mood, emotion and social role. Theoretical references were also called upon to operationalise the so-called green values.

Only qualitative methodologies were used to collect empirical data, using life history interviews with four environmental activists. From the resulting empirical material four sociological portraits of environmental activists were constructed, which allowed us to understand how, in each of the different portraits, the social manifested itself at the individual level, through the multiple experiences inscribed in each biography, which led the individual actor to act for the environment, through active participation in an ENGO.

The results indicate that we are dealing with activists with very different profiles and life stories, who want to distance themselves from the fundamentalism and extremism with which the environmental movement is often identified. In fact, an activist identifies himself through the performance of a social role, in this case that of environmental activist. It is an activism that takes on various forms of action, which are not always related to direct protest, but take the form of a commitment to act for a cause, basically for the common good, which is a reference value for them.

Keywords: Socialisation, dispositions, emotions, environmental activism, collective action and social role.

Agir por um bem comum. Lógicas de ação e perceções do ativista ambiental em contexto associativo.

Índice

Introdução 1
1. ONGA em Portugal: alguns números 9
2. O Estado da arte 14
2.1. Breve enquadramento 14
2.2 As perspetivas clássicas 20
2.3 As perspetivas da ação coletiva 27
2.4 Os novos movimentos sociais 30
3. As crenças, os valores e as representações 44
4. A construção social do ativista ambiental 52
4.1. O conceito de identidade 53
4.2. A identidade de ativista 57
4.3. O conceito de papel social 61
5. O conservacionismo, o ambientalismo e o ecologismo 62
6. O conceito de disposição 70
7. A função das emoções 74
8. A proposta de síntese 78
9. Modalidades de ação coletiva ambiental 87
10. Algumas propostas: as hipóteses 92
11. Metodologia 100
11.1. O instrumento de recolha de dados 100
11.2. A questão de quem e de quantos 102
11.3. Um contexto muito particular 103
11.4. Algumas questões éticas 104
11.5. Alguns apontamentos sobre o contexto das entrevistas 105
12. Os retratos sociológicos 107
12.1. Elisabete 107
12.2. Nuno 134
12.3. Mariana 175
12.4. João Pedro 207
13. Discussão dos retratos sociológicos: biografias, disposições, emoções e papéis sociais 237
13.1. A validação das hipóteses 238
13.1.1. A relevância das biografias e das experiências passadas no ativismo 238

13.1.2. O papel do contexto e da situação na agência do ativista ambiental 244
13.1.3. O desempenho do papel de ativista ambiental 250
Conclusão..... 257
Bibliografia..... 263
Anexo A – Gráficos do European Social Survey ESS7 – 2014 i
Anexo B – Grelha de entrevista ii
Anexo C – Transcrição da entrevista a “Elisabete” xiv
Anexo D – Transcrição da entrevista a “Nuno”..... lvi
Anexo E – Transcrição da entrevista a “Mariana” xciv
Anexo F – Transcrição da entrevista a “João Pedro” cxli

Índice de quadros

Quadro 2.1 - Emoções potencialmente relevantes para o protesto e de acordo com o contexto..... 42
Quadro 5.2 - Os três estágios do ativismo ambiental..... 67
Quadro 8.3 - Emoções relevantes para o protesto 85
Quadro 10.4 - Grelha de análise..... 98

Índice de figuras

Figura 1.1 - Número de associados por ano por 1000 habitantes..... 9
Figura 1.2 - Número de pessoal ao serviço 10
Figura 1.3 - Pessoal ao serviço nas ONGA (remunerado e não remunerado) 11
Figura 1.4 - Pessoal ao serviço por sexo 11
Figura 1.5 - Pessoal ao serviço por habilitações escolares..... 12
Figura 1.6 - Tipo de atividade por ano 13
Figura 1.7 - Atividades por domínios de ambiente por ano 13
Figura 2.8 - Origem geográfica das principais perspetivas teóricas da ação coletiva... 30
Figura 2.9 - Elementos da ação social no âmbito do comportamento coletivo 32
Figura 2.10 - Ação coletiva como sistema social multipolar segundo Melucci..... 37
Figura 2.11 - Movimento ambientalista segundo o sistema social multipolar de Melucci 38
Figura 3.12 - Representação esquemática da teoria dos valores-crenças-normas 49
Figura 9.13 - Tipologias de ONG 90
Figura 10.14 -Esquema da relação entre os conceitos..... 96
Figura 15 - Preocupações com o ambiente e a proteção da natureza..... i
Figura 16 - Trabalhou numa organização ou associação no último ano..... i

Agir por um bem comum. Lógicas de ação e perceções do ativista ambiental em contexto associativo.

Introdução

O ser humano, ou se preferirmos a espécie humana, tem-se revelado, sem qualquer sombra de dúvida, uma das espécies que mais sucesso alcançou relativamente à forma como se tem desenvolvido e prosperado em todo o planeta Terra. Claro que o modo como este sucesso tem sido atingido é discutível, se considerarmos de uma forma mais particular os custos e impactes provocados para o atingir. De facto, a forma como se organizou socialmente e como ocupou territórios, muito devem ao ter conseguido tirar partido de praticamente a totalidade dos recursos de que a natureza dispõe, chegando mesmo a ir muito além do necessário para a sua sobrevivência e preservação enquanto espécie. Citando Marx & Engels na sua obra de 1848, Manifesto do Partido Comunista, (1997: 34) foi conseguida a "subjugação das forças da Natureza, maquinaria, aplicação da química à indústria e à lavoura, navegação a vapor, caminhos--de-ferro, telégrafos elétricos, arroteamento de continentes inteiros, navegabilidade dos rios, populações inteiras feitas saltar do chão".

Não obstante, os meios que o homem utilizou para atingir esse sucesso não se revelaram de forma alguma inócuos. Em bom rigor, em resultado da atividade humana produziram-se impactos profundos no ambiente, uns de forma mais direta e outros de forma mais indireta. Contudo, é um ambiente que é necessário para continuar a ter lugar para o desenvolvimento humano, pelo que se torna cada vez mais premente preservá-lo.

Na verdade, com o passar dos tempos e à medida que o desenvolvimento humano se intensificou, o chamado progresso social, tecnológico e económico, culminou no atual paradigma de desenvolvimento, que visa essencialmente o crescimento económico, assente no modelo capitalista.

Um outro sucesso da espécie humana, que não está inteiramente desligado do que foi referido até aqui, traduz-se na explosão demográfica, sem precedentes nas últimas décadas. Em resultado disso, os impactos negativos no ambiente agudizaram-se, resultantes da pressão que a espécie humana exerce sobre o planeta, através da sua constante procura por recursos, pondo em evidência os piores receios malthusianos, assentes na difícil tarefa de encontrar soluções que visem um equilíbrio entre a população e os recursos (Nazareth, 2010). Desta forma, instalou-se o que podemos designar de crise ecológica e ambiental, reforçada pela atual ocorrência de fenómenos

com impactos negativos no ambiente, resultantes dos efeitos adversos da atividade humana à escala global.

Estes factos têm vindo a ser estudados com maior profundidade desde os finais do século passado. De acordo com os dados e factos que à data imperavam, foram publicados estudos com conclusões alarmantes e que provocaram alguma controvérsia, como foi deles exemplo a obra denominada de “Os limites do crescimento”, através da qual foram, já naquela época, identificados os “cinco elementos básicos” com potencial de vir a provocar impactes negativos sobre o ambiente por intermédio do desenvolvimento humano, nomeadamente: “população; produção alimentar; a industrialização; a poluição e o consumo de recursos naturais não renováveis” (Donella H. Meadows et al., 1972: 32).

Assim, como exemplo de um dos fenómenos que atualmente ameaçam a sobrevivência da espécie humana na Terra, surge logo no topo da lista o aquecimento global e, em consequência deste, as alterações climáticas. Ainda assim, não podemos esquecer outros fenómenos potencialmente negativos e igualmente determinantes, como a perda de biodiversidade, a destruição da camada de ozono e a poluição da atmosfera e dos oceanos, entre outros.

Tais fenómenos, pelas consequências e efeitos negativos já possíveis de observar, acabam por fazer soar alarmes e despertar consciências relativamente ao facto de que é já a própria humanidade que se encontra ameaçada. Sabe-se que as ameaças têm causas bem identificadas, relativamente às quais, e o quanto antes, será necessário tomar medidas no sentido de uma mudança social que altere o rumo do atual estado de coisas, ou que, pelo menos, permita mitigar os seus efeitos mais adversos.

Toda esta realidade acaba por resultar num crescente descontentamento e indignação, relativamente aos danos e impactos negativos no ambiente. Tal manifesta-se especialmente a partir de uma crescente atitude de desaprovação e protesto relativamente às entidades que são apontadas como as principais responsáveis por toda esta situação, em particular as que têm o poder e a capacidade de desenvolver e implementar políticas que invertam este estado de coisas. Como consequência, tem surgido um número cada vez maior de indivíduos que, através da ação coletiva, em particular dos designados movimentos de defesa do ambiente, com as mais diversas tipologias de organização, visam imprimir uma mudança na sociedade. Uma mudança que pode ser mais localizada, no entanto, a sua escala pode ser transnacional ou até mesmo global.

A grande maioria destes movimentos apresenta objetivos bem definidos e tem conseguido de alguma forma mobilizar o descontentamento e o desejo de mudança de certas franjas da sociedade, que se manifestam de várias formas, umas mais

institucionais e colaborativas, centradas na formação e sensibilização, outras menos, como é o caso do protesto mais direto.

No fundo, o grande objetivo destes movimentos tem sido o de influenciar a opinião pública em benefício da proteção do ambiente, da mitigação dos efeitos negativos da crise ecológica, da eliminação ou alteração das políticas existentes e da criação de políticas públicas ambientalmente mais favoráveis que beneficiem todos sem exceção.

Temos igualmente de ter presente que estes movimentos se formam, e acabam por funcionar, por intermédio da mobilização e participação ativa de indivíduos que, como iremos perceber, são detentores de algumas peculiaridades sociais, ou seja, encerram em si determinadas disposições e modos de atuação claramente orientados para agir em favor da defesa do ambiente, os quais foram interiorizados ao longo da sua biografia. De facto, tal como qualquer outro movimento social, o movimento ambientalista é, antes de tudo, formado por indivíduos, ou melhor dizendo, por atores individuais todos diferentes entre si.

Por norma, a sociedade identifica estas pessoas, tanto individual como coletivamente, de "ambientalistas", "ecologistas" ou, até mesmo, "verdes". Na verdade, muitos deles próprios acabam mesmo por se identificar através destas designações, mas acima de tudo, identificam-se como ativistas ambientais, os quais, na generalidade, atuam enquadrados em movimentos ou grupos perfeitamente organizados e identificados, como é o caso das associações de defesa do ambiente, ou o que em Portugal se designam por Organizações Não Governamentais de Ambiente (ONGA), as quais se encontram já reguladas estatutariamente nos termos da lei[1].

Estas associações, por sua vez, podem apresentar diversas tipologias e dimensões, distintas abordagens e estratégicas de ação e, inclusive, podem ter objetivos diferentes entre si, sendo que, quanto à ação, umas se revelam mais institucionais e outras se apresentam mais radicais e informais.

Importa, contudo, reter, que apesar das questões ambientais e as preocupações com a crise ecológica terem vindo cada vez mais a fazer parte do leque de preocupações dos portugueses, nem por isso a sua ação em prol do ambiente tem vindo a ser mais efetiva, de facto para uma considerável percentagem de portugueses as alterações climáticas, apesar de serem de facto um assunto preocupante, em termos de

[1] Lei n.º 35/98, de 18 de julho, que define o estatuto das organizações não governamentais de ambiente (ONGA), alterada pela Lei n.º 82-D/2014, de 31 de dezembro, e pela Lei n.º 36/2021, de 14 de junho. Segundo este normativo as ONGA são associações dotadas de personalidade jurídica e constituídas nos termos da lei geral que não prossigam fins lucrativos, para si ou para os seus associados, e visem, exclusivamente, a defesa e valorização do ambiente ou do património natural e construído, bem como a conservação da Natureza.

política públicas não são ainda uma prioridade (Lima & Schmidt, 1996; Shmidt et al., 2016; Guerra, et al., em Ferrão & Delicado, 2019).

Por este motivo, olhando para o panorama nacional e antes de passar ao nosso objeto de análise propriamente dito, entendemos importante apresentar um enquadramento da realidade da participação no associativismo, das preocupações ambientais e do papel das ONGA.

Neste sentido, para ilustrar a fraca adesão e os baixos níveis de participação que têm ocorrido, constata-se que, segundo dados do European Social Survey relativos ao ano de 2014[2], os portugueses revelam valores muito modestos quanto às preocupações com o ambiente e a proteção da natureza.

Ainda, segundo os mesmos dados[3], os níveis de participação em Portugal eram até então baixos, comparativamente com os dos outros países europeus.

Dada esta realidade, entendemos ser legítima a nossa opção por perceber ao nível do indivíduo o que é um ativista ambiental em Portugal integrado numa ONGA. Destacamos assim o facto de ser nossa intenção perceber este fenómeno através de uma análise à escala individual, ao invés de partir para a realização de uma análise a conjuntos de pessoas ou de determinados grupos, e, a partir destes, procurarmos tendências ou quantificar posicionamentos ou representações.

Em bom rigor, é o carácter praticamente de exceção e distintivo que socialmente caracteriza o agir e assumir o papel de ativista ambiental através da participação numa ONGA, que acaba por suscitar a nossa curiosidade sociológica.

Atendendo a que a realidade do associativismo em Portugal não parece ser muito expressiva, em especial a que se centra nos designados novos valores ou valores pós-materialistas (Ferreira, 2013; Viegas, 2014), e tendo especificamente em conta que as ONGA portuguesas se debatem com falta de voluntários (Franco et al., 2015), revela-se de todo o interesse proceder ao estudo e identificação das eventuais especificidades em termos sociais do ativista ambiental que desenvolve a sua ação numa ONGA.

Estamos a falar de indivíduos que tendem a seguir um conjunto de expectativas inerentes a determinados papéis, dentro da multiplicidade de papéis sociais que é necessário o indivíduo assumir no seu quotidiano. E é por este facto que os podemos designar por atores sociais. No caso da pertença do indivíduo a uma organização com objetivos de proteção do ambiente, o seu papel de referência – o de ativista ambiental - terá, tal como outro qualquer papel social, o seu desempenho avaliado de acordo com

[2] Consultar o respetivo gráfico no Anexo A.
[3] Idem.

um conjunto de expectativas socialmente valorizadas pelos outros elementos que integram o mesmo grupo.

É na heterogeneidade que existe na singularidade de um indivíduo ativista ambiental que pretendemos centrar a análise. Por outras palavras, pretendemos perceber o que leva o indivíduo a participar na ação coletiva em defesa do ambiente, bem como procurar e identificar as suas idiossincrasias, e, no âmbito da sua subjetividade, conhecer os elementos que o levam a participar e a unir-se a determinados grupos e, dentro destes, a tomar parte da ação que neles se desenvolve.

Desta forma e considerando o objetivo de analisar o ativismo ambiental em ONGA à escala do indivíduo, entendemos colocar a seguinte questão de partida:

Que património disposicional conduz a um posicionamento ambientalista e, ao mesmo tempo, a uma participação ativa em associações ambientalistas, por parte de um ator individual?

Importa referir que no que respeita à teoria sociológica, em particular a que se ocupa do estudo da ação coletiva e dos diversos tipos de movimentos sociais, é factual que a grande maioria dos trabalhos que se centraram neste tipo de fenómeno social recorreram a perspetivas que, apesar de em alguns casos considerarem o ator individual uma unidade de análise possuidora de uma relativa importância analítica na compreensão de tais fenómenos, acabaram por não lhe atribuir uma centralidade analítica efetiva. Quando tal aconteceu, na maioria dos casos reduziu-se o ator individual a uma relação puramente racional entre os fins, os meios e os objetivos, ou então ignorou-se a sua própria reflexividade enquanto ator capaz de realizar representações acerca da sua própria realidade social. Por este facto, a reflexividade do ator social individual é um elemento, que para nós, se reveste de um inestimável valor analítico para a compreensão dos mais diversos fenómenos sociais.

Os nossos objetivos de pesquisa dirigem-se para a compreensão da forma como um indivíduo, quando decide enveredar pelo ativismo em prol de ideias ou de um conjunto de valores em que acredita, no caso os que se prendem com a defesa do ambiente, é influenciado ou constrangido por um conjunto de elementos que caracterizam e definem o contexto social em que está inserido. Os elementos em causa podem derivar da estrutura social (a origem social do indivíduo, o seu nível de habilitações escolares e de rendimentos, entre outros) ou constituírem elementos mais intangíveis em termos objetivos, como, por exemplo, os fins pretendidos, as representações acerca da realidade envolvente, os valores de referência, as normas que orientam a ação, os fenómenos identitários, bem como as próprias emoções.

De facto, como seres sociais, a nossa ação encontra-se sempre influenciada pelas relações sociais que estabelecemos, pelas ideias, pelas emoções e por eventos de vária

ordem, ao longo de todo o nosso trajeto de vida. Individualmente, passamos por experiências provenientes das mais variadas situações, onde ocorrem diferentes formas e intensidades de interação de uns ou com os outros. Na verdade, os posicionamentos individuais perante alguns aspetos da realidade possuem um carácter marcadamente subjetivo e são muitas vezes caracterizados por respostas emocionais que se inscrevem de forma diacrónica e gradual, ao longo das respetivas biografias.

Por este facto, parece justificar-se, no âmbito da perspetiva sociológica e segundo o nosso ponto de vista, que o enquadramento teórico adequado para este estudo deverá ser aquele que recorre a teorias que, por um lado, permitam a análise de um objeto de estudo caracterizado por elementos externos ao indivíduo, como é o caso do contexto associativo em defesa do ambiente e da participação na ação coletiva e, por outro, por aspetos mais ligados à subjetividade do ator individual. e pela respetiva importância conferida aos valores ambientais e à ação em função da sua defesa.

Para tal, optámos por uma síntese teórica que será desenvolvida com o recurso a perspetivas que se centram no indivíduo e nas disposições que este carrega consigo, previamente interiorizadas através dos seus múltiplos momentos de socialização, mas também com recurso às teorias da ação coletiva e dos movimentos sociais, bem como aos contributos da sociologia do ambiente, nomeadamente no que diz respeito à questão dos valores ambientais.

Pretendeu-se, tal como já foi referido, recorrer a uma escala de análise ao nível do indivíduo, através da qual se irá tentar identificar, e, de seguida, compreender qual o tipo e a génese das disposições que conduzem ao ativismo ambiental. Procurámos também perceber de que forma tais disposições se relacionam com as emoções e, a partir daí, como é que se processa, à escala individual, o envolvimento e participação numa organização não-governamental ambiental (ONGA) em Portugal.

Na verdade, podemos dizer que este estudo se enquadra, por um lado, no campo das teorias dos novos movimentos sociais (NMS), considerando a tipologia das organizações em causa, e, por outro, no âmbito da uma sociologia disposicionalista, considerando o recurso a uma perspetiva centrada na análise dos aspetos mais ligados à influência dos diferentes tipos de momentos socializantes inscritos na biografia individual ou no trajeto de vida do ator individual.

Assumido o facto de que este trabalho se insere simultaneamente no âmbito das três correntes teóricas acima mencionadas e para evitar desde já potenciais equívocos, é desejável reforçar um aspeto fundamental: o objeto de análise aqui tratado não é o movimento ambientalista e ecológico propriamente dito, mas antes o indivíduo que participa neste tipo de movimento, ou seja, o ativista ambiental. Assim, este estudo centra-se não em atores coletivos, mas, sim, em atores individuais.

Não queremos também deixar de referir uma outra questão que é de manifesta importância neste trabalho, e que destaca a importância da teoria sociológica para a compreensão do ativismo ambiental através da participação numa ONGA a partir do indivíduo. Ela prende-se com o facto de o ambientalismo, o ecologismo, as problemáticas associadas aos limites do crescimento, o conceito de desenvolvimento sustentável, o conservacionismo e o combate às alterações climáticas serem fenómenos geradores de tendências e correntes de pensamento que, apesar de indissociáveis uns dos outros, influenciam de forma indelével aquilo a que se chama de pensamento verde.

A opção pela escala individual justifica-se porque é uma dimensão fundamental da realidade e é igualmente a partir dela que se constrói o conhecimento, as representações e os significados dessa mesma realidade. O indivíduo atravessa múltiplos contextos sociais ao longo do seu quotidiano, seja no seio do seu ambiente familiar, nas atividades da própria ONGA ou até mesmo no desenvolvimento da sua atividade profissional, aos quais estão implícitos o desempenho de diferentes papéis sociais e distintos tipos de interação social. Ora, tudo isto acontece a partir de um único corpo físico multiplamente socializado. É a partir de uma socialização heterogénea que se interiorizam, entre outros, os valores e as normas relacionados com a defesa do ambiente, que, ao nível cognitivo, conduzem a determinadas formas de pensar e agir em defesa do ambiente.

Considerando assim a escala de análise, a escolha das perspetivas teóricas de referência e o próprio objeto de estudo, seguimos uma metodologia qualitativa assente em quatro entrevistas longas, baseadas na história de vida dos entrevistados, procurando assim captar, através da narrativa de cada um dos entrevistados, as experiências vividas ao longo dos principais momentos de socialização, como são a infância e o quotidiano familiar, a escola, a universidade, a vida profissional e, claro, o envolvimento na ação coletiva.

Desta forma e quanto à estrutura do trabalho de análise, em primeiro lugar procederemos a uma caracterização do panorama das ONGA em Portugal, com a apresentação de alguns dados de âmbito mais estatístico. Em seguida, no capítulo 2, passamos para um enquadramento de âmbito mais temático, no qual se apresentam as observações e algumas conclusões relevantes de outros trabalhos relacionados com o tema em questão, realizados com o recurso a metodologias e objetivos analíticos distintos. Neste capítulo destaque-se o subcapítulo 2.2, no qual é lançado um olhar sobre algumas das perspetivas da ação coletiva, mais precisamente as que possibilitam uma análise à escala individual. No capítulo 3, trazemos à discussão a importância das crenças, dos valores e das representações para a ação do ator social individual. No

capítulo 4 damos nota dos principais conceitos e contributos teóricos que permitem perceber como se processa a construção sociológica da identidade de um ativista ambiental, nomeadamente as questões que se prendem com a relevância do conceito de papel social para a definição daquela identidade.

De seguida, no capítulo 5, serão discutidas as principais correntes de ação política ecologista e do pensamento verde, procurando perceber-se a sua importância no âmbito dos valores e das crenças, bem como a relevância destes na génese das disposições ambientalistas e ecológicas, as quais assumem papel preponderante para a ação.

No capítulo 6, será dada, com base na proposta de Bernard Lahire, particular atenção a um dos conceitos centrais da nossa pesquisa, o conceito de disposição. Procuraremos desenvolver a relevância explicativa deste conceito sociológico, bem como, ainda, a do papel das emoções para o nosso objeto de estudo. Para esse efeito, no capítulo 7, será levada a cabo uma breve conceptualização do papel das emoções no âmbito da sociologia, mais precisamente, através das teorias centradas no interacionismo simbólico e também na perspetiva de James Jasper, relativamente à relevância das emoções para o protesto, onde o objetivo será o de dar destaque ao contributo das emoções na participação em ONGA como ativista ambiental. No capítulo 8, delinearemos então a nossa proposta de síntese entre as referidas teorias de referência, incluindo alguns contributos da sociologia do ambiente.

No âmbito da ação coletiva ambiental e apesar de este estudo não visar a análise da ação coletiva e dos movimentos ambientalistas, entendemos, ainda assim, introduzir no capítulo 9 algumas referências teóricas que se debruçam sobre as diversas tipologias e modalidades de ação das organizações que integram o movimento ambientalista.

De seguida, no capítulo 10, apresentaremos as nossas hipóteses de investigação.

No que respeita à metodologia e às técnicas de investigação, é no capítulo 11 que tecemos as necessárias considerações nesse âmbito e onde referimos a forma como foram obtidos e tratados os dados. Neste capítulo daremos ainda nota de alguns constrangimentos que surgiram no decurso do trabalho de campo e da forma como foram ultrapassados.

No capítulo 12 apresentam-se e discutem-se os quatro retratos sociológicos dos ativistas ambientais que resultaram dos dados obtidos através das entrevistas cuja orientação assentou nas respetivas histórias de vida.

Por fim, segue-se o capítulo das conclusões onde procuraremos dar conta dos resultados obtidos, bem como se apontam, ainda, alguns temas e problemas a necessitar de pesquisa ora por terem estado ausentes da preocupação dos sociólogos, ora por carecerem de aprofundamento analítico e empírico.

1. ONGA em Portugal: alguns números

Apesar da já referida fraca adesão dos portugueses ao associativismo e em particular ao associativismo ambiental, a tendência nos últimos anos aponta para um crescimento da adesão a este tipo de associativismo.

Para dar nota deste facto recorremos a alguns dados estatísticos provenientes do Instituto Nacional de Estatística (INE), a saber:

- Número de associados das organizações não governamentais de ambiente;
- Pessoal ao serviço das organizações não governamentais de ambiente;
- Atividades desenvolvidas pelas organizações não governamentais de ambiente;

Ainda que não seja objetivo deste capítulo proceder a uma análise exaustiva, mas meramente descritiva de alguns dados estatísticos, parece-nos, no entanto, pertinente e útil apresentar o contexto onde se movem os ativistas ambientais inseridos em ONGA.

Uma das principais dimensões do associativismo ambiental, na qual é visível um crescimento nos últimos anos, como se pode observar no gráfico seguinte, é a do número de associados. Tal facto traduziu-se num aumento do montante de financiamento das ONGA.

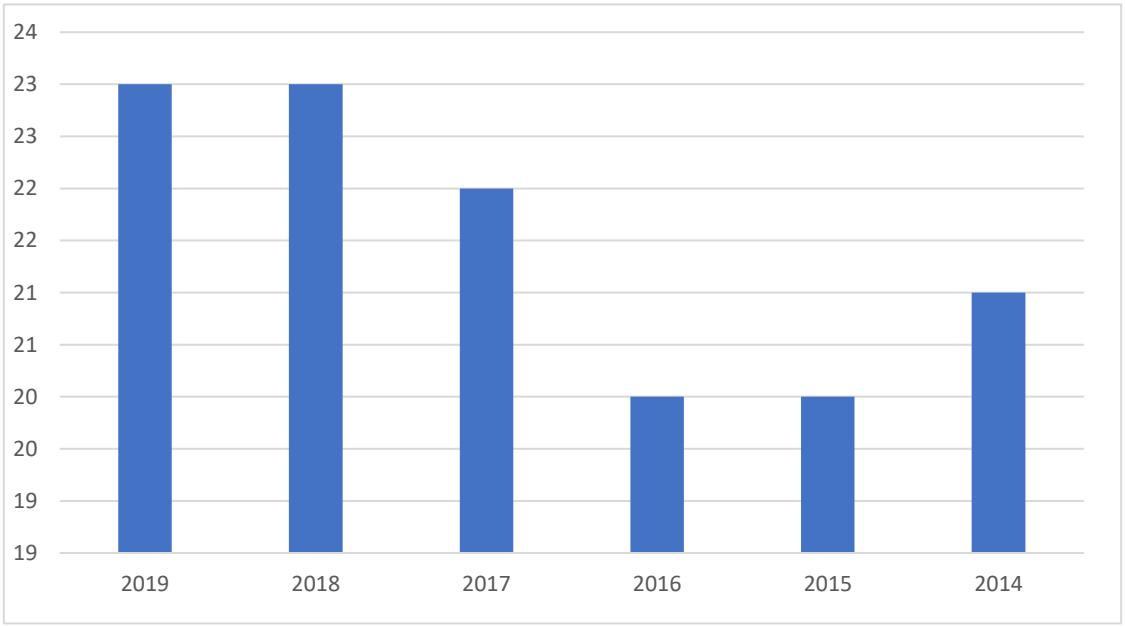


Figura 1.1 - Número de associados por ano por 1000 habitantes

Fonte: INE Inquérito às Organizações Não Governamentais de Ambiente

Na verdade, se o número de associados tem vindo a crescer, o que se deverá muito certamente à crescente preocupação dos portugueses com os problemas ambientais, dinâmica distinta é observada na dimensão relativa ao número de pessoal ao serviço nessas organizações. Neste caso, podemos facilmente constatar que, apesar de a grande maioria do pessoal ao serviço não ser remunerado, categoria onde se incluem os voluntários, o que podemos observar é uma redução acentuada até 2016, ano a partir do qual se se deu início a uma recuperação ao nível do pessoal ao serviço, sendo que no ano de 2019 os valores já se encontravam próximos dos valores de 2014.

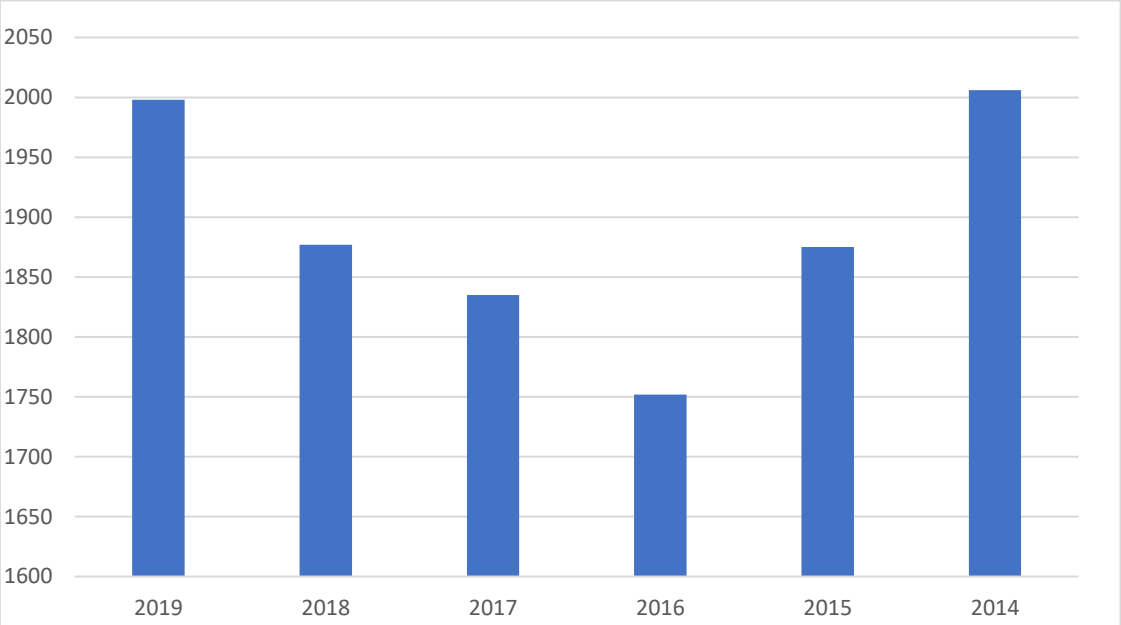


Figura 1.2 - Número de pessoal ao serviço

Fonte: INE Inquérito às Organizações Não Governamentais de Ambiente

Observando o número de pessoal ao serviço, segundo as categorias de pessoal remunerado e não remunerado, constata-se uma tendência de redução do número de voluntários em relação ao número de pessoal remunerado, apesar de, no período em análise, os primeiros se encontrarem sempre numa situação maioritária 4. Isto leva-nos a inferir uma tendência para o aumento da profissionalização no campo do funcionamento e realização de atividades das ONGA

[4] Importa referir que de acordo com o Documento Metodológico do INA, acessível em https://smi.ine.pt/DocumentacaoMetodologica/Detalhes?oe=326&LANG=PT e relativo ao Inquérito às Organizações não Governamentais de Ambiente (IONGA), a categoria de pessoal não remunerado diz respeito a pessoal que presta serviço, mas não está vinculado por um contrato de trabalho ou não recebe qualquer remuneração seja em numerário ou em géneros.

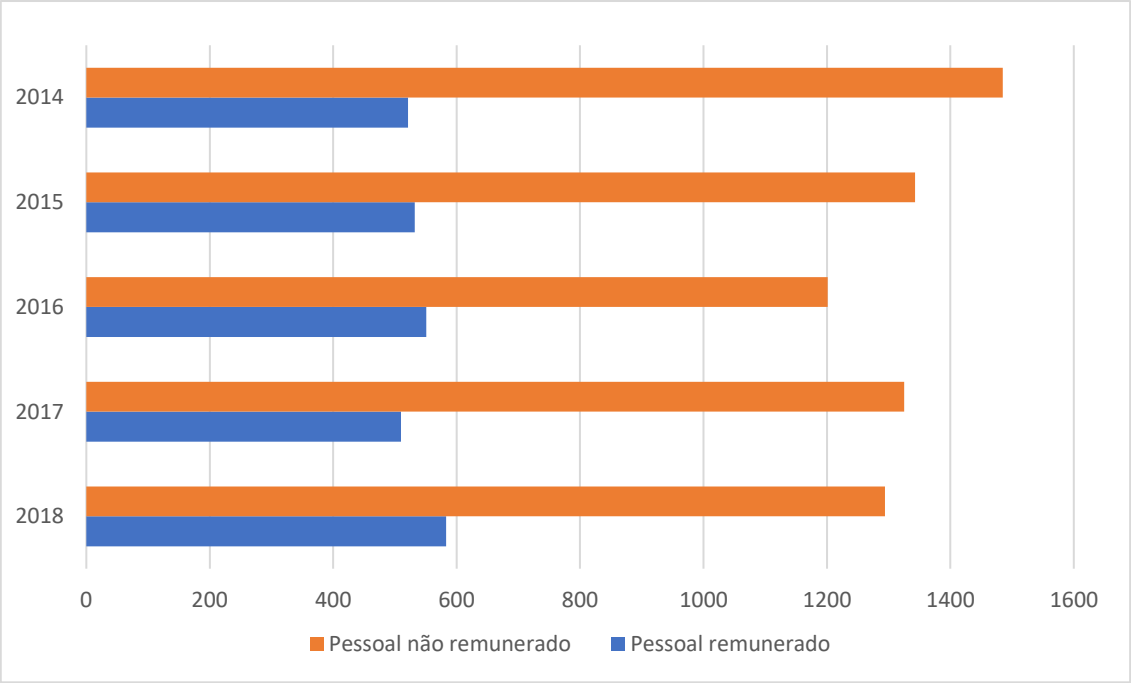


Figura 1.3 - Pessoal ao serviço nas ONGA (remunerado e não remunerado)

Fonte: INE- Inquérito às Organizações Não Governamentais de Ambiente

Se olharmos para a distribuição, por sexo, do pessoal ao serviço percebe-se que a tendência de recuperação do pessoal ao serviço, é acompanhada por uma maior participação das mulheres no serviço às ONGA, cujo aumento mais visível é em 2019.

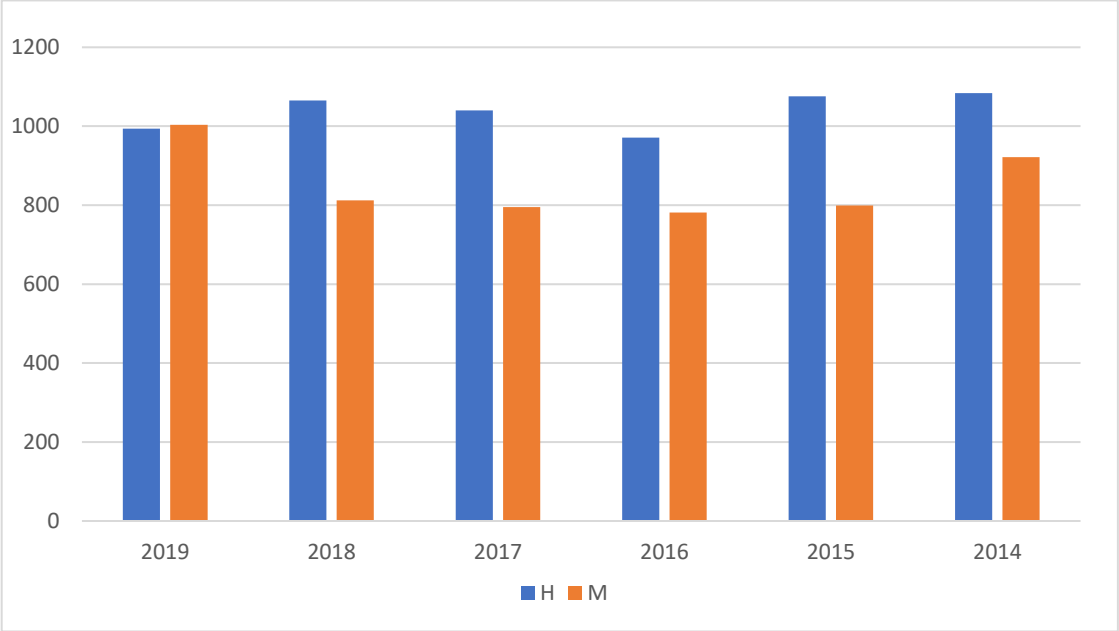


Figura 1.4 - Pessoal ao serviço por sexo

Fonte: INE- Inquérito às Organizações Não Governamentais de Ambiente

A distribuição do pessoal ao serviço das ONGA por habilitações escolares é reveladora do que caracteriza os membros e quadros das ONGA. Com efeito, a grande maioria deles é detentora de um curso superior (bacharelato e licenciatura).

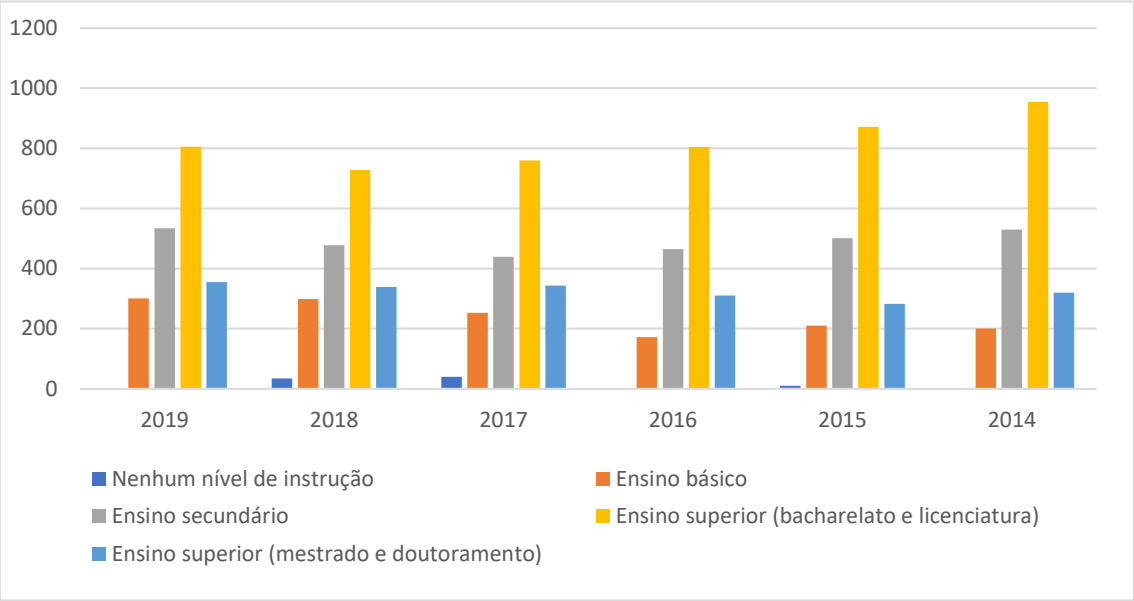


Figura 1.5 - Pessoal ao serviço por habilitações escolares

Fonte: INE - Inquérito às Organizações Não Governamentais de Ambiente

Para concluir refiram-se os dados alusivos às atividades desenvolvidas pelas ONGA. No gráfico abaixo, observamos que são as publicações, os estudos técnicos e os pareceres, as atividades mais desenvolvidas pelas ONGA. Merecem ainda referência as atividades relacionadas com a educação ambiental, bem como a realização de workshops e de ações de sensibilização. Finalmente, a categoria "outras atividades" assume, também ela, alguma expressão"[5].

[5] Novamente em referência ao Documento Metodológico do INE, acessível em https://smi.ine.pt/DocumentacaoMetodologica/Detalhes?oe=326&LANG=PT, e relativo ao Inquérito às Organizações não Governamentais de Ambiente (IONGA), esta categoria engloba um alargado leque de atividades como a administração geral e orientação, que visam a sustentação das decisões tomadas no quadro das atividades de proteção do ambiente e as atividades cujo principal objetivo é assegurar, formar ou divulgar, no quadro de organismos especializados, informação relativa à gestão e proteção do ambiente, nomeadamente nas campanhas de sensibilização e de educação ambiental, junto da população escolar, e nas campanhas de publicação, de divulgação e formação profissional, relativa à temática ambiental. É, portanto, uma categoria muito difusa.

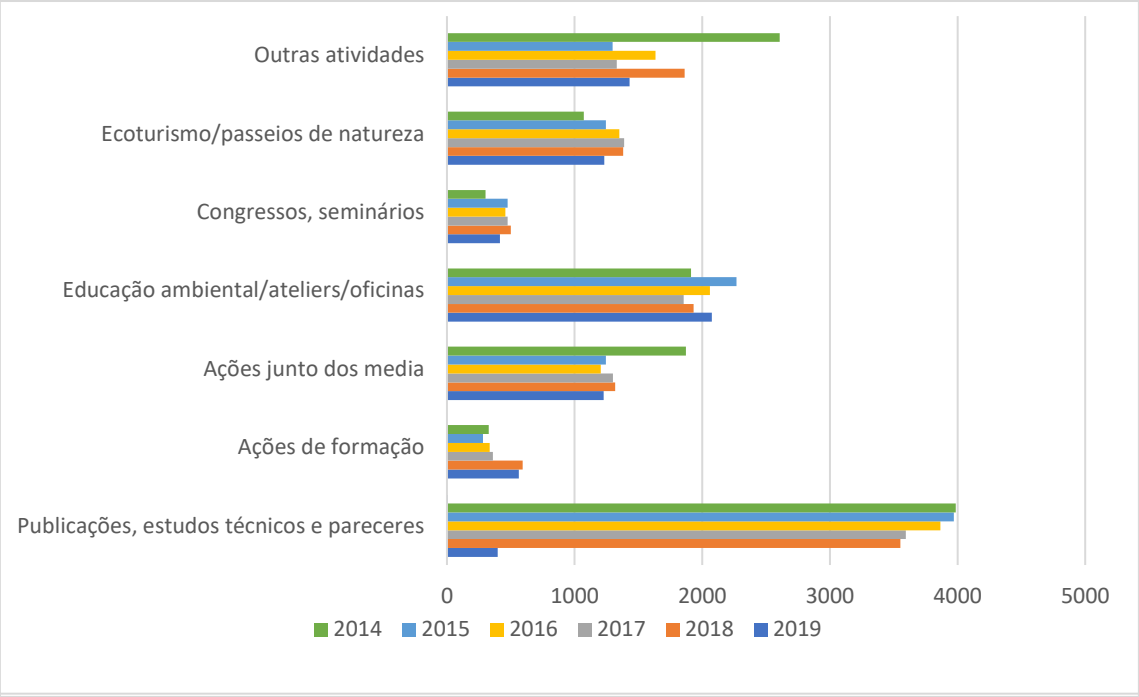


Figura 1.6 - Tipo de atividade por ano

Fonte: INE- Inquérito às Organizações Não Governamentais de Ambiente

Por fim, no que diz respeito às atividades desenvolvidas segundo o domínio ambiental (figura 1.7), é evidente a relevância conferida às atividades relativas à proteção da biodiversidade e da paisagem.

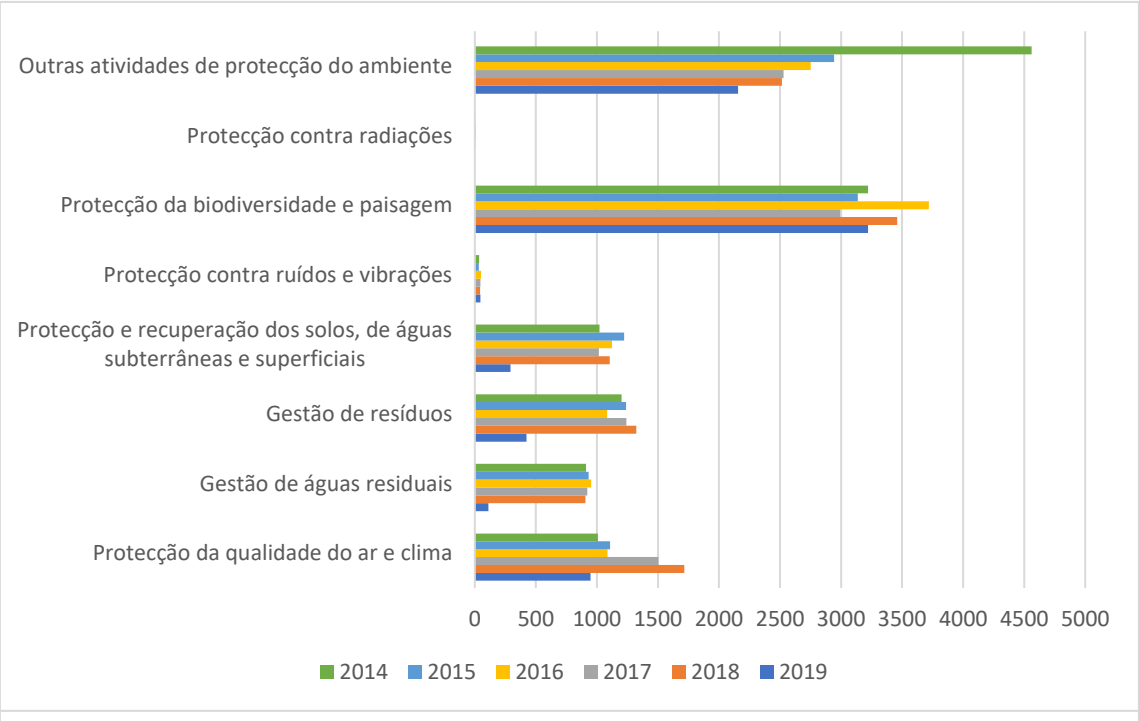


Figura 1.7 - Atividades por domínios de ambiente por ano

Fonte: INE- Inquérito às Organizações Não Governamentais de Ambiente

Os dados estatísticos aqui apresentados são demonstrativos de que o movimento está vivo e apresenta nos últimos anos uma dinâmica de crescimento. Este facto, por si só, justifica o objetivo de perceber o que conduz algumas pessoas a optar pelo ativismo ambiental nas ONGA.

2. O Estado da arte

2.1. Breve enquadramento

As perspetivas teóricas que visam o estudo da ação e da agência, seja individual ou coletiva, são as que, neste nosso caso, nos parecem as mais adequadas para a compreensão dos factos que se prendem com a participação dos indivíduos em contextos organizacionais orientados para a ação coletiva para a defesa do ambiente, que se situam fora das tradicionais formações políticas ou organizações do poder centralizado, mais precisamente a participação em ONGA.

Estas organizações, apesar de por norma serem externas ao poder político, acabam por desenvolver a sua ação dentro dos contextos sociopolíticos das sociedades contemporâneas e essencialmente democráticas. São organizações que permitem introduzir no seio da opinião pública e trazer a debate, no espaço público, a grande maioria os problemas ambientais. Fazem-no através daquilo que Anthony Giddens designou por "democracia dialógica", que se encontra à margem das tradicionais formas de organização política, assenta na "reflexividade social", se desenvolve através da "organização coletiva" e que, ao mesmo tempo, se afasta do objetivo de atingir consensos (1997: 100-101).

Na verdade, as questões que se levantaram a partir dos problemas ecológicos acabaram por introduzir uma nova "agenda social e política" (Giddens, 1991: 49), protagonizada pelos movimentos ecológicos e como expressão das novas formas de envolvimento, muitas vezes associadas a "movimentos de contracultura", que acabam por surgir em resultado do contexto sociopolítico da "pós-modernidade" (Giddens, 1991: 152-157).

O próprio Giddens, a propósito da capacidade destes movimentos sociais de introduzirem no espaço público as questões ecológicas, socorre-se conjuntamente de Ulrich Beck e do que este designou de fenómenos de "subpolítica*"* (1997: 105), mais precisamente das ações que se distanciam dos tradicionais modelos de fazer política e dos esquemas formais de organização partidária e corporativa (Beck, 1997). Neste ponto, Beck definiu a *subpolítica* como o envolvimento direto do cidadão comum, ou seja, "subpolítica significa política direta, isto é, uma intervenção pontual, por vezes,

também participação individual em decisões políticas, fora das instituições representativas de tomada de decisões (partidos políticos, parlamentos)" (2015: 183). Na verdade, isto é exatamente aquilo que acontece quando da participação em grupos de pressão ou em associações com o objetivo de atingir determinados objetivos.

A participação e a mobilização do indivíduo em torno dos movimentos ambientalistas, tenham ou não estruturas e formações mais organizadas, têm-se revelado como um objeto de estudo muito explorado pela perspetiva sociológica.

Relativamente ao caso português, recuperamos os dois grandes inquéritos organizados por João Ferreira de Almeida, em 2000 e 2004, que forneceram o material empírico necessário para o desenvolvimento de algumas análises relevantes para a compreensão dos fenómenos da participação dos indivíduos neste tipo de movimentos.

No primeiro inquérito, os dados resultantes permitiram produzir uma análise, sob o título de "Orientação, cidadania e responsabilização" (Garcia, Barata, & Matos, 2000: 145), cuja proposta era a de responder a questões centradas nos três conceitos do título. Detalhando um pouco mais e começando pelo conceito de *orientação*, este revelou-se estar diretamente relacionado com a sensibilidade ambiental, sendo a partir dele que se procurou identificar quais eram as disposições para as práticas. Através da *cidadania*, analisaram-se as diferenças entre os ativistas e os simples participantes, com o recurso à análise das suas condutas e disposições para agir (Garcia, Barata, & Matos, 2000). Por último, foi ainda referido o facto de os indivíduos com uma postura de ativista apresentarem "uma forma de estar na vida s*ociocentrada"* (Garcia, Barata, & Matos, 2000: 162). Por outras palavras, verificou-se que os inquiridos vivenciavam um quotidiano, à época, essencialmente virado para problemas coletivos relacionados com bens comuns, revelando-se a participação na ação coletiva uma presença fundamental nesse mesmo quotidiano; uma forte identificação com o próprio movimento, portanto.

No âmbito do segundo inquérito e num capítulo designado de "Atitudes Ambientais da População Portuguesa" (Casanova, Costa, & Almeida, 2004: 337), perspetivava-se "contribuir para a explicação e interpretação", dentro do espaço ocupado pelas atitudes ambientais dos inquiridos, dos "processos de desenvolvimento da cidadania" (Casanova, Costa, & Almeida, 2004: 337). Para o efeito e através de um indicador especificamente construído, observou-se que a posição mais favorável para a ação coletiva em favor da defesa do ambiente foi a opção *ativista* e a menos favorável, uma posição designada como de *indiferente*. Observaram-se igualmente as influências das variáveis *urbano/rural* e a idade. Vale a pena destacar algumas variações relativas à situação conjugal dos inquiridos, à sua situação perante a habitação e o facto de a escolarização ser a variável com maior correlação com as atitudes ambientais (2004), confirmando a importância dos níveis de conhecimento e de informação, bem como da

capacidade de reflexão relativamente a problemas ambientais e ecológicos. Já no plano político, são os indivíduos que se posicionam no campo da extrema-esquerda que apresentam uma disposição mais favorável para a categoria de "ativista" (Casanova, Costa, & Almeida, 2004).

Na mesma obra, destaca-se ainda a análise de Joaquim Nave e Susana Fonseca (2004), centrada nos níveis de escolaridade e da sua relação com a militância em ONGA. Para estes autores, é nos indivíduos detentores de graus académicos ao nível do ensino superior que se observa uma maior predisposição para integrar a ação coletiva através de uma participação ativa. Estes autores referem ainda outro aspeto sociologicamente relevante: o facto de serem os indivíduos mais jovens os que mais ativamente participam e procuram aderir às atividades das ONGA (Nave & Fonseca, 2004). Pode assim confirmar-se, sem grandes surpresas, a existência de correlações positivas entre as variáveis idade e nível escolar, com a participação ativa no movimento social ambientalista.

Uma outra análise, mas desta vez com recurso a dados resultantes da participação portuguesa no *International Social Survey Programme* (ISSP) [6], no âmbito do qual foi aplicado um inquérito a 22 países realizado em 2000, surgiu a partir de Aida Valadas de Lima e João Guerra. Estes autores propuseram-se "perceber como se interligam predisposições, atitudes e participação em ações de preservação ambiental no desencadear de uma sociedade civil mais viva e participativa e como estes desenvolvimentos poderão relacionar-se com a evolução da mobilização ambiental" (2004: 117). Para o efeito, procederam à comparação com outros estados-membros, como a Espanha, a Grã-Bretanha e a Alemanha e, a partir daqui, procuraram saber qual o estado da participação nas ONGA em Portugal e como a preocupação e a tomada de consciência relativamente aos problemas ambientais influenciavam essa mesma participação. Desta forma, no âmbito deste estudo, Lima e Guerra isolaram, com recurso a uma análise fatorial de componentes cujo objeto foi o de mensurar quatro "dimensões de mobilização ambiental", designadamente, a "disponibilidade, a confiança, o ativismo e a crítica". A conclusão, segundo os autores, foi a de que estas dimensões, apesar de não esgotarem "a multidimensionalidade do processo, não deixarão de nele ter um papel importante, nomeadamente ao nível de crenças, atitudes e valores que, impulsionando a mobilização pelo ambiente, determinarão novas práticas e comportamentos integradores de uma relação mais equilibrada com o ambiente" (2004: 133-134).

[6] Este programa diz respeito a uma rede internacional de recolha de dados, cujo módulo ambiental remonta a 1993 e que visava a aplicação de perguntas relativamente a "práticas ambientais como, por exemplo, comportamentos pró-ambientais e comportamentos de participação ambiental" (Lima, Cabral, & Vala, 2004: 23).

Não sendo nossa intenção desvalorizar a importância analítica das outras dimensões, é a dimensão *ativismo* que se revestirá de maior relevância e será objeto de um maior foco. Assim, metodologicamente, a construção do fator *ativismo* processou-se através da combinação linear das variáveis: "militância ambientalista"; "participação em petição relacionada com a defesa do ambiente"; "contribuição monetária para um grupo ambientalista" e "participação em manifestação relacionada com uma questão ambiental" (Lima & Guerra, 2004: 138). O que se observou então, no que diz respeito ao ativismo, foi a preferência dos inquiridos em doar dinheiro à ONGA e serem um membro passivo, privilegiando modalidades de participação claramente mais passivas ou através de um ativismo de baixo risco. Este dado é corroborado pelo facto de os portugueses, relativamente aos outros países envolvidos na comparação, apresentarem os valores mais baixos de ativismo pela defesa do ambiente, tanto no que respeita ao grau de ativismo, como efetivamente pela própria tendência para enveredar pelo ativismo (Lima & Guerra, 2004). Sem surpresas, verificou-se uma correlação negativa entre o ativismo ambiental e a idade, uma correlação positiva relativamente ao nível de habilitações escolares e ainda a correlação positiva entre a "mobilização política" e o ativismo ambiental (Lima & Guerra, 2004: 149). Estas conclusões estão, portanto, alinhadas com as outras análises já aqui referidas. Lima e Guerra concluíram também a existência de "uma relação entre uma mobilização política mais ativa e uma maior propensão para intervir em ações de proteção ambiental" (2004: 153), o que sugere a influência de uma determinada disposição para a participação anterior ao ativismo ambiental e que conduz uma minoria de portugueses a "sair da apatia que lhe cerceia a ação" (Lima & Guerra, 2004: 155) em defesa do ambiente. Este é, na verdade, um dado cuja relevância mais à frente teremos a oportunidade de observar.

Merece, contudo, nota de destaque que, apesar da profundidade e pertinência das análises realizadas com recurso aos dados destes inquéritos, as mesmas tiveram lugar há já alguns anos e no auge de uma questão ambiental que estava então na ordem do dia: a coincineração de resíduos perigosos. Assim e com o objetivo de melhor contemporizar a questão, recorremos aos resultados do Eurobarómetro Especial 468, publicado em novembro de 2017, respeitante às atitudes dos cidadãos europeus em relação ao meio ambiente. Dos 1062 portugueses entrevistados, 49% consideram a proteção do ambiente muito importante e 50% consideram-na importante, sendo as alterações climáticas o fator que mais os preocupa.

É curioso observar também que 56% dos portugueses tendem a concordar com o facto de a sua ação individual poder desempenhar um papel na proteção do ambiente, ou seja, conclui-se que há uma crescente preocupação com o estado do ambiente entre a população portuguesa. No entanto, este crescimento parece não ser suficiente para

mobilizar de uma forma mais efetiva os cidadãos em torno do próprio associativismo ambiental.

Passemos agora dos números e da análise das tendências, para uma dimensão mais compreensiva do fenómeno, mais precisamente para o campo das disposições e das condutas, especialmente orientadas para as questões ambientais por parte do ator individual. Aqui, ao reduzirmos em termos analíticos para a escala individual, podemos iniciar de imediato pela proposta teórica de Kasper (2009), relativamente ao conceito de "*habitus* ecológico" (2009: 318). Recorrendo a este conceito, o autor procurou identificar e enquadrar um conjunto de "disposições, práticas, perceções e condições materiais relevantes, com todas as suas consequências nos diversos contextos socioecológicos" (2009: 321). Destaca-se o facto de este *habitus* específico resultar da relação que ocorre entre o individuo e as várias situações e contextos de interação que este vai experimentando. É então partir daqui que "emergem as influências, oportunidades e restrições que ajudam a moldar a forma como os indivíduos percebem, pensam e agem em relação ao ambiente de que dependem – independentemente, da consciência ou não, dessa dependência" (Kasper, 2009: 313). Por último, é importante referir que, segundo o mesmo autor, a própria formação deste *habitus* é também ela ecológica, uma vez que se desenvolve a partir dos constrangimentos e oportunidades, resultantes não só das condições materiais de existência do indivíduo e do contexto onde está inserido, como também dos condicionalismos e particularidades bióticas do ecossistema onde esse mesmo indivíduo se desenvolve socialmente (Kasper, 2009), ou seja, a relevância da estrutura social no indivíduo.

Seguindo esta linha, parece-nos adequado estudar a participação na ação coletiva ambiental ou, melhor, no movimento ambientalista, recorrendo a teorias centradas nas disposições e assentes em metodologias qualitativas como a de Bernard Lahire e do seu *dispositivo* metodológico designado de *retratos sociológicos*.

Na verdade, esta ideia já conta com desenvolvimentos anteriores bem-sucedidos, como é o caso de um trabalho designado de "Ação coletiva à escala individual e local: perfis e retratos sociológicos" (Nunes, Cachado, Raposo, Ferreira, & Carmo, 2016: 95), cujo objetivo foi o de compreender a participação do ator individual em diferentes tipos de ação coletiva, por intermédio da aplicação de entrevistas a três indivíduos. Para o efeito, recorreu-se ao método dos *retratos sociológicos* de Lahire, complementado com algumas referências teóricas centradas na ação coletiva. Procurou-se, desta forma, identificar, nos quatro indivíduos estudados, os elementos de carácter biográfico que possibilitassem perceber a génese de um património disposicional orientado para a ação coletiva. Ou seja, centrou-se a análise nos diferentes contextos sociais, cujo impacto foi pertinente para estes indivíduos, nas suas trajetórias individuais, e afetando a sua

relação com a ação coletiva. Para isso, elegeu-se o ator individual como unidade de análise por excelência. No fundo, os autores pretenderam ligar o percurso biográfico, e os múltiplos contextos de socialização dos indivíduos, às respetivas opções individuais, pela mobilização e tomada de decisão por uma participação ativa em grupos ou associações. Procurou-se fazê-lo num determinado número de indivíduos com perfis específicos e distintos repertórios disposicionais relativamente ao ativismo. Assim, concluiu-se que, no essencial, diferentes repertórios e configurações do *stock* de disposições remetem para diferentes percursos e trajetórias socializantes (Nunes, Cachado, Raposo, Ferreira, & Carmo, 2016).

De uma forma semelhante, na tese de mestrado da autoria de Sandra Lima Coelho, que teoricamente recorreu à proposta de Lahire, optou-se igualmente pelo mesmo instrumento metodológico assente nos *retratos sociológicos*, realizando-se para o efeito análises à escala individual de participantes de uma associação de comércio justo portuense. Também aqui se procurou estudar a ação coletiva sob a forma de uma associação centrada num tipo diferente de NMS, mais precisamente o comércio justo. A autora, além de recorrer a perspetivas centradas no interacionismo simbólico, neste caso com o objetivo de perceber as interações dos participantes naquele determinado contexto associativo, recorreu à metodologia preconizada pelos *retratos sociológicos* de Lahire. Para o efeito, levou a cabo uma série de longas entrevistas biográficas aos participantes daquela associação. Desta forma, e tal como a autora refere, o que se pretendeu foi "decifrar as motivações dos voluntários para integrarem este projeto específico, e não outro de índole igualmente social e voluntário" (Coelho, 2012: 92). No essencial, a análise visou identificar e isolar, no percurso biográfico dos entrevistados, momentos e situações em que o apelo à participação neste tipo de associações se fizesse sentir e, assim, os levasse a agir através de um papel social específico, ou seja, como voluntários. Apesar de se terem identificado trajetos sociais distintos e diferentes modos de chegar ao voluntariado, um ponto comum a todos os entrevistados mereceu destaque: a permanência dos indivíduos na associação é motivada pela forte identificação com a causa e os valores que a mesma representa. Foi possível, deste modo, identificar, nos diversos entrevistados, as mesmas referências a valores, a representações e uma identidade comum no contexto da associação em causa. A autora concluiu também que a associação se desenvolve a partir das suas estruturas de base e não por influência de uma liderança, sendo que é a ação individual dos seus membros que a mantém efetivamente viva.

O objetivo das referências foi o de aqui trazer alguns exemplos de análises que, através de metodologias mais quantitativas ou mais qualitativas, como é o caso do recurso aos *retratos sociológicos,* se centraram no facto social que é a participação do

indivíduo na ação coletiva de âmbito ecológico ou de defesa do ambiente. Quisemos também dar nota da importância da análise à escala individual, no objetivo de perceber o que se encontra inerente a este tipo de participação.

2.2 As perspetivas clássicas

Para enriquecer a discussão que aqui estamos a desenvolver, e seguindo a tradição no que toca a qualquer trabalho que faça uso da teoria sociológica, parece-nos fundamental, introduzir alguns contributos das perspetivas teóricas clássicas da sociologia. Para isso, recorremos a alguns autores ditos clássicos fundadores, cujas referências teóricas, de uma forma geral, permitem dar nota de alguns conceitos teóricos essenciais.

Quando se pretende desenvolver a análise de um determinado aspeto da realidade através da disciplina sociológica, a introdução das perspetivas dos clássicos fundadores revela-se sempre uma mais-valia, não porque os clássicos se tenham debruçado em particular sobre a participação no movimento ambientalista, mas por terem introduzido os fundamentos que permitem identificar as grandes linhas orientadoras da teoria e de todo o pensamento sociológico.

Uma das primeiras referências em termos das teorias consideradas clássicas, que se centrou na formação e constituição de grupos de indivíduos em organizações e que poderá dizer-se ser muito importante para o estudo da ação coletiva e do associativismo propriamente dito, surgiu através da análise da sociedade americana do século XIX por parte de Alexis de Tocqueville.

As conceções teóricas de Tocqueville são detentoras de uma grande capacidade de clarificação teórica, para aqueles que estudam a realidade política e social das sociedades atuais, em particular num quadro de participação cívica e no âmbito da prática de uma cidadania ativa. É de destacar, em primeiro lugar, o rigor que Tocqueville imprimiu na análise do contexto social da época, numa procura constante de teorização e identificação dos principais elementos que permitissem uma adequada caracterização sociopolítica. Desta forma, Tocqueville, por intermédio da comparação entre diferentes tipos de sociedade e regimes políticos do século XIX, ocupou-se essencialmente da forma como a democracia se desenvolveu e influenciou as profundas transformações sociais que então ocorreram, em detrimento das questões relacionadas com a economia e com o progresso industrial (Aron, 1991). Foi, aliás, este facto que acabou por colocar Alexis Tocqueville no mesmo patamar dos outros clássicos fundadores da sociologia.

O indivíduo, “a princípio, ocupa-se do interesse geral por necessidade, e a seguir por opção; o que era cálculo torna-se instinto; e, à força de trabalhar para os seus

concidadãos, adquire por fim o hábito e o gosto de os servir" (Tocqueville, 2002: 482-483). Ao afirmá-lo, o autor atribui relevância ao facto de ser perfeitamente possível identificar e analisar o sentido que o indivíduo atribui ao próprio ato de se pôr à disposição da causa pública ou do bem comum, primeiramente porque precisa e, depois de interiorizada esta atitude, como forma de estar em sociedade e daí tirar satisfação. Segundo ele, a tomada deste tipo de atitude por parte do indivíduo acaba, de certa forma, por se constituir como uma prática motivada pelo sentimento de igualdade, no seio de uma sociedade democraticamente organizada, a qual, ao nível individual, se desenvolve de uma forma não totalmente consciente.

Ao procurar-se em Tocqueville, uma definição de associativismo e de participação por parte dos elementos da sociedade civil, com vista à resolução dos mais variadas questões e problemas coletivos, e, ainda, da necessidade de os indivíduos criarem grupos organizados, para assim fazerem valer as suas ideias, valores e posições perante os poderes instituídos, encontramos que "uma associação consiste apenas na adesão pública que certo número de indivíduos dá a determinadas doutrinas e no compromisso que contraem de contribuir de uma certa maneira para fazê-las prevalecer" (Tocqueville, 2005: 220). Esta ideia é central na análise da razão de ser do próprio associativismo, pois são as doutrinas ou, melhor dizendo, as ideias que um determinado grupo de indivíduos pretende ver reconhecidas e elevadas a um nível mais destacado de importância perante o resto da sociedade, que os impulsiona a unir-se e a organizar-se sob a forma de grupos com interesses e objetivos comuns. Claro que tal só é possível em contextos sociais onde a liberdade política é praticamente efetiva e em regimes democráticos já perfeitamente consolidados, através dos quais os indivíduos gozam em pleno de poderes cívicos e políticos, ou seja, da liberdade de se associar sem qualquer tipo de obstáculos ou entraves (Tocqueville, 2005).

Orientando agora esta discussão no sentido da união de vários indivíduos em torno de um propósito bem definido e objetivo, o melhor contributo é o de Max Weber, com o conceito de racionalidade. De facto, em Weber é também desenvolvida uma análise acerca do que são associações de indivíduos. Para o efeito, parece-nos importante, introduzir previamente uma certa referência conceptual ou, melhor dizendo, um recurso metodológico essencial na sociologia de Weber. Este autor recorre aos *tipos ideais* ou *puros* (por exemplo, na sua discussão relativamente às associações e às suas diversas formas), os quais são construídos fora da realidade, mas que, em comparação com ela própria, permitem atingir uma análise sociológica rigorosa.

Assim, a decisão de um conjunto de indivíduos se unirem é, através da clareza e objetividade conceptual de Weber, assente na enunciação dos "tipos mais puros" relacionados com o desenvolvimento e com a própria *formação da sociedade,* como é

por exemplo a “união em vista de fins pura, livremente pactuada, isto é, um acordo sobre uma ação permanente orientada no seu propósito e nos seus meios pela prossecução de interesses objetivos”, ou então, a referência a uma ação de ordem mais racional e objetiva, como é “a união de disposições anímica axiológica-racionalmente motivada” (Weber, 2010: 78). O que aqui se observa e se pode retirar é um investimento por parte do indivíduo, mais centrado naquilo em que acredita e persegue, atribuindo à ação de se associar um sentido e significado orientado por valores, e não uma espécie de solidariedade desprovida de razão de ser, tanto para si como em relação aos outros membros.

Outro contributo que podemos retirar da perspetiva de Weber prende-se com o conceito de *burocracia*. Logo, depreende-se que o associativismo ou um outro tipo de ação coletiva, levados a cabo com o objetivo de realizar e introduzir mudanças sociais, não podem ser postos em prática, simplesmente através de ações, cuja génese e constituição se apresentam aos indivíduos de forma desordenada ou errática. Esta é uma ideia que deve ser afastada (Eder, 1993). Na verdade, se olharmos para os aspetos mais organizacionais das associações, pode dizer-se que a *burocracia* assume um papel central na constituição de uma associação, no sentido organizacional. Este é um processo que tem de necessariamente passar pela “escolha de líderes, a criação de representantes, de *definidores oficiais da situação*, de *porta-palavra*” (Capucha, 1990: 33). Este é, em si, um processo claramente burocrático, em que a escolha do líder pode perfeitamente enquadrar-se no âmbito da formulação teórica de Weber, designada como de “dominação legal com quadro *administrativo* burocrático” (Weber em Cruz, 2010: 686). É aqui que o *superior* (para usar a terminologia de Weber) orienta a sua ação de supervisão e de poder, que lhe são conferidos pelo direito e pelas regras da própria associação, sob a possibilidade de “reivindicação de observância pelo menos por parte dos membros da associação”, mas por norma, “da parte de pessoas que, no seio da esfera de poder da associação (no caso de associações territoriais, dentro do território), se envolvam em determinadas relações sociais declaradas como relevantes pelo regulamento da associação” (Weber em Cruz, 2010: 686). Na verdade, podemos observar que as ONGA têm necessariamente lideranças, e estas subsistem por meio do compromisso existente entre elas e os seus associados ou participantes. Ao mesmo tempo, o líder ou o *superior* exerce a “sua dominação por força do saber”. Trata-se, pois, de um funcionamento segundo uma “hierarquia de funções” (Weber em Cruz, 2010: 686-689). O carácter burocrático e racional do associativismo está também patente quando Weber define uma associação como “uma relação social regulativamente limitada para fora ou fechada, quando a manutenção do seu ordenamento é garantida pelo comportamento de determinados homens destinado em especial à sua execução:

um dirigente e, eventualmente, um pessoal administrativo que, se for necessário, tem normalmente ao mesmo tempo o poder representativo" (2010: 92), uma definição que pode aplicar-se similarmente a uma ONGA.

Para finalizar a referência aos contributos teóricos de Max Weber, traçamos um paralelismo entre aquilo que referiu relativamente a fazer da política a vocação de um indivíduo, com, no âmbito do nosso trabalho, a política a ser substituída pela participação numa ONGA. Assim, para Weber a vocação tinha duas origens, "ou se vive para a política – ou da política" (Weber, 2017: 16), sendo que o elemento que aqui nos interessa é a vocação, o que nas suas plavras diz respeito tão simplesmente ao viver para uma causa ou um ideal. Ora, segundo Weber, "quem vive para a política faz dela a sua vida num sentido do poder, ou alimenta o seu equilíbrio interior e o sentimento de si com a consciência de ter dado um significado à sua vida mediante o serviço a uma causa" (2017: 18). Esta análise encontra-se refletida, como mais adiante iremos constatar, no serviço prestado sob a forma de voluntariado numa ONGA, tanto mais se este serviço for realizado em funções de chefia, das quais o ativista retira recompensas óbvias, como a gratificação pessoal. Como Weber refere: "todo o homem sério que vive para uma causa vive também dessa causa" (2017: 18), o que explica a impossibilidade, por vezes, de dissociar o desempenho de ativista ambiental de outros papéis sociais.

Olhamos agora para outro clássico, e possivelmente um dos maiores nomes da sociologia clássica: Émile Durkheim, cuja perspetiva podemos afirmar ser muito mais centrada na ordem social e na integração social. Na verdade, se nos limitarmos de uma forma superficial à análise unicamente centrada no conflito, poder-se-ia dizer que pouca coisa na perspetiva de Durkheim poderia contribuir para a problematização do tipo de ação coletiva e de movimento social que aqui se pretende analisar, considerando que o conflito e o protesto são elementos presentes na ação que estas organizações desenvolvem junto das organizações dominantes, como o Estado ou grupos económicos. Por outro lado, pelo facto de o estudo dos fenómenos relacionados com a ação coletiva se encontrarem, por norma, orientados por perspetivas mais centradas nas teorias da ação e não tanto pelas que se dedicam à *organização social* (Tourain, 1984). No entanto, não são as ONGA o objeto central neste estudo, e, tal como se irá perceber, a ordem e a integração social são essenciais para a ação coletiva. Na realidade, considerando a profundidade da análise de Durkheim, relativamente à forma como a sociedade se desenvolvia e funcionava, tendo sempre presente que é exterior ao indivíduo e que desta forma acaba por o constranger, tem, na nossa perspetiva, diversos e relevantes contributos que vale a pena destacar.

Assim, antes de avançar para o pensamento durkheimiano e para evitar eventuais dispersões e referências desnecessárias, que correriam o risco de vir a ser mal

interpretadas e descontextualizadas, é importante referir José Viegas, relativamente ao tema central deste texto, quando, a propósito do associativismo, destaca o contributo da sociologia de Durkheim, em grande medida, por se centrar na integração social e na necessidade de os indivíduos verem repostos, nas sociedades modernas, mecanismos de coesão social que os favoreçam (Viegas, 1986). Para se compreender melhor este facto, referimos que, para Durkheim, o funcionamento da sociedade e a união dos indivíduos assentam em dois géneros distintos de solidariedade. Um diz respeito à "solidariedade mecânica", que se define por "sentimentos coletivos" ou "consciências comuns" e tem origem no "conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade"; dois conceitos importantíssimos como mais à frente se irá perceber. É esta "consciência comum" que introduz ordem social na sociedade e é a partir desta que emerge o direito, com o qual se mantém o todo social em funcionamento de uma forma "harmoniosa", produzindo assim uma forte "coesão social" (Durkheim, 1999: 50-80). O outro prende-se com a "solidariedade orgânica", cuja génese assenta na "divisão do trabalho" e advém da especialização nas diferentes funções laborais, em que a tónica essencial se centra na diferenciação dos indivíduos, da qual resulta um reforço da individualidade, acabando por imperar uma "consciência individual". Esta é, em parte, libertada por uma "consciência coletiva" (Durkheim, 1999: 108), tão importante na união e estabelecimento de laços entre os diversos indivíduos, num determinado grupo, e que é um conceito central no estudo da ação coletiva e dos movimentos sociais.

Com o progresso industrial, económico e social, a divisão social do trabalho intensificou-se e, em resultado disso, acabou por dar origem a uma mais fraca *coesão social*. Todavia, segundo Durkheim, a debilidade da *coesão social* pode ser mitigada através do desenvolvimento de associações ou grupos profissionais. Aqui vale a pena citar o próprio, quanto à definição deste tipo de associações como sendo "compostas por indivíduos que se dedicam aos mesmos trabalhos e cujos interesses são solidários ou até idênticos" (2000: 495). Durkheim refere ainda que, nas associações profissionais, "não há terreno mais propício à formação de ideias e de sentimentos sociais" (2000: 495). Ora, tal argumento define, com exatidão, a função de uma associação no que respeita aos objetivos de uma organização de indivíduos, em torno de ideias e condições de existência comuns.

Para Durkheim, este tipo de associações, tal como para Weber, devem ser consideradas como "um órgão definido e reconhecido de nossa vida pública", ou seja, "o importante é que a corporação seja constituída de maneira a desempenhar um papel

social, em vez de expressar apenas combinações diversas de interesses particulares" (Durkheim, 2000: 496)[7].

Um outro contributo deste autor pode ser diretamente retirado da sua obra "As Formas Elementares da Vida Religiosa", mais precisamente quando explora a importância dos rituais de interação e da existência da já referida *consciência coletiva* de um determinado grupo. Esta assenta em determinados símbolos cognitivos, que se traduzem num envolvimento emocional do indivíduo, através do qual se desenvolvem ao mesmo tempo laços de confiança e de satisfação pessoal, em virtude da pertença a uma coletividade dotada de uma identidade coletiva. É, então, através dos rituais que são gerados determinados símbolos e é à volta destes que os indivíduos se unem, através de sistemas específicos de crenças (Collins, 2004).

Logo, o que se retira de Durkheim é a função integradora que o associativismo cumpre para o indivíduo no seu quotidiano. A cidadania e, muito particularmente, a participação na ação coletiva são formas de integração. No caso específico da ação coletiva de âmbito ambiental, o objetivo é determinado em função da dedicação individual à causa da defesa do ambiente e da mitigação dos problemas causados pela crise ecológica. O elemento de exterioridade, também muito presente nas ideias de Durkheim, introduz igualmente um aspeto que não pode passar totalmente despercebido e que diz respeito ao facto de se poder analisar o fenómeno da ação coletiva, por intermédio de modelos que não atribuem o primado à racionalidade e reflexividade do indivíduo. Ou seja, aqui a ação social do indivíduo é produzida por fatores que lhe são externos, explicada através dos conceitos de "consciência coletiva", "sentimentos comuns" (West, 2013) ou ordens de valores partilhados. Ainda assim, apesar da exterioridade da consciência coletiva, dela resultam elementos determinantes, como é, por exemplo, o papel desempenhado pelas emoções, que será mais à frente desenvolvido e encontra eco em perspetivas teóricas mais contemporâneas, relacionadas com a ação coletiva e com os movimentos sociais.

Colocando agora a questão sob a perspetiva marxista, revela-se essencial considerar a referência à luta de classes, assente na tradicional dicotomia *burguesia e proletariado*, através da qual se desenrola uma contenda entre estes dois grupos,

[7] Na sua obra "O Suicídio", Durkheim apresenta a coesão social, resultante da institucionalização de corporações profissionais, como a solução para substituir a coesão social anteriormente resultante de sociedades mais tradicionais e assentes na integração pela "família, pela religião e pela pátria". A coesão social é, segundo o autor, um dos meios por excelência para combater o fenómeno do suicídio egoísta, definido, no prefácio da edição referenciada neste texto, como o suicídio resultante de um isolamento exagerado do indivíduo em relação à sociedade, que o transforma em solitário, um excluído que não possui laços suficientemente sólidos de solidariedade com o grupo social (Cardim, Prefácio em Durkheim, 2000).

resultando o que Marx designou de *relações sociais de produção,* em que os primeiros, através dessas mesmas relações, exploram os segundos. Ou seja, para Marx, "a sociedade toda cinge-se, cada vez mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes que diretamente se enfrentam: burguesia e proletariado" (1997: 30).

A perspetiva marxista tem sido amplamente explorada quando se discute a ação coletiva, os comportamentos coletivos ou os movimentos sociais, essencialmente quando a discussão surge através das correntes de pensamento europeias (Crossley, 2002). O essencial das ideias de Marx, que aqui optámos por trazer, refere-se à conquista de uma consciência própria por parte de um grupo dominado, mais precisamente, à transição de uma *classe em si* em direção a uma *classe para si.* Na verdade, esta consciencialização de pertença a uma determinada classe[8] acaba por conduzir à perceção de que, também aqui, a própria ação coletiva possui uma origem externa à razão, em parte, porque não estão formadas ainda quaisquer identidades ou autorrepresentações de classe (West, 2013). Segundo as próprias palavras de Marx, o que na essência acabou por unir os proletários foi o facto de que "a dominação do capital criou para esta massa uma situação comum, interesses comuns. Esta massa, pois, é já, face ao capital, uma classe, mas ainda não é para si mesma" (1985: 159).

A condição do proletariado, como uma *classe para si,* permitirá identificar, no essencial, de que forma foram criados os grupos de indivíduos e como estes se associaram, ou seja, aquilo que Marx e Engels chamaram de "*coalizões* contra os burgueses" (1997: 38). Estas *coalizões* cumpririam o objetivo principal de preservação, ou até mesmo de melhoria dos salários, acabando essa união, e a sua preservação, por ser mais importante que a própria manutenção do salário. Este posicionamento perante a classe dominante capacita estas associações de proletários de poder e carácter político, condição fundamental para o posicionamento de uma *classe para si*.

Neste sentido, seguindo esta linha de pensamento e não querendo entrar nas tradicionais ligações que se estabelecem entre ecologistas e marxistas, parece-nos que o conceito de *classe para si* se adequa à ideia da consciência que o ativista ambiental tem acerca da sua posição perante a sociedade e o grupo de indivíduos a que pertence.

Este ponto é totalmente dedicado à forma como as perspetivas clássicas podem contribuir para o tema em estudo, ainda que de forma introdutória e um pouco generalizada. Para o terminar, parece-nos pertinente referir que, apesar de em muitos campos já não encontrarem reflexo na realidade contemporânea, permitem estabelecer

[8] A transição de uma *classe em si* para uma *classe para si* seria protagonizada pelo proletariado através da influência do Partido Comunista, ou seja, caberia a este a função de criar as condições ideológicas para que o proletariado atingisse este estádio cognitivo (Marx & Engels, 1997).

relações entre conceitos que são essenciais, podendo enriquecer um qualquer enquadramento teórico que recorra à lupa da sociologia para interpretar a realidade.

2.3 As perspetivas da ação coletiva

Chega agora o momento de proceder ao enquadramento deste objeto de estudo em perspetivas teóricas mais contemporâneas, em particular, nas que se centram na ação coletiva considerando-a um fenómeno heterogéneo e multidimensional. Talvez seja importante referir que tem havido uma evolução gradual em termos conceptuais e analíticos, relativamente ao estudo da ação coletiva no geral e, mais especificamente, àquele que se ocupa dos movimentos sociais, uma evolução que tem ocorrido ao longo destes últimos anos (Nunes C. , 2014: 131-147). Também é importante mencionar que existem diferenças entre as perspetivas europeias e norte-americanas. Na verdade, as americanas acabam por se centrar mais em propostas teóricas, diretamente relacionadas com o estudo do comportamento coletivo, na mobilização de recursos e no processo político. Já as perspetivas europeias recorrem a conceções e conjuntos de conceitos cuja génese surge marcadamente da teoria marxista, muito mais direcionadas para a análise dos novos movimentos sociais (Crossley, 2002).

Desta forma, para se conferir alguma sequência lógica tanto num aspeto cronológico, como na preservação de uma certa coerência teórica, relativamente aos conceitos que, à partida, serão mais relevantes para o desenvolvimento do nosso futuro modelo de análise, começamos por nos focar desde já no próprio conceito de *ação coletiva*.

Para isso, a primeira nota de referência vai para um autor com um extenso trabalho de problematização no âmbito da ação coletiva e dos movimentos sociais, e que por isso merece desde já ser referido: Alberto Melucci.

Melucci apresenta uma conceção da ação coletiva que identifica bem o carácter polissémico deste conceito, referindo que “a ação coletiva é um sistema multipolar de ação que combina diferentes orientações, envolve múltiplos atores, e engloba um sistema de oportunidades e restrições que moldam as interações desses mesmos atores” (Melucci, 1996: 40). Assim, pode perfeitamente entender-se que a ação coletiva se desenvolve através de diferentes modalidades e tipos de mobilização e, até mesmo, de organização, ainda que os assuntos ou os problemas que as motivem possam ser de alguma forma similares ou idênticos.

Na mesma esteira, Todd Sandler, ao analisar a ação coletiva, mas agora à escala global, refere que “a visão moderna da ação coletiva leva a que nem todos os problemas se resolvam pelas mesmas regras ou prescrições porque, na verdade, as interações

estratégicas podem diferir drasticamente, mesmo quando os problemas parecem ser muito semelhantes" (Sandler, 2004: 12). Ora, esta propriedade que a ação coletiva parece possuir acaba por lhe conferir uma espécie de plasticidade enquanto conceito, que na verdade convém ser levada em conta quando se opta por explorar a ação de vários indivíduos com um objetivo comum ou em torno de uma causa, o que poderá trazer algumas dificuldades quando se busca uma certa unidade da análise. Assim e considerando que, em bom rigor, a especificidade do objeto de estudo que aqui se pretende desenvolver se desenrola no contexto de um associativismo organizado, a melhor forma de o fazer talvez seja reduzir a escala de observação. Ressalvando-se uma vez mais que o objetivo essencial deste trabalho é o estudo da ação, das práticas e das orientações do ator individual ou do ativista ambiental, em contexto associativo, e não o estudo específico da ação coletiva num movimento social. Ainda assim, é bom que tenhamos presente a relevância que o estudo da ação coletiva possui para a compreensão das múltiplas dimensões de um determinado movimento social, designadamente as que se prendem com a mobilização e a participação ativa.

Na verdade, o associativismo de âmbito ambiental consiste numa forma de enfrentar o problema da crise ecológica, através de regras e modelos organizacionais específicos e perfeitamente institucionalizados, que são bem diferentes de outros grupos cujas ações surgem em contextos mais localizados e em escalas bem mais reduzidas e que de alguma forma pecam por serem efémeras. Soma-se o aparecimento de novas e diferentes configurações potenciadas pelo advento das redes sociais virtuais difundidas pela internet, cuja dimensão se pode considerar de escala global, mas que dificilmente se tornam institucionalizadas apesar de possuírem uma organização própria.

As ONGA são organizações perfeitamente identificadas e legalmente constituídas, sendo assim possuidoras de um espaço de manobra institucionalizado, como mais adiante se irá constatar. Aliás, atualmente, este tipo de organizações é cada vez mais constituído por indivíduos altamente especializados, com elevados níveis de profissionalização. São igualmente detentoras de apreciáveis capacidades de pressão sobre os decisores políticos, o que as leva a afastarem-se gradualmente de estratégias de protesto mais radicais, como, por exemplo, o recurso a boicotes, manifestações de rua e ações de desobediência civil, optando em vez disso por estratégias mais institucionalizadas, como o *lobbying*, participação em consultas públicas e realização de grupos de discussão, ou, então, combinando ambas as estratégias (Diani & Donati, 1999: 13-34).

Considerando a especificidade do associativismo na sua forma mais organizada, neste caso o da proteção do ambiente e o que se insere na ação centrada nos problemas da crise ecológica, e o facto de mais adiante voltarmos a discutir as diversas

modalidades de ação coletiva, é pertinente observar a posição de José Manuel Leite Viegas, quando decide referir diferentes tipos de associativismo. A nosso ver, a proposta de Viegas permite mitigar, em certa medida, os efeitos da já referida plasticidade quanto a objetos de estudo passíveis de serem analisados através do conceito de ação coletiva, permitindo assim identificar os campos de ação específicos.

Pode dizer-se que, ao atribuírem-se determinadas tipologias ao associativismo, abre-se a possibilidade de uma melhor delimitação dos espaços de manobra, em termos de contextos onde a ação coletiva se desenrola, o que permite realizar a análise através de uma síntese que abarca o associativismo, as especificidades e os elementos constituintes de cada contexto social. Portanto, Viegas acaba por incluir o próprio associativismo ambiental e ecológico na tipologia das "associações que expressam os novos movimentos sociais", considerando que esta tipologia específica se insere no âmbito da "contribuição para o debate na esfera pública" (Viegas, 2014: 44). Deste modo, a organização e a institucionalização de certos grupos que se preocupam com o problema ecológico são, em bom rigor, uma tendência forte que conta com um recurso já identificado, neste caso, o da profissionalização.

Na sequência dos argumentos até aqui referidos e, apesar de, a par da ação coletiva *per se* também o estudo dos NMS não ser efetivamente o objeto de estudo central neste trabalho, consideramos que o associativismo é a forma de ação coletiva que melhor se adequa ao desenvolvimento e enquadramento do objeto de estudo aqui proposto. Esta opção deve-se essencialmente à contemporaneidade que os problemas ambientais representam e aos contextos sociais onde se movem os respetivos atores individuais. No entanto, este conceito tem implícita uma constelação de perspetivas teóricas que carregam consigo algumas dissidências entre alguns autores, em parte, resultantes da referência à própria designação de *novidade* que define estes movimentos. Todavia, não nos iremos deter neste ponto, dada a sua irrelevância para a discussão que se pretende desenvolver.

2.4 Os novos movimentos sociais

Tal como a ação coletiva, os NMS, como fenómeno social, têm sido estudados através de um número bastante diverso de propostas teóricas. A abordagem tem sido desenvolvida com recurso a perspetivas como as do *comportamento coletivo*, a *teoria de mobilização de recursos* e a teoria do *processo político*, entre outras (Nunes C., 2014: 131-147). Esta compartimentação de correntes teóricas também pode, por exemplo, ser encontrada numa divisão entre as perspetivas norte-americanas e europeias, tal como se observa no seguinte quadro-síntese da autoria de Nick Crossley. Este quadro diz respeito à evolução destas correntes teóricas, tanto a partir de teorias marcadamente mais empiristas, como é o caso do comportamento coletivo, como de outras com uma génese mais centrada na tradição marxista europeia.

	USA	Europe
Pre-1970s	Collective behaviour	Marxism
1970s onwards	Resource mobilization/ political process	New social movements

Figura 2.8 - Origem geográfica das principais perspetivas teóricas da ação coletiva

Fonte: Crossley, 2002: 10

Cada uma destas abordagens possui virtudes muito particulares, no que respeita à interpretação da ação em termos coletivos, em geral, e dos movimentos sociais em particular. Por exemplo, se observarmos a perspetiva centrada no *processo político,* facilmente constatamos que esta procura explicar os movimentos sociais a partir das eventuais oportunidades ou então dos constrangimentos políticos existentes num determinado contexto social e político. É uma perspetiva que também não deixa de lado a análise sobre de que forma a verificação de alterações estruturais nos sistemas políticos favorece a emergência de movimentos sociais (MacAdam, McCarthy, & Zald, 2008).

Por outro lado, se nos detivermos na *teoria de mobilização de recursos*, constatamos que esta faz uso da análise de redes pré-existentes e do papel que os recursos disponíveis assumem (comunicacionais, humanos e económicos), ao possibilitar a formação dos movimentos sociais.

No entanto, tal como tantas outras teorias da sociologia, ambas apresentam limitações relativamente à tradicional dicotomia *estrutura/ação* (Crossley, 2002), em

parte por se centrarem demasiado na própria dimensão política dos movimentos, descurando outras dimensões igualmente relevantes.

Ora, o que aqui se reveste de uma acrescida relevância é o objetivo de identificar, na constelação de abordagens teóricas à ação coletiva e aos NMS, perspetivas que contenham, nas suas próprias relações entre conceitos, pontos de interseção e convergências com a teoria disposicionalista, mais precisamente a do *ator plural* de Bernard Lahire. No fundo, procuramos através desta fusão de perspetivas, com objetos de estudo que à primeira vista parecem distintos, proporcionar um quadro teórico que encerre um valor explicativo e permita desenvolver uma relação entre conceitos coerente com o que pretendemos perceber e que seja igualmente passível de ser operacionalizado.

Desta forma, para dotar o nosso trabalho de algumas referências teóricas que mais diretamente digam respeito à subjetividade dos indivíduos, no âmbito do seu papel na ação coletiva enquanto atores individuais, às disposições para as práticas e aos respetivos sentidos, sugerimos desde já uma abordagem teórica centrada no *comportamento coletivo*.

Salientamos que esta perspetiva, além de carregar consigo o peso do tempo, pois data dos anos 70 do século passado, recebe uma influência forte do funcionalismo *parsoniano*. Assim, e seguindo mais uma vez a linha usada na problematização de Crossley, mais precisamente a sua escolha de outros autores para sustentar a sua proposta, damos destaque ao contributo da teoria de Smelser, a qual é fortemente influenciada pela teoria de ação social de Talcott Parsons, sendo que Smelser faz mesmo uso de alguns dos elementos principais da teoria geral de Parsons (Crossley, 2002). Seguindo então o critério que se prende com a escala do ator individual, referimos que as ideias de Smelser incluem alguns pontos que são perfeitamente aplicáveis, justificando-se aqui algum desenvolvimento. Assim, podemos desde já começar pela sua definição de *comportamento coletivo*, que se traduz em "um tipo de mobilização assente numa determinada crença que redefine a ação social" (Smelser, 1965: 8). Seguindo o seu raciocínio, há entre os vários tipos de comportamento coletivo que analisa, um que merece destaque por ser, na nossa perspetiva, o que melhor enquadra a ação coletiva pela defesa do ambiente. Referimo-nos em particular ao que Smelser designou como "movimentos que tentam restaurar, proteger, modificar ou criar normas em função de uma crença generalizada", ou seja, o que designou de "movimentos normativamente orientados" (Smelser, 1965: 270). Ao optar pela análise ao nível do ator individual e mais especificamente centrado no conceito de papel social,

Smelser recorre aos fundamentos da teoria geral da ação de Parsons[9], o que do nosso ponto de vista é adequado, pois possibilita desde já a introdução de alguns conceitos--chave, além de ser igualmente compatível com uma sociologia à escala individual.

Para sustentar este ponto, referimos que o próprio Smelser assume que da mesma forma que "Parsons define a ação a partir da perspetiva do ator, é perfeitamente possível aplicar a mesma definição a um contexto de interação entre dois ou mais atores" (Smelser, 1965: 24). Desta forma e seguindo o tradicional modelo explicativo da perspetiva funcionalista de Parsons, Smelser decompõe a ação social, no âmbito do comportamento coletivo, em quatro elementos distintos. Estes elementos organizam-se hierarquicamente e são internalizados pelo indivíduo, ao longo da sua biografia, por intermédio da socialização, tal como podemos observar através do seguinte esquema:

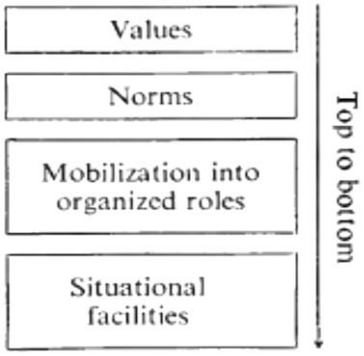


Figura 2.9 - Elementos da ação social no âmbito do comportamento coletivo

Fonte: Smelser, 1965: 32

À medida que nos deslocamos em direção aos "fatores situacionais" ou de contexto, localizados na base do esquema, a ação torna-se cada vez mais focada relativamente aos objetivos. Desta forma, os "valores" fornecem ao indivíduo as ideias e as noções de âmbito mais geral relativamente aos objetivos, já as "normas" balizam e enquadram a ação, estabelecendo a necessária ordem de interação. No plano da "mobilização em papéis sociais organizados", são definidos os desempenhos dos papéis sociais adequados. O desempenho destes papéis é suscetível de sofrer tanto sanções positivas

[9] Para Talcott Parsons e segundo a tradição funcionalista, qualquer objeto de estudo deve ser estudado e interpretado, tal como se de um organismo se tratasse, decompondo-se o mesmo em unidades que permitam a análise. Assim, Parsons decompõe a sua "unidade em quatro elementos essenciais, designadamente:

"1. Um ator;

2. Um fim ou um estado futuro para o qual a ação é orientada;

3. Uma situação que ativa a ação, composta por elementos que o ator controla e outros que não controla;

4. A existência de uma relação entre os elementos acima referidos, ou seja, a escolha dos meios que vão possibilitar atingir os fins da ação, é normativamente orientada. "(Parsons, 1937: 44)

como negativas, de acordo com as respetivas expectativas quanto a esse desempenho[10]. Finalmente, surgem os *fatores situacionais* que dizem respeito à forma como o ator individual se posiciona no contexto social da situação propriamente dita, por exemplo, se o ator age de uma forma mais "ativa" ou mais "passiva", o que é condicionado pela sua própria avaliação relativamente aos constrangimentos ou oportunidades inerentes à situação (Smelser, 1965: 32, 33,40).

Um último, mas igualmente importante contributo teórico de Smelser, diz respeito à forma como são desenvolvidas as crenças que impelem os indivíduos a agir. Destacam-se as "crenças orientadas por valores", que o autor designa como "crenças generalizadas", ou seja, uma espécie de "cultura comum" que mobiliza o indivíduo para a ação (Smelser, 1965: 82, 109). Estas crenças possibilitam a manutenção dos já referidos "movimentos normativamente orientados", sendo que estes movimentos apresentam habitualmente uma tendência para tomar formas mais organizadas, como partidos, grupos de pressão ou associações (Smelser, 1965: 270, 274 e 276).

Assim, os elementos que permitem estabelecer a desejável convergência entre a proposta de Smelser e a teoria do *homem plural* de Lahire são, em primeiro lugar, a relevância atribuída aos valores, mais precisamente à sua interiorização a partir da socialização. Em segundo, o aspeto que se relaciona com as normas e a sua relevância no contexto da situação presente, como elemento ativador de disposições, ou seja, o papel do contexto onde a ação toma lugar.

Um outro contributo para a análise do ator individual nos movimentos sociais é o de Doug MacAdam, autor que desenvolveu as suas reflexões acerca dos movimentos sociais através do modelo teórico designado por *processo político*. Ora, é sabido e já aqui foi referido que a teoria do processo político visa explicar a emergência dos movimentos sociais através das estruturas ou das oportunidades políticas inerentes a diferentes contextos políticos e sociais (Crossley, 2002). Exemplo disto é o caso dos países com sistemas políticos mais ou menos democráticos, com sociedades relativamente tolerantes, onde a repressão das ações de protesto através da ação direta tende a não ser violenta. Na verdade, o modelo teórico do processo político tem sido considerado como um dos mais adequados para o estudo do surgimento do movimento verde ou ambientalista, considerando a sua atual dinâmica de crescimento em países com bons indicadores económicos, com um bem-estar social instituído e com sistemas políticos com democracias desenvolvidas (Carter, 2007). É através desta perspetiva que MacAdam apresenta uma análise de alguma forma centrada no indivíduo, mais

[10] No capítulo relativo à construção social do ativista, será definido e explicado de forma mais detalhada o conceito de papel social.

precisamente, no que respeita às "consequências biográficas do ativismo". No fundo, o que MacAdam pretendeu identificar foram as consequências políticas e também pessoais, tanto a curto como a longo prazo, resultantes da experiência sentida no ativismo e na militância por parte do indivíduo (MacAdam, 1989: 744). Para o efeito, o autor recorre a dois conceitos distintos: um designado por "conversão", definido como uma transformação que ocorre no indivíduo de forma drástica, na conceção de si próprio perante o mundo, da própria vida e da sua rede de relações[11]; e outro, designado por "alternância", que diz respeito a transformações com mais ou menos a mesma substância e em que a forma de ativismo pode até ser semelhante, mas que, quase inversamente, ocorre por intermédio da socialização, desenvolvendo-se de uma forma menos abrupta e através de mudanças menos radicais. O que distingue os dois conceitos é o tempo que levam a desenvolver-se, mas conjuntamente a durabilidade das transformações produzidas e o grau do impacto que estas têm na vida dos indivíduos. Assim, a *alternância*, ao ocorrer por intermédio de distintos eventos e contextos sociais, experimentados ao longo do percurso de vida do indivíduo e fazendo parte do longo processo de socialização, como é exemplo a universidade, torna-se mais perdurável e caracteriza-se por não incluir uma "rutura total com o passado, nem engloba[r] a construção de um novo *self"* (MacAdam, 1989: 745), como é o caso da *conversão.*

Um elemento importante, que vale a pena destacar no conceito de *alternância*, diz respeito à sua estreita ligação com os momentos de rutura inscritos biograficamente no trajeto de vida do indivíduo. Como refere MacAdam, a *alternância* "está associada com a maior parte dos principais pontos de viragem da vida", como, por exemplo, o facto de "a transição do indivíduo do ensino médio para o universitário poder não significar uma rutura radical com o passado, mas ainda assim, incluir profundas implicações duradouras para o futuro do indivíduo" (MacAdam, 1989: 745). Ou seja, apesar do processo de *alternância* implicar ruturas com o passado, as mesmas não pressupõem que se trate de um processo marcadamente *dramático*, por não serem ruturas profundas com o passado, apesar de implicarem transformações na identidade que perduram. No que respeita à relação destes dois conceitos com as dinâmicas dos movimentos sociais, MacAdam refere que os movimentos sociais com objetivos mais radicais e de alguma forma mais revolucionários, em que o ativismo é levado a cabo por intermédio de formas de protesto mais diretas e interventivas, tendem a exigir aos seus membros dinâmicas

[11] Um exemplo paradigmático de *conversão* é o do movimento *Okupa*, muito associado a uma cultura juvenil, protagonizado essencialmente por grupos organizados de jovens que ocupam espaços habitacionais devolutos e essencialmente urbanos. Na verdade, para integrar este movimento, há a necessidade de levar a cabo uma profunda transformação no quotidiano, por exemplo, a mudança de uma vida sedentária para um certo nomadismo.

de *conversão*. Pelo contrário, movimentos mais reformistas, inclusivos e institucionalizados incluem nas suas fileiras membros com dinâmicas de *alternância,* sendo por isso movimentos cujos restantes participantes são mais tolerantes em relação aos outros aspetos da esfera privada dos outros participantes.

Para demonstrar empiricamente estes factos, MacAdam recorreu a uma série de entrevistas, aplicadas a uma amostra de indivíduos que no seu passado tinham sido voluntários na famosa luta pelos direitos civis na América, ocorrida em 1964, mais precisamente, no designado *Freedom Summer*. Este autor acabou por concluir que, passados 20 anos da participação naquele movimento, os indivíduos mantiveram, de uma forma duradoura, uma atitude pró-ativista, ficando mais propensos a participar ativamente noutros movimentos, bem como a agir de acordo com os valores e posicionamentos políticos que naquele foram interiorizados durante a sua participação. Na verdade, segundo MacAdam, desenvolveu-se um "processo de *alternância*, que afetou muitos aspetos da vida dos participantes" (1989: 758), tanto em termos de conduta individual no quotidiano, como a um nível mais estrutural. Ou seja, se, por um lado, houve uma "nova socialização" no sentido da manutenção de uma carreira de ativismo ao longo da vida, de um novo posicionamento e uma autoconceção mais virada para a participação ativa em favor de novos valores políticos, por outro, foram desenvolvidos laços e estabelecidas redes que perduraram no tempo, influenciando até mesmo a própria vida pessoal e profissional desses mesmos indivíduos.

Como formula e bem MacAdam, "longe de ser uma atividade fugaz e passageira, como muitas vezes o ativismo é retratado pelos média – pelo menos quando se refere à variante de alto risco – o ativismo parece ter um destacado potencial de transformação pessoal, assente numa intensa e sustentada ação social, mediada pela integração em redes organizacionais e pessoais dos indivíduos" (1989: 758). É ainda importante dar nota de que, para este autor, o ativismo designado de alto risco é definido como aquele em que há participação direta em manifestações, motins, boicotes ou outro tipo de ações que envolvam uma relação direta com outros ativistas. Na verdade, o ativismo de alto risco é praticamente o oposto das restantes formas de participação bastante menos visíveis e interventivas, como são, por exemplo, a participação em campanhas de *crowdfunding* ou o envolvimento em abaixo-assinados ou petições públicas (MacAdam, 1989). O ativismo de alto risco pode ser considerado como as ações de protesto mais diretas.

Passamos agora às abordagens de pendor mais cultural relativamente aos NMS, que, em virtude de uma relativa interseção com as perspetivas psicossociais, acabam por nos dar a ideia de que são as que poderão trazer melhores resultados para a nossa

proposta, considerando a ênfase dada aos aspetos relacionados com os atores individuais.

Neste âmbito, trazemos então a proposta de Alberto Melucci, que começa por estabelecer uma clara distinção entre os antigos movimentos sociais e os NMS. Tal diferença reside no facto de os NMS comportarem três aspetos que os antigos MS não possuíam, nomeadamente, nos "recursos informacionais", na "capacidade de autorre-flexividade" e na "interdependência global" (1989:74).

Desta forma, e considerando na referida distinção a importância acrescida que os dois primeiros aspetos referidos têm para nós, dada a sua relevância à escala do indivíduo, dar-lhe-emos maior destaque. Assim, existem, segundo Melucci, quatro elementos a considerar quando se analisa a participação do indivíduo na ação coletiva:

"1.º Através da experiência em diferentes formas de mobilização, ele adquire o conhecimento e os recursos necessários que possibilitam a mobilização;

2.º Constrangido pelas tensões e estímulos do conflito em desenvolvimento, o indivíduo avalia a sua posição relativamente ao grupo e a sua integração nesse grupo, sendo previamente objeto de avaliação por parte desse grupo, o que poderá influenciar a motivação do indivíduo para participar;

3.º No mesmo sentido, as relações do indivíduo com os líderes do grupo podem facilitar ou bloquear a participação;

4.º A vontade de investir recursos pessoais e de suportar os custos da participação podem ser ou não proporcionais às recompensas." (1996: 299)

Estas quatro dimensões, apesar de fundamentais, não chegam, por si só, para explicar como diferentes indivíduos, sujeitos a idênticas condições e contextos sociais, apresentam formas e níveis distintos de participação (Melucci, 1996). Assim, para se perceber este facto, será necessário levar ainda em conta a "dimensão individual das motivações e considerar a experiência coletiva do ponto de vista emocional" (Melucci, 1996; 300) ou, mais precisamente, os elementos de alguma forma subjetivos que se encontram por trás da opção de participar.

Estes elementos podem ser identificados através de alguns conceitos referidos por este autor, que dizem respeito à análise da participação do indivíduo na ação coletiva. Um dos conceitos, à partida dos mais centrais, é o de "identidade coletiva", formulado por Melucci como "uma definição partilhada e interativa produzida por diversos indivíduos em interação que se preocupam com a orientação da sua ação, bem como o campo das oportunidades e constrangimentos onde a sua ação toma lugar" (1989: 34). A identidade coletiva, como conceito, acaba por se desenvolver através de três componentes que se entrecruzam, designadamente:

“1. A formulação de quadros cognitivos, considerando os objetivos, os meios e o próprio ambiente onde se desenrola a ação;

2. A ativação de relações entre os atores;

3. O desenvolvimento de investimentos ao nível emocional que possibilitam aos indivíduos reconhecerem-se uns nos outros” (Melucci, 1989: 35).

Não querendo descartar a importância que as interações e as emoções representam, é precisamente no âmbito da primeira dimensão que, para já, nos vamos deter. Portanto, quanto à “formulação de quadros cognitivos”, pode dizer-se que as formulações de tais quadros têm como génese os conjuntos específicos de valores e crenças partilhados que sustentam determinados movimentos. Estes valores e crenças são comuns a todos os envolvidos, que recorrem posteriormente a condições e aos recursos informacionais mais adequados para a ação, por intermédio de um envolvimento em contextos situacionais de interação distintos, ou até mesmo através da experiência em diferentes contextos de socialização anteriores, como por exemplo na aquisição de competências políticas e profissionais. Na verdade, para Melucci (1989), este tipo indivíduos, os ativistas, entenda-se, são os que “mais integrados estarão na estrutura social” e, assim, os que melhores recursos cognitivos e comunicacionais possuem, contrariamente àqueles que pertencem às franjas mais radicalizadas e marginalizadas (1989: 35). Desta forma, vê-se aumentada a relevância de perceber de que maneira os percursos e trajetórias de cada um destes indivíduos contribuem para esta capacitação e também para a formação desta *identidade coletiva*. No entender de Melucci, estamos perante “uma elite, com capacidades específicas e uma experiência adquirida através da participação política em anteriores momentos de envolvimento e participação em MS, que, muito possivelmente, estará mais bem preparada no que se refere a competências políticas, do que militantes recrutados por intermédio de uma mobilização cega e isolada” (1989: 99).

Olhando agora para a análise da própria ação coletiva como um sistema social, por parte de Melucci, observa-se que recorre a um esquema composto por três eixos, ou seja, um “sistema social multipolar”. Tais eixos dizem respeito a três “orientações” em constante “tensão”, a qual ocorre tanto no interior do próprio eixo, como entre os diferentes eixos entre si.

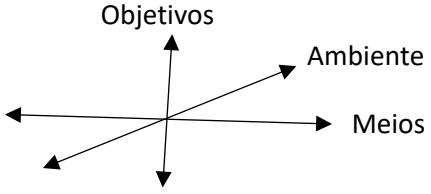


Figura 2.10 - Ação coletiva como sistema social multipolar segundo Melucci

Fonte: Melucci, – Nomads of the Present: Social Movements and Individual Needs in Contemporary Society, 1989: 26

São, então, as permanentes relações de equilíbrio entre estes três eixos que, em termos de atores coletivos, definem o tipo de organização, a duração, a solidariedade e o tipo de ação desenvolvida, ou seja, o modo de atuação mais ou menos institucional de uma ONGA. Por outro lado, é também no âmbito deste sistema social que os indivíduos exibem práticas, condutas e sistemas de crenças, de alguma forma similares. No fundo, os "eventos de ação coletiva consistem em vários indivíduos que exibem padrões de comportamento comuns enquadrados num determinado tempo e espaço" (Melucci, 1989: 27).

Para demonstrar este modelo, Melucci, no âmbito da sua discussão acerca da construção de uma *identidade coletiva,* analisa três tipos distintos de NMS. Para isso, recorre a um movimento cultural, composto essencialmente por jovens, um movimento feminista e um movimento ambientalista. Em cada um deles desenvolve uma análise centrada nas histórias pessoais de determinados ativistas, no sentido de identificar, através da aplicação do seu modelo, as respetivas representações, os sentidos e os valores de cada um, explicando assim por que razão cada ativista decide por uma participação ativa.

Ao aplicar o seu modelo explicativo, Melucci, a título de exemplo, começa por caracterizar o movimento ambiental e ecológico como um movimento de carácter localizado territorialmente. Neste caso específico, refere que são relevantes as tensões entre as características de personalidade dos participantes, o seu quotidiano ou modo de vida e as preocupações ecológicas e o objetivo de influenciar a relação da sociedade com a natureza, através de uma ação institucionalizada, com o objetivo claro de influenciar as políticas ambientais. Tal dinâmica é representada através do esquema seguinte, cuja interpretação deve ser levada a cabo tendo em conta a designação dos eixos (objetivos, ambiente e meios) do diagrama apresentado anteriormente:

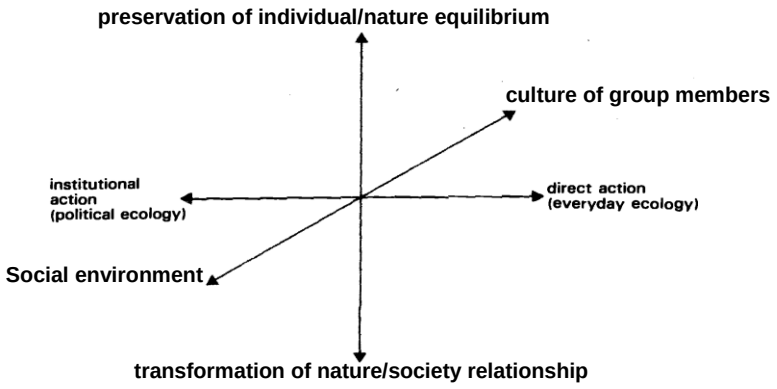


Figura 2.11 - Movimento ambientalista segundo o sistema social multipolar de Melucci

Fonte: Melucci, Nomads of the Present: Social Movements and Individual Needs in Contemporary Society, 1989: 70

Como se pode perceber pelo esquema de Melucci, existe uma tensão, dentro de cada eixo, entre a dimensão individual e a dimensão coletiva. Assim e tomando como exemplo o movimento ecológico, Melucci refere que "o grupo exibe uma variedade de abordagens que são encontradas no movimento ecológico mais amplo. A defesa ou a conservação da natureza, portanto, uma ênfase na relação individuo *vs.* natureza, é contraposta a uma tendência que vê a transformação da relação entre sociedade e natureza como a característica essencial da ação ecológica. A ação direta, mesmo a individual, é vista como um instrumento de mudança e é justaposta com intervenção institucional. Os recursos disponíveis para ação são vistos como sejam localizados nas mudanças de atitudes quotidianas em relação à natureza e à personalidade de membros individuais do movimento, ou dentro do próprio ambiente social mais amplo" (Melucci, 1989: 69). Estas tensões, e em particular a situada no eixo dos *meios* (confrontar figura 12 com a 13)*,* torna possível perceber que um quotidiano ambientalmente responsável, assente em objetivos que visam a mudança para atitudes e hábitos tanto próprios como dos outros, ecologicamente mais sustentáveis, ou seja, a adoção de um comportamento orientado por disposições centradas em valores ecológicos que levam o indivíduo a agir em favor do ambiente e ao mesmo tempo a influenciar outros, acaba, por exemplo, por se constituir como um recurso informacional, inclusive em relação às próprias competências políticas, úteis na ação coletiva mais organizada dentro do movimento ecologista.

Um outro conceito igualmente importante, que Melucci desenvolveu, foi o de "ação altruísta" (1996: 166). Na nossa interpretação, a expressão que melhor define este conceito é, na verdade, o *voluntariado,* o qual, apesar de assentar na forma gratuita de prestação de serviço de quem se voluntaria, apresenta, ainda assim, gratificações para o próprio, mesmo que de alguma forma não sejam logo evidentes para si. Como exemplo desta afirmação, refira-se a aquisição de experiência política e de competências na administração de organizações. Merece também menção a satisfação resultante da realização pessoal, sentida em grande parte pelo intenso envolvimento emocional que envolve a atitude de dar o tempo e o trabalho de forma gratuita, que se afasta de qualquer recompensa económica e se aproxima de recompensas bem mais imateriais (Melucci, 1996), como é o caso da gratificação emocional, que acabam por afetar a mobilização e a participação de uma forma claramente positiva.

Por fim, recordamos que Melucci destaca ainda a ideia de que devem ser explorados novos meios de perceber como se desenvolve a *identidade coletiva* e, ao mesmo tempo, como se processam os "respetivos investimentos emocionais e cognitivos" (1989: 36), o que reforça mais uma vez a nossa intenção de recorrer à

análise micro e ao papel das emoções na participação, como já de seguida se observará.

Uma outra abordagem cultural aos movimentos sociais e à ação coletiva pertence a um autor cujas ideias representam uma centralidade acrescida neste nosso trabalho. Falamos de James Jasper que, tal como Melucci, faz também uso do conceito de *identidade coletiva*, com o objetivo de explicar as dinâmicas que motivam o envolvimento e a mobilização em torno da ação coletiva, e dos NMS em particular, incluindo a génese de um movimento propriamente dito (Jasper, 2014).

No que respeita ao conceito de *identidade coletiva*, há um dado ao qual Jasper atribui uma importância central e que o próprio Melucci igualmente refere quando menciona os investimentos emocionais. Este dado diz respeito ao papel que as emoções desempenham na forma como se processa a mobilização em torno dos Movimentos Sociais (MS) (Jasper, 1998: 397-424).

Para Jasper, o protesto apresenta, em termos analíticos, quatro dimensões fundamentais. Tais dimensões dizem respeito "aos recursos, às estratégias, à cultura e à biografia" (1997: 44). Assim, considerando a importância da análise à escala individual, centraremos a atenção na dimensão cultural e na biográfica, não sem antes referir que, para Jasper, todas as quatro dimensões se encontram interligadas e acabam por se influenciar mutuamente. A este respeito, refira-se que a *estratégia* e os *recursos* são, a nosso ver, as dimensões mais tradicionais na constelação de teorias da ação coletiva e dos NMS. Estas acabam por ser igualmente influenciadas pela cultura (por exemplo, através dos meios de informação e comunicação social e os seus conteúdos, bem como pelas formas de a transmitir) e também pela biografia (por exemplo, na estratégia, que é influenciada por respostas emocionais e pela experiência individual anterior como ativista) (Jasper, 1997). Ora, tal como refere Jasper, "a cultura define o uso dos recursos e as opções disponíveis como uma estratégia. As dinâmicas biográficas ajudam a explicar as escolhas realizadas" (Jasper, 1997: 48). Se levarmos a cabo o simples exercício de substituir o conceito de *dinâmicas biográficas,* que Jasper refere sempre como individuais, por disposições, parece-nos que em nada se alteraria o sentido da afirmação citada.

A relevância da dimensão cultural do protesto aqui deve-se a, no aspeto analítico, estar ligada a "significados, sentimentos e juízos que são partilhados e que, por norma, estão incorporados em textos ou imagens ou, então, são reforçados por expectativas" (Jasper, 1997:45). Tais expectativas podem muito bem dizer respeito ao desempenho de papéis sociais específicos da atividade de protesto, com a possibilidade de ainda se adicionarem a esta ligação os discursos e as narrativas, neste caso, os que estão marcadamente alinhados com os valores ecológicos e ambientais.

Relativamente à análise da dimensão biográfica, para Jasper (1997), a mesma deve centrar-se na observação dos próprios indivíduos e, neste sentido, tal observação deve recair na análise das respetivas histórias, trajetórias ou percursos de vida.

No que respeita às emoções propriamente ditas, segundo Jasper, o que as define através da perspetiva construtivista é o facto de que, as mesmas, "se constituem mais por significados sociais partilhados do que por estados psicológicos automáticos" (Jasper, 1998: 400), o que acaba por enfatizar o facto de as emoções, na verdade, serem socialmente construídas. Isto implica quase obrigatoriamente uma referência à dimensão cultural, devido à sua ligação direta ao significado coletivo e, neste caso, ao protesto. Ora, é aqui que pode ser introduzido um paralelismo com o sobejamente conhecido conceito durkheimiano de *consciência coletiva.* Por outro lado, é reconhecida pelo autor uma grande variabilidade das emoções que se observam de indivíduo para indivíduo. Este facto dificulta a objetividade da análise e levanta sérios desafios à generalização (Jasper, 1998: 397-424), ideia esta que reforça a necessidade de utilização de metodologias de âmbito mais qualitativo, mais adequadas a captar a subjetividade dos atores e valorizar a heterogeneidade de experiências individuais na análise. Por isto, parece ser essencial dar destaque e analisar as *orientações emocionais* dos participantes, bem como os elementos que constituem as redes de recrutamento, considerando que as experiências individuais e as próprias biografias dos ativistas são partilhadas com o objetivo de levarem outros a identificar-se com o movimento e assim aderir (Jasper, 2014).

Uma outra referência de Jasper, diretamente centrada na relação entre as emoções e a participação na ação coletiva, prende-se com o facto de as primeiras possuírem uma certa capacidade de constrangimento ao nível da ação individual, de tal forma que por vezes impelem os indivíduos a procurar, por si mesmos, movimentos com que se identifiquem, sem a mediação de quaisquer redes de recrutamento (Jasper, 1997; 1998).

Procurando agora, através de Jasper, enfatizar a relevância da socialização do indivíduo, refira-se em primeiro lugar o facto de as emoções receberem a influência de um conjunto de "crenças e assunções" (Jasper, 1998: 401), que decorrem de processos cognitivos de interpretação da realidade e que estão alicerçadas em normas e em valores morais e, claro, sujeitas a sanções sempre que ocorre um desvio. Em segundo, destaca-se a importância da heterogeneidade dos contextos sociais ou, melhor dizendo, as diferentes situações que levam ao desenvolvimento das emoções, considerando que, segundo Jasper, no âmbito dos próprios movimentos sociais, existem duas ordens de emoções distintas, as "afetivas e as reativas" (Jasper, 1998: 407). Desta forma e no que respeita aos diferentes tipos de emoções e respetivas respostas ou ações, que ocorrem

nos diferentes contextos situacionais, este autor apresenta tipologias específicas, descritas nos quadros seguintes.

Quadro 2.1 - Emoções potencialmente relevantes para o protesto e de acordo com o contexto

Fonte: Jasper, 1998: 407- 411

Primarily affective
Hatred, Hostility, Loathing: Powerful step in the creation of outrage and the fixing of blame. Can alter goals from practical results to punishment of opponents.
Love: One can have erotic and other attachments to people already in a movement; love also shapes one's affective map of the world.
Solidarity, Loyalty: Positive feelings toward others can lead to action on behalf of that group or category.
Suspicion, Paranoia: Often lead to indignation and articulation of blame.
Trust, Respect: Basic positive affects that influence other emotional and cognitive responses, patterns of alliances, and credibility.
Primarily reactive
Anger: Can have many sources, and can be channeled in many directions, including both rage and outrage. Can interfere with effective strategies.
Grief, Loss, Sorrow: Loss, especially of a loved one, can bring on life passage and raise issues of the meaning of life.
Outrage, Indignation: These build on other emotions, largely by providing a target or analysis.
Shame: Can lead to anger and aggressive reactions.
Moods and others in between
Compassion, Sympathy, Pity: One can imagine the plight of others and develop a desire to help them.
Cynicism, Depression: They discourage protest by dampening hopes for change.
Defiance: Stance that encourages resistance.
Enthusiasm, Pride: Positive emotions that protest leaders try to encourage: enthusiasm for the movement and cause, pride in the associated collective identity, as in Black Power, gay and lesbian rights.
Envy, Resentment: Exaggerated by early crowd theorists, these are emotions that few admit to and which usually lead to actions other than protest; yet they may also appear among protestors.
Fear, Dread: These can arise from a sense of threat to one's daily routines or moral beliefs. They can paralyze but also be developed into outrage.
Joy, Hope: One can be attracted by the joys of empowerment, a sense of "flow" in protest and politics, or the anticipation of a better state of affairs in the future.
Resignation: Like cynicism, can dampen perceived possibility for change.

Types	Settings Where Developed and Sustained	
	Outside Movement	Inside Movement
Ongoing Affects, Loyalties	Love for family members. Fondness for neighborhood. Reassuring security of home. Fears of radiation, war. Trust in certain public figures, mistrust of others. Racial or other prejudices.	Love, attraction to other members. Loyalty to shared symbols, identity. Respect, trust for leaders. Jealousy of leaders, others. Trust or mistrust of allies. Trust or mistrust of government officials, politicians.
Responses to Events, Information	Shock at loved one's death. Anger at government decision. Outrage at plans for nuclear plant. Indignation over siting of waste dump. Resignation over government inaction.	Anger, outrage, indignation over government actions, reactions to movement demands, responses of media.

Como se pode observar, na parte superior do quadro estão representadas as emoções de carácter afetivo, reativo e os estados emocionais. Na parte inferior, estão as designadas "reações emocionais", de acordo com um determinado tipo de situação ou evento experienciado então pelo indivíduo, tanto dentro como fora do movimento. O que retiramos de essencial para nós de Jasper, é que são as chamadas "dinâmicas de interação entre as emoções afetivas e as respostas emocionais fora do movimento que irão influenciar a participação e mobilização" (Jasper, 1998: 407). No campo das reações emocionais, em larga medida, algumas têm como alvo os alegados culpados das situações que motivam a revolta ou que produzem um efeito negativo, afetando a forma e as estratégias de protesto (Jasper, 1998: 397- 424). Desta forma, suscitam, individualmente, diferentes níveis ou intensidades de empenho dos ativistas no protesto, como é, por exemplo, o facto de "um sentimento de ameaça poder ser construído a partir de emoções primárias como o medo, o pavor e o ódio e, a partir de aqui surgir a ideia de que um grupo de indivíduos deva ser culpado por essa mesma ameaça" (Jasper, 1997: 116).

Em terceiro, a importância dos eventos potencialmente marcantes inscritos na biografia do indivíduo, ou seja, falamos de acontecimentos com relevância emocional experienciados no decurso do trajeto individual e que resultam em "choques morais" que por vezes levam à mobilização em torno de causas (Jasper, 2014: 98, 99). No fundo, as "emoções dão ideias, ideologias, identidade e, até, interesses e motivação" (Jasper, 1998: 420) e muitas emoções são respostas temporárias a determinados acontecimentos ou situações. Por outro lado, há também emoções que se revelam bem mais duradouras e, desta forma, tornam-se igualmente úteis para compreender a ação individual no sentido de uma participação ativa num determinado MS.

Finalizando agora as referências às teorias da ação coletiva e dos NMS, voltamos a referir Nick Crossley, cuja proposta teórica influenciou, de forma vincada, a escolha dos contributos teóricos aqui discutidos. Para Crossley, a relação entre o reconhecido conceito de *habitus* de Bourdieu e as perspetivas que estudam os movimentos sociais abre a possibilidade de ultrapassar os tradicionais problemas situados entre a agência e a estrutura, que a maioria das teorias de análise dos movimentos sociais apresentam (Crossley, 2002).

Crossley, ao recuperar a noção de *habitus*, procura de certa forma afastar-se da questão que se levanta relativamente à pré-consciência do ator, a qual é referida na teoria da prática de Bourdieu. Na verdade, Crossley afirma que as disposições "implicam formas de competência incorporada ou de *know-how* e constituem a base para uma inovadora e improvisada ação", sendo que, ao mesmo tempo, "o agente não é um seguidor cego de tradições, mas sim um jogador habilidoso, com uma apetência para o jogo, que lhe permite atingir estrategicamente em relação aos fins" (Crossley, 2002: 176), ou seja, o ator acaba por definir ele próprio a estratégia adequada aos objetivos, ele racionaliza, isto apesar de os princípios que impõem a necessidade desta estratégia dizerem respeito a um único e determinado *habitus*. Esta é uma ideia que claramente se afasta do nível pré-consciente sugerido pela teoria da prática de Bourdieu e que, desta forma, se aproxima mais da conceção de Lahire e da ideia que este preconizou relativamente à reflexividade da ação.

Segundo Crossley, o *habitus* não se desenvolve somente em períodos de estabilidade, forma-se igualmente em momentos de crise e conflito, podendo dar origem a disposições para o protesto ou para o conflito. Aliás, a este respeito, o autor introduz uma referência que se relaciona com as já aqui referidas *consequências biográficas do ativismo* de MacAdam. Para Crossley, as situações de crise e conflito em contextos de ativismo e de protesto tendem a desenvolver "novas disposições" que acabam por "atingir uma relativa durabilidade e, assim, força" (Crossley, 2002: 190), o que, mais uma vez, revela a relevância de se proceder à análise das experiências passadas no estudo da participação em NMS.

Em seguida, vem o momento de, igualmente através da perspetiva sociológica, lançar um olhar sobre a questão dos valores e das crenças, elementos que estão na génese da ação e das disposições.

3. As crenças, os valores e as representações

Neste ponto, pretendemos dar nota da influência das crenças e dos valores que, tal como em outras análises centradas na ação social, desempenham um papel central na

compreensão de tudo aquilo que leva os atores individuais à ação ou à omissão, tanto no desempenho de papéis sociais, como na dimensão que se prende com a interação no seio das mais diversas situações e contextos sociais.

Ora, tomando como ponto de partida o facto de que uma parte da sociologia da ação ostenta como referência a relevância da tríade composta pelos valores, pelas normas e pelas crenças no comportamento humano em geral e, em particular, nas condutas com preocupações ambientais. É assim legítimo assumir-se que as teorias que recorrem à tríade atrás referida têm um peso explicativo substancial (Dunlap, 2015).

Na verdade, pode entender-se que a génese dos valores e das normas verdes decorre nos momentos em que o indivíduo é confrontado com a eventualidade de virem a ocorrer efeitos e impactos negativos, a partir da crise ecológica e ambiental, ainda que a totalidade da extensão desses efeitos e impactos sejam em grande medida desconhecidos. Desta forma, o indivíduo, perante este tipo de *desconhecimento,* acaba por gerar novas formas de reflexividade, de orientar a sua ação e de questionar a tradição (Beck, Giddens, & Lash, 2000). Podemos dizer que, em termos individuais, a realização da ação é pensada de forma intencional, é estratégica e claramente reflexiva, o que justifica conhecer "quais são as condições sócio-históricas que tornam possível uma ação racional" (Lahire, 2001: 201), neste nosso caso, uma *ação racional* em linha com a defesa dos valores ambientais e ecológicos.

Assim é importante considerar que este tipo crenças e os valores acabam por se enquadrar no universo das preocupações ecológicas e ambientais da generalidade das pessoas, afetando em algumas delas as perceções quanto à sua capacidade de reduzir essas mesmas ameaças através da ação e, ao mesmo tempo, influenciar normativamente essa mesma ação (Dunlap, 2015).

Considerando agora a partilha de valores e crenças como fundamentais para a formação da identidade coletiva de um movimento social, inclusive nas suas modalidades mais organizadas, defendemos que a introdução de algumas considerações de François Dubet relativamente à ação contribuem para uma desejável clarificação, mais precisamente quando, no âmbito da sua teoria da *sociologia da experiência*, discute o conceito de *integração* e o considera como uma das lógicas de ação. Desta forma, se considerarmos, a título de exemplo, a integração do ator individual no contexto organizativo e social de uma ONGA, é perfeitamente plausível pensar como adequado o que Dubet refere relativamente a uma "identidade integradora", quando estipula que esta "é tão-só a maneira como o ator interiorizou os valores institucionalizados dos papéis" (Dubet, 1994: 115), podendo considerar-se o papel social de ativista ambiental como um exemplo e no âmbito do qual conjuga uma determinada identidade.

Dubet entende ainda, como um dos elementos desta *integração,* que os valores propriamente ditos são objetivados pelo indivíduo, sendo através destes que se identifica culturalmente com um determinado movimento social. E é através de uma desejada mudança cultural, seja qual for o seu âmbito, independentemente da mesma ocorrer em níveis e intensidades distintas, que um MS se define e caracteriza (Dubet, 1994).

É sabido que a ordem de valores e a hierarquia da importância atribuída pela sociedade não se mantêm inalteradas e estanques ao longo dos anos. Estas dinâmicas de mudança nos valores da sociedade ocidental a uma escala macro, ocorrida ao longo das últimas décadas, são particularmente exploradas por Ronald F. Inglehart, o qual esclarece que "os valores e o comportamento dos indivíduos são moldados pelo grau de segurança da sua própria sobrevivência" (Inglehart, 2018: 1). O que este facto acaba por trazer de relevante é a evidência de que, à medida que as condições materiais de existência dos indivíduos evoluírem com o passar dos anos, no sentido de virem a ser cumpridas satisfatoriamente as necessidades básicas ligadas ao bem-estar económico e social, em paralelo surgem transformações de âmbito sociocultural que contribuem para uma mudança de perspetiva relativamente à ordem e hierarquia de valores e crenças partilhados pela sociedade, mais precisamente, ocorre uma "mudança de valores materialistas para valores pós-materialistas" (Inglehart, 2018: 2).

Esta transformação de valores materialistas para pós-materialistas acarreta, quase obrigatoriamente, mudanças de âmbito político e social, entre as quais a emergência dos chamados NMS e, dentro destes, estão aqueles centrados nos problemas ecológicos e nas preocupações ambientais.

Apesar de a maioria das análises de Inglehart se centrarem à escala macro, como referido, é destacado o facto de também à escala do indivíduo sucederem mudanças, nomeadamente nas crenças e nos comportamentos. Estas mudanças ocorrem em resultado de fatores como o desenvolvimento económico, a educação e a expansão da comunicação de massas.

Ora, esta transformação de valores, segundo Inglehart, ocorre essencialmente por via de seis fontes. A primeira consiste na "inovação tecnológica" (1977: 8), que introduziu profundas mudanças na organização do trabalho e também de produtividade. Estas alterações vieram permitir a massificação da informação, alterações no campo das estruturas familiares e igualmente no próprio papel da mulher no interior dessas mesmas estruturas, o que, invariavelmente, introduziu novas dinâmicas no campo da tradicional organização familiar, cuja relevância, para nós, reside no facto de a família se traduzir num dos principais contextos socializadores do indivíduo.

A segunda fonte diz respeito a “mudanças na estrutura ocupacional” (Inglehart, 1977: 9), que se traduzem em alterações profundas dos meios de produção, no sentido de uma economia assente no conhecimento e na ciência, acabando assim por conduzir a uma sociedade pós-industrial, onde o indivíduo tende a tornar-se cada vez mais reflexivo.

A terceira fonte relaciona-se com o “desenvolvimento económico” (Inglehart, 1977: 10), o qual veio permitir ao indivíduo afastar-se gradualmente de condições de privação económica, e levá-lo para posicionamentos perante a vida mais orientados para valores centrados na igualdade e na solidariedade, bem como permitir o surgimento de responsabilidades individuais centradas no bem comum.

A quarta fonte é uma das mais importantes fontes de mudança e diz respeito à “expansão da educação” (Inglehart, 1977: 11). Prende-se, no essencial, com a massificação do acesso às universidades e, consequentemente, no aparecimento de indivíduos cada vez mais escolarizados e para os quais a frequência do ensino superior passa a ter um papel relevante na socialização, nomeadamente entre as faixas mais jovens da sociedade.

A quinta fonte centra-se no “desenvolvimento das comunicações de massa” (Inglehart, 1977: 11), que possibilitou a difusão de ideias políticas inovadoras e, ao mesmo tempo, fazê-las chegar muito mais rapidamente a um maior número de territórios, permitindo aos indivíduos aperceberem-se da insatisfação de outros, de novas alternativas perante a vida e de outras formas de agir, algumas em clara divergência com as ideias dominantes.

Por último, referem-se as diferentes experiências intergeracionais, as quais dizem respeito ao confronto de ideias entre novos e velhos e às suas distintas experiências de vida (Inglehart, 1977: 8, 9, 10, 11). Neste campo, podemos tomar como exemplo, em Portugal, aqueles que viveram ainda no período anterior ao 25 de Abril e aqueles que nunca experienciaram uma sociedade oprimida e privada de liberdades fundamentais, como a liberdade de expressão, liberdade de reunião e associação, não constituindo assim uma preocupação destas gerações mais novas.

Ora, como consequência principal destas fontes de mudança, podem destacar-se as “questões políticas” (Inglehart, 1977: 12), as quais acabaram por introduzir novas formas de participação no âmbito dos vários processos de decisão e, ao mesmo tempo, a emergência de uma maior desconfiança relativamente às instituições, motivada pela perceção de que estas já não vão ao encontro da totalidade das necessidades e interesses da sociedade. Este facto conduz à formação de novas formas de ação política, nas quais se incluem a “atividade de protesto e a formação de novos

movimentos políticos e de organizações" (Inglehart, 1977: 15), um dado aliás avançado no começo deste trabalho através de referência a Ulrich Beck.

Outra consequência prende-se com uma "mudança nos estilos de participação política" (Inglehart, 1977: 15), ou seja, há uma transição das antigas estruturas sindicais de massas e de organização em partidos políticos, para o surgimento de novos grupos de pressão e com maior poder reivindicativo, formados por indivíduos com competências políticas bastante mais desenvolvidas (Inglehart, 1977).

Já no próprio plano dos valores pós-materialistas, Inglehart refere o facto de os indivíduos, ao optarem por uma vivência diretamente alinhada por este tipo de valores, acabarem por se tornar caracteristicamente bastante mais subjetivos e mais centrados em objetivos que visam uma maior autossatisfação espiritual.

Assim, considerando que as necessidades primárias de subsistência em termos económicos se encontram plenamente satisfeitas, abre-se a possibilidade de o indivíduo tender a apresentar maiores níveis de insatisfação em relação a outros aspetos da sua vida social. No entanto, apesar da constatação de uma mobilidade social ascendente em termos do rendimento disponível, da educação e da categoria profissional, a insatisfação, mais precisamente a indignação, tende a orientar-se para o campo sociopolítico (Inglehart, 1977).

Este facto é bastante mais expressivo e visível nas camadas da sociedade mais favorecidas e com menos privações materiais, o que se traduz, por vezes, num apoio mais efetivo a grupos de protesto e a partidos políticos posicionados mais à esquerda. No entanto, este facto só por si não conduz ao protesto, necessita para o efeito "de uma organização própria, de uma liderança, de competências e de uma perceção de eficácia, antes de ser colocado em prática" (Inglehart, 1977: 148).

Ainda no âmbito dos valores e crenças, passamos agora para outro campo de discussão, mais precisamente o que diz respeito ao quotidiano do indivíduo e a influência destes valores e crenças nas práticas e nas atitudes. Para isso, recorremos a Paul C. Stern que considera necessário identificar, de uma forma o mais precisa possível, as crenças e as motivações dos indivíduos para se entender o posicionamento ambientalista do ator individual.

Para Stern, o ativismo ambiental consiste num tipo de "comportamento ambiental significativo". Neste sentido, o ambientalismo é definido "como a propensão para levar a cabo ações com intenções ambientais" (Stern, 2000: 409, 411). Assim, de forma a poder explicar sociologicamente este tipo de ação, Stern desenvolve uma teoria que designa de "teoria dos valores-crenças-normas", a qual, no fundo, consiste numa

síntese entre o Novo Paradigma Ecológico (NEP) [12], a teoria da "ativação da norma moral"[13] de Shalom H. Schwartz (1977) e a "teoria dos valores pessoais"[14] de Shalom H. Schwartz e Wolfgang Bilsky (1987) (Stern et al.,1999; Stern, 2000). Desta forma, através da combinação destas três perspetivas resultam cinco grupos de variáveis causais que conduzem à ação ou a comportamentos, tal como é demonstrado no esquema seguinte.

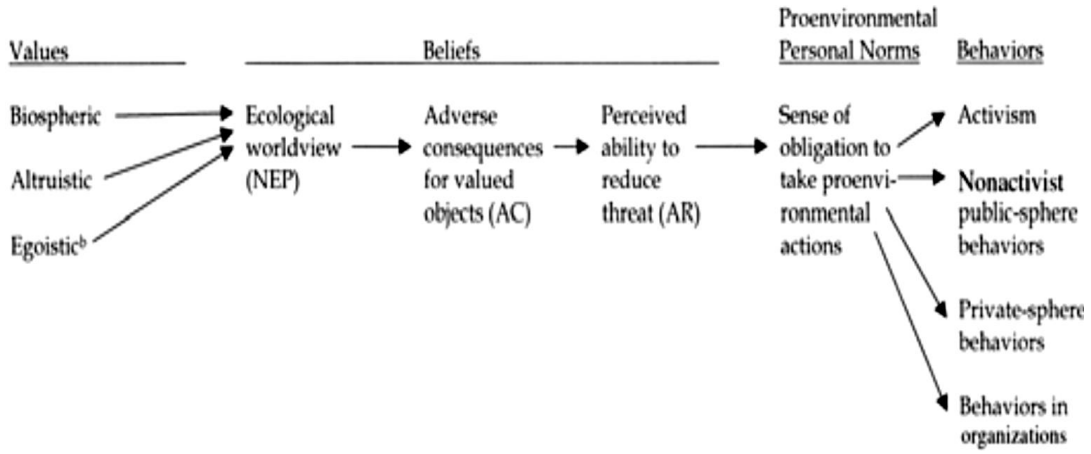


Figura 3.12 - Representação esquemática da teoria dos valores-crenças-normas

Fonte: Stern, Toward a Coherent Theory of Environmentally Significant Behaviour, 2000: 412.

[12] Sintetizando, refere-se que o Novo Paradigma Ambiental (NEP) acentua a importância do ambiente natural onde o indivíduo se desenvolve socialmente, numa perspetiva em que as limitações dos recursos naturais e a crise ecológica constituem constrangimentos ao desenvolvimento das sociedades. Ou seja, o NEP afasta-se dos valores antropocêntricos em direção a uma visão mais ecológica da sociedade, em que os sistemas naturais são um elemento fundamental ao desenvolvimento humano. Com este paradigma procura-se rebater o chamado "Paradigma da Isenção Humana (HEP), onde os humanos, devido às suas características de exceção relativamente às outras espécies, beneficiam de uma certa *isenção* relativamente a quaisquer constrangimentos ecológicos" e em que "o ambiente é algo para ser totalmente controlado pelos humanos" (Dunlap & MIchelson, 2002: 33, 34). O NEP centra-se num conjunto de crenças que o indivíduo tem, relativamente à capacidade que a humanidade tem de perturbar o equilíbrio da natureza, à existência de limites para o crescimento das sociedades e ao questionamento do direito que a humanidade possui de governar o resto da natureza. Estas crenças, por sua vez, podem ser medidas através de uma escala composta inicialmente por um conjunto de 12 itens, e que mais tarde se alargaram a 15. Estes itens pretendem medir a perceção e a consciencialização do indivíduo relativamente a questões como: "limites ao crescimento; anti antropocentrismo; a fragilidade do equilíbrio da natureza; a rejeição da já referida 'isenção' humana e a possibilidade de uma crise ecológica" (Dunlap *et al*., 2000: 432).

[13] A teoria "ativação da norma moral" consiste na ideia de que as ações individuais, com um carácter marcadamente altruísta, resultam de uma obrigação moral provocada pela influência das normas interiorizadas pelo indivíduo, no decurso da sua socialização e de situações experienciadas no passado (Schwartz, 1977: 221-279).

[14] A teoria dos "valores pessoais" traduz-se na assunção de que os valores têm a sua génese em necessidades humanas universais, sejam individuais, sociais ou institucionais. Como valores. são objetivos, e tendem a constituir-se como interesses comuns de um determinado grupo (Schwartz & Bilsky, 1987: 550-562).

Como se pode observar, o primeiro grupo de variáveis inclui-se no campo dos valores que resulta da teoria dos *valores pessoais*, os três conjuntos seguintes de variáveis provêm das crenças que integram a NEP e o último grupo surge diretamente da teoria da *ativação da norma moral*.

No âmbito deste modelo, é de salientar que a oscilação de cada uma das variáveis representadas influencia diretamente as seguintes. Por outro lado, o processo não se desenvolve de forma circular e não é reversível. Processa-se sempre através da mesma sequência, que parte dos *valores* em direção às *crenças* e, de seguida, para as *normas*, resultando, conforme a intensidade de cada variável, num ativismo mais efetivo ou, então, na simples participação de âmbito mais passivo, como, por exemplo, o envolvimento em abaixo-assinados ou na realização de donativos. Assim, acabam por ser os valores pessoais que ativam as normas. Estas, por sua vez, conduzem ou não ao ativismo, surgindo no meio do processo as variáveis da NEP que contextualizam, por assim dizer, a perceção do indivíduo em relação ao ambiente, o que acaba por viabilizar a verificação empírica desta teoria (Stern, 2000: 407-424). Um dado igualmente relevante prende-se com o facto de se poder perfeitamente substituir, no esquema proposto por Stern, a designação de *comportamentos,* na última coluna, por desempenho de papel social e, verdadeiramente, permitir um maior enquadramento desta proposta no nosso objeto de estudo, designadamente na dimensão que respeita à interação com outros atores dentro do movimento, tendo em conta as expectativas acerca do desempenho de tais papéis.

Um outro dado de relevo é o facto de as normas pessoais, diretamente relacionadas com preocupações ambientais, serem influenciadas pela já referida *consciência de consequências causadas pela adversidade* e *perceção de responsabilidade individual*, o que cria, segundo Stern, uma "predisposição geral que influencia todos os tipos de comportamento com intenções ambientais" (Stern, 2000: 413).

A relevância desta proposta teórica para nós assenta no facto de, além de se centrar ao nível do indivíduo, valorizar a importância dos *valores* e das *crenças*, permitindo assim perceber que a "predisposição ambiental", designadamente através do ativismo, encerra em si mesma "variações ao nível do comportamento, do ator e do contexto" (Stern, 2000: 415). É então através deste esquema teórico que Stern analisa o ativismo ambiental e a participação do indivíduo, argumentando que, neste âmbito, as teorias psicossociais têm mais poder explicativo do que outras (Stern, 2000: 407-424).

Stern e outros acabam desta forma por definir um ativista ambiental como aquele que se "compromete com ações públicas destinadas a influenciar o comportamento do sistema político e da maioria da população" (Stern *et a*l., 1999: 82). Este autor distingue o ativista ambiental dos simples apoiantes do movimento ambiental, que, segundo ele,

são “aqueles que simpatizam com o movimento e que estão dispostos a agir e a suportar alguns custos em favor desse mesmo movimento” (Stern *et al*., 1999: 82). Esta distinção é importante porque o apoio do cidadão comum também se revela essencial para o movimento ambientalista propriamente dito, não estando tão comprometido com o protesto através da ação mais direta.

Para terminar este ponto e em relação à génese dos MS, no geral e, em particular, no caso do movimento ambiental, Stern, Dietz, Abel, Guagnano e Kalof referem, igualmente, que esta é baseada em crenças e valores específicos, os quais ativam os sistemas normativos pessoais diretamente alinhados com os objetivos do movimento, podendo aqui ser estabelecido um paralelismo com o esquema multipolar de *identidade coletiva* apresentado por Melucci, mais precisamente com o eixo relativo aos *objetivos* e na sua tensão permanente entre a parte individual e os objetivos coletivos. Estes autores, no âmbito da sua proposta, argumentam que a estrutura de crenças centradas na relação entre os humanos e o ambiente, numa perspetiva de crise ecológica e de prejuízos ambientais, acaba por “ativar uma obrigação moral que gera uma predisposição para agir em favor dos objetivos do movimento” (Stern et al., 1999: 85). Neste sentido, consoante o tipo de movimento social, ocorrem determinados “elementos disposicionais baseados em valores pessoais e crenças normativas”, que se podem transformar em “disposições em formas particulares de ação”, consoante a influência de determinadas “capacidades ou constrangimentos” (Stern et al., 1999: 86). Um outro aspeto que importa também evidenciar é o facto de Stern, Dietz, Abel, Guagnano e Kalof igualmente referirem a proposta de Inglehart e a importância dos valores pós--materialistas, como explicação para a emergência destes sistemas específicos de valores e disposições orientadas para a defesa do ambiente (Stern et al., 1999).

Para concluir, referimos que a tendência de os indivíduos se mobilizarem, em torno destes movimentos, dependerá em larga medida da sua estrutura cognitiva e da respetiva hierarquia de valores e, dentro desta, em que nível se encontram os valores e as crenças alinhados com a perceção de que existem ameaças efetivas para o ambiente e uma crise ecológica. Não se pode igualmente negligenciar, nesta análise, os constrangimentos derivados da posição do indivíduo na estrutura social e no próprio contexto onde desenvolve o seu quotidiano. Um outro dado a ter em conta é a própria tipologia dos movimentos. Assim e a título de exemplo, o modelo diretamente assente nos *valores, crenças e normas* necessitará sempre de ser complementado com perspetivas relacionadas com o estudo dos movimentos sociais, para, efetivamente, possuir capacidade explicativa (Stern et al., 1999).

4. A construção social do ativista ambiental

Já foi mencionado neste trabalho o conceito de *papel social de ativista.* Esta referência que, no âmbito da teoria da sociológica, pode ser designada metaforicamente como de *teatral* ou *dramatúrgica*, considera qualquer tipo de papel social como uma conduta relativamente à qual subsistem expectativas quanto ao seu desempenho por parte do ator individual (Dahrendorf, 2012). Se considerarmos que o tipo de papel social que aqui se discute é, na verdade, exterior ao indivíduo e os cânones relativos ao respetivo desempenho são fornecidos pela sociedade, neste caso por um determinado grupo de indivíduos designados de ambientalistas, podemos dizer que assumir o papel de ativista ambiental diz respeito a uma forma individual de agir, com a qual o indivíduo se identifica e que, desta forma, acaba por fazer parte integrante da sua identidade pessoal.

Mas, então, como se processa esta ligação entre o papel social e aquilo que é esperado pelo seu desempenho, entre o que é exterior ao indivíduo e a sua subjetividade, ou seja, a forma como se vê a si mesmo, como se define identitariamente?

Para dar início à resposta, comecemos pelo que referem Berger e Luckmann relativamente ao conceito de papel social, visto como desempenho tipificado socialmente pelo próprio indivíduo e pela restante sociedade, como seja o papel de pai, professor, amigo ou ativista ambiental. Sendo relevante aqui que, segundo estes autores, "o ator, nesse momento, apreende-se a si mesmo como identificado, em essência, com a ação objetivada no social" (2010: 83).

A relevância para a nossa discussão, e que neste momento se centra no desempenho do papel de ativista ambiental, é também identificada no argumento que se prende com o papel social ser de facto "reificado" (2010: 100), tal como as instituições, sendo o indivíduo impedido de fugir, ainda que conscientemente, do desempenho de um determinado papel social assumido no momento ou de acordo com as condições particulares de um determinado contexto. Significa que um certo papel social ao ser reificado acaba por fazer parte da identidade pessoal. No fundo, "a reificação dos papéis estreita a distância subjetiva que o indivíduo pode estabelecer entre si e o papel que desempenha" (2010: 100). Na verdade, é bastante comum vermos muitos elementos de ONGA, designadamente os seus líderes e os membros participantes mais ativos, a identificarem-se expressamente perante outros como ativistas ambientais. Muito possivelmente, não haverá outra forma, segundo a sua própria perspetiva, de se desenvolver uma atividade numa associação ambiental e assim o indivíduo passar a ser identificado pelo grupo e também pela restante sociedade

como um ativista ambiental ou o que comumente de designam por *ecologistas* ou *ambientalistas*.

Neste sentido, a importância da identidade pessoal, além de resultar de "processos sociais" e assim produzir uma "dialética entre o indivíduo e a sociedade" (Berger & Luckmann, 2010: 179, 180), prende-se igualmente com a manifesta realidade de, nos dias de hoje, a identidade pessoal se sobrepôr à identidade coletiva. É conferida uma maior importância àquilo que na verdade nos distingue enquanto indivíduos dentro de um determinado grupo, do que àquilo que nos aproxima ou é comum na sociedade. No entanto, também é relevante o facto de, em simultâneo, um indivíduo se identificar através de uma "identidade do *Eu*" e uma "identidade do *Nós*" (Elias, 1993: 206). Assim, é fundamental que ocorra um equilibrio entre ambas as formas de identidade, a social e a individual, as quais ocorrem em simultâneo.

Desta forma, podemos com segurança assumir que um ativista ambiental que participa e desenvolve a sua atividade como tal, no seio de uma ONGA, além de se sentir envolvido como uma parte de um todo e por isso estar sob a influência de uma identidade coletiva relativamente ao movimento ambientalista ou ecologista, tem na sua singularidade uma identidade própria ou, melhor dizendo, identifica-se como um ativista ambiental ou um ambientalista.

4.1. O conceito de identidade

Como atrás se referiu, existe uma forte relação entre a identidade coletiva e a identidade individual ou pessoal, considerando que quanto mais evidente e carregada de sentido para o indivíduo é a identidade coletiva de determinado movimento, mais o indivíduo se identifica pessoalmente com esse movimento e, simultaneamente, quanto mais indivíduos se identificarem com esse movimento, mais força ele terá (Jasper, 1997), algo de que dificilmente podemos discordar.

Reveste-se assim de uma relevância acrescida considerar que, se o objetivo é realizar uma análise à escala individual, é igualmente importante perceber o que se entende então por identidade de ativista e através de que processos se forma.

Deste modo, para dar início a esta discussão partindo deste ponto em particular, optamos por dar a conhecer o que se entende efetivamente por identidade, através das perspetivas dos dois autores de referência para este trabalho.

Neste sentido, segundo Jasper e de acordo com a sua perspetiva relativamente ao protesto, existem três formas distintas de identidade que se relacionam entre si, a saber:

1. A "identidade pessoal" que se define pela perceção que o indivíduo tem de si próprio e também pela forma como se define relativamente aos seus interesses ou

atividades quotidianas e, mais essencialmente, quando se define relativamente aos outros e ao grupo ou grupos a que pertence (Jasper, 1997: 85). De notar que, para Jasper, a identidade pessoal se forma ao longo da vida e é reconhecida ao longo da própria biografia, particularmente a partir de momentos anteriores do seu percurso de vida entretanto ligados ao protesto e à ação coletiva (Jasper, 1997). No fundo, nesta perspetiva, a identidade pessoal surge através da dimensão biográfica do indivíduo, da qual resulta a designada "dimensão biográfica do protesto" (Jasper, 1997: 86). Ainda assim, apesar da identidade individual se centrar praticamente em elementos da personalidade, surge igualmente sustentada por via da interação com os outros. No caso da identidade de ativista, e conjuntamente com o facto de este tipo de interação se referir às atividades de protesto através de um MS em particular (por exemplo o ambiental), ela terá de ser coerente com a ideia que o próprio indivíduo faz de si próprio, no sentido de se preservar o interesse em continuar a participar ativamente nesse movimento. Ou seja, "se o papel desempenhado na atividade de protesto se tornar parte da identidade pessoal, é, em bom rigor, um incentivo bastante forte para continuar a participar" (Jasper, 1997: 88), no fundo, para existir uma militância sustentada.

2. O segundo tipo de identidade designa-se de coletiva e consiste na conceção de uma ideia de distinção e de formação de elementos que estabelecem diferenças entre um grupo ou coletividade, relativamente a outros elementos externos. Daqui retiram-se como exemplos as religiões ou as próprias nações (Jasper, 1997). Na verdade, existe uma correlação positiva que deve ser assinalada, que se situa entre a identidade coletiva e a pessoal, uma vez que "quanto maior a identidade coletiva de um grupo, maior é a probabilidade da identificação do indivíduo com esse mesmo grupo constituir-se como parte de sua identidade individual, e desta forma quanto mais indivíduos se identificarem com um grupo, mais forte será a identidade coletiva desse mesmo grupo" (Jasper, 1997: 86), o que no fundo entronca no equilíbio referido por Norbert Elias que introduzimos no início do presente capítulo.

3. O terceiro tipo de identidade é a "identidade de um movimento" (Jasper, 1997: 86), a qual se distingue da identidade coletiva pelo simples facto de a distinção entre grupos assentar nos objetivos ou fins pretendidos de um determinado movimento, ou seja, o tipo de mudança social pretendido. Por outro lado, para Jasper há movimentos que, apesar de uma identidade própria, não implicam necessariamente uma identidade coletiva. A este respeito e segundo este autor, existem os movimentos por ele designados como de "cidadania"[15], que estão necessariamente ligados a uma

[15] Movimentos com génese nas lutas laborais e nos movimentos sindicais e das classes trabalhadoras originárias da expansão da industrial (Jasper, 1997).

identidade coletiva, cujas atividades assentam em valores como a "igualdade, inclusão e benefícios para o próprio grupo" (Jasper, 1997: 86, 87). Já os movimentos de "pós--cidadania"[16], que não possuem necessariamente uma identidade coletiva, tendem a lutar por mudanças sociais que visam humanidade no seu todo ou a sustentabilidade dos recursos e, por norma, seguem objetivos que não apresentam no seu epicentro assuntos de natureza económica ou financeira (Jasper, 1997: 87). No fundo, dentro destes movimentos podemos encontrar indivíduos de todas as categorias e classes sociais. Este facto vem reforçar a ideia de heterogeneidade do indivíduo nas suas diversas formas de agir, pensar, sentir e também de se posicionar perante uma dada situação ou estado de coisas.

Desta forma, a identidade coletiva e a identidade de um movimento distinguem-se porque a primeira é independente do movimento social e a segunda não. Na verdade, um grupo de cidadãos profundamente religiosos pode perfeitamente participar numa associação ambiental e cada um deles assumir o papel de ativista pelo ambiente, mas um movimento pelo ambiente sob a forma de uma ONGA não poderá identificar-se, pelo menos em teoria, como uma uma seita religiosa.

Para concluir a ideia de Jasper, refere-se que ambos os tipos de identidade, a coletiva e a de movimento, contribuem em larga medida para a identidade pessoal e, por norma, destas resulta uma certa heterogeneidade de identidades no mesmo indivíduo (Jasper, 1997).

Resumindo, a relevância da identidade no ativismo, e em particular na que diz respeito ao protesto ou à participação ativa numa ONGA, é baseada no facto de que esta ação é definida em grande parte pela ideia que o indivíduo tem de si, ideia esta que se constrói a partir das "experiências passadas" (Jasper, 1997: 90).

Convenhamos que o que até aqui tem sido referido acerca da identidade, permite continuar a explorar a dialética que aqui propomos entre o papel das emoções no protesto, defendido por Jasper, e as disposições inscritas num ator individual que é *plural*, por parte de Lahire.

Neste sentido, para Lahire "é útil, para compreender os próprios fenómenos identitários, conhecer um pouco mais precisamente os processos de socialização aos quais foram submetidos/de que participaram os indivíduos singulares ou os membros do grupo em questão, a fim de reconstruir as disposições que eles construíram e que fazem com que ajam de determinado modo" (Lahire, 2004: 317). Ora, este dado

[16] Movimentos sociais orientados por valores pós-materialistas, compostos por indivíduos já perfeitamente inseridos na sociedade, politicamente, educacionalmente e economicamente, em que as exigências não se centram no seu bem-estar individual, pelos menos em termos objetivos (Inglehart, 1977; Jasper, 1997).

transporta-nos novamente até à nossa opção de dar relevância ao conceito de biografia e às várias experiências vividas pelos atores individuais, o que, tal como já se percebeu, converge de sobremaneira com a proposta de Jasper, em particular com a relevância que dá à importância do passado individual para a ação de protesto e para o ativismo.

Todavia, Lahire não relaciona diretamente a existência de "um património de disposições heterogéneo" com uma "coêrencia identitária" de um indivíduo (Lahire, 2001: 53; 2004: 317), o que, de certo modo, e na eventualidade de se vir a estabelecer uma ligação entre estes dois conceitos, poderá muito bem resultar na conclusão enganadora sobre a existência de múltiplas identidades de alguma forma em conflito entre si ou até mesmo o inverso. O ator plural de Lahire salta sucessivamente de contexto social em contexto social e, por isso, assume, no decurso deste processo, tantos papéis sociais quanto os contextos sociais onde interage com os outros, contextos estes que tanto podem ser contemporâneos como previamente inscritos ao longo do trajeto de vida do indivíduo (Lahire, 2001).

Lahire refere igualmente que, apesar de um indivíduo vir a indentificar-se com um dado grupo, o que pode resultar de uma mera sugestão do interlocutor no momento da entrevista, pode "muito bem pertencer a um grupo ou possuir um atributo e não se 'definir' por essa pertença ou propriedade" (Lahire, 2004: 317). Este facto converge, até certo ponto, com o que Jasper referiu relativamente às identidades coletiva e de movimento social, no âmbito dos movimentos pós-cidadania, cujas preocupações vão muito para além do bem-estar próprio ou do grupo a que pertence.

No que respeita ainda à identidade pessoal, Lahire refere que, no âmbito de uma sociologia disposicional, ela, por norma, só se revela de forma discursiva e reflexiva, ou seja, quando o ator teoriza sobre si ou sobre a sua posição ou atividade num dado contexto. A identidade pessoal manifesta-se, portanto, sempre de uma forma subjetiva (Lahire, 2004). A ideia de si é objetivada assim por via da linguagem, tornando-se evidente unicamente no momento em que ocorre a necessidade de definir em que é que o próprio se encaixa relativamente a outros.

A identidade no âmbito da teoria do ator plural de Lahire não é, diga-se em abono da verdade, uma questão muito central. O que é central, isso sim, é o todo o sistema de disposições e modalidades de ação entretanto interiorizadas pelo ator individual e que acabam por restituir a "ilusão" de uma "identidade de si mesmo" (Lahire, 2001: 53), ou seja, estamos assim perante toda a construção social da identidade pessoal.

Podemos neste momento, com alguma segurança, referir que é a biografia do próprio indivíduo, e a interiorização das experiências que nela tiveram lugar, um dos elementos que, no âmbito da noção de identidade, servem de vínculo entre as perspetivas de Jasper e Lahire. Todavia, convém nunca esquecer que ambas as

perspetivas, apesar de distintas quanto ao seu objeto, se tocam e cruzam em vários pontos.

4.2. A identidade de ativista

Para preservar um certo alinhamento entre o conceito de identidade pessoal e o nosso objeto de estudo, trazemos a perspetiva muito pertinente do sociólogo contemporâneo Jonathan Horowitz, relativamente à própria identidade de ativista. Para Horowitz, o indivíduo, na sua vida quotidiana, envolve-se em múltiplas relações sociais que desenvolvem ou provocam diferentes formas de "comportamento" (Horowitz, 2017: 2). Na verdade, "quando o indivíduo interage com os outros, fá-lo através de determinados papéis sociais" como, por exemplo, o de "ativista" (Horowitz, 2017: 2). Desta forma, o indivíduo internaliza as expectativas, levando a que os desempenhos institucionalizados de determinados papéis sociais acabem por se constituir como identidades[17]. Ou seja, de acordo com esta ideia, "a ligação de um indivíduo a um determinado movimento acaba por se dever mais a um papel social do que a uma categoria" (Horowitz, 2017: 2), um facto que conduz àquilo que Horowitz designou de uma "identidade de ativista baseada no papel social" (2017: 2).

Por outro lado, convém também não deixar esquecido que quando o indivíduo se arroga como pertencente a um determinado grupo ou coletividade, por partilhar com esse grupo determinadas características pessoais, valores e crenças, identificando-se assim com esse mesmo grupo, o que vemos surgir em termos individuais é, na verdade, uma "identidade de ativista baseada na categoria social" (Horowitz, 2017: 1).

Por via destas conclusões, surgem dois conceitos muito relevantes:

- A identidade de ativista baseada na categoria social;
- A identidade de ativista baseada no papel social.

O primeiro resulta diretamente das perspetivas teóricas que exploram o conceito de identidade coletiva, no âmbito da análise dos MS. Na verdade, Horowitz observa-a como um tipo de identidade de ativista que se forma através da fusão entre uma "identidade social" (Horowitz, 2017: 12) e contextos generalizados de oposição e revolta em relação à autoridade ou à ordem estabelecida.

Já o segundo resulta diretamente da interação com outros e, a partir daqui, das expectativas de desempenho que outros indivíduos envolvidos na situação possuem relativamente ao papel de ativista, ou, então, do próprio contexto onde a interação toma lugar. Estes outros indivíduos são aqueles que por norma pertencem às próprias redes

[17] Uma ideia que já aqui foi referida através de Berger e Luckmann, quando referem a reificação dos papéis sociais.

de interconhecimento e que, na grande maioria das vezes, são recrutados por outros ativistas ou indivíduos. Esta é, por exemplo, uma ideia já referida por Melucci quando menciona a ativação de interações com outros atores individuais.

Note-se que, quanto à sua génese, tanto a identidade de ativista pelo papel como a de categoria surgem à escala individual e podem manifestar-se em simultâneo, apesar de, como ressalva Horowitz, "a relação entre ambas não ter sido ainda completa e devidamente estudada" (2017: 13). Este dado é coerente com a ideia de Melucci e também com a de James Jasper, no que toca à manutenção de uma constante ligação entre a identidade pessoal e a identidade coletiva, como um dos elementos essenciais para a mobilização em torno dos NMS (Melucci, 1996).

Continuando esta discussão na direção da perspetiva interacionista, uma outra proposta relevante é a de Sheldon Stryker. Para este sociólogo, que estudou a relação entre o conceito de identidade e o conceito de movimento social, no campo das ciências sociais, em geral, e na sociologia em particular, a identidade é sempre analisada a partir da cultura e é definida como o "equivalente às crenças, ideias e práticas de uma dada sociedade e que se revelam comuns a todos os seus membros" (Sheldon Stryker, 2000: 22). Stryker definiu e desenvolveu igualmente as diferenças que existem entre os conceitos de categoria social e papel social, na questão que se prende com a já referida influência da identidade na ação coletiva. Uma das diferenças que se evidenciam prende-se com o facto de, relativamente ao primeiro conceito, a identidade se revelar de uma forma permanente e, relativamente ao segundo, se manifestar unicamente enquadrada no contexto de uma situação delimitada no espaço e no tempo (Stryker, Owens, & White, 2000).

Portanto, no que diz respeito ao *Eu (Self)*, Stryker classifica-o como "multifacetado" (Stryker, Owens, & White, 2000: 28). Ou seja, é formado por uma multiplicidade de papéis sociais inculcados no indivíduo ao longo da sua socialização. O que Sryker defende é que os indivíduos "têm tantas identidades quanto conjuntos de relações entre papéis" (2000: 28) – mais uma vez encontramos a referência a uma heterogeneidade de práticas e modos de ação, presentes no passado incorporado do proprio ator individual.

Assim, a relevância do estudo dos NMS, através de uma referência conceptual das várias dimensões do conceito de identidade, é justificada pela própria natureza dos NMS. São, na verdade, fenómenos que, de alguma forma, possuem uma raiz identitária, além de serem fortemente influenciados pelos já referidos valores pós-materialistas. Ora, tal como já aqui foi referido, esta ordem de valores está efetivamente presente e afeta de uma forma quase permanente o quotidiano dos indivíduos (Laraña, Johnston, & Gusfield, 1994).

A multidimensionalidade do conceito de identidade é também abordada por outros sociólogos afetos ao estudo dos NMS, como é o caso de Enrique Laraña, Hank Johnston e Joseph R. Gusfield. De acordo com o que estes autores escrevem, existe uma relação entre as identidades individual, coletiva e pública, no que respeita à participação em NMS (1994).

Começando logo pela identidade individual, esta é, tal como seria de esperar, resultante em grande parte dos elementos socializantes inscritos na biografia do indivíduo, o que o leva a definir um *self* ou, se quisermos, um *Eu* específico relativamente a *outros*. Esta identidade é perfeitamente mutável ao longo da vida e, em particular, possui como propriedade o facto de se transformar durante o processo de mobilização que o indivíduo experimenta relativamente a um determinado movimento (Laraña, Johnston, & Gusfield, 1994). Na verdade, em termos gerais, a conceptualização tanto da identidade individual como coletiva, na perspetiva destes autores, pouco muda relativamente ao que já foi aqui mencionado através das referências a Stryker e Horowitz, no que toca à multiplicidade de identidades à escala individual, bem como à relação destas com os papéis sociais.

No mesmo sentido, a referência à identidade coletiva assenta igualmente na perceção comum relativamente a emoções, elementos cognitivos, normas, valores e partes específicas da realidade, que acabam por definir a ação e os limites da mesma e consolidam a solidariedade dentro de um MS. A novidade introduzida por estes autores diz respeito ao conceito de "identidade pública" (1994: 18), que se refere à interação existente entre os participantes de um determinado MS e os não participantes, ou aqueles que nada têm a ver com o próprio movimento em si, sendo que neste caso não se trata da avaliação centrada na questão *quem sou eu* no caso da identidade pessoal, ou na questão *quem somos nós* no caso da identidade coletiva, mas mais na questão *quem são eles* (Laraña, Johnston, & Gusfield, 1994). No fundo, diz respeito ao impacto social que um MS provoca no público em geral e, ao reduzir a escala, na forma como a atividade de um participante de um determinado MS influencia o quotidiano dos indivíduos não participantes que com ele partilham o quotidiano (Laraña, Johnston, & Gusfield, 1994).

Este aspeto é ainda mais importante se nos centrarmos nos outros laços que o ativista estabelece ou possui, além daqueles que existem dentro do próprio movimento; falamos mais precisamente dos laços familiares, de amizade ou até mesmo profissionais. Tal como sustentam estes autores, "a vida social de um indivíduo incluirá outros fora do grupo do movimento. Isso é ainda mais relevante para os participantes do movimento que estão profundamente envolvidos numa vida em comunidade" (1994: 20). Este é, na verdade, um dado que explica em certa medida o rótulo de

fundamentalistas ou *radicais,* tantas vezes atribuído aos ativistas ambientais, ou até mesmo algumas das reivindicações de âmbito mais familiar, tão comuns, no caso daqueles cujo tempo dispendido para cada uma das diferentes dimensões da vida quotidiana é um recurso escasso.

Na verdade, o principal contributo destas ideias prende-se com o facto de que tanto a identidade individual como a coletiva acabam por ser "moldadas" por uma terceira dimensão de identidade, neste caso concreto, a "identidade pública" (Laraña, Johnston, & Gusfield, 1994: 28).

Para terminarmos este ponto e sem querermos avançar já para os aspetos que dizem respeito às opções metodológicas de pesquisa, vale a pena referir que, segundo a perspetiva destes autores, a abordagem ao conceito de identidade no campo dos NMS e, neste caso concreto, o movimento ambientalista, tem como propriedade, a variação. Ou seja, pode transmutar-se em função de diversos contextos sociais, observados ao longo do processo de entrevista com vista à recolha dos dados. Como exemplo deste facto, é referido que "uma mulher pode discutir questões relativamente a um movimento ambientalista como ativista, como mãe, como gestora, como cônjuge, ou como uma latina" (Laraña, Johnston, & Gusfield, 1994: 29). Por fim, um último dado destes autores, relativamente à importância do papel da identidade, diz respeito a uma certa "busca por uma identidade" (1994:29) propriamente dita, que é na verdade muito comum em ativistas mais jovens, em que parece ser um processo particularmente visível, e que, se optarmos por esta ideia, pode ingualmente consistir em mais uma forma de caracterizar e classificar os NMS enquanto tal.

Finalmente, a que nos parece ser a mais adequada é a ideia que James Jasper faz da identidade de ativista. Além de se cingir à tomada de consciência do ativista de que a sua própria ação faz a diferença, é constituída por vários elementos como "competências e saber-fazer; a consciência acerca da gratificação individual do protesto apesar das adversidades; a posse de um programa ideológico político articulado com objetivos bem definidos; uma rede de amigos e companheiros de suporte a estas atividades". Referimos ainda que, segundo Jasper, é importante igualmente ter em conta a "realização de uma análise aos hábitos e rotinas inerentes a estas redes e o respetivo sentido de eficácia, e bem como as expectativas de papéis a que também apoiam o ativismo político" (1997: 197).

Em jeito de conclusão deste ponto, parece então evidente que o conceito de identidade é multidimensional e pode ser analisado a partir da perspetiva do papel social. Ao mesmo tempo, é permitido ter em consideração os fatores relacionados com os aspetos situacionais e o contexto, os quais se encontram diretamente ligados a determinados desempenhos, podendo também mencionar-se as *aberturas do presente*

referidas por Lahire, na sua teoria do *ator plural,* sem esquecermos a relevância das emoções nos processos de envolvimento e participação num determinado MS.

4.3. O conceito de papel social

É de todo o interesse para a discussão relativa ao conceito de identidade de ativista, trazer aqui uma clarificação mais precisa acerca de um conceito tão central na teoria sociológica contemporânea como é o caso do conceito de papel social, isto apesar de já anteriormente termos trazido alguma luz sobre o assunto, através das referências a Berger e Luckman, no âmbito da *reificação* e *institucionalização* de certos desempenhos e do seu contribuo para a identidade.

Elegemos então para essa função um ensaio da autoria de Ralf Dahrendorf, com o título "Homo Sociologicus". Nesta obra discute-se com rigor o conceito de papel social, bem como a sua relevância para a análise sociológica da realidade social. Assim, pretendemos de uma forma resumida elencar os principais elementos e dimensões que, em nosso entender, se revelam essenciais para a explicação do que é a ideia de papel social, na verdade um dos conceitos centrais da nossa pesquisa.

Na teoria sociológica, o desempenho de um determinado papel social por parte de qualquer indivíduo envolve necessariamente expectativas de desempenho ou, melhor dizendo, a de um "comportamento desejado" (Dahrendorf, 2012: 40), que força o indivíduo a agir de acordo com padrões de ação anteriormente definidos pela sociedade. Estes padrões, no caso do ativista ambiental, são por norma impostos ou instituídos pelo grupo onde ele se move enquanto tal. Ora, este tipo coação exercida sobre o indivíduo, por força de um desempenho esperado de um determinado papel social, encontra-se mediada pela existência de sanções. Estas sanções podem, segundo Dahrendorf, no âmbito da perspetiva sociológica, ser positivas (por exemplo, reconhecimento, valorização etc.) ou então, negativas (condenação, desdém, isolamento, etc). As sanções negativas prendem-se por norma com as expectativas designadas de "obrigatórias"; já as sanções positivas estão relacionadas com as expectativas "devidas" e as "possíveis" (Dahrendorf, 2012: 45).

Será então no âmbito das sanções positivas que iremos centrar a nossa discussão, considerando que, no contexto de um grupo organizado, como é o caso de uma ONGA, será expectável um desempenho do papel de ativista ambiental acima do esperado, tornando-o deste modo objeto de estima e uma referência positiva, conduzindo-o a uma certa promoção dentro do grupo, ou seja, ocorrerarão as já designadas sanções positivas (Dahrendorf, 2012).

Por outro lado, de forma a percebermos agora a génese das expectativas dos papéis sociais, refere-se que estas são definidas sempre por um grupo de referência, o qual é detentor de um conjunto de normas, valores e crenças muito próprias (Dahrendorf, 2012). Neste caso, será no seio da própria ONGA que serão então definidos os valores e normas predominantes e necessariamente partilhados, que servirão de enquadramento às expectativas de desempenho do papel social de ativista ambiental.

No fundo, pode dizer-se que a identidade de ativista ambiental e, no caso daquele que aqui nos interessa mais, ou seja, que tem origem no papel social, encontra-se sempre diretamente relacionada, no que diz respeito ao desempenho, com o modelo definido pelo conjunto de normas e valores que orientam a ONGA onde o ativista ambiental age e se exterioriza, enquanto ator portador de múltiplos modelos e esquemas de ação, sem esquecer a relevância do seu passado biográfico como ativista ambiental. Por outro lado, não podemos alhear-nos do facto de estas espectativas de desempenho poderem igualmente ser definidas pelo próprio indivíduo, de acordo com aquilo que significa para si ser um ativista ambiental.

5. O conservacionismo, o ambientalismo e o ecologismo

Não se poderia, em nosso entender, desenvolver uma análise das representações e da própria subjetividade de um indivíduo que no seu quotidiano se dedica ao ativismo ambiental, sem fazer referência àquilo que nos dias de hoje diz respeito ao pensamento verde ou, como é hábito dizer-se entre os que se encontram do lado de fora destas preocupações, a forma de pensar dos ambientalistas.

Para isso e sem entrar em argumentações profundamente filosóficas relativamente à génese dos valores e das orientações mais ideológicas e políticas, inclusive aquelas que dizem respeito à vida quotidiana de um ativista ambiental, iremos tentar neste ponto dar a perceber as principais correntes de pensamento que constituem e definem na atualidade a forma de pensar verde, em particular pelo papel que um determinado conjunto partilhado de valores representam para a participação e ação.

Para iniciar esta discussão, voltamos a referir o já anteriormente citado Anthony Giddens e a sua obra “A política e mudança climática”, através da qual e mais concretamente no momento em que discute o pensamento verde no campo político, recupera, a partir da política verde alemã, as respetivas quatro principais linhas orientadoras. Estas são nomeadamente: “a sabedoria ecológica, a justiça social, a democracia participativa e a não violência”, sem esquecer ainda a “sustentabilidade e o respeito à diversidade” (Giddens, 2010: 79), a que iremos em seguida dar alguma

atenção. De notar que estes quatro princípios basilares constam também na *Carta Verde da Terra*, aprovada no congresso de partidos verdes realizado em Camberra, Austrália, no ano de 2001, e atualizada posteriormente em Dakar, Senegal, em 2012. Através deste documento é apresentada uma espécie de declaração de princípios que se constitui como um manifesto do pensamento verde, o qual tem sido difundido através de uma já alargada rede de partidos e movimentos políticos verdes, designada de Global Green Network.

Quanto à *sabedoria ecológica*, consiste no respeito por todas as formas de vida, tendo presente que dependemos dos recursos naturais para nos desenvolvermos como sociedade e que esses recursos são na verdade finitos, sem esquecer que, quando os consumimos, devemos considerar e ter em conta as gerações futuras (Global Greens, 2019).

Relativamente à *justiça social*, pretende-se dar nota da necessidade de distribuir esses mesmos recursos o mais equitativamente possível, através, por exemplo, da redução das desigualdades, como o acesso à educação, a redução ou suspensão das dívidas externas dos países em vias de desenvolvimento e, por último, o reconhecimento da igualdade de direitos a todos os indivíduos, seja quanto ao género, à idade, à raça e à classe social (Global Greens, 2019).

Na *democracia participativa*, talvez um dos princípios mais ambiciosos da esfera política, considerando que envolve transformações profundas nos próprios sistemas democráticos, implicaria, por exemplo, profundas transformações na própria organização institucional dos estados, com vista a permitir a participação direta dos cidadãos, a implementação de sistemas eleitorais adequados e justos, uma maior transparência nos processos de decisão e, claro, a redução das desigualdade no acesso à informação (Global Greens, 2019).

A *não violência* parece ser o princípio mais elementar, considerando que através dela se procura uma coabitação o mais harmoniosa possível com todos os outros sistemas não humanos, caso contrário cairíamos num paradoxo ou em radicalismos sem grande sentido prático e pouco pragmáticos. Este princípio tanto se prende com as estratégias ou táticas de ação direta, em especial no protesto, que toma a forma habitual da designada desobediência civil, como também diz respeito ao objetivo de fazer pressão com vista ao fim dos conflitos armados que grassam pelo mundo, bem como a redução ou fim do investimento na indústria de armamento e nas tendências belicistas dos estados (Global Greens, 2019).

Para finalizar, surgem os dois grandes princípios verdadeiramente orientadores e que definem claramente o pensamento político verde atual.

Assim, quanto à sustentabilidade, são reconhecidos os limites dos sistemas naturais relativamente à pressão que a atividade humana exerce, devendo esses limites ser respeitados, bem como a capacidade de esses sistemas se regenerarem. Isto pode ser conseguido através da mudança nos padrões de consumo e do crescimento da economia, ao mesmo tempo que se promovem os valores que se centram na reutilização, na redução da procura de bens materiais não essenciais, e ainda no combate aos produtos descartáveis no quotidiano dos indivíduos (Global Greens, 2019).

No que se refere à diversidade, no fundo, as grandes linhas são o respeito e aceitação de toda a diversidade humana, com o objetivo de construção de uma sociedade centrada em valores marcadamente cosmopolitas, de integração e aceitação do outro (Global Greens, 2019).

Trazendo uma outra forma de sistematizar as ideias e o pensamento verde, continuando a ter em linha de conta os princípios acima destrinçados, vale a pena considerar a proposta de um cientista social de nome Robert Goodin, que recorre em simultâneo a uma "teoria verde do valor" e a uma "teoria verde da ação" (Goodin, 1992: 23).

A *teoria verde do valor* fornece todos os ingredientes morais e éticos, no que respeita à conceção dos valores, e também os valores que realmente importam defender e que orientam o posicionamento político verde. Desta forma, estabelecem-se as fronteiras que importam, relativamente às restantes forças políticas (Goodin, 1992). Já a *teoria verde da ação* define a forma e os tipos de abordagem a levar em consideração, ou seja, os meios e os recursos necessários, no sentido de atingir os objetivos pretendidos (Goodin, 1992).

A *teoria verde do valor* tem como condição principal o facto de o valor nela inscrito ter origem em tudo o que é natural ou, então, ao que diz respeito à natureza. No fundo, refere-se ao que tem origem na valorização dos recursos naturais, excluindo-se tudo que resulte da atividade humana (Goodin, 1992).

Todavia, só esta definição não sustenta a relevância desta teoria. Para isso acontecer há um conjunto de conceitos cuja relação entre si fornece a necessária consistência e propriedade. Assim, segundo Goodin, tais conceitos são:

O "pós-materialismo" (1992: 75), na verdade, nas atuais sociedades as questões que se prendem com a proteção do ambiente e da natureza só poderão vir a seguir às questões materiais ou, melhor dizendo, quando as condições materiais de existência estiverem praticamente todas satisfeitas;

A "insubstituibilidade" (1992: 77), ou seja, deve ser sempre considerado o facto de os ecossistemas, os bens naturais e o meio ambiente na sua totalidade se definirem como insubstituíveis. Ou seja, a natureza é um bem que é insubstituível;

A “sustentabilidade” (1992: 83), que não necessita de grandes explicações, para além do facto de estar diretamente associada à insubstituibilidade relativamente a tudo o que tem origem na natureza. No entanto, a sustentabilidade pode considerar-se como um dos princípios éticos e morais mais relevantes na teoria verde do valor;

A “futuridade” (1992: 85) que por sua vez está relacionada com a sustentabilidade e a insubstituibilidade. Trata-se de um conceito que projeta as preocupações ambientais num futuro a longo prazo, em que se inclui a manutenção dos recursos naturais, de preferência com o mínimo impacto humano;

A “libertação” (1992: 95). Na verdade, grande parte da narrativa dos ambientalistas está associada à liberdade: a liberdade dos povos oprimidos, a liberdade da natureza ainda intocada, a liberdade dos animais selvagens em cativeiro etc. São todas referências à libertação e à ideia de liberdade, procurando-se o oposto do controlo e do domínio das instituições sobre tudo o que é natural e que deve ser preservado, bem como a emancipação e a capacitação dos povos;

Por fim, temos a “autenticidade” (1992: 98). Aqui o significado diz respeito a tudo o que é autêntico a partir da natureza, tendo alguma relação com a insubstituibilidade. Nesta ideia, defende-se o modo de vida simples e em comunhão com os outros seres que coabitam o planeta. É também um princípio ético e moral que pretende valorizar um modo de vida afastado da superficialidade e da artificialidade, resultantes do consumismo desregrado e irresponsável, bem como de uma cultura assente no descartável e na satisfação imediata. Esta ideia aproxima-se muito daquilo a que hoje se chama de modo de vida minimalista.

Passamos agora para a *teoria verde da ação* que é, como o próprio nome indica, uma teoria da ação. Goodin refere que quer se aplique a grupos ou a indivíduos, trata-se de uma teoria que se operacionaliza sempre a partir do indivíduo, ou, melhor dizendo, desenvolve-se a partir da escala do ator individual, porque “a ação humana individual vem sempre primeiro. E é a partir disto que qualquer teoria da ação deve ser discutida em primeiro lugar” (Goodin, 1992: 180). Esta citação vem, portanto, reforçar a nossa opção de incluir alguns elementos do chamado pensamento verde num estudo que visa o indivíduo ou o ator individual como unidade de análise.

Relativamente aos princípios fundamentais da *teoria verde da ação*, estes são essencialmente dois e claramente centrais, podendo dizer-se que, na verdade, ambos acabam por orientar em alguma medida a forma como se processa um desempenho adequado do papel de ativista ambiental.

Assim, para Goodin, tais princípios são:

A “participação democrática” (1992: 181), que diz respeito a uma participação direta do indivíduo nas decisões que diretamente ou indiretamente o poderão afetar ou ter

impactos no seu quotidiano, no espaço onde se move e no ambiente que o rodeia ou na sua comunidade. No fundo, a ideia é contrariar a tendência atual de concentrar e deixar todos os processos de decisão nas mãos de um grupo restrito de indivíduos colocados em posições de poder. Ao invés disso, a participação democrática procura dar voz e poder de decisão às bases. Em paralelo, a participação ativa de carácter ambientalista no plano político, segundo Goodin, resulta bem melhor quando é levada a cabo por um indivíduo dotado de habilitações escolares elevadas e que ao mesmo tempo esteja posicionado numa posição social mais elevada e economicamente mais desafogada. Ou seja, falamos das elites, as quais estão claramente conscientes da eficácia da sua participação (Goodin, 1992);

A "não violência" (Goodin,1992: 188), que consiste no conjunto de princípios norteadores da ação do indivíduo ativista ambiental e que é um dos princípios mais centrais. Convém deixar claro que a *não violência* não deve ser confundida com uma ideia de passividade. Na verdade, para Goodin (1992), esta atitude é uma forma de resistência ou até mesmo uma estratégia de ação direta que, por norma e como já foi referido, se designa de desobediência civil.

Para concluir, importa reter que o pensamento verde possui uma relativa diversidade de formas de expressão e nem sempre se processou do mesmo modo ao longo dos anos. Na verdade, devemos ter em conta que as ameaças ao ambiente e as representações que se fizeram delas também variaram ao longo dos diversos momentos da modernidade e da pós-modernidade, inclusive o significado atribuído ao próprio conceito de ambiente.

Ora, uma distinção que é importante desde logo fazer prende-se com a diferença entre os conceitos de "conservacionismo", "ambientalismo" e o de "ecologismo" (Dunlap & Michelson, 2002: 642). Podemos observar que a origem dos respetivos movimentos que então se desenvolveram ocorreram em épocas distintas. Começando pelo conservacionismo, o seu início ocorreu em meados do século XIX, tendo depois surgido, já em meados do século XX, o ambientalismo e, por fim, o ecologismo, que teve o seu advento numa fase mais tardia do século XX, como forma de representar a evolução e cada corrente de pensamento verde, Dunlap & Michelson apresentam na sua obra o seguinte quadro.

Quadro 5.2 - Os três estágios do ativismo ambiental

Fonte: Dunlap & Michelson, Handbook of environmental sociology; 2002: 642

	Conservationism	*Environmentalism*	*Ecologism*
Approximate Beginnings	Late nineteenth century	Mid-twentieth century	Late twentieth century
Primary Goals	Conservation of natural resources	Protection of environmental quality	Maintenance of ecological sustainability
Dominant Ideology	Natural resources should be used efficiently for the good of all society	Environmental quality should be protected for a high quality of life	Ecosystems should be protected for the benefit of all species
Worldview	Anthropocentric	Anthropocentric	Ecocentric
Nature of Issues	Geographically bounded (typically rural), specific, unambiguous	Geographically dispersed (often urban); delayed, subtle, and indirect effects; potentially harmful to human health	Extremely diverse; systemic and synergistic effects; potentially irreversible and harmful to all life on Earth
Example	Over-logging of a specific forest area	Urban air and water pollution	Global environmental change
Cost of Solution	Relatively small, localized	Often substantial	Potentially infinite
Tactics	Lobbying	Lobbying, litigation, citizen participation	Lobbying, litigation, electoral action, direct action, life-style change
Opposition/ Culprits	Natural-resource industries; local economic interests (loggers, hunters)	Corporations, economic growth, modern lifestyles	Status quo; excess human production, consumption, and population

Tanto o ambientalismo como o ecologismo podem considerar-se praticamente contemporâneos, em termos de movimentos sociais e pensamento político, no entanto, não podemos esquecer que o conservacionismo ainda continua bem vivo.

Além das diferenças relativamente aos momentos em que surgem estas três correntes, existem diferenças quanto às suas origens e, ainda mais importante neste nosso caso, existem diferenças na tipologia dos próprios movimentos e organizações.

Neste sentido, um dos autores que discutem a distância existente entre ambientalismo e ecologismo, no âmbito do pensamento verde, é Andrew Dobson, um

destacado cientista especializado em política ambiental. Segundo Dobson (2000), em ambas as correntes, o objetivo principal visa de uma forma geral centrar a atenção da sociedade nos grandes problemas ambientais da atualidade, que fazem igualmente parte das preocupações dos seguidores tanto do ambientalismo como do ecologismo. No entanto, subsiste uma diferença relevante que se prende com o tipo de abordagem realizada no campo das soluções que apresentam para os problemas ambientais e ecológicos (Dobson, 2000).

Desta forma, o que caracteriza o ambientalismo é, por vezes de uma forma muito vincada, não reconhecer e acompanhar a ideia de um certo fatalismo que é muito associado à questão dos limites ao crescimento económico e demográfico. Também não renega o capitalismo e é de alguma forma tolerante com a atividade industrial, nomeadamente com as chamadas indústrias limpas.

Já o ecologismo define-se através do recurso a narrativas que destacam o primado do mundo não-humano como um valor fundamental a preservar, a par da quase permanente centralidade da ideia de igualdade entre os humanos e as outras espécies que habitam o planeta.

Quanto à ação, os ambientalistas optam por abordagens claramente menos radicais e mais institucionais, promovendo transformações não totalmente radicais na atual sociedade de consumo. Já os seguidores do ecologismo defendem mudanças radicais e profundas nos padrões de consumo e no modo de vida das sociedades atuais, em particular as ocidentais (Dobson, 2000).

Há ainda uma diferença entre estas duas correntes que justifica a recente ascensão e posicionamento político de alguns partidos verdes da atualidade. Esta diferença prende-se com o facto de que se para Dobson, “o ecologismo pode ser qualificado como uma ideologia política, já o ambientalismo não” (2000: 4). Este dado explica-se pelo radicalismo que caracteriza o ecologismo por comparação ao ambientalismo, um radicalismo que preconiza uma mudança social, no sentido do estabelecimento de uma sociedade com novos valores e padrões de conduta, o que não é tão evidente no caso do ambientalismo.

Assim, se examinarmos o panorama político atual, recorrendo às ideias de Dobson, observamos que além de ideologias como o liberalismo, o socialismo ou o femininismo, o ecologismo pode perfeitamente ser considerado como uma nova ideologia política e o que se procura nela, é no fundo, um novo paradigma relativamente à relação entre o mundo humano e o não humano, no âmbito do qual terá de haver uma profunda transformação no que respeita ao crescimento económico, à industrialização e aos atuais padrões de consumo (Dobson, 2000).

Ainda em sentido semelhante, Dobson introduz a mesma distinção no campo da cidadania, ou seja, estabelece uma distinção entre *cidadania ambiental* e *cidadania ecológica*. Para este autor, a cidadania ambiental desenrola-se em exclusivo na "esfera pública" (Dobson, 2003: 89), tratando-se de uma cidadania que toma lugar no quadro de uma ação política já institucionalizada e que pouca diferença tem relativamente a outros tipos de cidadania. Já a *cidadania ecológica*, além de se desenvolver na esfera pública, desenrola-se igualmente na esfera privada, é claramente politizada e não segue os tradicionais padrões da prática política, além de querer estender os direitos de cidadania aos seres do mundo não humano. De notar que ambos os tipos de cidadania não se anulam nem se encontram em campos opostos, ao invés disso, acabam por se complementar e contribuem para um futuro sustentável (Dobson, 2003).

O mesmo tipo de diferença pode igualmente ser encontrado na obra "Handbook of Environmental Sociology", da autoria de Riley E. Dunlap e William Michelson, quando discutem o movimento ambiental norte-americano, designadamente a evolução histórica do pensamento verde, que surgiu do conservacionismo em direção ao ambientalismo e em seguida ao ecologismo. Ou seja, os três estágios do ativismo ambiental (Mertig, Dunlap & Morrison, 2002: 639).

Segundo estes autores, o que se pode entender, em termos de valores a preservar na corrente conservacionista, prende-se com a ideia de que haveria unicamente alguns aspetos da natureza que deveriam ser protegidos. Procurava-se unicamente a preservação de determinados elementos do mundo natural no seu estado selvagem primário e sem qualquer intervenção humana. Nesta corrente, valoriza-se a natureza essencialmente pelo seu valor estético relacionado com as conceções mais romantizadas do que é selvagem e natural. Na verdade, a natureza deveria ser apreciada no seu estado mais selvagem e intocado (Mertig, Dunlap & Morrison, 2002: 425-442).

Quanto ao ambientalismo, pode dizer-se que este se move de uma forma distinta. Trata-se de uma perspetiva muito mais abrangente, que resulta da tomada de consciência dos impactos do desenvolvimento e do progresso, nomeadamente industrial e ainda levando em conta vários outros aspetos da dimensão humana, para a qual contribuíram também as preocupações com a qualidade de vida nas áreas urbanas, como o bem-estar ou a qualidade de vida. Trata-se de uma linha de pensamento que, pode dizer-se, é politicamente bastante mais antropocêntrica, em que a conservação da natureza e dos seus valores é vista sempre a partir do bem-estar humano e da ideia de que a natureza existe para apoiar os sistemas humanos (Dobson, 2000; Mertig, Dunlap & Morrison, 2002).

6. O conceito de disposição

Como se pode perceber através dos diversos contributos de âmbito teórico até aqui apresentados, a importância da dimensão individual na ação coletiva ambiental é um dado claramente central na nossa pesquisa. Os movimentos sociais e a ação coletiva não devem somente ser analisados como um aspeto da realidade social formado por um conjunto de indivíduos que agem coletivamente, porque, na verdade, estamos perante fenómenos cujo estudo é complexo e tem de considerar diversos fatores e elementos. Um deles prende-se com a necessidade de perceber como se processa a mobilização e a participação do indivíduo. Para isso, além do recurso a teorias que usem escalas e dimensões de análise de maior amplitude, é igualmente necessário recorrer as perspetivas mais do âmbito da sociopsicologia. Surge assim a possibilidade de entender a forma como "as biografias dos participantes num movimento atestam o facto de o reconhecimento entre os diversos participantes do movimento se constituir como uma experiência profundamente emocional que conduz à sua participação e compromisso com a luta" (Melucci, 1996: 300).

Por este motivo, entende-se que o papel das disposições sociais pode desempenhar uma função explicativa bastante relevante em relação ao indivíduo e ao que o leva a participar ativamente em ONGA. Na verdade, é sabido que a consciência ambiental e os valores que lhe dizem respeito são o produto da relação recíproca entre o conhecimento, as emoções, os interesses individuais e os valores, pelo que é de todo o interesse, para a compreensão do papel destes elementos, valorizar as escalas de análise micro (Haller & Hadler, 2008: 281-311).

Uma justificação semelhante é apresentada por Bernard Lahire, uma vez que, segundo ele, "a pluralidade de disposições e de competências, por um lado, a variedade de contextos de sua efetivação, por outro, é que podem explicar sociologicamente a variação de comportamentos de um mesmo indivíduo, ou de um mesmo grupo de indivíduos, em função de campos de práticas, de propriedades do contexto de ação ou de circunstâncias mais singulares da prática" (Lahire, 2006: 18).

Ora, considerando os elementos atrás referidos, é patente que o próprio conceito de *disposição* apresenta, quando se desce à escala individual, uma mais do que adequada capacidade explicativa. Para tal, é relevante olharmos para o que significa então uma *disposição* e o que representa na sociologia de Bernard Lahire.

A relevância em termos sociológicos do conceito pode ser desde logo apreendida através da referência de Norbert Elias no seu livro "Mozart: sociologia de um génio", relativamente à disposição para a composição musical de Mozart não poder ser de forma alguma inata ou ter uma origem genética. Segundo Elias, "é completamente

impossível uma pessoa ter uma disposição natural, ou seja, consolidada nos genes", (1993: 68), na verdade, uma disposição forma-se inteiramente através de processos sociais, daquilo que por norma se designa por socialização do indivíduo.

É igualmente pertinente referir o que Bourdieu entendia por disposição, considerando que foi a partir das ideias de Bourdieu que Lahire desenvolveu as suas conceções teóricas mais relevantes. Assim, para melhor explorarmos o conceito, iremos proceder a um pequeno confronto entre o que defendem ambos os autores.

Em Bourdieu, uma disposição tem um efeito de "estrutura", é uma "maneira de ser", um "estado habitual", "uma predisposição, uma tendência, uma propensão ou uma inclinação" (2002: 163) e, em conjunto com outras disposições igualmente "duradouras e transponíveis" (2002: 167), forma um sistema designado de *habitus,* cuja génese provém das experiências passadas, o qual define as práticas independentemente do contexto social atravessado.

Já para Lahire, uma disposição é uma "realidade reconstruída", uma "maneira de ver, sentir ou agir que se ajusta com flexibilidade às diferentes situações encontradas", cuja observação, identificação e interpretação só são possíveis através da análise sistemática de "comportamentos, práticas e opiniões", entre outros elementos constituintes do self e em diferentes contextos. Ou seja, uma disposição consiste num conjunto de "princípios que geraram a aparente diversidade de práticas" (Lahire, 2004: 24, 30). O que ressalta desde logo em comum nestas duas conceções é, em nosso entender, a necessidade de uma análise à escala micro e a realização de um trabalho meticuloso de interpretação que, só assim, permitirá a identificação, o mais objetivamente possível, do património disposicional que serve de suporte e alavanca a determinadas práticas e ações.

A proposta teórica de Bernard Lahire não tem, contudo, uma génese isolada e desligada de todo o universo teórico da sociologia. Os seus alicerces provêm do património conceptual de outras teorias sociológicas anteriores à sua, muito particularmente de tradição disposicionalista, como é a de Bourdieu, ou então das propostas relativas à análise das situações e contextos de interação, como é por exemplo a de Erving Goffman.

Bernard Lahire, quando decide desenvolver a sua sociologia à escala individual, com referência ao conceito de *ator plural*, fá-lo dando início a uma crítica ao conceito de *habitus* preconizado pelo seu mestre Pierre Bourdieu. Lahire começou por centrar um dos seus argumentos na importância da consciência da ação por parte do ator individual. Este é um dado importante, uma vez que o que aqui se procura é também perceber o que representa, para os próprios indivíduos, identificar-se e agir como um ativista ambiental no seio de uma ONGA, ou seja, há a busca de uma certa reflexividade.

Sabe-se que, para Bourdieu, a "prática é ao mesmo tempo necessária e relativamente autónoma, por referência à situação considerada na sua imediatez" (2002: 167), ou seja, o ator individual, segundo este autor, age e desenvolve as suas práticas sem ter praticamente consciência das mesmas. A prática, em Bourdieu, é assim o efeito de um sistema de disposições duradouro que opera a um nível pré--consciente, é o *habitus* que possui o indivíduo, "o que significa que o privilégio tradicionalmente conferido à consciência e aos conhecimentos reflexivos não têm fundamento" (Bourdieu, 2002:). Ou seja, é o *habitus* que abarca o indivíduo, tratando--se de um "sistema subjetivo mas não individual de estruturas interiorizadas, esquemas de perceção, de conceção e de ação, que são comuns a todos os membros do mesmo grupo" (Bourdieu, 2002:183). De alguma forma exclui da análise a origem das disposições num ator individual, em detrimento do estudo de um conjunto de disposições possuídas por um determinado grupo social, comunidade ou classe, no fundo a influência da estrutura social sobre indivíduo.

Já em Lahire, e apesar de tal como Bourdieu considerar que o património disposicional é fruto da experiência passada e resultado de múltiplos contextos de socialização a que o indivíduo está sujeito ao longo do seu percurso de vida (Lahire, 2001), observa-se que o sentido prático, em conjunto com a reflexividade e, claro, a própria consciência são perfeitamente compatíveis com o decurso da ação protagonizada pelo ator individual (Caetano, 2013: 1-70).

Em bom rigor, o que Lahire no essencial refere, no âmbito da sua análise aos patrimónios disposicionais, é que a "pesquisa fez com que esquemas interpretativos passassem de um uso semiconsciente para um uso reflexivo e controlado" (Lahire, 2004: 26), o que permite localizar e identificar a génese das disposições. Desta forma, é permitido perceber no seio da subjetividade do indivíduo, conceitos como a *heterogeneidade disposicional*, a *oposição disposicional* e a *ativação* ou *adormecimento* de disposições, com o recurso a uma análise sempre orientada por uma perspetiva diacrónica que contempla o percurso biográfico do ator individual.

Na sua teoria do *ator plural,* Lahire dedica um capítulo à questão dos "processos de incorporação-interiorização" (2001: 225), nos quais se destacam algumas características de transmissão de "hábitos corporais, cognitivos, avaliadores, apreciativos etc., isto é, esquemas de ação, maneiras de fazer, de pensar, de sentir e de dizer adaptados (e, por vezes limitados) a contextos sociais específicos" (2001: 227), essencialmente através da interação entre os atores individuais, enquadrada nos diversos contextos sociais e que Lahire designou por "transmissão cultural (herança imaterial)" (2001: 229). Estas características dizem respeito, por exemplo, ao facto de o conteúdo destas transferências poder sofrer modificações de ator para ator, consoante

o tipo de contexto social onde ocorre tal transmissão, e igualmente por não ocorrerem num período curto, ou seja, envolvem habituação e são progressivas, dependem igualmente da vontade e do empenhamento, bem como de um envolvimento emocional por parte de quem recebe. Não se pode esquecer também que estas características culturais ocorrem igualmente de forma inconsciente (Lahire, 2001).

Outro contributo de relevo de Lahire e do seu paradigma diz respeito a uma dicotomia bastante pertinente e que assenta na distinção entre as "disposições para agir e disposições para crer", designando-se as segundas, por *crenças* (Lahire, 2005: 17). As *disposições para agir e para crer,* em termos conceptuais, apresentam uma importância destacada neste nosso objeto de estudo. Por um lado, há o peso que as crenças possuem na cultura, na forma como são partilhadas dentro dos movimentos e na formação de uma identidade ativista pelo ambiente. Por outro, em relação às disposições para agir existe a sua ligação ao papel das emoções, e a forma como tanto a ação e a emoção se interrelacionam. Tal como refere J. M. Barbalet a propósito desta relação e da forma como a ação pode ser explicada com o contributo das emoções, "a emoção é provocada pelas circunstâncias e é experimentada como uma transformação das disposições para agir. É através da troca ativa do sujeito com os outros que a experiência emocional é estimulada no ator e orientadora da sua conduta" (Barbalet, 1998: 47).

Na verdade, as disposições para serem mobilizadas, e em particular as disposições para agir, têm de necessáriamente estar relacionadas com um determinado contexto, mais ou menos situado na biografia individual (Lopes, et al., 2016: 37-56). Um contexto que necessáriamente implica um estado emocional.

Estes dois tipos de disposições, tal como tem vindo a ser referido, são interiorizadas pelo ator individual através da socialização, contribuindo por vezes para "crises de adaptação, crises do elo de cumplicidade ou de conivência ontológica entre o incorporado e a nova situação" (Lahire, 2001: 63). Estas crises ou desajustamentos são na verdade bastante frequentes nas atuais sociedades, marcadamente complexas e bastante diferenciadas. No entanto, contrariamente às disposições para agir, as disposições para crer necessitam sempre de meios específicos ou, melhor dizendo, dos recursos adequados para serem ativadas. Em bom rigor, é necessário aquilo que Lahire designa por "possibilidades reais da ação" (Lahire, 2005: 18). No fundo, podemos traçar, também aqui, um ponto em comum com os eixos que integram o esquema de Melucci, mais precisamente os referentes aos *meios* e ao *ambiente*[18], ou então, segundo Jasper, no caso de situações e eventos que acabam por desencadear respostas emocionais

[18] Ver página 37.

que conduzem ao protesto. Desta forma, poderia dizer-se que um indivíduo pode muito bem ter interiorizado crenças e valores orientados para a proteção do ambiente e, ainda assim, só vir a agir de acordo com tais crenças, por intermédio da sua participação e após a sua envolvência num grupo cuja *identidade coletiva* assenta nas mesmas crenças e valores, como por exemplo uma ONGA.

Tal como refere Lahire, "é necessário, por isso, fazer um esforço para distinguir os diferentes elementos constitutivos da estrutura complexa, que formam as combinações individuais de disposições para agir (hábitos de ação), de crenças (disposições para crer, hábitos mentais e discursivos), elas próprias mais ou menos fracas ou fortes" (2005: 19) e que, no caso deste nosso objeto de estudo, podem significar diferentes níveis de participação e ativismo.

7. A função das emoções

Um dos conceitos que, de acordo com a perspetiva sociológica, retiramos das perspetivas da ação coletiva e das teorias que estudam os NMS ao nível do indivíduo e da sua participação, por exemplo no associativismo ambiental, é o conceito de emoção.

O estudo da realidade social, através do conceito de emoção e do seu papel nos fenómenos sociais que constituem essa mesma realidade, é ainda bastante novo. Só recentemente o programa da teoria sociológica começou a desenvolver perspetivas centradas nas emoções (Jasper, 1997; Collins, 2004).

A nossa opção de recorrer ao conceito de emoção, como um dos elementos que contribuem para explicar a decisão de um ator individual participar numa ONGA, prende-se com o facto de uma ou várias emoções sentidas à escala individual acabarem por conduzir a este tipo de ação, que é a participação e o ativismo, resultando igualmente daqui novos estados emocionais. No fundo, as emoções encontram-se antes e após as ações e às práticas sociais (Dias, 2006: 295-313).

Antes de conceptualizar e definir o que é uma emoção em termos sociológicos, começamos por citar o conhecido filósofo Jean-Paul Sartre no seu "Esboço de uma Teoria das Emoções", quando refere que "o sujeito emocionado e o objeto emocionante estão unidos numa síntese indissolúvel. A emoção é uma certa maneira de apreender o mundo" (2006: 57). Com esta citação podemos concluir que existe uma dialética entre uma dada situação, ou acontecimento, e o próprio indivíduo, dialética que acaba por suscitar a emoção. É esta emoção que permite ao indivíduo interpretar o mundo real através da sua subjetividade.

O estudo dos NMS tem também contribuído para a elevação do papel das emoções como objeto da sociologia, em grande medida pela relevância que a identidade tem para

o estudo dos NMS, com as emoções a desempenhar um papel essencial nos respetivos processos identitários (Barbalet, 1998). É, aliás, o já citado Barbalet que, no âmbito da sua discussão sobre as emoções e a estrutura social, refere o ressentimento como uma das emoções que se destacam nas estruturas assentes na desigualdade de rendimentos, ou seja, nas classes sociais, aquilo a que designou de "ressentimento de classe". No entanto, tal não afasta a importancia da emoção "como um fenómeno de nível individual, como uma experiência psicofisiológica empírica de pessoas individuais" (Barbalet, 1998: 119). No fundo, a emoção é importante em duas escalas, uma ao nível das relações sociais de atores coletivos e outra mais micro, à escala do ator individual (Barbalet, 1998).

Continuando na definição do conceito de emoção através da perspetiva sociológica, o sociólogo norte-americano Robert A. Thamm refere que as emoções dizem respeito "à forma como o corpo responde às condições ambientais" e que as "emoções incluem simultaneamente uma apreciação e uma dimensão social, ambas definidas por um processo em que os atores primeiro avaliam e depois respondem, quer a situações imaginadas, quer reais, centradas em situações sociais" (*in* Stets & Turner, 2006: 16). Este é, na verdade, um argumento que mais uma vez reforça a ideia de que um estado emocional é socialmente determinado.

No entanto e apesar de em alguns pontos deste nosso trabalho haver referências à análise das situações à escala micro, na aceção do interacionismo simbólico, o nosso objetivo não é em exclusivo a análise das emoções em situações de interação pessoal, mas identicamente as emoções que diretamente resultam de eventos com o potencial de conduzir o indivíduo a participar num movimento e também as emoções que resultam e estão diretamente relacionadas com esse tipo de participação.

Continuando na senda do interacionismo simbólico relativamente à função das emoções na participação e no envolvimento do indivíduo num movimento ou num grupo, recuperamos o que Randal Collins refere relativamente ao papel da emoção, na sociedade, em que a "emoção é um ingrediente central nos rituais de interação" (Collins, 2004: 102). É neste sentido que as emoções podem considerar-se um conceito central na teoria sociológica. Para fundamentar este facto e recorrendo a uma ideia claramente *durkheimiana,* é referido que o que mantém a sociedade unida são "os mecanismos que produzem a solidariedade moral" (Collins, 2004: 102). Estes mecanismos[19], na opinião de Collins, "intensificam a transformam as emoções" (2004: 102). Para este autor, o que mantém a sociedade unida, ou seja, a "cola da solidariedade, e o que mobiliza o conflito

[19] Mais especificamente, os conceitos de *solidariedade mecânica* e de *solidariedade orgânica* de Durkheim já referidos nas páginas 23 e 24.

a emergir dos grupos que se mobilizam, são as emoções". Desta forma e como na boa tradição interacionista, a sociedade é composta por uma multiplicidade de situações e contextos de interação, em que as emoções são o "ingrediente principal" (Collins, 2004: 103) na análise de uma da situação.

Quando Collins conceptualiza as emoções no âmbito dos rituais de interação[20], logo no início refere que estas, por norma, consistem em experiências "súbitas e dramáticas" (2004: 105). Aqui podemos estabelecer a ideia de que uma determinada emoção é resultante de uma situação com as condições de um determinado contexto social, diretamente experimentada ao nível individual e resultando numa forma de agir condicionada por essa mesma emoção.

Um outro conceito de Collins diz respeito à "energia emocional" (2004: 106), explicada pelo facto de a mesma existir nas situações de interação, por intermédio de símbolos produzidos em situações emocionais anteriormente experimentadas pelos indivíduos (2004: 107). Esta energia emocional é, segundo Collins, resultado de dois tipos de emoções: as de "longo prazo" e as de "curto prazo" (2004: 106, 107, 108). No sentido de melhor definir estas duas tipologias de emoções e a forma como esta *energia emocional* se processa, Collins apresenta como exemplo um funeral. Nesta situação, a *emoção de curto prazo* diz respeito à "tristeza" experimentada por cada indivíduo do grupo e presente neste ritual; a *emoção de longo prazo* é um sentimento de "solidariedade daquele mesmo grupo" (2004: 108). O mesmo se passa no decorrer de uma festa, em que alegria e felicidade são as *emoções de curto prazo* e a *emoção de longo prazo* diz respeito à satisfação que o indivíduo experimenta "por um sentimento ou estado de pertença a um grupo" (Collins, 2004: 108). Não será difícil a partir daqui considerar que este processo ocorrerá de forma idêntica e com um tipo de emoções algo similiar, quando um indivíduo se envolve em atividades, muitas vezes de forma altruísta e voluntária, desenvolvidas pela ONGA a que pertence e na qual participa ativamente.

Um outro aspeto resultante da *energia emocional* diz respeito ao facto de, segundo Collins, poder também ser "elevada ou reduzida" (2004: 108). A *energia emocional elevada* traduz um "sentimento de entusiasmo ou confiança sentido através da interação social"; na verdade, um indivíduo "é impulsionado por uma força emocional resultante da interação no grupo" (Collins, 2004: 108), o que leva a que o indivíduo se torne um participante ativo e bastante entusiasta dentro do grupo a que pertence. Como exemplo

[20] A teoria do ritual de interação surge no âmbito da designada microssociologia e ocupa-se do estudo das situações momentâneas entre indivíduos. É uma teoria de "encontros momentâneos entre corpos humanos anteriormente carregados com emoções e com consciência, que resultam de uma sequência de encontros anteriores" (Collins, 2004: 5).

deste argumento, podemos referir a experiência positiva que muito ativistas ambientais retiram diretamente do serviço voluntário em prol do ambiente através da ONGA.

Já a *baixa ou reduzida energia emocional* leva o ator individual a um défice de solidariedade com o grupo em que está inserido (Collins, 2004). Da mesma forma, podemos aqui estabelecer um certo paralelismo entre a identificação do ator individual com a identidade coletiva de um determinado grupo ou movimento.

Para finalizar o destaque da *energia emocional,* refere-se que esta é armazenada pelo indivíduo sob a forma de símbolos e elementos congnitivos, através da experiência passada ou, melhor dizendo, de rituais que produziram *emoções de longo prazo.* É através destes símbolos e elementos cognitivos que o indivíduo se capacita para fazer face e dominar determinadas situações, bem como para promover a sua participação em determinados grupos (Collins, 2004).

Outro destaque importante na dialética que existe entre as emoções e a participação numa ONGA diz respeito ao conceito de "reflexividade emocional" (Flam & King, 2005: 150). Este conceito encontra-se ligado à multiplicidade de contextos sociais e dimensões da vida quotidiana que vários ativistas ambientais experimentam, desde a atividade profissional, passando pelo contexto familiar e terminando no contexto da ONGA. Esta transição entre as diversas esferas do quotidiano implica a necessidade de uma constante adequação emocional, resultante da heterogeneidade de papéis que acabam por ser mobilizados, em virtude destes múltiplos atravessamentos.

Portanto, quando se experimenta a transição do contexto profissional, em que por vezes imperam os "valores e as ideias impostas pela sociedade dominante" (Flam & King, 2005: 151), em direção ao contexto social de uma ONGA, onde, por norma, imperam valores e normas distintas das anteriores, ocorre aquilo a que Debra King chamou de "desintegração" (2005: 151). Ou seja, o que esta transição demonstra é que o ativista, no nosso caso o ativista ambiental, não se encontra totalmente comprometido com os valores dominantes, acabando por haver lugar a uma "dissonância tanto de nível emocional como cognitiva" (2005: 152), o que, em bom rigor, é essencial para o desenvolvimento de uma *indentidade de ativista* (Flam & King, 2005). Neste sentido, a *dissonância* resulta da *desintegração*, sendo uma incoerência que, no caso do ativista, reforça a sua identidade enquanto tal, através de uma constante oposição relativamente às normas e valores dominantes da restante sociedade. No mesmo sentido, esta dissonância não se centra unicamente nos valores e normas, mas afeta também as emoções (Flam & King, 2005). Este realinhamento de emoções, que muitas vezes é realizado reflexivamente e reiterademente, configura uma estratégia no sentido do próprio indivíduo se adequar em termos de atribuição de sentido e de representações, nos momentos em que interage no contexto social de um MS (Flam & King, 2005).

Para terminar este ponto e complementar o que até aqui foi referido quanto ao papel das emoções em termos sociológicos na nossa pesquisa, pode assurmir-se a ideia de que os ativistas, "através de processos emocionais complexos que poucos investigadores têm analisado, canalisam os seus medos e raiva em direção à indignação e atividade política individual e coletiva" (Jasper, 1997: 106). Temos assim presente o poder que têm as situações impactantes e marcantes, em termos dos valores e crenças de um indivíduo, para despertarem nele emoções que o levam à ação no âmbito do ativismo ambiental. No mesmo sentido e se estiverem identificados os responsáveis ou os autores, mesmo que indiretos, de situações ou decisões que contrariem e ponham em causa, por exemplo, valores verdes, como a dragagem de um estuário, a construção de um aeroporto numa área protegida ou descargas de resíduos num rio, surge uma multiplicidade de emoções com o objetivo de isolar um culpado ou responsável, que irá ser objeto das mais diversas ações de protesto (Jasper, 1997; 1998).

Concluindo, podemos referir que a participação como ativista numa ONGA é sempre uma ação fortemente emocional, pois envolve uma reação individual ligada a algo que de alguma forma tenha afetado os valores individuais de referência. Em simultâneo, esta participação baseia-se na interação com outros ativistas e resume-se também a ligações emocionais com outros membros e com a própria organização.

Não podemos esquecer o papel igualmente importante da socialização e da existência de um conjunto de disposições que, a partir daquela, tomam forma, o que conjuntamente contribui para enquadrar e perceber como o indivíduo age por intermédio de um determinado estado emocional, relativamente a um aspeto particular da realidade. Esta é para já uma das hipóteses que assumimos na nossa pesquisa.

8. A proposta de síntese

Já aqui foi assumido que o que se pretende para o edifício teórico que irá orientar este nosso objeto de estudo será uma síntese entre a teoria do ator plural de Lahire e as perspetivas da ação coletiva, ou, se quisermos, dos NMS. Estas perspetivas desejavelmente assentam numa relação de conceitos centrada ao nível do indivíduo ou, melhor dizendo, à escala do ator individual.

Se, numa primeira fase deste trabalho, as referências às abordagens da ação coletiva tiveram como propósito principal elencar uma série de conceitos relevantes em termos de importância analítica no desenvolvimento da pesquisa que aqui se propõe, por outro lado, o objetivo foi também o de demonstrar que o estudo dos NMS é possível com o recurso à subjetividade do ator individual. Neste ponto, destaca-se o papel das emoções, dos valores e das crenças que diretamente digam respeito ao

desenvolvimento de um conjunto de disposições enformadoras da ação de um ativista ambiental, sem esquecer a análise de como é que esse conjunto de elementos contribui para a mobilização e participação dos indivíduos no contexto das ONGA.

Um traço comum a todas as perspetivas é, sem dúvida, a importância dos valores e das crenças associados ao ambientalismo, ecologismo e, o mais ancestral, o conservacionismo. Aliás, é devido à sua função crucial no âmbito da participação no tipo de ação coletiva mais organizada, como é o caso das ONGA, que se incluiu nesta reflexão a perspetiva de Inglehart, a qual justifica a emergência dos valores e crenças de carácter pós-materialista, como é o caso do ambientalismo e das preocupações com a degradação ecológica. No fundo, se observarmos as razões que, segundo Inglehart, conduzem a sociedade e os indivíduos a preocuparem-se com este tipo de problemáticas, constata-se que elas estão indubitavelmente ligadas a aspetos e contextos inscritos, ainda que não de uma forma perfeitamente coerente, no trajeto biográfico do indivíduo inserido numa sociedade complexa e diferenciada. É durante o trajeto de vida que o indivíduo é confrontado com a constante articulação entre duas experiências distintas, a de um passado *incorporado* e a de um presente *contextual*, conjunturalmente distintos. Retomando as fontes de mudança de valores de Inglehart, o mesmo refere que estas experiências distintas podem acontecer em termos de *inovação tecnológica, mudanças na estrutura ocupacional,* com diferentes níveis de *desenvolvimento económico* e na própria educação escolar, que, tal como Lahire refere a propósito do *passado incorporado* e do *presente contextual*, são "eles próprios, fundamentalmente plurais, heterogéneos" (2001: 61), bem como, estando ambos cronologicamente situados entre a *socialização primária* e o decurso da socialização *secundária*[21]*.*

Se nos detivermos um pouco no esquema da autoria de Stern e outros, atrás apresentado[22], é bem patente a importância atribuída aos valores e às crenças. Assim, a função das normas é de enquadramento da ação em torno dos padrões habituais de uma determinada cultura, já as crenças servem para orientar, em termos de expectativas de desempenho, o próprio papel social, neste caso o de ativista. No mesmo esquema, se olharmos ainda para as crenças, observamos que as podemos considerar coincidentes com as disposições para crer de Lahire, as quais, para se constituírem

[21] Socialização primária, entendida como "a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e em virtude da qual se torna membro da sociedade", ou seja, ocorre por norma no contexto familiar e, até certo ponto, no escolar. Quanto à secundária, esta é definida como "qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo, já socializado, em novos sectores do mundo objetivo da sociedade", entendendo-se aqui, por exemplo, a frequência do ensino superior ou o início da atividade profissional (Berger & Luckmann, 2010: 138).

[22] Ver página 49.

como disposições para agir, pressupõem que o indivíduo se confronte com uma dada situação, cujo contexto terá de conter obrigatoriamente determinadas condições sociais possibilitadoras, objetivas ou não (Lahire, 2005: 11-42). O mais óbvio aqui seria considerar que uma dessas condições fosse, por exemplo, o acesso à informação ou aos recursos informacionais ou, então, de interação ou de estabelecimento de redes de interação e reconhecimento. Neste campo, poderia estabelecer-se uma oportuna referência às três dimensões essenciais de Melucci, uma vez que os contextos de ativação são, na maioria das vezes, contextos sociais de interação entre os vários atores envolvidos (Lahire, 2001).

Assim, dando continuidade a esta reflexão sobre o tipo de elementos ou contextos sociais com a capacidade de ativar determinadas disposições, podemos voltar a referir o *sistema social multipolar* que representa, segundo Melucci, a ação coletiva e é constituído pelas tensões permanentes entre *meios*, *fins* e *ambiente*. Neste âmbito, é plausível considerar o processo de identificação coletiva junto de um determinado "grupo social" ou "universo social", ou de determinados territórios sociais, como possibilitador do início de um conjunto de práticas e hábitos de ação (eventualmente adormecidos noutros contextos sociais) (Lahire, 2001) diretamente centrados na ação coletiva. No fundo, tal como referido, estes processos podem dotar o indivíduo das condições e dos recursos necessários que permitem transformar uma determinada crença numa disposição para agir ou, então, tornar uma simples narrativa ou discurso numa ação direta de protesto, como é o caso da desobediência civil ou do próprio questionamento de uma entidade.

A referida proposta de MacAdam[23] sustenta que uma experiência de participação de um ator individual num movimento social, ocorrida no passado, acaba mais tarde, por intermédio da incorporação no passado dos esquemas de ação relacionados com o ativismo, por ser novamente posta em prática, por influência de um evento ou situação presente. Na verdade, esta proposta encontra um reflexo imediato naquilo que Lahire designou por "aberturas do presente", ou seja, pôr em prática no presente determinadas formas de agir interiorizadas no passado, em consequência das condições sociais inscritas no momento presente (Lahire, 2001: 67, 67). Esta ideia mostra-se, aliás, extremamente importante para o nosso objeto de estudo, considerando que podem encontrar-se, no mesmo indivíduo, distintas conceções de uma mesma realidade.

Se nos detivermos um pouco no conceito de *alternância*[24]*,* referido por MacAdam, valerá a pena referir que já Berger e Luckmann, na sua obra seminal "A Construção

23 Ver página 34.
24 Idem.

Social da Realidade", lhe dedicam alguma atenção. Afirmam que, apesar de alguma forma se considerar a *alternância* como uma transformação radical na conceção da realidade por parte do indivíduo, não é uma transformação total em si e, para ser bem-sucedida, deverá exigir "processos de ressocialização"[25] . Tais processos terão de se revestir de "condições sociais e conceptuais" particulares (as primeiras dão origem às segundas), ocorridas em situações de interação com outros atores, num envolvimento caracterizado por uma "forte identificação afetiva" (Berger & Luckmann, 2010: 164), uma afetividade que tem sempre a dimensão emocional como um dos elementos essenciais.

Aqui, surge indubitavelmente espaço para a introdução de um outro conceito da teoria disposicionalista de Lahire, nomeadamente o que diz respeito às "disposições sob condição". Estas apenas são ativadas em função de situações presentes específicas e ocorrem num ator cada vez mais plural em termos de experiências passadas ou, então, através de um "balanceamento incerto dos atores", ou seja, a coexistência no mesmo indivíduo de múltiplos "esquemas de perceção, representação e ação" (Lahire, 2005: 70, 87). Este facto vai permitir ao indivíduo enveredar de forma subjetiva e significativamente coerente pelos diferentes contextos sociais. Como exemplo, podemos referir a passagem de um território social, como o local de trabalho ou até mesmo o contexto familiar, para o território social da ONGA, que se poderá revelar mais coerente em relação às crenças e valores e, portanto, emocionalmente distinto. No essencial, o conceito de *alternância* pode entender-se como um processo resultante de uma gama diversificada de esquemas de ação, valores e significados que, no passado, foram interiorizados duradouramente, sob a forma de disposições através de vivências anteriores, e, no presente, podem vir à superfície no âmbito da experiência atual de uma dada situação particular.

Uma outra possibilidade que se abre para a compreensão do que é um ativista ambiental, com recurso à perspetiva disposicionalista, reside no já referido papel desempenhado pelas emoções no âmbito da mobilização e participação dos indivíduos num determinado movimento.

Um indivíduo, cujo quotidiano se desenvolve numa "sociedade diferenciada" e complexa, ao ser impelido a atravessar uma multiplicidade de contextos, espaços sociais distintos e por vezes antagónicos, com uma heterogeneidade de desempenhos em termos de papéis sociais, muito possivelmente acaba por ser confrontado com aquilo

[25] Segundo Berger e Luckmann, trata-se de um processo de alguma forma semelhante à socialização primária, considerando que envolve um forte envolvimento emocional com o agente encarregue da socialização. Todavia, distingue-se da socialização primária, em virtude de envolver um "desmantelamento da estrutura da realidade", entretanto interiorizada, o que não acontece quando a criança interioriza esta estrutura por intermédio da socialização familiar (2010: 164).

que Lahire designou de “múltiplas ocasiões de desajustamento e de crise” (Lahire, 2001: 62, 63), que surgem em resultado das contradições entre as *disposições para crer* e as *disposições para agir*. Esta ideia é perfeitamente plausível com o já mencionado conceito de *desintegração* referido por Debra King[26].

Já no âmbito da mobilização do indivíduo para o protesto e, em particular, na relevância dos contextos, Jasper dá destaque aos efeitos dos “choques morais” e da “culpa”, cuja génese é identificada a partir da ocorrência de situações caracterizadas por crises de valores ou de “indignação”, que acabam por levar o ator individual a agir politicamente no seio de um movimento social (Jasper, 1998: 409). É de destacar, neste ponto, a referência expressa de Jasper a *situações ativadoras*, o que mais uma vez contribui para a importância analítica assumida por nós relativamente à ativação pelo presente das disposições resultantes do processo de socialização do indivíduo.

Na verdade, pode ser identificada uma aproximação muito interessante entre as “ruturas biográficas ou transformações importantes nas trajetórias individuais”, as “transplantações individuais ou coletivas mais ou menos constrangidas de um universo social para outro” (Lahire, 2001: 64) e as distintas e variadas “vicissitudes da vida” que, segundo Jasper, podem conduzir um indivíduo para o protesto, sem, no entanto, se verificar nele um posicionamento marcadamente de ativista (Jasper, 2014: 98).

Interessante é também a possibilidade de compreender alguns estados emocionais, através, mais uma vez, da dicotomia que existe entre *disposições para agir e para crer*, revestindo-se de especial relevo o facto de estas muitas vezes se encontrarem na base dos sentimentos de “ilusão, frustração ou culpabilidade (ou “má consciência”), que são igualmente produtos da distância entre as crenças e as disposições para agir, ou entre as crenças e as possibilidades reais de ação” (Lahire, 2005: 18), ou então das contradições geradas pelo património disposicional incorporado e um tipo de disposição específico exigido pelo contexto da situação em causa (Lahire, 2004).

Detenhamo-nos então na proposta de Jasper, nomeadamente, nos elementos que se encontram por detrás da escolha do indivíduo se tornar um ativista.

Para isso, é importante encontrar nos conceitos de cultura e biografia elementos que, complementando-se entre si, permitam estabelecer ligações de âmbito conceptual e até mesmo das próprias relações com os que constituem a teoria disposicionalista. Na verdade, tanto a cultura como a biografia são, logo à partida, conceitos comuns a ambas as perspetivas teóricas. A cultura, porque situa o indivíduo num ou em vários contextos socioculturais, os quais podem até mesmo ser antagónicos, sendo que a biografia acaba por trazer à superfície as práticas e modos de atuação, assentes muitas vezes nas

[26] Ver página 77.

variadíssimas representações, significados e formas de interpretação que os atores têm da realidade.

Se nos centrarmos no conceito de cultura através da perspetiva de Jasper, uma das definições que ele adianta é a de "um equipamento mental partilhado", cujos elementos constituintes são "o conhecimento, a moral e as emoções" (Jasper, 1997: 48). Quanto à análise, não deverá ser feita à escala de um determinado grupo social ou comunidade, mas através da redução à escala do indivíduo, sem esquecer as propriedades de heterogeneidade e complexidade. Ou seja, é sugerido que se procure identificar uma multiplicidade de elementos com valor subjetivo, como, por exemplo, "crenças culturais, sentimentos, rituais, símbolos, práticas e perspetivas morais", os quais são partilhados e permitem ao ator individual ter uma visão da realidade e do mundo "complexa e interrelacionada" (Jasper, 1997: 48). Desta forma e segundo o entendimento de Jasper, deverá recusar-se uma visão una e monolítica do conceito de cultura.

Uma posição idêntica podemos observar na proposta de Bernard Lahire, em particular na reflexão que desenvolve em torno da sua teoria do ator plural e do conceito de heterogeneidade disposicional, resultante de um passado multicontextual que os indivíduos experimentam nas "sociedades contemporâneas, incomparavelmente mais alargadas" (Lahire, 2001: 34), que vão desde o espaço onde a própria sociedade se produz e desenvolve, até aos diferentes "produtos culturais e modelos de socialização" (Lahire, 2001: 34) e que acabam por equipar o indivíduo com um diversificado *stock de disposições*.

Relativamente à própria dimensão biográfica do protesto, Jasper, curiosamente, refere que "na cabeça de cada indivíduo, existe a cultura e a biografia e as construções mentais são explicitas e implícitas[27], sendo que as partilhadas com outros são as culturais e as que não são partilhadas, são biográficas" (Jasper, 1997: 54). Trata-se de uma afirmação que, na nossa perspetiva, se encontra perfeitamente alinhada com a perspetiva disposicionalista de Lahire e com o conceito de *ator plural*, mais concretamente com a ideia de um indivíduo único entre os demais, em virtude de ser portador de uma configuração específica de disposições resultante da multiplicidade de experiências passadas.

Na verdade, o que mencionamos já de antemão é que a análise da dimensão biográfica que pretendemos desenvolver, a qual se pretende que aceda à subjetividade

[27] Para Jasper, formas culturais "implícitas" ou objetivas dizem respeito às "construções constitutivas da ação, instituições, objetos e símbolos". Já as formas culturais mais "explícitas" ou subjetivas dizem respeito aos "rituais, ideias, *slogans*", significados e, claro, às "emoções" (1997: 49, 54).

do ator, irá considerar como porta de acesso, ainda que com algumas nuances, o recurso à história de vida.

É evidente que, para Jasper e em especial para Lahire, a componente biográfica diz respeito essencialmente às experiências passadas, a começar logo no ambiente familiar enquanto criança, o que, ao longo da vida do ator, o conduz a "estados mentais inconscientes e aquilo que por norma é designado por personalidade, ou seja, um tipo de filtro que encoraja certos modos de sentir, de julgar e de pensar, desencorajando ao mesmo tempo outros" (Jasper, 1997: 54). Na verdade, Jasper qualifica esta multiplicidade de experiências como uma "diversidade" que caracteriza o ativista como um indivíduo detentor de formas distintas de interpretar os símbolos e as próprias narrativas do protesto, levando-o mesmo a reorientar as suas práticas e ações.

Jasper introduz a este respeito o conceito de "variação*"* que é observado ao nível do contexto social, referindo que o indivíduo vai transportando consigo determinados "significados culturais" quando se movimenta de um espaço social para outro ou de um tipo de "organização para outro" (Jasper, 1997: 57).

Ora, tal como já foi referido, a ênfase nos conceitos de cultura e biografia, na análise do protesto, e que aqui neste nosso caso transportamos para a realidade do ativismo ambiental, não poderia estar mais aproximada da definição de "ator plural" como "produto da experiência – muitas vezes precoce – de socialização em contextos sociais múltiplos e heterogéneos", que permitiram a incorporação de "esquemas de ação (esquemas sensoriomotores, esquemas de perceção, de avaliação, de apreciação etc.), de hábitos, de maneiras (de ver, de sentir, de dizer e de fazer e de uma situação social presente" (Lahire, 2001: 46, 77, 89). Assim, cabe então ao contexto social de cada nova situação a ativação de determinados esquemas e, por outro lado, a não ativação de outros, o que acontecerá sempre dentro de um estado emocional particular.

Para permitir conjugar as já referidas *dimensões básicas do protesto* (cultura, biografia, estratégia e recursos), Jasper introduz um outro conceito, neste caso, o conceito de "engenhosidade".

De facto, a capacidade de engenho diz respeito à circunstância de os indivíduos "se encontrarem conscientes relativamente àquilo que fazem, ou seja, eles planeiam e desenvolvem projetos, inovam e tentam atingir os seus objetivos" (Jasper, 1997: 65). No fundo, existe um certo pragmatismo na ação, em que o ator tem bem presente os meios e os fins da ação, o indivíduo não é um mero elemento passivo. As práticas e as ações são planeadas e por vezes reduzidas a escrito, permitindo a partir daqui "desenvolver intenções, planos, projetos, estratégias, cálculos mais ou menos racionais, neste ou naquele domínio" (Lahire, 2001: 200), por exemplo, no âmbito da defesa dos valores

ecológicos e ambientais através da participação num movimento, “por ocasião desta ou daquela prática” (Lahire, 2001: 200).

De notar que o conceito de *engenhosidade,* no âmbito da dimensão biográfica do protesto, surge, segundo Jasper, como produto das “variações individuais” ocorridas ao longo do trajeto biográfico do indivíduo, sendo a sua relevância justificada pelo facto de a mesma se basear nas “idiossincrasias originadas pelos fatores biográficos dos indivíduos” (Jasper, 1997: 66-68). Desta forma, vale a pena assinalar mais uma convergência conceptual entre estas duas perspetivas. Em particular quando Lahire refere a importância da análise através da “dimensão diacrónica e sincrónica” (2004: 26); das múltiplas experiências vividas e do passado composto por variados e distintos contextos socializadores do indivíduo; na ativação (ou não) de disposições, em consequência do seu envolvimento em situações e contextos ocorridos no presente (2001; 2005). E quando Jasper, na mesma linha, refere que para se entender “o que se encontra por detrás da vontade de protestar, é preciso examinar as biografias individuais e as práticas culturais bem como os respetivos significados” (1997: 101).

A convergência desta última citação com a questão de partida da nossa pesquisa é assim por demais evidente, por isso, uma vez mais, justifica-se a sua fusão com uma sociologia à escala individual de tradição disposicionalista. Esta opção é legitimada pelas fortes referências que este modelo teórico possui no que concerne à importância da socialização ou, melhor dizendo, da influência das várias socializações do indivíduo na sua ação do presente.

Quadro 8.3 - Emoções relevantes para o protesto

Fonte: Jasper, 1997: 114

Types	Possible Effects
Affect	Basic positive or negative feelings toward people or places can trigger sense of threat.
Anger	Can have many sources, and can be channeled in many directions, including both rage and outrage. Can interfere with effective strategies.
Compassion, sympathy, pity	One can imagine the plight of others and develop a desire to help them.
Cynicism, depression	More moods than emotions, they dampen hopes for change.
Enthusiasm, pride	Positive emotions that protest leaders try to encourage: enthusiasm for the movement and cause, pride in the associated collective identity, as in Black Power, gay and lesbian rights.
Envy, resentment	Exaggerated by early crowd theorists, these are emotions that few admit to and which usually lead to actions other than protest; yet they may also appear among protestors.
Fear, dread	These can arise from a sense of threat to one's daily routines or moral beliefs. They can paralyze but also be developed into outrage.

Grief, loss, sorrow	Loss, especially of a loved one, can bring on life passage and raise issues of the meaning of life.
Hatred, hostility, loathing	Powerful step in the creation of outrage and the fixing of blame. Can alter goals from practical results to punishment of opponents.
Joy, hope	One can be attracted by the joys of empowerment, a sense of "flow" in protest and politics, or the anticipation of a better state of affairs in the future.
Love	One can have erotic and other attachments to people already in a movement; love also shapes one's affective map of the world.
Outrage, indignation	These build on other emotions, largely by providing a target or analysis.
Resignation	Like cynicism, can dampen perceived possibility for change.
Shame	Can lead to anger and aggressive reactions.
Suspicion, paranoia	Often lead to indignation and articulation of blame.
Trust, loyalty	Basic positive affects that influence other emotional and cognitive responses, patterns of alliances, and credibility.

Por tudo isto, consideramos que os valores e crenças morais estão ligados a uma dimensão cultural e biográfica do protesto. Ao mesmo tempo, as emoções resultam, por norma, do confronto, da perceção ou até mesmo da interação em situações conflituantes com esses mesmos valores e crenças. Desta forma, parece-nos adequado trazer uma lista das emoções que, segundo Jasper, estão relacionadas com o protesto e que, na nossa perspetiva, são igualmente relevantes para o ativismo ambiental.

Se olharmos para os respetivos *possíveis efeitos*, é bem patente o poder ativador que o conjunto de emoções acima representado possui. Na verdade, uma determinada situação ou evento experimentado pelo indivíduo pode dar origem a uma diversidade de emoções que, simultâneas ou não, ativam ou não uma disposição. Não podemos esquecer ainda duas questões importantes: a primeira diz respeito ao facto de as disposições dependerem sempre da forma como o indivíduo foi socializado; a segunda, à possibilidade destas emoções poderem ser geridas de forma racional ou reflexiva.

Desta forma, ao conciliarem-se perspetivas teóricas que apesar de distintas nos seus objetos apresentam bastantes pontos em comum (como é o caso das biografias dos indivíduos, a heterogeneidade das experiências passadas e a sua relevância para a génese das disposições e emoções, sem esquecer o papel da cultura), pretende-se construir um modelo de análise que possibilite operacionalizar estes conceitos e as suas próprias relações com o objetivo de dar resposta à nossa questão de fundo.

Para concluir este ponto, é importante ainda dar nota de que a melhor forma de responder à pergunta central desta pesquisa será não tornar exclusiva a análise

sincrónica da participação do ativista ambiental no contexto social e organizacional de uma ONGA, mas antes estendê-la às experiências de vida passadas, tanto no âmbito da participação em anteriores movimentos, organizações políticas, como também as vividas em contexto escolar, familiar e profissional.

9. Modalidades de ação coletiva ambiental

Se fizermos tábua rasa de tudo o que já foi referido, poderá parecer à primeira vista um paradoxo estabelecer aqui uma relação entre perspetivas teóricas dedicadas ao estudo de fenómenos de ação coletiva ou dos NMS e as perspetivas que recorrem a análises mais centradas na chamada microssociologia ou do estudo da forma como o social se manifesta no indivíduo (Lahire, 2005: 11-42).

No entanto, tal ideia pode perfeitamente ser contrariada se, em primeiro lugar, levarmos em conta que um fenómeno coletivo, antes mesmo de o ser, necessita da participação do indivíduo, das múltiplas dimensões que formam a sua singularidade e da forma como esta se adapta aos múltiplos contextos da realidade social. Em segundo lugar, por própria ação coletiva resultar da atividade humana propriamente dita, ou seja, daquilo que por norma e sociologicamente se designa como a permanente exteriorização do indivíduo (Berger & Luckmann, 2010); indivíduo este que, através do desenvolvimento da sua ação, do seu sentir e do seu pensar, é constrangido socialmente. Como bem refere Franco Ferrarotti, apesar de um indivíduo não totalizar "diretamente a sociedade inteira, ele totaliza-a por meio do seu contexto social imediato" (1991: 174). Desta forma, entendemos necessário identificar, na ação coletiva ambiental, algumas especificidades de contexto que possibilitem identificar as práticas e diferentes tipos de ativismo, ou seja, identificar, nas diferentes modalidades de ação coletiva ambiental, formas distintas de agir em prol da defesa do ambiente.

Por isso, e começando pela própria definição de ação coletiva ambiental, Andreas Duit sugere que esta diz respeito "a esforços que envolvem uma multidão de atores individuais orientados de forma conjunta para a produção de bens ambientais coletivos" (Duit, 2010: 902). Tal orientação provém da participação do indivíduo na ação coletiva ambiental resultante de uma avaliação que este faz relativamente à organização a que pretende aderir, nomeadamente, se esta está preparada para atingir os objetivos de uma mudança social (Duit, 2010: 905), no fundo, uma avaliação quanto à relação entre os *meios* e os *fins.*

Duit conclui ainda que a participação na ação coletiva através das ONGA possui uma ligação direta a conceitos que estão relacionados com o próprio conceito de *capital*

social. Um destes conceitos diz respeito à "confiança generalizada"[28] e à frequente participação do indivíduo em organizações, particularmente através do voluntariado. No entanto, ainda segundo Duit, a existência de um sentimento de confiança relativamente aos outros indivíduos não é e nem pode ser a única e fundamental condição que conduz à participação (2010: 900-920).

Mas, então, em que residirá a relação entre a *confiança generalizada* e a participação, por exemplo, numa ONGA? Na verdade, Duit refere que, em sociedades prósperas em confiança generalizada, se observam duas regularidades: os indivíduos tendem a participar mais em ONG e os valores pós-materialistas estão mais presentes. No fundo, o que se observa é uma relação forte entre a *confiança generalizada* e os valores ditos pós-materialistas (Duit, 2010: 900-920), o que conduz neste nosso caso à participação em ONGA.

Um outro dado digno de nota, a propósito da *confiança generalizada* à escala individual, é a forma como se produz, ou seja, como acaba por ser construída socialmente, sendo definida por expectativas depositadas em terceiros. No mesmo sentido, também a experiência individual em contextos sociais caracterizados pela baixa incidência de situações de acentuada desigualdade das condições objetivas, da inobservância de distintas experiências de vida pautadas pela existência de vulnerabilidades socioeconómicas e, ainda, a participação ativa em mais do que um tipo de organização ou associação são tudo situações que acabam por revelar maiores índices de *confiança generalizada* (Paxton, 2007: 49-75).

No que respeita ao movimento ambientalista propriamente dito, é de salientar que acabou por se institucionalizar. Segundo Neil Carter, a grande maioria dos movimentos ambientalistas europeus escolheram o caminho da "reforma em detrimento do caminho da revolução" (Carter, 2007: 148), conseguindo desta forma um melhor acesso e influência, no plano da decisão e implementação de políticas públicas de índole ambiental. Na verdade, esta institucionalização e a consequentemente assunção de novas formas de ativismo enquadra-se no conceito de *modernização ecológica,* o qual surge derivado da ascensão do movimento ambientalista a partir dos anos 80 a par dos riscos, incerteza e desconhecimento, causados pela degradação ambiental, do desenvolvimento tecnológico e industrial. São estes elementos que Ulrich Beck acaba

[28] O conceito de confiança generalizada, por vezes referido como confiança interpessoal, diz respeito ao facto de um indivíduo acreditar e confiar, sem grandes reservas, em terceiros. Ou seja, existe uma crença na boa vontade humana e de que todos os outros indivíduos são honestos e *bem-intencionados*. No entanto, é de referir que tal crença e tal sentimento surgem na sequência de determinados contextos sociais e da própria experiência individual adquirida ao longo das diversas interações (Putnam, 2001).

por explorar e desenvolver (Beck, 2015) em especial através da sua proposta para a "modernização reflexiva da sociedade industrial" (Beck, 1992:155). Foi com o contributo de escolas de pensamento como a de Beck, a par da cada vez maior preponderância dos NMS que este conceito ganhou relevância na análise da sociedade atual tendo como pano de fundo a crise ambiental e ecológica. No fundo, segundo a perspetiva da *modernização ecológica*, a melhor forma de lidar com esta crise será a de unir num mesmo objetivo os contributos da industria, da política e do poder económico inclusive ao nível do consumo individual (Spaargaren G., 1997, 2000), seguindo a crença de que o progresso tecnológico será preponderante na resolução dos problemas ambientais e ecológicos. Esta perspetiva deixa contudo ainda mais à margem os movimentos ambientalistas mais radicais que mantiveram bem acesa a sua atividade de protesto (Buttel, 2000; Giddens, 2010).

Relativamente ao contexto nacional, referimos uma vez mais Gil Nave que, ao analisar o movimento associativo ambientalista e a própria política ambiental em Portugal, no período de 1985 a 1995, afirmou ter sido através da publicação de legislação específica[29] que se fortaleceu a institucionalização da maioria dos grupos e associações ambientalistas. Com isto, regulou-se, potenciou-se e legitimou-se a capacidade de ação destas entidades, relativamente a objetivos que, no fundo, visavam influenciar a decisão e implementação de políticas públicas para a defesa e proteção do ambiente. Desta forma, abriu-se o caminho na direção de uma "consolidação das respetivas estruturas organizacionais" (Nave, 2000: 218) destes movimentos e grupos ambientais, em Portugal, promovendo o crescimento de alguns destes grupos até à escala nacional.

Uma outra análise realizada por Carter, centrada na Europa ocidental, identificou a institucionalização das organizações viradas para defesa do ambiente, traduzindo-se num êxito para estes movimentos, na maioria dos casos. O sucesso deveu-se ao facto de este tipo de organizações terem estruturas, de uma forma geral, devidamente hierarquizadas e dotadas de elevados níveis de profissionalização, contando ainda com um elevado número de apoiantes e associados (Carter, 2007). Segundo este autor, para que a institucionalização dos movimentos de defesa do ambiente ocorra, é necessário que a sociedade interiorize e aceite como relevantes os valores ligados à defesa do ambiente e assuma também a necessidade de o preservar, de forma a que a ação coletiva passe a ser vista e entendida como um elemento essencial no sistema político (Carter, 2007).

[29] Publicação da Lei n.º 10/87 de 4 de abril, que visou no essencial regular os direitos de participação e intervenção das associações de defesa do ambiente junto da administração central, regional e local.

A este respeito e de acordo com Heijden (1997: 25-50), citado por Carter (2007), a institucionalização propiamente dita pode configurar três tipos distintos.

O primeiro diz respeito ao "crescimento organizacional" (Carter, 2007: 148), ou seja, relativamente ao número de apoiantes, participantes ou associados e ainda quanto aos recursos disponíveis, mais precisamente os financeiros, o que, consequentemente, reforçará a respetiva capacidade de ação no protesto e influência política.

O segundo tipo diz respeito à "institucionalização interna" (Carter, 2007: 148), no âmbito da qual a organização se desenvolve através da "burocracia, do profissionalismo" (Carter, 2007: 148) e também da estrutura organizacional relacionada com a centralização ou descentralização, a uma escala nacional.

Por último, a "institucionalização externa", centrada essencialmente na forma como a organização desenvolve a sua ação e atividade no espaço público e nas diversas arenas políticas (Carter, 2007).

Outra forma de diferenciar as organizações de defesa do ambiente quanto à tipologia, e considerando a já referida especificidade relativamente a diferentes contextos organizacionais, é a proposta por Diani e Donati, a qual é caracterizada essencialmente por dois eixos, um de âmbito organizacional e outro que diz respeito à ação.

Assim, temos o eixo referente ao aspeto organizacional, que diz respeito aos quadros que compõem uma organização de defesa do ambiente, mais precisamente o "profissionalismo *vs.* participação", já a que se centra na ação, designa-se de "disruptiva *vs.* convencional" (Diani & Donati, 1999: 16). Portanto, da conjugação destes elementos que compõem estes dois eixos resultam quatro tipos distintos de ação coletiva, representados através do esquema seguinte:

A TYPOLOGY OF NON-PARTISAN POLITICAL ORGANISATIONS

	Forms of Action	
	Conventional Pressure	Disruption
Professional Resources	Public Interest Lobby	Professional Protest Organisation
Participatory Resources	Participatory Pressure Group	Participatory Protest Organisation

Figura 9.13 - Tipologias de organizações de defesa do ambiente

Fonte: Diani & Donati, 1999:16

Desta forma, ao cruzar os distintos tipos de organizações de defesa do ambiente quanto aos recursos humanos e quanto às estratégias de protesto, estes autores

definem estas organizações em primeiro lugar como do tipo “lobby de interesse público”, cujos quadros são no essencial formados por recursos humanos bastante profissionalizados, mas que, em contrapartida, apresentam défices de participação, por exemplo, no serviço voluntário. Na verdade, a ação deste tipo de organizações orienta-se por estratégias de influência política, mais tradicionais e institucionalizadas.

Já as organizações de defesa do ambiente, cuja participação é orientada para o protesto, contam muitas vezes com estruturas compostas por indivíduos originários de subculturas, combinadas, claro, com um tipo de protesto mais disruptivo, cujas estratégias de protesto se orientam para o confronto e com recurso à desobediência civil.

As organizações de defesa do ambiente de “protesto profissional” (Diani & Donati, 1999: 16) acabam por partilhar algumas características organizacionais com as designadas de *lobby de interesse público,* sendo caracterizadas por uma espécie de ativismo profissional, podendo igualmente recorrer a estratégias de pressão política mais convencionais.

Finalmente, temos as organizações de defesa do ambiente caracterizadas como de participação e voluntariado, cuja pressão se exerce, por norma, com recurso aos associados e simpatizantes (Diani & Donati, 1999: 13-34).

Se nos centrarmos no panorama português, recorrendo mais uma vez a Nave e à sua observação, destaca-se o facto de a ação das ONGA passar a estar regulada por uma lei[30] específica, o que possibilitou a “institucionalização e a consolidação das estruturas organizativas de várias ONGA, muito por causa dos apoios do Estado” (Nave, 2000: 218). Este dado permite-nos afirmar que, em muitos casos, estas organizações contaram e beneficiaram de uma profissionalização dos quadros ou de parte deles. É de salientar ainda que estes apoios estatais vieram permitir a muitas associações ambientalistas desenvolver os seus próprios projetos de investigação e sensibilização ambiental, nomeadamente no campo da conservação ou preservação da biodiversidade, o que se traduziu em dois novos elementos de mudança no associativismo ambiental português, designadamente “o aumento da participação da sociedade, mais precisamente das camadas mais jovens e também o alargamento da rede de contactos ao nível internacional” (Nave, 2000: 219).

Na verdade, as ONGA portuguesas não têm muita tradição de manter, nas suas estruturas organizativas, um leque alargado de apoiantes não ativistas e

[30]A já referida Lei n.º 10/87 de 4 de abril, segundo a qual se “define os direitos de participação e de intervenção das associações de defesa do ambiente junto da administração central, regional e local com vista à promoção do direto a um ambiente de vida humana, sadio e ecologicamente equilibrado”.

simultaneamente voluntários, pelo que, para atingir os objetivos e desenvolver a sua atividade de uma forma efetiva, tiveram de manter e recorrer aos associados e simpatizantes, que contribuem monetariamente através do pagamento de quotas. Ora, desta forma, só mesmo as maiores e mais bem organizadas ONGA conseguem manter uma atividade de forma sustentável e exercer influência no sentido de serem desenvolvidas políticas públicas ambientais (Nave, 2000).

No fundo, pode dizer-se que, de uma forma geral em Portugal, as ONGA se caracterizam por serem colaborativas com o Estado e com os vários poderes públicos, contribuindo, segundo Nave, para, no caso nacional, se observar uma fraca presença no plano político dos chamados partidos verdes.

Desta forma, podemos referir que a grande maioria das ONGA em Portugal, considerando as tipologias de ONGA do modelo de Diani & Donati, oscilam entre as categorias de *lobby de pressão pública* e de participação e voluntariado.

Por isto e na nossa perspetiva, esta discussão acerca dos diferentes tipos de ONGA contribui para a compreensão da forma de atuação de cada ONGA e também para um enquadramento mais preciso da ação das ONGA no panorama nacional atual, permitindo assim enquadrar a forma de agir do ator individual nos diferentes tipos de ONGA.

De referir ainda que no plano das hipóteses e considerando o nosso objeto de estudo, a introdução deste ponto encontra-se justificada pela relevância que o conceito de *identidade coletiva* possui no campo da mobilização e participação do indivíduo. Este ponto é tão mais importante se levarmos em conta o facto de que como já referido, para que o ativismo se torne efetivo e duradouro é importante que o indivíduo se identifique individualmente com a identidade coletiva de um determinado grupo. Desta forma, quanto maior for a harmonia entre a ideia que o indivíduo faz de si e os objetivos que o grupo ou organização a que pertence se propõe alcançar mais forte será a participação e claro, a ligação emocional.

Não podemos ainda esquecer as diferentes emoções que cada tipo de ONGA pode suscitar no próprio ativista ambiental. Ou seja, aparece em evidência mais uma vez a relevância do contexto e do próprio ambiente social em que o indivíduo se move, sendo que cada tipologia de ONGA integra distintas formas de interação e, consequentemente, cada uma delas possibilitará energias emocionais igualmente distintas.

10. Algumas propostas: as hipóteses

Esta análise, apesar de se centrar numa metodologia qualitativa, pretende seguir uma linha essencialmente hipotético-dedutiva, com a formulação prévia de hipóteses.

Parece-nos que este é seguramente um caminho que tem a vantagem de orientar e dar coerência teórica e conceptual à pesquisa aqui desenvolvida.

Neste nosso caso, o processo seguirá esse alinhamento metodológico, pois em boa verdade a nossa pergunta de partida segue também ela uma linha de alguma forma hipotética.

Assim, antes de passarmos diretamente às razões e aos factos que consideramos pertinentes referir sobre observação e análise, talvez seja adequado justificar a nossa opção por esta configuração em termos de estratégia de análise, que consiste em previamente orientar o objeto de estudo para o plano hipotético e, desde logo, contrariar a ideia ainda bastante presente de que os estudos qualitativos não precisam de ter à partida hipóteses (Silverman, et al., 2004).

Como já se percebeu, a análise será de índole qualitativa, uma vez que procura identificar e perceber qual o tipo de património disposicional que conduz à participação numa ONGA como ativista ambiental. Na verdade, se centrarmos a análise na interpretação e compreensão de aspetos que dizem respeito à subjetividade do indivíduo e também à forma como influenciam a ação num determinado contexto, não fará neste momento grande sentido quantificá-los, uma vez que não é nosso objetivo identificar e estudar tendências e estabelecer comparações entre grupos ou coletividades, seja qual for a sua dimensão. A este respeito, reforçamos que, aqui, a escala é o indivíduo, na diversidade que o define.

Por outro lado, é importante notar que o que procuramos só poderá ser encontrado através do acesso à própria expressividade do indivíduo, parecendo-nos mais adequado o recurso a metodologias qualitativas. Assim, e considerando a especificidade do instrumento de observação e recolha dos dados, bem como o contexto e as condições de aplicação, será sempre bem real a possibilidade de dispersão, o que, obrigatoriamente, terá de ser compensado com mecanismos que orientem a pesquisa dentro do objeto previamente definido, como é o caso da pergunta de partida e das hipóteses.

Desta forma, elegemos como adequado seguir um caminho semelhante ao de Bernard Lahire, quando procurou testar “empiricamente a validade e a pertinência relativas aos conceitos de disposição, competência, apetência, transferibilidade”, recorrendo a “questões teóricas e metodológicas” prévias (Lahire, 2004: 20), ou seja, relacionou conceitos já existentes, como é o caso do conceito de disposição, e definiu hipóteses à partida.

Ora, seguindo esta linha, não nos parece apropriado enveredar pela realização desta pesquisa sem estabelecer à partida o mesmo tipo de opção no campo epistemológico, sendo que o contrário muito provavelmente se resumiria a um processo

com o perigo real de não chegarmos a uma conclusão empiricamente fundamentada e, em consequência, válida.

Assim e depois de apresentadas algumas das implicações teóricas do nosso objeto de estudo, é chegado o momento de especificar, através de uma relação de conceitos, o que realmente pretendemos observar na realidade e, deste modo, responder à nossa questão inicial. Para o efeito, apresentamos um conjunto de propostas prévia e diretamente ancoradas nas várias conceções teórias de referência, como a de Jasper e Lahire, sem esquecer que a análise dos dados empíricos levará também em conta os outros contributos teóricos referidos neste trabalho.

Centrando-nos no modelo de análise que pretendemos seguir, assumimos que ele resulta, em grande medida, do método utilizado para definição dos *retratos sociológicos* proposto por Lahire, pelo que serão consideradas as diversas dimensões da vida do ativista ambiental, tendo como referência uma perspetiva diacrónica do seu trajeto de vida. Assim, irão ser incluídos os principais acontecimentos inscritos na biografia do indivíduo. Dentro destes, destacam-se aqueles que possuem uma maior relevância na sua socialização, como, por exemplo, o contexto familiar vivido desde a infância até à idade adulta, o percurso escolar, o percurso laboral e, claro, a participação na ação coletiva, em especial a experiência associativa.

No fundo, trata-se daquilo que Lahire designou de “matrizes socializadoras” (Lahire, 2004: 38), as quais serão captadas quase em simultâneo, e, assim esperamos, permitindo-nos perceber como estas se processaram e compreender igualmente o efeito provocado pelas múltiplas transições de contexto.

Pretende-se também identificar a influência de outros indivíduos ou grupos de indivíduos, pertencentes às diversas redes de interconhecimento, inseridos nos respetivos universos de relações, bem como identificar e analisar os desempenhos dos vários papéis sociais de acordo com a variação dos contextos sociais então atravessados.

Queremos ainda identificar contradições ou eventuais “dicotomias” (Lahire, 2004: 40) ocorridas entre disposições e igualmente que tipo de emoções as condicionam ou não.

Antes de passarmos às questões mais particulares, referimos que a nossa proposta se prende com o facto de as disposições para o ativismo se manifestarem por intermédio da experiência e das emoções, as quais influenciam positiva ou negativamente a participação e o ativismo. Estes elementos envolvem um certo pendor exploratório na pesquisa, que procura identificar, através da observação da realidade, factos que suportem uma relação entre as disposições, as emoções e a participação na ação coletiva ambiental de âmbito mais organizado e institucional.

Tal como já foi referido, avançamos à partida três propostas que são teoricamente construídas essencialmente com recurso aos conceitos oriundos das teorias discutidas ao longo da revisão de literatura. De qualquer modo, é relevante reforçar que não esgotam de todo a possibilidade de virem a ser conhecidos outros factos, através da análise da realidade. Todavia, julgamos que conseguem abranger, ainda que não totalmente, grande parte da reflexão que apresentamos nesta análise.

Assim, pretende-se submeter à verificação através dos dados obtidos na realidade as seguintes hipóteses:

1. O ativismo ambiental surge a partir de um determinado conjunto de disposições, previamente interiorizadas através dos múltiplos momentos e contextos sociais com capacidade socializadora, ocorridos ao longo do trajeto de vida do ator individual.

2. A ação como ativista ambiental resulta da influência das emoções sobre um conjunto de disposições já interiorizadas e da experiência pessoal num evento ou num contexto de uma situação, com potencial de abalar os alicerces dos valores e das crenças de âmbito ambientalista e ecologista.

3. O desempenho do papel de ativista ambiental numa ONGA acarreta uma relação de equilíbrio entre o desempenho do papel social de ativista ambiental e de outros papéis sociais. Esta relação implica uma racionalidade emocional que constrange o ativista a uma gestão de papéis e a uma gestão racional das emoções.

Passando então em revista os conceitos que constituem as três proposições acima listadas, podemos começar pelo conceito de disposição, o qual terá obrigatoriamente de contemplar a temporalidade, tendo em conta a sua génese. A temporalidade prende-se, por um lado, com uma forma de análise mais diacrónica (biografia) e, por outro, com uma análise mais sincrónica (contexto e condições particulares do evento). A análise diacrónica relaciona-se diretamente com o processo de socialização, a partir do qual surgem as disposições (para crer e para agir), uma socialização que ocorre ao longo dos diversos contextos e momentos da vida de um indivíduo.

De seguida, surgem as emoções como conceito, e aqui podemos referir que a sua relevância explicativa se justifica através da afirmação de Jasper, segundo a qual as "emoções são geradas através da interação entre os contextos onde estamos inseridos, as nossas particularidades relacionadas com a biografia, os objetivos, os interesses e as afetividades" (Jasper, 1997: 111). Por outras palavras, as emoções são resultantes das condições de um evento ou situação e das idiossincrasias de um indivíduo, nas quais se inclui o seu património disposicional, as crenças e os valores.

Por fim, surge a participação na ação coletiva através do ativismo ambiental, neste nosso caso, numa ONGA. Aqui, a opção pela análise à escala do indivíduo do conceito de participação ativa numa ONGA, com recuro aos conceitos de emoção e disposição,

necessita, a nosso ver, da introdução de conceitos como o de papel social e identidade individual. Também não fica de fora o conceito de identidade coletiva, sendo este último, como já se referiu, fulcral nas perspetivas teóricas centradas nos NMS.

A pertinência do conceitos referidos foi já explicada através da revisão da literatura, sendo que a relação que se pretende estabelecer entre eles reflete-se no conjunto de hipóteses avançadas e pode representar-se através do esquema seguinte:

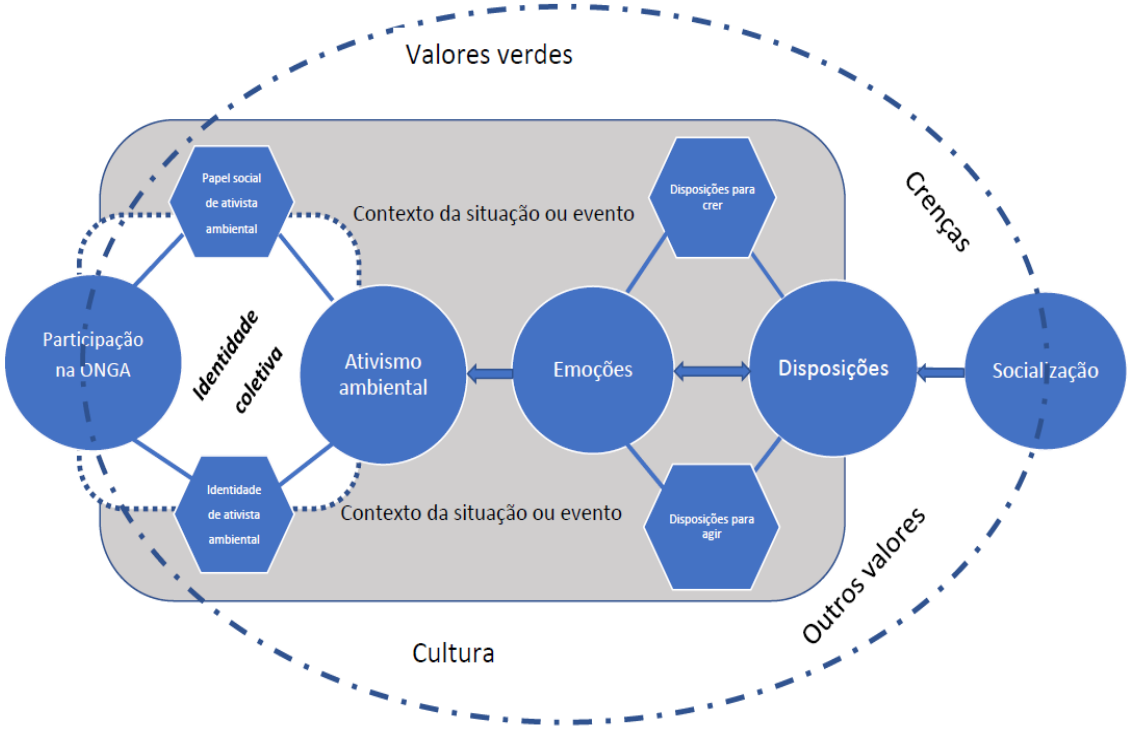


Figura 10.14 -Esquema da relação entre os conceitos

Autoria nossa

Neste esquema, um dos conceitos centrais é o de disposição, que, tal como já foi referido, resulta da socialização. É no património disposicional que encontramos as disposições para crer, para agir e até para pensar e avaliar, cuja relação com as emoções é, na verdade, recíproca, considerando a forma como o contexto social ou o evento afetam os valores verdes ou de que forma as condições particulares do contexto interagem com a cultura e com os valores.

É então a partir daqui que surge o ativismo ambiental, o que, por intermédio do desempenho do papel social de ativista, conduz à assunção da identidade de ativista, que por sua vez conduz à participação ativa numa ONGA, em grande medida pela forte relação que existe entre a identidade individual e a identidade coletiva de uma ONGA.

O esquema de relações representado é, em nosso entender, o adequado para, através da realização de entrevistas, poder aceder aos elementos empíricos que permitem ir ao encontro de uma resposta à nossa pergunta de partida.

Neste sentido, as relações que se estabeleceram entre conceitos serão transpostas para um dispositivo de observação da realidade, mais precisamente uma grelha de análise que corresponde a um guião de entrevista que possibilite a captação dos vários elementos com valor analítico inerentes a cada dimensão (referidas na grelha de análise) e que, de uma forma geral, dizem respeito ao passado biográfico e aos respetivos contextos de socialização, à participação no contexto social da ONGA e às diversas experiências individuais em que as emoções desempenham um papel importante.

A abordagem a utilizar é a dos chamados retratos sociológicos, a qual é constituída por "dispositivos metodológicos que permitam observar diretamente ou reconstruir indiretamente (através de diversas fontes) a variação "contextual" (no sentido lato do termo) dos comportamentos individuais" (Lahire, 2005: 27). É, portanto, a partir desta ideia que, tal como Lahire, consideramos a entrevista como o instrumento de excelência para a recolha dos dados, através das narrativas individuais em que se transmitirão as diversas peculiaridades disposicionais, como casos únicos a ser observados no ativista ambiental numa ONGA.

Posto isto, não fará muito sentido divergir de forma significativa do respetivo modelo, em termos de grelha de análise, pelo que a estrutura ou, melhor dizendo, a grelha da entrevista, será construída de modo a poder abarcar no passado biográfico os seus múltiplos momentos, de acordo com a sua relevância para génese das respetivas disposições, o presente, e os contextos sociais mais contemporâneos, que possuem a capacidade de assim mobilizar disposições e despertar emoções. Tudo isto será feito sem esquecer a captação do próprio sentido que o indivíduo atribui a estes elementos, em especial no momento em que os narra e reflete sobre eles, mais precisamente durante a entrevista. No fundo, o que pretendemos captar com este instrumento é o resultado das múltiplas experiências vividas pelo próprio indivíduo ativista ambiental, tanto no seu passado mais distante, como nos momentos e eventos mais recentes.

Desta forma e visando o objetivo já referido, foi definida a seguinte grelha de análise, que entendemos ser adequada.

Quadro 10.4 - Grelha de análise

Autoria nossa

Dimensões	Indicadores
Percurso biográfico	
Contexto familiar	• Principais recordações de infância ao nível familiar; • Tipos de influência ao nível da educação familiar (religiosa ou outra); • Valores familiares; • Condições materiais de existência; • Tipo de morada e zona do país; • Orientação política; • Posição relativa ao ambiente; • Participação em movimentos;
Juventude e percurso escolar	• Eventos, personagens e momentos marcantes; • Choques emocionais; • Ideais, causas e culturas juvenis; • Percurso escolar desde a infância até à conclusão da universidade; • Atividades extraescolares; • Experiência universitária; • Áreas de estudo; • Grau ou nível de estudos; • Houve ou não períodos de interrupção; • Temas e conteúdos preferidos e preteridos; • Objetivos e expectativas (antes e após concluir); • Associativismo ou ativismo estudantil e académico;
Trajeto profissional	• Primeiro emprego e atividades profissionais seguintes; • Períodos de desemprego ou inatividade;
Ativismos e participação (ONGA e outras)	• Envolvimento em movimentos ou associativismo; • Envolvimento em ações de voluntariado; • Tipos de associativismo; • Tipos de participação e grau de envolvimento; • Forma de recrutamento; • Participação em movimentos sociais anteriores;

	• Participação em manifestações e outras formas de ação direta; • Funções exercidas nas estruturas da organização; • Continuação ou não da atividade associativa e de participação;
Emoções, crenças e valores	
Estilo de vida	• Representações e conceções relativas ao bem-estar e qualidade de vida; • Práticas e rotinas do quotidiano; • Espiritualidade;
Valores verdes	• Representações relativamente à crise ambiental; • Choques emocionais; • Prioridades na defesa do ambiente; • Valores e pensamento verde; • Início da preocupação ambiental;
Posicionamento político	• Conceções ideológicas em termos políticos; • Posicionamento no espectro político, considerando os respetivos valores; • Participação e cidadania;
Participação e ativismo	• Início da participação; • Tipos e níveis de participação; • Experiência de participação; • Posição e funções dentro da organização; • Perceção subjetiva relativamente à participação; • Objetivos pretendidos através da participação;
Emoções	• Tipos de emoções; • Reações emocionais;
Identidade, interações e papéis sociais	
Quotidiano	• Contextos sociais atravessados; • Consumos; • Atividades desenvolvidas;
Tipos de papéis sociais e interação	• Contexto ONGA; • Contexto profissional; • Contexto familiar e círculo de amigos;
Identidade	• Perceção subjetiva;

	• Representações relativamente a desempenhos; • Significado do ativismo ambiental

A grelha analítica que aqui se apresenta tem como objetivo identificar as relações entre os conceitos presentes no já apresentado esquema de relações entre conceitos, através de dois elementos importantes, mais concretamente o passado biográfico do ativista ambiental e a atribuição de sentido e manifestações emocionais relativamente a aspetos e elementos mais contextuais e contemporâneos, que, após a devida análise e interpretação, esperamos poderem dar resposta à pergunta de partida.

11. Metodologia

Neste capítulo iremos então apresentar a forma como definimos a estratégia de análise e dar nota das razões pelas quais entendemos adequada essa estratégia. Aproveitamos também neste capítulo para dar conta, ainda que pontualmente, de alguns elementos resultantes da experiência de interação entre o investigador e os entrevistados.

11.1. O instrumento de recolha de dados

Em qualquer trabalho de investigação que implique a necessidade de recolha de dados empíricos, e em particular no nosso caso, uma pesquisa de âmbito qualitativo, revela-se sempre importante definir previamente a forma como irão ser obtidos e tratados esses dados.

Para tal definição, é necessário ter em conta o objeto, os conceitos teóricos e o campo de análise que, no entender do investigador, melhor servirão para explicar os fenómenos sociais em análise (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Neste sentido, importa estabelecer como princípio de que pretendemos ir em busca da subjetividade do ator individual, através da elaboração do respetivo *retrato sociológico* e, a partir do seu discurso, recolher os elementos ligados à trajetória biográfica e a alguns elementos relacionados com a sua vida quotidiana. Assim, são as metodologias qualitativas as que se adequam melhor (Lalanda, 1998; Bryman, 2008; Guerra, 2012), nomeadamente aquelas que dizem respeito à "prática da história de vida ou da entrevista aprofundada" (Lahire, 2005: 12).

A nossa opção pela metodologia qualitativa, e mais precisamente pela técnica entrevista aprofundada, é justificada pela necessidade de identificar "padrões nas carreiras e nas histórias de vida do indivíduo ativista" (Jasper, 1997: 216) e estabelecer

comparações e detetar variações relativamente às respetivas “perspetivas morais e valores” (Jasper, 1997: 216), impostos pela sua participação nas organizações mais formais. Desta forma, tendo em conta a relevância da biografia nesta análise, Jasper considera que são as metodologias qualitativas que “permitem uma atenção à biografia em contraste com os questionários, que unicamente permitem uma quantificação crua de crenças explícitas” (Jasper, 1997: 334).

Assumimos, pois, o objetivo de levar a cabo a construção de *retratos sociológicos* de ativistas ambientais, através da realização de entrevistas de âmbito biográfico, aplicadas de forma semidiretiva, que se constituem como o instrumento de recolha de dados de excelência (Gomes, et al., 2014), para captar a subjetividade e os elementos com relevância analítica inscritos na biografia no ator individual, permitindo identificar e perceber o que o leva a participar e agir como ativista numa ONGA.

A estrutura da entrevista e as respetivas perguntas estão representadas na grelha de análise constante no final do ponto anterior. A forma de aplicação tomou, como já se referiu, a forma de uma entrevista semidiretiva, uma vez que as questões previamente definidas são abertas. Não obstante sabermos que as questões acabam por de alguma forma condicionar o entrevistado, temos também presente que estão longe de comprometer em absoluto a sua reflexividade e o próprio discurso. Houve sempre tendência para desvios e alguma dispersão relativamente às questões, sendo pertinente que o entrevistador desse algumas orientações no sentido de voltar a enquadrar o entrevistado.

Apesar da necessidade de uma certa diretividade da entrevista, é relevante afirmar que esta diretividade foi sendo reajustada no decurso da entrevista, considerando o contexto em que decorre e a própria personalidade do entrevistado (Ghiglione & Matalon, 2001; Guerra, 2012).

Estamos, portanto, perante uma fonte primária de dados e foi por seu intermédio e através dos elementos recolhidos e inerentes a diferentes contextos e aspetos da vida do indivíduo que fomos procurando trazer à superfície o seu *património individual de disposições.* Como foi evidente, nem sempre o entrevistado se sentiu à vontade para falar, pôde até – foi aqui que o entrevistador teve de ter o maior cuidado na condução da entrevista – adequar o seu discurso através de omissões, reflexões mais demoradas, quando relatou um determinado acontecimento ou fez uma nova pergunta antes de responder, com os habituais “como assim?”, “não estou a perceber”, “pode repetir a pergunta” ou, até mesmo, “o que quer que eu diga?”, inclusive as pequenas pausas de reflexão. Na verdade, foram nestes momentos críticos que surgiram os dados mais relevantes e carregados de subjetividade, os quais encerraram um contributo extremamente rico para identificação e interpretação, o mais claramente possível, da

estrutura de disposições que, em cada caso, esperamos, responda à nossa questão de partida. Como se perspetivou, o tempo de duração da entrevista não foi definido à partida, ele variou, com o tipo de entrevistado, o contexto em que decorreu a entrevista e a disponibilidade do entrevistado para responder às questões e a forma como respondeu, o que dependeu sempre da forma de interação que se estabeleceu entre o entrevistado e o entrevistador.

É um método que é caracterizado como intensivo, diretamente centrado naquele que é sujeito a uma entrevista em profundidade, abarcando, além dos aspetos biográficos, os aspetos que se prendem com os vários momentos da vida quotidiana e domínios de práticas.

Um outro elemento que importa dar nota diz respeito ao facto de introduzirmos alguns elementos visuais no momento em que é chegada a altura de analisar a dimensão respeitante às emoções. Aqui, procedemos à partilha de algumas notícias com fotografias, cuidadosamente selecionadas e que diziam respeito a notícias sobre temas e problemas de âmbito ambiental e ecológico, que, julgamos nós, podem ter a capacidade de levar o entrevistado a manifestar algumas emoções, através do que diz.

Falamos concretamente de seis notícias que, após serem apresentadas aos entrevistados, lhes pedimos para comentar. Procurámos que nos transmitissem o que estas notícias significavam, o que os levava a sentir e se e como agiriam concretamente perante aqueles factos. De notar que algumas situações e problemas concretos não eram de todo desconhecidos dos entrevistados.

Seguindo a tradição dos *retratos sociológicos*, pretendeu-se igualmente dividir cada entrevista em três sessões e, assim, procurando no essencial uma maior reflexividade, não fatigar tanto o entrevistado, bem como como o entrevistador e, ainda, favorecer a narrativa sobre si próprio e a comparação (Lahire, 2004; Gomes, et al., 2014) entre os diferentes tipos de dados recolhidos no âmbito de cada dimensão analisada. Esta comparação teve na verdade duas vertentes. Uma foi realizada entre cada um dos entrevistados, com o objetivo de fazer sobressair a singularidade de cada um deles. E outra que foi levada a cabo unicamente no discurso de cada entrevista, mais precisamente ao nível das narrativas correspondentes a cada uma das dimensões possibilitando assim identificar os preciosos traços disposicionais ao longo da história de vida contada.

11.2. A questão de quem e de quantos

O recurso a uma metodologia qualitativa, como é o caso da entrevista cujo objetivo é a construção de retratos sociológicos não é, como refere Lahire, concordante com o "conhecimento das tendências gerais, das recorrências do mundo social

estatisticamente apreendidas" (Lahire, 2005: 33), sem que, no entanto, tanto a metodologia quantitativa como a qualitativa se oponham de uma forma determinante, mesmo quando o objeto de estudo diga respeito a disposições individuais (Lahire, 2004).

Outra propriedade que é apontada neste tipo de opção metodológica é a fraca ou quase inexistente representatividade estatística, a qual, no nosso caso, não é de todo um objetivo (Lahire, 2004; 2005). Na verdade, a fraca ou a inexistência de representatividade estatística não se revela, em nosso entender, um elemento a considerar na solidez da nossa análise e respetivos resultados.

O que pretendemos, sim, é uma "representatividade social" (Guerra, 2012: 20), resultante da narrativa que o entrevistado faz de si próprio, a qual representa uma parte singular da realidade social de que pretendemos dar nota através de um objeto cientificamente construído, por intermédio de uma lógica claramente hipotético--dedutiva.

Também não fará muito sentido falar de regras de amostragem, desta forma o número de indivíduos a entrevistar e a seleção dos respetivos perfis será realizada através do método intencional e de bola de neve. Ou seja, fomos ao encontro de indivíduos com determinadas características e detentores de perfis específicos. Ainda assim, o objetivo foi o de variar em relação a sexo, idade, posição ocupada no interior de cada ONGA, bem como o tempo a que a atividade de ativista ambiental foi levada a cabo.

Desta forma, pretendemos conseguir apresentar as especificidades em termos de disposições, práticas sociais, papel das emoções e passado biográfico, e, claro, a forma como tudo se relaciona no sentido de entender como se manifesta o ativismo ambiental em cada indivíduo.

11.3. Um contexto muito particular

Os participantes neste estudo, que aceitaram dar parte do seu tempo a responder a questões relacionadas com o seu passado e sobre a forma como pensam relativamente às questões que lhe são postas, estavam, tal como o entrevistador, sujeitos ao cumprimento das regras básicas de cuidado impostas pelas circunstâncias de pandemia em que se vivia e ainda vive. A realização de entrevistas de forma presencial tornou-se praticamente inviável, dada a necessidade de limitar ao máximo os contactos com terceiros, a impossibilidade de realização de deslocações e, claro, tendo em consideração a integridade física dos intervenientes no processo de entrevista.

Perante este constrangimento, houve a necessidade de recorrer à tecnologia, mais precisamente à videoconferência, para realizar as entrevistas, usando uma das

aplicações mais comuns e de maior facilidade de utilização, de forma a facilitar o processo de interação entre o entrevistado e o entrevistador.

Na verdade, o uso da tecnologia para fazer entrevistas à distância não é novo, vejam-se, por exemplo, as entrevistas realizadas por telefone, com todos os inconvenientes que advêm, como o facto de nem o entrevistado nem o entrevistador terem a possibilidade de se verem mutuamente. Ora, este problema está totalmente ultrapassado com o recurso à videoconferência, cujo contexto será em quase tudo semelhante ao de uma entrevista realizada presencialmente, "considerando que todos os envolvidos interagem observando-se mutuamente" (Bryman, 2008: 669). O recurso à internet para a recolha dos dados permitiu fazer aquilo que, na verdade, motiva a sociedade a usá-la: aproximar pessoas e ultrapassar barreiras, como a geográfica. O recurso à videoconferência traduziu-se numa "ferramenta para ligar os participantes e assim recolher os dados", no nosso caso. No fundo, numa pesquisa qualitativa, este recurso traduz-se num potencial criativo, perante a possibilidade de uma dispersão geográfica, permitindo várias modalidades e uma maleabilidade em termos cronológicos (Markham em M. Silverman, 2004: 100; 120). Assim, quanto a nós, a utilização da internet permitiu ultrapassar, além das já referidas questões decorrentes do contexto de pandemia, os constrangimentos de âmbito geográfico, uma vez que os participantes residiam em locais diversos do território nacional; possibilitou a gravação do registo áudio da entrevista; em simultâneo, a interação através do vídeo entre o entrevistado e o entrevistador; e, ainda, uma elevada flexibilidade no agendamento e no tempo de duração de cada uma das diferentes sessões em que se dividiram as entrevistas (em média, cada entrevista dividiu-se em três sessões em dias distintos).

11.4. Algumas questões éticas

Como será fácil de antecipar, a realização das entrevistas implicou que fossem revelados múltiplos aspetos relacionados com a vida quotidiana e íntima de cada um dos entrevistados, o que pressupõe um tratamento que salvaguarde a sua identidade e a sua vida privada, sem que isso de alguma forma comprometa a análise científica através dos dados empíricos.

Uma outra questão ética teve que ver com a necessidade imperiosa de informar os participantes relativamente aos objetivos do estudo, da forma mais clara e objetiva possível, não deixando quaisquer dúvidas relativamente àquilo que efetivamente este trabalho procura responder.

Assim, os participantes foram contactados por email, sendo também através deste meio que foram de imediato transmitidos vários elementos que indicavam a identidade

do autor do estudo, bem como todos os contactos. Foi igualmente facultado um texto no qual constavam os objetivos, o título da tese, algumas referências bibliográficas, bem como tudo o que se referia à realização da entrevista, como por exemplo a duração prevista, a realização através de videoconferência; o facto de ser gravada para efeitos de tratamento posterior dos dados; e o compromisso explícito de que a sua identidade seria totalmente salvaguardada, através da anonimização de todos os elementos que eventualmente possibilitassem a identificação.

Perante esta informação enviada no email de contacto, e após uma resposta afirmativa de participação, assumiu-se que estava cumprido o chamado consentimento informado. Resta, todavia, reforçar que, antes do início de cada entrevista, eram mais uma vez lidos os objetivos do estudo e solicitada autorização para a gravação.

Importa por fim esclarecer que todos os elementos identificativos dos participantes que constam das entrevistas, inclusive o nome das respetivas ONGA, foram ocultados ou substituídos por nomes fictícios, mantendo unicamente inalterados o discurso e a narrativa. A questão da salvaguarda do anonimato pareceu não fazer parte das preocupações dos entrevistados, parecendo ser mais preocupante a forma como responderiam às questões. No entanto, parece-nos que a nossa garantia de anonimato terá contribuído para que, à medida que a entrevista evoluía, a interação entre o entrevistador e o entrevistado fosse ficando mais fluida e menos constrangedora, evoluindo muitas vezes para formas de tratamento mais informais.

11.5. Alguns apontamentos sobre o contexto das entrevistas

O contexto em que se realizam as entrevistas resulta na verdade numa interação entre dois atores ou, se quisermos, o desempenho de dois papéis sociais distintos, em que um diz respeito ao de entrevistado e o outro ao do investigador que toma o lugar de entrevistador (Miller & Glassner em M. Silverman, 2004). Há, portanto, em jogo um conjunto de expectativas tanto de um lado, como de outro. No nosso caso, o recurso à videoconferência revelou-se propiciador de um ambiente bastante descontraído, em que, por fim, o entrevistador assumiu o papel de "um tipo particular de confidente, aquele que desaparece depois da confidência ter sido feita" (Lahire, 2004: 33).

O tipo de interação caracterizou-se no essencial pela informalidade, que, claro, decorre da própria personalidade do entrevistado, mas também do esforço do entrevistador em ser empático. Este é um dos elementos que contribuem para que se realize uma entrevista aprofundada e semidiretiva, assente na confiança que se estabelece entre os dois intervenientes e que conduz ao à-vontade do entrevistado,

levando-o muitas vezes a ter a iniciativa do seu discurso (Lalanda, 1998: 871-883), o que, acaba por permitir que sejam recuperadas memórias há muito guardadas:

«Mas, eh, pá! era uma coisa muito… foi muito pontual. Se não falasse contigo, já não me lembrava disso.»

«E, pronto, isto é o que eu me lembro assim de repente. Ainda bem que falaste nisso, que isso em Inglaterra já não me lembrava [risos] há muito tempo.»

Ou então a permitir que o entrevistado pense em si mesmo de uma forma que permita a abertura de reflexões durante a entrevista:

«(…) e isso revoltava-me. Talvez venha daí o meu lado feminista, não sei.»

Na verdade, o constrangimento que surgiu no início por os entrevistados se encontrarem frente a frente com o entrevistador, ainda que através de uma câmara, parece ter sido atenuado por estarem no seu meio habitual, na sua zona de conforto, mais precisamente na sua habitação, o que de uma certa maneira transmite uma sensação de segurança que acaba por se refletir no discurso.

De salientar também a curiosidade que os entrevistados demonstraram sobre o objeto da pesquisa. Neste sentido, testemunhámos alguma admiração por alguém se interessar pelas suas carreiras de ativismo ambiental e fazer disso um objeto de estudo. Na verdade, foi manifestada uma maior preocupação relativamente ao resultado da entrevista do que em relação os aspetos relacionados com a sua identidade, o que é uma questão recorrente neste tipo de entrevistas, em que o entrevistado se preocupa mais com o resultado da entrevista do que com outras questões (Miller & Glassner em M. Silverman, 2004).

No entanto, e sem querer adiantar já as conclusões, todos os participantes têm a perfeita consciência das implicações e da relevância do seu ativismo e da forma como é visto pela sociedade.

Os princípios adotados pelo entrevistador permitiram que os entrevistados refletissem sobre si mesmos e verbalizassem essas mesmas reflexões perante alguém que lhes era totalmente desconhecido e estava ali para os observar. Exemplificando: o princípio de orientar as questões sem, no entanto, determinar em demasia as narrativas sobre si mesmos, a manutenção de uma postura de ouvinte atento e empático, sem manifestar opinião ou juízos de valor sobre qualquer assunto, e a manifestação inicial da preservação da identidade e a manutenção de um registo informal na interação.

12. Os retratos sociológicos

Deixando para trás todo o enquadramento teórico e algumas considerações metodológicas, chegamos a uma das partes mais importantes deste trabalho: o momento de apresentar cada um dos retratos sociológicos dos ativistas ambientais que acederam a participar neste estudo.

Será então através da leitura e da interpretação de cada um dos retratos sociológicos, que a seguir se apresentam, que se poderá identificar, em primeiro lugar, a relação conceptual de base, constituída fundamentalmente pelas disposições, as emoções, a biografia e a questão dos desempenhos de papéis sociais, sem esquecer o papel da identidade de ativista e da identidade coletiva. Há a possibilidade de percebermos em que consiste o chamado pensamento verde e também as próprias representações acerca do ativismo ambiental de cada um dos entrevistados.

Referimos ainda que, considerando uma certa economia no texto, nem todos os elementos constantes nas entrevistas foram considerados para a construção dos retratos. Todavia, parece-nos que ficaram bem patentes os principais pontos de destaque e com relevância empírica no sentido da validação das hipóteses e de resposta à nossa questão central.

12.1. Elisabete

«*Eu quando comecei a trabalhar inclusive dizia que podiam não me pagar, porque eu podia fazer aquilo toda a minha vida*»

Elisabete tem trinta e quatro anos, tem um mestrado e é bióloga. Nasceu numa pequena vila junto ao mar, situada na zona centro do país. Toda a sua infância e parte da juventude foram passadas num aglomerado de casas com quintais, rodeadas de campos agrícolas. A infância foi passada quase sempre no mesmo quarteirão, sendo que a escola era também muito perto de casa. Dada a reduzida dimensão da vila onde nasceu e cresceu, as pessoas conheciam-se todas.

Relativamente à configuração familiar de origem, mais precisamente ao contexto familiar mais chegado, era composta pelo pai, pela mãe, por um irmão mais velho e pelos avós paternos. Os avós maternos são referidos na entrevista, mas não são narradas grandes referências, possivelmente por a convivência não ser muito frequente.

Relativamente às habilitações escolares dos pais, o pai tinha o equivalente ao atual 11.º ano e a mãe o 9.º ano, obtido já tardiamente, a estudar à noite.

A infância foi tranquila e os avós paternos tiveram uma influência bastante grande neste período da sua vida, uma vez que foi com eles que passou grande parte dos dias. Do seu avô herdou o gosto pelo campo e pelas atividades ligadas à natureza, já da avó, que era catequista, herdou a dedicação às atividades religiosas, tendo inclusive começado a participar no escutismo católico, atividade que ainda hoje mantém.

Desde que acabou os estudos que participa em ONGA, seja de forma voluntária ou remunerada, tendo inclusive ocupado cargos de direção e gestão numa outra ONGA que não aquela em que hoje participa.

Por força das funções que presentemente exerce, encontra-se a residir fora da localidade onde nasceu e cresceu, juntamente com o namorado, igualmente biólogo na mesma ONGA.

Elisabete ocupa atualmente funções de técnica de conservação da natureza, de forma remunerada, numa das ONGA de dimensão nacional e que é também uma das mais antigas. O âmbito das atividades é a conservação da natureza, através da investigação e desenvolvimento de projetos de conservação, a promoção da cidadania ambiental, através da participação pública em ações de formação e educação ambiental, a divulgação e sensibilização e, claro, o desenvolvimento de ações que visem impedir a delapidação e a destruição dos meios naturais, ou seus elementos e o património cultural.

A entrevista foi realizada através da plataforma Zoom, distribuída por três sessões, a primeira de cerca de meia hora, a segunda uma hora e meia aproximadamente e a última de quinze minutos, tendo as duas primeiras ocorrido em dias seguidos e a última sessão, uma semana depois. Elisabete aceitou sem reservas participar no estudo, mostrando-se inclusive interessada no objeto de pesquisa e disponibilizando-se para facultar contactos de outros eventuais participantes.

Uma infância sem sobressaltos

No que respeita à sua infância, pode dizer-se que foi bastante tranquila e sem sobressaltos. Refere até que não guarda quaisquer memórias negativas dessa fase da vida e que sempre sentiu um gosto especial em aprender e pela escola, bem como por todas as outras atividades extracurriculares.

«(…) sempre gostei da escola, pronto, devia ser aquela primeira coisa que as pessoas dissessem que não agradasse sendo criança, mas eu era uma criança aplicada e que gostava de ir à escola, sempre fiz muitas atividades também, extracurriculares, portanto, sempre fiz coisas que me agradavam.»

Assume que, em casa dos pais, sempre teve gosto em desempenhar as tarefas domésticas. Desde criança que o assumir das responsabilidades é uma constante e a realização das mais variadas tarefas e atividades é levada a cabo com gosto e nunca de forma contrariada, um traço, como mais à frente se verá, que irá ser relevante noutros contextos sociais.

São, na verdade, os avós paternos que assumem um papel bastante relevante na infância, o que se refletiu de forma indelével na sua socialização primária. Era com estes avós que passava a maior parte do tempo, dado que os seus pais trabalhavam o dia inteiro e muitas vezes por turnos. Aliás, acaba por referir que a mãe andou a estudar à noite, um elemento relevante, portanto, uma vez que já na infância se apercebeu da importância das habilitações escolares e do conhecimento, e do facto de que por esse motivo a mãe esteve ausente em alguns períodos da sua vida.

«(…) mas nós em pequeninos, assim mesmo em primeira infância, passámos mesmo bastante tempo com os meus avós paternos. As casas são pegadas, portanto, quando os meus pais iam trabalhar e a minha mãe também estudou de noite, portanto, passámos muito tempo com os meus avós.»

Curiosamente nunca referiu durante a entrevista a profissão dos pais, à exceção de que o pai, em tempos, teve um barco de pesca.

Relativamente aos avós paternos, é do avô que guarda mais referências pois foi com ele que experimentou um maior número de vivências, em especial as ligadas ao campo e à vida rural.

«*Mas relativamente ao meu avô paterno tenho essa, essa noção de ter aprendido muita coisa, ter passado muito tempo com ele, a fazer, por exemplo, muitas coisas diferentes, especialmente as relacionadas com o campo, sim, muitas, sim*.»

Destaca o facto de ter sido com este avô que aprendeu a andar de bicicleta, fez passeios de carro, realizou jogos tradicionais e recordou o tempo passado na horta junto à casa. Podemos assim observar que desde cedo Elisabete interiorizou uma certa categoria de valores muito ligados à vida do campo, à natureza e à ruralidade, transmitidos em grande parte pelo avô paterno:

«(…) *tenho memórias, se tenho uma ideia de ter vivido muita coisa com o meu avô paterno, sim. (…) Fui a aprender a andar de bicicleta, com o meu avô, por exemplo. E nós temos um quintal entre as duas casas, portanto tudo o que era coisas de campo, hortas etc., era ele que fazia e que nós passávamos tempo com ele. Mesmo passeios, sair de carro e assim também. E jogos tradicionais, jogar às cartas, passávamos sempre muito tempo, muito tempo juntos. Eu, o meu irmão e ele*. *Depois o meu irmão como era mais velho já começou a ter outros gostos. (…). Mas assim, dessas coisas do dia a dia, da vivência assim, de uma memória em que, no meio mais pequeno, não é? Aquilo não*

é muito grande, da vivência mais rural, se, se pode dizer, o meu avô ensinou-me muita coisa e passei assim muito tempo com ele.»

Refere uma divergência no percurso infantil relativamente ao irmão, apesar de ambos terem crescido no mesmo contexto e sob a mesma influência dos avós.

Elisabete classifica a educação transmitida pelos avós paternos como muito branda e que os poucos castigos de que se lembra foram na verdade os seus pais que os aplicaram, essencialmente motivados por ações em que os valores da honestidade e da irresponsabilidade foram postos em causa.

«*Os meus avós sempre foram muito brandos, tanto de um lado, como do outro. Os meus pais, a minha mãe castigou-me uma vez a mim e ao meu irmão, castigar de: fica uma parte sem ver televisão e sem brincar durante dois ou três dias, porque nós, basicamente, fomos brincar para um sítio e dissemos que tínhamos ido para outro*.»

A transmissão de uma determinada categoria de valores, no decorrer da socialização familiar de Elisabete, foi determinante no desenvolvimento de uma série de disposições. Assim, são os valores como o trabalho, a sinceridade e a coesão familiar que dá como mais importantes no seu contexto familiar de origem.

«*Sinceridade, a honestidade sempre, uma coisa que é muito valorizada e ao dia de hoje, olhando para o tal castigo, tenho a noção perfeita de que o problema não foi a situação, foi mesmo a mentira. O trabalho, o trabalho, para se conquistar aquilo que tem, que temos. Uma coisa que os meus pais dizem sempre que tem a ver com, tanto eu como o meu irmão seguirmos muito, que é levar as coisas até ao fim, ou seja, quando aceitamos um desafio, tentar contornar as dificuldades e os obstáculos, sem desistir, não é?»*

É bem patente que a interiorização das disposições ascéticas, que mais tarde se repercutiram na dedicação aos trabalhos escolares, resultou da já referida transmissão de valores como o trabalho, o esforço individual e a responsabilidade, que é observável quando Elisabete cita a mãe:

«(…) *por exemplo, eu tinha notas para Medicina e a minha mãe dizia: 'Não, se tu escolhes aquilo que tu entenderes é uma decisão que é tua, mas tens de ser responsável, tens de levar essa decisão até ao fim.»*

Em relação às condições materiais, apesar de não ter sofrido profundas privações materiais, refere uma certa austeridade no âmbito da economia familiar. Ainda assim, posiciona a sua família numa classe média, relativamente ao contexto socioeconómico da comunidade onde estava inserida. Em virtude do contexto social em que estava inserida, cedo se apercebeu da sua posição socioeconómica, em resultado da interação com outras crianças, umas com origens familiares mais favorecidos e outras mais pobres.

«*Estaria ali no meio, porque na verdade eu tinha amigos que eram bastante pobres, lembro-me de brincar em casa deles, que eram barracos autênticos, portanto, ter esse extremo como comparação. Tenho a noção de que estaria ali a meio, mas também tinha amigos com muito mais posses do que eu (…) Depois (…), havia ali uns que tinham mais dificuldades, nessa situação. Mas a nível económico, acho que estaria ali no meio, sim. Mais porque tenho um extremo, não tenho, não tinha amigos muito ricos, mas tinha amigos muito pobres, portanto, acho que estava ali no meio, sim.*»

Contudo, apesar de nunca ter sentido uma grande privação material, refere que quando surgia uma vontade grande de adquirir determinado brinquedo ou bem material, a aquisição por parte dos pais não era imediata, era sempre necessário esperar pelo momento mais adequado em termos financeiros, dada a modéstia dos seus rendimentos. Mas, regra geral, foi-lhe sempre permitido ter tudo aquilo que desejou.

«(…) *mas sempre trabalharam por turnos, ordenados mínimos e tudo o mais, mas eu e o meu irmão, sempre, pronto, dentro daquilo que queríamos nunca nos faltou nada.*»

«(…) lembro-me nas aulas de guitarra, andei muito tempo com uma guitarra emprestada até conseguir ter a minha própria guitarra, portanto, podem as coisas não ter chegado tão depressa como nós gostaríamos, mas sempre chegaram, não houve assim problemas de maior.»

Este tipo de constrangimento acabou por, no futuro, resultar num certo desapego relativamente ao consumo de produtos e bens materiais, o que, em certa medida contribuiu para o reforço de uma disposição minimalista, onde acaba por não valorizar tanto a posse de bens materiais e que por sua vez encontrará reflexo nas futuras preocupações ambientais de Elisabete.

Consciência ambiental familiar

As conversas que existiam no contexto familiar relacionadas com aspetos da natureza, a par do meio essencialmente rural onde Elisabete passou a infância, revelaram-se férteis na sua socialização primária. Uma referência que surge na entrevista prende-se com o pai ter sido pescador e que, quando o acompanhava nestas atividades, era natural surgirem conversas sobre assuntos ligados ao mar e ao meio marítimo.

«*Sim, primeiro, porque pronto, como somos de um meio pequeno e sempre tivemos aquela ligação, sempre tivemos quintal e brincávamos no pinhal, ou brincávamos no campo, ou brincávamos na praia, houve sempre esse envolvimento. E sempre que havia algum tema de ambiente, fazia parte, era esclarecido e falava-se. Depois o meu pai*

sempre teve uma ligação muito forte ao mar, chegou a ter um barco, portanto saíamos muito para pescar, falávamos do peixe, da pesca e de tudo quanto são atividades relacionadas.»

A educação que nesta altura da vida recebeu do avô também desempenhou um papel muito importante na sua socialização, se levarmos em linha de conta o que já foi referido relativamente ao tempo que passou na companhia dos avós.

«(…) *especialmente com o meu avô, a mesma coisa, ensinava-nos sobre os pássaros, tinha uma memória, não faço ideia com que idade, mas é a primeira perceção que eu tenho relativamente às aves, foi ter uma pena azul, mas eu devia ser muito pequenina, porque eu não me lembro mesmo, lembro-me da pena, mas não me lembro do meu avô me dizer que era um gaio, mas não, não me lembro, não faço ideia que idade é que tinha, mas sempre tivemos, tivemos essa, as questões ambientais.»*

A interiorização através da transmissão de valores ambientais teve início logo no decorrer da socialização primária de Elisabete, pelo que foi no contexto familiar que cedo se instalou um gosto pelas questões da natureza e dos animais.

Uma veia religiosa e uma especial dedicação à escola

A religião para Elisabete sempre teve um papel importante na sua vida, classificando-se como católica praticante. Na verdade, desde criança que participa e se envolve nas atividades e cerimónias ligadas à Igreja Católica. Convém referir que este lado religioso não foi de modo algum imposto. Esta influência não partiu dos pais, que classifica como católicos não praticantes, mas partiu, sim, da avó paterna. A avó era catequista e muito ligada às atividades da Igreja, acabando desta forma por transmitir, como Elisabete diz, «*essa veia religiosa*». É na sequência desta ligação à Igreja que inicia ainda em criança a sua participação no escutismo católico, atividade que mantém, tal é ainda a sua identificação com este movimento.

«*Os meus pais são católicos, casados, nós somos batizados, e eles sempre permitiram que nós fizéssemos as nossas escolhas, e eu não sei, talvez um bocadinho por identificação como os meus avós e com a minha avó particularmente, sou católica, sou praticante, sempre participei em tudo. Catequeses todas, sou escuteira católica, vou à missa, tenho todos os hábitos religiosos católicos comuns, por assim dizer*»

Elisabete recorda-se de ter sido uma criança particularmente obediente e relativamente à qual nunca houve a necessidade de qualquer tipo de imposição ou coerção por parte dos pais, com o objetivo de a levar a cumprir os deveres escolares. Apesar das qualificações dos pais não se situarem ao nível do ensino superior, recorda que, quando era criança, o pai a apoiava nas pesquisas, através da consulta de

enciclopédias, quanto fazia os trabalhos da escola, o que acaba por contribuir para a interiorização de práticas que contribuem para a formação de uma disposição ascética para o estudo.

«(…) *era uma criança bastante disciplinada, para além de gostar de estudar, procurava muito de mim e trabalhava muito, tanto sozinha, como em grupo, sempre fui muito disciplinada, portanto, eles comigo nunca tiveram aquela necessidade de: 'Vai-te sentar, senta-te aqui, vamos fazer os trabalhos.' Mas, pronto, antes de haver internet e era preciso fazer pesquisas e assim, o meu pai ajudava-me também nessa parte e coisas em enciclopédias, memórias que eu tenho, mas efetivamente não tenho, sempre fui muito disciplinada*.»

Elisabete assume, na verdade, que desde cedo possui um gosto particular por aprender e realizar todas as tarefas escolares, gosto este que a acompanhou durante o tempo em que frequentou o ensino superior. Em bom rigor, admite que desde criança que procurou autodisciplinar-se neste sentido, o que acabou por desenvolver uma forte disposição ascética para o estudo.

«Eu costumo dizer que, porque gostava de aprender, ou seja, para mim não era enfadonho ir às aulas, tanto pequenina, como mais tarde na universidade, independentemente das noitadas que houvesse, eu ia sempre às aulas porque gostava, eu tinha gosto e acho que me dei muito bem com o ouvir, o estar a assistir e estar a fazer. Pronto, como sempre tive muito gosto em adquirir o conhecimento, criei essa disciplina, por assim dizer, e então, pronto, não me baldava [risos], nem nada disso.»

No contexto escolar, as suas disciplinas preferidas eram: Matemática, Ciências e Biologia o que contribui para o facto de possuir memórias muito positivas de alguns professores. Menciona que foi por influência da então professora de Biologia, com a qual se identificou muito e com quem conversou, que no final do secundário optou por seguir os estudos superiores em Biologia, sempre no ensino público, tendo concluído a licenciatura e o mestrado sem nunca ter interrompido o seu trajeto escolar.

Recorda como muito positiva a experiência de ter de sair de casa dos pais quando ingressou no ensino superior, referindo com um certo orgulho que, apesar de ser mais nova do que a maioria dos colegas, não sentiu quaisquer dificuldades de adaptação a uma certa independência e organização da vida de estudante longe do ambiente familiar:

«Não tive qualquer problema, bem pelo contrário, adaptei-me logo muito bem e gostei, gostei de estar fora de casa e depois em conversa com outros colegas da universidade que realmente estavam a ter dificuldade por estar fora de casa, seja a nível de saudades e a nível de gestão, coisas que não sabiam, não conseguiam gerir, uma mesada, ou cozinhar, coisas daquele género. Eu estava completamente independente,

não tive problemas nenhuns, nem a me adaptar e gostei, gostei muito, gostei muito da experiência.»

Neste ponto do seu trajeto de vida, revelam-se já algumas disposições ligadas à organização, gestão e planeamento de tarefas relacionadas com as atividades domésticas, as quais se inscreveram desde a infância no seu repertório disposicional.

Relativamente à opção por Biologia, recorda que sempre achou que queria fazer alguma coisa pelo bem comum e pelo mundo, assumindo que muito possivelmente a participação nos escuteiros e a sua ligação à natureza tiveram uma certa influência na escolha.

«*E depois, talvez um bocadinho por vir dos escuteiros, essa convivência com a natureza, comecei a perceber que talvez seria esta área que eu poderia ser, poderia dar o meu contributo, para fazer alguma coisa de importante e de útil, era sempre nesta ótica de fazer melhor, de fazer mais.*»

«(…) era mesmo nesta ótica de estar no meio, para poder fazer alguma coisa de útil pela natureza, neste caso pelo planeta. Não era por uma espécie em particular, era mesmo pelo objetivo global.»

Identifica-se assim, no património disposicional de Elisabete, um conjunto de disposições para crer, muito centradas na responsabilidade individual de contribuir para o bem coletivo, a par das convicções e preocupações ecológicas e centradas nos valores da natureza. Este tipo de disposições, como se pode observar, resulta de uma interiorização ocorrida através de três instâncias socializadoras inscritas no seu percurso de vida: a família, a Igreja e, claro, os escuteiros.

O gosto pela participação nas atividades coletivas

Como já foi dito, foi em criança que Elisabete iniciou a participação no escutismo católico, sendo habitual frequentar colónias de férias, onde os jogos de equipa e as atividades coletivas eram bastante comuns e onde se cultivava a importância de pertencer a um grupo unido, o que contribuiu para a sua identificação com a identidade coletiva dos escuteiros.

«(…) *o componente de praia como a componente de jogos de equipa, de visitas a museus, o que fosse, mas todos os verões ia para as colónias de férias. Estando ali por casa, era mais a praia que fazia e normalmente todos os verões havia uma atividade grande dos escuteiros, pelo menos até à atividade, estaríamos sempre a preparar, portanto desde fazer jangadas ou outras construções, a preparar a atividade que depois normalmente era de uma semana, mais perto ou mais longe, ou umas internacionais, a*

nível de férias era sempre à base do que houvesse nos escuteiros, nas colónias e a praia.»

Num contexto de âmbito já marcadamente coletivo, no qual se destacava a realização de atividades em que a divisão de tarefas, a organização e o planeamento, eram um elemento constante. Todavia, e apesar da atividade como ativista ambiental não existir ainda na sua vida nem na atividade que desenvolvia como escuteira, é evidente que a participação na ação coletiva, por via do envolvimento no escutismo, acabou por conduzir à inscrição no seu património disposicional de uma disposição ligada à ação coletiva, a par do reforço das disposições planificadoras e de organização.

«Tudo o que seja coisas mais, mais práticas, sempre gostei muito e o próprio trabalho em equipa, aquele esquema de cada um ter a sua função e todos sermos essenciais para cumprir os objetivos, também era uma coisa que eu, que eu gostava de ver a funcionar e fazer parte.»

Foi também no papel de escuteira que se envolveu ativamente em situações relacionadas com danos ao ambiente, em que o medo, a revolta e a responsabilidade se tornaram emoções com relevância para a ação. Aqui, destacam-se os grandes incêndios florestais, nos quais sentiu aflição e desespero, quando colaborou nas ações de apoio aos bombeiros, sempre integrada nos escuteiros.

«*Os incêndios, os incêndios, o primeiro de 2004 creio eu, a primeira vez que ardeu assim muito mato, lembro-me também, lembro de termos… foi na altura das festas da vila, e foi assim uma altura muito complicada de gerir. Tenho assim memória dos escuteiros ficarem de prevenção, de ter sido levada água aos bombeiros e de estarem as chamas a chegar ao pé de casa*.»

Outras situações, que similarmente tiveram o potencial de provocar impactos emocionais, foram as descargas de poluição num rio onde era habitual praticar diversas atividades com os escuteiros.

«*Tinha também situações pontuais com a poluição no rio Liz, que era uma coisa que nós, a nível de escuteiros, ficávamos sempre muito revoltados, porque, enfim, era uma zona que a gente usava para fazer atividades, muitas das vezes chegávamos ao sítio e pronto, aquilo estava, estava tudo sujo.*»

São, portanto, eventos inscritos no passado que acabam por ter a capacidade de gerar emoções que ficam gravadas na memória, essencialmente por estarem ligados a elementos cuja representação em termos simbólicos está fortemente relacionada com a natureza e o ambiente, como é o caso do pinhal e do rio. Qualquer evento com impactos negativos nestes dois contextos espaciais, em virtude de ter sido neles que brincou na infância e se dedicou às atividades do escutismo, acaba por implicar emoções também negativas, em especial a indignação e revolta.

«*Sim, medo, porque estavam a cair as cinzas no centro da vila onde estavam as festas, portanto a situação estava muito próxima. Depois, era um sentimento de preocupação e de responsabilidade, porque nós, como fomos chamados a ajudar, estivemos muito próximos da situação, a ver os bombeiros e o cansaço e toda aquela… famílias aflitas, foi assim uma coisa quem me deixou assim bastante desnorteada durante uns tempos. A seguir ao evento e depois passando, passando no pinhal, não é?, nós que crescemos ali, quem cresceu no pinhal de Leiria, tanto depois destes últimos como desse primeiro incêndio, foi assim muito agressivo, porque… muitas memórias de infância, seja com escuteiros ou sem escuteiros eram ali da zona, isso foi assim*.»

«*Lembro-me da questão dos incêndios, aconteciam todos os anos e no ano que foi mais forte lembro-me particularmente de andar naquele tempo, daquilo ter mexido comigo e de ter andado bastante revoltada, com a possibilidade de ter, de ter sido de propósito, de ter sido fogo posto.»*

Na verdade, durante todo o seu trajeto escolar, Elisabete participou em várias atividades de carácter coletivo que já visavam a proteção do ambiente.

Ainda no ensino secundário e além do seu envolvimento nos escuteiros, participou num grupo escolar dedicado à proteção dos espaços florestais, com uma intensa atividade desenvolvida no campo e em contacto direto com a natureza.

«*Tomei parte do grupo da floresta, que na altura era um grupo que eles tinham. Era já a um nível nacional, era tipo as atividades da bandeira azul que há agora atualmente, que há a nível nacional, mas cada escola tem o seu, e nós tínhamos um grupo da floresta associado a esse programa, que eu fazia parte. Fazíamos atividades de orientação, de coisas relacionadas ali com o pinhal e muitas atividades desse género*.»

Elisabete refere que este envolvimento e a participação nas respetivas atividades foram um motivo de grande satisfação pessoal para si, o que aponta para a influência muito positiva que teve a participação neste tipo de experiência no seu passado.

«*Eu na altura estava bastante interessada e gostava de participar e participava em tudo, nós éramos um grupo até bastante alargado, mas, pronto, para trabalhar eram sempre as mesmas [risos] e eu era uma dessas sempre as mesmas que apareciam sempre para fazer as coisas.»*

«(…) são memórias que me ficaram, de ver as árvores notáveis do pinhal de Leiria, árvores que, por serem muito grandes ou por serem muito antigas, são visitas de estudo que eu tenho muita memória, de ter participado e de ter gostado, de ter feito com gosto, com gosto em participar.»

Note-se, novamente, ficar em evidência a disposição para o planeamento e a organização de atividades em grupo.

Quando já estava na universidade, colaborou na organização dos eventos e atividades promovidos pelas associações académicas e, apesar de não se encontrar efetivamente filiada, envolveu-se ativamente na equipa de coordenação dos estudantes de Biologia. Participou ainda de forma pontual em ações de voluntariado jovem, mesmo que nunca tenha pertencido formalmente a qualquer associação durante o seu percurso de estudante.

Refere com regozijo que em todas estas participações sempre fez parte daquele grupo de pessoas que efetivamente trabalhavam e contribuíam ativamente na organização dos eventos e não do grupo daqueles que, apesar de pertencerem à organização, somente apareciam na parte final dos preparativos e para o evento em si.

Deixa transparecer, através da sua narrativa sobre esta fase de estudante do ensino superior, uma tendência para, em contexto de interação com os outros e de forma bastante racional, optar por uma atitude mais reservada, envolvendo-se somente em atividades que na sua opinião fossem importantes.

«*Entrei na universidade, se calhar não tenho memória de ter assim particular ligação com as pessoas que lá estavam, e depois como comecei a participar nas outras, outras atividades e outros cursos, outras formações que havia paralelamente, e então não, não. Acho que foi mesmo, não me identifiquei com as pessoas que estariam e então ajudava só naqueles eventos em que poderiam chamar-se útil*.»

Só um tipo de trabalho interessa

Elisabete inicia a vida profissional como bióloga logo após terminar o estágio do mestrado, através da participação numa ONGA, cuja atividade principal era a conservação de animais selvagens, pelo que a fase de procura de emprego não fez parte do seu percurso de vida. Apesar de ter permanecido ligada profissionalmente à mesma ONGA onde estagiou, mudou de local de trabalho diversas vezes, desempenhando funções em diferentes pontos do país, mais precisamente entre a serra da Estrela e o Algarve, tendo ainda realizado outro estágio profissional em Madrid.

«*Quando fiz o meu mestrado, fiz a minha tese de mestrado num centro de recuperação e esse centro de recuperação era e é gerido por uma associação. Uma ONG e, quando eu terminei o meu mestrado, propuseram-me ficar a trabalhar. Inicialmente em estágio no IEFP, depois a recibos verdes, depois a contrato. Portanto, entrei assim que terminei o mestrado, comecei a trabalhar, nem sequer passei pela fase de procurar emprego, porque fiquei. Isto tudo seguido. Fiquei logo no sítio onde tinha feito a tese. Depois mudei de local, mas mantive a entidade empregadora.*»

Nunca passou pela experiência do desemprego e, quando esteve sem trabalho por um período não muito longo, procurou de imediato ocupar o tempo livre a dar explicações e a desenvolver atividades com os escuteiros, manifestando-se novamente uma disposição ascética para o trabalho.

Relativamente à sua profissão, é peremptória a afirmar que não se vê a fazer outra coisa que não seja a trabalhar em conservação de animais selvagens, tal é a força das disposições ecológicas, sendo que também aqui podemos perceber a relevância das emoções diretamente centradas na conservação da vida selvagem.

«*Mas nunca me vi a trabalhar com pessoas, por alguma razão, nunca, nem naquelas profissões da saúde, ou mais sociais. Não achava que era para mim, que não era por aí que eu ia conseguir ajudar.»*

Na verdade, refere mesmo que não gostaria de trabalhar com pessoas e que prefere o trabalho com os animais.

«Não sei, eu agora quando falo nisso costumo brincar a dizer que as pessoas mentem e os animais não. Quando trabalhei em recuperação, trabalhei num centro de recuperação e conversávamos sobre isso e eu dizia muitas vezes isso, os animais quando entram é aquilo que é, não é? Vêm com a asa partida, cura-se a asa, liberta-se e o animal continua a ser exatamente aquilo que era, a cumprir a sua função e as pessoas, não.»

Aliás, Elisabete não é alheia à eventual influência que as suas vivências no campo, quando era criança, e o seu envolvimento nos escuteiros tiveram na opção de se tornar ativista ambiental.

«*E depois, talvez um bocadinho por vir dos escuteiros, essa convivência com a natureza, comecei a perceber que talvez seria esta área que eu poderia ser, poderia dar o meu contributo, para fazer alguma coisa de importante e de útil, era sempre nesta ótica de fazer melhor, de fazer mais.*»

Portanto, a atividade profissional foi continuamente desenvolvida nesta área e sempre através de associações ambientalistas. Refere que se identificou bastante e quase de imediato com a primeira ONGA em que participou, muito pela própria estrutura organizativa e o modo de funcionamento que, segundo Elisabete, era muito igualitário e informal.

«(…) identifiquei-me com a maneira como eles faziam recuperação de animais selvagens. Para além de me identificar com essa questão, o facto de eles sempre que libertam um animal convidam as pessoas que estiveram envolvidas na recolha a participar e fazem educação ambiental.»

«Mas temos todos de fazer a mesma coisa e eu quando comecei a trabalhar em recuperação o diretor clínico lavava jaulas também, também apanhava cocó de pássaro

e isso para mim, numa associação, apesar de haver hierarquias, eu acho que as pessoas têm de estar com o mesmo nível de disponibilidade para tudo… seja das coisas mais rasas, seja também para assumir a responsabilidade.»

Foi nesta primeira ONGA que veio a ocupar posições de liderança e gestão, fazendo inclusive parte dos corpos sociais. Reconhece que este tipo de experiência lhe trouxe uma mais-valia na aquisição de competências relacionadas com a gestão, potenciada pelo facto de se tratar de uma ONGA onde todos os recursos eram limitados e, desta forma, haver a necessidade de um permanente rigor e rentabilidade na gestão.

«Percebemos, temos uma visão diferente, mais das dificuldades, até, do que das coisas positivas, mas é mesmo, é mesmo muito interessante e, a nível de desenvolvimento pessoal, cria-nos aqui umas capacidades de desenrascanço, de ver oportunidades em todo o lado. Porque, pronto, estando numa direção o objetivo é que a associação consiga continuar a trabalhar e, ao contrário de uma empresa, em que há aquele objetivo de lucro, não é?»

Reconhece que adquiriu uma experiência e maturidade que a leva a já não se envolver em todas as lutas e a perseguir todos os objetivos, como fez no início. Percebe, atualmente, que já nem tudo está ao seu alcance e que tem de realizar escolhas. Há por isso uma forma de agir bem mais pragmática e racional, não tanto virada para o protesto, afastando-se de um posicionamento mais radical, no que diz respeito ao ativismo ambiental.

Uma carreira de ativismo e uma conveniente combinação de papéis

A carreira de ativismo ambiental de Elisabete, através da participação numa ONGA, começou quando estava a realizar o estágio do mestrado em Biologia e, como se percebe, o ativismo ambiental é visto por si como a sua verdadeira e única vocação, mesmo quando é realizado de forma remunerada.

«*Eu sempre trabalhei com ONG, portanto a minha experiência, desde que saí da universidade, sempre envolveu trabalhar com ONG, houve uma altura que eu achei que poderia ter o gosto em fazer um trabalho para um município, por exemplo, ou para uma empresa, mas acho que me ia faltar um bocadinho aquele sentimento de dar a importância que eu tenho ao trabalhar para uma ONG, ou para uma associação sem fins lucrativos. Hã… e então, pronto, como não tenho essa experiência, pelo menos desde que trabalho, para aquilo em que me formei, hã… para mim trabalhar na ONG sempre é, sempre foi, a situação ideal, não só pelo espírito associativo que é inerente, não é? Para mim, tem a ver comigo, como pelas pessoas com, com as quais acabo por trabalhar, como também depois hã… alguma flexibilidade e alguma capacidade de*

adaptação que existe neste formato de estar numa associação que às vezes não é tão claro numa empresa ou num município ou noutro tipo de entidade, tanto para explorar as nossas próprias ideias, das minhas ideias como, por exemplo, aquelas flexibilidades mais logísticas de não haver um horário, claro que isto também funciona para um lado mau, às vezes [risos], hã… de não haver um horário e pronto é tudo um bocadinho mais flexível, porque as pessoas em si também são também mais flexíveis, portanto. Para mim trabalhar numa associação é a minha realidade, não tenho sequer outra experiência e, apesar de já de ter achado que poderia ser para mim, nunca cheguei a experimentar e tenho algumas dúvidas que fosse gostar, tivesse tanto a ver comigo como tem trabalhar numa associação.»

Durante a entrevista, a narrativa de Elisabete é, de facto, reveladora da forma forte com que se identifica com as ONGA em que se envolve. A atividade numa ONGA, tanto pela informalidade que caracteriza estas organizações como pelos objetivos, é uma experiência muito importante para que surja uma identificação pessoal com a identidade coletiva da ONGA.

Elisabete assume que, no campo profissional, o seu trabalho é objeto de reconhecimento por aqueles que a rodeiam, sendo até bastante valorizado, o que deixa perceber um bom desempenho relativamente às espectativas inerentes ao papel social que assume como técnica de conservação da natureza desta ONGA.

«Sim… hã… estão naquela que me é possível saber, estão todos satisfeitos, desde colegas à chefia… estão todos satisfeitos com a maneira como eu desenvolvo as tarefas e o facto de as tarefas aparecerem feitas é sempre uma mais-valia quando especialmente quando há dificuldades de gestão ou financeiras ter esta capacidade de tentar contornar os obstáculos e fazer muito mais, fazer as coisas. Hã…, portanto… acho que estão, estão todos satisfeitos e isso nota-se também porque recorrem à minha ajuda quando precisam de coisas que acham que eu possa ser útil, portanto acho que está tudo satisfeito [risos], espero eu que esteja tudo satisfeito. [risos]. Também nunca demonstraram que não estão, por isso também não posso saber muito. [risos]»

Individualmente revela-se bastante exigente consigo mesma e admite que lida muito mal com o seu próprio insucesso, inclusive aquele que pode acontecer em termos profissionais.

«(…) *quando as coisas não me correm de feição, tenho dificuldade em lidar quando as coisas não correm como eu planeei, ou que eu pensei. Tenho dificuldade em gerir isso, lidar com… com a falha ou com a derrota, como lhe quiserem chamar.»*

«(…) isso me afeta, afeta-me negativamente e depois na minha maneira de estar e de estar com os outros.»

Na verdade, além de exercer funções de forma remunerada, Elisabete também realiza muito trabalho voluntário. É neste ponto que surge uma combinação interessante entre o papel social de ativista ambiental de forma voluntária com o de funcionária remunerada da ONGA.

«*Nesta que estou agora, sou técnica. Não, não tenho nenhum envolvimento na associação para além do meu trabalho, por assim dizer. Mas, pronto, trabalhar numa associação, numa ONGA, fazemos sempre tudo, por isso é um bocadinho… somos funcionários e somos os voluntários, porque estamos sempre a fazer tudo.*»

Trata-se de uma interseção de papéis que ocorre no contexto da ONGA atual. Assim, observamos que o cruzamento destes dois tipos diferentes de papéis sociais resulta, por um lado, do facto de Elisabete exercer funções profissionais que se encontram limitadas pela circunstância de não ser sócia desta ONGA, evitando desta forma eventuais conflitos de interesses, e, por outro, por se envolver e participar em várias atividades claramente extraprofissionais igualmente promovidas pela ONGA. Admite, no entanto, que nem sempre é fácil distinguir os objetivos a atingir, seja através do desempenho do papel de funcionária ou do papel de voluntária.

«Eu, a minha participação… pronto, o trabalho, ou seja, o meu trabalho… hã… é trabalhar na associação, para a associação e depois, quando há atividades paralelas que não têm a ver diretamente com a minha… com o meu trabalho, tento também ajudar e participar naquilo que me é possível fazer, mas nem sempre os resultados se veem na… à velocidade que nós gostávamos. Hã… e então, pronto, é assim um balancear entre a utilidade daquilo que se está a fazer, a utilidade momentânea, a utilidade naquele momento e a utilidade a longo prazo e então, nem sempre é muito fácil, hã... perceber a utilidade daquilo que se está a fazer. Isto, nas tarefas mais pontuais da associação, não no trabalho normal… hã… Por isso eu não, eu na associação onde estou atualmente não sou sócia, por exemplo, é uma coisa que normalmente acontece, que as pessoas que… ou já são sócias quando começam a trabalhar ou quando começam a trabalhar são sócias, eu optei por não me tornar sócia da associação onde estou a trabalhar agora por achar que em determinadas alturas pode haver conflito de interesse. Hã… porque defender o meu lugar como funcionária, às vezes pode… hã… tenho… ou tenho informação como funcionária que os sócios não podem ter ou não devem ter ou há situações em que para pensar no meu lugar como funcionária posso não conseguir pensar na, na associação como tal, ou aquilo que é melhor para a associação, então foi uma opção pessoal. E o facto de não ser sócia se calhar priva-me um bocadinho de algumas coisas que depois fazem parte dos sócios, daquilo que são atividades dos sócios e aquilo que é comunicação às pessoas e fica para os sócios. Hã… por isso…

hã… eu hã… atualmente na associação em que estou sou uma funcionária que faz também… que também dá apoio em outras atividades.»

Em bom rigor aqui está patente a tentativa de dar um maior destaque ao papel de funcionária em detrimento do de ativista voluntária que, como iremos ver, não resulta. Podemos aqui identificar, neste cruzamento de papéis, um certo desajustamento que se manifesta através da vontade permanente de realizar atividades em prol da defesa do ambiente e o desempenho da atividade profissional, claramente mais orientado para um certo pragmatismo e competência, que vão ao encontro da sua tendência para o perfeccionismo, o que em boa medida prejudica a sua identificação com a identidade desta ONGA.

No entanto, esta não foi sempre a sua forma de agir. Recorda que, na ONGA onde trabalhou primeiramente e à qual se sente emocionalmente mais ligada, o seu posicionamento foi diferente, existindo uma maior identificação com a ONGA. Na verdade, o seu envolvimento como associada e membro da organização anterior acabou por reforçar a sua identificação e envolvimento emocional com a identidade coletiva da ONGA anterior, levando-a inclusive a manter ainda uma forte ligação a esta organização, talvez porque o papel social de ativista naquele momento se sobrepôs efetivamente a todos os outros:

«(…) sinto-me mais ligada à associação anterior, da qual fui vice-presidente e inclusive participo, voluntario-me para participar em mais coisas dessa associação e da qual sou sócia. Nesta, atualmente, tenho uma visão diferente, tenho esta visão mais de funcionária do que de membro da associação, mas tem a ver mesmo com as situações que se vão desenvolvendo ao longo do tempo e, pronto, é.»

No entanto, apesar deste desajustamento entre papéis, a sua identidade de ativista ambiental permanece intacta. Na verdade, sai até mais reforçada considerando a exigência de desempenho que chega a apontar a outros. Neste âmbito, distingue-se relativamente àqueles para quem o trabalho desenvolvido na ONGA constitui uma profissão como outra qualquer.

«Mas as pessoas esforçam-se, pelo menos as que me são mais próximas esforçam--se por cumprir as tarefas que têm em mãos e tentar fazer para além daquilo que, que é o nosso trabalho. (…) e de gestão, portanto, às vezes não há muita energia, infelizmente, mas a nível de empenho, eu acho que se nota, nota-se um bocadinho a diferença, das pessoas que veem isto como eu vejo para mim, que é um dom, que é uma forma de vida, apesar de nos pagarem para fazermos isto e de sermos funcionários, para aquelas que é só mais um emprego, não é? Também acontece, mesmo nesta área também há pessoas que estão nesta área e se calhar eram mais felizes a fazer outra coisa qualquer. Portanto, depois aí nota-se um bocadinho a nível

do empenho, especialmente naquilo que não são, naquilo que seriam as tarefas extra ao nosso dia a dia. Portanto há os dois casos, há as que se empenham grandemente e tentam fazer aquilo que lhes é possível apesar dos obstáculos. Depois há aquelas que se nota um bocadinho que é um emprego, não é?, que cumprem aquele horário, fazem aquelas coisas e pode ser um bocadinho indiferente no final do dia, se conservou natureza ou não, pronto.»

Há, portanto, uma clara ligação entre o desempenho do papel social de ativista ambiental e a identificação de Elisabete como ativista ambiental. Observa-se quando estabelece e vinca as suas diferenças em relação às pessoas, cujo envolvimento na ONGA se constitui unicamente como uma relação laboral, e não se envolvem em atividades que vão para além da relação profissional estabelecida. Também é de salientar que se identifica de forma distinta daqueles que não seguem os valores verdes, ou seja, identifica-se como uma ambientalista.

Elisabete mantém um relacionamento afetivo com outro participante da ONGA, trata-se do seu namorado, que é igualmente biólogo. Na verdade, é referida a existência de laços de amizade entre Elisabete e outros colegas igualmente envolvidos nas atividades da ONGA, em grande medida, porque, tal como ela e o namorado, todos estão deslocados das suas residências de origem.

«*O meu namorado também trabalha, nós conhecemo-nos cá. Depois tenho grandes amigos que também são membros da associação, um bocadinho porque estamos todos deslocados, ou quase todos. O máximo que nós tivemos aqui éramos treze ou catorze e, desses, só dois, três é que eram daqui da vila. Portanto, acho que o facto de sermos todos deslocados, a trabalhar nesta área da conservação da natureza, portanto, temos para aí coisas muito para além do trabalho, óbvias, e coisas que gostamos de fazer, passear na natureza ou sair para ver pássaros, ou que quer que seja. Seja para além de termos o trabalho em comum, também temos hobbies e o facto de estarmos deslocados, ou seja, não temos os nossos amigos e a nossa família, temos relações de proximidade.»*

Assim, Elisabete e os seus colegas mais próximos acabam por, em conjunto, realizar várias atividades que vão para além do contexto de trabalho da ONGA. A existência deste tipo laços entre os diversos participantes, com evidentes investimentos emocionais de carácter afetivo dentro da mesma ONGA, acaba por contribuir para o reforço da identidade coletiva da qual resulta uma gratificação por participar.

O que é mais importante afinal?

Os valores que se prendem com a família, a sinceridade e a responsabilidade são, para Elisabete, os mais importantes. Quando lhe foi perguntado quais os valores que na sua opinião são mais importantes na sociedade, voltou a referir a responsabilidade e o «pensamento coletivo», ou seja, para si, a preocupação e o trabalho em favor do bem comum são dos valores mais relevantes.

«*Ou seja, a nível de sociedade é essencial as pessoas perceberem que fazem parte da sociedade, que fazem parte de um grupo maior e que os atos individuais têm implicações na qualidade de vida, por exemplo, ou no bem-estar global. Portanto, vai sempre parar a esta, a esta questão da responsabilidade e do sentido, do sentido de grupo.*»

Este pensamento, centrado na importância que dá ao trabalho e ação individual diretamente orientados para o bem da comunidade e da defesa dos bens comuns, como é o caso da biodiversidade e do ambiente, constituiu-se como uma disposição para crer, resultante da interiorização dos valores transmitidos por duas instâncias socializadoras, mais precisamente, os escuteiros e a Igreja. Por outro lado, também se geram tensões que se manifestam através de emoções, como a raiva e a revolta. Daqui, surgem os pequenos "enervamentos*",* (Lahire, 2001: 65) que, em alguns casos, acabam por levar Elisabete a agir como ativista ambiental.

«Eu, sim, acho que ao ver as situações, ou seja, ao ver o estado em que as coisas já estão, eu, enerva-me profundamente [risos] e acho que liga um bocadinho com esta questão da responsabilidade ou da falta dela, da irresponsabilidade. E a mim mete-me muita confusão as pessoas não terem a noção de que só existe um planeta, e aquilo que nós fazemos diariamente tem um impacto direto. Pode ser um clichê, mas as pessoas acharem que aquilo que eu faço não conta, mas se sete mil milhões pensarem isso depois temos o problema que temos, não é? Portanto é mesmo o olhar para a situação atual a nível ambiental, o meu sentimento é uma raiva profunda pela irresponsabilidade, não só individual das pessoas, como a global e de quem, quem tem mais impacto, tem mais poder de decisão não, não tomar as atitudes corretas. E depois é um impulso diário para tentar fazer melhor e fazer diferente, nas pequeninas coisas que se podem ir fazendo no dia a dia, seja eu pessoalmente, seja a incentivar os outros a fazer, ou a explicar aos outros como é que se faz. É uma coisa que eu, olhando para a situação atual que me move e que pronto, e que é, é a minha reação, seja passando ali a parte da raiva, a reação é fazer alguma coisa, que seja, seja eu pessoalmente, seja a de explicar, de ajudar os outros a fazer.»

Como observamos, é após a experiência emocional de raiva, que Elisabete, à escala das suas possibilidades, acaba por contribuir para a mudança social relativamente à proteção do ambiente.

Uma outra emoção que experiencia, quando se vê confrontada com um ataque aos seus valores de referência e que se traduzem em mais uma *situação de desajustamento ou crise* (Lahire, 2001)*,* é a impotência. Segundo Elisabete, acompanha a revolta e a raiva, ainda que, neste caso, pareça existir um certo bloqueio à ação.

«*Raiva! [risos], raiva profunda. Há situações em que é um sentimento também de impotência ver as coisas a acontecer e ou pelo menos não poder fazer nada, ou pelo menos achar que não posso fazer nada ou que não consigo fazer nada, ou aquilo que eu consigo não é suficiente. Portanto, entre o enervado e o sentimento de impotência, quando há assim situações mais de desencontro desses valores, seria um bocadinho por aí, é o sentimento de impotência e de revolta, sim.*»

Ficam aqui patentes o tipo de emoções que situações relacionadas com a degradação ambiental provocam em Elisabete associadas aos múltiplos desajustamentos e pequenas crises que vão fazendo parte da sua biografia.

O pensamento verde de Elisabete

Concretamente, o grande foco do ativismo ambiental de Elisabete é na conservação de espécies animais em risco, o conservacionismo, se assim quisermos considerar. Observa-se na entrevista que o seu pensamento tem implícita uma visão de equilíbrio e harmonia entre a atividade humana e a preservação da biodiversidade.

«(…) *eu para mim, tudo o que seja situações de equilíbrio, para mim era, era a situação ideal, seja a nível de população humana, seja a nível de valores naturais, conseguir visualizar um planeta em que as águias têm coelhos para caçar, e que os coelhos têm sementes para comer e água para beber e as pessoas podem sair e conseguir ver as águias, ou seja, estar tudo em equilíbrio, por ser, haver essa capacidade de todas as atividades acontecerem, as atividades humanas acontecerem sem prejudicarem a natureza e a natureza acontecer no seu equilíbrio*.»

É também através da sua forma de pensar e agir pelo ambiente que reforça, mais uma vez, a sua identidade como uma verdadeira ambientalista. Nesse sentido, refere-se aos «falsos verdes», por comparação a outros que, como ela, estiveram desde sempre ligados aos valores da natureza e do ambiente. Existe, assim, da sua parte, um claro distanciamento em termos identitários relativamente àqueles que designa por «*falsos*», em oposição aos que designa como «*verdadeiros*»:

«*Eu acho que há. Passámos daquela fase em que eu já cresci assim, em que as coisas eram muito ligadas ao ambiente e brincavam na natureza e gostavam da natureza, porque conheciam e porque faziam parte, mas agora atualmente eu acho que há assim uns, uns falsos verdes, aquelas pessoas que acham que está na moda preocupar-se com o ambiente, portanto é fixe, é fixe ser vegan, é fixe reciclar, é fixe poupar água. Depois começam a existir os verdadeiros, não é?, as pessoas que realmente fazem as coisas com consciência. Mas depois também caem nos extremos, não sei, o facto de eu fazer conservação não quer dizer que eu seja contra a caça, ou que seja necessariamente contra a caça. Já estamos numa, numa época de extremos, de que as pessoas, são muito, são muito fechadas, quem foca no ambiente, muitas vezes foca-se só no ambiente e esquece-se que o ser humano também faz parte do ambiente.*»

Na verdade, acaba também por ser mais uma forma de Elisabete recusar um certo radicalismo que muitas vezes caracteriza alguns movimentos e grupos ambientalistas, sendo evidente que não tem uma grande apetência pelas atividades de protesto, o que assume, quando refere a sua forma de ser ativista ambiental, por oposição ao protesto e à ação direta.

«*Este ativismo, se bem que hoje em dia a palavra ativista tem, assim, uma conotação um bocadinho negativa, que as pessoas quando pensam em ativistas, pensam naqueles que se barricam e que se atam com cadeados aos portões, pronto, que não é, não é de todo essa situação. Portanto eu, ter este ativismo ambiental é a minha oportunidade para fazer alguma coisa de útil pelo mundo, seja mundo no sentido global, seja mundo pessoas. Portanto, é mesmo o juntar o meu gosto pela natureza com a minha capacidade e a minha vontade de fazer alguma coisa de útil e fazê-lo no âmbito do ativismo ambiental, ou no associativismo ambiental ou no conservacionismo, como querermos, realmente é aplicar tanto um gosto como uma vontade, neste caso é uma atividade, faço-o de forma remunerada mas tenho a certeza que, se tivesse outra profissão qualquer, acabaria sempre por ter também atividades de voluntariado ou algum tipo de projeto paralelo ou associado ao ambiente, porque é mesmo, é mesmo a minha área de eleição e de preocupação e de gosto*.»

Apesar de se identificar como uma ativista ambiental, classifica-se como moderada, recusando inclusive algumas lutas de bandeira de alguns destes movimentos, e defendendo uma forma de proteger o ambiente através da sua atividade como bióloga.

«Estou eu aqui no meio, não é? Por exemplo, eu e outros colegas meus tentamos fazer aquele equilíbrio entre as duas coisas, mas a minha principal sensação é que há um desligar da natureza e que as pessoas só se ligam quando acham que é bonito ligar--se à natureza ou então quando há estes extremos assim, de que, pronto, que as coisas

têm de ser mesmo, mesmo fechadas e agora é só alterações climáticas e agora é só este assunto e as coisas na minha ótica têm de ser sempre numa visão mais global.»

Admite, contudo, que o grande objetivo do seu ativismo é a proteção das espécies selvagens em perigo ou, melhor dizendo, a proteção da biodiversidade.

Elisabete considera tanto a sensibilização como a formação das comunidades e daqueles que fazem uso dos recursos naturais, as formas mais adequadas para se atingirem os objetivos conservacionistas e de defesa das espécies selvagens.

«*A perda da biodiversidade é a sensibilização. Eu acho que nós podemos fazer projetos frequentemente e fazer projetos de reintrodução, mas não serve de nada estar a meter linces, ou estar a reproduzir linces, para depois virem as pessoas abatê-los ou a pôr veneno, portanto, enquanto não houver aqui uma mentalidade da importância de toda a biodiversidade, toda a cadeia. Por isso acho que é essencial a sensibilização e a formação.»*

Refere o consumismo, a própria economia e a cultura como os elementos que estão na base da atual crise ecológica e ambiental, destacando que a fruição da natureza no seu estado selvagem deverá ser um valor essencial a ser cultivado, e que para isso é importante uma mudança na sociedade, ideias claramente alinhadas com a sustentabilidade e o pós-materialismo.

«(…) *eu acho que as pessoas têm que moderar o consumo, basicamente é isso, ou seja, se ao dia de hoje, se todas as pessoas consumissem aquilo que precisam e não aquilo que acham que precisam, nós não precisávamos de estar nem a fazer mais lixo, nem a destruir mais floresta, nem a libertar mais dióxido de carbono. Eu acho que tem mesmo a ver com o consumo.»*

Ainda assim e relativamente a um futuro a médio prazo, revela-se cética. Considera que pouco se irá conseguir no que respeita à perda da biodiversidade, reforçando que deve haver uma maior aposta no reforço da legislação e na fiscalização, como forma de reprimir e criar uma cada vez maior censura social daqueles que provocam danos ambientais e, particularmente, afetam a biodiversidade.

Percebe-se que, apesar de Elisabete considerar a sensibilização e a formação como os meios mais adequados para levar a sociedade a respeitar a natureza e os seus recursos, admite que o recurso a uma legislação mais punitiva e à fiscalização poderão ser também formas eficazes de conduzir os indivíduos a serem mais responsáveis ambientalmente. Se por um lado se considera uma moderada relativamente à definição do tipo de objetivos ambientais, por outro, deixa vir ao de cima um certo radicalismo quanto aos meios que devem ser utilizados para proteger o ambiente:

«*Acho que vai haver muitos problemas, portanto, se normalmente já não adivinharia um futuro risonho, a sair de uma pandemia, pelo menos na escala de dez anos, não*

vejo que a coisa melhore muito. *Eu mudava a lei e mudava a fiscalização e a regulamentação da lei. Na parte especialmente da perda da biodiversidade, a nível do impacto de cada um no dia a dia, nesta questão do consumo eu acho que tem também muito a ver.*»

«(…) *tirando a sensibilização, não sei como é que se chega lá, mas acho que a nível global é definir regras, mesmo, que tenham o ambiente como prioridade e fiscalizar a regulamentação dessas regras, porque até pode haver depois a regra, mas se não houver um controlo*.»

«*Muitas vezes as pessoas têm mais medo da multa do que do acidente, como eu costumo dizer, portanto, isto se calhar só lá vai com, com algumas regras, pelo menos numa primeira fase até as pessoas perceberem os contributos e os benefícios. Acho que só lá vai mesmo com imposição, porque de resto as pessoas estão muito confortáveis no que fazem e como fazem isso.*»

Quando confrontada com uma sequência de imagens de notícias sobre a degradação ambiental e a perda de biodiversidade, a principal emoção que manifestou foi a de revolta. Com efeito, perante as seis imagens apresentadas (imagem 1. aves mortas em resultado da apanha mecânica da azeitona; imagem 2. grupo de ativistas em protesto durante uma Cimeira do Clima; imagem 3. efeitos da seca e do aquecimento global em Portugal; imagem 4. mina de exploração de lítio a céu aberto; imagem 5. protesto contra uma central nuclear junto à fronteira portuguesa; imagem 6. radiografia de um lince ibérico morto por caçadores), só relativamente à primeira afirma entender o problema, apesar de identificar claramente como responsáveis o consumo e a atividade industrial e económica. Já no caso da foto seis, deixa transparecer através da sua narrativa uma certa repulsa e uma clara incompreensão e, mais uma vez, refere o recurso a meios mais coercivos com o objetivo de impedir situações como a ilustrada na foto.

«*Acho que a minha capacidade de me pôr na pele da pessoa que pode fazer isto, não é?, se estivermos a falar de alguém que acha que o seu sustento está em risco ou o que é que seja. Mas esta em particular, é um lince, os linces comem coelhos. Portanto, os coelhos não são o sustento de ninguém, podem ser de sustento propriamente dito, ou seja, ninguém depende de caçar coelhos ou de comer coelhos, ou vive… ninguém vive dos coelhos. Portanto, é mesmo… uma inveja pelo lince que, que eu não consigo compreender. (…) Portanto, é uma coisa que me enerva profundamente e gostava que houvesse uma fiscalização e consequências mais graves para estas situações.*»

Relativamente às imagens das outras notícias, afirma que, apesar de a incomodarem e se sentir preocupada, não a afetaram tanto como as das fotos relacionadas com a biodiversidade:

«*Tenho uma ligação um bocadinho maior à questão da biodiversidade e, pronto, como eu aqui não tenho uma solução, fico um bocadinho mais distante, ou seja, contra as outras situações eu sei qual é a solução e interrogo porque é que não se faz e aqui já tenho mais dificuldade em apresentar uma solução.*»

No que diz respeito à terceira foto alusiva à seca, Elisabete, atualmente a residir numa zona do país afetada pela desertificação, confere-lhe menção especial pelas implicações que o fenómeno em causa tem na biodiversidade.

As interações e o quotidiano

No campo do quotidiano de Elisabete e em particular na parte que diz respeito ao consumo, verifica-se efetivamente uma preocupação de coerência entre as práticas e as crenças, relativamente às preocupações ambientais.

"*Sim, nós somos… hã… temos algumas opções e um estilo de vida, um bocadinho… para chegar ao sustentável… bom, se calhar não fazemos tudo o que poderíamos, não é? Hã… mas tentamos ao máximo ter determinados cuidados a nível de consumo e a nível de gestão de dia a dia… hã… seja a nível do tipo de compras que fazemos, dos cuidados que temos em casa, hã… temos aqueles… pelo menos aqueles mais comuns, poupança da água, da luz, hã… reciclagem, produtos reciclados, cuidados com os plásticos etc. temos todos. A nível da alimentação, também temos uma alimentação cuidada… hã… e temos alguns cuidados com o consumo de produtos animais… não somos vegetarianos, hã… mas temos, temos alguns cuidados e limitamos… hã… também na ótica do ambiente, não apenas da saúde, mas também na proteção do ambiente… hã… por exemplo temos assim um estilo de vida bastante cuidado relativamente às questões ambientais, tanto a nível de consumo, como gestão diária, hã… Ainda assim há sempre espaço para melhorar… hã… mas quanto ao facto de estarmos também num meio rural tão pequeno, a nível de produtos hã… alternativas de consumo mais, sei lá, biológicas ou outros tipos de cuidado, não temos essa facilidade, portanto há coisas que… aquilo que conseguimos fazer no contexto em que estamos, fazemos… hã… se calhar numa zona com mais oferta, poderíamos ter outro tipo também de cuidados que aqui não conseguimos.*»

Apesar da evidente coerência, existe de facto a crença de que ainda é possível fazer mais. Ainda assim, percebe-se que o consumo de alimentos de origem animal é realizado com prudência e, de facto, há uma permanente preocupação com o consumo sustentável.

Em termos de interações e redes de interconhecimento, Elisabete tem uma rede mais próxima, constituída pelos seus outros colegas, que também são biólogos e

participam igualmente na ONGA, e outra rede cujos laços são unicamente de âmbito profissional.

«*Hã… depende das pessoas, tenho as duas situações… Tenho amigos que são bastante próximos, de amizades feitas aqui no trabalho dentro da ONG que são bastante próximos e tenho outras relações que são mesmo… estritamente profissionais, de trabalho e de convivência profissional … hã… Dependendo das pessoas, tenho as duas situações.*»

Tal como a dualidade de papéis, também dentro do contexto da ONGA se observam diferenças nas redes de interconhecimento e respetivas interações. Este facto é revelador de uma racionalidade emocional por parte de Elisabete, dento do mesmo contexto organizacional, o que poderá ser considerado como uma *desintegração*, que ocorre não de um contexto social para outro, mas sim de uma rede de interconhecimento para outra, dentro do mesmo contexto social. O mesmo se observa, aliás, com os desempenhos dos papéis sociais de ativista voluntária e funcionária, o que evidencia a relação entre os desempenhos e as interações, e vice-versa, dentro da ONGA.

Existe ainda outra dimensão relacionada com a interação, que se prende com a rede de interconhecimento com aqueles que Elisabete já conhecia antes de participar em ONGA e que não são biólogos. O que ocorre, quando o contexto social é definido pelas interações com este grupo de amigos, é a manifestação da sua disposição de ativista ambiental orientada para práticas relacionadas como a sensibilização e esclarecimento quanto a questões ecológicas e ambientais.

«*Eu tenho… pronto, os meus amigos aqui, com quem eu me dou diariamente, sim, pronto, são da área e são biólogos e são… trabalham para a mesma associação. Hã… depois vem o grupo de amigos que tenho… hã… na minha terra de origem, com quem passo tempo quando estou, apesar de quase nenhum, ou nenhum deles ser, pronto, da área do ambiente, hã… também são pessoas preocupadas e também têm cuidados, hã… como, como têm sempre muita curiosidade com o meu trabalho é… acaba por ser sempre assunto, o tema do ambiente é sempre um assunto também hã… nesse grupo… apesar… pronto de eu ser a única, como ficam fascinados com os temas, acaba também por ser um assunto e pronto que eles gostam e daquilo que eu vou sabendo, também há umas preocupações, hã… ambientais, sim.*»

De facto, igualmente aqui Elisabete retira gratificação deste facto, o que a leva a continuar cada vez mais a agir, também de forma individual e assim a reforçar a sua identidade de ativista ambiental.

«*Hã… eu gosto [risos], eu para mim, acho para mim pessoalmente, pronto... primeiro… estou distante não é, e quando estou com eles é bom saber que eles têm interesse naquilo que eu faço, num modo genérico, não é? Hã… mas depois é muito*

engraçado, a curiosidade que as pessoas têm nestas questões do ambiente, hã… e particularmente no meu caso, não é? Como eu trabalho muito próximo dos animais e dos habitats… hã… é realmente uma área que fascina as pessoas e eu sinto-me muito confortável e com muito gosto em esclarecer e em… hã… sensibilizar as pessoas numa simples conversa de café, pode-se fazer muito trabalho de comunicação e de sensibilização, hã… e eu tenho muito gosto nisso. E, pronto, costuma-se dizer que, se me deixarem, eu estou horas e horas a falar disto, portanto… hã… para mim é muito agradável haver este interesse. E mesmo estando longe, às vezes telefonam-me, sei lá, porque encontram um animal ferido ou alguma situação, ou porque há uma descarga no rio… hã… pronto, já sabem [risos] a quem… a quem telefonar, sim.»

O que significa ser ativista ambiental

O seu ativismo ambiental não significa que tenha de agir através do protesto direto e de alto risco. Para Elisabete a sua ação através da participação numa ONGA é mais um contributo para o bem comum e, de facto, considera mesmo que na sua vida não existe outra alternativa e que este é o seu caminho. Este é, aliás, um dado que deixa à vista a forma como se identifica, e como esta identificação se liga de forma muito direta com as práticas, no fundo, com o desempenho de um papel social que é dominante no seu quotidiano, o de ativista ambiental.

«*Hã… este ativismo… se bem que hoje em dia a palavra ativista tem assim, uma conotação um bocadinho negativa, que as pessoas quando pensam em ativistas, pensam naqueles que se barricam e que se atam com… com cadeados aos portões. Pronto, não é de todo essa situação.*»

De facto, Elisabete tem bem presente a forma estereotipada que existe relativamente ao ativismo ambiental, no entanto quando reflete sobre o seu ativismo distancia-se claramente desta ideia.

Concluindo

Assim, em jeito de balanço final do retrato sociológico de Elisabete, observamos que os principais elementos de destaque são:

1. Desde criança que vem interiorizando, através da socialização primária, um conjunto de disposições ascéticas, orientadas para as atividades escolares e extracurriculares, para a organização e planeamento de diversas atividades, bem como a organização e realização das tarefas domésticas. Estas disposições reaparecem quando vai para universidade, para longe de casa dos pais, permitindo que se adapte

sem grandes sobressaltos a esta mudança. De notar também que este tipo de disposição volta a reaparecer no âmbito da realização das atividades que desenvolve na ONGA, sejam as realizadas como funcionária remunerada ou as levadas a cabo no papel de voluntária.

2. Podemos também identificar que a disposição ecológica e a interiorização de valores e crenças ligadas à importância da natureza, aos recursos e à conservação de espécies tiveram a sua origem em várias instâncias socializadoras como a família, através da convivência com o avô, e as vivências que teve nos escuteiros, sem esquecer o papel da escola e dos professores. Estes valores, de alguma forma não materialistas, acabam por ser interiorizados na sequência dos diversos contextos socializadores, como, por exemplo, o contexto familiar onde era necessária a moderação no consumo de bens materiais, a perceção de que alguns amigos de infância viviam com elevadas privações materiais e ainda a religião, que acabaram por contribuir para a génese de disposições para agir, orientadas para uma ação muito centrada no bem comum, designadamente o da proteção do ambiente e também para um modo de vida, em termos de consumo, marcadamente minimalista.

3. Num aspeto diacrónico, é relevante a experiência de participação que acumulou nas ONGA, já no plano sincrónico referem-se as relações interpessoais que estabelece tanto no contexto de trabalho na ONGA como fora dele. Surgem assim duas ordens distintas de elementos relevantes para a interpretação do seu tipo de participação. Uma primeira que resulta da heterogeneidade das experiências de participação em ONGA (voluntária, estagiária, funcionária e dirigente) e que contribui para que se identifique com os valores e objetivos do movimento ambientalista num todo. E uma segunda ordem que surge com a identificação de Elisabete num plano mais coletivo, que se expressa pelo sentimento de pertença ao grupo e ao conjunto de ligações emocionais que estabelece com os outros participantes, tanto no contexto de trabalho na ONGA, como fora dele.

4. Como já foi referido, assume de uma forma reflexiva, no contexto da participação na atual ONGA, uma gestão de papéis sociais, que resulta no cruzamento entre o papel de funcionária com o de voluntária. Este facto advém, por um lado, de uma certa categoria de disposições para agir de carácter mais ascético, ligadas à organização e à responsabilidade, e, por outro, das já referidas disposições para crer, caracterizadas pelos valores ligados à defesa do ambiente. Salienta-se aqui que esta gestão é realizada de uma forma perfeitamente racional, mas que não ofusca de forma alguma o seu ativismo ambiental. Procede da mesma forma e dentro do mesmo contexto, relativamente à interação com outros participantes, considerando que existem participantes com os quais tem laços afetivos e outros com os quais os laços são

unicamente profissionais, o que implica uma gestão reflexiva das emoções, que neste caso são relevantes para a identidade coletiva.

5. Podemos igualmente inferir que, em resultado de contextos ou situações que, em particular, põem em causa determinados valores de referência, como os que se prendem com a proteção da biodiversidade, com o bem comum e a respetiva responsabilidade individual, reconhece emoções de raiva, revolta, enervamentos e tensões que, de alguma forma, a fazem sentir na obrigação de agir e de fazer alguma coisa para contribuir, ainda que a nível individual (um dado que reconhece perfeitamente), para uma mudança social.

6. Por fim, identifica-se claramente como ativista ambiental, no entanto, afasta-se das atividades de protesto, preferindo agir a partir da sua profissão como bióloga, exercendo atividades de formação e sensibilização com o objetivo claro do conservacionismo. Todavia e relativamente ao seu pensamento verde, considera haver necessidade de um equilíbrio entre a atividade humana e a natureza, rejeitando outras conceções mais radicais e de confronto com a restante sociedade.

12.2. Nuno

«Não vou dizer que esteja mais… que eu esteja mais desperto, estou mais revoltado»

Quando a entrevista foi realizada Nuno contava trinta e três anos de idade. É engenheiro do ambiente e tem como habilitações escolares um mestrado nesta mesma área. Profissionalmente desenvolve funções como técnico de calibração de equipamentos de medição.

Nasceu na Guarda, cidade onde cresceu e ainda reside e frequentou os estudos superiores na Universidade de Aveiro, onde se envolveu ativamente no associativismo académico.

Era ainda criança quando perdeu o pai, o que o marcou profundamente até aos dias de hoje.

O início do seu ativismo ambiental deu-se através da participação como voluntário na mesma ONGA onde ainda participa, e praticamente desde o momento em que se envolveu que faz parte dos respetivos corpos sociais.

Apesar de ainda manter bem vivo o ativismo ambiental, tanto através da participação em ações de protesto mais diretas como são, por exemplo, as marchas, os boicotes e, em certa medida, a desobediência civil, a ação de Nuno centra-se bem mais no âmbito do questionamento às entidades oficiais de tutela e às que têm responsabilidades diretas nos danos ambientais.

Refere ainda que se considera uma pessoa bastante reflexiva e racional, o que de uma certa forma acaba por não ser do seu agrado, manifestando a vontade de mudar um pouco esta sua faceta.

Relativamente à conformidade entre as práticas da sua vida quotidiana com os valores ecológicos e ambientais que defende, refere a tentativa de ser coerente, no entanto, admite que não faz todos os possíveis. Relativamente ao pensamento verde, manifesta uma conceção não muito radical e extremista, procurando um equilíbrio entre o desenvolvimento humano e a preservação dos ecossistemas, em particular em situações em que não vislumbra grandes alternativas.

Por fim, refere-se que a entrevista ao Nuno não foi fácil, em grande medida por no início mostrar uma certa relutância em falar de si mesmo, o que se foi diluindo ao longo das duas sessões seguintes, apesar das constantes hesitações no discurso, um facto que ainda assim diz um pouco de si.

Durante a entrevista, a interação entre o entrevistador e Nuno foi sempre marcada pela informalidade. Por fim, já no final, observou-se o surgimento de um discurso

manifestamente emotivo, relativamente à incompetência de algumas autoridades responsáveis em matéria de proteção do ambiente e de informação ao cidadão.

Uma rutura traumatizante

Nuno nasceu na cidade da Guarda há trinta e três anos. Quando foi questionado sobre a sua primeira memória da infância, relata um momento de uma certa angústia familiar por, ainda muito criança, ter engolido uma pequena bola.

Durante a infância e em termos espaciais, refere que vivia essencialmente na cidade, neste caso uma cidade do interior. No entanto, era comum passar os fins de semana na aldeia onde residiam os avós, observando-se desta forma uma certa dualidade nos contextos espaciais, mais precisamente uma variação entre a cidade e o campo, que acaba por desde cedo definir as diferenças destes dois contextos espaciais.

Quando foi questionado sobre como avalia a sua infância, tendo em consideração o pai e a mãe e qual dos dois o marcou mais, referiu de imediato a perda precoce do pai, não especificando, contudo, a causa da morte.

«*Olha eu entre… eu perdi o meu pai muito cedo. Ah! Com oito anos, sabes? E… quer dizer, tu estavas a perguntar qual deles me marcou mais, portanto eu se calhar esse episódio, pronto, a morte do meu pai, quer dizer, marcou-me durante toda a adolescência, toda… até aos meus… já eu estava na universidade quando consegui falar sobre este tema, estás a ver?*»

A perda do pai, ainda em criança, constitui, tal como Nuno admite na resposta, um evento bastante traumático e com o qual ainda sente dificuldades em lidar, um facto que aliás bem se percebe considerando a forma como evita aprofundar o assunto durante a entrevista.

Este acontecimento é bastante disruptivo na vida de uma criança, o que no caso de Nuno teve consequências em termos de interações. Desta forma e na sua situação particular, este acontecimento levou a que se tornasse uma criança introvertida, muito fechada em si própria e pouco dada a grandes interações com outras crianças.

«(…) *fechei-me muito ou… e, portanto, cresci muito, hã… com isso muito presente e sem conseguir exteriorizar muito isso*.»

Esta situação fez como que Nuno interiorizasse o hábito de refletir bastante sobre a relação entre o seu *Eu* e a realidade que então o rodeava. Esta posição acaba por levá-lo a não exteriorizar muito as suas emoções, o que acabou por permitir a génese de um "traço disposicional" (Lahire, 2004: 424) orientado para a autorreflexão e um excesso de racionalidade, uma faceta que o acompanhará ao longo da vida.

É então a partir da morte do pai que a mãe de Nuno assume o papel de único agente socializador no agregado familiar, que era composto, para além de si e da sua mãe, por um irmão.

«*Pois, exatamente, obrigatoriamente foi a minha mãe, exatamente sim, sim. Foi ela que assumiu o papel, quase de pai e de mãe, exatamente*.»

Devido a este acontecimento muito traumático, exprimiu-se timidamente quando refletiu sobre a infância e sobre o contexto familiar de então, um facto que é demonstrativo da posição defensiva que Nuno adquire quando é levado a falar sobre si.

Um adulto antes de o ser

O contexto familiar, que a partir da morte do pai se definiu, levou a que se instalasse na personalidade de Nuno uma tendência para desenvolver precocemente uma maturidade, que podemos designar de emocional e também social, em resultado da referida formação de uma disposição autorreflexiva e racional.

«*Vou-te responder aquilo que tenho ultimamente já muito consciente, quer dizer… é quase uma resposta de tábua rasa, quer dizer… tornei-me ali um adulto depressa demais, sabes? Nem… por causa deste episódio que te falei, não é? E… eh, pá, e acho que houve coisas que deixei de viver enquanto criança. Hoje digo isto, quer dizer e pronto se calhar asneiras que não fiz, na altura que podia ter feito, asneiras. Sei lá, comportamento, é uma maneira de dizer, vá, não é? Hã… e assumi assim um papel desde, desde novo, hã… sei lá, se calhar numa situação normal não assumiria, não é?*»

Esta atitude, que adotou ainda criança, leva a que altere o seu comportamento de forma que muito dificilmente se coloque em situações suscetíveis de o sujeitar a censuras ou eventuais castigos. Na verdade, o que ocorria era que se sobrepunha esta disposição autorreflexiva e racional, e, desta forma, acabava por ponderar muito bem as suas ações, considerando sempre as possíveis consequências. Por isso, desenvolveu uma perceção e uma capacidade de antecipar consequências negativas, a partir de eventuais ações que levasse avante.

«*Sabes que eu era, era… fazendo a sequência da reposta anterior, quer dizer… eu quase que não dava oportunidade, quer dizer, eu próprio, sei lá, tinha a ideia de não desobedecer, ou não ir… hã… tipo, não… sei lá, eu acho que eu próprio antecipava as situações e então, hã… pronto e se calhar não seria chamado à atenção, ou se era… ou quando era, também me custava, quer dizer, e, aliás, ainda hoje me custa ser chamado à atenção, hã… porque… eh, pá, cresci a tentar ser adulto, logo de pequeno, não é?, hã… portanto a fazer sempre o melhor de mim, sempre mais do que se calhar devia, ou podia*»

É na verdade toda uma forma de pensar e agir, interiorizada logo desde criança, que marca Nuno de forma quase permanente, levando-o a desenvolver uma maior reflexividade na ação, o que o afasta ligeiramente de formas de agir por impulso e pouco reflexivas. Este é talvez um dos *traços disposicionais* que melhor se identificou como resultante da profunda rutura na realidade que significou a morte do pai e um dos mais relevantes neste caso.

As crenças religiosas

Nuno cresceu sob influência da religião, tendo inclusive frequentado durante vários anos a catequese, que, como se sabe, é mais uma instituição relevante para a socialização dos jovens, em grande medida pelo tipo de valores e crenças que transmite, muitas vezes interiorizados de forma duradoura.

«*Frequentei a catequese, os vários anos, não é? Fiz aquela… fiz o crisma, cheguei a fazer o crisma, hã… pronto, hoje em dia já tenho assim uma opinião diferente, ou pelo menos já reflito um pouco mais. Mas, pronto, enquanto criança fiz os vários anos, exatamente a catequese e assim, frequentava a igreja, a Igreja Católica, exatamente*.»

O envolvimento nas atividades religiosas e na formação religiosa, no seu caso particular, faziam-lhe todo o sentido, sendo igualmente uma atividade que cumpria com agrado. No entanto e como se percebe, acabou por mudar a sua opinião relativamente à religião, afastando-se desta. No entanto, podemos inferir que muito certamente a sucessão de valores, que foram transmitidos através da educação religiosa, ficaram a fazer parte da sua socialização primária e de forma duradoura, o mesmo não se poderá dizer relativamente às crenças religiosas, que já em adulto não manteve, acabando por se tornar bem mais cético.

«*Olha, naquela altura, sim, sentia-me bem. Quer dizer, pelo menos… hã… não… sei lá, não questionava, ou não, não aceitava, não é? Exatamente, exatamente, depois agora mais recente, não é?, há três ou quatro anos, ou quatro ou cinco é que comecei a questionar mais e a desligar mais, exatamente.*»

Este ceticismo é, na verdade, o exemplo de um indivíduo plural nas suas experiências e na heterogeneidade que daí resulta. No caso de Nuno e no que concerne as suas convicções religiosas, resultou numa transformação que ocorreu com o passar dos anos. Este ceticismo relativamente à religião católica surgiu por intermédio de diferentes experiências, inclusive da interação que foi tendo ao longo da vida, em particular na fase mais adulta.

«*Por que razão? Hã… Bem, quer dizer, tive assim nesses quatro ou cinco anos atrás tive dois contactos com, pronto, com uma irmã religiosa, quer dizer e um… e não*

sei, fez-me… quer dizer, estou a considerar assim três pessoas com quem tive assim mais contacto, dois padres e uma irmã, uma freira. Mas não sei, havia ali coisas que eles diziam, pelo menos dois deles, vá… hã… e depois não sei, não fazia sentido, pá, não. De todos, dos três, se calhar um dos padres era ainda um dos que… aquilo que dizia, era o que assim que reagia, era assim que agia. E, assim, se calhar, fazia-me mais sentido a conversa com ele e…, mas acabei por me desligar, quer dizer, e continuo assim bastante desligado.»

Em bom rigor, Nuno acaba por afirmar que atualmente não possui qualquer tipo de crença religiosa e prefere desenvolver o seu lado espiritual de forma diferente e totalmente afastado de crenças religiosas.

«*Não totalmente da parte espiritual, quer dizer, porque esta parte espiritual ou a parte assim de nós pararmos e refletirmos para nós, mas, não sei, se isso é forçosamente parte espiritual. Essa parte eu faço muito, de procurar parar e de procurar estar comigo mesmo e procurar meditar eventualmente. Isso procuro fazer, hã… mas não é tanto a parte espiritual, quer dizer, não é tanto a parte de refletir sobre seres espirituais ou seres superiores, exatamente, isso não…*»

De facto, Nuno não renuncia à relevância da sua espiritualidade, todavia, atualmente procura cultivá-la de uma forma bem mais autónoma e sem recurso a quaisquer outras entidades divinas. O que ocorre é a substituição de um "mecanismo conceptual de manutenção do universo simbólico" (Berger & Luckmann, 2010: 113) por novas conceções de carácter cognitivo relativamente à realidade, que, no fundo, se constituem como um novo *mecanismo conceptual de manutenção.*

Monoparentalidade materna e a relativa privação material

Como é evidente, a única referência parental, no contexto do seu núcleo familiar, diz respeito à mãe, que, tal como já foi referido, acabou por forçosamente assumir um papel central na socialização familiar de Nuno, a partir dos seus oito anos de idade.

Apesar de tudo, o tipo de valores que Nuno interiorizou através da socialização familiar foram aqueles que mais diretamente estão relacionados com a importância da família e a importância dos laços familiares. No entanto, após a morte do pai, tais valores foram de alguma forma abalados e a sua correspondência com a realidade de Nuno, na altura, ficou de alguma forma aquém do que lhe tinha sido transmitido.

«*Eh, pá, não sei, quer dizer… a família era assim… apesar de ter tido esse episódio que tive, que te falei, dos valores, os valores normais, quer dizer, união entre a família, união quer dizer… que depois, realmente com a morte do meu pai separou-se a parte dos irmãos do meu pai, não é? Os meus tios, quer dizer, houve aí assim uma separação,*

mas pronto a parte da família com quem eu sempre contactei, a parte da mãe, sempre houve a questão de… hã… sei lá, de união da família, de respeito (…)»

Apesar da importância dada aos laços familiares ter sido de alguma forma abalada, resultante do afastamento dos membros da linha de parentesco mais colateral da parte do pai, o mesmo já não se verificou relativamente à família mais nuclear, digamos assim. Neste contexto e na nova configuração familiar, percebe-se que os laços familiares foram reforçados. Desta forma, o valor da união familiar acabou por ser uma referência central na socialização familiar.

Relativamente às habilitações escolares dos pais, refere que o pai estudou possivelmente até à quarta classe. A mãe estudou até ao que atualmente se designa por décimo primeiro ano, o que, se considerarmos o contexto social do Interior de Portugal nos anos setenta e até mesmo nos anos oitenta, leva a constatar que a mãe é detentora de um nível de escolaridade acima da média.

Como já foi referido, foi a mãe que assumiu o ónus da sua socialização e será também ela a única referência na transmissão dos principais valores e padrões de comportamento socialmente aceites. É neste ponto que Nuno deixa transparecer uma ligeira mágoa pela forma como a mãe, em alguns momentos, desempenhou o papel de único agente de socialização no contexto familiar.

«*Olha… hã… sim, em certa parte, foi assim rígida, ou pelo menos, hã… sei lá, com pouca, com pouca possibilidade de exteriorizar ideias, hã… diferentes, não é? De partilhar ideias diferentes, não havia muito espaço para isso. Hã… e quando isso acontecia, não é?, de partilhar essas ideias… hã… mais depressa havia assim uma cara puxada, uma cara: "Deixa-te de ideias" ou do propriamente do aceitar e o deixar explorar as ideias da criança ou do jovem, não é?*»

Notamos, assim, que já naquela altura da vida sentia uma certa amargura pela postura conservadora da mãe, em especial quando era confrontada com algum tipo de tendência mais emancipatória de Nuno, tanto enquanto criança como na juventude.

A educação conservadora da mãe, como se percebe, acabou por levar Nuno a sentir muito pouca liberdade de ação e até mesmo, tal como refere, experimentar a liberdade necessária para exteriorizar e manifestar pensamentos e ideias. Visto que, muitas vezes, estas eram prontamente objeto de censura, a já referida disposição autorreflexiva acabou por ir ganhando força no seu património disposicional. Por outro lado, enquanto jovem, a sua emancipação acabou similarmente por ficar de alguma forma condicionada, o que, como iremos perceber mais tarde, implicará consequências com impacto na sua forma de agir quando inserido noutro contexto.

Também como consequência da morte do pai, a única fonte de rendimento familiar provinha do trabalho da mãe, que, como se percebe, nunca se acomodou em termos

profissionais. Ainda assim, segundo Nuno, apesar da austeridade que era necessária, nunca foram sentidas privações materiais profundas.

Na verdade, quando é posta a questão relativamente à forma como era obtido o rendimento familiar, é possível observar a admiração que Nuno manifesta relativamente ao facto de a sua mãe ter procurado sempre formas profissionais de mobilidade social ascendente, incluindo iniciativas de ordem empresarial, com o objetivo de obter maiores rendimentos. De certa maneira contrasta com a forma como Nuno classificou a educação que recebeu da mãe.

«*Na altura, exatamente, na altura em que o meu pai faleceu, portanto, a minha mãe não trabalhava e depois ela ocupou a vaga numa unidade fabril, na mesma unidade fabril onde o meu pai trabalhava. Só que só lá esteve cerca de um ano, dois anos depois esteve, noutro… num supermercado. Hã… e depois não sei também ao certo já não sei precisar quantos anos, talvez dois ou três anos nesse supermercado. E depois ela abriu um negócio por conta dela, que ainda tem hoje em dia, um comércio tradicional, um comércio local. E eu também só recentemente, para aí há quatro ou cinco anos é que… até porque a palavra 'empreendedor' é que começou a estar mais na moda, não é?, nesses quatro ou cinco anos, ou cinco ou sei anos, aí é que considerei a minha mãe como tenha sido uma empreendedora também, porque abriu realmente o negócio dela. Mas na altura, pronto, não sei, mas essa palavra também surgiu agora, exatamente, há mais de… exatamente, uma empresária, uma empresária por conta própria, exatamente.»*

Podemos observar que só mais presentemente é que Nuno veio a considerar a mãe como uma empreendedora e, a partir daí, uma empresária. Desta forma, constata-se que, se por um lado avalia de uma forma negativa a atitude conservadora da mãe, relativamente à educação que dela recebeu, por outro, é manifestamente evidente a admiração e até o júbilo que manifesta relativamente a ter procurado sempre novas fontes de rendimento que permitissem uma mobilidade social ascendente, como foi o caso da abertura de uma unidade de comércio local de que é proprietária.

Quanto à aquisição de bens materiais e de consumo, Nuno, muito provavelmente por ter bem presente a posição da família em termos socioeconómicos, relativamente ao contexto social onde estava inserido, nunca foi criança de fazer grandes exigências materiais. De facto, deixou mesmo de fazer qualquer exigência deste tipo, evitando até manifestar vontade de que lhe adquirissem algum bem em particular.

«*Sim, eu lembro-me, olha, duma vida… as respostas, olha as respostas, pronto, todas elas vêm na sequência, portanto, eu lembro-me de várias vezes de não, não exigir muito de… mesmo de brinquedos, ou assim, quer dizer… Lá tive uma altura, vá, o Gameboy e não sei… um carro telecomandado, coisas assim, vá. Mas depois lembro-*

me de… havia ali uma altura que eu deixei de… não sei, de querer pedir coisas, quer dizer, achava que… pá… sei lá, não, não o fazia, não o fazia.»

Esta forma de agir ainda em criança introduz, ainda que num momento bastante precoce da sua vida, uma disposição virada para o minimalismo relativamente ao consumo.

Na verdade, como já foi referido, tinha a noção clara da situação em que se encontrava em termos económicos, por comparação as outras crianças e jovens do mesmo meio social.

«*Olha, eu vou fazer se calhar a comparação com os colegas da turma eventualmente, não é? Hã… pá, sim, quer dizer, havia diferenças, havia… hã… sei lá, mas também nunca faltou nada, quer dizer, também nunca, nunca faltou, eu nunca tive… sei lá… se formos a pôr, portanto, em termos de riqueza, quer dizer, de zero a cem por cento, quer dizer, eu estaria ali à volta dos trinta, quarenta por cento, hã… considero que estaria assim nesse, nessa faixa, não é? Sendo que deu sempre para sobreviver ou, quer dizer, deu sempre para… quer dizer nunca faltou nada, quer dizer, agora se calhar também estou a ser se calhar bastante pessimista, nesta questão. Sei lá, mas havia alguma diferença, quer dizer, isto para dizer que havia diferença entre sentimentos de… pronto, dos pais de colegas nossos em casa,* OK?»

Apesar da existência de constrangimentos financeiros, segundo as palavras de Nuno nunca faltou nada em casa, o que efetivamente nos leva a perceber que a austeridade era uma realidade bem presente. Por outro lado, percebe-se mais uma vez a relevância de ser órfão de pai, o que se traduziu numa fonte de emoções, ainda que não propriamente especificadas neste ponto do discurso, sempre que a sua própria realidade se punha em perspetiva com a de jovens do seu meio social. Neste sentido, a perceção foi sempre de uma certa inferioridade relativamente aos outros.

«*Quer dizer, é como digo, quer dizer, faltar nunca faltou nada, não é? Nunca faltou para estudar, quer dizer, nunca faltou a… portanto é como te digo, quer dizer, nunca faltou nada, quer dizer, nunca faltou comida, quer dizer, nunca faltou meios para estudar, nunca faltou hã… mas sempre me considerei, assim, pronto, um pouco inferior, um pouco… hã… com menos rendimentos, exatamente.*»

Toda esta situação, apesar de não marcar Nuno de uma forma pouco positiva, acabou por de alguma forma o levar a interiorizar a já referida disposição para o minimalismo relativamente ao consumo de bens materiais, que acabará por acompanhá-lo ao longo da vida, em especial quando mais à frente inicia o seu ativismo ambiental.

Por outro lado, a questão que se prende com o facto de ter perdido o pai, essa, sim, marca Nuno de forma permanentemente negativa e acaba por levá-lo a que, em várias

situações que experimenta, seja tomado por emoções ligadas à revolta e à indignação, que só mais tarde começa a exteriorizar.

A universidade e o associativismo académico

Relativamente às disciplinas da escola, mais precisamente do final do secundário, as que eram mais do seu agrado estavam mais ligadas às ciências. Era o caso da Biologia, disciplina em que teve um professor que lhe despertou grande estima, pela forma incomum como lecionava, procurando, segundo Nuno, focar-se naquilo que era importante e conseguindo despertar o interesse dos alunos.

«(*…) lembro-me de um professor de Ciências, curiosamente, vá. De Ciências no décimo segundo ano, ou de Biologia, esse gostei bastante, esse professor. Está mais recente, apesar de tudo, quer dizer de todo o secundário, de todo o básico, pronto, esse professor está mais presente. Esse marcou-me, esse gostei desse professor, sim, sim.»*

«Olha… hã… ele, eram aulas de noventa minutos, acho que hoje em dia também devem ser, não é? Ele faltava tipo, os primeiros quarenta e cinco e vinha aos segundos quarenta e cinco, e isto por norma, quer dizer, acontecia quase sempre. Hã… mas a matéria conseguia sempre e a motivação dos alunos, porque eu acho que era importante… ele… comparando com outras turmas… eu, por exemplo, nós tínhamos colegas de outras turmas, andávamos sempre a par da matéria, quer dizer…. Apesar de ele só dar aqueles quarenta e cinco minutos, quer dizer, mas focava-se, focava-se no importante, ou pelo menos no mais relevante, não é? E gostei desse professor, a verdade é que, lembro-me assim, sim, sim…»

Esta era de facto uma situação que contrastava bastante como a severidade e conservadorismo que marcava o seu ambiente familiar, o que, muito possivelmente, o levou a almejar cada vez mais uma certa autonomia que o libertasse do excessivo controlo a que estava sujeito em casa,

Já a disciplina preferida na escola foi sempre a Matemática, uma ciência que mais tarde iria ter relevância no seu futuro profissional, considerando que Nuno prosseguiu os estudos na área das engenharias.

«*Ah… Matemática, hã… sim, sim, essa desse professor era a Biologia, que também gostei como te disse, mas assim dos vários anos, a Matemática sempre foi assim a mais, a que gostava mais, sim.*»

Havia, portanto, um gosto pelas ciências naturais e pela matemática, o que naturalmente se traduziu no reforço de uma disposição para o ascetismo escolar, o que lhe permitiu mais tarde seguir os estudos superiores, com sucesso.

Relativamente à forma como ocupava o tempo das férias escolares, mais uma vez a sua tendência para se isolar e ser bastante reflexivo acabava por vir ao de cima, em momentos em que, como é comum, a maioria dos jovens da sua idade o que desejavam era dedicarem-se a atividades ao ar livre e em grupo.

«*Olha, também tive assim um período, um grande período em que passava as férias em casa, sabes, pá? Também tive assim um período grande, hã… em que me isolava bastante, sabes? Hã… sei lá, também não sei bem explicar, o porquê ou quer dizer, eu lembro-me, por exemplo, o meu irmão, ele ia muito para a aldeia, era capaz de lá passar os dois meses de verão, não é? Dois ou três meses de verão, mas eu não, eh, pá, eu acabava por ficar mais na cidade, mesmo que ficasse ali em casa, quer dizer, a fazer sei lá, a jogar consola, ou a ver televisão, quer dizer, mas lembro-me que não era muito de fazer muitas atividades no verão, não é? Isto pensando sempre até aos dezoito anos (…)*»

Este isolamento de Nuno, foi, como refere, só até perfazer os dezoito anos, ou seja, até entrar na universidade. Tratava-se, de facto, de um fechamento voluntário relativamente às atividades mais viradas para o lazer nos espaços abertos e ao convívio com outros jovens.

Aliado a isto, vem o facto de a morte do pai ser ainda uma questão que o marcava profundamente e que implicava emoções contraditórias e de alguma forma negativas. Estes estados de crise e conflito interno ocorriam sempre que era confrontado com situações que envolviam pais e filhos de outras famílias. No fundo, o resultado eram emoções de indignação e também de revolta que muito certamente acabavam por não ser exteriorizadas através da ação.

«(…) o episódio da morte do meu pai, quer dizer tive muito tempo sem conseguir falar disto, mas a remoer muito, quer dizer, considerar assim injusto, hã… E o pior era quando eu via situações de pais e os filhos que não se davam bem, pais, pá, e eu a colocar-me naquela posição de não ter. Quer dizer, isso para mim mexia bastante naquela altura, sim, sim.»

Já foi referido que tinha uma maior apetência pelo estudo da matemática e pelas ciências em geral, o que, a par da influência de um amigo da família, acabou por o levar a escolher a licenciatura em Engenharia do Ambiente.

«*Olha, ali nesse ano em dois mil e cinco, falava-se muito hã… em instalar eólicas, instalar… instalação de torres eólicas no país, não é? E eu lembro-me de pronto, disso, o ambiente, começar a falar do ambiente e ter havido assim um amigo próximo da família, com dois anos de diferença talvez, que seguiu Engenharia do Ambiente, hã… de Aveiro também, portanto eu fui ali um pouco a pronto, nesse seguimento, nesse colega que já tinha ido, com quem convivi, nesse colega, amigo de família. E dele ter*

ouvido assim essas notícias do ambiente, de começar a ouvir falar mais de ambiente, exatamente.»

Ainda assim, a decisão de seguir os seus estudos nesta área foi tomada somente no final do ensino secundário, portanto, só nessa altura é que se formou esta ideia em Nuno, sendo a partir daqui que, como iremos perceber, se irá verificar a sua emancipação e a evolução da sua autonomia.

«*Eu próprio acho que segui Engenharia do Ambiente, foi uma decisão mesmo ali no décimo segundo ano, sabes?»*

«(…) mas depois a escolha do curso, propriamente dita, foi só mesmo aos dezoito anos, dezassete, dezoito anos, nos catorze, quinze, dezasseis, não, não tenho ideia de pensar ou de ter ideias assim certas do que queria, do que queria ser, exatamente.»

Iniciou então os estudos em Engenharia do Ambiente na Universidade de Aveiro, que pela distância levou a que saísse de casa da sua família para ir estudar. Desta forma, deu-se uma deslocação de um contexto social com um elevado controlo social para outro totalmente novo e livre dos constrangimentos a que estava sujeito por parte da mãe.

De facto, Nuno classifica esta mudança de contexto como bastante positiva, uma vez que possibilitou o desenvolvimento da sua autonomia e, claro, veio permitir a sua emancipação, que acabou por trazer o início da sua participação no associativismo, como tão bem se percebe quando lhe foi perguntado se teve de sair de casa para ir estudar.

«*Tive, e foi porque quis, quer dizer, não fui, quer dizer… hã… realmente e em boa a hora o fiz, mas eu, não é, portanto, fui para Aveiro, também não é muito longe da Guarda, mas, sim, em boa hora o fiz, sim. Eh, pá, fez-me crescer e fez-me pensar por mim próprio, e exatamente, eu próprio, no contexto associativo só surgiu já nesta altura, quer dizer, já depois de ter saído de casa. Eu acho que se tivesse estudado na Guarda, que curiosamente havia lá o curso, o mesmo, hã… não… seria diferente, pronto, não interessa como seria, mas seria diferente a minha… a minha atitude, disposição.*»

Este evento de mudança, caracterizado pela transposição de um contexto social muito marcado pelos fortes constrangimentos a que estava sujeito pelo então controlo exercido pela mãe e também pelo autocontrolo a que se auto impunha, para um contexto social totalmente distinto teve um efeito significativo. Na verdade, o distanciamento da influência materna e de todas as coações a que estava sujeito, inclusive as voluntárias, acabou por lhe permitir que, mais uma vez através de um processo autorreflexivo sobre a sua individualidade, Nuno exteriorizasse todas as suas capacidades sociais, como é exemplo o seu envolvimento direto e muito ativo no associativismo académico.

«Sim, sim, sim, estive dois anos no núcleo de estudantes, depois estive um ano na associação de estudantes, na associação, exatamente, da universidade. Hã… sim, foram esses três anos. E depois, também estive um ano no grupo de teatro, hã… exatamente. Pronto e acho que foram assim esses quatro, quatro anos. Portanto, por norma os mandatos era sempre um ano letivo ou, exatamente, acho que era um ano letivo, portanto, hã… exatamente, estou aí a contar quatro anos, sim, sim.»

«Sim, sim. Gostei, gostei de participar bastante nesses… e até me fazia confusão era quando organizávamos atividades e fosse questões de defesa dos nossos interesses ou defesa dos nossos… a lutar por questões e fazia-me confusão os colegas não quererem… não participarem, não se envolverem, não é? Portanto, isso sim, marcou-me aí nesses anos, hã… aliás, ainda hoje acho que me marca. Quer dizer, pessoas que acabam por não se interessar pronto, por lutar por causas e para a qual eu faço. Acho que ainda hoje me revolto com isso também.»

É com a participação ativa no associativismo académico que desenvolve aquilo que podemos designar de uma disposição para o ativismo, que resulta da sua participação na ação coletiva através do associativismo, neste caso o académico. Percebe-se que, na verdade, o protesto acaba por ser um elemento constitutivo desta sua participação quando utiliza a expressão «luta». Há igualmente uma ligação à identidade coletiva da associação de estudantes, o que se confirma pelo seu envolvimento direto nas múltiplas atividades então desenvolvidas.

É aqui, por intermédio do seu desempenho na associação de estudantes, que se forma uma disposição para o protesto e, em consequência disso, surge uma identidade de ativista. Isto constata-te pela incompreensão que Nuno manifesta comparativamente com aqueles que não participam e não protestam em relação a questões e problemas que diretamente lhes dizem respeito, ou, então, que não se envolvem ativamente em causas, o que acaba de alguma forma por consistir numa avaliação do desempenho do papel de ativista. Este facto relaciona-se de forma muito evidente na manifestação de emoções claramente associadas ao protesto, como é o caso da *revolta* e da *indignação*.

Podemos, assim, assegurar que efetivamente foi durante a frequência da universidade que ocorreu a génese de uma disposição ativista e também a formação de uma identidade de ativista, que se mantém bem viva e dinâmica daí para a frente.

«*Sei lá, o que é que eu lá está, é a satisfação quando lutamos por questões e somos bem-sucedidos, não é? Portanto, isso dá esse sentimento de satisfação ou de realização. Hã… mas, pronto, são poucas as são poucas as lutas ganhas, não é?, são poucas as… Eu acho que resisto mais ainda, sempre daquele lado de nós estamos lá, e há sempre muitas vozes a criticar, mas depois as pessoas também não são capazes de se juntar e continua a fazer-me assim bastante confusão…*»

Observa-se também que esta identidade de ativista, e as disposições que a estimulam, é alimentada, por um lado, pelas emoções ligadas à gratificação então sentida aquando de um objetivo alcançado e, por outro, pelas emoções associadas à pertença a um grupo. No fundo, trata-se da identificação de Nuno com uma determinada identidade coletiva.

O início de uma carreira de associativismo

Como já se percebeu no trajeto de Nuno, a participação do associativismo teve início durante a frequência do ensino superior e longe do seu contexto familiar, mais precisamente quando estudava na Universidade de Aveiro.

Podemos assim dizer que a sua carreira de participação ativa no associativismo teve igualmente início por esta altura, por intermédio do associativismo académico.

Como nos é dado a perceber pela sua narrativa, a participação no associativismo teve lugar em mais do que um grupo ou associação. Observamos uma heterogeneidade na participação que acaba por capacitar Nuno em termos de experiência em várias áreas do associativismo, em grande medida pela variedade de cargos que ocupou nas estruturas organizativas de cada associação.

«*Olha, no núcleo de estudantes eu comecei como responsável pela secção informativa, no primeiro ano e no ano a seguir assumi a coordenação. Porque, pronto, isso também é universal em todos os movimentos associativos por onde passo, portanto, há sempre a dificuldade de encontrar uma nova direção, portanto, lembro-me de no ano, no segundo ano, de ter aceite o desafio de coordenar o núcleo de estudantes. Depois, na associação de estudantes, fui só para o conselho fiscal, exatamente. E no grupo de teatro, também fui só vogal, exatamente. Não, não exerci a… não tinha assim funções de coordenação, nem de tesouraria, que acho que era ali os dois papéis, dois, três que a função de secretariado, hã… portanto ocupava o papel de vogal.*»

A experiência e a satisfação, que obtém por intermédio das várias participações em diferentes associações e grupos, acabam por dar início àquilo que já foi referido como as *consequências biográficas do ativismo* e, em resultado disso ocorre a génese de uma disposição para a participação na ação coletiva. Neste ponto, percebemos o quão importante é a frequência universitária para Nuno, o que se traduz num importante contexto de socialização secundária.

É, portanto, bem patente que, nesta fase, a participação de Nuno se revela bastante interventiva, o que o define como um participante muito ativo.

«*Olha, no núcleo de estudantes, hã… era organização de quando estava na secção informativa, portanto, nós elaborávamos uma folha informativa e, portanto, era reunir*

informação, era elaboração do site, era atualização das informações no site, do núcleo. Hã… mas depois também era, tipo, organização de atividades, visitas técnicas, isto se calhar já no ano em que coordenei o núcleo. Hã… organização de visitas técnicas, um debate, fazíamos sempre assim uma… um debate de um tema, já não me recordo exatamente qual foi o tema, mobilidade, talvez. Hã… portanto também organizei, organizámos esse debate e depois havia toda a parte de, pronto, académica, quer dizer, de organização de jantares de jantares de turma, quer dizer, jantares de convívios de colegas, também era organizado pelo núcleo de estudantes.»

Nuno começa assim por adquirir uma disposição para a participação na vida associativa e ao mesmo tempo por dar início ao desempenho do papel de ativista, neste caso ao nível académico e em favor dos interesses dos estudantes. Esta disposição acaba por ter como propriedade a transferibilidade, uma vez que irá ser preponderante para uma nova área da sua vida, mais precisamente a defesa do ambiente e o associativismo ambiental.

Pode dizer-se que o seu ativismo pela defesa do ambiente surgiu, por um lado, por já haver a influência da área de conhecimento em que então estudava, a Engenharia do Ambiente, e, por outro, o papel da disposição para a ação coletiva que conduziu ao envolvimento direto numa ONGA.

«*Eu estudei Engenharia do Ambiente, não é? Em Aveiro, depois o convite para a ONGA, estudei em Aveiro e foi por eu sentir, tipo, achava que devia fazer alguma coisa na nossa terra, não é? Achava que devia fazer alguma coisa na Guarda, e fui juntar uma coisa à outra, o útil ao agradável, por exemplo, era juntar o ambiente, que era a minha formação de base, e poder fazer alguma coisa na minha terra, não é? E foi aí que comecei na ONGA e foi aí, e depois ainda passei pela nacional, e, entretanto, saí da parte nacional, e continuo no núcleo da Guarda.*»

Há, portanto, uma quase perfeita simbiose entre dois elementos que acaba por favorecer o início do seu ativismo ambiental, uma simbiose que, claro, é em grande medida facilitada pela satisfação e pelo gosto que então ganhou e passou a sentir ao participar no associativismo.

Assim, é possível observar o início da sua participação na ONGA perfeitamente situada no tempo através do seu relato na entrevista.

«*Olha, estava a decorrer uma exposição, lá na Guarda, de uma casa ecológica e eu, pronto, tive curiosidade em ir descobrir e em perceber melhor sobre aquele modelo de construção e depois disseram-me que aquilo era um projeto ali pela ONGA, ali da Guarda, e eu não sabia, pronto. Desconhecia até que existia ONGA na Guarda e daí surgiu o contacto e comecei a trocar emails e assim.*»

O que se percebe em particular, no relato deste evento, é o interesse que Nuno acaba por manifestar relativamente às atividades desenvolvidas pela ONGA, ou seja, surge uma ligação de âmbito cognitivo que leva a que se identifique com a atividade da ONGA. Este facto, por intermédio da interação entre Nuno e os outros elementos da ONGA, leva-o a identificar-se pessoalmente com a identidade coletiva da própria organização, permitindo assim o seu envolvimento de forma muito ativa.

O início da atividade profissional

O percurso académico de Nuno não foi linear e, apesar de ser fácil perceber pelo seu discurso a existência de uma disposição para um certo ascetismo escolar, a dada altura decidiu interromper os estudos superiores para se dedicar a um trabalho remunerado.

«*Olha, houve ali uma altura que eu conheci muitos colegas, hã… que estavam a trabalhar, portanto eles também tinham estudado na universidade, e depois outros não tinham concluído os cursos, e tinham começado a trabalhar, pronto, em lojas, a trabalhar em… e eu hã… comecei-me a questionar, quer dizer: "Estou a fazer o curso, hã… mas não sei, também preciso de trabalhar, ou também queria era trabalhar" – e coincidiu, eu cheguei a trabalhar numa loja de desporto, comecei em outubro, eu tinha até dezembro para concluir a tese e lembro-me de começar a trabalhar e ainda com a ideia de concluir a tese até dezembro, mas depressa cheguei à conclusão que não dava e, pronto, e congelei a matrícula nesse ano e trabalhei nesse ano.*»

A decisão de dar início a uma atividade laboral remunerada, em simultâneo com os estudos superiores, acabou, em grande medida, por surgir através da influência de outros colegas da universidade. Este facto é mais um exemplo da afirmação da sua autonomia e emancipação como indivíduo. Todavia, a dedicação a uma atividade laboral, em simultâneo com os estudos superiores que, naquele momento, coincidiam com o desenvolvimento da tese de mestrado, revelou-se demasiado difícil de concretizar. Nuno optou, então, por suspender a matrícula e enveredar por uma experiência inteiramente dedicada à atividade laboral numa loja.

«*Sim, portanto, exatamente, ou nesse ano, no sexto ano da universidade, portanto, teria os meus vinte e dois, vinte e três anos, portanto, fui trabalhar, mas é como te digo, quer dizer, depois congelei a matrícula, nesse ano*»

«(…) mas acho que nunca usufrui do estatuto de trabalhador-estudante, porque na parte que estava fazer a tese de mestrado já não tinha aulas, não é?, só já tinha de redigir a tese, não é? Portanto, não tive que… pronto, nunca solicitei o estatuto, exatamente.»

Quando terminou o mestrado, decidiu iniciar um projeto em conjunto com colegas, enveredando assim pelo empreendedorismo. Não deixa de ser digna de observação a forma como Nuno deixa de ser um jovem claramente introspetivo, que se isolava e era muito fechado em si mesmo, para se transformar num indivíduo extremamente envolvido no associativismo e claramente empenhado no desenvolvimento de projetos de forma coletiva.

«*Olha, dois mil e dezasseis. Pelo menos a… por conta de outrem, porque tive ali um período de dois mil e doze quando acabei o curso, até dois mil e dezasseis, que queria criar algo por conta própria, portanto, ainda participei no concurso de empreendedorismo e ainda chegámos a vencer, eu e a equipa. Mas depois não implementámos a… era uma central de pellets, acabamos por não implementar o projeto.*»

Não restam, portanto, dúvidas de que foi o contexto universitário e, em grande medida, ter saído de casa da família que ditou esta mudança em Nuno, o que se comprova pela ausência de participação em atividades coletivas ainda durante o ensino secundário, como é na verdade referido por si.

«*Pouco, apesar de tudo, pouco, pouco. Não era muito, não. Não sei se alguma vez cheguei a participar naqueles pedipapers, ou aquelas corridas que se faziam, não sei se é pedipaper, não é pedipaper, que isso é aquelas, era corrida, não é?, dentro da escola… Tinha assim uma vaga ideia de ter participado uma vez ou outra, hã… mas ocasional, ocasional.*»

Desta forma, a recém-adquirida capacidade para se envolver em atividades coletivas, tanto de âmbito profissional como associativo, acabam por abrir toda uma nova realidade em termos de contexto social e de novos papéis sociais a desempenhar.

Ainda relativamente ao projeto de empreendedorismo que acabou por desenvolver com outros colegas, o mesmo acabou por não ser implementado. Ainda assim e quase em simultâneo, Nuno inscreveu-se no centro de emprego e realizou um estágio profissional.

«*(…) eu acabei o curso e depois, sim, penso que me inscrevi no centro de emprego, nessa altura, em dois mil e doze, hã… e depois fiz o estágio profissional em dois mil e treze, hã… e mesmo neste período em que estive a desenvolver o projeto de… por conta própria… eu penso que continuei a estar inscrito no centro de emprego, até porque estávamos a par de formações e a par de, sei lá, de vagas e eu estava à procura de trabalho, quer dizer, seja como for, mantinha em aberto a hipótese de trabalhar por contra de outrem, mesmo estando a desenvolver um negócio, sim.*»

Está muito patente a forma dinâmica e versátil como Nuno passou a orientar a sua vida em termos de projetos profissionais, avançando em várias frentes. Esta sua

versatilidade traz à tona uma nova característica. Revela-se assim como alguém que tem objetivos bem definidos e, dentro destes, a ambição de os concretizar, o que, na verdade, só é possível com uma boa capacidade de planeamento e trabalho. Acaba assim por desenvolver uma disposição ascética para o trabalho, assente no empenho e no esforço, uma disposição que se conjuga facilmente com o facto de, como já se referiu, ser alguém que racionaliza muito.

As idiossincrasias e as representações

Quando questionado sobre o que significava para si ter qualidade de vida, Nuno respondeu que era ter trabalho e em simultâneo ter a capacidade e a possibilidade de poder desligar do trabalho.

«*Bom hã… o que é que para mim é ter qualidade de vida? OK, ter trabalho, OK… mas depois também ter um período em que o trabalho fica lá hã… lá no trabalho, que é mesmo assim, e chegas a casa e não continuas a magicar naquilo, quer dizer, consegues desligar por completo. Para mim isso é qualidade de vida. É tu conseguires, teres o trabalho, teres o trabalho, mas depois chegas a casa e tens os teus hobbies, tens os teus… tens as tuas preocupações fora e deixas as preocupações no trabalho, exato.*»

Percebe-se que valoriza o facto de conseguir mudar do contexto profissional para a sua intimidade, ou na reserva da sua vida mais privada, onde se situam as práticas mais centradas no lazer e orientadas pelos seus gostos pessoais. Há, portanto, um desejo de estabelecer uma fronteira bem definida entre estes dois mundos.

É neste campo que entra novamente em ação a já referida disposição para a autorreflexão e para pensar sobre si próprio. Trata-se de uma prática de introspeção que é desenvolvida afastando qualquer crença religiosa, tal como já foi salientado quando se falou da sua educação religiosa.

Por outro lado, refere uma característica menos do seu agrado, que procura contrariar e que, de uma certa forma, está ligada à sua tendência para a autorreflexão e racionalidade.

«*As que menos gosto… pá… (suspiro). Eh, pá, muito pensativo, muito raciocínio, pá… muita parte mental, quer dizer… tenho isso sempre demasiado ativo em mim e… devia, devia conseguir reduzir, devia reduzir.*»

«*(…) Que devia reduzir, depois comparando com a parte sentimental, com a parte… não é? Portanto, fazendo esta… pôr na mesma balança a parte de raciocínio e a parte sentimental, eu… a minha balança está bastante desequilibrada, hã… bastante para o*

lado do mental e, portanto, devia equilibrar, devia conseguir equilibrar mais, exatamente.»

Podemos identificar aqui um certo desajustamento ou um certo conflito interno, situado entre a sua faceta mais autorreflexiva e racional e o desejo de se tornar, em muitas situações, bastante mais impulsivo ou mais emotivo. No fundo, não racionalizar tanto sobre a ação a tomar e a agir mais por impulso. O que Nuno parece pretender é estabelecer um ponto de equilíbrio entre a razão e a emoção na sua ação, este, sim, é o seu objetivo em termos da sua satisfação mais subjetiva, ao nível do seu *Eu*.

«*Olha, o estar bem comigo mesmo, que ando assim numa fase atribulada, sabes? Hã… portanto, hã… sei lá, pá, é conseguir este equilíbrio que estava a dizer antes, não é? Conseguir este equilíbrio entre o raciocínio, entre o lado mental e o lado sentimental. O que conta é o equilíbrio, para mim é assim o verdadeiro (…)*»

No campo dos valores, não se considera materialista e dá muito mais importância à amizade, ou seja, ter laços de amizade fortes e estar inserido numa rede de amizade.

«*Não dou assim tanto valor assim aos materiais hã… é só ter assim um conjunto de amigos... (…) Quer dizer, a amizade, quer dizer, ter assim um conjunto de amigos, hã… querendo a… hã… será isto, quer dizer. Hã… Assim, na parte, mais de, pronto, de meditação, quer dizer, com isso de conseguirmos ter assim uns períodos em que te… em que, sei lá, em que refletes, em que… hã… não sei se propriamente isso é um valor, quer dizer, se isso são valores, que dizer, mas dou bastante importância a isso, quer dizer de conseguir, hã… parares, não é?*»

Considerando que a busca pelo conforto material não é um objetivo central na sua vida e por contraste à maior relevância que dá a ter um bom grupo de amigos, é legítimo considerar que a disposição para a participação no associativismo seja bastante forte por esta razão, em detrimento de um posicionamento e de conceções da vida bem mais individualistas ou egoístas, se quisermos assim considerar.

Em bom rigor, muito mais que objetivos materialistas, o que Nuno valoriza de facto é a amizade e um bem-estar emocional e espiritual. Há uma vontade de cuidar da sua subjetividade. Em termos de valores, os não materialistas são claramente dominantes.

Relativamente aos valores ambientais ou verdes, não hesitou muito na resposta e referiu que para si são centrais.

«*Já é a base, não é? De continuar à frente de uma organização hã… uma organização de defesa do ambiente até é a constatação de que temos que mudar, ou precisamos de mudar… hã… alguma coisa, para evitar a degradação do planeta, portanto, isso está presente e está, e está e são os alicerces, não é?*»

Este facto é de tal forma verosímil que acaba por trazer a Nuno uma experiência emocional negativa, derivada de nem sempre conseguir ver resultados positivos ou de

conseguir que a sua participação como ativista ambiental traga mudanças efetivas na proteção da natureza e do ambiente.

«*Pois é, eu sinto-me bastante desanimado, quer dizer, não é? Porque acho que é difícil de as coisas estão… estão aí, não é? E hã… é inglório, quer dizer, ou é inglória às vezes as nossas lutas e às vezes o sentimento é de bastante desânimo de ver o poder político e ver as instituições a rumarem noutro sentido, quando todos os factos apontam para ali, não é? E depois têm um discurso a… de defesa do ambiente quando na verdade, na prática, não conseguem ter as ações. Hã… têm o discurso, mas depois não têm as ações, portanto, há ali qualquer coisa que não está certo. E revolta, quer dizer, e depois revolta… revolta, quer dizer, quando nós estamos à frente de organizações, em que reunimos realmente com os decisores políticos e dizem uma coisa, mas não conseguem atacar o problema, quer dizer, seja ele, desde a poluição de um rio, hã… ao corte de árvores, reconhecem que as árvores são importantes, mas o projeto de requalificação daquele espaço, prevê que as árvores sejam abatidas para serem postas outras árvores no mesmo sítio, quer dizer, mas eles defendem as árvores, quer dizer, mas… mandam abatê-las, quer dizer… e… não sei, não consigo a… são lutas inglórias às vezes ou são lutas em que… não… são inglórias, não é? Mas são… hã… precisamos assim de uma nova classe de decisores políticos, não particularizando nenhum, nem ninguém, mas a… têm o discurso, mas não têm a ação, portanto, há qualquer coisa que falha.*»

O que nos dá a conhecer através do seu discurso é um conjunto de emoções claramente relevantes para a sua ação e o desempenho do papel de ativista ambiental, em especial no contexto de participação numa ONGA. Nestas suas palavras, podemos identificar a indignação e a revolta relativamente a quem tem responsabilidade pela implementação de políticas públicas e também a revolta relativamente aos mesmos visados.

Este tipo de emoções, quando surgem em alguém que, como Nuno, possui já uma disposição claramente orientada para a ação coletiva e para participar em associações no sentido de alcançar algum objetivo, conduz à participação visando uma determinada mudança social, em torno de um problema que acaba por ir de encontro ao sistema de crenças e também de valores de Nuno, como é o caso da crise ecológica e das agressões ao ambiente.

É com alguma facilidade que percebemos o quão importante é a crise ecológica para Nuno e em que posição está na sua hierarquia de valores.

«*Pois é, eu acho que este episódio que tivemos agora do vírus, não é? Que pôs a… quer dizer que a gente esteve quase em risco, ou ainda estamos, não sei bem, quer dizer, de extinção da espécie humana, não é? Hã… portanto isto, proveniente assim, da*

destruição dos ecossistemas, não é?, da destruição de… hã… não sei, quer dizer a prova da destruição dos ecossistemas, quer dizer, e as próprias alterações climáticas, o aumento da temperatura, portanto esses serão assim a prioridade, ou a, ou a questão de topo das, das minhas preocupações, hã… com as consequências todas a… imprevisíveis que isso traz, não é, ou que pode trazer, hã… para o homem, para o homem e para as outras espécies, porque quer dizer, o planeta vai continuar a existir e vai, hã… as espécies hã… homem e outras espécies é que poderão não estar cá, mas o planeta, o planeta vai continuar, mais alguns milhões.»

As alterações climáticas e a perda da biodiversidade, com o risco que o seu desconhecimento pode acarretar, são as grandes preocupações de Nuno no universo dos problemas ambientais.

Olhando para a própria orientação política, segundo ele, a sua tendência situa-se mais à esquerda, muito embora refira que se afasta do extremismo, entendendo-se que se situará mais no chamado centro-esquerda.

«Sim, assim mais à esquerda, mas não, não extremista, mas mais à esquerda, sim, sim.»

Refere igualmente que atualmente vê com algum agrado o panorama político. Segundo ele, é na verdade bastante mais favorável do que na altura em que Portugal esteve sob o programa de assistência financeira e em que se fizeram sentir os efeitos das políticas da chamada *Troika.*

«Olha, mais agora do que, agora, agora, sim, agora mais do que do que antes, não é? Eu, apesar de acompanhar, acabo por não ter assim uma opinião, não sei, sei lá, acho que não está tão mal assim, quer dizer, acho que já houve aquele período que também entre Troika e que também coincidiu com o período em que eu estava mais desempregado e assim, acho que esse período político era mais agitado. Agora considero assim um período mais calmo, OK? Mesmo em termos de oposição e assim, vá lá.»

Não se pode deixar de assinalar que o tempo em que a Troika esteve em Portugal coincidiu com uma altura em que Nuno esteve desempregado, o que acaba por ser um período com um significado negativo, ainda para mais se tivermos em conta que se tratava do início da sua vida ativa.

No campo dos valores que considera mais importantes na sociedade em geral, são a igualdade e a justiça que se destacam, que são efetivamente dois princípios basilares do pensamento verde. Estes valores quando são postos em causa geram claramente em Nuno um conjunto de emoções que estão também ligadas ao ativismo e, claro, ao protesto.

«*A justiça, igualdade, não é? De direitos, igualdade de… hã… por aí assim, justiça, igualdade… hã… sei lá. (…) Sim, pá, às vezes há uma revolta, quer dizer e também impotência por, por não, por não se conseguir agir, por causa da injustiça, quer dizer, quando são aqueles casos de corrupção e assim, não é? Portanto, a gente sente também assim um pouco, impotente… vê as situações e não consegue agir, ou não sabe como agir e entre o revoltado e o impotente, de poder… de não conseguir fazer nada, também é esse sentimento*.»

Podemos identificar, neste caso em concreto, um outro tipo de desajustamento ou crise, que se situa entre dois tipos distintos de emoções, que acaba por influenciar de forma negativa a ação. Ou seja, se por um lado Nuno se sente revoltado quando é confrontado com situações que põem em causa os valores que entende como relevantes na sociedade, por outro, sente-se impotente por não conseguir ou não saber como agir para combater tais situações. Esta incapacidade de agir gera novamente o mesmo tipo de emoções, gerando-se assim um círculo vicioso à boa maneira de Sísifo.

Quanto às representações que faz de um planeta sem problemas ecológicos, recorre a um certo anacronismo, ou seja, faz o planeta Terra retroceder para o passado.

«*Eh, pá, sei lá, olha, se calhar... Era imaginar, tipo, há quarenta ou cinquenta anos, ou mais, se calhar mais. Tipo era imaginar o planeta há um par de anos atrás, mas há um par valente, não é? Porque, quer dizer, o planeta já foi muito mais verde e já foi muito mais ecológico, já foi muito mais natural, não é? Pronto, depois sei lá, o homem tem estado a destruir tudo, portanto, ver o futuro do planeta, era se calhar imaginar, não sei há dois ou três séculos atrás, se calhar a coisa… ou mais, ou se calhar ainda mais séculos atrás, vá… o planeta era mais virgem, não é? Era mais autêntico, era mais verde. Hã… havia uma capacidade melhor de o planeta absorver os… pronto, hã… o lixo, absorver as emissões, não é? Hã… eram menores números, não, não tem comparação nenhuma, não é?* (…) *Pronto, é isso, quer dizer, desejava o planeta, tipo, era o planeta assim mais, sem febre, não é? Atualmente está febril, não é?*»

Esta ideia é claramente coincidente com o facto de o desenvolvimento humano ser, nas suas mais diversas dimensões, o grande causador da degradação ambiental, em especial da exploração dos recursos naturais e da capacidade de regeneração da natureza. Há, assim, no seu pensamento verde, uma noção do valor intrínseco de tudo o que é natural, sendo importante aqui fazer uma referência à já mencionada *teoria verde do valor de Goodin*[31] e dos princípios que a constituem, como é o caso da *sustentabilidade* e da *futuridade*.

[31] Ver páginas 65 e 66.

É igualmente possível perceber, na sua hierarquia de valores, esta sua noção acerca da degradação ambiental e a posição cimeira ocupada pelo valor que atribui à natureza no seu estado mais intocado.

«*Portanto eu, eu olho, para mim é a destruição dos ecossistemas, não é? Tipo a… florestas, não é? Portanto, nós em Portugal já não temos floresta, eu acho, quer dizer, temos as monoculturas, quer dizer, temos plantações de eucaliptos e pinheiros e assim, mas, quer dizer, floresta propriamente dita, hã… não temos, quer dizer, floresta que durasse séculos, não é? Eu creio que nós não temos nada disso já. Portanto a destruição de um planeta, de vários desses ecossistemas é, para mim, é crítico, é mau, é…. hã… Bem, depois, o outro é as alterações climáticas, não é? Portanto, a subida da temperatura e as consequências imprevisíveis que isso pode, que isso vai trazer, não é*?»

Mais uma vez e agora à escala nacional, Nuno identifica novamente a natureza no seu estado mais intocado e livre da ação humana como um valor de referência. No entanto, não deixa de dar nota da preocupação que as alterações climáticas representam para si, bem como da problemática que está associada ao desconhecimento adjacente aos impactos resultantes do aquecimento global, um tema mais associado ao ambientalismo do que ao conservacionismo.

Apesar de tudo, revela ainda algum otimismo, em grande medida pela crescente tomada de consciência que a sociedade em geral tem revelado.

«*Olha, eu penso que mesmo assim tem vindo a reunir mais adeptos, não é?, ou tem vindo a… As pessoas têm vindo a tomar mais consciência do planeta, não é? Hã… a questão é que continua a ser insuficiente, quer dizer, ou melhor, o cidadão comum até já pode estar mais desperto, mas depois a… pronto ainda não chega, quer dizer, ainda não… ainda não conseguimos a mudança que precisamos, não é? Está mais desperta a sociedade, mas ainda não, ainda não chega, quer dizer…*»

No entanto, para Nuno, esta consciencialização não é de todo suficiente, o que tem paralelo com a sua convicção relativamente à impossibilidade de uma solução para a crise ecológica.

«*Não, isso nunca [risos]. Acho que nunca. Sei lá, isso sei lá, terá que ser atenuado, ou terá que ser minimizada, mas resolvida… bem somos muitos milhões, muitos mil milhões e, sei lá, e continuamos a causar impacto no planeta… muito impacto, não é?*»

O que existe assim no seu pensamento verde é uma crença na adaptação e na mitigação, e não na completa resolução da crise ecológica.

É nesta linha, que se prende com a capacidade de a sociedade fazer algo para mitigar os impactos e para se adaptar, que Nuno imprime alguma reflexão na sua narrativa relativamente à relevância das ações individuais, o que encontra eco, agora

desta vez, na já referida *teoria verde da ação* igualmente de Goodin e no primado que esta dá à ação individual.

«(…) sei lá, olha, eu acho que às vezes que nós pensamos que as nossas decisões, hã… individuais que não têm significado, é, portanto, devia haver campanhas, massivas de desmistificar isso, quer dizer, portanto, aquilo que cada pessoa pode fazer hã… é muito e… e é um princípio, quer dizer, as pessoas… eu muitas vezes falo com as pessoas e elas: "Ah! Isso sou só eu, isso não faz diferença nenhuma," Não! não é? E depois é em tudo, quer dizer, é a fazer a reciclagem, quer dizer, é a tentar andar… portanto devia haver campanhas massivas para, pronto, para sensibilizar as pessoas que a sua diferença, a sua atitude faz a diferença, hã… pronto, talvez pudesse começar por aí.»

Na verdade, observa-se também que, na questão relacionada com a ação individual em termos de atitudes ambientais e sustentáveis, como é por exemplo o caso do consumo individual ou da gestão doméstica dos resíduos, mais uma vez surge à superfície a disposição para a ação coletiva ambiental de Nuno, quando menciona a necessidade de haver *campanhas em massa* de sensibilização ambiental, que, como sabemos, em Portugal são praticamente todas realizadas por ONGA.

O ativismo ambiental: «Falta passar do discurso para a ação…»

Nuno, quando se compara com outros indivíduos, tomando como referência a crise ecológica e ambiental, vinca uma diferença que podemos atribuir com segurança à constituição de uma identidade de ativista ambiental, dado que são manifestadas emoções que acabam por influenciar ou, mais precisamente, por ativar o desempenho do papel de ativista ambiental.

«*Pois, quer dizer, vejo-me às vezes mais preocupado, quer dizer, ou mais… desperto para, para também não vou dizer que seja mais desperto, quer dizer, porque eu acho que as pessoas com quem falo, e com quem convivo, também estão despertas para os problemas. Hã… não vou dizer que esteja mais, que eu esteja mais desperto, estou mais revoltado [risos]. Sinto-me mais revoltado, hã… por, pronto, por assistirmos assim à degradação ambiental e não conseguirmos alterar, não é? E não conseguirmos, hã… e as outras pessoas, pronto, noto-as assim um pouco mais conformadas ou mais… ou mais hã… "deixa andar, ou deixa ver… não te preocupes que alguém se há de preocupar com isso" – não é? E eu preocupo-me, procuro preocupar-me com isso.*»

Este facto fica bem evidente quando Nuno reflete sobre esta situação relativamente ao contexto social onde se move ou, melhor dizendo, no âmbito das diversas interações que estabelece com os outros indivíduos que se cruzam no seu quotidiano.

«*Pois, quero dizer, eu volto-te a dizer, eu acho que, quer dizer, despertas as pessoas, não é?, para as questões ambientais. Eu acho que, assim no meu círculo social de… acho que não tenho ninguém que não esteja desperto para as questões ambientais. Hã… mas depois… hã… sei lá, não consigo deles, é difícil de lhes… posso-lhes até pedir para enviar um… "eh, pá, envia um email à entidade, a questionar, o porquê de fazer isso", não é? e é difícil quer dizer, eu acho que na maioria das vezes, não enviam, não é? E às vezes já é muito o poder questionarmos as entidades do porquê de ter tomado aquela decisão, hã… pronto, faz parte daquela coisa, daquilo… que cada pessoa individualmente pode fazer, não é? E acho que isso, para as pessoas com quem convivo já é muito e não fazem e chateia-me um bocado. Porque partilhamos do mesmo discurso, não é? Ou temos a mesma preocupação, mas depois falta, falta a ação, não é? Falta, falta passar do discurso para a ação e sei lá.*»

Nuno acaba por se distinguir por intermédio da sua ação como ativista. Na verdade, age, passa à ação, enquanto os outros não, o que o leva a sentir-se diferente. Há uma identidade muito própria que é, como se observa, muito mais vincada pelo desempenho do papel do que pela categoria. Este facto fica assim visível quando se refere à necessidade de agir, quase como um imperativo.

«*É quando falamos das coisas e, pá, tem que haver uma consequência ou tem que haver uma… ação daquilo, não é? Se estamos preocupados com alguma coisa, então temos de agir de alguma forma, quer dizer… por mais pequenos que sejamos, ou por mais… individuais que estejamos a agir, mas acho que faz sentido fazê-lo e seja no ambiente, seja em qualquer área, pronto, isto não no meu ponto de vista, pronto, é do ambiente que estamos a falar, mas a… sei lá, noutras questões acho que continua a fazer sentido este papel individual de cada pessoa.*»

Este imperativo para agir por questões que representam preocupações para si não surge do nada, está ligado à disposição para o protesto que se formou no seu tempo de associativismo académico. Este facto é tão evidente que a sua narrativa é quase idêntica quando fala sobre esse período da vida.

Contudo, Nuno tem também bem presentes as limitações que existem em termos da sua ação como ativista e, consciente deste facto, procura agir mais localmente e assim tornar mais efetiva e consequente a sua ação de protesto.

«*Olha, hã… também não dá para ir a todas, não é? Porque hã… realmente eu tinha vontade de, pronto, de questionar, sei lá, é mais fácil darmos exemplos. Portanto, uma situação de descargas no meio hídrico, uma situação de um aterro ilegal, quer dizer, eu tenho vontade de questionar, pronto, as autarquias, quer dizer, quando isso acontece, tenho vontade, pronto, de fazer a pergunta formal, quer dizer: "Têm conhecimento desta situação, o que é que pensam fazer? O que é que já estão a fazer", não é? Eh, pá, mas*

ultimamente não, pronto, também não consigo ir a tudo e, quer dizer, o facto de pertencer à ONGA da Guarda faz com que eu atue mais nas queixas e nas denúncias que recebo ali na zona, não é? No distrito da Guarda e, pronto, nesse sentido, questiono eu próprio, e costumo questionar a autarquia ou a junta, ou a própria fábrica em questão. Hã… pronto, também, já podíamos fazer mais, mas pronto, começamos por aí, muitas vezes começamos por questionar e aguardar algum tempo por uma resposta da entidade, a ver o que é que, o que é que nos diz.»

Este facto é demonstrativo da forma racional como gere o protesto de forma a torna--lo consequente e não o contrário. Nuno acaba por fazer uma gestão racional da indignação, orientando-a para a prática de um ativismo ambiental mais localizado.

É neste âmbito, e de uma certa forma na sequência de uma redução na escala dos problemas ambientais, os quais acabam por merecer a sua atenção, ou seja, na medida em que tais problemas se tornam locais, que Nuno põe em prática a sua ação de protesto.

«*OK, não sei se é exatamente o que me preocupa mais, mas, quer dizer, um que está hoje em dia muito na ordem do dia é o corte de árvores, nas cidades. Hã… e que depois procuramos, pronto, procuramos pedir justificação do porquê do abate, hã… porque faz-nos sentido que se a árvore estiver doente, se a árvore estiver em risco, não é?, faz-nos sentido que seja cortada, mas quando nos dizem que a árvore vai contra o projeto de urbanismo ou o projeto de requalificação daquele espaço, eh, pá, ficamos revoltados, quer dizer, ficamos chateados com essas justificações… Em concreto lá na Guarda, quer dizer, até há muito pouco tempo, há dois ou três dias atrás, pronto, está previsto numa avenida cortarem árvores e voltarem a pôr árvores no mesmo sítio. Estás a ver, árvores que têm vinte e tal anos, que têm um porte considerável, não é? E depois querem pôr outras, quer dizer… muito mais pequenas, não é? Porque acho que não faz sentido, quer dizer…*»

Está patente, neste discurso centrado num problema ecológico concreto em que Nuno agiu, a presença dos princípios da *insubstituibilidade* e da *autenticidade* referentes à já mencionada *teoria verde do valor.* São princípios que cognitivamente acabam por contribuir para a relevância da proteção da natureza e dos seus recursos como valores a defender, que, ao serem ameaçados, geram indignação e, consequentemente, a ativação da disposição para o protesto, conduzindo ao ativismo ambiental.

Nuno também tem por hábito participar em ações de protesto mais diretas, algumas mesmo fora de Portugal. Organizou inclusive uma destas ações, bastante mais localizada e de muito menor escala, mas que ainda assim não deixa de ser demonstrativa da forma como se compromete com o ativismo ambiental.

«*Hã… participei em Retortillo, que é… ali em Salamanca, hã… portanto, já me lembro de lá ter ido, pelo menos, de ter participado em duas manifestações, que dizer, uma em Salamanca, sim, e outra foi em Freixo de Espada à Cinta, Cintra… Cinta. Hã… pronto, contra, contra então a exploração de urânio, hã… onde é que eu estive mais assim de manifestações… mesmo assim, não é, não é que seja dos mais participativos em manifestações, eu confesso. Hã… acho que organizámos uma vez uma lá na Guarda, contra a Monsanto, hã… exatamente, exatamente… mas aí, tipo, foi muito reduzida a participação, para isso se tivemos cinco ou seis pessoas, ou sete, foi muito. Enquanto que estas de Retortillo junto assim multidão, juntou, juntou muita gente.*»

Pode ler-se que Nuno não deixa de fazer uma avaliação quanto ao seu desempenho como um ativista que se envolve em protestos de ação direta. Neste ponto, podemos inferir que, na sua ideia, para haver um bom desempenho, a sua participação neste tipo de ações deveria ser maior. Ainda assim, não podemos deixar de notar a satisfação que retira quando participa neste tipo de protestos.

«*Pá, gostei, o balanço foi positivo, hã… e… estou-me a lembrar, olha, por acaso estou-me a lembrar de outra manifestação, vá, ou pelo menos a… que foi… do corte de árvores também lá na Guarda, em dois mil e dezasseis, exatamente. Eh, pá, sim, gostei e… tipo fazer assim cânticos, ou fazer assim hã… tipo… não te sei dizer assim agora já de cor, mas era, pronto, lá… eu acho que essa da mina de urânio, há qualquer coisa, tipo: "Não à mina, sim à vida" – estás a ver, e pronto, dava-me gozo, no bom sentido, dava-me assim bom proveito, sentia-me bem, tipo, fazer esses cânticos, do género:*

– Mina não! – e o pessoal respondia:

– Vida sim! – estás a ver? Eh, pá, sim, gostei de envolver, assim, nessas… nessas manifestações.»

Na verdade, "cantar, dançar e outras atividades claramente ritualizadas contribuem para gerar solidariedade, alegria e uma série de emoções positivas" (Jasper, 1997: 209).

Nuno, como se percebe, experimenta em termos emocionais a satisfação de estar diretamente envolvido. Este é um tipo de emoção que ocorre tanto pela experiência em si, que acaba por ser interiorizada e perdurar, como pela satisfação de pertença a um grupo. Trata-se no fundo de uma gratificação emocional que resulta da participação voluntária neste tipo de protestos coletivos, nos quais há claramente um conjunto de valores que são partilhados por todos os participantes.

Os desempenhos e as interações

Se olharmos para o papel que o voluntariado representa para si, Nuno revela-se consciente de que, além de ser pessoalmente gratificante, também acabou por o capacitar e levar a desenvolver diversas competências.

«*Olha, hã… e começou quando comecei a fazer parte dos movimentos associativos, não é? Porque sempre fui enquanto voluntário, hã… sim, pá, trouxe-me assim um background, não é? Ou trouxe-me assim… abriu-me… pronto, mais facilidade de contactar com outras pessoas, não é?, com outras instituições, hã… Deu-me assim mais confiança, se calhar também deu para o fazer, não é? Hã…. Dou-te também outro exemplo, quer dizer, eu cheguei a ser tesoureiro da ONGA a nível nacional três anos e depois disso também ganhei, pronto, pessoalmente, quer dizer ganhei muito mais à-vontade para com as instituições bancárias, quer dizer, até com assuntos pessoais, pronto poder falar, pronto, diretamente, não é? E… coisa que se calhar antes… hã… não sei, não teria tanto à-vontade, ou… e ganhei, portanto, mais à-vontade para fazer perguntas e para questionar e… ou fazer voluntariado, sim, sim.*»

Nuno, adquire, portanto, para além de outras competências, uma aperfeiçoada capacidade para comunicar tanto em contexto organizacional como também a nível pessoal, o que se traduz numa importante mudança para alguém bastante fechado em si mesmo, quando adolescente.

Na verdade, a carreira de participação de Nuno na ONGA como ativista ambiental processou-se de uma forma progressiva. No entanto, começou logo no início da sua participação a desempenhar funções administrativas na ONGA, que teve início primeiramente à escala local, para depois evoluir para a integração nos corpos sociais, desta feita, à escala nacional.

«*De início, hã… também fui conhecer um pouco os cantos à casa. Ou conhecer um pouco… até porque eu fazia parte então da ONGA da Guarda, mas continuei a estudar em Aveiro, pelo menos mais três anos, portanto, só ia à Guarda aos fins de semana e portanto, se calhar foi gradual, foi crescente, não foi logo de início que essas manifestações que te estava a contar agora por fim, foi agora mais recente, quer dizer, estas de Retortillo, talvez dois mil e dezoito… a tal de Freixo de Espada à Cinta foi em janeiro de dois mil e dezanove. É mais recente, esta parte assim do ativismo (…)*»

Pronto, é isso, quer dizer, eu comecei como tesoureiro, porque, pronto, também não tinha muito… não havia muita gente interessada, então comecei como tesoureiro do núcleo da Guarda, hã… de dois mil e nove a dois mil e doze, hã… aliás, dois mil e nove, a dois mil e treze, quatro anos. Mas depois entrei para a direção nacional em dois mil e doze a dois mil e quinze. Exatamente, tesoureiro nacional e depois passei a presidente

do núcleo da Guarda em dois mil e treze, até atualmente, quer dizer, continuo a ser presidente do núcleo da Guarda, não é? Portanto, os cargos foram estes, entre tesoureiro e presidente do núcleo e, pronto, tesoureiro nacional.»

Percebemos assim que os *investimentos emocionais e cognitivos* de Nuno, no sentido de se identificar pessoalmente com a identidade coletiva da ONGA, se processaram ao longo do tempo. Acabamos por perceber que esta identificação se tornou de facto mais sólida somente a partir do momento em que começa a participar nas ações de protesto mais diretas.

«*Pois, quer dizer, eu, eu, comecei logo. Eu fiz-me sócio, e fui logo dirigente, quer dizer, porque faltavam pessoas na Guarda, não é? Para uma direção, portanto, eu comecei logo como dirigente, quer dizer, não sei, ativista, quer dizer… para mim a definição mais de ativista é, se calhar, o que faço mais agora recentemente, que é tipo: "OK, perante as notícias, questionar e participar nas manifestações" – quer dizer, eu de início, pronto, não era assim tão ativista. Mas, pronto, era dirigente, quer dizer, tinha funções de direção, ou funções de… administrativas, vá (…)*»

Da mesma forma e como já sabemos que existe uma forte relação entre as várias dimensões do conceito de identidade e o desempenho de um papel social, é relativamente simples percebermos que Nuno faz uma avaliação do seu próprio desempenho ao longo do tempo. Também ainda neste ponto, não podemos esquecer que o início da carreira de ativista ambiental na ONGA se deu em simultâneo com a sua participação no associativismo académico, o que acaba por revelar a importância do contexto social vivido no momento para a génese das disposições ligadas ao associativismo e protesto e que coincide com a frequência universitária.

Ainda assim, a participação de Nuno nesta ONGA encontra-se a passar por um momento conturbado, com as dúvidas sobre a sua continuidade como membro ativo a instalar-se.

«*E o facto, depois, quer dizer, continuo a ser presidente do núcleo da Guarda, mas eu trabalho aqui em São João da Madeira, não é? Portanto, há quatro anos que aqui estou, portanto, também ando numa de querer tentar passar a pasta, quer dizer, pelo menos deste, deste cargo, enquanto presidente do núcleo, não é? Posso continuar como vogal ou como membro, mas este cargo, ando assim com vontade de, embora, quer dizer, nada me retira a minha veia ativista, quer dizer, eu faço muita, muitas questões que faço, muitas vezes é a título particular e telefonemas que faço e não sei o quê. Mas quanto a nível…. Atualmente, ando numa fase de desmembrar, ou de afastar um bocado. Ando assim um bocado a refletir sobre isso.*»

Apesar da sua participação na ONGA se encontrar num momento de crise, Nuno deixa bem claro que continua a identificar-se como ativista ambiental e pretende continuar a agir.

Este facto acaba por dar sentido à diferença que existe entre os conceitos de identidade coletiva e de identidade de um movimento. Na verdade, continua a valorizar os objetivos da ONGA que são claramente objetivos alinhados com movimentos de *pós--cidadania.*

«*Hum! Sim, quer dizer, os objetivos são válidos, não é? Hã… embora os meios, ou as pessoas que estão, hã… que estão à frente, ou que ainda é que deixa a desejar, não é? Mas os objetivos são válidos, quer dizer não a defesa do ambiente, não é? A promoção de espaços naturais, hã… a defesa de espaços naturais e da vida selvagem, e, portanto, os objetivos continuam válidos, hã… apenas as pessoas que estão à frente é que… bom, que estão a minar a associação, não é?*»

Neste ponto, identifica-se individualmente bem mais com a identidade do movimento ambientalista do que com a própria identidade coletiva da ONGA, que reside muito nas interações e investimentos emocionais com os outros participantes.

Apesar de tudo e relativamente aos desempenhos, acaba por retirar satisfação das funções que assumiu e desempenha dentro da ONGA, realizando-as com um elevado empenho e investimento pessoal, o que resulta da sua disposição ascética para o trabalho.

«*Eh, pá, eu… sempre gostei de… sei lá, gosto, não é? E assim mesmo funções de coordenar equipas e assim, quer dizer, gosto de desempenhar, hã… mesmo quando fui tesoureiro nacional, que não é a minha formação base, não é?, porque eu sou engenheiro do ambiente e não… hã… outra área relacionada com contabilidade, não é? E, portanto, mesmo nessa área em que me podia sentir… sei lá, mais… com mais dificuldade, não é? Mas sempre tive muito… sempre gostei de a desempenhar, mesmo assim, porque tinha apoio da contabilista da associação, e dos recursos humanos de uma funcionária que, ela sim, afeta a essa parte, de contabilidade, não é? Portanto, sempre, eu fazia basicamente a ponte, ou tirava dúvidas com elas ou assim, portanto, gostei de desempenhar… hã… as funções, sim.*»

Observa-se também no caso de Nuno uma pluralidade de desempenhos de papéis sociais distintos, que oscila entre o papel de engenheiro do ambiente que pertence ao contexto profissional e o papel de ativista ambiental que, além das ações de protesto, inclui funções administrativas e de gestão inerentes ao contexto da ONGA. Está-se assim perante uma *dissonância* entres dois contextos sociais distintos que fazem parte do quotidiano de Nuno.

Como qualquer desempenho de um papel social, o reconhecimento por parte de outros é claramente um indicador de um bom desempenho, sendo que o desempenho por parte de Nuno do papel social de ativista ambiental não foge a esta regra.

«*Pois, se calhar, na maior parte das vezes é isso, quer dizer, não há assim essa oportunidade para esse feedback. Agora recentemente tivemos a assembleia anual, portanto a assembleia onde se apresenta o relatório de contas, e atividades e apresenta--se o plano de atividades, hã…. e talvez aí tenha sido onde há mais feedback, embora tivéssemos seis pessoas ou sete na assembleia, não é? Muito, muito pouco, hã… já houve tempo em que participava mais e lembro-me assim de um comentário uma vez de um colega que… pronto no relatório de atividades era uma página inteira, do princípio ao fim e o colega a dizer: "Eh, pá, vocês trabalharam, este ano trabalharam muito bem, quer dizer este ano, fartaram-se de fazer atividades." Hã… mas eu ultimamente, não há assim muito esse feedback.*»

Percebemos como a constatação por parte do próprio do seu bom desempenho é importante para a manutenção de uma identidade coletiva forte dentro da ONGA. Quando assim não é, acabam por surgir crises com impactos na coesão do grupo. Isto é igualmente observável de acordo com a perspetiva que Nuno tem relativamente aos desempenhos dos outros participantes.

«*Olha, pois há bocado… às vezes aborrece-me um bocado. Eh, pá, às vezes eu queria que a malta… eh, pá, uma vez que eu não estou na Guarda, eu gostava que a malta às vezes assumisse mais eles o papel de liderança ou o papel de… hã… "vamos fazer…" – sim, às vezes fico um bocado aborrecido, hã… com isso.*»

Nota-se com bastante clareza a influência das emoções no contexto da ONGA e como estas acabam por estar relacionadas nas interações que Nuno estabelece com os outros membros. Mais uma vez podemos observar como se estabelecem os processos emocionais que influenciam a identidade coletiva de um movimento ou neste caso de uma ONGA.

«*Hã mas sim, quer dizer, foi bom, quer dizer e sim, temos assim, a maioria de nós, temos assim um… temos à-vontade, quer dizer… temos assim boa relação de amizade, já la vai o tempo também que… pronto, que a seguir íamos, sei lá, tomar qualquer coisa, quer dizer, comer qualquer coisa. E continuávamos a conviver e a trocar… sei lá, informações sobre a ONGA e assim portanto agora nem tanto, por causa desta situação, mas sim há assim um bom ambiente de amizade e assim.*»

As emoções, como notamos, podem ser, por um lado, de tipo menos positivo e, por outro, de tipo mais afetivo, como é o caso dos laços de amizade que acabam por tornar mais informal o relacionamento e as interações entres os diversos participantes da ONGA e, assim, influenciar positivamente a identidade coletiva do grupo.

«*Eh, pá, é a tal coisa, se calhar na ONGA, dá para estar mais descontraído, pronto, mas… e é um ambiente mais informal e assim. Pronto e no trabalho mesmo assim também me permite muita informalidade, não é? Quer dizer, não precisamos de estar por acaso, pronto, também é uma das vantagens ou é uma das coisas que gosto do trabalho, é esse ambiente informal e não por isso que é… que as pessoas não são profissionais, quer dizer, são profissionais na mesma e o ambiente é descontraído e é bom, e é bom. Portanto, de um modo geral, o meu desempenho ou a minha maneira de ser é igual, sim, num sítio e no outro*.»

Apesar de serem contextos sociais diferentes, Nuno também consegue manter uma certa informalidade nas interações no contexto profissional, o que não implica um esforço de adaptação de cada vez que muda de contexto social.

O que leva a agir e como agir

No aspeto puramente emocional, considerando situações que representam agressões ao ambiente, nomeadamente as apresentadas pelas seis fotos das notícias, percebe-se que Nuno, de facto, acompanha os assuntos que surgem no espaço público e que estão diretamente relacionados com o ambiente.

Quanto confrontado com a primeira Imagem (aves mortas em resultado da apanha mecânica da azeitona), reconheceu de imediato a questão e mostrou que estava por dentro de todo o processo subsequente, a qual veio a ter um resultado favorável e alinhado com os objetivos ONGA.

Nuno reconhece que, quando teve conhecimento da situação, a colocou em destaque com o objetivo de agir, tenho inclusive definido a estratégia e a entidade visada no sentido de a questionar. De notar que a revolta foi a emoção que Nuno referiu ter sentido quando teve conhecimento deste caso em concreto.

«*Olha… sei lá, revolta também, sei lá… hã… sei lá, Vasco, o que é que me… na altura… os pássaros morriam, hã… É a tal coisa, quer dizer… uma vez no… tudo é… sei lá… é mais do mesmo, quer dizer, não é? É mais do mesmo, é sempre mais do mesmo e por acaso é como te digo, não tive a oportunidade de questionar (…)*»

Por este facto, podemos considerar que é a revolta sentida por uma situação que Nuno considera recorrente, que acaba por o levar a agir.

Quanto à segunda imagem, apesar de se perceber que o seu conteúdo o afeta de alguma forma, Nuno diz que gostaria de propor uma cimeira do clima em Portugal.

Ao ser, em seguida, confrontado com a terceira imagem/notícia (efeitos da seca e do aquecimento global em Portugal), percebe-se através da sua narrativa um *desajustamento* quando reflete sobre o significado do problema para si e a forma como

ele deverá ser comunicado para o público em geral, no fundo, ter o cuidado de não transmitir uma mensagem tão negativa e catastrófica.

«*Vasco, eh, pá, é a degradação do planeta, pá, mas… hã… a gente também não podemos… eu também não gosto de ser assim catastrófico, eu também não gosto de ser… como é que se diz, também não gosto de ser… não sei, procuro também ter assim uma atitude, não sei, mais animadora, quer dizer, porque o discurso quando é assim muito negativo, pá, também não conseguimos… Já é difícil trazer malta para as nossas causas, então, quer dizer, com um discurso sempre tão negativo, mas pronto, no fundo é um discurso realista, quer dizer, isto é um discurso realista também (…)*»[32]

Nuno manifesta assim a crença na real gravidade do problema e na preocupação que ele constitui. No entanto, defende que para que seja possível agir contra o dito problema, dever-se-ia evitar uma excessiva dramatização do mesmo, sob pena de se vir a comprometer ainda mais o recrutamento de novos membros para as ONGA. Neste sentido, percebe-se que, para si, a comunicação desta questão da seca deverá ser realizada sem vincar muito a gravidade da situação, considerando a necessidade de preservar a *identidade pública* do movimento ambientalista, afastando-a de uma imagem mais fatalista e muito negativa.

Desta forma regista-se da sua parte a existência de um conflito entre a crença de que o problema é mesmo grave e a forma como se deverá agir no que ao recrutamento de novos membros diz respeito, a qual, segundo ele, pressupõe que a comunicação do problema não deva ser tão negativa, a fim de preservar, perante a opinião pública, uma imagem não radical e extremista da ONGA.

No que respeita à quarta imagem/notícia (mina a céu aberto), trata-se de um problema que Nuno acompanha muito de perto, procurando, neste caso, centrar-se na dimensão local do mesmo e agir através da ONGA. Esta atuação está, aliás, claramente em linha com a generalidade das modalidades de ação levadas a cabo pelas ONGA nacionais. Por outro lado, procura através da ONGA agir e protestar de uma forma visivelmente mais institucionalizada e com o recurso a factos e a uma fundamentação sólida, o que, na verdade, está claramente em linha com a generalidade das modalidades de ação das ONGA nacionais.

«*(…) houve uma altura, houve uma altura que até partilhava imagens do que se passava, não sei se era na Austrália, quer dizer, que era uma cratera enorme, quer dizer, hã… também gosto depois de… quer dizer, não vamos partilhar…. É a tal coisa, quer dizer, não vamos partilhar o negativo porque parece que o negativo é que vende,*

[32] Ver página 61, trata-se da interação existente entre os participantes de um determinado MS e os não participantes, ou aqueles que nada têm a ver com o próprio movimento em si.

não é? Quer dizer, também não é isso. Também depois de discutir as coisas, com professores, quer dizer, com, com especialistas, digamos assim, não é? E tenho falado muito com uma professora lá na Guarda, pronto, da área da geologia, não é? Hã… porque também, quer dizer, também sou sincero, também acho que faz-me sentido que as coisas sejam localmente… estás a ver, quer dizer, o lítio se não vem do Chile, ou da América do Sul, não é? Quer dizer, tudo isso também tem um impacto enorme no ambiente, quer dizer, não é? O transporte e não sei o quê… hã… Agora a exploração sendo feita cá em Portugal, é isso, quer dizer, também não pode ser feita de qualquer maneira, quer dizer, também não pode ser à custa de… pronto e é essa compatibilização que também gosto de… pronto, de procurar e gosto de… Não gosto de dizer logo à partida que não, também, não é?»

Não existe assim, neste tipo de protesto, uma confrontação direta com as entidades responsáveis. O que ocorre de facto como estratégia de protesto é o esclarecimento e sensibilização das comunidades e o recurso à participação direta nos instrumentos legais de proteção ambiental, como é o caso das avaliações de impacto ambiental.

«*Aquilo que temos feito é tentar participar assim nas consultas públicas. Hã… houve aquele pedido, a ver se eu te sei contar, portanto… na Direção-Geral da Energia e Geologia, portanto, abriu ali um período para as pessoas reclamarem, não é? Pronto e então fizemos esse… pronto, para reclamarem ou para enviarem comentários, pronto, não tem que ser forçosamente reclamar. Pronto, então, participamos nesse período de que tem um nome, está aqui a faltar-me o nome, hã… Agora mais recentemente, foi a sexta-feira passada, quer dizer, houve um projeto de decreto-lei, para regulamentar a lei, não é? Das minas, não é? Portanto, também participámos nisso, hã…. Eh, pá, sim, é um tema que está na ordem do dia este, exploração de lítio e assim.*»

Regista-se um distanciamento do radicalismo e uma maior aproximação a formas de protesto mais institucionais e colaborativas, numa aproximação clara ao exercício da democracia participativa. Esta última constitui, aliás, um de entre os elementos que a perspetiva da modernização ecológica convoca (Hajer, 2002).

Quando observa a quinta imagem, Nuno recorda mais uma vez o seu envolvimento nas ações de protesto diretas e o facto de sentir um apelo e um gosto em participar nesse tipo de iniciativas.

No que respeita à sexta imagem/notícia (radiografia de um lince ibérico morto por caçadores), além de revelar indignação na sua expressão facial, Nuno refere mais uma vez a vontade de agir localmente através do questionamento das entidades responsáveis.

As práticas e as interações no quotidiano

Nuno classifica-se a si próprio em termos profissionais como viciado no trabalho, o que em bom rigor tem a ver com a sua disposição ascética que muito certamente contribuiu para o seu sucesso nos estudos superiores e também para o facto de ter tido sempre vontade trabalhar, mesmo enquanto estava a estudar.

«*Pá, depois passo aqui a grande parte do dia, hã… trabalho muito, quer dizer… trabalho muitas horas, hã… considero-me assim um pouco viciado no trabalho, quer dizer, com tudo do lado bom e do lado mau que isso implica (…)*»

O que também contribui para esta sua dedicação à sua atividade profissional é o facto de gostar efetivamente do que faz em termos profissionais e claro, devido à sua disposição ascética para o trabalho.

«*Sim, posso dizer que sim, que sim, sim. Há uns períodos, é como digo, quer dizer… há períodos assim de muito trabalho… pronto que implica também às vezes assim mais stress, ou mais… sei lá, mais para cumprir prazos, para cumprir horários, pronto, e podemos às vezes naqueles dias ou naquelas semanas, andar assim mais aborrecidos, mas sim, de um modo geral, faço assim um balanço positivo do que faço e gosto do que faço*.»

Apesar de ser engenheiro do ambiente, considera que a sua atividade profissional não tem efetivamente muita ligação com a atividade que desenvolve na ONGA, estabelecendo uma clara distinção entre o desempenho dos dois papéis sociais.

«*(…) uma coisa não tem a ver com a outra. Não, não há relação, quer dizer, entre a atividade que faço na associação e a atividade profissional que tenho. Bem, quer dizer, trabalho na área do ambiente, vá. Na área do ambiente, que mesmo assim é trabalho na calibração de equipamentos, hã… que esses, sim, esses equipamentos, sim, são utilizados, pronto, na área das medições, ou na parte de medições de qualidade do ar. Hã… mas, portanto, não há assim muita ponte, entre a associação e o trabalho que faço, quer dizer, não relações… pronto, faço num lado o que não faço no outro, exatamente*.»

Ainda assim e apesar desta diferença, reconhece que mesmo em contexto profissional se mantém a sua atitude de questionamento e crítica.

«*(…) continuo assim com a minha atitude crítica, não é? Ou continuo… bem há coisas que são nossas, não é? Portanto… sei lá, se questiono na associação sobre alguma coisa, pronto, se há alguma coisa que também aqui na empresa que também me questiono, também procuro perguntar, procuro saber, procuro mais ou menos a minha atitude é a mesma… num sítio e noutro*.»

A manutenção desta atitude, aliás assumida por Nuno, está, como se entende, diretamente relacionada com o seu património disposicional, em particular com a disposição para o protesto, que efetivamente acaba por se manifestar em contexto laboral quando ocorre a indignação, ainda que os papéis desempenhados sejam distintos.

Também no contexto profissional Nuno não deixa de manter também uma certa atitude ambientalista, procurando inclusive levar os colegas de trabalho consigo.

«*Hã… sei lá, por acaso, quer dizer, tenho vontade e já uma vez fizemos uma atividade, quer dizer… de… aqui na zona de Aveiro, existe o projeto Cabeço Santo, que é de renaturalizar área… antigas áreas de eucalipto e já uma vez desafiei, pronto, os colegas da empresa, para lá irmos fazer assim uma ação de voluntariado, de plantação de carvalhos e assim. Eh, pá, e aderimos, se calhar, uns cinco ou seis, ou três ou quatro ou cinco, já não sei de cor. Ó, pá!, portanto, também foi bom, esta motivação das pessoas ou esta disposição das pessoas em participar numa atividade assim de defesa do ambiente e da sustentabilidade. Hã… e foi porque não voltou a surgir, porque eu acho que se a qualquer momento eu voltasse a propor… eu acredito que as pessoas a… alinhassem.*»

Também aqui e apesar de Nuno se encontrar num contexto social distinto, a sua disposição para o ativismo ambiental vem ao de cima, desta feita, com o objetivo de envolver diretamente os colegas de trabalho, acabando assim por assumir o papel de ativista ambiental em simultâneo com o papel profissional de engenheiro ambiental na empresa onde trabalha.

No campo das práticas individuais, mais precisamente as que se relacionam com o seu consumo individual, sente que poderia fazer mais do que aquilo que faz atualmente.

«*Ok, olha é, Vasco, olha… é também te digo, quer dizer, também gostava de… às vezes gostava de poder consumir só produtos biológicos, quer dizer, também gostava de poder… hã… também sou sincero, quer dizer, também não consigo acompanhar… ou também, por questões financeiras, quer dizer, também não, também não consigo estar… em produtos assim mais biodegradáveis, e produtos hã… pá, vou procurando, quer dizer, sei lá, vou procurando estar atento e consumir produtos, hã… mas também cá a minha pegada ecológica, quer dizer, também assumo a minha, a minha… também como carne, quer dizer [risos], sei lá… também não sou vegetariano, embora goste de comida vegetariana, mas… não sou a… mas pronto, fora isso, quer dizer, faço a minha reciclagem quer dizer, já faço reciclagem aos anos e… e… procuro fazer.*»

É percetível um certo desconforto de Nuno, quando admite que o seu consumo individual não é totalmente consentâneo com aquilo que defende ou em que acredita.

«*Vou tentar… sei lá, Vasco, a gente também… o que tu estás a dizer é, portanto, é… mesmo consumir carne e assim, quer dizer, tudo isso tem um impacto que tem no ambiente, não é?*»

«*(…) Ó, pá, olha… assim, há coisas que é verdade que têm… mas não sei, também não consigo, não consigo… hã… não consigo ir viver para a gruta, quer dizer… não podemos ir viver para uma gruta. Quer dizer, não é? Mas também não é procurar consumir menos, não é? É procurar reduzir, é… é… Mas, lá está, volto a dizer, tenho a horta, não é? Portanto, já lá procuro produzir os legumes, alguns legumes, quer dizer… hã… mesmo assim é muito pequeno, mesmo assim é uma horta muito pequena e eu também não sou um agricultor de… também não sou agricultor… sou agricultor de cidade, quer dizer, hã…. Sei lá, é… às vezes, lá está, tenho vontade de fazer mais, pá, mas, também não consigo, também não conseguimos chegar, não consigo chegar mais a… não consigo, pronto, assumo também.*»

É bem patente o desajustamento que existe entre o que Nuno acredita em termos ambientais e o que efetivamente pratica no seu quotidiano, em especial no campo do consumo individual, em particular quando se refere ao consumo de carne. Percebemos também, através do seu discurso, o recurso a uma estratégia de tentar resolver esta disfunção, quando diz que tenta produzir os legumes de que necessita na sua pequena horta.

Quanto às redes de interconhecimento, e em particular a relacionada com o seu círculo de amigos, tudo indicia que Nuno acaba por escolher aqueles que partilham o mesmo tipo de valores. É então neste contexto que tanto Nuno como os amigos procuram ter práticas coerentes com esses mesmos valores.

«*Pá, mesmo assim, de um modo geral eu tenho aqui um grupo de amigos, aqui, pronto, aqui em São João da Madeira, ou em Esmoriz, vá, hã… que também partilham muito esses… estes princípios, até às vezes quando é para fazer umas caminhadas, há sempre a lógica do partilhar os carros, não é? Hã… ainda agora neste fim de semana também vamos… hã… assim lá para a serra da Freita e não sei o quê, portanto há esta questão de partilhar e assim… hã… e de compensar a pegada ecológica, também… este discurso é muito frequente… hã… Portanto, quer dizer, de um modo geral as pessoas com quem convivo também têm assim preocupações e… eh, pá, mas não são todos, quer dizer, também, quer dizer, não será todos, vá.*»

Este facto indica que a disposição ecológica de Nuno também influencia a sua rede de interconhecimento e consequentemente as interações, como se percebe através do seu discurso.

«*Pois é isso, quer dizer, eu acho que… estás a ver, Vasco, a gente também tem conhecidos e tem amigos, quer dizer, não é? Isto é uma definição sempre difícil de se*

estabelecer, quer dizer, como é que tu separas um amigo de um conhecido, não é? Eh, pá, é diferente, sim, hã… mas, hã... sei lá, de um modo geral as pessoas que me são mais próximas, quer dizer, partilhamos as mesmas… pelo menos o mesmo pensamento e procuram agir… alguns até bem mais do que eu, não é? Quer dizer, esta questão da alimentação, eu confesso que sou muito descuidado, hã… e pronto e há colegas que sim, que fazem e seguem a alimentação muito mais hã… pronto os produtos que produzem que eles próprios produzem, não é? Eu, se não tiver, tenho que ir ao supermercado, quer dizer, estás a ver, pronto e tenho colegas que, pronto, esses, sim, têm tudo ali na ordem.»

No fundo, mesmo nas suas relações mais próximas, como por exemplo as de amizade, mesmo fora do contexto da ONGA, acaba por se relacionar com aqueles que efetivamente partilham os mesmos valores. Isto evidencia a relevância dos valores e das crenças inerentes à identidade pessoal de Nuno, sendo por isso evidente que se sinta confortável junto daqueles que efetivamente partilham dos mesmos valores e que também desenvolvem as mesmas práticas.

O que significa ser um ativista ambiental

No momento em que foi questionado sobre o que significava para si ser um ativista ambiental, Nuno referiu logo de início que é alguém que acredita na solução da crise ecológica, isto apesar de ter já assumido na entrevista não estar assim tão crente desse facto.

«*Pá, é defender… quer dizer o planeta, que é de todos, quer dizer, quer dizer… o que é que é ser ativista ou o que é que é para mim ser ativista? Hã… eh, pá, é achar que ainda há ainda, ainda vamos conseguir ultrapassar esta crise, quer dizer. Embora eu também te respondi numa das últimas perguntas que não vamos ultrapassar a crise, não é? Mas, pelo menos, que vamos conseguir minimizá-la, quer dizer, que vamos conseguir retardá-la o mais possível (…)*»

Para Nuno, o grande objetivo do ativismo ambiental está bem definido: é o de defender o ambiente em todas as dimensões que lhe dizem respeito. É então a partir daqui que começa por refletir sobre si próprio e como vê de facto o seu ativismo.

«(…) *no fundo, o meu papel de ativista é muito de questionar, quer dizer, questiono muito as entidades, quer dizer e procuro a… saber as opiniões delas e depois partilho num blogue, também que tenho… que criei e não sei o quê. Hã… porque às vezes também acho que eu… pronto, é a tal coisa, individualmente o que é que cada um pode fazer? Pronto, eu acho que ali é o pouco ou muito que posso fazer é isso, é questionar as entidades e depois partilho as respostas delas e… procuro gerar… não procuro gerar*

muita discussão das respostas que obtenho, também podia tentar obter ali mais discussão, mas às vezes também não é para mim também não é ali o mais (…)»

Tem também o hábito de escrever num blogue pessoal, através do qual partilha algumas reflexões sobre as suas atividades de protesto, que, na grande maioria dos casos, dizem respeito a questionamentos realizados às entidades responsáveis. É aqui que fica claro o seu grande objetivo: suscitar a discussão no espaço público o que em bom rigor se constitui como mais uma forma de ação como ativista ambiental, pois compromete-se com aquilo que defende perante o público.

Já no final da entrevista e durante a sua resposta a esta questão, quando explicava o quanto por vezes é difícil obter um esclarecimento satisfatório das entidades competentes ou responsáveis, acaba por demonstrar espontaneamente a forma como se emociona quando são de alguma forma afetados valores que têm que ver com a proteção do ambiente. Neste caso em concreto, dizem respeito a informação ambiental que deveria ser prestada ao público em geral.

«*Hã… já fico, já fico satisfeito por quando me respondem e…, mas é a tal coisa, quer dizer, às vezes não respondem, a maioria das vezes não respondem e depois ligo, depois procuro insistir um pouco e faço aquele papel de: "Então recebeu o meu email e… e… veja lá se pode responder e não sei o quê" – e digo aquilo sempre muito cordialmente, mas… [risos], mas lá por dentro [risos]…»*

«Pois, lá por dentro: "Eh, pá, responda ao email!" Quer dizer, não é… eu não digo isso assim, quer dizer, porque sei que também não ia ser… não ia ser… hã… pronto: "Se puder responder ao email, veja lá" – pronto, conforme o assunto ou conforme a conversa seguir hã… Mas, por exemplo, dou-te um caso, quer dizer, ainda hoje, então, hã… liguei para a APA e para a CCDR do Centro sobre a… eu recebo, recebemos, recebo pela ONGA lá um email, quando há excedências do valor limite de ozono, do valor limiar de ozono. Imagina, isto aconteceu agora entre as cinco e as seis… então recebes um email depois das seis, conforme aquilo foi verificado, aquele, aquela excedência, não é? Pá, mas isto fazia todo o sentido, até com toda a modulação que já existe, fazia todo o sentido que… a… Então se é previsível que entre as cinco e as seis fosse ultrapassado o valor limiar de ozono, pronto, que fosse enviado o mesmo email antes, que alertava as pessoas: "Olhem é por precaução não façam exercício físico a esta hora, quer dizer, tomem as devidas precauções, não sei o quê" – mas não, quer dizer, enviam o email depois do facto acontecido, quer dizer, qual é? Ó pá, OK… enviar… então, mas quer dizer, a pessoa… não faça exercício físico naquela hora, mas aquilo já passou [riso irónico] quer dizer! Estás a ver, então liguei, questionei por email em dezembro a APA e a CCDR do Centro. A APA respondeu-me em abril, eh, pá, mas com uma resposta que também não faz sentido nenhum, quer dizer, aquilo não tem

nexo, estás a ver? Falam do índice de qualidade do ar… pá, está bem, o índice é uma coisa, mas não foram, pronto, não perceberam o que eu quis, o que eu perguntei, talvez não tenham percebido e eu tinha este… também, pronto, estava nos pendentes e então só hoje é que questionei, mas pronto, está tudo em teletrabalho, está tudo em… sei lá. Passaram-me o telefone duas vezes, para os técnicos que estão em casa, não é? E depois eles lá não podem repassar a chamada, porque estão com os telemóveis e não sei o quê, não é? Portanto, depois tive que voltar a ligar para o serviço geral, eh, pá, mas não consegui falar com ninguém, basicamente, hã… sei lá. [risos]»

«Ó pá, é isso, quer dizer, estás a ver, como é que… como é que isto, uma coisa… quer dizer, que é tão simples, estás a ver, ou que ia ser tão simples, quer dizer, alguém pensar sobre isto… hã… não sei, quer dizer, ninguém se questiona sobre isso, quer dizer… ou ninguém… estás a ver?»

Apesar das frequentes hesitações no discurso, é-nos dado a observar, através da sua narrativa, a presença de emoções como a indignação e a revolta. Foi possível inclusive perceber a alteração do seu tom de voz, em virtude da intensidade que imprimiu no discurso, claramente mais emotivo.

Por fim, na tentativa de levar Nuno a definir melhor a forma como se sentia perante este tipo de situações, apesar de não acolher esta proposta do entrevistador, deixa perceber que tais situações o afetam verdadeiramente, o que, como se percebe e considerando o seu património disposicional entretanto adquirido, acaba por o levar para o protesto.

«(…) *não é, ó Vasco, pensa tu também, quer dizer, ou faz esse exercício comigo, estás a ver? Estão-te a divulgar uma coisa que já passou, qual é a lógica? Quer dizer, deviam-te divulgar era antes, era se há previsão de isso acontecer, divulgavam-te antes, não é? Pronto… não sei se isso responde à tua pergunta.»*

«(…) Ó pá, deixa-me chateado, sei lá, deixa-me, ó pá, sei lá… como é que isto me deixa… olha, sei lá… tu é que tens de traduzir isto pela, pela expressão com que, com que disse isto [risos]. Vais ter que… arranjar a palavra certa, sei lá. [risos] Ó pá…»

A palavra certa é indignação e também revolta.

Considerações finais

Convém sempre deixar claro que as construções destes retratos sociológicos têm uma particularidade que deve ser referida, e que se prende com a sua construção ter como objetivo analisar o ativismo ambiental à escala individual. Portanto, a orientação da análise será sempre nesse sentido. Assim, relativamente a Nuno, podemos destacar que:

1. Foi a partir da sua socialização primária, no âmbito da qual ocorreu um evento bastante traumático, como foi a morte do pai, que se começaram a formar duas das mais fortes disposições, que se manterão ativas ao longo do seu trajeto de vida. Trata-se, em primeiro lugar, de uma disposição autorreflexiva e racional, muito orientada para o autocontrolo, que desenvolve logo após a morte do pai, pelo facto de se ter tornado numa criança fechada sobre si mesma, e pela educação dada pela mãe, que era bastante conservadora, com um excessivo controlo e relativamente à qual ainda se ressente. Em segundo, surge também uma disposição para o minimalismo no consumo de bens materiais, em grande medida derivada dos constrangimentos financeiros resultantes do facto de ser o trabalho da mãe a única fonte de rendimento familiar, e que contribuirá para a uma orientação em termos de valores, que se afasta da importância dada a bens materiais e ao consumo.

2. Foi, na verdade, com a entrada na universidade, e por ter saído da casa de família para ir estudar, que sofreu uma das maiores transformações que acabaram por o marcar enquanto indivíduo e que o definem como exemplo de um *homem plural,* definido pelas múltiplas experiências ocorridas ao longo da vida. É a partir deste momento que se forma uma disposição para o ativismo, em virtude do envolvimento muito forte no associativismo académico, no seio do qual o protesto é uma realidade. É também durante a frequência da universidade que se inicia a sua emancipação e o desenvolvimento da sua autonomia enquanto indivíduo, o que lhe permitiu construir uma identidade de ativista baseada no papel social.

3. Foi igualmente durante a frequência da universidade que iniciou a carreira de ativista e de participação na vida associativa. Assim, foi através de uma socialização secundária, que ocorreu durante o tempo em que foi aluno universitário, que interiorizou um conjunto de hábitos e práticas relacionadas com a ação coletiva, em especial através do serviço voluntário. Aqui as interações são igualmente relevantes, promovendo, em paralelo com a gratificação que retira da sua participação, a génese de uma disposição para a ação coletiva e para o associativismo. Esta disposição acaba por ser transferida para o associativismo ambiental, no âmbito da ONGA. Apesar de o contexto social ser totalmente distinto, é uma disposição que se transfere igualmente para outras áreas da sua vida, como a sua experiência num projeto coletivo de empreendedorismo. Podemos também assumir que sofreu um processo de *alternância*, em que houve de facto uma *ressocialização* que teve início a partir da sua vida de estudante do ensino superior. Este processo é marcadamente assente em contextos de forte interação e envolvimento emocional, como é o caso do associativismo académico.

4. Apresenta igualmente algumas crises e desajustamentos internos. A primeira crise identifica-se através da vontade de combater esta sua disposição para a

autorreflexão ou racionalidade, que, por vezes, o prejudica em situações de maior afetividade e envolvimento emocional. A segunda situação de crise situa-se entre emoções como a revolta e a impotência, que surgem perante a impossibilidade de agir relativamente a determinadas situações que ameaçam o ambiente e que o revoltam. A outra crise verifica-se por uma *dissonância* no desempenho de dois papéis sociais, o que implica uma mudança permanente entre o desempenho do papel social de engenheiro do ambiente, em contexto profissional, e o de ativista ambiental, no contexto da ONGA, funções que claramente distingue. Por último, destaca-se o conflito que resulta da sua crença sobre a necessidade de adotar práticas ambientalmente mais sustentáveis, nomeadamente no consumo individual, e o facto de, na realidade, assumir que poderia fazer muito mais, havendo assim uma disfunção entre a crença e a ação.

5. Observou-se ainda que, quando confrontado com situações que colidem com os valores verdes que defende, as emoções que surgem são maioritariamente a indignação e a revolta. Estas emoções, quando relacionadas com a sua disposição para o ativismo e também com a disposição para a ação coletiva, levam-no a agir em defesa do ambiente.

6. Identifica-se efetivamente como um ativista ambiental, uma vez que estabelece frequentemente uma comparação entre si e os outros indivíduos. Esta diferença estabelece-se essencialmente pelo facto de se sentir revoltado e em consequência desta revolta decidir atuar.

12.3. Mariana

«*Digamos que sou a ambientalista de serviço!***»**

Mariana nasceu em Braga e profissionalmente ocupa a posição de técnica superior de ambiente numa câmara municipal. No momento em que foi realizada a entrevista, a sua idade era de cinquenta e três anos. Identifica-se como ambientalista e é, portanto, uma ativista ambiental. Mantém uma participação bastante ativa em mais do que uma ONGA, tendo sempre ocupado cargos de direção nos vários anos que constituem a sua carreira de ativista ambiental.

Cresceu numa família constituída pelo pai, pela mãe e por uma irmã mais nova, tendo-se mudado com a família para Moçambique, ainda no início da infância. No entanto, acabou por regressar poucos anos mais tarde a Braga, num retorno que se constituiu como um evento biograficamente muito marcante.

Cedo desenvolveu o gosto pela escola, sendo a disciplina de Biologia a sua preferida e a grande opção, tendo sido sempre uma boa aluna.

Durante os estudos no ensino superior frequentou várias universidades, sem perder qualquer ano, chegando inclusive a frequentar duas universidades ao mesmo tempo. Concluiu com sucesso os estudos superiores, conciliando a frequência de duas licenciaturas em simultâneo, uma no estrangeiro e a outra em Portugal, o que se traduziu por duas licenciaturas como habilitações escolares. Na época, era bastante invulgar, acabando por se constituir num capital escolar bastante elevado, comparativamente com a realidade daquela altura.

Tanto em criança como na juventude, Mariana sempre se pautou pela discrição na sua forma de estar perante os outros, evitando ser o centro das atenções. Sempre gostou muito de ler e nunca teve qualquer inclinação para aderir a qualquer tipo de manifestação de cultura juvenil.

Durante a frequência do ensino superior e devido ao gosto pela biologia, começou a sentir um interesse especial pelas questões relacionadas com a proteção do ambiente e os problemas ecológicos. Foi inclusive nesta altura que iniciou a sua participação ativa numa ONGA de âmbito nacional, na qual, desde cedo, ocupou cargos de gestão e direção.

Profissionalmente, iniciou o seu percurso profissional como professora no ensino secundário público, concorrendo anualmente a nível regional. É há já vários anos técnica superior de ambiente numa câmara municipal situada no Norte do país.

Mariana considera a proteção do ambiente uma faceta muito importante e fundamental da sua vida, procurando no seu quotidiano e de uma forma permanente agir com coerência em relação a tudo aquilo que defende em termos ambientais.

A infância e uma grande mudança

Com cerca de três anos de idade, Mariana foi com a sua família viver para Moçambique, e foi lá que passou grande parte da infância. Segundo as suas palavras, o espaço envolvente onde vivia é relembrado de uma forma nostálgica, em especial quando se refere à casa onde então habitava, relatando a existência de um jardim e um quintal. Era, segundo Mariana, um espaço amplo onde o bom clima era bastante propício à realização de várias atividades ao ar livre, como, por exemplo, a prática de diversas modalidades desportivas.

Esta realidade contribuiu para que o regresso fosse difícil, em particular a mudança para o Minho, marcado por um contexto social e uma realidade, em termos espaciais, totalmente distintos daqueles a que se tinha acostumando em Moçambique. De acordo com o seu relato, não ficou especialmente agradada com esta mudança. Mariana, acabou por se ver confrontada com uma retração generalizada relativamente ao tipo de vida que tinha dantes. Era, na verdade, um modo de vida claramente caracterizado pelo gozo de uma maior liberdade a todos os níveis, que permitia a realização de muitas das atividades ao ar livre e onde o usufruto dos espaços abertos era bastante mais frequente. Isto, apesar de, logo após o regresso de Moçambique e antes de se fixar com a família em Braga, ainda ter habitado em Guimarães, numa casa que também tinha terreno.

«*Moçambique, vivi lá a partir dos três anos e, portanto, é de Moçambique. Da praia, da piscina, das brincadeiras com a minha irmã, em Moçambique.*»

«Em Moçambique a primeira casa era uma vivenda de rés-do-chão, com jardim. E depois a segunda casa era uma vivenda com vários pisos, com jardim também e jardim e quintal. Depois, em Guimarães, era uma casa, portanto com bastante terreno, um primeiro andar de uma casa com bastante terreno. E depois em Braga, que foi num apartamento, portanto, no centro da cidade, enquanto que as outras tinham espaço envolvente, esta aqui é mesmo no centro da cidade, portanto, não tem quintal, não tem jardim, é só mesmo o apartamento.»

«Gostei mais de viver em Moçambique. Tinha muito mais liberdade, fazia-se muito mais coisas, tínhamos lá muitas atividades, desportivas, muitas, enfim, o dia era muito preenchido e o clima também ajudava, não é? Eu gosto muito de água e estava sempre

dentro de água [risos]. Para Portugal, foi uma prisão, ou seja, em Portugal era só escola, escola, nada mais (…)»

Mariana teve, desde cedo, a experiência de uma rutura que, no essencial, resultou numa crise de adaptação ontológica, caracterizada pela mudança abrupta, ainda como criança, de um determinado contexto social para outro completamente diferente. Foi uma mudança que se traduziu como uma marca indelével na sua biografia. Esta rutura acaba assim por permitir a génese e o desenvolvimento de uma categoria de disposições que, em certa medida, se relacionam com estados emocionais marcados pelo conflito e descontentamento. Neste aspeto, podemos identificar uma disposição para a emancipação e o reforço da apreciação de um valor como o da liberdade, em especial a individual.

Apesar de tudo, refere que, apesar de ser um pouco introvertida, teve uma infância feliz, tendo preferido, na grande maioria das vezes, dedicar o seu tempo à leitura do que ao convívio com as crianças da sua idade.

«*Sim, sim, sim, era. Um bocadinho bicho do mato, sempre fui, mas gostava muito de ler, portanto, não gostava tanto de socializar como a maior parte das crianças, mas, sim, sempre fui uma criança alegre e bem enquadrada, sim.*»

Relativamente à vida quotidiana no seio familiar, não hesita em classificar o pai como um pai autoritário, sendo que era com ele que tanto ela como a irmã passavam grande parte dos dias. Este facto deveu-se à mãe, enfermeira, estar ausente durante grande parte dos dias, atividade a que ainda se somava dar formações para o parto, no hospital onde trabalhava. Por esta razão, verificou-se uma maior influência do autoritarismo paterno, o que teve impacto na sua educação.

«*É assim, talvez o meu pai tenha sido mais, porque era mais autoritário e também estava mais tempo connosco. A minha mãe trabalhava no hospital, estava muito tempo presa no hospital e o meu pai estava mais. Ia almoçar a casa, estava mais tempo connosco. Portanto, talvez ele tivesse tido mais, mais influência na educação, nessa primeira fase*.»

Esta presença autoritária do pai, durante grande parte do dia, e o facto de a mãe, que além da atividade profissional de enfermeira, quando chegava casa, era confrontada com a necessidade de ter de se dedicar ao trabalho doméstico, em grande medida pela total falta de colaboração do pai, levou Mariana a desenvolver estados emocionais de indignação e revolta. Esta situação levou também a que reforçasse a disposição centrada na emancipação, mas orientada agora para valores de âmbito mais feminista, muito centrados na revolta e no sentimento de injustiça que sentia relativamente a este tipo de desigualdade no contexto familiar.

«(…) o que me revoltava era mais em casa, porque o meu pai era muito autoritário, estava em casa e, no entanto, nós tínhamos de ir fazer tudo, todo o trabalho doméstico tinha de ser feito pelas mulheres, enquanto que ele, como estava desempregado, estava em casa. Portanto, poderia perfeitamente fazer mais alguma coisa, digo eu. Portanto era uma coisa que sempre me revoltou, a diferença entre homens e mulheres, principalmente porque a minha mãe trabalhava no hospital e depois ainda vinha dar aulas em casa para o parto sem dor, ainda vinha trabalhar, aquilo que o meu pai podia ter feito, fazer o jantar, adiantar o almoço, enfim, coisas domésticas, digamos. E, portanto, ela tinha três empregos, ele não tinha nenhum, e isso revoltava-me. Talvez venha daí o meu lado feminista, não sei.»

No entanto, apesar do absentismo paterno no trabalho doméstico sobrecarregar injustamente a mãe, Mariana assume que ambos os pais eram bastante mais liberais comparativamente com o conservadorismo que caracterizava as famílias do contexto social onde estava inserida. A este propósito dá nota da informalidade nas interações familiares, a par do facto de a sua mãe ter um emprego fora de casa. Estes eram, na realidade, fatores que permitiam a Mariana ter a perceção da diferença que existia relativamente aos contextos familiares das outras crianças do seu meio. Era uma perceção que a levava a valorizar o significado da emancipação da mãe no campo profissional e também a liberdade resultante da relativa informalidade nas interações familiares.

«*Eu notei o contraste quando viemos para cá, desde o tratamento por tu, por exemplo, coisa que os meus colegas tratavam os pais por senhor, ou por você, na melhor das hipóteses e nós tratávamos por tu, aí era um contraste notório, não é? E isso reflete-se em todas as frentes, depois o à-vontade que se estabelece com os pais é diferente daquele cerimonioso que os meus colegas tinham. Punham os pais lá num pedestal, muito distantes, não é? Mas de resto, para mim, era perfeitamente normal, digamos, não notei assim, tirando esses tratamentos. Havia uma diferença também com os meus colegas, que a maior parte dos meus colegas tinham as mães em casa e eu não. A maior parte dos meus colegas, depois já cá, em Portugal, as mães estavam em casa, eram domésticas e a minha não.*»

Todas estas particularidades que, enquanto criança, faziam parte da sua dimensão familiar, tiveram nela a capacidade de levar à interiorização da importância dada ao gozo, ainda que responsável, de um certo tipo de liberdades e igualmente à sua emancipação.

A religião fez também parte da socialização familiar, tendo inclusive frequentado a catequese. No seu relato, vê este facto como mais uma consequência negativa do regresso de Moçambique, uma vez que só quando chegou a Portugal teve de cumprir

este tipo obrigações. Observa-se, assim, através deste elemento, uma certa clivagem de âmbito cultural, que resulta da transposição de um contexto social mais liberal e menos sujeito a coações, para um outro, muito mais conservador e caracterizado por maiores níveis de controlo social.

«*É assim, nós fizemos a primeira comunhão, mas creio que a minha irmã fez a solene. Eu já não fiz. Em Moçambique não se dava grande importância à religião, apesar de ter sido lá que frequentámos a catequese. Mas cá era muito mais rigorosa, digamos, não sei se por influência do meio, éramos obrigados a ir à missa todas as semanas, coisas com que me revoltei desde sempre (…)*»

Os contrastes

A participação nas várias atividades religiosas contou sempre com uma forte resistência da sua parte. Muito provavelmente deve-se ao facto de a participação, tanto na catequese como em outras atividades, resultar de uma imposição familiar, o que emocionalmente vem reforçar as já existentes disposições para a indignação, agravando ainda mais o seu ceticismo relativamente à religião.

O regresso de Moçambique constituiu-se também como um evento com impacto relativamente às condições materiais de existência. Na verdade, logo a após o regresso de Moçambique, o pai não conseguiu arranjar emprego, o que levou a que a principal fonte de rendimento familiar se resumisse ao trabalho da mãe como enfermeira. No entanto e com o tempo, a situação económica familiar acabou por estabilizar, o que, segundo Mariana, e em comparação com a atualidade, se deve em grande parte ao facto de o consumo de bens materiais ser na altura muito reduzido, em grande medida pela austeridade que as famílias se viam obrigadas a adotar, assim como pela maior escassez da oferta de bens de consumo existente na época.

«*(…) aí há um contraste grande. Na altura era normal, mas, visto à luz atual, é bastante diferente do que é atualmente, que é quando nós tínhamos uma peça de roupa nova, toda a gente notava, porque realmente era raro ter uma peça de roupa nova, um calçado novo, coisa que agora os miúdos já nem sequer sabem que roupa têm, não é? Portanto, é um exemplo que dou, quando vou às escolas e que digo que quando levávamos umas sapatilhas, uns sapatos, umas botas ou o que fosse, toda a gente reparava, porque era novo.*»

Este facto contribuiu para que, logo cedo e durante a sua socialização familiar, fossem interiorizados hábitos muito direcionados para a moderação no consumo e também para um maior aproveitamento da vida útil dos objetos e dos bens, o que contribuiu para a génese de uma disposição *minimalista* relativamente ao consumo.

Ainda assim, recorda que nunca sentiu grande privação material. Contudo, no contexto social em que estava inserida, tinha a perfeita noção da sua posição social, considerando as condições materiais de existência da sua família. Na verdade, percebe-se que foi desde cedo que Mariana teve este tipo de perceção. A perceção da diferença no nível socioeconómico da sua família começou logo quando vivia em Moçambique, onde, apesar de frequentar uma «escola mista», refere que percebia as diferenças de condições materiais entre as crianças negras e as crianças brancas. Este tipo de perceção prolongou-se após a mudança de continente, pois Mariana continuou a fazer parte do grupo dos mais desafogados economicamente, por comparação com a maioria dos colegas de escola.

«*É assim, lá, pronto, havia a diferença entre negros e brancos, não é? Portanto, apesar de eu ter colegas negros, estava numa escola mista, havia diferenças entre negros e brancos em termos de rendimentos, eram claras, não é? Já cá, mas, pronto, os restantes brancos viviam bem, tinham qualidade de vida em várias frentes, desde sair para jantar fora, até ir ao cinema, enfim, tínhamos práticas de quem vivia com qualidade e com fartura. Já cá, como digo, foi uma fase, houve uma fase complicada, mas, comparativamente com os meus colegas de escola, tinha um nível superior. A maior parte dos meus colegas passava mais, tinham mais dificuldades, em termos económicos.*»

Em bom rigor, percebe-se que um relativo desafogo financeiro da família permite a Mariana, ainda que indiretamente, dedicar-se a atividades culturalmente mais ricas, como é o caso da leitura. Isto, por consequência e dado o desenvolvimento de uma disposição ascética para o estudo, veio a resultar num melhor rendimento escolar.

Olhando para o posicionamento da sua família no espectro político, observa-se que se situava no centro-direita. Havia também, por parte do pai, o costume de se discutir essencialmente as questões económicas da atualidade. Já Mariana refere que ideologicamente o seu pensamento tende para a esquerda. Todavia, fica claro pelas suas palavras que a preferência no momento de votar recai efetivamente no centro-direita, o que denota alguma influência da socialização familiar neste campo.

«*Mais centro-direita. O meu pai discutia muito economia; política nem tanto. Mas economia, sim, a crise estava sempre na boca dele. A crise económica estava sempre, [risos] era tema sempre, era algo... Ainda há dias numa reunião de família se falava, se falava nisso. Ele estava sempre com a parte económica e, portanto, era tema que aparecia constantemente, mas política propriamente pura e dura, não.*»

«*É assim, eu em termos de idealismo sempre fui muito mais de esquerda, mas, pronto, nunca votei esquerda porque confrontei-me com a realidade, ou seja, uma coisa é o ideal outra coisa é a realidade, no sentido em que, se não dermos estímulos, as*

pessoas fazem o mínimo possível, a maior parte das pessoas fazem, faz o mínimo possível e, portanto, caímos na mediocridade e, portanto, é um bocadinho como eu vejo o cristianismo, é dar de igual para todos, todos tratados por igual e depois aqueles que não querem fazer esforços, não fazem. Portanto, não, não são motivados, a fazê-lo. Portanto, acabei por cair também nas mesmas tendências de centro-direita, por causa do estímulo que constitui para as pessoas melhorarem, fazerem melhor, para terem melhor vida, mesmo sendo para a comunidade, porque, senão, a maior parte… uns farão, mas a maior parte deles viverão à sombra, têm tendência para isso.»

Mariana neste ponto revela alguma incoerência entre aquilo em que acredita e crê e o que efetivamente faz ou pretende fazer. Na verdade, apesar de valorizar os ideais protagonizados pela esquerda política, acaba, por, de forma racional, votar numa área política praticamente oposta. É, portanto, uma clara evidência de um conflito entre uma disposição para crer, orientada pelos valores da solidariedade, da igualdade e da coletividade, e uma disposição para agir, claramente centrada na autonomia, no individualismo e na responsabilidade individual.

A génese do ambientalismo

No decurso da entrevista, deixa claro que a crise ambiental sempre fez parte das suas preocupações e sugere que este facto, muito possivelmente, se deve ao gosto que sentia pela disciplina de Biologia. Este gosto em parte foi adquirido por desde muito cedo se interessar pela ciência, um facto que não deve ser dissociado da preexistente apetência pela leitura. No entanto, apesar de os passeios na natureza serem apreciados pela família, não existiam quaisquer preocupações ambientais.

«*É assim, eu sempre fui mais preocupada com as questões ambientais, talvez por ter enveredado pela Biologia, sempre gostei muito de ciência e, portanto, enveredei logo, rapidamente, pela Biologia, mas, portanto, muitos anos não, não se preocupavam, nem se falava nisso, em termos genéricos, não é? Gostava-se de passear na natureza etc., mas não, não havia tantas preocupações em termos ambientais, seja pelos resíduos, aproveitava-se, mas era por uma razão mais económica, não é? Aproveita-se tudo, em termos de filosofia de vida […] nunca foi de desperdiçar, sei lá, a nível por exemplo de comida, a comida sempre tinha um outro uso, sobrava agora carne, juntava-se depois com outra carne que sobrasse amanhã e já se fazia croquetes ou empadão.*»

Apesar da ausência de consciência ambiental no meio familiar, o desperdício alimentar era evitado ao máximo, mais por razões económicas que por outras. Esta forma de agir muito certamente acabou por reforçar a já existente disposição *minimalista* e uma certa tendência para a frugalidade no consumo. Não podemos ainda esquecer o

papel socializador da escola, quando é referido o interesse maioritário pela Biologia, uma disciplina cuja área de conhecimento está muito relacionada com a valorização de tudo o que está ligado ao ambiente e aos recursos naturais.

Por outro lado, a prática de leitura acabou também por levar a que Mariana se identificasse mais com as personagens dos livros do que com os ídolos e símbolos que na altura faziam parte do universo cultural juvenil.

«*Eu gostava, pronto, das personagens dos livros dos Cinco, do Sete, dos colégios, por causa do colégio ser de todos, enfim, havia mil e uma imagens de infância associadas a obras que lia, mas, tirando isso, não houve assim. Enquanto que os meus colegas tinham, mas mais tarde, portanto, já adolescente, não é?, era os Duran Duran para um lado, era o Roberto Carlos para o outro. Nada disso a mim me tocava, nada de música, enquanto que a minha irmã gostava muito de ídolos musicais, eu não, nunca liguei nada. Ela tinha os pósteres, metade do quarto era dela, metade era meu, então a parte dela estava cheia de pósteres, com ídolos, ou das telenovelas ou da música, e do meu lado, não tinha cartazes nenhuns.*»

«(…) eu gozava com uma amiga que ainda hoje é minha amiga, por causa dos Duran Duran. Que ela comprava tudo, mesmo revistas em alemão que não percebia, só porque tinha os Duran Duran e eu gozava com aquilo, porque achava aquilo perfeitamente ridículo. Portanto, não, nunca tive idealismos, nem heróis dessa natureza [risos], não.»

Assim, na dimensão cultural, Mariana não seguia as tendências juvenis daquela época, acabando mesmo por sentir um certo orgulho por ser alheia a este tipo de gostos e preferências culturais. Por outro lado, a identificação com as personagens dos livros acabava por ter relevância para o significado da escola, uma vez que tais personagens eram estudantes e muitas aventuras passavam-se com a escola em pano de fundo.

Na verdade, o facto de nunca ter aderido a qualquer tipo de manifestação da cultura juvenil teve também algum reflexo na sua forma de vestir, na qual, mais uma vez, a disposição minimalista se manteve ativa em oposição, por exemplo, à irmã.

«*(…) enquanto a minha irmã era muito dada a modas, tudo o que era moda ela vestia ou calçava, eu não. Eu usava a roupa que me davam [risos], nunca liguei muito a roupa. E, portanto, não era tão facilmente, tão volátil, digamos, de mudar, gostava sempre, sempre gostei de coisas muito discretas, e, não, nunca gostei de coisas muito vistosas e daí que não fosse muito instável a esse nível*.»

A experiência escolar e o surgimento de novas indignações

Mariana frequentou sempre o ensino público, tendo muito boas recordações de um professor da escola primária. Já no secundário, por volta do oitavo ou nono ano, foi uma professora de Biologia que teve uma maior influência positiva, principalmente no que diz respeito à escolha da área de estudo a seguir. Também menciona a relevância muito positiva de uma professora de Matemática. Em oposição, refere a má impressão com que ficou de uma professora de Físico-química, em grande parte, por causa da forma injusta como tratava um colega de turma, trabalhador-estudante, que tinha dificuldades de aprendizagem e baixos níveis de rendimento escolar.

«*(…) a professora de Físico-química, eu recordo-me que tratava mal um colega meu, que trabalhava num talho logo a partir das seis da manhã, e ela, não tendo isso em conta, castigava-o sistematicamente porque não estava atento, não tinha feito os deveres, não, e isto revoltava-me, porque realmente a situação dele era anormal perante a turma que só estudava. Ele estudava e trabalhava e, portanto, devia ser tratado de outra forma. Há as duas situações para o lado bom, para o lado mau*.»

Esta foi uma situação que gerou indignação e que no plano das emoções, confrontou Mariana com um choque moral, motivado pela forma injusta e incompreensível como esta professora tratava um colega que estava numa clara posição de desvantagem perante a turma. Isto mostra a forma como, ainda jovem, se posicionava relativamente a situações contrárias aos valores já interiorizados.

Durante o seu percurso biográfico, além da vinda de Moçambique, ocorreram outras situações que, pelo impacto na sociedade e também pela cobertura mediática, tiveram a capacidade de centrar as atenções da sociedade numa determinada ordem de valores claramente não materialistas, como é o caso da liberdade, a autodeterminação dos povos e o ambiente. Estes acontecimentos de impacto global não foram indiferentes a Mariana, e acabaram por deixar implícitos na sua biografia alguns choques morais.

«*(…) lembro-me muito bem da morte do Sá Carneiro, porque a minha irmã chorava que nem uma Madalena, e, portanto, lembro-me de ir para o liceu, e toda a gente falar, falar nisso. Essa foi da, das coisas que na altura mais marcaram. Porque, pronto, um político normalmente não, não marca tanto os jovens, não é?, quando se está no liceu ainda. Mas aquela morte, realmente dramática, foi marcante, essa foi assim das mais jovem. Claro que depois de ter passado pelo desenraizamento que foi a vinda do Ultramar, não é?, porque essa marcou bastante. Foi, foi a primeira de todas, não é? Porque foi realmente a vida virada do avesso, não é? Mas eu tinha sete anos, portanto, rapidamente as crianças nessa idade se, se ajustam. E, portanto, foi essas assim, as mais de tenra idade foram essas duas, foi realmente a perda das colónias e depois a*

situação da morte do Sá Carneiro, são assim aquelas que me recordo assim mais para trás.»

«Mais recentes, a Praça Tiananmen, por exemplo, mas essa é muito mais recente, não é? Foi das coisas que mais me chocaram, e depois, claro, a situação da explosão, na Ucrânia, não é? Chernobyl, portanto, são, essas marcaram bastante. E são bastante mais próximas, não é?»

Por norma, os choques morais resultam de eventos com a capacidade de se constituir como tal, e são geradores de emoções centradas na indignação e no medo. No entanto, os choques morais não surgem somente através da experiência individual em determinados contextos ou no âmbito da interação social. Podem também resultar da informação e do conhecimento obtido relativamente a eventos com impacto global, com capacidade de gerar o mesmo tipo de emoções. A referência ao facto deste tipo de eventos marcadamente globais terem marcado Mariana, encontra-se na esteira da perspetiva da *modernização reflexiva* defendida por Ulrich Beck relativamente aos acontecimentos globais de caráter catastrófico da nova modernidade que conduziram à chamada *sociedade do risco* e do *desconhecimento* relativamente ao futuro. É o tempo da incerteza e dos riscos invisíveis que impulsionam o indivíduo a agir por si próprio (mesmo politicamente) perante os riscos agora globais, naquilo que Beck designou de "individuação" (Beck, Giddens, & Lash, 2000: 25; Beck, 2015: 92, 109).

No período das férias escolares, havia igualmente situações geradoras de indignação e revolta por parte de Mariana. Segundo ela, os três meses que compreendiam as férias grandes de verão eram praticamente passados na praia, sob a supervisão de uma tia e na companhia dos primos. Aqui, a sua indignação era motivada por os primos, por serem rapazes, usufruírem de muito mais liberdade do que as raparigas. Para Mariana, esta questão acabava por tornar insuportável o período de férias, dada a permanente indignação que motivava.

«*Durante vários anos, as férias escolares eram três meses na praia e para mim era a recruta, porque três meses a ir todos os dias para a praia fez com que eu hoje não consiga ir para a praia. Porque, e aí começou logo a minha revolta feminista, como os meus primos chamam, porque éramos quatro raparigas e três rapazes e a minha tia ficava sozinha durante a semana a tomar conta de nós*»

«*Ora, o que é que acontecia? Os rapazes tinham liberdade, podiam ir passear, para a praia fora, as raparigas tinham de ficar junto da minha tia. Ora, eu era a mais nova, nós eramos quatro, havia uma, onze anos mais velha que eu, que tinha de fazer a mesma coisa que eu (…)*»

«*Portanto, para mim que era a mais nova, mas que sabia nadar muito bem, revoltava-me ter de tomar banho de arrasto, digamos [risos]. Só ao fim de semana é*

que podíamos ir para o mar aberto, portanto, aquela praia deixou-me saturada de praia para o resto da vida [risos].»

Esta situação, que ocorreu durante vários anos, teve a capacidade de levar Mariana, a par com o já referido total absentismo do pai nos trabalhos domésticos e de apoio à mãe, a identificar-se como mulher, mas também como feminista. Este é, no seu caso, um claro exemplo de uma identidade que se definiu em simultâneo pelo papel social marcado pela sua indignação e pela categoria social, assente no género.

Este facto, a juntar ao potencial dos choques morais para gerar indignação e revolta, acaba por ser muito relevante para a constituição de uma disposição ativista em Mariana.

Os estudos superiores e as perspetivas de futuro

Na altura em que teve de optar pelo curso superior a seguir, o leque de opções não era muito vasto, pelo que a sua apetência pelas ciências naturais orientou a sua escolha, em particular pela Biologia, o que a levou a considerar a docência como única carreira possível.

«*É assim, a área em si, a ciência em si, fascinava-me, não é? A vida, a natureza, em geral, era algo que me fascinava, e depois também não havia o leque que há hoje, de opções, não é? Nós, não éramos confrontados com mil e um cursos de opções como hoje. Portanto, era um bocadinho: "Se vais para a área X, sais, sei lá, para a área de letras ou vais para economia, ou, então, parte mais de economia, senão vais para professora, vais para Direito, ou vais para professora de línguas, ou vais para Direito." Não havia tantas opções, portanto, um leque tão grande, não é? Portanto, automaticamente, se fosse para ensino, era para Biologia, porque, era de Biologia que eu gostava, não é?*»

Também contribuiu para esta decisão o facto de, ainda na escola e em grande medida devido à sua dedicação ao estudo, ter o hábito de ajudar os colegas com maiores dificuldades. Por outro lado, não sentir qualquer apetência pelo estudo de línguas estrangeiras ou pela filosofia e a forte convicção de que eram as ciências ditas naturais que seriam o seu futuro condicionaram igualmente a sua escolha. Ainda considerou o curso de Medicina Veterinária, no entanto, as perspetivas profissionais desta área não lhe eram de todo satisfatórias, pelo que decidiu enveredar pelo estudo de Biologia, com o objetivo de se dedicar ao ensino.

«*(…) portanto, muito rapidamente enveredei pelo ensino, porque, no liceu, os professores explicavam uma coisa e o colega de trás começava-me a pedir para lhe explicar outra vez o que tinha acabado de ser explicado*.»

«*Mas, em contrapartida, a professora de Biologia, cativou-me para a Biologia, portanto, acabei por enveredar para o ensino de Biologia, por causa disso. Portanto, logo a partir do nono ano ciências era claro, porque eu não gostava de letras, não gostava de línguas estrangeiras, não gostava de filosofia. Que era ciências, era claro, agora, que carreira em particular, era a dúvida. Ainda fiquei tentada pela Veterinária, mas depois começava-me a imaginar a tratar de aviários e ia morrer estúpida no meio daquelas galinhas todas e, portanto, optei pelo, pelo ensino de Biologia.*»

Foi após a entrada no ensino universitário, em particular tendo em conta a sua dedicação ao estudo da biologia, que aprofundou o interesse por tudo aquilo que dizia respeito ao ambiente e à preservação da natureza. No entanto, importa referir que o seu percurso universitário, apesar de nunca ter sofrido interrupções, não foi isento de algumas atribulações e acidentes de percurso.

Mariana entrou em Biologia na Universidade de Vila Real, onde permaneceu durante um ano letivo. É uma experiência que recorda como muito positiva, tendo-lhe permitido ser autónoma e independente, na gestão do quotidiano e na vida de estudante fora de casa dos pais, e, ao mesmo tempo, possibilitou que alargasse a sua rede de conhecimentos, travando novas amizades.

«*É assim, o ano em que estive em Vila Real foi ótimo em termos de amizades, em termos de aprender a cozinhar, de aprender a gerir o dinheiro etc., mas, como não tinha aulas à sexta, eu na quinta-feira à noite já me vinha embora, portanto, era quase meia semana cá, meia semana lá.*»

Todavia e confrontada com o facto de o mesmo curso existir na Universidade do Minho, no ano seguinte pediu transferência e retornou a Braga. Esta decisão valeu-lhe cadeiras sobrepostas, o que tornou mais complexa a prossecução dos estudos, em virtude da simultaneidade de aulas e da frequência simultânea de dois anos distintos. Não obstante e já mais adiante, esta experiência não a dissuadiu de se aventurar na frequência de uma segunda licenciatura, desta vez em Engenharia do Ambiente, numa universidade estrangeira, mais precisamente no Reino Unido, ao mesmo tempo que dava aulas.

«*Entretanto fui fazer outro curso. Portanto, apesar de ter feito o ano em Vila Real, depois vim para Braga, teve esse problema das equivalências. A certa altura, resolvi começar a dar aulas, portanto, na altura era possível, havia muita procura de professores e comecei nos miniconcursos, como lhe chamavam na altura, comecei a dar aulas.*»

Apesar do interesse inicial pelo estudo e pelo curso de Biologia, começou a instalar-se alguma desmotivação relativamente à forma como decorriam os estudos. Este facto deveu-se ao conflito que se instalou entre o desempenho simultâneo do papel de

professora e de estudante universitária, dois papéis sociais cuja coerência no desempenho acabou por provocar desconforto, não tanto pelas expectativas de desempenho por parte de terceiros, mas em relação a si própria.

Na realidade, a desmotivação surge quando constata que os colegas de curso recorrem sistematicamente à fraude, copiando e cabulando nos testes. Dado ser estudante e igualmente professora, e considerando a sua integridade moral, muito assente nos valores do mérito e do trabalho, foi natural o surgimento da indignação perante a injustiça que sentia. Além de trabalhar como professora, via-se obrigada a um esforço suplementar de estudo para acompanhar os colegas que usavam a fraude como sistema. Na verdade, é semelhante ao que havia já presenciado relativamente ao seu colega da secundária, o que acabou por levar à desmotivação.

«*Portanto, durante dois anos, fui professora e aluna. Entretanto, já estava desmotivada com o curso, que o curso era todo de decorar e eu via os meus colegas a copiarem à descarada. Do género de levarem uma cábula com todo o conteúdo da cadeira e tirarem altas notas, não é? E eu, como sabia que ia ser professora, não podia copiar porque, senão, não podia evitar depois que os alunos copiassem, não tinha moral, não é? Portanto, houve anos que as cadeiras se arrastaram, porque os outros faziam dessa maneira, e como a cadeira era toda na base da memorização, eu nunca gostei de decorar, tive mais dificuldades em fazer a cadeira porque não entrava no sistema, no sistema do copianço, não é? E, portanto, arrastou-se o curso e, entretanto, lá está, fui dar aulas.*»

Entretanto, Mariana já tinha participado ativamente em algumas associações relacionadas com movimentos sociais de direitos humanos e também com preocupações ecológicas, como o caso da Amnistia Internacional e os Amigos da Terra. De seguida, teve conhecimento da ONGA atual e acabou por se envolver ativamente, o que conjuntamente contribuiu para uma desmotivação relativamente aos estudos e ao ensino, o que a levou a pôr estas duas atividades em segundo plano, em relação ao ativismo ambiental na ONGA.

«*Mas, nesses entretantos é que entrei para a ONGA. Que entrei para a ONGA a partir dos meus vinte e um anos, antes disso, estive nos Amigos da Terra, entrei para a Amnistia Internacional, portanto, comecei a ter muitos outros interesses, não é? Ia muitas vezes a Lisboa, a Aveiro, a Coimbra etc., para, para reuniões com eles, formação etc., com uns e com outros e, portanto, a disponibilidade de tempo também não era muita, não é? Nessas correrias, com a ONGA, começamos a ter programas de rádio semanais, aqui em Braga, as rádios locais, que ainda era uma novidade na altura. E, portanto, eram afazeres, constantes e com este interesse pelo ambiente, cada vez tinha menos interesse pela biologia, não é? Porque, entretanto, já tinha experimentado ser*

professora e davam-me as piores turmas, não é? Os professores que eram os últimos a ser colocados ficavam com as piores turmas, ou seja, quem menos tinha experiência, tinha as turmas mais complicadas e, portanto, isso desmotivou-me do ensino. As duas questões, o ter, o ver os outros a copiar e serem professores no final e, por outro lado, a ter turmas tão complicadas, começou-me a desgastar imenso e cada vez estava mais fascinada pela questão ambiental.»

É então neste momento da sua vida de estudante, mas também de professora, que intensifica a sua participação ativa na ONGA. Começou assim a participar em várias atividades desenvolvidas por todo o país, o que aprofundou ainda mais o seu interesse pela defesa do ambiente, em prejuízo do interesse que então tinha pela licenciatura em Biologia, e da sua dedicação ao ensino, muito devido à sua indignação relativamente à falta de ética dos colegas de curso.

Entretanto, teve conhecimento que uma universidade do Reino Unido estava a oferecer vagas para uma licenciatura em Engenharia do Ambiente, o que lhe suscitou bastante interesse. Apesar deste curso receber apoios da União Europeia para as propinas, estudar no estrangeiro implicava um peso financeiro acrescido na economia familiar. Ainda assim, os seus pais apoiaram a decisão de estudar no estrangeiro.

Portanto, Mariana iniciou os estudos no estrangeiro, enquanto frequentava a licenciatura em Biologia em Portugal, revelando a sua disposição ascética para os estudos, o que contribui para a determinação de atingir os objetivos a que se propõe, através de esforço e trabalho.

«*Eu já tinha feito as cadeiras práticas, por causa que era ser tudo decorado, não é? Faltava-me alguns exames, e, portanto, durante as férias de verão, portanto, em junho eu acabava na Grã-Bretanha, fazia os exames lá e vinha, e fazia os exames cá, em julho, ou então, em setembro, antes de ir para lá. Portanto, andei uns anos a fazer dois cursos, em simultâneo, portanto, em Engenharia do Ambiente. Surpreendente, não é?*»

Acabou assim por ficar com duas licenciaturas, uma em Biologia e outra em Engenharia do Ambiente, o que lhe valeu um capital escolar fora do comum.

O início da vida profissional

A atividade profissional de Mariana iniciou-se, como já foi assinalado, em simultâneo com a frequência dos estudos superiores. Considerando que lecionava já no ensino secundário, era normal ter alunos da sua idade, o que, apesar de não ter sido referido por si de forma expressa, muito possivelmente a levou a ser confrontada com alguns problemas disciplinares e a terá levado a abandonar o ensino.

«*Portanto, fiz com vinte e dois anos, eu tinha alunos da minha idade, porque comecei logo a dar décimo primeiro ano, tinha alunos, com a minha idade. Mas, sim, tinha, tinha vinte e dois, comecei a dar aulas com vinte e dois.*»

«*(…) foi o que me fez abandonar o ensino. Foi a questão disciplinar dos alunos, eu gostava de dar aulas, tanto é que ainda hoje dou, mas não gosto de ter de chamar a atenção ao Manel, à Maria, ao José, porque não estão atentos, e para estarem quietos, e para estarem calados. Não tinha paciência para isso*.»

Já na ONGA nem sempre a sua participação assumiu a forma de voluntariado, tendo, inclusive, durante uns meses recebido remuneração pela atividade exercida. Após esta participação remunerada, ingressou nos quadros de uma câmara municipal, até ao presente, mantendo ainda uma relação com o ensino, como professora convidada, no âmbito de temáticas relacionadas como o ambiente; referindo a este propósito que desta forma já não teria de lidar com os problemas disciplinares.

«*Cheguei a trabalhar na ONGA, uns meses, (…) e depois vim para a Câmara de (…), agora já estou há vinte anos na Câmara de (…), com as duas áreas de formação, portanto já deixei o ensino há bastantes anos. Dou aulas, mas de ambiente. Dou aulas nas escolas, mas vou, como convidada, dar aulas de ambiente, não é? Portanto, faço um misto. Sou professora, sim, mas não tenho problemas disciplinares que os professores têm*.»

Deste modo, consegue continuar a ensinar os temas relacionados com o ambiente, o que claramente a satisfaz, mas também a liberta de ter de lidar com a desagradável tarefa de impor disciplina.

Na verdade, é uma marca no percurso de Mariana a acumulação de atividades ou, se quisermos, a heterogeneidade de desempenhos de papéis, seja como ativista ambiental numa ONGA, como técnica superior num município ou como docente. Além da pluralidade de desempenhos, este facto acaba por ser constituir num conjunto de travessias sociais que caracterizam a forma como o social se impõe a Mariana.

O início do seu ativismo

O interesse de Mariana pela defesa do ambiente e pelos problemas ecológicos não surgiu de imediato; resultou de um processo gradual de interiorização de valores e normas, que ocorreu ao longo do atravessamento das várias instâncias socializadoras. A primeira é a familiar, tal como se pode observar através do seu relato, relativamente a uma atividade que realizava de forma a complementar a mesada que recebia dos pais.

«*Lá está, é o que eu digo, economia e ecologia estão muito relacionadas, não é? Na altura, como vivia com os meus pais e tinha uma mesada, não é?, uma mesada que,*

que era uma coisa irrisória, como é normal quando se é criança ou adolescente. Fazia um complemento à minha mesada, vendendo os jornais que o meu pai lia diariamente. Tenho um armazém aqui à porta da casa dos meus pais, e então ia vender os jornais. Depois, com as preocupações ambientais, valorizei mais ainda, já não era a questão só económica, era também a questão ambiental subjacente a esse aproveitamento dos jornais.»

Este interesse precoce relativamente à defesa do ambiente foi, como sabemos, reforçado através da escola e da universidade.

Mariana iniciou a sua participação numa ONGA diferente daquela a que atualmente pertence. Na primeira ONGA, participou durante algum tempo unicamente como sócia, tendo depois ocupado cargos de liderança, mas por pouco tempo. Entretanto, iniciou a participação ativa na ONGA a que atualmente pertence, tendo rapidamente integrado os quadros da direção, cargos estes que desempenhou durantes vários anos.

A sua rápida integração, participando em atividades e também nos quadros de direção da ONGA, resultou, em primeiro lugar, de os participantes mais antigos apresentarem algum cansaço e pouca disponibilidade, manifestando vontade de passar o testemunho aos participantes mais novos o quanto antes. Em segundo, em virtude de Mariana se ter envolvido com outros colegas da faculdade, o que favoreceu a identidade coletiva do movimento e, deste modo, acabando por imprimir uma forte dinâmica na realização de atividades.

«*Na ONGA, comecei a participar porque o tema interessava-me, o ambiente, e as pessoas tinham pouco tempo e, portanto, rapidamente passavam a batata quente, literalmente, aos mais novos. E, portanto, foi, e também, também foi uma oportunidade na faculdade porque éramos vários de Biologia, não é? Colegas meus, que nos tornámos sócios, automaticamente começámos a fazer atividades entre nós e começámos então, é como digo, a fazer o programa de rádio, que tínhamos que preparar todas as semanas, não é?, os textos e depois a leitura dos textos. E fazíamos saídas, e íamos conhecer o Gerês, e íamos conhecer a serra da Estrela, ou seja, saíamos para conhecer espaços naturais, que era uma das vantagens de estar na ONGA, que havia várias saídas, na altura, coisas organizadas a nível nacional etc. e que a nós nos permitia conhecer o país também*.»

Apesar de a dedicação a estas atividades ser realizada de forma voluntária, a organização e a participação nas mesmas envolvia certas recompensas. Algumas foram referidas expressamente como, por exemplo, a visita de novos lugares, outras, não, como a aquisição de competências de organização de atividades, o alargamento da rede de contactos, a satisfação sentida quando se participa de forma voluntária, sem

esquecer o reforço de uma identidade coletiva, através da realização de atividades coletivas e com forte interação entre os participantes.

Este facto acabou por levar Mariana a envolver-se ainda mais na ONGA e a levar a sua participação ativa por adiante, valorando o trabalho voluntário que realizava em favor do bem comum.

«*E, portanto, acabei por me interessar por associações de ambiente e, ao envolver--me com elas, comecei a conhecer mais o ambiente do nosso país, os problemas e os sítios paradisíacos que temos, em termos ambientais, mais ou menos preservados e, a partir daí, foi-me cativando cada vez mais e preocupando cada vez mais e fui-me apercebendo do potencial que havia de trabalho a fazer, da necessidade que havia de unir esforços e, portanto, acabei por me envolver como voluntária e, portanto, digamos não sou uma voluntária participante, mas organizadora, digamos.*»

Entende-se, assim, a relevância que a dimensão biográfica tem na evolução da sua participação nas ONGA, contribuindo para o reforço da sua disposição para o ativismo ambiental e para a consolidação da sua experiência como ativista, mas também como organizadora e recrutadora.

A sua participação como dirigente conta com vários anos, em grande medida porque, como já referido, foi pouco depois do início da sua participação que se iniciou como dirigente, e por outro lado, porque a ONGA sempre contou com dificuldades na renovação dos quadros de direção.

«*E eu e os colegas que levei da faculdade fomos agarrados com unhas e dentes para pegar na associação. Ao final de poucos anos, estávamos na direção. Porque eles queriam era passar o testemunho, com rapidez. Porque estavam cansados, porque é difícil arranjar voluntários que se exponham a esses cargos, não é? E, e pronto, e foi assim que, que fiquei na direção tantos anos.»*

«Sim, fiquei como presidente, a atual presidente do núcleo diz que fiquei mais de vinte e três anos, não sei, como presidente vinte e três, e, portanto, como estive como secretária e como vice-presidente já não sei quantos anos, eu nunca fiz contas, mas é talvez ande por aí, pelo perto dos trinta.»

«É, assim, nestes papéis, desempenhamos o cargo porque simplesmente ninguém lhe quer pegar. Há aquela pessoa que gosta de estar no cargo e que gosta de aparecer nas fotografias, ou porque gosta de, enfim, de se destacar, não é o meu caso, que gosto pouco.»

Assim, a longevidade de Mariana como dirigente deve-se mais à sua dedicação à ONGA do que a eventuais benefícios pessoais que daí poderia retirar. Este é, aliás, um dado que mostra que se dedica ao ativismo de forma voluntária, ou seja, há mais preocupação com os interesses coletivos do que com os individuais.

Mais recentemente, foi eleita uma nova direção, o que permitiu a Mariana envolver-se também como voluntária numa outra ONGA, dedicada a atividades de formação e educação ambiental.

«(…) *possivelmente a partir do próximo mês, vamos manter um bocadinho a linha que seguíamos, que é a educação ambiental, aliás, agora é uma associação só mesmo de educação ambiental, que é a APSEA, não é? Portanto, vamos seguir um bocadinho a experiência que temos de educação ambiental, que a nossa grande aposta na equipa, que transitou, transitou de uma associação para a outra, e, portanto, a nossa esperança é influenciar pessoas, nos seus, nos seus hábitos, nas suas práticas*.»

Na verdade, a disposição para o ativismo ambiental de Mariana acaba por levá-la a continuar a envolver-se em outras ONGA. Desta forma, é-lhe permitido continuar a agir, pondo em prática toda a sua experiência, conhecimentos e dedicação à defesa do ambiente, sem esquecer a sua capacidade de mobilizar e recrutar mais participantes, tanto através das atividades de formação levadas a cabo no âmbito das ONGA, como através das suas redes de conhecimento.

Na dimensão das interações com os outros participantes, reconhece que eles a classificam como a principal impulsionadora das atividades da ONGA, com um papel de destaque na organização e no planeamento de quase todas as fases que dizem respeito às atividades de formação.

«*(…) os meus colegas diziam-me que era, era, digamos, o motor de, de toda a associação em Braga. Era eu que estabelecia os contactos com os formadores, que definia programas com eles. Depois, estabelecia os contactos com os espaços onde se fazia a formação, divulgava, recebia as inscrições, ia receber os formandos, enfim, só não tratava do pagamento porque não era tesoureira, porque o tesoureiro é que tinha de proceder ao pagamento, mesmo assim ainda tinha de assinar, porque tinha de entrar na conta da ONGA e assinar. Portanto, era um bocadinho, digamos, o motor da associação e que marcava as reuniões, que trocava com eles impressões por mail: 'O que é que acham disto, o que é que acham daquilo' – pronto… para trocarmos impressões e definirmos estratégias, foi vários anos assim*.»

Este tipo de interação, partilhando com os outros participantes o planeamento e o desenvolvimento das atividades da ONGA, cria as condições para a consolidação de uma identidade coletiva com a qual Mariana se identificava pessoalmente, pois só desta forma se manteve uma participação tão efetiva. Por outro lado, há um reconhecimento por parte dos outros participantes do seu desempenho do papel de ativista ambiental, o que se deve em larga medida à forma como faz uso dos seus recursos e competências individuais, nos campos organizacionais, comunicacionais e de docência.

Em bom rigor, o ativismo de Mariana centra-se em grande medida na realização e participação em atividades de formação e sensibilização e não tanto no protesto. É através desta forma de ativismo que recorre a atividades que nada têm de disruptivo e de confronto, sendo antes perfeitamente institucionalizadas e levadas a cabo de forma profissional, mas que pretendem de igual modo almejar a mudança social.

«*Era esse esforço, no sentido de sensibilizar as pessoas e de mudar mentalidades, mudar práticas e mentalidades. Nós fazíamos formações das mais diversas, mas muito na área agrícola, portanto, agricultura biológica, na área das podas, da agricultura em si, depois também em particular de fruteiras, enfim, muita formação na área, na área agrícola, para levar as pessoas a passarem a consumir biológico.*"

No entanto, ainda que formação e sensibilização sejam as atividades preferenciais, o envolvimento em atividades de protesto mais diretas também faz parte do seu ativismo ambiental. Ainda assim, verifica-se um maior envolvimento em ações de protesto mais passivas e de baixo risco do que naquelas mais diretas e de risco acrescido, tendo participado em várias ações de protesto como participante em ONGA.

«*(…) várias vezes, com a ONGA, várias vezes, não em Braga, desde que entrei para o município, não podia misturar as águas, não é? Mas, sim, já participei inúmeras vezes, sim.»*

«Enfim, desde manifestações contra construção de barragens, em linha de água, até à plantação de eucaliptos, até à compra de madeira exótica. Coisas organizadas pelas associações, não só pela ONGA, mas por outras plataformas e que nós estávamos presentes, sabíamos o que é que se passava e estávamos a manifestar. Mas a manifestar contra, contra essas situações, mas não tanto presencialmente, mas mais por manifestos escritos, participei muito mais, do que presencial. Porque presencial, muitas vezes, era em Lisboa, era à semana, e isso, para mim não era exequível, não é? Mas algumas houve que foi ao fim de semana e foi noutros sítios, mais, mais acessíveis, que não Braga, e participei.»

Verifica-se que existia algum cuidado em não se envolver nas ações de protesto que tivessem lugar na área de ação do município onde desenvolve a sua atividade profissional. Esta é, na verdade, uma forma de evitar um conflito entre duas atividades a que se dedica. Este facto dá nota de desempenho de dois papéis sociais que, em determinados contextos ou momentos, podem opor-se, designadamente o de ativista ambiental e o de técnica superior da câmara municipal.

Mariana identifica-se como uma ambientalista moderada e não radical, no entanto, reconhece que no contexto do seu local de trabalho é vista como uma "fundamentalista", classificação que ela própria recusa. Reconhece também que a forma como os outros

a classificam, relativamente ao seu ativismo ambiental, depende do contexto e da situação concreta onde ocorre a interação social.

«*Portanto, não me considero fundamentalista, por isso é que eu digo que estou mais ou menos na mediania. Nem tanto a um lado, nem tanto ao outro. Nem sou aquela pessoa que não faz separação nenhuma, que não se preocupa absolutamente nada com o ambiente, mas também não sou aquela que estou no extremo, de ter a vida toda condicionada por preocupações ambientais e não faz nada fora da dessa caixa; portanto, talvez o mediano.*»

«*É, assim, claro que tenho pessoas próximas de mim que são da associação e, portanto, têm mais ou menos os mesmos princípios e as mesmas práticas. As pessoas de outros núcleos de amizade e familiares, claro que eu me preocupo mais, quando vou para algum lado, sou eu que ponho os sacos para a separação, porque, senão, se calhar ia tudo junto. Sou eu que, quando vamos às compras vejo a origem e não quero, por exemplo, alhos que venham da China, quero os que venham de Portugal, e coisas assim do género. Mas já é visto como normal, porque, por ser parte de uma associação e por trabalhar na área de ambiente, portanto, digamos que sou a ambientalista de serviço.*»

Este facto acaba por ter implicações na forma como Mariana se identifica em relação aos outros. Se, por um lado, no contexto das ONGA surge um reconhecimento, partilhando valores e crenças com os outros participantes, por outro, no contexto familiar, surge como a ambientalista que procura agir de acordo com os respetivos valores e crenças e assim constitui a sua identidade.

O pensamento verde, crenças e valores

Se é um facto que Mariana, no âmbito da sua socialização familiar, rejeita qualquer tipo de crença religiosa, o mesmo já não se aplica no campo dos valores; estes acabaram por ser interiorizados sem resistência através da socialização familiar.

«*É assim, para mim são os valores normais, não sei [risos]. Não lhe sei dizer muito mais do que isso. Sempre foram muito rigorosos com o próximo, com a pontualidade, com, enfim, com as coisas que consideramos que é o respeito pelos outros, que mostram respeito pelas coisas dos outros. Se te emprestam alguma coisa, tens de entregar ou igual, ou até melhor, nunca, nunca pior. Portanto, acho que são os valores intrínsecos, se calhar associados a normalmente a uma religião, mas que, perante mim, são coisas distintas.*»

Valores como a honestidade, a solidariedade e a transparência são muito importantes para si.

No entanto, relativamente ao valor da solidariedade, Mariana traça alguns limites, invocando o papel da responsabilidade individual e do respeito pelos outros, no sentido de que todos, e não somente alguns, devem contribuir para o bem comum e para o interesse coletivo. Este facto, aliás, acaba por definir em simultâneo o seu desinteresse pela política e a sua orientação política.

«*Antes de mais nada, transparência, honestidade e, lá está, por isso é que muitas vezes a política se torna complicada, não é? Porque não encontro esses valores respeitados nos vários partidos políticos. Mas se, mais uma vez, o que está subjacente é o respeito pelo próximo, respeito seja pelos eleitores, por cidadão em geral, para todos termos o básico, mas, se todos respeitarmos, todos fazermos um esforço. Agora, aqueles que vivem à sombra da sociedade porque exploram essa sociedade, por isso que eu digo que a solidariedade é complicada porque às vezes leva a que alguns fiquem à sombra da bananeira. Se ajudarmos muito, simplesmente não se mexem, porque se podem ter tudo facilitado em casa sem se mexerem... Portanto, é difícil, talvez seja um bocadinho como os pais educam os filhos. Para um é fácil de uma forma, vão tentar fazer a mesma coisa para outro, mas o outro pensa de outra forma completamente diferente, e não funciona aquela ferramenta, portanto, tem de ser cada caso é um caso, não é? E, portanto, para generalizar com o respeito por todos, sendo nós todos diferentes, o respeito por todos é capaz de levar a coisa a bom porto.*»

Na verdade, relativamente ao desinteresse que sente por política, e sempre que os factos de que tem conhecimento colidem frontalmente com a sua estrutura de valores, surgem em Mariana categorias de emoções por norma ligadas à indignação.

«*Revolta, às vezes chega ao nojo mesmo, quando, quando a coisa é demasiado desrespeitadora, não é? Portanto, não me identifico com eles, e, cada vez menos procuro informação sobre essa situação, porque isso é que me leva a fugir um bocado da política, porque realmente, não, não me identifico. Acaba por me revoltar, dizerem uma coisa na altura, dizerem outra noutra, acaba por refletir que é tudo um jogo de interesses, e, portanto, não me não me identifico com elas.*»

Tendo em conta a posição que tem relativamente à política, podemos inferir que a implementação de políticas que têm como consequência impactos negativos no ambiente levá-la-á certamente a estados emocionais de indignação.

Quando se refere às causas da crise ecológica e ambiental, Mariana enumera logo à partida o crescimento demográfico e, de seguida, o consumo individual. Estes são os principais problemas a serem combatidos, no sentido de se conseguir um equilíbrio entre a atividade humana e a preservação dos habitats naturais e do ambiente em geral. Condena também a obsessão consumista da sociedade atual, na qual o indivíduo consome sem quaisquer preocupações com a sustentabilidade e o equilíbrio ecológico,

sem quaisquer preocupações com o futuro, um pensamento que a aproxima mais do *ecologismo* do que do *ambientalismo*.

«*Antes de mais nada, com menos gente. E que cada pessoa quisesse menos coisas e, automaticamente, com a natureza mais preservada, os habitats mais preservados, as pessoas mais em equilíbrio com o seu meio, a respeitarem o seu meio, essa seria a situação ideal.*»

«*A maior parte das pessoas só vê o seu umbigo, só vê os seus interesses e, portanto, vê tudo a muito curto prazo, na melhor das hipóteses a médio prazo, não tem uma visão à distância e, portanto, é levado a um consumismo extremo, daí que não estão de forma alguma a preservar aquilo que é de todos, nomeadamente, que recebemos de uns e temos de deixar a outros. E que não estamos a deixar, como recebemos, estamos a deixar pior ainda do que recebemos. Já podemos não ter recebido muito bem, mas já vamos deixar ainda pior do que aquilo que recebemos. Portanto, não estão a respeitar aquilo que na realidade é de todos – dos presentes e dos futuros*.»

No campo do consumo de forma sustentável e na gestão do impacto no ambiente que as atividades quotidianas têm, Mariana tenta manter uma coerência com aquilo que defende. Encontra-se assim, em termos de ação individual no decorrer da vida quotidiana, alinhada com os valores do pensamento verde, poupando-se em boa medida a conflitos entre as suas crenças e as suas ações.

«*Mas, no dia a dia, ando a pé, reduzi o consumo de carne, como mais, mais proteínas de origem vegetal, enfim, não sou vegetariana, não sou das radicais, porque também considero que, se fôssemos todos vegetarianos, havia uma quantidade de espécies que desapareciam, não é? (…) Porque a mim faz-me confusão deitar um objeto que está útil, que é perfeitamente, está em perfeita capacidade de uso, só porque deixou de ser o último grito. Portanto, acabo por ficar com os objetos em segunda mão, alguns dos objetos em segunda mão deles. Depois, a prática, por exemplo, do empréstimo de livros, cada vez se tornou mais, mais hábito entre nós.*»

Esta categoria de práticas orientadas claramente pelos valores verdes, além de se constituírem como elementos nucleares do seu ativismo e, a partir daí, na própria identidade de Mariana, são igualmente geradores de uma permanente reflexividade no quotidiano, revestindo-se em grande medida de um carácter claramente normativo. A defesa do ambiente está assim presente em várias dimensões da sua vida quotidiana.

«*É a base de tudo, como digo, é a base de tudo. Na medida em que é a base da vida, por um lado, e, por outro lado, é base da minha vida profissional também e da minha vida associativa. Portanto, acaba por estar muito presente na minha vida pessoal. Portanto, o ambiente é algo, que... Neste momento, não tenho atividades, não tenho*

atividades de voluntariado. Prontos, estamos no verão, automaticamente, não é fácil organizar atividades quando as pessoas estão de férias, mas a nível profissional continuo a trabalhar nesse tema, portanto é um tema que, ao fim de semana e à semana, está sempre presente, porque à semana estou a trabalhar e ao fim de semana, estou com as associações, estou com a associação de ambiente, portanto automaticamente é algo que todos os dias está presente na minha vida.»

No património disposicional de Mariana, está presente uma disposição ecologista, que, além de a levar a agir, tanto coletivamente como individualmente, gera também emoções relevantes para o protesto, quando os respetivos valores são postos em causa. Percebe-se, assim, que, quando confrontada com a imagem um respeitante à notícia da mortandade de aves relacionada com uma prática agrícola industrializada, de imediato nos diga sentir-se revoltada e, ainda, que tal situação a levaria a questionar as entidades responsáveis pelo ocorrido. Neste caso, Mariana manifesta uma categoria de emoções ligadas à indignação. O mesmo é referido perante a imagem dois relativa a um grupo de ativistas em protesto durante uma Cimeira do Clima. Todavia, neste caso, afirma que a sua forma de agir seria através da pressão sobre os poderes públicos e os políticos, recorrendo à mobilização tanto de grupos ou coletivos, como da restante sociedade, para o boicote individual ao consumo de bens e produtos oriundos de atividades responsáveis pelas alterações climáticas.

«*Aqui é revoltante, na medida que eles estão a atuar de uma forma, ou seja, estão a fazer uma prática que não é usual fazer-se à noite (…) Portanto, se soubesse uma coisa dessas, certamente que entraria em contacto, se soubesse qual a entidade, ou então com o Ministério da Agricultura, no sentido de os forçar a tomar alguma medida com solução, portanto, fosse qual fosse a forma de evitar que as aves lá estejam.»*

O mesmo é referido perante a foto dois relativa a uma cimeira do clima. Todavia, neste caso a sua forma de agir seria através da pressão sobre os poderes públicos e os políticos, recorrendo à mobilização tanto de grupos ou coletivos, como da restante sociedade, para o boicote individual no consumo de bens e produtos relacionados com esta atividade.

«*Mas que, que é revoltante que mexe com muitos interesses e nós sabendo que os Estados Unidos, entre outros, se, se cortaram, não é? E estes acordos, acaba por ser chover no molhado, nunca resulta em grande coisa, quer dizer, se os principais poluentes, os principais poluidores não se envolvem, os outros acabam por, por ter muito pouco impacto (…) É pressionar, é de alguma forma, seja na economia, não consumir produtos provenientes dos países em causa, ou seja, enfim, em termos políticos, o que já está um bocadinho fora das nossas mãos, mas tentar influenciar para, para que as pessoas dos seus respetivos países consigam que os políticos abracem.*

Porque, estar alguém a lutar num sentido sem juntarem esforços, já não é fácil com todos juntos.»

Quanto ao que é representado na imagem três, mais precisamente, a seca e o aquecimento global, Mariana não refere expressamente a indignação. No entanto, deixa bem claro como é importante para si o princípio de que aos consumidores e a aqueles que, através do desenvolvimento da sua atividade, são responsáveis por impactes negativos no ambiente se lhes aplique o pagamento de compensações por esses impactes.

«*O que é que nos diz isto? A mim o que me chama logo à atenção é a questão do esbanjar de recursos, e da inconsciência da, da cobertura florestal que temos, ou seja, ter eucaliptos e pinheiros no Interior do país é daquelas coisas aberrantes, mas os proprietários florestais, para além de não haver cadastro, é o primeiro problema que salta logo à vista, nós não sabemos quem são os donos, há a questão de não haver respeito pelo serviço dos ecossistemas, não é valorizado o serviço dos ecossistemas, automaticamente. Se estivéssemos todos a pagar pela floresta que temos, mas, agora, se o proprietário florestal tem de tentar tirar algum, algum rendimento da floresta que tem, realmente por um carvalho, pode durar muito tempo até ele tirar algum proveito, não é? Mas se tivéssemos nós todos contribuintes a pagar para ele ter lá um carvalho, por causa do serviço dos ecossistemas que o carvalho está a executar, a situação era outra, muito díspar daquilo que se passa hoje.*»

Relativamente às situações representadas nas imagens quatro e cinco relativas, respetivamente, à exploração mineira de lítio a céu aberto e a um protesto contra uma central nuclear, Mariana aponta, em ambos os casos, o consumo como principal responsável das situações descritas. De um lado, está o consumo de equipamentos eletrónicos; do outro, está o consumo energético, referindo que o caminho a seguir para o atenuar é o da sensibilização para um consumo responsável e para um uso eficiente da energia.

«*E, portanto, é preciso meter isso na cabeça das pessoas, é ser mais eficiente em termos energéticos, consumir o mínimo possível, mantendo a qualidade de vida, claro, portanto, esta é uma guerra, porque também é uma questão de estados, não é?»*

No que concerne à imagem seis, um lince abatido por caçadores, Mariana manifesta a sua incompreensão perante o que a imagem revela. De novo, refere a importância da sensibilização enquanto estratégia a seguir.

«*É matar por matar, portanto, há muito trabalho a fazer no futuro, se bem que não vejo tantos jovens a gostar desta área como vemos pessoas mais velhas que eu, portanto, ou da minha idade. Pode ser que a próxima geração já não tenha tanta apetência por esta área. Mas, pelo sim e pelo não, é preciso trabalhar o tema, para os*

convencer que realmente são essenciais no ecossistema e não são para ser destruídos, porque têm um papel essencial para o equilíbrio.»

A formação e a sensibilização da sociedade e dos indivíduos que a compõem são o ponto central que podemos identificar no ativismo de Mariana, muito mais do que as atividades de protesto. Este facto é também relevante para as práticas do seu quotidiano, uma vez que, tal como recusava recorrer à fraude e à cábula enquanto estudava, por ser professora, também na vida quotidiana pratica um consumo sustentável. Desta forma, consegue manter uma coerência entre o seu pensamento verde e aquilo que procura transmitir aos outros, através da sua atividade de formação e sensibilização ambiental e da sua vida quotidiana.

Uma ambientalista a tempo inteiro

Como já se percebeu, a defesa do ambiente é extremamente importante na vida de Mariana. É um tema transversal a várias dimensões da sua vida: tanto familiar como profissional, acabando na sua vida associativa como ambientalista. Além de implicar a travessia de vários contextos sociais e as respetivas interações, acarreta invariavelmente o desempenho de vários papéis sociais, uns em simultâneo, outros não.

Dois destes contextos sociais são o profissional e o da ONGA. Neste ponto, Mariana, além de os distinguir por um ser remunerado e outro não, refere a existência de uma tendência para que se instale nos outros uma certa confusão, quanto ao tipo de papel que desempenha em determinadas situações.

«*Porque é uma coisa que dá confusão, ou dava confusão na cabeça das pessoas, porque eu umas vezes estava no papel de representante da ONG, outras vezes estava em funções às vezes muito semelhantes, mas em funções em termos de atividade. Estava pela câmara, portanto, estou no pelouro do Ambiente da Câmara Municipal de (…), trato de educação ambiental lá, e na ONGA também, portanto às vezes dava um bocadinho o nó, as pessoas perguntavam: "Qual é o chapéu que tem hoje?" – Porque me conheciam nos dois contextos, não é? Portanto, às vezes tinha de esclarecer um bocadinho em que papel é que eu estava.*»

Apesar da confusão gerada nos outros, consegue perfeitamente distinguir ambos os desempenhos, tanto pelos objetivos de cada um, como pela diferença nas interações sociais que estabelece num contexto e noutro, sem esquecer as diferenças em termos de recompensas de cada um dos papéis sociais.

«*Claro que, enquanto na ONGA, éramos nós que decidíamos tudo, na câmara não. Na câmara tem de passar pelo, pelo vereador, não é? Mas, algumas atividades, talvez pela minha experiência na ONGA, acabavam por ser semelhantes, eu testava, digamos*

na ONGA e, depois, na câmara, executava. Claro que os voluntários seriam outros, algumas vezes eram comuns, mas a maior parte das vezes não. Porque a ONGA é distrital, enquanto que a câmara normalmente só consegue chegar a pessoas do concelho, não é? Mas, mas as funções eram, eram semelhantes. Claro que em papéis diferentes, apesar de estarmos a mobilizar voluntários, mas claro que na ONGA era muito mais à vontade, não é? O meu papel era muito mais, descontraído na ONGA, no que era no papel de funcionária pública, não é? É sempre, estou a representar uma entidade que, que só é um bocadinho mais complexo de representar, principalmente porque havia mais críticas, porque as pessoas numa ONGA encaram-nos de uma forma, porque somos voluntários; na câmara, há sempre críticas, começa a derivar, estamos a falar, a fazer, por exemplo, um controlo de invasoras e começam-me a dizer que na rua X, que há muito lixo, que não varrem, que já foge ao nosso contexto, porque, nem sequer é o pelouro do Ambiente que trata disso, é uma outra entidade, não é? Portanto a situação não era tão descontraída, porque estávamos, num eu estava num papel muito mais de crítica corrente às pessoas.»

Mariana, de uma forma perfeitamente racional, e após ter interiorizado os valores e as expectativas inerentes a cada um dos papéis sociais, mobiliza a sua capacidade de se movimentar de um papel social para outro, de acordo com o respetivo contexto social, sem, no entanto, transpor as fronteiras daquilo que a move, mais precisamente a defesa do ambiente e, consequentemente, a educação ambiental.

«*Primeiro, porque grande parte das vezes eram pessoas mais jovens que apareciam na ONGA, do que no contexto município, e, portanto, automaticamente, há muito mais à-vontade no tratamento, não é? Não é o tratamento por você, é o tratamento por tu, enfim, começa logo por aí. E depois estava muito mais à vontade para falar de outras atividades que a ONGA levava a cabo, não é?, do que na câmara, que a maior parte delas, não são de voluntariado e, portanto, não se enquadra estar a falar de outras atividades, até porque podia ser facilmente alvo de críticas, não é? Portanto, reflete-se logo aí no próprio tratamento e, depois, havia um cuidado acrescido de como fazer as coisas, como onde colocar os resíduos, por exemplo, onde, enfim, era tida essa logística que implicava… Enquanto que na ONGA, eu ia com o meu próprio carro, quando vou com a câmara já tem de ser com motoristas, porque eu recuso-me a conduzir o carro, a viatura da câmara, porque não estamos cobertos pelo seguro. Enfim, há assim uma quantidade de restrições, não é? E, portanto, já implicava levar o motorista, já implicava todos esses cuidados no trato e no acesso às coisas e enfim. São, a maior rigidez, não é?*»

Além do desempenho de papéis sociais distintos, subsistem diferenças nas interações com os outros participantes da ONGA e com os colegas de trabalho. As

formas de interação e os laços estabelecidos sofrem mutações de um contexto social para outro, o que, sistematicamente, implica variações na sua ação. A forma como Mariana interiorizou as diferenças, entre o trabalho e a ONGA, levou-a a estabelecer estratégias que visam evitar eventuais conflitos, mesmo quando ocorrem situações em que o cruzamento de papéis socais é quase inevitável. São estas estratégias que permitem a *desintegração*[33] de Mariana, que resulta da *dissonância* ocorrida pela passagem de um contexto social onde imperam as normas e valores dominantes na sociedade, para outro contexto bem mais informal, sem que, no entanto, surja algum tipo de prejuízo para a sua identidade de ativista ambiental, existe assim uma *reflexividade emocional*, mesmo nas interações que estabelece em cada contexto.

«*Normalmente, não, portanto com os colegas de trabalho, no papel só de colegas de trabalho, não. No papel de amigos, que alguns deles já se tornaram, aí, sim, aí até já os levei para atividades e alguns deles já se tornaram sócios. Mas, evito, para não misturar as águas. Claro que volta e meia o vereador fala-me: "Ah, e tal, não conhece ninguém no seu papel lá da ONGA, não conhece ninguém nesta situação, naquela, que nos possa ajudar nisto?" Claro, como já tenho muitos anos de ONGA e que fazemos muitas atividades, diversas atividades, acabo por ter um leque de contactos que dá jeito, não é? No papel de vereador do Ambiente, nesse, nessa situação, sim, quando ele me pede, eu contacto os colegas, as pessoas, os técnicos que conheço, pela ONGA. Mas não gosto de misturar, porque às vezes a ONGA tem de chamar a atenção à câmara. Claro que para dividir as coisas, para não se criar uma situação delicada, porque se não, sou eu própria a mandar um mail pela ONGA, para a câmara, e eu própria a responder pela câmara, não era propriamente muito, muito efetivo, não é? Criava aí uma situação complicada, quando há alguma chamada de atenção à Câmara de (…), eu peço a um colega que a mande. O mesmo se passa com o colega que trabalha na Câmara de (…) que é da ONGA, e era eu, mas aí, pronto, estava no papel normal que sou, era a presidente do núcleo, portanto, remetia eu para ele. Portanto, para evitarmos, não digo represálias, mas situações embaraçosas de estar a representar os dois papéis.*»

Deste facto ressalta a evidência de duas questões distintas. A primeira é a da força que tem a disposição para o ativismo ambiental, o que leva a que não consiga desvincular-se do desempenho do papel social de ativista ambiental, mesmo quando podem resultar conflitos internos entre as suas crenças e valores e as ações que toma. A segunda é a racionalidade que imprime na gestão emocional situada entre o desempenho profissional e o de ativista ambiental.

[33] Ver página 77.

Ainda assim, vão surgindo os pequenos conflitos entre o agir e aquilo em que acredita e os valores verdes.

«*É um desconforto, é um desconforto, mas, muitas das vezes se quero realmente conseguir fazer tudo, tenho mesmo que ceder em algum lado, no sentido em que, imagine, tenho sessões na escola, durante a manhã e à tarde já tenho de estar no Porto, se fosse de comboio era uma hora e tal para lá, depois até tinha de apanhar o táxi para ir não sei aonde, ou outro transporte público. Já não conseguiria fazer outra coisa, uma delas tinha de deixar de fazer, automaticamente sendo a única técnica de ambiente, não posso delegar em ninguém, a única hipótese é ir em viatura própria, que aqui neste caso, como não temos seguro, se formos nós a conduzir, tem de ir o motorista comigo. Mas não é, não é confortável em termos de princípio, mas temos, temos de ser flexíveis se querermos conseguir fazer tudo.*»

São os desconfortos ou *desajustamentos*, resultantes do confronto entre as disposições interiorizadas e as condições da situação ou do contexto social que se atravessa.

Como já foi referido, no campo dos relacionamentos interpessoais as diferenças também existem. Se na ONGA os laços estabelecidos são mais fortes, muito por se terem prolongado ao longo de anos de participação, no contexto profissional já não é tanto assim. Apesar de existirem algumas amizades, que se refletem no facto de Mariana ter conseguido mobilizar alguns colegas de trabalho para o ativismo, o tipo de relacionamento é já bastante mais superficial e resume-se em larga medida a interações centradas nos assuntos profissionais.

«*Portanto, na ONGA, a minha relação de amizade é muito mais profunda do que no serviço, que tem menos anos. São colegas que mudaram há pouco tempo para o pelouro do Ambiente; eu já lá estou há vinte anos, mas eles entraram há cinco, há seis, há quatro, portanto, há muito menos, e eu, antes disso, nem os conhecia. A câmara é tão grande que eu nem os conhecia. Portanto, são situações diferentes, e o ambiente, apesar de na câmara estarmos muito mais horas juntos, não é propício a estarmos a falar de coisas paralelas, não é? Porque eu não tenho por hábito ir ao café da câmara, nem sair a meio da manhã, nem a meio da tarde para lanchar, nem nada do género. Automaticamente não se cria esse ambiente, é aquele tempo todo de serviço a trabalhar e, acabando, venho-me embora, enquanto na ONGA, o tempo que estamos juntos, até fazíamos piqueniques, organizávamos fins de semana juntos etc., portanto criava-se o ambiente que tinha mesmo de ser nesse sentido, porque senão as pessoas dão tanto de si, dão tantas horas, que se não se sentem bem, se não há um espírito de camaradagem, de entreajuda, as pessoas simplesmente abandonam*.»

Os laços de amizade que Mariana construiu ao longo dos anos de participação na ONGA, a forma como a interação se processa, nomeadamente pela partilha conjunta seja de atividades ligadas à defesa do ambiente, como de âmbito mais lúdico e de lazer, acabam por possibilitar que partilhe da identidade coletiva própria da ONGA. Na verdade, o que ocorre neste facto é nada mais nada menos do que a experiência ao nível das emoções afetivas que desempenham um papel de reforço desta forma de identidade. Existe assim uma forte ligação entre a identidade pessoal definida pela sua biografia e a identidade coletiva da ONGA em que participa, uma ligação que se estabelece por intermédio da interação com os outros participantes do grupo.

Os objetivos

Grande parte dos ativismos de Mariana têm, segundo ela, objetivos perfeitamente definidos, significando para si própria o culminar de um conjunto de ações que visam resultados, entendidos muitas vezes como difíceis de alcançar, que lhe exigem um esforço permanente.

«*Sinto, porque acho que se pode mudar um bocadinho o mundo, que se pode melhorar as coisas, é compensador, apesar de alguns dos meus colegas não acharem, não é? Eu ao longo de anos que, portanto, fiz de propósito durante vários anos a mesma atividade, para ver a evolução das mentalidades e dos comportamentos, que era uma limpeza aqui, numa zona próxima, pronto, de saída da cidade em direção ao Santuário do Bom Jesus, e fomos limpando sempre na mesma zona. De ano para ano fomos vendo que estava mais limpa. Claro que podem levantar outras possibilidades, não é? Simplesmente porque a cidade está a crescer para aquele lado e há mais limpeza, feita pelas, pelas entidades, enfim, há outros eventuais fatores, ou do género. As entidades que nós contactámos, para depois nos irem recolher os resíduos, sabendo que nós vamos, podem ter agora um cuidado acrescido que não tinham antes, de limparem antes, enfim, há várias possíveis justificações. Mas de um modo geral posso dizer que houve melhorias. Pode haver atenuantes para essas outras justificações, mas houve melhorias e isso é motivador, que as pessoas aprendam e que mudem comportamentos.*»

Este facto é revelador da importância do passado e da historicidade do ativismo e da participação na ação coletiva marcadamente ambientalista. Existem evidentes consequências de âmbito emocional, neste caso mais ligadas à satisfação, mas também à pertença e partilha de valores comuns de um dado grupo. São consequências que se repetem nas experiências passadas, acabam por permitir um vislumbre de uma desejada mudança social e são o motor da continuidade da sua participação.

O mesmo facto é igualmente observado na dimensão familiar. No contexto familiar, Mariana mantém sempre viva a sua disposição ecologista, que a leva agir de forma a tentar que os outros adotem no seu quotidiano atitudes e comportamentos ambientalmente mais responsáveis.

«*A maior parte das pessoas dentro da família, pronto, eu não tenho núcleo familiar constituído, ou seja, sou solteira, portanto não tenho, não tenho dependentes, mas a mãe, a irmã, os sobrinhos etc., todos eles levaram uma lavagem ao cérebro, portanto, todos eles acabam por ter preocupações desse, desse foro. Desde a separação de resíduos à poupança de água, à questão da matéria orgânica, à questão sei lá de terem pequenas, pequenas hortas ou serem pequenos produtores desde as plantas aromáticas a medicinais, não podendo fazerem mais nada por viverem em apartamentos ou terem minhocas para degradarem a matéria orgânica, pronto, pequenas coisas deste género e os amigos também, muitas vezes os amigos me dizem: "Ah!, eu, agora, antes de te conhecer não fazia isto, não fazia aquilo, agora [risos] por tua influência faço e agora já tenho uma horta, e agora já tenho isto e aquilo." Pois, nós no dia a dia acabamos por intencionalmente ou não, por exemplo, ou pela lavagem ao cérebro [risos], vamos, vamos mudando quem está à nossa volta*.»

Este é na verdade mais um contexto social onde o seu ativismo se move e, dada a impossibilidade de Mariana se separar do seu património disposicional, age no sentido de contribuir para uma mudança nos outros, seja em que contexto social for.

Por isso, retirando a dimensão familiar do panorama, observamos que dada a intensidade com que assume o papel de ativista ambiental e do qual muito dificilmente se separa, é natural que o meio onde se sente mais confortável seja o da ONGA, pois é aquele onde menos possibilidade haverá de surgirem conflitos e *desajustamentos* entre crenças e ação. E, claro, onde emocionalmente retira mais satisfação, em grande medida pela gratificação emocional que a participação de forma voluntária como ativista ambiental permite.

«*Mas em termos de satisfação, satisfação pessoal diria que é a associação, ou era a associação, a anterior, não é? Porque fazia, fazia aquilo que queria, ou seja, era eu própria que definia o programa com os meus colegas, e claro que, que me roubava muitas horas, daquelas que seriam para dispor pessoalmente, ao fim de semana, à noite, mas que era mais satisfatório, porque não estava num papel de funcionária, estava no papel de voluntária e as pessoas assim respeitam mais (…)*»

Desta forma, um dos elementos mais importantes do que representa para si ser uma ativista ambiental, é a forma voluntária como o leva a cabo o seu ativismo, com o objetivo de contribuir ativamente para a mudança de uma sociedade altamente consumista e

pouco consciente ambientalmente, para uma sociedade mais sustentável e ecologicamente mais responsável.

«*Ser uma ativista ambiental é uma pessoa que está disposta a dar o seu tempo, que no final é aquilo que temos de mais valor, é a nossa vida, é nosso tempo de vida, é o que tempo que dispomos enquanto cá estamos, para algo que se quer melhorar, neste caso, o ambiente, para bem de todos, portanto, que estamos dispostos a dar, a nossa vida, o nosso tempo a favor da natureza e do ambiente e para todos os efeitos da população humana, não é?, também está a usufruir desse mesmo ambiente. É isso que é ser um ativista ambiental.*»

Algumas considerações finais:

Mariana, pelo que transmitiu ao longo da entrevista, permitiu quase na totalidade abarcar as várias dimensões que permitiram construir um retrato sociológico de uma ativista ambiental em contexto de ONGA, sendo relevante destacar os seguintes pontos:

1. É perfeitamente verosímil considerar que o seu ativismo ambiental resulta de um conjunto de disposições herdadas do seu trajeto de vida. Algumas foram interiorizadas mais precocemente, em resultado da rutura vivida ainda em criança quando se mudou de Moçambique para o Norte de Portugal. Resultaram da transposição de um meio social mais liberal e pouco conservador, para outro com um maior controlo social e mais conservador, e implicando por isso um maior apego às tradições e à cultura dominante, em que a religião e a família patriarcal eram as principais referências; levando a que desenvolvesse uma disposição emancipatória resultante de uma busca pela autoafirmação, relativamente à imposição das atividades religiosas, e acima de tudo relativamente ao absentismo paterno nos trabalhos domésticos. Por outro lado, a experiência da escola e dos estudos superiores, igualmente socializadores, levaram-na, através da biologia, a que valorizasse cada vez mais a necessidade de proteger a natureza e os seus recursos. Por fim, os longos anos de participação ativa em ONGA, quase sempre através do desempenho de cargos de liderança, bem como o planeamento e organização de atividades, sedimentaram em si disposições ecológicas e para o ativismo.
2. A sua agência no âmbito da defesa do ambiente aparece ligada a um conjunto específico de emoções, em particular a revolta e a indignação. Estas, de acordo com cada situação e condições particulares, entram em conflito com o seu quadro cognitivo, definido pelos valores e normas verdes, e têm a capacidade de ativar a sua disposição ecologista e também a disposição para o ativismo.

3. Faz uma gestão racional das emoções para o ativismo, que se situa entre o desempenho do papel de ativista ambiental numa ONGA e o de funcionária técnica superior de ambiente. Para o efeito, recorre a estratégias que envolvem outros participantes da ONGA, o que lhe permite evitar um conflito entre papéis, mantendo ilesos ambos os desempenhos.

4. No que respeita ao seu posicionamento no âmbito dos valores verdes, encontra-se mais no campo do ecologismo do que do ambientalismo. Neste âmbito, ao perceber-se em si uma valorização da natureza na sua forma mais imaculada, há a condenação expressa do consumismo, da busca individual por bens de consumo de curta duração e pela cultura do descartável. Aqui pode identificar-se uma disposição minimalista relativamente ao consumo de bens, procurando ajustar e manter uma coerência entre as crenças e a ação no seu quotidiano.

5. Identifica-se como uma ambientalista e uma ativista. Todavia, o seu ativismo orienta-se para ações mais convencionais, como é o caso da educação e formação ambiental. Estas atividades, apesar de se realizarem sob a forma de voluntariado, contam com um forte empenho e profissionalismo, dadas as competências adquiridas ao longo dos anos, o que em certa medida define o âmbito da ação da ONGA.

6. No campo das interações, observa-se que existem igualmente diferenças consoante o contexto. No âmbito da ONGA, as interações com os outros participantes, em resultado da identidade coletiva e do quadro cognitivo partilhado pelos participantes, caracterizam-se pela informalidade, pela realização de atividades em conjunto e pela existência de laços de amizade que vão para além da ONGA. Já no contexto laboral o relacionamento com os colegas de trabalho pauta-se por um registo mais formal, puramente profissional, distante e sem convívio fora do espaço laboral. No espaço familiar, é a ambientalista da família e empenha-se em mudar os hábitos dos que lhe são mais próximos.

7. Por fim e ainda no que respeita ao desempenho do papel social, assinalamos que para si o desempenho como ativista ambiental tem como uma das referências principais o facto de ser levado a cabo de forma voluntária. Aliás, entre o desempenho profissional e o de ativista na ONGA, é através do segundo que se sente mais realizada. O voluntariado é um elemento fundamental no significado que atribui ao papel de ativista ambiental, cumprindo no fundo uma das expectativas inerentes ao seu desempenho, fazendo o mesmo quanto ao desempenho na atividade profissional. Assim, observa-se que se identifica como ativista ambiental, não através de uma categoria social, mas através do desempenho do papel social.

12.4. João Pedro

«Eu votava Zorro para presidente da República. Voto no Zorro.»

João Pedro tinha 56 anos de idade no momento da entrevista, é agricultor de profissão e tem uma licenciatura ligada à produção animal. É um participante bastante ativo numa das ONGA portuguesas mais antigas e possui, neste âmbito, uma larga experiência de participação, inclusive como dirigente.

Nasceu em Setúbal, onde viveu a sua família por o seu pai ocupar a posição de engenheiro na SECIL (Companhia Geral de Cal e Cimento, S. A.). Foi aqui, aliás, que em criança usufruiu da liberdade que lhe permitia brincadeiras e jogos infantis, bem como o contacto com os animais domésticos, e ainda a realização de pequenos trabalhos agrícolas numa pequena horta que existia junto da casa onde habitava.

Relativamente à posição social e habilitações escolares dos seus progenitores, o pai era engenheiro mecânico e a mãe detinha o curso comercial, tendo trabalhado como secretária antes de casar, dedicando-se depois a tempo inteiro à família e à gestão do lar.

Relativamente às habilitações escolares, João Pedro fez um bacharelato em Produção Animal, tendo mais tarde regularizado o percurso académico no sentido de lhe ser reconhecida uma licenciatura no âmbito do Processo de Bolonha. É uma questão que refere com alguma ironia, o que deixa perceber a forma como se posiciona perante os poderes institucionalizados.

«*Eu nunca me senti licenciado por ninguém, para pronto… mas fui lá pagar a… a licenciatura… just in case.*»

Profissionalmente, esteve sempre ligado a atividades rurais e de produção agrícola, mais especificamente à agricultura biológica, que desenvolveu e sempre defendeu ativamente, tanto de forma individual como através do associativismo.

Utiliza um blogue pessoal para publicar as suas memórias, ideias e reflexões, cujo título é bastante esclarecedor da sua forma de estar na vida, ou seja, sempre inconformado com tudo o que vai contra as suas convicções e valores, o que é elucidativo do espaço que o protesto ocupa na sua vida.

Teve a experiência dramática de ser cuidador de uma companheira portadora de uma doença degenerativa, da qual acabou por morrer. Estes foram momentos que recorda como extremamente difíceis, mas que, ao mesmo tempo, segundo o seu testemunho, o enriqueceram e mudaram a sua perspetiva sobre várias coisas da sua vida.

Além da longa experiência no ativismo ambiental e de participação em ONGA, inclusive como dirigente, o seu percurso conta também com a participação muito ativa em alguns partidos políticos de esquerda.

No seu trajeto como ativista ambiental, são de destacar as várias participações em protestos de ação direta tanto de âmbito ambientalista como político.

A entrevista a João Pedro foi realizada através da plataforma Zoom e teve a duração total de duas horas e trinta e oito minutos, dividida por três sessões, cada uma das quais realizada em dias distintos.

Crescer entre a serra e a fábrica

João Pedro viveu a infância em Setúbal, com a família. Habitavam numa moradia situada no Bairro da CECIL, designado de *bairro dos engenheiros*, graças à posição que o pai ocupava na estrutura organizacional da fábrica. Existia, de facto, um maior nível de conforto material em relação à grande maioria das condições sociais que na época existiam no país, o que João Pedro reconhece.

«*Eram assim umas vivendas, pá!, boas! Com jardim… assim uma coisa à rico*!»

Refere como uma das mais antigas memórias de infância a existência de um galinheiro com diversos animais domésticos, recordando o resgate de um coelho que estava na iminência de ser servido como refeição, na derradeira tentativa de o salvar de morte certa.

«*É uma coisa que não, não me abandona. Foi o dia em que eu fui ao… galinheiro, tirei de lá um coelho, antes de ir para a escola, porque ouvi a minha mãe dizer que era coelho para o almoço: «Hoje o almoço é coelho.»*

«E então, nessa manhã havia um coelhito, que era um que tinha uma risquinha branca. Era um coelhinho muito fofinho, pá, e eu tinha uma identificação grande com o coelhinho, e, portanto, esse nunca ia para a panela. Foi ficando, foi ficando, até que naquela manhã, eh, pá!: «Hoje o almoço é coelho.» E eu: «Ah, lá se vai o coelhinho da risca.» Então agarrei no coelho, levei-o para a escola, primária ou pré-primária, isso também já não me lembro e… entreguei a um colega o coelhinho, mas isto, vendi-lhe o coelho.»

João Pedro manifesta inclusive algum regozijo à medida que relata este episódio, deixando bem patente como já era importante a defesa do bem-estar animal, sendo que cedo se começou a formar em si todo um quadro normativo ligado a estas questões.

Deixa também transparecer alguma nostalgia quando descreve o espaço onde passou a infância. Era um espaço fragmentado em termos paisagísticos, situado entre o verde da serra da Arrábida, em Setúbal, e as infraestruturas industriais da CECIL. No

seu discurso, situa o bairro onde cresceu numa posição mais elevada relativamente aos restantes. Era «o bairro dos engenheiros», comparativamente com o bairro social, onde se localizava a escola. Na verdade, é narrado um momento em que se pode identificar a forma como o verde da natureza se sobrepõe ao cinzento e ao escuro da fábrica de cimento.

«*Portanto, nós não estávamos mesmo ali em cima da fábrica, mas, pronto, era um ambiente assim de campo. As folhas no verão, no fim do verão, estava tudo cinzento, com o pó do cimento. Havia dias que não se podia estender a roupa, pronto, havia aquele problema do pó do cimento. E depois quando chovia as primeiras vezes ficava tudo verdinho, era superbonito aquilo* (…) *Não era um ambiente urbano era um ambiente fabril, rural, digamos assim, as pessoas que trabalhavam na fábrica vinham ali do meio rural.*»

O bairro onde João Pedro cresceu, apesar de pertencer a uma unidade fabril com uma dimensão considerável, encontrava-se inserido num espaço considerado rural, onde as casas estavam distanciadas umas das outras. A par deste facto, a coesão de uma estrutura familiar composta pelos pais e mais três irmãos, em conjunto com o contacto permanente com os animais e o campo, permitiu-lhe a vivência de uma infância feliz, sem sobressaltos ou grandes privações.

«*Era um ambiente um bocado isolado. Nós não tínhamos vizinhos, propriamente (…) Éramos quatro irmãos. Éramos primeiro três, depois nasceu um assim mais afastado. Tínhamos assim aquela infância, convivíamos entre nós, digamos assim. (…)*»

«*Tínhamos galinhas, coelhos, jardim, aquilo era uma maravilha. Depois fiz amizade lá com a malta na escola, tínhamos um pequeno grupo. Foi interessante, andávamos à vontade. Andávamos na rua, bicicleta, condições que hoje em dia não é para toda a gente*.»

Como se percebe, o espaço habitacional amplo e próximo do campo possibilitava a realização das mais diversas atividades e brincadeiras, no âmbito das quais estabeleceu laços de amizade e constantes interações com outras crianças, o que, desde cedo, lhe proporcionou a experiência do sentimento de pertença a um grupo. É neste universo que, enquanto criança, e através de uma reciprocidade entre os elementos que definem o espaço, como é o caso do campo e dos animais domésticos e a interação com as outras crianças e na sua família, surgem as disposições ecológicas, mas também o início do quão importante é a pertença a um grupo ou a um coletivo.

Relativamente à influência dos pais na sua educação, João Pedro identifica alguns traços que distinguem o pai da mãe, neste campo. Desta forma, identifica o pai como a principal figura de autoridade na família, referindo-se depois à mãe como detentora de uma autoridade permanente, em grande parte devido à constante presença em casa

como doméstica. No entanto, a última palavra e aquela a quem todos obedeciam era a do pai. Estamos, portanto, num contexto familiar claramente patriarcal.

«*A minha mãe também era bastante autoritária, porque a minha mãe estava em casa, a minha mãe não trabalhava, estava sempre em casa. E, portanto, a gente obedecia basicamente à minha mãe, mas o meu pai era sempre quem, quando havia assim chatices, era a voz grossa, aquela energia*.»

Ainda assim, à parte a distinção do seu pai como chefe da família, assinala que, no que toca à educação, tanto o pai como a mãe tiveram a mesma influência relativamente aos valores transmitidos. Destes valores, destacam-se a cidadania, a justiça, a boa educação e a solidariedade, sem esquecer a tolerância. Na verdade, relativamente a valores, João Pedro identifica ambos os pais como não tão conservadores, relativamente aos cânones sociais da época, dando como exemplo o modo como o pai deixou de fumar em casa e a forma como ambos reagiram à gravidez precoce da sua irmã.

«*O meu pai fumava, fumava em casa, na altura era prática, pronto.*»

«*(…) quando nós éramos assim mais velhinhos, dizer: "Não, pá, este cheiro dentro de casa assim não pode ser, e tal." E eu era logo, pá, eu era já contra o tabaco, assim… e o meu pai começou a ir fumar para a varanda, para a janela, foi mesmo perseguido e aceitou, não se impôs a dizer: "Não, aqui quem nada sou eu." Nada disso. Portanto, são pessoas assim. A minha irmã, por exemplo, engravidou ainda andava no décimo segundo ano, se calhar nem tinha dezoito anos, engravidou lá de um namorado que era nosso vizinho, depois tentou abortar, aquilo correu mal, foi parar à maternidade lá de Coimbra e eles aceitaram a situação, não fizeram aquela guerra na altura: "Oh! vai-se casar com…" Não, nada disso. Apoiaram sempre a minha irmã: "Faz o que quiseres." Ajudaram-na e ela depois acabou por fazer o décimo segundo ano; hoje é professora. Portanto, são pessoas assim um bocado, que eu considero que na altura iam um bocado à frente do tempo*.»

«*Eu acho que eles sempre me deram tanta liberdade e bons exemplos e quando me obrigavam a fazer as coisas, eram aquelas coisas que eu tinha mesmo a obrigação de fazer, ao fim e ao cabo. (…) vendo agora em perspetiva, foi avançado para a altura, para os tempos que se viviam na altura (…)*»

Apesar de ter sido sentido através da socialização familiar um certo autoritarismo por parte dos pais, não foi uma educação muito tradicional e conservadora, comum na grande maioria dos lares portugueses. Foi, portanto, «uma infância feliz» e sem grandes privações materiais, comparativamente com as condições materiais e sociais da grande maioria das famílias em Portugal.

«*Foi, foi uma infância feliz. Porque brincava, porque tinha tempo para brincar, tinha os irmãos, depois tinha amigos, aprendi a andar de bicicleta que é uma coisa que ainda hoje gosto muito. Levavam-me a passear, tínhamos as férias no Algarve, também com grupos de amigos e malta, com outros casais que tinham filhos. Nunca passámos uma situação nem de grande violência, nem nada de especial*.»

Na verdade, apesar do contexto social e político da época, marcado pelo forte controlo social exercido pelo Estado e que restringia muito a liberdade individual, a infância de João Pedro foi vivida de forma livre, o que foi de certa maneira estruturador na sua socialização primária. Todavia, a disciplina imposta pelos pais continuou presente, em especial nos momentos em que tinha de cumprir as suas obrigações escolares, sendo nestes momentos que a autoridade dos pais mais se fazia sentir.

«*A situação mais disciplinadora era obrigar-me a fazer os trabalhos. Eu tinha que fazer os trabalhos e às vezes fechavam-me no quarto: "Eh, pá!, agora não sais do quarto enquanto não fizeres os trabalhos!" Mas aquilo para mim era um sacrifício, era horrível, até que eu comecei a ganhar coragem, e saltava pela janela, pronto. Saltava pela janela para fora e depois voltava a entrar, pronto, que assim podia andar na rua. Andava lá no meu mundo e tal, não podia fazer barulho, não podia, mas pronto, pá, andava ali à vontadinha. Depois voltava a entrar, fazia lá meia dúzia de coisitas (…)*»

Apesar de se tratar de situações vividas ainda muito cedo, não pode deixar de se levar em conta que é aqui que João Pedro inicia a interiorização de uma disposição para o protesto e de resistência aos poderes dominantes, neste caso, a obrigação imposta pelos pais de fazer os trabalhos escolares.

A religião estava também muito presente na sua educação. João Pedro foi obrigado a cumprir as habituais obrigações religiosas, como ir à missa e frequentar a catequese. No mesmo sentido, os pais, durante vários anos, dedicaram-se a dar aconselhamento de carácter religioso a casais, pertencendo inclusive a um grupo religioso para o efeito. Esta foi, na verdade, a única atividade de ação coletiva desenvolvida pelos pais, e que João Pedro, na entrevista, reconheceu como positiva, uma vez que era realizada de forma voluntária e servia o bem comum.

«*Os meus pais pertenciam a um grupo ligado à Igreja. Eles faziam aconselhamento de casais. Aquilo tinha um nome, eles iam a Setúbal, que nós vivíamos longe de Setúbal, eles tinham que ir de carro, para participar nessas reuniões, que eram normalmente ao fim do dia. E participavam nisso, portanto era o envolvimento deles com as coisas da sociedade.*»

«*Mas o participar lá naquilo com os casais e apesar de eu não saber o que é que era aquilo, eles também não diziam, sabia que eles iam, às vezes ainda apanhava assim*

uma conversa deles a falarem dos casais e tal, não achava mal e dizia assim: "Pronto, estão a participar em coisas, para ajudar as outras pessoas, e assim."»

A dedicação dos pais a esta atividade não lhe foi indiferente, traduziu-se numa certa ordem de valores, considerados positivos, que acabaram por ser transmitidos e interiorizados por João Pedro, com destaque para o serviço voluntário pelo bem comum.

Não obstante, o cumprimento das obrigações religiosas sempre contou com uma forte resistência da sua parte. Traduzia-se numa imposição bastante penosa para si, na altura, tendo inclusive criado uma significativa aversão aos próprios sacerdotes, muito certamente por personificarem uma certa a autoridade, neste caso, a da Igreja.

«*Mas nós tínhamos que ir à missa, pronto. Quando havia aquelas coisas religiosas também, os batizados, tínhamos que ir, com o lacinho, aquela coisa muito queque horrível, era horrível aquilo. Mas, pronto, tínhamos que ir à missa, e eu, desde muito cedo, eu não aguentava aquilo, nunca gostei daquilo, nunca. Eu ia à catequese, eu nunca gostei da catequese, nunca gostei dos padres, nunca gostei*.»

No que respeita às condições materiais, nunca sentiu constrangimentos nem grandes privações, à exceção de uma altura em que o pai ficou de baixa prolongada devido a um acidente laboral. Fora isso, refere que nunca sentiu privação material na família. Todavia, os pais sempre tiveram o cuidado de transmitir que o consumo de bens materiais tem limites e deve ter regras.

Apesar do conforto material com que classifica a infância, João Pedro refere que só tomou consciência de que tinha uma posição social mais privilegiada em termos materiais quando foi para a escola primária. Foi aqui que se confrontou com a realidade, nomeadamente com a existência de outras crianças com níveis mais elevados de privação material.

«*Depois, já na escola primária, no bairro social digamos assim, é que eu tive o contacto com os miúdos que não eram filhos dos engenheiros, pronto. O meu contacto era com os filhos dos engenheiros, portanto eu não notava diferença nenhuma, eu achava que toda a gente vivia assim, normal. Uma casinha, um jardim, uma horta, um fulano a tratar da horta, um jardineiro, isso é normal. Mas isso não é normal, eu só percebi depois, na escola, quando vejo os outros miúdos, casas mais pequenas, também tinham um galinheiro, mas o galinheiro era uma coisita muito rudimentar. Pronto, aí é que eu vi que havia diferenças. E, portanto, aí fiquei com a certeza de que eu era do lado dos abastados, digamos assim.*»

É patente a forma como a transferência de contexto social, e para uma nova instância socializadora como é o caso da escola, o levou, enquanto criança, além de ter a perceção de diferenças relativamente a outras crianças, a redefinir a sua identidade por intermédio de uma categoria social, ou seja, a ter consciência de pertença a um

grupo com uma determinada posição social, em relação aos seus colegas de escola mais pobres. Uma identidade que não é totalizadora do seu *eu,* mas que acaba, sim, por ser mais uma de entre várias que no fundo constituem a pluralidade de João Pedro como indivíduo.

No que respeita aos momentos de lazer familiar, eram habituais as férias de verão no Algarve. No entanto, por volta dos seus oito anos, o pai decidiu adquirir uma tenda de campismo familiar. Para o efeito, empreenderam uma viagem a Andorra, tendo, para isso, ludibriado as autoridades fronteiriças portuguesas, com o objetivo de passar com o equipamento de campismo, o que foi motivo de efusivos festejos por parte dos pais, tal como recorda João Pedro.

«*Mas depois quando eu teria, quê?, oito anitos, ou por volta disso, ou nove anos, houve essa viagem a Andorra, para comprar o atrelado-tenda, porque era muito mais barato. O problema era entrar em Portugal com o atrelado-tenda. E o meu pai então o que fez foi entrar perto de fechar a fronteira, porque é à hora que eles chateiam menos. Porque a fronteira era fechada à uma da manhã. Nós ainda vínhamos a dormir, acordámos com eles todos contentes: "Eh… que maravilha!" Tu não estás bem a ver, era máquina de filmar, era a tenda, era tudo o que deu para passar. E eles:*

– Tem alguma coisa a declarar?

– Não, não, não tenho nada a declarar.

– Siga, pronto.»

Apesar de se tratar apenas de uma situação, para si, em termos simbólicos representou o momento em que a sua família resistiu e fez de alguma forma frente à excessiva autoridade estatal que se vivia na época.

Desta forma, foi possível a família passar a fazer férias de campismo. Foi ao longo destas férias que, ao seguir as regras de conduta do campista, como por exemplo, deixar o espaço mais limpo do que se encontrou, não deixar o lixo no chão, que interiorizou estas normas. Este facto é indicado por si como influenciador das suas atuais convicções ecológicas, uma vez que havia um contacto bastante direto com a natureza, com regras a seguir.

O contexto escolar

João Pedro frequentou sempre o ensino público, tendo iniciado a vida escolar no ensino pré-escolar, com ensino de música, o que não era acessível a todas as crianças.

Relativamente aos professores que mais o marcaram, recorda uma professora de Inglês, a qual foi responsável pelo seu gosto em aprender esta língua estrangeira. Por outro lado, não deixa passar em claro os castigos corporais que chegou a sofrer por

parte de uma outra professora, durante a escola primária, o que, tal como a humilhação, era ainda uma prática comum no sistema de ensino vigente.

Entrou no ensino secundário no momento em que foi viver para Coimbra, guardando memórias muito positivas dos seus professores de Biologia. Refere que estes professores procuravam sempre suscitar o interesse dos alunos, sendo por isso que lhe agradaram bastante os professores desta área, ficando a Biologia a ser a sua disciplina preferida.

«*E gostava dos professores de Biologia. Tinha uma predileção pela Biologia, era o que eu gostava, logo os professores também eram professores que faziam a pessoa interessar-se, digamos assim. Não eram professores que dificultavam, eram bons professores, e sempre gostei muito*.»

Desta forma e considerando que João Pedro trazia já da infância um gosto especial pelos animais e pela natureza em geral, não é de estranhar uma maior apetência por disciplinas ligadas a este tema.

Por outro lado, a sua narrativa relativamente ao tempo escolar, tanto sobre a escola primária como sobre o secundário, deixa transparecer um fraco ascetismo escolar, o que não é propriamente de estranhar, tendo em conta a forma como reagia sempre que uma atividade fosse realizada sob coação e ou implicasse o sacrifício do seu livre--arbítrio e autodeterminação.

Quando foi questionado sobre as suas atividades preferidas durante as férias escolares, o modo como respondeu revelou como já naquele tempo era diferente das outras crianças.

«*A minha atividade preferida era agarrar numa sachola e, quando toda a gente ia para a praia, eu limpava o galinheiro, fazia buracos na terra, punha plantas, andava de bicicleta sozinho, era a minha atividade favorita. E depois brincar, eu brincava muito com legos, com os índios e os cowboys, aquelas figurinhas e às vezes lia. Mas o ler, lia banda desenhada, isso sim, mas o ler livros não era comigo*.»

Além da diferença relativamente às outras crianças, manifestada pela preferência por atividades ligadas à agricultura e cuidar dos animais, como forma de ocupar o tempo livre das férias escolares, percebe-se pouca apetência pela leitura de livros mais extensos, em contraste com o gosto por banda desenhada e outras brincadeiras, como, por exemplo, andar de bicicleta.

Na verdade, durante a entrevista, o tema da escola não foi muito desenvolvido por João Pedro, o que poderá dever-se a já não existirem memórias muito presentes desta altura da vida e também por não haver um grande interesse pela escola.

A chegada da Revolução

João Pedro tinha à volta de dez anos e frequentava os últimos anos da escola primária quando se deu o 25 de Abril de 1974, tendo sido após este acontecimento que se apercebeu da opressão e do controlo que o Estado exercia sobre os indivíduos. Esta perceção deveu-se a vários motivos. O primeiro diz respeito ao facto de só após o 25 de Abril a política ter passado a ser um assunto falado em família. Em segundo, por os seus tios serem ambos militantes do Partido Comunista Português e, em consequência disso, terem sido presos pela PIDE. Por último, por a Guerra Colonial, em que o país se encontrava envolvido, ter perdido o significado que até então tinha para si, nomeadamente, *o da defesa da pátria,* e a construção de uma narrativa, por parte dos poderes institucionais dominantes, que propagandeava a visão romântica assente na imagem do *bravo soldado português que parte para as colónias em defesa da pátria amada,* tal como vinha referido nos manuais escolares da época.

Desta forma, o 25 de Abril acabou por consistir numa clivagem no universo de significados até então interiorizado por João Pedro, em particular, em tudo aquilo que dizia respeito à transmissão por parte da escola da doutrina de uma ideologia assente numa simbologia que glorificava o império colonial português e o dever de combater pela pátria.

«*E depois do 25 de Abril é que se falou cá na família que o meu tio e a minha tia tinham sido presos pela PIDE. E foi aí que eu tive a noção que havia opressão. Eu para mim não sabia o que isso era, pronto. Mas na minha família, há esta história dos meus tios pertencerem ao Partido Comunista, os dois. (…)*»

«E aí é que eu tive um bocado a noção dessas coisas da política. Eu antes tinha a noção que havia guerra, em África. Havia aqueles programas da televisão com os soldados a dirigir à família (…)»

"«(…) era a coisa que a gente tinha da guerra, não eram as imagens que tu tens hoje, a gente não sabia que havia mortes (…) e vivíamos essa imagem dos soldados lá, com bom aspeto a desejar à família muitas prosperidades, bom Natal, bom Ano Novo, era assim, pronto.»

«Portanto, os soldados estavam lá a defender o que era nosso, e era o que nós aprendíamos. E para nós fazia sentido, então se aquilo era nosso! Tinha que lá ter soldados nossos, pronto. Mas não tínhamos ideia da guerra, que havia adversidades enormes e não tínhamos ideia do racismo, nada disso. Os portugueses estavam lá, conviviam com as pessoas de lá, normal.»

Esta rutura com tudo aquilo que dizia respeito à realidade e ao conjunto de representações que enquanto criança tinha do país, e do que instituições como a escola

transmitiam, acabaram por consistir num reforço de disposições emancipatórias, mas também na génese de uma disposição para o protesto, muito ligada à desconfiança e permanente questionamento das instituições oficiais e dos poderes institucionais, que então ganhou relevância em João Pedro.

No espectro político é à esquerda que situa a sua família, referindo que os pais eram por uma esquerda mais conservadora e não muito revolucionária.

Recorda os tempos que se seguiram à Revolução de Abril com grande nostalgia. Foi um período vivido com felicidade, devido ao surgimento da liberdade, e que teve reflexo nos momentos de lazer e diversão vividos em família.

«*Depois do 25 de Abril, falava-se de política à vontadinha, falava-se do que se ia fazer, das férias, mostrava-se fotografias, às vezes faziam-se projeções de slides, tínhamos uma máquina de projetar slides, o meu pai chegou a ter uma máquina de projeção de filmes, super 8, às vezes fazia aqueles filmes caseiros super 8, superengraçados.*»

«O 25 de Abril foi o primeiro. Lembro-me perfeitamente, porque foi essa história depois de me irem buscar à escola, foi uma coisa completamente diferente, e foi quando eu acordei um bocado para um outro mundo, que a gente vivia num mundo onde não se falava nas coisas, pronto. E ali começa-se a falar das coisas. E vi muita alegria, via as pessoas alegres, aquilo mexeu mesmo comigo, o 25 de Abril.»

Cognitivamente, o efeito do 25 de Abril teve muita influência no quadro de valores e normas de referência de João Pedro e também das suas representações da realidade. Podemos dizer que foi um momento de rutura, mas num sentido positivo.

Este facto levou-o a manifestar certas categorias de emoções que, em virtude do tipo de património disposicional já em desenvolvimento, acabaram por o orientar para o ativismo e mais precisamente para o protesto.

A função da cultura. Dos heróis da BD ao jazz

Tal como em muitas crianças e jovens da época, os heróis da banda desenhada desempenharam um papel importante no imaginário de João Pedro. Na entrevista referiu várias revistas favoritas de banda desenhada e destacou os heróis de banda desenhada com que mais se identificou e que, pelas suas aventuras, representavam para si, enquanto jovem, os ideais da justiça, da proteção dos animais e das florestas, da defesa dos oprimidos, dos pobres e dos mais fracos, sem esquecer a coragem. Desta forma, e por intermédio das práticas de leitura juvenis, interiorizou na sua consciência uma gama de valores igualmente relevantes. Para isso, basta-nos observar o seguinte conjunto de personagens de banda desenhada da sua preferência:

«*Eu tinha o Tarzan, o Robin dos Bosques, o Zorro é tudo figuras que não há hipótese, pá, ainda hoje me identifico. Eu tinha livros do Cebolinha, tenho ali ainda uma coleção. Tinha livros do Asterix, o Tintim. Saíram vários livros de BD, fogo, eu tinha ali BD com fartura. Mas realmente para mim tinha muita coboiada, livros de cowboys, havia os livros da coleção Combate, também sobre a Segunda Grande Guerra, também devorava aquilo tudo. Mas eu identificava-me sempre era com o Zorro, histórias do Zorro (…), o Tarzan, que havia várias bandas desenhadas com o Tarzan e com o Robin dos Bosques, então pronto, estás a ver o trio.*»

«*Porque eles defendiam os animais, o Tarzan aquilo para mim era uma coisa, porque eu era o defensor dos animais desde pequenino, eu tinha aquele amor, aquela ligação com as galinhas. Nós só tivemos um cão, era eu pequenito, depois deixámos de ter cão, nunca mais tivemos, eu via um cão, eu ficava todo contente, aquilo era mesmo a minha alegria e as plantas também, pronto. E depois o Robin dos Bosques, roubava aos ricos para dar aos pobres, justiça, aquilo para mim fazia todo o sentido. E o Zorro era o revolucionário, estás a ver, era o gajo que vai contra a opressão, e que tem um cavalo, espetacular, pronto. Ainda hoje consigo admirar. Eu se pudesse votava Zorro para presidente da República; voto no Zorro*.»

Percebe-se nesta narrativa de João Pedro a forte ligação entre o seu gosto pelos animais, a vontade permanente de os defender e o significado que personagens como o Tarzan e as suas aventuras tinham para si. Na verdade, Tarzan como um humano atlético, que vivia em harmonia com a natureza e com todos os animais selvagens, protegendo-os sempre contra as investidas dos outros humanos menos bem-intencionados, e o Zorro e o Robin dos Bosques que lutavam pela justiça, pela defesa dos oprimidos e dos mais fracos, num permanente confronto com o poder tirânico e com aqueles que fazem uso da sua posição dominante para exercer todo o género de violências e abusos sobre os mais fracos, todos em conjunto representavam tudo aquilo que João Pedro enquanto criança e adolescente procurava seguir e fazer no seu quotidiano.

Desta forma, a prática lúdica da leitura de banda desenhada, não sendo de forma alguma imposta ou realizada sob qualquer tipo coação, como era o caso dos trabalhos escolares, contribuiu para a consolidação das disposições diretamente associadas à defesa do ambiente e à luta por valores centrados na justiça e liberdade.

Mais tarde, descobre o Greenpeace, como se sabe, um dos grupos de ativistas mais icónicos de todo movimento ambientalista e uma referência do ativismo ambiental. A fama deve-se, em grande parte, à espetacularidade e à escala de encenação, muito graças à forma como souberam promover a cobertura mediática das suas atividades de protesto. Por estes motivos, o Greenpeace acaba por ter uma influência significativa na

forma como João Pedro se ia identificando com o movimento ambientalista e, claro, posteriormente como ativista ambiental.

«*Eu quando apanhei a malta do Greenpeace, notícias sobre o Greenpeace, era o que eu seguia, para mim era o Greenpeace. Eu só ouvia falar do Greenpeace, era o que eu gostava mais, punham-se à frente das baleias, defendiam as baleias, pronto.*»

Já quando lhe foi perguntado sobre o eventual envolvimento em algum tipo de cultura juvenil, de imediato, classificou-se como diferente e classificou-se como «*esquisitinho*», referindo como exemplo desta distinção o gosto então adquirido pela música jazz.

«(…) *para tu veres como eu era esquisito na altura, eu agora lembrei-me, quando eu disse que não era do grupo do rock, eu ouvia a banda jazz na rádio, já nem sei que rádio era, como é que se chamava a rádio. Eu comecei a ouvir jazz, pá, com dezasseis anos ou com dezassete anos, ouvia na rádio, pronto. A banda jazz ensinava o que era o jazz e dava jazz muito bom. Aquilo era um programa espetacular, era à hora da novela.*»

«E eu comecei a querer outra coisa, pronto. E encontrei o jazz, pronto, pá, estamos a falar do jazz, naquela altura ninguém ouvia jazz em Portugal. Era uma coisa mesmo para pessoas muito esquisitas, mas eu identifiquei-me com o jazz. Aquela liberdade do som, e realmente aquele programa ensinou. E eu por acaso apanhei aquilo, comecei a ouvir e disse: "Eh, pá!! Isto é giro, pá! Isto realmente…" – a maneira como eles explicavam: "Agora nesta música e tal, prestem atenção ao baterista! Esta música também é boa, mas prestem atenção ao baterista" e a gente: "Eh, pá!, realmente o gajo… há aqui um trabalho bom e agradável" – pronto. E explicavam o que era o swing, explicavam aquelas coisas todas. Foi muito bom, foi muito bom, ainda hoje a minha música é sempre, quando oiço jazz, é outra coisa.»

O gosto que ganhou pelo jazz, além de se constituir como um traço distintivo relativamente aos outros jovens no que diz respeito ao gosto musical, leva-o também a valorizar a liberdade transmitida por um género musical muito caracterizado pelo improviso, constituído por padrões rítmicos próprios e que é apreciado por um público com um capital cultural mais elevado. Recordamos por exemplo, que os músicos de jazz foram considerados por Howard S. Becker como um grupo de indivíduos que se encontrava fora dos padrões sociais habituais no seu estudo sobre o desvio (Becker, 1966)

Na verdade, além das diferenças relativamente aos outros jovens, referiu igualmente ser um miúdo introvertido e fechado, não exteriorizando muito, e talvez por isso o jazz tenha representado um mundo só seu. Este facto contrasta em bom rigor com a carreira de ativismo que João Pedro acabará por desenvolver.

«*Eu era uma mosquinha morta nas aulas, falava pouco, muito tímido. Não me juntei assim nem à malta do rock. Ouvia a música e tal, mas era muito na minha onda, nunca pertenci a grupos grandes de malta nova*.»

Resulta daqui que a cultura difundida através da música na rádio, da banda desenhada e da televisão, no caso do Greenpeace, acaba por desempenhar uma função socializadora na biografia de João Pedro. As práticas de âmbito mais lúdico, como é o caso da leitura de banda desenhada e o acompanhamento de um programa de jazz através da rádio, a par do elevado interesse com que seguia as atividades do Greenpeace, levam-no a interiorizar cognitivamente os respetivos valores e ideias, bem como formas de agir. Isto, invariavelmente e mais uma vez, sedimenta ainda mais o conjunto de disposições orientadas para o protesto e para a defesa do ambiente.

O ativismo político e partidário

Dado o posicionamento da família politicamente à esquerda, cuja perceção só se torna possível após a Revolução de Abril, não é de admirar que João Pedro se viesse a identificar ideologicamente com os valores de esquerda. Em grande medida, porque o seu pai, como refere, tinha estes mesmos valores e pela proximidade dos tios comunistas. Todavia, João Pedro, acabou por se situar politicamente ainda mais à esquerda que os seus pais.

«*A minha família foi sempre mais à esquerda, até por causa desses problemas com a PIDE, e depois as pessoas falavam umas com as outras.»*

«A minha casa era sempre pelo posicionamento da esquerda. Para já tinha tios comunistas e ter comunistas na família já é qualquer coisa (…)»

«O meu pai era uma pessoa solidária e sempre foram de esquerda, mas esquerda moderada, não eram comunistas, nem nada que se parecesse, eram aquele PS mais conservador, digamos assim.»

«Eu revia-me, mas eu era mais à esquerda. Eu era mais revolucionário, o meu pai era PS e eu era União da Esquerda para Democracia Socialista, o UEDS.»

A sua adesão a um partido político de esquerda, à data constituído por militantes dissidentes de outro partido mais moderado, traz à superfície a disposição para o protesto, neste caso no contexto político partidário. Na verdade, acaba por ir ao encontro de um grupo com o qual se identificasse e iniciasse a sua atividade de protesto em favor de mudanças sociais, o que está bem patente na forma como se identificou como mais «revolucionário» que o seu pai. A identificação e o envolvimento num partido político centrado nas lutas sociais, no sindicalismo e nas desigualdades sociais, em que as atividades, assim como o protesto, a mobilização e a militância, se revelam bem mais

intensas, em paralelo com o contexto político efervescente existente então em Portugal, acabam por dar início à manifestação de uma disposição social para o protesto. Neste caso, trata-se de uma disposição social de âmbito mais político-partidário, em que as emoções, como a indignação e o inconformismo, são potenciadoras de envolvimento em atividades de ação coletiva de âmbito mais direto.

«*Porque depois, ainda andei a colar cartazes com a malta do PS, porque eles depois fizeram, como é que se chamava aquilo, a FRS, que era a Frente Revolucionária Socialista, seria qualquer coisa assim.»*

«E os mais à esquerda do PS saíram do PS, mas depois, quando houve umas eleições, fez-se a FRS e nessas eleições eu já andei a colar cartazes. Mas eu era da UEDS, era dos poucos, mas tinha uma bandeira da UEDS, ainda a tenho.»

O seu ativismo político, de alguma forma precoce, não pode de forma alguma ser dissociado – pela influência da ligação da sua identidade pessoal com a identidade coletiva do então partido político a que aderiu, com implicações óbvias no campo emocional – do seu ativismo ambiental, como mais adiante se irá perceber.

João Pedro nunca deixou de se envolver no ativismo político partidário e, apesar de não o referir expressamente durante a entrevista, é fácil perceber pela leitura do seu blogue pessoal que continuou a participar em eventos de ação direta, como, por exemplo, marchas, manifestações ou bloqueios, tanto nacionais como internacionais.

As disposições para o ativismo e para o protesto revelaram-se de tal forma fortes que a participação na ação direta parece não depender totalmente de um envolvimento formal e mais efetivo na organização. De facto, para se envolver nestas atividades, bastava que João Pedro tivesse conhecimento de uma atividade de protesto alinhada com os valores que defendia. Na verdade, o que o movia era o protesto e não tanto o envolvimento na estrutura organizativa do partido, e era neste contexto que retirava as recompensas emocionais que acabam por o constituir como um ativista de *carreira.*

«(…) *politicamente tive então na UEDS, mas nunca pertenci a nada da UEDS. Eu era o gajo da UEDS, mas não tinha contactos com a organização central, nada, pronto. Mas quando havia coisas eu gostava de aparecer e colar cartazes e tal, mas isso foi uma experiência curta (…)*»

Para João Pedro, a existência de uma intensa atividade de ação direta e reivindicação, seja através de um movimento social não partidário ou de uma organização política partidária, é o motor da sua mobilização e participação, sendo, na verdade, o que contribui para que se identifique em termos coletivos com o movimento ou a organização. Este é um elemento de extrema relevância para João Pedro, que, apesar de não se identificar em absoluto com a própria identidade da organização ou

movimento, identifica-se coletivamente. Este facto, apesar de ser observável na sua participação na UEDS, já não o é no âmbito de outras participações futuras.

O ingresso no ensino superior

A pressão familiar para que João Pedro obtivesse um curso superior começou cedo. Perante o seu gosto pelos animais e pelas atividades mais rurais, começaram a projetar no seu futuro uma carreira de veterinário, uma ideia que o próprio acabou por interiorizar. No entanto, perante a pouca apetência pelo estudo, resultante do fraco ascetismo escolar, as expectativas foram defraudadas.

«*Toda a gente dizia que eu ia ser veterinário, portanto eu fiquei com aquela coisa de: 'Ei, vou ser veterinário, vou ser veterinário!' – só que eu não estudei o suficiente para ser veterinário, porque era preciso média e eu não tinha média, não havia hipótese.*»

Desta forma, e afastada a possibilidade de entrar quer em Veterinária quer noutros cursos, por não ter média suficiente, passou um ano sem qualquer atividade escolar formal, com o objetivo de se preparar. Quando então tomou conhecimento do grau de exigência do curso de Veterinária, mais uma vez o fraco ascetismo escolar ditou que a opção por esse curso ficasse definitivamente afastada.

«*E depois fiquei um ano, quando concorri, concorri para vários cursos, acho eu, não entrei, fiz aquilo que se chama o gap year, agora é muito na moda o gap year, na altura isso não existia. Isso era para os gajos que não entravam… "Ai, não entrou?" – era logo apontado a dedo, porquê? "Não estudou o suficiente, não entrou." Pronto, e então nessa altura conheci malta da, da Veterinária que andava em Veterinária e eles diziam que aquilo era preciso decorar os nomes disto, daquilo e o curso era teórico só, não sei o quê, eu disse assim: "Eh, pá!! Eu não gosto disso, calma, isso não é para mim." Então a Veterinária, pronto, e então quando entrei, já nem concorri para Veterinária, disse: "Não, não quero Veterinária" – mas também não tinha média, penso eu*.»

Surge então aqui um certo *desajustamento* através da oposição entre o facto então interiorizado, através da socialização familiar, de que iria ser veterinário, e a constatação posterior de que, em consequência do fraco ascetismo para o estudo, esse objetivo não seria atingido.

Em alternativa, João Pedro entra no curso de Produção Animal, na Escola Superior Agrária de Coimbra. A este propósito refere na entrevista que, além do gosto pelos animais, a sua decisão se deveu a características particulares da instituição que, segundo as suas palavras, se situava num «sítio paradisíaco».

«*Concorri para Produção Animal, em Coimbra, que é a Escola Superior Agrária, que eu conhecia o sítio, adorei o sítio da escola, a escola era um sítio paradisíaco, já não é*

agora. É no mesmo sítio, mas deram cabo daquilo tudo. Então fui para Produção Animal, pronto. Eu nunca sonhei ser outra coisa, nem desportista, nem nada, pronto, tinha aquela ideia que, sim, posso vir a trabalhar com animais, pronto.»

Apesar da fraca apetência pelo estudo, a manifestação da disposição ecológica acabou por contribuir para que João Pedro frequentasse o ensino superior numa área científica relacionada com os animais, a vida rural e em certa medida a natureza. A força desta disposição acaba por ser preponderante, na medida em que se manifesta várias vezes ao longo do seu trajeto de vida e em diferentes contextos.

O início do ativismo ambiental

O seu ativismo ambiental, através da participação em grupos e associações, começou cedo. João Pedro identifica com alguma precisão a génese do seu ativismo ambiental, situando-a logo a partir da infância, nomeadamente durante as experiências vividas ainda no contexto familiar e no contacto que teve com a natureza e com os animais domésticos e que envolveram *choques morais.*

«*Desde jovem eu gostava dos animais. Quando tive a oportunidade de fazer alguma coisa para defender o ambiente, olha, aí fui eu. Uma das coisas que eu fiquei mais alegre, ainda, ainda estávamos a viver em Setúbal, ainda tínhamos o galinheiro, foi quando já estávamos para ir para Coimbra, já sabíamos que íamos para Coimbra, talvez no último ano, não sei, que lá estivemos, se calhar nem chegou a ser um ano, talvez fosse menos tempo. Decidiram não matar mais galinhas, acabou-se a matança das galinhas e dos coelhos, isso acabou-se. Fiquei tão contente, chegámos a libertar os coelhos, os coelhos andavam ali no jardim, claro que depois vinham os predadores e limpavam-nos, mas ao menos andavam ali à vontade, andavam por ali, as galinhas também. Eu libertava as galinhas, ensinei-as depois a entrar para o galinheiro.»*

Por isso, quando surgiu a possibilidade de se envolver e começar a participar ativamente em organizações de defesa do ambiente, João Pedro não hesitou. Admite mesmo que a vontade de participar era muito forte, não havia outra alternativa, o que demonstra mais uma vez a força das disposições ecológicas no momento em que surge a possibilidade de se envolver de forma ativa, e a sua importância no processo de reconhecimento de um grupo com o qual se identifique e aí iniciar a sua militância, neste caso uma ONGA.

«Nunca decidi, quando eu entrei na primeira associação, decidi, claro, eu decidi dar aquele passo, mas aquilo já era o que tinha que acontecer logo a seguir, porque eu já estava virado para ali, para o Greenpeace, se não fosse em Portugal eu ia para o estrangeiro mais tarde, era o meu caminho.»

É por intermédio de alguém conhecido da sua irmã que, no final do ensino secundário, se envolve ativamente num grupo que então se dedicava à divulgação científica acerca da defesa do ambiente e dos problemas ecológicos. É, portanto, uma forma de recrutamento que se processou através de redes de conhecimento. Assim, na sua perspetiva, surgiu uma participação que encaixou perfeitamente no seu património disposicional e nas representações relativamente ao Greenpeace e ao ativismo ambiental, com claras e óbvias recompensas emocionais, mas traduzindo-se também na aquisição de competências no âmbito do associativismo ambiental.

«*Antes da universidade eu já pertencia a um grupo. Foi no décimo primeiro ou no décimo segundo ano. Entrei para um grupo, que era o grupo de investigação e divulgação científica, que era um grupo em Coimbra, que tinha ações ecológicas. Foi através de uma outra pessoa que pertencia ao grupo e que disse à minha irmã: "Eh, pá!, o João Pedro é que era bom para aquela associação, eh pá!" E realmente era, eu disse: "Eia, isto existe em Coimbra, uma coisa assim?!" – porque eu na altura já conhecia o Setúbal Verde, havia uma associação que era o Setúbal Verde, que era o Greenpeace em Portugal, era o Setúbal Verde, e eu, eh, pá, mas eu já não estava em Setúbal, portanto eu já não pertencia ao Setúbal Verde, estava em Coimbra, e quando se me abre a hipótese de pertencer a uma associação, eu, foi logo: "Pá, é o GIDC, é já para o GIDC." Vou à primeira reunião: "Quem é que fica responsável por isto? Olha, este está aqui, este gajo novo, não queres ficar responsável?" – e eu: "Eh, pá, eu… desde que me digam o que é que é para fazer, eu… estou aqui é para fazer, coisas." Pronto, e fiquei até hoje*.»

A experiência de participação nesta associação, segundo João Pedro, revelou-se muito positiva. Como os outros participantes pertenciam à mesma faixa etária, a integração foi facilitada. Nesta associação, a atividade era intensa e, como João Pedro refere, dado o contexto político dos pós 25 de Abril havia uma clara tendência para o pensamento e a ação, em certa medida, revolucionários. Por outro lado, a organização em termos estatutários estava muito pouco desenvolvida. No entanto, havia muita vontade de contribuir para a mudança social, através da informação e divulgação dos valores verdes e ecológicos.

É neste contexto associativo que João Pedro participa na realização de um programa de rádio de divulgação científica, numa emissora nacional. Todavia, à medida que a associação se desenvolvia, o financiamento crescia e a ausência de estatutos acabou por originar uma série de problemas internos, culminando na extinção da própria associação.

«*Essa experiência foi muito boa, porque eu estava com malta nova, superfixe, na casa dos dezassete, dezoito anos. Nós fazíamos muitas reuniões, tínhamos muitos*

estatutos e regulamentos para ver, porque aquela associação nasceu depois do 25 de Abril. E os estatutos, aquilo era uma porcaria, era uma coisa tipo meio revolucionária, aquilo qualquer pessoa fazia uns estatutos na altura. Só que os estatutos abriram a porta a muitas irregularidades, porque não estava previsto nos estatutos. Tínhamos um programa na Antena 1, eu fazia, através do estúdio de Coimbra, eu era uma das pessoas, punha a música, cheguei a fazer programas, a fazer locução, apesar de eu não ser a pessoa indicada para aquilo.»

«E a associação começou a ter algum dinheiro. Quando a associação começa a ter algum dinheiro, esquece, problemas. Até que se fez uma reunião a nível nacional, aquilo, Coimbra era um núcleo, a associação era nacional. E então fez-se uma reunião e fechou-se a associação. Fechou-se a associação, porque não tínhamos estatutos, não conseguíamos.»

Ao longo da entrevista são referidas por João Pedro algumas emoções que estiveram ligadas ao protesto, enquanto participantes nesta associação. Estas emoções tiveram origem no confronto com situações contrárias aos seus valores de referência, particularmente emoções como a revolta e a injustiça. No fundo, são emoções que surgem, a título de exemplo, da indignação sentida pela problemática da venda de armadilhas para as aves e pela plantação de eucaliptos, sendo esta última que o levou a envolver-se de uma forma direta no chamado ativismo de alto risco.

«*As cenas das armadilhas para os pássaros, que era proibido, era proibido usar armadilhas para os pássaros, mas elas continuavam a ser vendidas. Isto para nós era uma injustiça estúpida, então se é proibido usar armadilhas para os pássaros, que acaba com as aves insectívoras e elas são vendidas ali, por toda a gente. Vendiam pássaros apanhados ilegalmente, aquilo era um forrobodó. E a gente: "Mas como é que é possível, pá? Isto é uma injustiça!" E nós lutávamos contra isso, estávamos sempre a dar nessas causas ambientais, entre aspas. Mas nós já trabalhávamos muito nessas frentes.»*

«Eu sentia vontade de denunciar aquilo e acabar com aquilo, era a vontade que eu tinha e nós conseguimos denunciar muita coisa.»

«A única coisa que eu fazia, mesmo assim revolucionário, era arrancar eucaliptos e partir eucaliptos. Isso eu fazia, era o meu tempo livre. Dedicava-me a isso quando podia: "Oh, carago!" – já era conhecido pá, já era conhecido pelo gajo: "Vem aí, pá, vamos passar por um eucaliptal pequeno, pá, cuidado com o João Pedro" – era a minha guerra, era essa.»

Após a participação no GIDC, manteve-se sempre como voluntário em diversas organizações de defesa do ambiente, tendo, entretanto, realizado a sua inscrição na ONGA em que participa atualmente.

Por outro lado, enquanto estava na Escola Agrária, também se envolveu no associativismo académico, porém, não participava nas atividades mais comuns, muito ligadas às praxes académicas. Ao invés e com o apoio de mais alguns colegas, criou um núcleo de defesa da natureza, realizando várias atividades de divulgação ambiental através de parcerias com outras instituições de ensino.

Envolveu-se como ativista na ONGA atual, quando foi trabalhar como professor para Castelo Branco, o que ocorreu por intermédio de um outro participante com quem veio a estabelecer fortes laços de amizade.

É também nesta altura que inicia uma intensa militância num partido político de esquerda, envolvimento este que, mais uma vez, se encontrava alinhado com o quadro cognitivo respeitante aos valores e normas que defendia. Trata-se de uma organização política em que a indignação e o protesto estão muito presentes.

«(…) *já em Castelo Branco eu era simpatizante e acompanhava o PSR do Louçã. Gostava muito daquela irreverência das ideias. E depois surgiu o Bloco de Esquerda e então aderi ao Bloco de Esquerda. Eu quando aderi politicamente, a primeira vez que fiz mesmo uma adesão, foi ao Bloco de Esquerda, até hoje. E aí é que fazia alguma, muita intervenção, ao nível local fazia muita coisa.*»

O ativismo começa a ser uma constante na sua vida, especificamente através da participação em organizações de defesa do ambiente, o seu ativismo ambiental revela-se como um elemento principal da sua estrutura identitária.

Não passa muito tempo até assumir cargos de liderança na ONGA atual, nomeadamente em Castelo Branco, tendo inclusive assumido a gestão de uma propriedade rural pertença desta ONGA.

Voltou, entretanto, a mudar a sua residência para Coimbra, participando de forma muito ativa na delegação da ONGA desta cidade, na qual desempenhou um cargo de chefia, tendo em seguida passado para a direção nacional da ONGA. Foi aqui que começou a tomar conhecimento dos problemas internos relacionados com a gestão da ONGA ao nível central. Em seguida mudou-se para Aveiro, assumindo novamente um cargo de direção da delegação da ONGA desta cidade.

A frequência com que assume cargos de direção resulta das participações anteriores e das recompensas adquiridas ao longo da sua experiência de participação. Fazia já parte de uma sólida rede de interconhecimento com outros ativistas, que lhe permitia ver reconhecidas pelos pares as suas competências no âmbito do associativismo ambiental, o que se traduziu na facilidade com que era indicado para assumir o desempenho deste tipo de papéis.

«(…) *ou seja, quando eu vim para Aveiro, eu já conhecia aqui a malta e eles já queriam alguém para ser presidente do núcleo, pronto, e porque estas coisas depois*

ocupam muito tempo, e quem é o gajo que tem tempo, quem é o desempregado?, era eu, pronto, então: 'O João Pedro é o presidente.' Entrevistas, preparar coisas, atividades, mas aqui o núcleo de Aveiro tinha muita atividade e continuou, o núcleo de Aveiro continuou sempre com muita atividade.»

Foi já em Aveiro que teve lugar um dos momentos que melhor traduzem a existência de uma disposição para o protesto, neste caso, o ambientalista, e as respetivas emoções, como são a indignação e a raiva, que, na verdade, dão corpo e substância à identidade de ativista ambiental de João Pedro.

Tratou-se de uma ação de protesto, na qual bloqueou o avanço de máquinas de terraplanagem, numa obra de construção civil promovida pela autarquia, tendo sido detido pela polícia, mas valendo-lhe a desejável cobertura mediática.

No entanto, esta ação de protesto deu também lugar a um desajustamento de papéis sociais, em particular, entre o papel social de ativista ambiental, no qual se correm riscos pessoais para protestar, e o papel social de dirigente de uma ONGA, cuja integridade institucional importa preservar, de forma a não comprometer as restantes atividades e o seu papel perante a sociedade.

«*Até que eu depois saí, eu demiti-me aqui por causa de umas injustiças e uns negócios aqui com o Ribau Esteves. Imagina, andei a fazer frente ao Ribau Esteves. Eu meti-me à frente de máquinas, aqui, no parque de ciência. Eu fui detido pela GNR, notícias e tal, mas aquilo é a minha especialidade. E demiti-me, eu disse: "Eh, pá!, eu ver estas coisas e depois ir reunir com o presidente…" – porque isto envolvia as câmaras todas. Eu disse: "Como é que um presidente do núcleo, como é que eu consigo ir reunir com o presidente da Câmara de (…) não achar que o gajo é completamente corrupto e anormal? Não sou capaz, não sou capaz. Eles estão todos metidos naquela negociata, pá, eu não sou capaz, não... Eu depois nas reuniões passo-me dos carretos." Pá, não tenho aquele, sabes?, aquela política, de falar, sabes?, o doutor… E isto, não, eu passo-me logo. Eu digo: "Ah… isso é mentira, desculpe!" [risos] "Desculpe, mas o senhor é um mentiroso" – eu sou logo assim. E então eu disse: "Eu não… vou-me demitir, até para ser notícia de jornal" – porque depois aqui, os jornais aqui abafavam tudo. Então eu disse: "Vou-me demitir que é para os jornais virem perguntar porquê" – perguntam o caraças! (…)*»

É na sequência do já referido conflito de papéis que João Pedro decide abandonar a posição de dirigente na ONGA, revelando-se aqui a força da disposição para o ativismo e para o protesto, que levou à sobreposição do papel de ativista ambiental.

Passado pouco tempo, volta a assumir um cargo de relevância na direção nacional. No entanto, após alguns anos, entrou em rutura com quem ocupava a presidência, na

sequência de conflitos e dissidências internas que ainda hoje marcam profundamente esta ONGA.

É curioso notar a forma como João Pedro interpreta o início da sua carreira de ativista ambiental, tanto nesta ONGA como nas outras organizações em que participou, dizendo que, em grande medida, foi a admiração pelas ações do Greenpeace e o que estas representavam para si que o levaram a envolver-se coletivamente na defesa do ambiente. No fundo, para si, as ações espetaculares do Greenpeace representavam o ideal do verdadeiro ativismo ambiental.

«*Ora bem, é daquelas coisas que, pensando bem, eu fui para lá por causa daquele romantismo do Greenpeace, sabes? Aquela coisa de se pôr à frente das baleias, à frente dos barcos e proteger aquilo. Era um bocado a ideia da justiça ambiental, era um bocado isso que me movia.*»

Em certo sentido, identifica uma missão e um dever com o ambiente, defendendo-o desta forma. Por outro lado, as atividades de protesto em que participa surgem sobre duas categorias distintas de emoções: uma mais racional e reflexiva, ligada às atividades de protesto organizadas pela ONGA, e outra, em que o envolvimento no protesto surgia por impulso e sem pensar nas possíveis consequências. Em síntese, consoante o contexto, são possíveis duas lógicas de ação: a ação planificada e reflexiva ou a ação não planificada e não calculada.

«*Eu sentia que estava numa missão, numa missão, exatamente, é uma missão, sempre que eu participei era uma missão. Agora havia missões organizadas, e havia aqueles nervos da missão organizada e havia aquelas missões que tu vês a coisa e tu dizes: "Não, eu vou, eu vou, pá, vou!" – E tu fazes as coisas quase sem pensar. Tu pensas: "Eh, pá!!, agora vou fazer isto." – Mas não pensas bem nas consequências, tu fazes, pronto.*»

Não obstante, em ambas as situações o sentimento é sempre de missão e fica à vista que os protestos de ação direta envolvem certas categorias de emoções que levam a que surja à superfície o papel de ativista ambiental, a identidade de João Pedro.

«*A ideia é, vais na missão, pronto. Isso foi a primeira vez que eu tive assim uma coisa de, sabes, de confrontar a ordem estabelecida, sabendo que estavam lá outras pessoas.*»

«*(…) quando foi aqui da construção das barragens, uma malta que se acorrentou, assim com umas correntes e tal, eu também estava lá, pronto. Mas isso já foi tudo organizado, a gente sabia o que é que tinha a dizer, que aparecemos lá sem ninguém se conhecer: "Estava a passar por ali." – sabes? Esse foi muito bem organizado*.»

São, na verdade, as situações que acabam por envolver *choques morais* que se constituem como verdadeiros motores do envolvimento de João Pedro no protesto, sem

esquecer a influência das disposições ligadas ao gosto da natureza, à defesa do ambiente e, claro, ao ativismo, que, em conjunto, acabam por ser preponderantes para a ação.

«*O que leva a agir assim é o perigo iminente de destruição das coisas. Há ali um perigo e sabemos que, se não fizermos nada, aquilo vai embora. Tens que fazer alguma coisa. E eu faço, e quando é assim eu faço. Porque eu tenho a convicção que aquilo vai acontecer e vai destruir.*»

Para concluir este ponto, refira-se que as participações nas diversas atividades da ONGA são realizadas sempre de forma voluntária, o que lhe dá uma grande satisfação pessoal, e o leva a manifestar alguma incompreensão relativamente a quem não o faz.

A atividade profissional

O início da atividade profissional de João Pedro deu-se logo após ter terminado o ensino superior. Tentou iniciar uma atividade agrícola, tendo chegado a submeter um projeto como jovem agricultor, no entanto, este objetivo não se concretizou. Optou por trabalhar numa associação de promoção de agricultura biológica, da qual foi membro fundador, acabando por exercer funções em Lisboa. Apesar desta associação não conseguir pagar-lhe um salário de forma regular, manteve-se em funções durante algum tempo e viu a associação a crescer. Todavia, a situação não era do seu agrado, em grande medida pela falta de autonomia para a implementação de projetos, tendo optado por abandonar esta associação.

Em seguida, através do apoio da tia, entra para o ensino como professor de Biologia numa escola de Lisboa. João Pedro considera esta experiência profissional como bastante positiva, classificando-a como uma «*experiência laboral a sério*».

Apesar de nunca ter passado pela experiência de desemprego, é, segundo palavras suas, desempregado por opção, classificando-se com agricultor desempregado.

Esta situação relativamente à atividade profissional nasce de um conflito motivado por divergências relacionadas com verbas de apoio à agricultura, que o opôs, enquanto gestor de uma propriedade rural pertencente à atual ONGA, à organização estatal que tutelava o setor agrícola.

Neste conflito, João Pedro manteve-se firme nas suas convicções, assumindo uma posição de confronto direto e de protesto, levando a cabo ações de protesto diretas, junto de entidades oficiais nacionais e internacionais, contando com a cobertura de órgãos de comunicação social.

«*Com quem eu havia de me meter, com o Ministério da Agricultura, pronto. Isto foi em noventa e nove, em dois mil volta lá a ir inspeções, eu chamei lá técnicos, eu fiz*

relatórios, aquilo foi de tal maneira, fiz greve de fome, apareci nos noticiários, eu fiz tudo e mais alguma coisa (…)»

«*Pronto, fui para o desemprego, fechei o estaminé, tudo o que eu tinha no meu nome passei tudo para nome da ONGA, o trator, o jipe, tudo o que eu tinha adquirido, tudo, fiquei sem nada, bens, zero. Não me podem levar nada, pronto. A minha guerra foi essa, entrei no desemprego.*»

Apesar desta situação em concreto dizer respeito à atividade como agricultor, e não estar diretamente ligada a questões relacionadas com ameaças ao ambiente, a sua disposição para o protesto e para o ativismo leva-o a optar pelo confronto e pela não resignação perante os poderes institucionais dominantes.

Este conflito acaba por seguir para tribunal e, passado algum tempo, depois de ter vencido uma das causas, João Pedro desiste. É igualmente bastante crítico relativamente ao processo judicial, opondo-se a todo o sistema judicial e à própria juíza, quando sente que a magistrada em questão se impõe de forma arbitrária, o que vai ao encontro, mais uma vez, da sua resistência aos poderes dominantes.

«*(…) lá fomos para o Administrativo. No Administrativo apanhei uma juíza, aquilo só visto, só filmado. A juíza era pior, tinha mais preconceitos e atacava mais que o advogado do IFADAP. Aquilo é um sistema completamente ao contrário, está tudo corrompido, era uma gaja preconceituosa como eu nunca vi.*»

A dada altura João Pedro decide deixar de lutar e não recorre de uma decisão judicial desfavorável. É então que se dedica a ser o cuidador da sua companheira, que sofria de uma doença degenerativa grave. Este período da sua vida como cuidador informal dura cerca de oito anos, até à morte da companheira. João Pedro, evidenciado um ar nostálgico, assume na entrevista que toda esta situação, apesar de muito difícil, lhe abriu novos horizontes em termos pessoais.

Atualmente e apesar de desempregado, desenvolve trabalhos agrícolas de forma sempre independente, autónoma e informal.

O pensamento verde, os valores e as crenças

João Pedro rejeita qualquer crença religiosa, tanto pelo significado negativo que as atividades religiosas tiveram na sua infância como por acreditar em absoluto na explicação científica de todos os fenómenos naturais.

Quando lhe foi perguntado que qualidades reconhecia em si, mencionou de imediato a resistência, comparando-se mesmo a um «*corredor de fundo*». Referiu também que é solidário com os outros e preocupado com tudo o que o rodeia.

Por outro lado, e relativamente à forma como os outros o veem, reconhece que as opiniões foram variando ao longo do tempo, associando este facto à evolução da consciência ambiental daqueles que o rodeiam e se relacionam consigo.

«*(…) já passei por fundamentalista. Já passei por gajo muito esquisito. E agora já sou um gajo que toda a gente já olha com outros olhos e diz: "Este gajo se calhar tinha razão." Agora já ninguém diz que eu sou fundamentalista.*»

Destacou também que o desperdício o preocupa, tanto no consumo de bens como na alimentação, admitindo uma certa obsessão que acaba por de alguma forma prejudicar-lhe a saúde, em particular pelo hábito de consumir alimentos fora de validade.

«*Não posso comer tanto, não posso. E custa-me, o desperdício alimentar custa-me. Coisas fora do prazo de validade, eu não deito fora, eu como. Aquilo já não tem qualidade alimentar muitas vezes, mas custa-me o desperdício, isso realmente não é bom, é uma mania, digamos*.»

Esta preocupação com o desperdício não deixa de estar alinhada com suas preocupações ambientais. No fundo, é a manifestação de uma coerência entre a ação individual e as suas crenças, uma coerência que é posta em causa quando a saúde se torna a preocupação principal. Nesta referência ao consumo podemos identificar em João Pedro uma disposição minimalista.

Para si, a defesa ambiente é indissociável de todas as dimensões do quotidiano, sendo um elemento estrutural na constituição da sua identidade, tanto no aspeto normativo como relativo aos valores, e é-lhe impossível separar-se dele seja qual for o papel social e o contexto social do momento.

«*E o ambiente, a defesa do ambiente para mim isso está colado à pele, já não consigo livrar-me disso, isso para mim é muito importante*.»

Os valores mais importantes para si são a solidariedade, a amizade e a justiça. Relativamente aos valores verdes, é perentório a afirmar que estão sempre presentes no quotidiano. Assim, nas interações, acabou por construir uma rede de contactos em seu redor que, de uma forma duradoura, assegura uma partilha de conhecimentos, ideias e ações, que levam a que a sua atividade profissional seja permanentemente orientada, inclusive em termos normativos, por esta categoria de valores.

«*Isso para mim é quase o meu dia a dia, porque, entretanto, criei uma rede de contactos e isso vem ter comigo, vem ter comigo, mesmo que eu esteja longe, vem um telefonema: "Olha, é por causa disto, ou de outra…" Ou, por exemplo, agora quando é a época dos fogos, ando sempre em stress, por causa dos fogos. Porque conheço muitos projetos e há terrenos onde já estive a fazer, a ajudar e estou sempre com medo que aquilo vá arder. Eu faço também a gestão aqui de uns terrenozitos que normalmente estão mais ou menos protegidos, estão perto de zonas urbanas, mas, mesmo assim, o*

tipo de gestão que eu faço, aquilo pode arder. Porque eu não tiro tudo, a malta tem a mania de fazer desertos e eu não.»

Desta forma, aquando da realização destas atividades, que se constituem como mais um desempenho de um papel social, que se constitui quando realiza a prestação de serviços florestais, mais precisamente na limpeza de terreno no âmbito da defesa da floresta contra incêndios, por imprimir neste desempenho um traço identitário e disposicional muito forte, ou seja, a permanente preocupação como a natureza e o ambiente, sem esquecer a presença da solidariedade com terceiros. É um pensamento verde marcado pelos valores de *insubstituibilidade* e *sustentabilidade,* e claro a solidariedade.

«*Eu deixo árvores e arbustos, porque se arder, arde mais devagar. (…) Se tiver vegetação, arde, mas arde devagar, dá tempo de chegarem os bombeiros, dá tempo de as pessoas atuarem, é muito diferente, é isso que eu faço. Mas isto tem a ver com esta minha preocupação do ambiente, não estar a fazer desertos e as coisas que eu faço, eu faço porque me apetece. Eu não tenho necessidade nenhuma de andar aí a fazer este tipo de trabalhos, que pagam-me um ou outro, mas o que pagam é o que toda a gente diz: "Eh, pá, tu com esses preços, tu… toda a gente queria que tu fosses lá." Mas não é, eu faço porque gosto e porque as pessoas também precisam, ao fim e ao cabo. Mas é tudo na base da conservação da natureza, por isso para mim é o dia a dia.*»

No campo da cidadania política, refere que sempre votou, tendo votado já em todas as forças políticas. Admite ainda assim que, quando vota, o faz sempre de forma estratégica, ou seja, pragmaticamente, recusando, no seu caso, o voto de *fação*.

Entre os valores a que dá mais atenção na sociedade, destaca a liberdade de expressão, o combate ao desperdício e ao consumo excessivo dos recursos, bem como a falta de sensibilidade relativamente à destruição dos recursos naturais, e, por último, a tolerância. Sempre que tem conhecimento de situações que ponham em causa estes valores, manifesta logo indignação.

Acredita que o equilíbrio entre a atividade humana e a natureza é a única solução para a crise ambiental e valoriza bastante a vida rural. À escala global, considera que, apesar de já existir uma sensibilidade ambiental bastante desenvolvida, ainda há um longo caminho a percorrer, sem esquecer a intolerância e a forma como são tratadas as comunidades indígenas, o que o deixa também indignado e com um sentimento de vergonha alheia.

Quanto aos problemas ambientais e ecológicos em relação aos quais considera ser mais urgente a ação, destaca os ligados à agricultura, às florestas e o consumismo.

«*As áreas mais importantes para mim são: agricultura e florestas, é a questão do consumo, consumo de matérias, plásticos e tudo, madeiras, tudo, consumo de matérias.*

Depois especificamente acho que era a questão da agricultura biológica, pronto, mesmo um foco grande na parte da agricultura biológica, porque isso já liga à saúde das pessoas, à saúde do planeta e acho que acaba por ser uma coisa básica. Pronto, temos a agricultura e florestas, por causa da poluição e da desflorestação e dessas coisas todas.»

Permanece crente na solução da crise ambiental, mas acredita que tal só acontecerá quando a sociedade for confrontada com a sua própria destruição e a do planeta, e responsabiliza por isso o desenvolvimento económico. Acredita que para ter lugar uma verdadeira mudança social no sentido de um maior equilíbrio, deviam ser introduzidas mudanças nos sistemas judiciais, educativos e de saúde.

No momento da entrevista em que são pedidos comentários às imagens, quando confrontado com a primeira imagem relativa à mortandade de aves devido à apanha mecanizada de azeitona, refere que a situação revela estupidez e que a solução é mesmo proibir. Já quanto à segunda imagem, a da cimeira sobre o clima com um grupo de ativistas em protesto, o que lhe vem ao pensamento é o cinismo. Na sua opinião, deverá haver uma continuidade e incremento das ações de protesto. No mesmo sentido, na terceira imagem, relativa à seca, exprime irritação pela responsabilidade que todos têm relativamente ao aquecimento global, inclusive os ambientalistas. Já quando analisa a foto a imagem quatro, a da mina de lítio a céu aberto, destaca a mentira, as «negociatas» e a ganância, as quais invariavelmente o conduzem à indignação.

Em presença da imagem cinco, a de um protesto contra a central nuclear, revela satisfação por estar perante uma ação coletiva de protesto, em relação a uma situação que conhece, além de referir que é manifestamente contra a energia nuclear. Em relação à última imagem, a do lince abatido por caçadores, expressa uma assinalável incompreensão relativamente à atividade da caça, classificando-a como de uma estupidez, ao mesmo tempo que se mostra visivelmente indignado.

No seu quotidiano, procura consumir sempre produtos biológicos, referindo, todavia, que o preço é uma condicionante. No entanto, procura estabelecer um equilíbrio entre o custo e o impacto ambiental relativamente a produtos que tenha de adquirir. Em relação aos consumos energéticos, há uma preocupação de reduzir ao máximo e optar sempre por energias renováveis. De uma forma geral, existe coerência entre aquilo que defende e o seu estilo de vida, o que, tal como referido, demonstra uma disposição claramente minimalista.

Interações e sociabilidade

Tal como mencionado, João Pedro foi construindo uma rede de interconhecimento com aqueles que também defendem os valores verdes, as preocupações ambientais. Quanto ao relacionamento com os outros participantes na ONGA, classifica-o como de companheirismo, um companheirismo que muitas vezes se manifesta em situações que vão para além de questões relacionadas com a ONGA.

Já na dimensão familiar, admite que, como ambientalista que é, acaba por influenciar os familiares que vivem em seu redor. Por outro lado, é igualmente confrontado relativamente ao facto de entregar muito do seu tempo à ONGA, em prejuízo do convívio familiar.

No seio familiar e apesar de os familiares serem bastante mais moderados na defesa do ambiente, não existem divergências, bem como no seu círculo de amigos. Ainda assim, considera que quem convive consigo acaba sempre por ser de alguma forma influenciado. Todavia, o seu círculo de amigos não pode ser considerado como constituído em exclusivo por ambientalistas, apesar de muitos adotarem, de uma forma geral, comportamentos ambientalmente responsáveis.

«*O meu círculo de amigos, eu noto que há alguma influência do convívio comigo, e têm algumas preocupações. Mas não tenho a preocupação de ver se eles fazem isto, se fazem aquilo. Tenho amigos de todos os géneros. Há uns mais preocupados, outros menos preocupados. O que eu noto é que às vezes há pessoas preocupadas com a reciclagem, mas já não são preocupadas com a alimentação biológica, outras é a alimentação biológica, podem já não ser preocupados com a questão da reciclagem e da gestão dos lixos, há gente para tudo, conheço muita gente*.»

Como deve ser um ativista ambiental

Para João Pedro, um ativista ambiental deverá ser persistente no protesto, tem de ser inconveniente e um permanente incómodo para os responsáveis pelos danos ambientais e também para aqueles que têm o poder de decidir e implementar políticas.

«*Um ativista ambiental tem der ser um gajo chato, porque a sociedade em si, da maneira como está organizada, é antiambiental, pronto*.»

Para além de se perceber como é que João Pedro classifica a sociedade, para ele a ação de um ativista ambiental deverá posicionar-se sempre num estado de oposição ao estado atual de coisas, contra o conformismo e a um certo *establishment* da sociedade. Com esta forma de agir, as razões que motivam o protesto ganham visibilidade e suscitam discussão e debate, ainda que isso signifique ou implique

constrangimentos causadores de reações negativas ou alguma incompreensão, por parte dos outros setores da sociedade em relação aos ambientalistas que protestam.

«*Como é que hei de dizer, as pessoas são contra ti, dizem: "Tu és um chato, estás a ser chato, pronto." Mas tu estás a mostrar às pessoas que assim é que devia ser* (…)»

Esta forma de protesto implica risco pessoal e, com alguma cautela, podemos considerar que João Pedro é um adepto do ativismo de alto risco, o mesmo ativismo que sempre admirou nas ações do Greenpeace.

João Pedro distingue duas formas de ativismo ambiental. A primeira diz respeito a um ativismo cujas ações são mais localizadas e próximas, em que o objetivo é influenciar os contextos sociais mais próximos. A segunda centra-se no que é considerado de baixo risco, que implica a participação em abaixo-assinados, envio de cartas e emails, questionamento de instituições e organizações e participação em boicotes, por exemplo, no consumo individual, muito embora reconheça que esta forma de ativismo, por vezes, não seja a mais eficaz.

«(…) *depois há o ativismo mais localizado, que é aquelas pessoas que tu consegues influenciar mais, são as pessoas que estão perto de ti, mas depois também há aquele ativismo, que é mais à distância, que é tentar influenciar governantes, empresas e esse ativismo ambiental também acho que é importante e hoje em dia está na nossa mão.*»

Concluindo

O conjunto de dados obtidos através da entrevista a João Pedro permitiu construir um *retrato sociológico* de um ativista ambiental que na sua biografia conta com um currículo assinalável. Assim, no essencial, destacamos os seguintes pontos:

1. Os trabalhos escolares eram sempre realizados sob coação e havia imposição familiar relativamente às atividades religiosas, o que resultou em situações de claro conflito e choque. Durante a socialização primária, João Pedro desenvolveu uma tendência para resistir a tudo o que lhe era imposto, o que deu início a uma disposição para o protesto e também, no caso dos estudos, a um fraco ascetismo escolar.

2. As ruturas inscritas na sua biografia como, por exemplo, a mudança de perceção da sua posição social relativamente a outras crianças, com a reconfiguração de todo um conjunto de representações relativamente à realidade social envolvente, como: a Revolução do 25 de Abril, da qual resultaram transformações da realidade, em termos de representações e significados, em especial a perceção do controlo social que era exercido pelo Estado, que punha em causa as liberdades coletivas e individuais, e a mudança no significado da Guerra do Ultramar e das narrativas que até então estavam presentes na educação escolar.

Estes são elementos que, tendo a capacidade de transformar a sua realidade social, acabam por levar a modificações em termos cognitivos da sua hierarquia de valores, levando-o a pôr a liberdade em lugar cimeiro. As ruturas produzem igualmente transformações no campo institucional, conduzindo facilmente à desconfiança relativamente à tradição e aos poderes institucionais. Este é na verdade um exemplo do confronto entre as instituições tradicionais e os efeitos de uma "modernidade reflexiva" no indivíduo explicados através do conceito de "modernização reflexiva" desenvolvido por Beck, Giddens e Lash (2000: 13, 19, 28) e que leva João Pedro a identificar-se com os partidos políticos de esquerda, a rejeitar a religião e a envolver-se ativamente no associativismo ambiental.

3. A interiorização de uma certa ordem de valores inculcados culturalmente. Aqui destacam-se os valores da defesa dos mais fracos, da revolta contra os mais poderosos, em busca de justiça e da defesa da natureza, presentes nas narrativas dos heróis de banda desenhada juvenil e conjuntamente nas atividades espetaculares de protesto do Greenpeace. Estes são elementos que possuíam um forte poder de o influenciar culturalmente, considerando o que representavam para si em termos simbólicos. É também a partir da dimensão cultural que resulta um reforço da disposição ecologista e ainda da disposição para o protesto.

4. Estamos perante uma longa carreira de ativismo ambiental que conta com longa uma experiência de participação em ONGA, na qual se incluem experiências como: envolvimento como membro fundador e como dirigente; ativista de alto risco, como é o caso da participação em ações de desobediência civil; participação em ações divulgação científica, como tal, mais institucionais. Daqui resulta o peso que a biografia tem no ativismo, tanto pela travessia dos diversos momentos socializadores como pela vivência de múltiplas situações passadas, que reforçam a identidade pessoal como ativista.

5. Existe uma forte identificação ao nível pessoal com o papel de ativista ambiental, o que leva a uma continuidade na participação em ONGA. Estamos perante uma identidade de ativista que resulta, em grande medida, do desempenho do papel social de ativista ambiental. No mesmo sentido, a disposição ecologista é de tal forma forte que o desempenho deste papel social é concorrente com outros desempenhos no contexto profissional ou até mesmo familiar.

6. No campo do pensamento verde, existe uma coerência entre aquilo que defende na esfera pública e o que pratica na esfera privada. Há um posicionamento claramente mais centrado no *ecologismo* do que no *ambientalismo*, a par dos valores de *insubstituibilidade*, *sustentabilidade e autenticidade.* Considera o desenvolvimento económico responsável pela degradação ambiental e ecológica. Tem a crença de que

uma solução para a crise ecológica só será possível através do equilíbrio entre a atividade humana e a natureza. Há um claro alinhamento com os princípios verdes, como é o caso da justiça ambiental, a tolerância, a solidariedade e a defesa das comunidades indígenas. Em relação à solução da crise ambiental apresenta uma visão que se aproxima do chamado “catastrofismo emancipatório” (Beck, 2017: 147), em que, só perante o colapso, a sociedade mudará no sentido da resolução desta crise, que é global.

13. Discussão dos retratos sociológicos: biografias, disposições, emoções e papéis sociais

Em primeiro lugar, procuramos neste capítulo dar nota da confirmação ou não das hipóteses por nós avançadas, através de uma síntese dos vários dados empíricos disponíveis nos quatro retratos sociológicos apresentados. Em segundo, uma vez que não seria possível deixar de o fazer, sob pena de deixar de fora elementos da realidade que importa conhecer e compreender, pretendemos analisar e relacionar outros elementos que, apesar de não contribuírem diretamente para a verificação das hipóteses teoricamente construídas, contribuem para o acesso à subjetividade do ativista ambiental, permitindo assim alargar o nosso conhecimento sobre o resultado deixado pelo social ao nível individual.

Importa deixar bem claro desde já que o conjunto de conclusões que retiramos de cada um dos ativistas ambientais retratados sociologicamente não teve e não tem o propósito, ainda que tentador, de definir um ou vários tipos ideais de ativistas ambientais.

Na verdade, se esse fosse o objetivo ficaria logo à partida seriamente comprometido, uma vez que o que se pretende é perceber o que leva um indivíduo a participar de forma ativa na ação coletiva pela defesa do ambiente, com recurso ao conceito da pluralidade individual, tanto ao nível das biografias como no aspeto disposicional. O foco será, portanto, sobre a diversidade das experiências individuais e do desempenho dos papéis, em resultado das diferentes experiências relatadas em cada caso. Ora, propriedades como a heterogeneidade, a multiplicidades de experiências individuais e a individualidade não convivem bem com a definição de tipos ideais ou outro género de construções abstratas.

Queremos deste modo afastar a possibilidade de se poder considerar esta análise como uma tentativa, de vir a definir um eventual *tipo ideal,* no sentido *weberiano* do termo, de ativista ambiental. Ou seja, afastamos qualquer intenção de construção de um tipo puro de ativista ambiental, com o recurso a conceitos ou formulações teóricas mais ou menos enquadradas naquilo que, com o recurso às teorias e aos dados empíricos, podíamos estabelecer como um modelo, ou naquilo que o próprio Weber chamou de “tipo puro construído conceptualmente” (Weber, 2010: 7), que não existe no real mas que em todo caso e noutro tipo de análise encerra um valor analítico inestimável para compreender essa mesma realidade.

Assim, o que aqui trazemos à discussão é a forma como o social se manifesta e manifestou em cada ator individual (Lahire, 2001; 2005), ou seja, aquilo que Bernard Lahire designou “de produção do indivíduo moral e ideológico como um ser isolado,

coerente, autónomo, singular, fundamentalmente fechado sobre si mesmo antes de qualquer contacto com outrem, dispondo de uma interioridade e de um eu autêntico" (2005: 30). Esta é, na verdade, a essência da discussão que iremos agora desenvolver.

13.1. A validação das hipóteses

Como consta no capítulo doze, as hipóteses que sujeitamos à verificação dos dados empíricos, que dizem respeito a cada um dos quatros retratos sociológicos aqui apresentados, pretendem no essencial comprovar que a relação entre conceitos que propusemos.

Referimos também que, no final de cada retrato sociológico, mais precisamente na síntese final, procuramos assinalar os pontos que mais se destacaram em cada um dos casos, pontos estes em que os conceitos e as respetivas relações encontram o tão aguardado suporte empírico, em especial através da verificação em cada um dos retratos sociais das hipóteses que previamente apresentámos.

É assim chegado o momento de percebermos o que estes quatro retratos sociológicos em conjunto nos podem dar a conhecer relativamente ao nosso quadro de hipóteses. Reforçamos novamente que não há aqui qualquer intenção de chegar a generalizações que certamente nos fariam cair em "generalizações indevidas" (Lahire, 2001: 268) de uma realidade social tão específica como são as práticas de um ativista ambiental. O que procuramos é apresentar em seguida os elementos que nos possibilitem dar resposta à nossa questão de partida, que sempre orientou o nosso objetivo. Este visou a análise de um ator individual e da sua subjetividade, através da sua própria narrativa acerca das múltiplas experiências, emoções, perceções e significados sobre a realidade social em que se moveu e move.

13.1.1. A relevância das biografias e das experiências passadas no ativismo

O uso do termo biografias no plural, no título deste ponto, tem um duplo sentido, que se prende com o facto de identificarmos duas ordens distintas de biografia. Apesar de estarem ligadas, pois pertencem ao mesmo trajeto de vida, e terem como propriedade comum a heterogeneidade de experiências, é possível distingui-las analiticamente.

Por um lado, temos a que vamos designar de biografia individual, como a que se processa quase a partir do nascimento do indivíduo e encerra todas as principais instâncias socializadoras de referência, que, como já referido, remetem para os contextos familiar, escolar, universitário, entre outros. Por outro, surge a que designamos de biografia para o ativismo, que se desenvolve a partir das múltiplas

experiências individuais na ação coletiva, como o associativismo académico, a participação em movimentos de âmbito juvenil ou religioso, movimentos políticos e partidários, proto-organizações ambientalistas e, por fim, ONGA.

Assim, para perceber como o *ativismo ambiental surge a partir de um determinado conjunto de disposições previamente interiorizadas, através dos múltiplos momentos e contextos sociais socializantes, ocorridos ao longo do trajeto de vida do ator individual*, começamos para já pela discussão do papel da biografia individual em cada um dos casos.

Se olharmos de uma forma objetiva para a infância de cada um dos quatro retratados, facilmente percebemos que são de facto muito distintas. Seja pela diferença e pela ocorrência ou não de episódios de "rutura biográfica" (Lahire, 2001: 64), mais ou menos impactantes ou traumatizantes, pelas diferentes origens sociais tanto no aspeto material como familiar e até mesmo temporal, e também pela diferença etária existente entre os quatro participantes. Observamos, portanto, uma evidente heterogeneidade em relação ao início do percurso de vida dos quatro entrevistados, mas igualmente relativamente aos respetivos trajetos.

Há, no entanto, um ponto comum que se destaca e, em bom rigor, está de acordo com a realidade das ONGA em Portugal, demonstrada através dos dados que apresentámos no capítulo um deste trabalho e em linha com outras análises, como por exemplo a de Lima e Schmidt a propósito da fraca adesão dos portugueses à militância no associativismo ambiental, onde referem que "é sobretudo no setor universitário e de *status* elevado que se encontra a maior minoria ativa" (Lima & Schmidt, 1996: 217). De facto, os quatro participantes têm todos habilitações escolares ao nível do ensino superior e em áreas de conhecimento relacionadas com a natureza e o ambiente, sabendo nós que a frequência universitária é igualmente uma instância socializadora com muita relevância em termos de crenças e valores.

Se nos centrarmos logo no período que corresponde à *socialização primária,* podemos identificar, em dois dos participantes, eventos que se constituem como verdadeiras *ruturas biográficas.* Em resultado das transformações que provocaram, têm a capacidade de, em termos de disposições, levar o ator individual a adotar formas de sentir e pensar a realidade que acabaram por marcar todo o seu trajeto de vida. São disso exemplo a perda do pai ainda em criança, no caso de Nuno, ou a mudança de um contexto socioespacial para outro completamente diferente, como foi o retorno de Moçambique para Portugal, no caso de Mariana. Note-se que, apesar de ambas as ruturas biográficas serem claramente distintas, os eventos que as constituem acabaram por de alguma forma se traduzir na mudança de contextos com níveis de constrangimento social bastante diferentes. Nuno passou a ser uma criança muito

fechada e sujeita a um elevado e constante controlo social, através da educação muito conservadora transmitida pela mãe. Já Mariana viu-se transportada para o contexto sociocultural primeiramente de Guimarães e depois de Braga, ainda antes do 25 de Abril. Aqui a religião era um elemento constante da educação dos mais jovens, numa sociedade caracterizada pelo controlo social exercido tanto por outros como pelo Estado, nomeadamente nos hábitos e costumes, com um quotidiano manifestamente mais confinado no espaço, em especial o da habitação. Estamos, portanto, perante situações que suscitaram muito cedo disposições viradas para a indignação e a revolta, em virtude da frequente luta pela emancipação e de uma vontade de adquirir autonomia relativamente ao contexto familiar, o mais cedo possível, o que no caso de Nuno foi claramente reprimido até à entrada no ensino superior.

Por outro lado e de forma diferente, o início do percurso de vida, em termos da socialização primária de Elisabete, foi marcado pelo papel socializador dos avós paternos e pela presença constante da religião também por influência da avó paterna. Tratou-se de um início de percurso de vida bastante tranquilo, em que se assinala uma realidade quotidiana muito ligada às atividades rurais, à vida do campo, e à colaboração nas atividades ligadas ao trabalho doméstico, em resultado do muito tempo passado com os avós. Este facto levou a que Elisabete desenvolvesse um gosto especial pela natureza e, em simultâneo, o início de uma disposição ascética para o trabalho doméstico e também uma disposição ascética escolar, muito provavelmente devido ao apoio do pai nos trabalhos escolares. Este facto acabou por se refletir num percurso escolar e universitário sem interrupções, mas igualmente numa forte apetência e gosto pelo trabalho de campo ligado à conservação, no âmbito da ONGA, sem esquecer a continuidade na participação nas atividades religiosas. É pertinente mencionar também a sua participação ainda muito cedo no escutismo religioso, que se traduz num movimento juvenil em que se promovem valores como a solidariedade e o serviço para o bem comum. Ainda cedo, esta participação gera em si uma disposição para a ação coletiva, contribuindo para o reforço da sua apetência pelo mencionado trabalho de campo.

Por fim, temos João Pedro, que apresenta um início de percurso de vida igualmente distinto. Em criança tem as suas vivências num espaço dividido entre uma paisagem rural e outra industrial, por ter crescido numa fábrica de cimento localizada no interior de uma serra. Este dado levou a que cedo interiorizasse que a natureza dever ser considerada um valor e, como tal, preservada. A juntar a este facto, verifica-se o gosto que ainda em criança ganhou pela pequena agricultura e a criação de animais domésticos, desenvolvendo-se assim uma disposição fortemente orientada para a defesa dos animais e da natureza. De destacar que, tal como Mariana, João Pedro se

posicionava no grupo dos mais desafogados em termos de condições materiais de existência, tendo tido a perceção deste facto quando entrou na escola e percebeu que as outras crianças não estavam no mesmo nível em termos materiais. De referir que João Pedro ganhou uma grande apetência pelas brincadeiras nos espaços abertos e, em virtude disso, a liberdade individual passou a ser muito valorizada. Por este facto, desenvolveu uma resistência à realização dos deveres escolares e também às atividades religiosas o que resultou num fraco ascetismo escolar, o que o levou a não conseguir entrar no curso pretendido. Há ainda um elemento na sua biografia pessoal que tem claramente muita relevância no seu ativismo, em especial político, o qual se prende com a rutura que ocorreu em termos das representações e significados, inclusive no campo escolar, que se deveram às transformações sociais que resultaram do 25 de Abril e do fim da Guerra Colonial. João Pedro, ainda criança, viu-se confrontado com uma nova realidade em que a liberdade passou em termos objetivos a ser um valor partilhado pela sociedade.

Ainda relativamente à biografia individual, observou-se a função socializadora muito importante da escola e em especial a que diz respeito ao gosto que os quatro participantes revelaram pelas disciplinas ligadas às ciências naturais, com destaque para a Biologia. Mesmo afastando qualquer intenção da nossa parte de generalizar, leva-nos a constatar que o papel da socialização escolar é muito relevante no sentido de reforço ou até mesmo na interiorização de valores como o da importância da natureza, da ecologia e do ambiente, bem como a necessidade de os proteger e preservar.

Passando agora para a biografia do ativismo, os trajetos dos quatro participantes são igualmente distintos, observando-se que mesmo dentro de cada um deles há uma heterogeneidade bem presente.

Se olharmos para o caso de João Pedro, vemos que o início da carreira de ativismo se deu através de duas vertentes distintas, uma de âmbito político-partidário e outra claramente ambientalista. Estas formas de ativismo começaram ainda jovem, mais precisamente no ensino secundário, como é o caso particular do ativismo ambiental. João Pedro soma, ao longo da vida, diversas participações nos órgãos sociais ou como dirigente em várias associações ambientalistas, tendo sido membro fundador de algumas. Quanto ao ativismo político-partidário, está ainda bem vivo, com a participação a ser levada a cabo em organizações políticas onde o protesto direto sempre esteve bem presente. De notar que João Pedro é um adepto de protestos de ação direta de risco, onde o confronto direto com entidades, instituições e até mesmo as autoridades sempre foram uma realidade. Podemos de facto referir que, dos quatro ativistas ambientais entrevistados, João Pedro é aquele que assume maior risco individual na

sua forma de participar na ação coletiva, através do protesto direto e que daí retira na verdade uma grande gratificação pessoal.

Por outro lado, e a respeito da biografia do ativismo de Mariana, que é distinta da de João Pedro, verificou-se que a sua participação se iniciou no período em que frequentava o ensino superior, o que revela mais uma vez a importância que a universidade representa para o início do associativismo. O percurso do ativismo ambiental de Mariana desenvolveu-se igualmente através do envolvimento em várias organizações de defesa do ambiente, não sem antes ter participado também em ONG de direitos humanos. Esta participação contou com desempenhos distintos que vão desde a simples participação como associada, até ao desempenho de cargos de gestão e direção. O ativismo de Mariana estava ainda muito orientado para o recrutamento de novos membros e para a organização de atividades de formação e sensibilização ambiental, levando a que se identifique como uma organizadora. Mariana retirou igualmente uma gratificação pessoal da sua participação, tanto pelo tipo de emoções que o trabalho voluntário proporciona como pela possibilidade de conhecer novos lugares, assim como pelas competências que ganhou através dos cargos que desempenhou.

Apesar de em termos analíticos procurarmos distinguir a biografia individual da de ativista, observa-se que no caso particular de Elisabete há uma ligação entre ambos os tipos de biografia, que se prende com a sua atividade de escuteira. Apesar de não ser um movimento em que o protesto esteja muito presente é, não obstante, um movimento de jovens e como tal é ação coletiva. Desta forma, em termos biográficos, o escutismo de Elisabete deverá ser tido em conta para o início da sua carreira de ativismo, muito devido ao papel de socialização que essa participação teve para si, em particular a importância do serviço para o bem comum. O seu ativismo ambiental surgiu logo após ter concluído os estudos, apesar de ter tido uma breve participação quando ainda frequentava o ensino secundário. A sua primeira participação numa ONGA como ativista ambiental deu-se na sequência de um estágio, em que acabou por se identificar com a própria identidade coletiva da ONGA, gerando emoções afetivas cuja relevância a levou a ficar permanentemente ligada a esta ONGA. Nesta organização ocupou inclusive lugares nos respetivos corpos sociais, no âmbito das quais reconhece que adquiriu competências de gestão de ONGA. Atualmente, Elisabete desempenha funções remuneradas numa outra ONGA, todavia a sua ligação à ONGA anterior mantém-se, em virtude da já referida identificação e da forte ligação emocional que perdura.

O caso de Nuno é de facto aquele em que uma mudança de contexto social ou, melhor dizendo, uma nova *rutura biográfica,* que para ele teve um significado positivo, marcada pelo facto de longe de casa ter frequentado a universidade, acaba por

reconfigurar a forma como interage socialmente com a realidade. Desta forma, Nuno acabou por se envolver muito ativamente no associativismo académico, levando a que o protesto e o envolvimento direto na ação coletiva direta se tornem uma presença frequente no seu quotidiano, acabando por ser interiorizadas como as formas de agir mais adequadas para defender os interesses de um determinado grupo. É a partir deste momento que surge em Nuno uma disposição para o ativismo e uma disposição para a participação no associativismo. É somente quando se vê inserido num determinado contexto social, com condições particulares, que surgem certos traços disposicionais que o levam a agir de forma diferente da que até ali tinha assumido. Deste modo, para que o ativismo ambiental tivesse lugar, só foi necessário que Nuno, que estava a estudar Engenharia do Ambiente, encontrasse uma organização com a qual se identificasse em termos de valores e forma de agir, para logo se envolver ativamente e começar a participar. Foi o que aconteceu com a ONGA à qual ainda pertence e onde desde cedo ocupa cargos de gestão. Esta participação trouxe-lhe recompensas, seja pela gratificação que sente por realizar serviço voluntário, seja pelas competências pessoais que adquiriu através do desempenho de cargos dentro da ONGA, sem esquecer a sua identificação com a identidade coletiva da ONGA, o que acabou por gerar emoções afetivas que, a par das gratificações referidas, perpetuam o seu ativismo.

Desta forma e perante a análise do papel das quatro biografias, tanto na sua dimensão pessoal como a que está relacionada com o ativismo, em particular o ambiental, estamos em condições de afirmar que efetivamente as disposições, tanto as mais gerais e permanentes, ou seja, as que se manifestam independentemente do contexto, como as que surgem mais por condição, e que ao longo do trajeto de vida vão sendo interiorizadas, acabam por definir e condicionar as diversas "formas de avaliar, pensar e apreciar" a realidade (Lahire, 2001: 70), em particular a que se prende com a crise ecológica e ambiental.

Por isso, entendemos que a biografia do ativismo ambiental[34] ou aquilo a que podemos chamar de uma carreira de ativista ambiental e a biografia individual formam um todo num só indivíduo, indivíduo este que, em resultado das emoções para o ativismo e as do ativismo, da satisfação que obtém da participação que promove a continuidade dessa participação, acaba por adquirir uma identidade de ativista ambiental com a qual se apresenta perante a restante sociedade.

[34] Ver página 34 relativamente às "consequências biográficas do ativismo" de MacAdam.

13.1.2. O papel do contexto e da situação na agência do ativista ambiental

Como se percebe, o objeto desta análise assenta em grande medida na ação, em particular, na ação individual, apesar de, em termos de contexto social, se situar em parte no âmbito das perspetivas centradas na ação coletiva. No fundo, houve o claro objetivo de circunscrever o objeto, por isso a análise está centrada na ação do ativista ambiental que participa numa associação ambientalista.

Já percebemos que à escala da análise individual, a biografia do ativista ambiental tem um papel fundamental, em particular para perceber de que forma o ativismo ambiental está ligado ao passado e em particular às disposições que, por um lado, são resultantes das experiências passadas e, por outro, também são ativadas por experiências no presente, num processo em que as emoções estão igualmente presentes tanto no momento em que a disposição é ativada (como a revolta) ou quando a disposição se manifesta (afeto e satisfação na participação).

Chega então o momento de percebermos de que forma é que a um nível micro, *a ação como ativista ambiental resulta da influência das emoções sobre um conjunto de disposições já interiorizadas, que emergem da experiência pessoal num evento ou num contexto de uma situação, com o potencial de abalar os alicerces dos valores e das crenças de âmbito ambientalista e ecologista*.

A questão da agência do ator individual, de uma prática ou um determinado conjunto de práticas, não pode no nosso entender ser desligada do poder ativador do contexto ou das condições particulares da situação em que o indivíduo se vê inserido. Estamos a falar nomeadamente das designadas “disposições sob condição” (Lahire, 2001: 70; 2004: 26), cuja ativação resulta da influência de contextos sociais específicos. Na verdade, é este tipo de disposições que à escala do indivíduo o levam a agir, sendo também neste caso em particular que as emoções desempenham o seu papel, ao permitirem a ativação da disposição para o protesto, como é o caso da indignação, ou então para ativar a disposição para a participação na ação coletiva, como é o caso da satisfação que se sente a participar. No entanto, não podemos deixar de lado desta análise as outras disposições, as que são mais “permanentes” ou “gerais” (Lahire, 2001: 74, 75) e que muitas vezes surgem simultaneamente com as *disposições sob condição*. De facto, é relevante ter em conta um dado “acontecimento ou contexto desencadeador” (Lahire, 2001: 72), e aqui queremos distinguir, na biografia do ator individual, um acontecimento, como um evento bem situado no tempo e no espaço, de um contexto mais de carácter conjuntural e prolongado no tempo.

Na verdade, o ator individual realiza sempre uma interpretação da realidade de acordo com os valores que previamente interiorizou e que, no âmbito desta nossa

análise, dizem respeito a valores partilhados, como os ambientais, os da natureza ou os ecológicos. Desta forma, entre o indivíduo e a situação surge uma espécie de interação, em que os tipos de valores em causa conduzem a uma interpretação através da emoção, emoção que, por um lado, surge a partir de uma disposição, por exemplo para crer ou para avaliar, e, por outro, ativa uma disposição, neste caso para agir.

Para melhor identificarmos o que mais precisamente obtemos relativamente a esta questão, através da forma como cada um dos entrevistados falou de si, olhemos então para cada um dos retratos em particular.

Relativamente ao percurso de Mariana, podemos identificar determinados contextos em que, por serem contrariados os valores que defende acabam por lhe causar indignação, revolta e até raiva, suscitando uma disposição para o protesto, como foi, por exemplo, o autoritarismo do seu pai e o absentismo que revelava relativamente ao trabalho doméstico, estando desempregado e a mãe a trabalhar: «*E, portanto, ela tinha três empregos, ele não tinha nenhum, e isso revoltava-me. Talvez venha daí o meu lado feminista, não sei.*"

Também podemos observar a manifestação de disposições ascéticas, tanto para o estudo como para o trabalho, o que, por exemplo, acabou por levar a que Mariana se indignasse e sentisse alguns desajustamentos perante várias situações, como, por exemplo: o recurso à fraude por parte dos seus alunos e similarmente dos seus colegas de escola; politicamente identificar-se com os valores de esquerda, em que os apoios aos mais desfavorecidos são a via para a redução das desigualdade sociais, mas no momento de voto escolhe o centro-direita, com uma ideologia mais alinhada com a responsabilização individual e em que a redistribuição da riqueza pelos mais desfavorecidos é em parte vista como um potencial incentivo à preguiça e ao absentismo laboral, tal como referiu.

No campo do ativismo ambiental, não há grandes dúvidas de que é a disposição ascética para o trabalho de Mariana que, em resultado de uma ligação emocional afetiva à ONGA, na qual estão presentes emoções como a solidariedade e a lealdade, a leva a assumir com afinco o cargo de principal dirigente da ONGA, o que se prolongou durante vários anos. De notar que foi a partir da tomada de conhecimento da existência da ONGA e do início da participação que se constituiu o momento de abertura para a já referida disposição ascética para o trabalho, sem esquecermos a posição que o ambiente e a preservação da natureza ocupavam na sua hierarquia individual de valores.

É possível também observar a relação entre disposições, emoções e ação, quando Mariana é confrontada com algumas fotos durante a entrevista. Aqui podemos constatar a forma como o acontecimento influencia a revolta que sente relativamente a uma

situação que claramente vai contra os valores que defende. Mariana descreve a forma como de facto agiria, que varia entre o protesto e a sensibilização, sempre através da ONGA, o que resulta da sua disposição para o ativismo ambiental. A mesma relação pode constatar-se no seu envolvimento numa nova ONGA, o qual surge na sequência de uma condição contextual particular, que se prende com o facto de ter deixado o cargo de direção da ONGA anterior e ficar assim com mais disponibilidade para uma nova participação, que resulta mais uma vez de uma manifestação da sua disposição para o ativismo ambiental. De salientar que a ação desta nova ONGA é no essencial dedicada à formação e sensibilização ambiental, o que está muito próximo da atividade de docência que Mariana sempre desenvolveu, havendo, portanto, uma identificação com a forma de agir desta ONGA. No fundo, o que a leva a agir no sentido de proteger o ambiente é a forma como valoriza este objetivo ou propósito que, como refere, «*é a base de tudo».* Além de se constituir como um valor, é igualmente um imperativo pessoal, é uma disposição para crer muito forte, que se manifesta também na ação por intermédio de emoções afetivas relativamente a tudo o que diz respeito à preservação da natureza e do ambiente. Este tipo de valores começou a ser interiorizado através da socialização primária, por exemplo, quando reciclava papel, e mais tarde através da socialização secundária, através da universidade e da participação em ONGA, onde desenvolveu cada vez mais o gosto pelo ambiente. Por outro lado, o papel da experiência de Mariana, nos diversos contextos sociais onde ocorrem as mais variadas interações com outros atores, leva a que as emoções, que resultam da relação desses valores com a realidade e da relação de Mariana com os diferentes contextos sociais, tenham, portanto, uma génese social.

No caso de João Pedro, podemos facilmente identificar, através da leitura do seu retrato sociológico, o facto de ter sido através da socialização que interiorizou valores como a defesa da natureza, a liberdade individual e conjuntamente a coletiva. Estes valores não ficam dissociados de uma disposição claramente orientada para a autonomia individual e para o minimalismo. Também observamos o desenvolvimento de um fraco ascetismo escolar e uma clara tendência para resistir a todo o género de imposições por parte de poderes dominantes, como a Igreja, e, em algumas situações, dos pais, que contrariassem as suas convicções. Não podemos ainda esquecer a influência da cultura, nomeadamente os hábitos de leitura e a forma como, desde criança, seguiu a atividade de grupos de ativistas ambientais, como é o caso do Greenpeace.

Ora, estes elementos acabam por interagir com a realidade e com o poder do contexto e da situação ou do acontecimento. Por isso, observou-se que, quando João Pedro foi confrontado com um ambiente social como o vivido após o 25 de Abril,

claramente contextual, em que surgiram muitas formações políticas, na sua grande maioria de esquerda, que através do protesto público reivindicavam mudanças sociais, quase de imediato começou a participar de forma muito ativa em partidos políticos de esquerda, distintos das convicções políticas dos pais. O que observamos neste facto é que a identificação de João Pedro com os valores destes partidos políticos, em especial o da liberdade e da solidariedade e de resistência aos poderes dominantes, o levou a envolver-se de forma muito ativa e a estabelecer uma relação entre a sua identidade e a identidade coletiva do partido, com claros investimentos emocionais, o que contribuiu para o reforço de uma disposição para o protesto e a génese de uma disposição para a participação na ação coletiva. Estes tipos de disposições acabam por ser tão fortes que acabam por ser preponderantes para que, ao longo da vida, se envolva em novos partidos políticos com os quais se identifica, com o contributo claramente emocional: «*Gostava muito daquela irreverência das ideias. E depois surgiu o Bloco de Esquerda e então aderi ao Bloco de Esquerda.»*

Por outro lado e no campo do ativismo ambiental, é também bem percetível a relevância do contexto. Aliás, podemos mesmo percebê-lo através do próprio discurso de João Pedro: «*Quando tive a oportunidade de fazer alguma coisa para defender o ambiente, olha, aí fui eu*», no fundo, o que aqui temos mais uma vez é a ativação da disposição para o ativismo e o protesto por intermédio da possibilidade de participar ativamente numa ONGA que partilha os mesmos valores.

Há igualmente outra dimensão desta questão, entre o conjunto de elementos como as crenças, valores, emoções e disposições e o contexto ou, se preferirmos, uma situação com condições muito particulares que acabam por gerar os chamados *choques morais,* que se constituem como verdadeiros ativadores do protesto direto. Pois, além do que temos vindo a referir de uma forma geral, que são contextos mais conjunturais na vida de um indivíduo, existe também a mesma relação entre as crenças, valores, emoções e disposições à escala do acontecimento.

Com efeito, o retrato sociológico de João Pedro é bastante rico em referências quanto ao facto de que um acontecimento muito situado no tempo e no espaço acaba por promover o protesto no âmbito de um ativismo ambiental. Na verdade, um evento com grandes probabilidades de vir a provocar danos ao ambiente e à natureza, que claramente leva João Pedro a sentir emoções como a indignação e a revolta, acaba também por o conduzir a ações de protesto direto, em consequência dos *choques morais*. Estamos, portanto, perante emoções geradas pela interação de João Pedro e o acontecimento propriamente dito, uma interação que se traduz na interpretação da realidade por intermédio dos seus valores verdes e das suas próprias conceções morais, por via das crenças, que acabam por o indignar e, assim, ativar o protesto, uma vez que

a disposição já foi incorporada. Por outro lado, o protesto diz respeito a uma disposição gerada pela interiorização de vários elementos que ocorreu ao longo da sua biografia e das diversas experiências socializadoras. Efetivamente, podemos identificar perfeitamente estes elementos, como é o caso da relação que João Pedro estabelece entre a admiração pelo Greenpeace e o início da sua participação nas ONGA ou a forma como sempre se revoltou contra os poderes dominantes. Este é, aliás, um traço disposicional que é ativado sempre que a situação lhe desperte revolta e indignação, seja quando é sujeito a uma fiscalização por parte do Ministério da Agricultura ou quando está prevista a construção de uma estrada numa zona protegida. Um elemento que define este tipo de ativação por parte de contextos sociais mais localizados espacial e temporalmente é o tipo de emoções que surgem que, no caso de João Pedro, dizem respeito a raiva, revolta, indignação e medo, como o medo de que um determinado recurso natural desapareça: «*o que leva a agir assim é o perigo iminente de destruição das coisas, há ali um perigo e sabemos que se não fizermos nada, aquilo vai embora»,* como refere. De facto, os "choques morais ocorrem quando um evento ou informação perturba alguém e esse alguém acaba por se tornar aberto à possibilidade de protesto", por outro lado, os "choques morais só podem ser entendidos por meio da análise da cultura e biografia" (Jasper, 1998: 129;325).

Voltando ao poder dos contextos mais conjunturais, em particular no caso de Elisabete, observamos que também ao longo da sua vida estes contextos acabaram por fazer com que algumas disposições se sobrepusessem, definindo a ação e as práticas.

Observamos desta forma que as condições particulares dos contextos são em grande medida fundamentais para a ativação de disposições, como foi por exemplo a altura em que Elisabete teve de sair de casa dos pais para ir estudar na universidade. Acabou por levar a que a sua disposição planificadora resultasse numa boa capacidade de organização, interiorizada através da sua educação tanto com os avós como pela sua participação nos escuteiros, e lhe permitiu que esta mudança ocorresse sem grandes sobressaltos.

Também se observa no caso de Elisabete o efeito ativador dos acontecimentos ou eventos que envolvem os chamados *choques morais,* que acabaram por gerar emoções como a revolta, a incompreensão e a raiva. Isto leva a um «*impulso diário para tentar fazer melhor e fazer diferente, nas pequeninas coisas que se podem ir fazendo no dia a dia. Seja eu pessoalmente, seja a incentivar os outros a fazer, ou a explicar aos outros como é que se faz»*, refere. No fundo, levando-a agir como ativista ambiental.

O poder do contexto é igualmente visível no retrato sociológico de Nuno, sendo que, diferentemente de Elisabete e João Pedro, passou por duas ruturas biográficas bastante significativas, resultando, num caso, numa experiência negativa e, noutro, num balanço

claramente positivo. Esta última experiência passa pela saída de casa da família e início da vida académica, dizendo respeito a um contexto social claramente estruturador, em que ocorre a manifestação de disposições que até então estavam ocultas, em completo estado letárgico, inibidas pelo contexto familiar muito marcado pelo controlo exercido pela mãe. Desta forma, observamos que, quando Nuno experimenta a autonomia da vida académica longe de casa e se começa a exteriorizar, emancipando-se, acabam por vir ao de cima as disposições para o ativismo e para o envolvimento no associativismo, que, como é evidente, não passam sem que estejam presentes emoções como a solidariedade com o grupo em que participa ou a indignação sentida perante o evento, inclusive a indignação sentida relativamente àqueles que não agem em defesa dos seus ideais.

As situações ou os acontecimentos também são, no seu caso, ativadores de disposições que acabam por ditar as práticas de protesto, próprias do ativismo ambiental de Nuno, como é o caso do questionamento. Podemos constatá-lo, por exemplo, quando é confrontado com as fotos das notícias, quando afirma que certamente iria questionar os responsáveis, assim como pelo facto de se perceber no seu discurso que sempre que se vê perante um acontecimento em que estejam em causa os valores verdes, que para si «*são os alicerces*», se vê na obrigação de agir questionando. Portanto, o que constatamos também no caso de Nuno, e ao nível da ação de protesto como ativista, é a forma como a indignação e a revolta, resultantes da interpretação de um dado acontecimento, o levam a agir como ativista ambiental. Isto sucede porque efetivamente existe uma disposição para isso que fica evidente no seu discurso: «*Se estamos preocupados com alguma coisa, então temos de agir de alguma forma*», caso contrário, «*temos a mesma preocupação, mas depois falta, falta a ação».* Efetivamente, é o que distingue Nuno como ativista ambiental.

Perante este conjunto de elementos que aqui referimos, quanto à relevância tanto nos contextos mais conjunturais na biografia do indivíduo como nas inúmeras situações ou acontecimentos circunscritos no tempo e por vezes no espaço, em que estão necessariamente envolvidos as emoções e outros elementos cognitivos como as crenças e as convicções morais (Goffman, 2019), podemos com alguma segurança afirmar que, de facto, a ação como ativista ambiental resulta necessariamente da interação entre o indivíduo e as condições particulares do contexto social ou da situação. Esta interação define-se como uma experiência, cujas circunstâncias particulares têm a capacidade de, tanto cognitivamente, em função de elementos culturais como as crenças e os valores biograficamente interiorizados, como emocionalmente, na forma como o indivíduo avalia a situação (Jasper, 1997), virem a ativar disposições, em especial as disposições para agir. Ainda assim, convém deixar claro que, tal como refere

Lahire, os determinantes da ação não são nem o contexto nem as disposições (2001). Na verdade, o que acaba por contribuir para que a ação como ativista ambiental tenha início e se efetive é a relação que existe entre o contexto, as disposições e as emoções. Aqui podemos retomar a analogia de Bernard Lahire a propósito das disposições sob condição, realizada com referência à experiência química da dissolução do açúcar na água, em que a "disposição [do açúcar] para ser solúvel" é "revelada pela água" (2001: 71). Ora, neste caso, nós consideramos que a temperatura da água deve também ser tida em conta, dada a importância das emoções no processo que ocorre entre as disposições e os contextos ou acontecimentos.

Considerando a importância do contexto, é possível perceber o papel que a participação da ONGA representa. No fundo, é a participação e o envolvimento que fornecem as condições tanto emocionais como organizacionais necessárias para o ativismo ambiental, seja através da identificação com a identidade coletiva de um dado grupo, de onde resultam determinados investimentos emocionais, ou através do desempenho de funções dentro da organização ou até mesmo em função dos recursos que a ONGA põe à disposição, permitindo a ação como ativista ambiental.

Na nossa perspetiva, a relevância do contexto e da situação complementa a afirmação de Jasper, relativamente a um dos objetivos da sua obra, que é o de analisar "diversas disposições e motivos que abrem às pessoas a possibilidade de aderirem a movimentos de protesto ou até de as levar a atos de protesto individuais. No fundo, elas movem-se partindo de fatores emocionais, para fatores morais e cognitivos que as levam a experimentar um papel social orientado para o protesto" (1997: 99), em particular o relacionado com o ativismo ambiental.

13.1.3. O desempenho do papel de ativista ambiental

Tal como já tinha sido por nós referido e mesmo através das várias referências teóricas com que procurámos orientar esta pesquisa, a ação de um ativista ambiental acarreta um desempenho que está, tal como outro papel social qualquer, sujeito a expectativas, tanto por parte de terceiros como do próprio.

No entanto, este desempenho, tal como também já foi aqui discutido, é em grande medida um forte elemento identitário, ou seja, o desempenho do papel de ativista ambiental traduz-se igualmente na forma como o próprio ou a própria ativista se distinguem relativamente a outros. Por este motivo, entendemos que a discussão sobre o desempenho deste tipo papel social não se pode separar das múltiplas interações que o indivíduo estabelece com outros indivíduos, dentro ou fora da ONGA. Sabemos bem que, de facto, a gestão que cada indivíduo faz, tendo em conta o desempenho de um

ou outro papel ou até mesmo da forma como adequa o desempenho a um mesmo papel, é realizada tendo em conta o tipo de intervenientes com que interage, as condições particulares de cada contexto social, bem como os próprios objetivos da sua ação (Goffman, 1993). Esta questão remete-nos necessariamente para o facto de que um mesmo indivíduo, ao longo do seu quotidiano, assume uma série de papéis sociais, como, por exemplo, o de ativista ambiental, que pode inclusive ocorrer de forma simultânea com outros desempenhos.

Um outro facto é estarmos certos de que o papel de ativista ambiental decorre muito mais a partir de uma identidade com origem no papel social do que na categoria social.

Desta forma, julgamos que a partir do retrato sociológico de Elisabete, Nuno, Mariana e João Pedro, cada um deles um ativista ambiental à sua maneira, é-nos permitido perceber que o *desempenho do papel de ativista ambiental numa ONGA acarreta uma relação de equilíbrio entre o desempenho do papel social de ativista ambiental e de outros papéis sociais e que esta relação implica uma racionalidade emocional que constrange o ativista a uma gestão de papéis e a uma gestão racional das emoções.*

Seguindo a ordem estabelecida na apresentação dos retratos, podemos constatar que no caso de Elisabete ocorre uma *conveniente gestão de papéis*. Este é um elemento que de facto foi por nós referido nas conclusões finais do seu retrato sociológico, mas que, ainda assim, vale a pena aqui trazer para mais algumas considerações complementares. Como se observou, Elisabete, dentro do contexto da ONGA, assume em simultâneo o papel social de funcionária remunerada como bióloga e o de ativista ambiental voluntária, sendo que a gestão do desempenho destes papéis é levada a cabo de uma forma claramente consciente, existindo, portanto, uma racionalidade associada aos respetivos desempenhos.

Este facto tem, em bom rigor, razões que acabam por estar relacionadas com o próprio património disposicional de Elisabete, nomeadamente quanto ao seu ascetismo para o trabalho que de facto encontra reflexo na exigência que imprime em relação às expectativas que ela própria atribui aos seus desempenhos e que fica demonstrado quando refere: "*atualmente tenho aquele problema de quando as coisas não me correm de feição, quando não vejo que os objetivos… estou a cumprir aquilo que eu achava que eram os objetivos essenciais pronto, é um bocadinho mais complicado*». Esta autoexigência é, portanto, o traço disposicional que acaba por dar nota da forma racional como tenta equilibrar o seu desempenho de profissional remunerada da ONGA com o de ativista voluntária na mesma ONGA. Isto manifesta-se no propósito que Elisabete tem em primeiro lugar de cumprir as expectativas relativas ao papel social de funcionária da ONGA, sem, no entanto, deixar de lado o desempenho como ativista ambiental de

forma voluntária, observando-se aqui claramente a forma racional como Elisabete desenvolve a gestão dos papéis, como de forma reflexiva gere a parte emocional não sendo sócia desta ONGA. Na verdade, Elisabete assume um certo conflito perante este facto, quando refere: *"o meu trabalho é trabalhar na associação, para a associação e depois, quando há atividades paralelas que não têm a ver diretamente com o meu trabalho, tento também ajudar e participar naquilo que me é possível fazer (…). Hã… e então, pronto, é assim um balancear entre a utilidade daquilo que se está a fazer, a utilidade momentânea»*

Observa-se uma diferença quanto à exigência atribuída às expectativas de cada um dos desempenhos, ficando claro que a obtenção de uma sanção positiva sentida pela própria Elisabete relativamente ao desempenho de ativista é bem mais difícil de alcançar.

Por fim, constatamos igualmente que, a decisão de não se tornar sócia desta ONGA, foi a estratégia que Elisabete adotou no sentido de estabelecer um equilíbrio ou, se preferirmos, de mitigar as consequências de eventuais conflitos de interesses que daqui poderiam resultar entre os desempenhos. Esta decisão evita que se desenvolvam emoções afetivas mais profundas em relação à ONGA, no fundo que Elisabete se identifique demasiado com a identidade coletiva da ONGA no plano organizacional, sem que, no entanto, o mesmo se verifique relativamente aos objetivos da ONGA.

Outra análise que podemos retirar prende-se com a forma como as expectativas adjacentes ao desempenho do papel social de ativista ambiental estão associadas à maneira como Elisabete se identifica. Em bom rigor o que observámos através do seu discurso, foi a forma como ela própria se distingue daqueles cuja atividade exercida na ONGA é tão-somente o desempenho de um papel profissional, sem grande ligação emocional aos objetivos da ONGA, que dizem respeito à conservação de espécies em perigo: «*há as que se empenham grandemente e tentam fazer aquilo que lhes é possível apesar dos obstáculos. Depois há aquelas que se nota um bocadinho que é um emprego, não é?»* Este elemento aponta para a ideia de James Jasper acerca dos elementos que constituem a identidade ativista, em especial os que se prendem com a "competência e o saber-fazer" e também a tomada de consciência de que efetivamente é possível fazer a diferença no sentido de uma mudança através da sua própria ação individual (1997: 197). Aliás, Elisabete considera de facto que a sua ação individual é motivo de satisfação para si pois acaba por contribuir para o esforço coletivo de conservação de espécies em perigo: «*E a mim mete-me muita confusão as pessoas não terem a noção de que só existe um planeta, e aquilo que nós fazemos diariamente tem um impacto direto.»*

A combinação de papéis sociais distintos dentro de um mesmo contexto social, e em particular de uma ONGA, é também observada sob outra configuração de desempenhos. No caso de Nuno, em que a participação na ONGA é realizada exclusivamente sob a forma de voluntariado, constatamos que dentro do seu ativismo ambiental coexistem dois desempenhos distintos.

Na verdade, Nuno por um lado assume o papel de membro dos órgãos sociais e de dirigente da ONGA, em que as atividades são muito centradas em funções administrativas e burocráticas, por outro, assume também o papel que é na verdade para si a representação ideal do que é um ativista ambiental e que diz respeito ao questionamento e participação em manifestações de protesto mais diretas. Ora, Nuno, está bem consciente desta diferença de desempenhos, como tão bem refere: *«quer dizer, eu de início, pronto, não era assim tão ativista. Mas, pronto, era dirigente, quer dizer, tinha funções de direção, ou funções de… administrativas, vá (…)*». É, portanto, muito interessante observarmos o que representa para Nuno ser um ativista ambiental, não deixando este facto de estar relacionado com o tipo de expectativas que atribui ao respetivo desempenho. Com efeito, leva-o a realizar uma gestão racional dos desempenhos a este nível, numa lógica de subalternização, em termos de valor atribuído, dos desempenhos associados a funções administrativas dentro da ONGA, perante o desempenho como ativista ambiental mais virado para o protesto e para a pressão ou questionamento. Este facto tem vindo a desenvolver-se ao longo da sua participação como membro da ONGA e, no seu caso, acaba por nos remeter para a ideia de que se identifica como ativista ambiental através do desempenho do papel social.

Na realidade, dentro da ONGA e também por parte de Nuno estão bem definidos quais são os critérios que definem um bom desempenho como ativista ambiental. Isto sucede, tanto no plano administrativo e de gestão da ONGA, quando em assembleia geral é reconhecido publicamente o trabalho realizado, como no desempenho relativo ao protesto, em que é reconhecida a capacidade de iniciativa e a frequência dos protestos.

No plano profissional, tal como já foi notado no seu retrato sociológico, Nuno assinala que, apesar de ser engenheiro ambiental, existe uma clara distinção entre a sua atividade profissional e as atividades realizadas na ONGA. Por outro lado, e muito embora em ambos os contextos a informalidade seja uma realidade, esta é muito maior no contexto da ONGA, onde Nuno estabeleceu laços de amizade que se estendem para além da ONGA. No entanto, mesmo no contexto profissional Nuno mantém uma atitude que visa a mobilização dos seus colegas de trabalho para a participação em atividades ligadas à proteção ambiental. Isto resulta da sua identidade de ativista e de uma clara

disposição para o associativismo e para o ativismo ambiental, que no contexto profissional se centra muito particularmente no recrutamento para a causa ambiental: «(…) *já uma vez desafiei, pronto, os colegas da empresa, para lá irmos fazer assim uma ação de voluntariado, de plantação de carvalhos e assim.»*

Esta lógica de gestão de desempenhos, assente na separação entre o desempenho dos papéis de ativista numa ONGA e da atividade profissional caracterizada através de uma alternância entre os dois contextos, é observada também no caso de Mariana. Apesar de, tal como Nuno, desempenhar a sua atividade profissional na área da proteção do ambiente, em particular numa autarquia, assume que procura sempre estabelecer uma separação entre ambas as áreas, o que se processa através de desempenhos de distintos papéis sociais. Mariana consegue de facto distinguir ambos os papéis, o que, como refere, dada a convergência dos objetivos e a semelhança dos desempenhos, exige da sua parte um constante esforço de separação. Com efeito, este esforço está igualmente patente na estratégia que utiliza quando existem situações na área de responsabilidade da autarquia em que trabalha. A estratégia consiste em solicitar a outro ativista membro da ONGA que atue em seu lugar. Esta é, na verdade, uma lógica de ação que procura evitar eventuais conflitos de interesses, nomeadamente quando tem de assumir o papel de ativista ambiental para o protesto e que assenta numa gestão reflexiva das emoções para o protesto: «*Mas não gosto de misturar, porque às vezes a ONGA tem de chamar a atenção à câmara. Claro que para dividir as coisas, para não se criar uma situação delicada»*

Esta racionalidade na gestão de papéis sociais em contextos semelhantes é algo a que Mariana está habituada, uma vez que já no seu passado teve de se revezar entre o desempenho do papel social de professora e o de aluna.

No que respeita às expectativas dos desempenhos, o seu desempenho na ONGA, cuja forma de participação se centra em grande medida em tarefas de gestão e direção e, na parte que se prende ao ativismo propriamente dito, diz respeito à organização e realização de atividades de sensibilização e educação ambiental, acaba por ser objeto de reconhecimento por parte dos outros participantes, quando a classificam como o «*motor da associação».*

De facto, um dos elementos que Mariana destaca como o que melhor define a diferença entre o papel de funcionária da área de ambiente, numa câmara municipal, e de ativista ambiental na ONGA, é o voluntariado. Na verdade, o significado que Mariana atribui ao voluntariado é de tal forma relevante que é visto como um critério fundamental na definição das expectativas de desempenho que os outros indivíduos estabelecem, o que se percebe quando diz: «*estou a representar uma entidade que, que só é um bocadinho mais complexo de representar, principalmente porque havia mais críticas,*

porque as pessoas numa ONGA encaram-nos de uma forma, porque somos voluntários». E também, na atribuição de significado, em particular na forma como Mariana se identifica como ativista ambiental: «*Ser uma ativista ambiental é uma pessoa que está disposta a dar o seu tempo, que no final é aquilo que temos de mais valor, é a nossa vida, é nosso tempo de vida, é o tempo que dispomos enquanto cá estamos (...)*»

Centrando agora o foco no retrato sociológico de João Pedro, de facto não existem elementos suficientes que nos permitam constatar uma *desintegração* de desempenhos no plano dos contextos sociais, ou uma alternância de papéis tão visível como nos casos anteriores, mesmo em termos de desempenhos distintos dentro do contexto da ONGA. Mesmo nesta dimensão parece-nos que o desempenho dominante é o de ativista ambiental para o protesto, apesar de João Pedro ter na verdade ocupado posições de gestão e direção, não podendo nós afirmar em absoluto que não existem ou existiram outros desempenhos em simultâneo. A questão de fundo é que a identidade que sobressai ao longo da narrativa de João Pedro é fundamentalmente a de um ativista claramente orientado para ações de protesto direto.

Podemos ainda distinguir, no caso de João Pedro, duas formas de ativismo, uma que é política, no âmbito da sua militância em partidos políticos, e outra que é claramente ambiental, sempre através da participação em ONGA. O que observamos através do seu retrato sociológico é uma disposição para o ativismo e para o protesto muito forte. A força desta disposição é de tal forma que o seu desempenho do papel de ativista no protesto acaba por ser o dominante sempre que estejam em jogo os valores da proteção e da conservação na natureza. A este respeito podemos dar alguns exemplos. Para começar, no contexto profissional, quando João Pedro, que é agricultor de profissão, foi confrontado com decisões que considerou injustas da parte da entidade que tutela a atividade em causa, que, entretanto, o fiscalizou, levando-o a um período de luta e de protesto intensos que culminou num protesto em Bruxelas em greve de fome e num processo judicial. Numa outra situação, desta vez numa ação de protesto direto de alto risco, assumiu em simultâneo dois papéis, mas só um acabou por se destacar no desempenho. Falamos concretamente do desempenho de um cargo de liderança dentro da ONGA e o de ativista através do protesto direto. Num caso em particular, a estratégia usada foi a desobediência civil, o que acabou por se traduzir num desempenho de papéis claramente conflituante, levando João Pedro a demitir-se do cargo de direção. Na verdade, a força da disposição para o ativismo e para o protesto traduz-se numa hegemonia no desempenho do papel de ativista ambiental para o protesto, em que se verifica uma incompatibilidade de desempenhos derivada das suas próprias conceções morais, resultantes do seu próprio sistema *normativo pró-*

ambiental[35]*.* Estas levam-no a abdicar do cargo de liderança, dada a manifesta incapacidade de realizar uma gestão de papéis, nomeadamente pela falta de uma gestão reflexiva e racional das emoções: «*Como é que um presidente do núcleo, como é que eu consigo ir reunir com o presidente da Câmara de Vagos?»*

Esta forma de agir e a relevância que o papel de ativista tem para o protesto ficam evidentes na forma como João Pedro define o desempenho de um ativista ambiental: «*Um ativista ambiental tem de ser um gajo chato*». Esta afirmação acaba por conter em si mesma as expectativas de desempenho que o próprio atribui a este papel social e também a forma como se identifica, em particular através da diferença sentida em relação à restante sociedade.

Para concluir este ponto, entendemos que existe de facto, por parte do ativista ambiental, uma gestão racional de desempenhos de diferentes papéis sociais que é indissociável da gestão reflexiva e racional das emoções, em especial as que são relativas ao protesto. Efetivamente, podemos observar que os desempenhos são geridos consoante o contexto social. No entanto, tudo indica que esta gestão ocorre igualmente quando há desempenhos que surgem de forma simultânea dentro do mesmo contexto social. Em grande medida, a lógica desta gestão visa afastar eventuais conflitos entre desempenhos que se opõem, apesar de, em algumas situações e em virtude da impossibilidade de uma gestão emocional adequada, o desempenho do papel de ativista ambiental, nomeadamente o que está orientado para o protesto, se sobrepor, como ficou patente no caso de João Pedro.

É também relevante o facto de se ter percebido que o desempenho do papel de ativista ambiental, independentemente da estratégia adotada, contribui largamente para a forma como estes indivíduos se identificam, mesmo quando estão fora do contexto da ONGA, dado que as práticas e as interações com outros participantes acabam por subsistir para lá das regiões de interação da ONGA. No fundo, considerando os elementos presentes nos retratos sociológicos, a identificação como ativista ambiental surge efetivamente a partir do desempenho do papel social de ativista ambiental. Como podemos observar em cada um dos retratos apresentados, o desempenho tem significados distintos, pois está muito ligado à forma como cada um dos entrevistados atua em defesa do ambiente e da natureza.

Um outro dado diz respeito à heterogeneidade de desempenhos e expectativas que o papel de ativista ambiental pode tomar. Na verdade, através destes retratos sociológicos, identificámos o trabalho de campo no âmbito da conservação de espécies,

[35] Ver figura 3.12 na página 49 relativamente à *teoria dos valores-crenças-normas* e o seu papel no ativismo.

o questionamento e interpelação de entidades responsáveis, a sensibilização e educação ambiental e, claro, o ativismo na modalidade de ação direta, inclusive a de alto risco. De facto, as modalidades de ativismo apresentadas em cada um dos casos retratados encontram reflexo nas diferentes tipologias de ação de ONG sugeridas por Diani & Donati, e também na caracterização sugerida por Gil Nave. Segundo este autor, no plano nacional as ONGA caracterizam-se pela profissionalização de boa parte dos quadros, promovendo a investigação e a sensibilização ambiental, nomeadamente no campo da conservação ou preservação da biodiversidade, como é por exemplo o caso de Elisabete, no campo profissional, e de Mariana, na participação como voluntária. Quanto a Nuno, enquadra-se claramente na realização de pressão junto das entidades, com recurso à sua participação através voluntariado. Por fim, o caso de João Pedro em que a participação também é feita através do voluntariado, mas manifestamente orientada para o protesto. Não podemos, contudo, afirmar que estas práticas ou modalidades de ação são as únicas que estes ativistas desenvolvem. Apesar de serem dominantes, coexistem com outras formas de ação como ativistas ambientais dentro do mesmo indivíduo, o que vai ao encontro da pluralidade de lógicas de ação num só indivíduo defendida por Lahire ou o que defende Jasper, em primeiro lugar a respeito da relevância da biografia, que permite uma "diversidade individual que significa que os ativistas podem participar por meio de conjuntos distintos de motivações, interpretar de maneira ligeiramente diferente os símbolos de liderança e retórica, e ter aspirações variadas para suas ações" (1997: 54). E, em segundo lugar, da cultura, que com as emoções modela a interpretação que o ativista faz da situação, definindo os respetivos "repertórios de ação" e igualmente os "objetivos e também que táticas fazem sentido para os indivíduos e para as organizações" (1997: 98).

Desta forma, em cada um dos quatro ativistas que participaram neste estudo existem formas proeminentes ou até dominantes de agir como ativista ambiental numa ONGA. Todavia não são de forma alguma exclusivas. Tanto Elisabete, como Nuno Mariana e João Pedro apresentam entre eles uma diversidade de práticas em termos de ativismo ambiental, que importa ter em conta, quando, de fora, a sociedade os identifica como uma categoria, nomeadamente como o «*ambientalista de serviço*» ou o «fundamentalista» e até mesmo pelo facto de «nesse grupo (...) ser a única».

Conclusão

Tendo em linha de conta que procurávamos identificar e perceber qual o património disposicional que conduz a um posicionamento ambientalista e, ao mesmo tempo, a

uma participação ativa em associações ambientalistas, por parte de um ator individual, apresentam-se, agora, as principais conclusões a que chegamos.

Como vimos, um ativista ambiental, e, em particular, aquele que participa numa ONGA, é detentor de um património disposicional que teve a sua génese nos mais variados contextos sociais e momentos que experimentou e foi levado a experimentar, ao longo da biografia individual. Esta génese processa-se por intermédio da socialização a que o indivíduo é sujeito, nomeadamente através da socialização primária que ocorre na infância e ainda sob a influência do ambiente familiar, podendo-se aqui incluir os primeiros anos de escola, e da socialização secundária, que ocorre mais tardiamente sob a influência de outros contextos como a escola secundária, movimentos juvenis como os escuteiros, a universidade e as associações, em que se incluem as ONGA, e que, por norma, é bastante mais prolongada.

O que se observou através dos quatro retratos sociológicos a cuja caracterização procedemos, foi a interiorização pelos indivíduos em causa de elementos como as crenças religiosas, os valores ligados à defesa dos animais, da natureza e do ambiente, da liberdade e da solidariedade. Foram ainda observadas a génese e interiorização de disposições minimalistas, disposições ecológicas, disposições para a emancipação e para a autonomia, disposições ascéticas para o estudo e para o trabalho, disposições planificadoras e também disposições para o protesto, resultantes da indignação sentida através de interações no contexto familiar de origem. São delas exemplo um pai autoritário e pouco dado à colaboração nos trabalhos domésticos, uma mãe excessivamente autoritária e conservadora que limitava a iniciativa, as ideias e as vontades do filho, ou uma resistência logo pela infância a tudo o que significava imposição de tarefas como trabalhos de escola ou formação religiosa e o abate de animais domésticos para consumo familiar. É de facto na infância que determinados valores e crenças começam a ganhar relevância na forma de pensar e avaliar a realidade por parte do indivíduo, valores e crenças esses que, em boa medida, definirão a sua ação futura.

Por outro lado, é já através da socialização secundária que acontece a interiorização de elementos que acabam por contribuir para a participação do indivíduo na ação coletiva. Com efeito, observou-se que foi através da experiência vivida na escola secundária, nos escuteiros, na universidade e na vida académica longe de casa da família, na militância em partidos políticos e, claro, numa ONGA, que se estabeleceram novos investimentos cognitivos e novas interações por parte dos indivíduos. Tais investimentos e interações possibilitaram a génese de disposições para o associativismo e para o ativismo, em particular para a participação ativa. De registar, ainda, num caso, que a vivência do período de frequência no ensino superior e da

respetiva vida académica, longe de casa da família permitiu libertar uma disposição para o protesto, até então reprimida pelo autoritarismo familiar e por um constante autocontrolo das pulsões e das emoções.

Importa também dar nota da relevância que os entrevistados atribuíram à frequência da disciplina de Biologia e ao papel de alguns professores no tempo em que frequentaram o ensino secundário. A escola e a matéria lecionada tiveram, assim, grande significância para estes ativistas ambientais, contribuindo desde cedo para o seu interesse pela natureza e pelo ambiente.

Há, ainda, um outro elemento relevante a considerar. Trata-se do elemento das emoções que o indivíduo coleciona ao longo das experiências socializadoras que enformam a sua biografia. É através desse elemento que o ator individual perceciona e experiencia a realidade. Biograficamente, são as emoções que definem a forma como o indivíduo experimenta determinado contexto social ou até mesmo um acontecimento ou uma sucessão de acontecimentos, influenciando a interiorização de disposições, sejam elas para crer, agir ou de qualquer outro tipo. É também através das emoções geradas por intermédio da experiência individual, como a raiva, a revolta e a indignação, que se ativam ou adormecem disposições para agir, nomeadamente as que levam o ator individual a não agir, neste caso, como ativista ambiental. O sentimento de impotência, por exemplo, pode conduzir à resignação ou ao conformismo. No fundo, as disposições não podem ser vistas como estando desligadas das emoções.

Podemos, desta forma, concluir que a ação como ativista ambiental, em particular na dimensão de protesto, acarreta necessariamente uma dimensão emocional que é fundamental. Com efeito, ficou patente o papel da dimensão emocional no protesto, no momento em que os quatros ativistas entrevistados foram confrontados com imagens sobre impactos ambientais, onde a revolta acaba por ser a emoção mais referida. O mesmo se observou quando um dos entrevistados descrevia uma decisão incompreensível por parte de uma entidade oficial relativamente à qualidade do ar.

Também ao nível da militância no associativo ambiental ou numa dada ONGA se observou que as emoções têm um papel muito importante. Referimo-nos, concretamente, a emoções positivas como, designadamente, as ligadas à gratificação sentida pela participação, ou a emoções afetivas como as que resultam de laços que se estabelecem com os outros participantes ou mesmo com a própria organização, emoções essas que acabam por permitir uma forte identificação do indivíduo com a identidade coletiva da ONGA em que milita.

Com efeito, a adesão e a participação numa ONGA acaba por ser preponderante no ativismo ambiental dos quatro casos apresentados. Tal resulta da referida identificação que surge por parte do indivíduo com os valores e objetivos da ONGA. Em

bom rigor, é a identificação de um indivíduo com a identidade coletiva da ONGA, que abre caminho ao reforço do seu contributo individual ou que permite que a sua ação efetiva faça parte de um objetivo partilhado, comum ou coletivo. Foi a partir do momento em que cada um dos ativistas entrevistados, já portadores de um determinado património disposicional, teve contacto com a identidade coletiva da ONGA de que é membro que passou a identificar e a atribuir sentido às suas ações de defesa do ambiente e da natureza como de ativismo ambiental. Esta identificação, que ocorre através da interação que se estabelece entre o individuo e a ONGA, é fundamental para que surja um enlaçamento entre a cultura organizacional e as estratégias de ação da ONGA e o indivíduo portador de um património disposicional específico. É a partir daí que se viabilizam os repertórios de ação coletivos e individuais, e que, na verdade, acabam por dizer respeito a formas distintas de desempenho do papel de ativista ambiental. Por isso, tal como observámos, e sabendo nós que é a partir do desempenho do papel social que o ativista ambiental se identifica como tal, o que ocorre é uma relação entre a identidade individual do ativista ambiental e a identidade coletiva da ONGA, uma vez que o desempenho está sempre dependente de expectativas, de terceiros ou até mesmo do próprio.

Como foi possível perceber através dos retratos sociológicos, os repertórios de ação coletiva no âmbito do ativismo ambiental protagonizado por intermédio da participação ativa numa ONGA apresentam alguma heterogeneidade: vão desde a sensibilização e a educação ambiental, passando pela participação em projetos de conservação, pela realização de pressão junto das entidades responsáveis e dos poderes públicos e, claro, por fim, ao protesto através de ações diretas, algumas das quais de alto risco. Ora, a ideia que por norma se constrói é a de que um ativista ambiental é aquele indivíduo que surge nas ações de desobediência civil, nos desfiles das manifestações, empunhando cartazes com palavras de ordem. No entanto, esta versão corresponde na maioria dos casos a uma representação estereotipada do que é um ativista ambiental, não traduzindo de facto a realidade. Na verdade, e recordando a definição de Stern e outros, um ativista é aquele que se "compromete com ações públicas destinadas a influenciar o comportamento do sistema político e da maioria da população" (1999: 82), o que significa que o ativismo ambiental pode dizer respeito a várias formas de agir, algumas das quais nem sempre apontando para uma maior visibilidade social, como é o caso da sensibilização e educação ambiental ou do envolvimento em projetos de conservação e preservação da biodiversidade.

Por outro lado, percebemos que, em cada um casos analisados, o ativista ambiental que adere e age no contexto de uma ONGA, desempenha nos outros contextos que constituem a sua vida quotidiana, uma série de papéis sociais muito diferentes, o que

em bom rigor, afasta a ideia de que uma ONGA ou até mesmo o próprio movimento ambientalista são constituídos por um grupo de indivíduos cujas formas de pensar, de agir e de avaliar a realidade são idênticas ou muito parecidas. Pelo contrário, deparamo-nos com um conjunto de atores individuais muito diversificado, inclusive na forma de agir em defesa do ambiente.

Um dado também a destacar prende-se com o início da militância do indivíduo na ONGA. À exceção de um único caso, o caso de João Pedro, o início dessa militância está, direta ou indiretamente, ligado ao período em que os entrevistados frequentavam a universidade. As disposições ecológicas e de protesto de João Pedro eram já muito fortes e a participação processou-se através de redes de interconhecimento, muito em resultado do contexto social em que estava inserido.

Já o mesmo não se passou com Mariana e com Nuno, cujo contato com a ONGA e o início das respetivas participações se deram em resultado de atividades que as ONGA realizaram junto das universidades que frequentavam. No caso de Elisabete, o contato com a ONGA com a qual estabeleceu uma ligação mais emocional e uma identificação efetiva teve origem num estágio académico. Estes dados deixam bem patente, a importância das relações que se estabelecem entre as ONGA e as instituições de ensino superior. O reforço da relação entre a academia e as ONGA, entendemos nós, seria muito útil para o movimento ambientalista e até mesmo para o desenvolvimento de uma sociedade mais responsável ecológica e ambientalmente, possibilitando desta forma maiores índices de participação ativa neste tipo de organizações.

Por tudo o que até aqui foi referido relativamente ao que observamos e concluímos, é inegável que o recurso à análise da biografia, em particular à análise da génese do património disposicional do indivíduo, em paralelo com a identificação do tipo de emoções, através das quais o mesmo experiência e interpreta a realidade, se revela uma mais-valia para o estudo da participação do indivíduo na ação coletiva, designadamente, através de grupos com estruturas organizadas, como é o caso das ONGA. Em bom rigor, são estas organizações as únicas que, por enquanto, possuem os recursos necessários que permitem abarcar as várias modalidades de ativismo ambiental, as quais vão muito para além das ações de protesto direto e de alto risco. Por outro lado, não pode deixar de ser contemplado um elemento que está intimamente ligado à continuidade da participação e do envolvimento numa ONGA. Esse elemento prende-se, justamente, com a gratificação e o prazer pessoal que o ativista retira sempre que se compromete, seja de que maneira for. Tal como referiu Weber, “todo o homem sério que vive para uma causa vive também dessa causa” (2017: 18).

Por fim, cremos poder concluir que a análise que levámos a cabo terá contribuído para um maior conhecimento relativamente ao que leva um indivíduo a participar

ativamente no associativismo ambiental, bem como sobre a forma como nele participa. Com efeito, o conhecimento aprofundado da realidade em termos sociais quer do que significa agir como ativista ambiental, quer das disposições conducentes a essa decisão, a partir da análise dos percursos sociais e biográficos dos atores individuais, revela-se contributo valioso para progredir na análise, caracterização e problematização do movimento ambientalista, enquanto um dos novos movimentos sociais que têm vindo a assumir importância crescente nas sociedades modernas contemporâneas, designadamente, enquanto expressão do exercício da cidadania.

Dado o carácter multidimensional, pluriconceptual e, de certa forma, polissémico do nosso esquema analítico, é ainda nossa convicção de que o mesmo se revelará profícuo para a análise de outros fenómenos sociais que remetam quer para a ação social coletiva, em particular o ativismo, quer para a tomada de decisões por parte do ator individual. Veja-se, a respeito deste último caso, o trabalho de João Teixeira Lopes (2016) cujo objetivo foi o de compreender as disposições que conduziam à decisão de emigrar, por parte de um grupo específico de jovens portugueses, e os processos sociais que estavam subjacentes à, entre outros aspetos, respetiva génese, com recurso à mesma proposta teórica e metodológica pela qual enveredamos, a de Bernard Lahire.

Muito está ainda por estudar acerca do ativismo ambiental, em particular ao que se desenrola no contexto das ONGA.

Uma abordagem de carácter quantitativo, aplicada a uma amostra representativa do universo dos ativistas ambientais, permitir-nos-ia avaliar o peso da escola e, em particular, da universidade, bem como o de outros contextos socializadores quer no ativismo ambiental, quer na participação neste tipo de ONG. Tal abordagem permitir-nos-ia, ainda, conhecer a realidade quanto à heterogeneidade de modalidades de ativismo ambiental, como as que, por exemplo, identificamos através dos retratos sociológicos a que chegamos (de maior risco e mais socialmente visíveis ou institucionais e colaborativas), entre outras.

Por seu turno, um estudo assente na estratégia teórica e metodológica que seguimos neste trabalho, aplicado a ativistas que militam em grupos e coletivos com tipologias organizacionais mais informais e estratégias de ação não institucionais, trar-nos-ia um maior e mais aprofundado conhecimento do ambientalismo em Portugal.

Fim.

Bibliografia

Aron, R. (1991). *As etapas do pensamento sociológico*. Círculo de Leitores.

Barbalet, J. M. (1998). *Emoção, teoria social e estrutura social*. Instituto Piaget.

Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. Sage Publications Ltd.

Beck, U. (1997). *The Reinvention of Politics*. Polity Press.

Beck, U. (2015). *Sociedade de risco mundial*. Edições 70.

Beck, U. (2017). *A metamorfose do mundo: como as alterações climáticas estão a transformar a sociedade*. Edições 70.

Beck, U., Giddens, A., & Lash, S. (2000). *Modernização reflexiva : política, tradição e estética no mundo moderno*. Celta.

Becker, H. S. (1966). *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*. The Free Press.

Berger, P. L., & Luckman, T. (2010). *A contrução social da realidade*. Dinalivro.

Bourdieu, P. (2002). *Esboço de Uma Teoria da Prática*. Celta.

Bryman, A. (2008). *Social Research Methods*. Oxford University Press.

Buttel, F. (2000). Ecological modernization as social theory. Geoforum, 31(1), 57-65. https://doi.org/10.1016/S0016-7185(99)00044-5

Caetano, A. (2013). A exterioridade da reflexividade, contributos de Lahire para o estudo empírico do exercício da competências reflexivas. Cadernos do sociofilo,3(4), 27-70. http://hdl.handle.net/10071/14239

Carter, N. (2007). *The Politics of the environment: Ideas, activism policy*. Cambridge University Press.

Casanova, J. L., Costa, A. F., & Almeida, J. F. (2004). Atitudes Ambientais da População Portuguesa. Em J. F. Almeida, Os Portugueses e o Ambiente: II Inquérito Nacional às Representações e Práticas dos Portugueses sobre o Ambiente (337-375). Celta.

Collins, R. (2004). *Interaction Ritual Chains*. Princeton Uiversity Press.

Crossley, N. (2002). *Making sense of social movements*. Open University Press.

Dahrendorf, R. (2012). *Homo sociologicus*. Quetzal editores.

Diani, M., & Donati, P. R. (1999). Organisational change in Western European Environmental Groups: A framework for analysis. Environmental Politics, 8(1) 13-34. DOI: 10.1080/09644019908414436

Dias, F. N. (2006). *O medo enquanto emoção social: contributos para uma sociologia das emoções*. Forum Sociológico, 295-313.

Dobson, A. (2000). *Green Political Thought*. Routledge.

Dobson, A. (2003). *Citizenship and the environment*. Oxford University Press.

Dubet, F. (1994). *Sociologia da Experiência*. Instituto Piaget.

Duit, A. (2010). Patterns of Environmental Collective Action: Some Cross-National Findings. Polititcal Studies, 59, 900-920. doi:10.1111/j.1467-9248.2010.00858.x

Dunlap, R. E. (2015). *Climate Change and Society*. Oxford University Press.

Eder, K. (1993). *The New Politics of Class*. SAGE Publications.

Elias, N. (1993). *A sociedade dos indivíduos*. Publicações Dim Quixote, Lda.

Ferrarotti, F. (1991). Sobre a autonomia do método biográfico. Sociologia. Problemas e Práticas, (9) 171-177. http://hdl.handle.net/10071/1239

Flam, H., & King, D. (2005). *Emotions and Social Movements*. Routledge.

Garcia, J. L., Barata, P., & Matos, G. (2000). Orientação, cidadania e responsabilização. Em J. F. Almeida, J. L. Garcia, A. V. Lima, J. G. Nave, & L. Schmidt, *Os Portugueses e o ambiente: I inquérito nacional às representações e práticas dos portugueses sobre o ambiente*. Celta.

Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito, teoria e prática*. Celta.

Giddens, A. (2010). *A política da mudança climática*. Zahar.

Global Greens. (2019). www.globalgreeens.org/charter. https://www.globalgreens.org/globalcharter

Goffman, E. (1993). *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Relógio D´Água.

Goffman, E. (2019). A ordem da interação: Discurso presidencial da American Sociological Association, 1982. Dilemas, Rev. Estud. Conflito Controle Soc., 12(3) 571-603. https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/26390

Gomes, Rui & Cerdeira, Luisa & Teixeira Lopes, João & Vaz, Henrique & Brites, Rui & B., Cabrito & Machado-Taylor, Maria De Lourdes & Magalhães, Dulce & T., Patrocínio & Peixoto, Paulo & Ganga, Rafaela & Silva, Sílvia. (março de 2014). Working paper 5 - Retratos Sociológicos: Orientações Gerais. Coleção Working papers Bradramo. https://hdl.handle.net/10216/84012.

Goodin, R. E. (1992). *Green political theory*. Blackwell Publishers.

Guerra, I. C. (2012). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo - Sentidos e formas de usos*. Príncipia.

Hajer, M. A. (2002). *The Politics of Environmental Discourse: Ecological Modernization and the Policy Process*. Oxford University Press.

Haller, M., & Hadler, M. (2008). Dispositions to Act in Favor of the Environment: Fatalism and Readiness to Make Sacrifices in a Cross-National Perspective. Sociological Forum, 281-311.

Horowitz, J. (2017). Who Is This “We” You Speak of? Grounding Activist Identity in Social Psychology. Socius: Sociological Research for a Dynamic World, 3, 1-17. https://doi.org/10.1177/23780231177178

Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton University Press,.

Inglehart, R. F. (2018). *Cultural Evolution: People’s Motivations Are Changing and Reshaping the World*. Cambridge University Press.

Jasper, J. M. (1997). *The Art of Moral Protest, Culture Biography, and Creativity in Social Movements.* The University of Chicago Press.

Jasper, J. M. (setembro de 1998). The Emotions of Protest: Affective and Reactive Emotions in and around Social Movements. Sociological Forum, (13), 397-424. https://doi.org/10.1023/A:1022175308081

Jasper, J. M. (2014). *Protest: A Cultural Introduction to Social Movements*. Polity Press.

Kasper, D. V. (2009). Ecological Habitus: Toward a Better Understanding of Socioecological Relations. Organization & Environment, 22, 311–326. DOI:10.1177/1086026609343098

Lahire, B. (2001). *O homem plural: As molas da ação*. Instituto Piaget.

Lahire, B. (2004). *Retratos Sociológicos*. Artmed.

Lahire, B. (2005). Patrimónios individuais de disposições: Para um sociologia à escala individual. Sociologia, problemas e práticas, (49), 11-42. http://hdl.handle.net/10071/200

Lalanda, P. (1998). Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica. Análise Social, 148(4), 871-883.

Laraña, E., Johnston, H., & Gusfield, J. R. (1994). *New social movements : from ideology to identity*. Temple University Press.

Lima, A. V., & Guerra, J. (2004). Ambiente e Desenvolvimento: dimensões da mobilização ambiental em quatro países europeus. Em L. Lima, M. V. Cabral, & J. Vala, *Ambiente e Desenvolvimento*. Imprensa de Ciências Sociais.

de Lima, A. V., & Schmidt, L. (1996). Questões ambientais — conhecimentos, preocupações e sensibilidades. Análise Social, 31(135), 205–227. http://www.jstor.org/stable/41011206.

MacAdam, D. (1989). The biographical consequences of activism. American sociological review, 54(5), 744-760. https://doi.org/10.2307/2117751

MacAdam, D., McCarthy, J. d., & Zald, M. N. (2008). *Comparative perspectives on social movements - Political opportunities, mobilizing structures, and cultural framings*. Cambridge University Press.

Marx, K., & Engels, F. (1997). *Manifesto do Partido Comunista*. Avante.

Melucci, A. (1996). *Challenging codes, Collective action in the information age*. Press Syndicate of the University of Cambridge.

Mertig, A. G., Dunlap, R. E., & Morrison, D. E. (2002). The Environmental Movement in the United States. Em R. E. Dunlap, & W. MIchelson, *Handbook of environmental sociology*. Greenwood press.

Nave, J. G. (2000). *The politics of environmental groups in Portugal : a case study on institutional contexts and communication processes of environmmental collective action*. [Dissertação de doutoramento]. Florença, European University Institute]. European University Institute. https://core.ac.uk/download/pdf/45673064.pdf

Nave, J. G., & Fonseca, S. (2004). Entre a cultura ambietal e o efeito NIMBY. Em J. F. Almeida, *Os Portugueses e o Ambiente* (237-335). Celta.

Nazareth, J. M. (2010). *Demografia - A ciência da População*. Editorial Presença.

Nunes, C. (2014). O Conceito de Movimento Social em Debate - Dos anos 60 à atualidade. Sociologia, Problemas e Práticas, (75),131-147. http://journals.openedition.org/spp/1596

Parsons, T. (1937). *The Structure of Social Action*. The Free Press.

Paxton, P. (2007). Association Memberships and Generalized Trust A Multilevel Model Across 31 Countries. Social Forces, 86(1), 49-75. https://www.jstor.org/stable/4495027

Putnam, R. D. (2001). *Bowling Alone: the collapse and revival of American community*. Touchstone.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva.

Sandler, T. (2004). *Global Collective Action*. Cambridge University Press.

Sartre, J. P. (2006). *Esboço para uma teoria das emoções*. L & PM.

Silverman, D.(Edt) (2004). *Qualitative research: theory, method and practice*. (2th edition).Thousand Oaks.

Smelser, N. J. (1965). *Theory of Collective Behavior*. Free Press.

Spaargaren, G. (1997). *The Ecological Modernization of Production and Consumption: Essays in Environmental Sociology*. Spaargaren.

Spaargaren, G. (2000). Ecological modernization theory and domestic consumption. Journal of Environmental Policy & Planning, (2). 323–335. https://doi.org/10.1080/714038564

Stern, P. C. (2000). Toward a Coherent Theory of Environmentally Significant Behavior. Journal of Social Issues, 56(3), 407-424. https://doi.org/10.1111/0022-4537.00175

Stern, P. C., Dietz, T., Abel, T., Guagnano, G. A., & Kalof, L. (1999). A Value-Belief-Norm Theory of Support for Social Movements: The Case of Environmentalism. Human Ecology Review, 6(2), 81-97. https://www.humanecologyreview.org/pastissues/her62/62sternetal.pdf

Stets, Jan E.; Turner, Jonathan H. (2006). *Handbook of the Sociology of Emotions*. Springer.

Stryker, S., Owens, T. J., & White, R. W. (2000). *Self, Identity, and Social Movements*. University of Minnesota Press.

Tocqueville, A. d. (2005). *A Democracia na América*. Martins Fontes.

Tourain, A. (1984). *O Retorno do Actor*. Instituto Piaget.

Viegas, J. M. (2014). Associativismo, sociedade divil e democracia. Democracia e Associativismo.https://repositorio.iscteiul.pt/bitstream/10071/14242/1/Associativismo%2C%20Sociedade%20Civil%20e%20Democracia.pdf

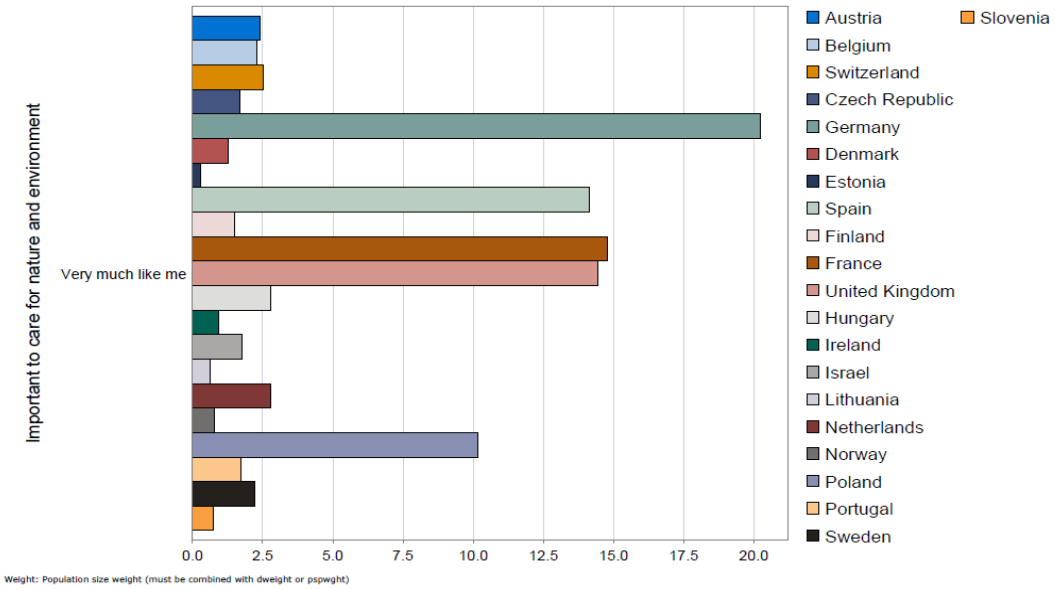
Viegas, J. M. (1986). Associativismo e dinâmica cultural. Sociologia, Problemas e Práticas,1, 103-121. https://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/39/438.pdf

Weber, M. (2010). *Conceitos Sociológicos Fundamentais*. Lusosofia.

Weber, M. (2017). *A política como vocação- Max Weber - A ciência como vocação*. Bookbuilders.

West, D. (2013). *Social Movements in Global Politics*. Polity.

Anexo A – Gráficos do European Social Survey ESS7 – 2014



Fonte: European Social Survey ESS7 – 2014

Figura 15 - Preocupações com o ambiente e a proteção da natureza

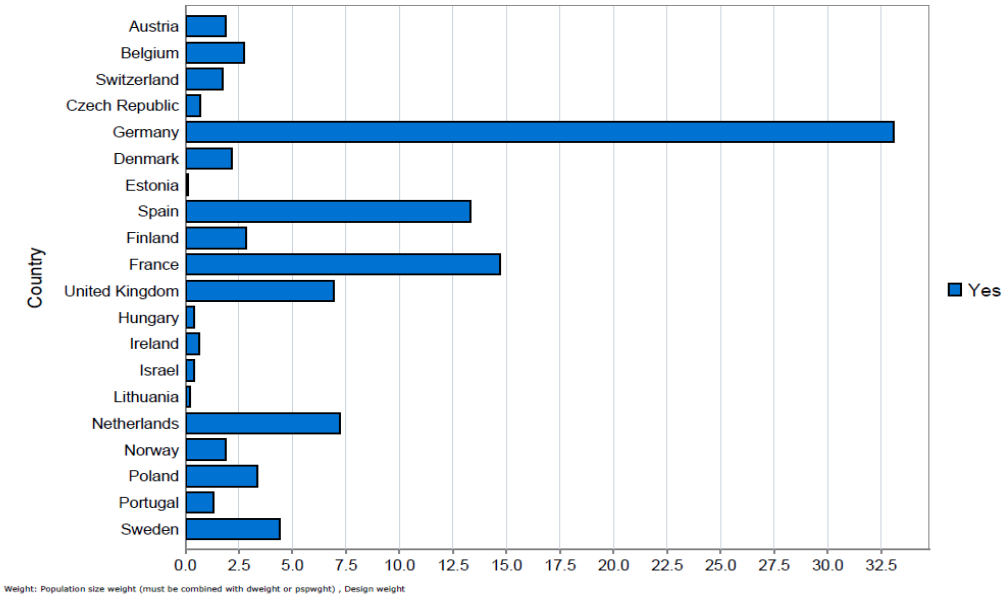


Figura 16 - Trabalhou numa organização ou associação no último ano

Fonte: European Social Survey ESS7 – 2014

Anexo B – Grelha de entrevista

Entrevista

"Agir por um bem comum. Lógicas de ação e perceções do ativista ambiental em contexto associativo"

1. **Introdução**

A construção do instrumento de recolha de dados empíricos com o objetivo de validar as nossas hipóteses revelaram-se, neste caso, numa tarefa dotada de alguma complexidade.

Este facto deve-se, em primeiro lugar ao carácter subjetivo das questões a colocar, o que resulta do tipo de hipóteses avançadas; e, em segundo, ao facto de se tratar de um estudo qualitativo. Tendo como objetivo primordial compreender e destacar, a partir da opinião subjetiva do ativista ambiental, as questões que estarão por detrás da sua decisão de participar ativamente de uma ONGA e sobre as quais o entrevistado não tem por hábito refletir.

O guião da entrevista contempla três grandes grupos de questões, definidos essencialmente a partir das três hipóteses de trabalho anteriormente apresentadas e pela correspondente grelha analítica.

Desta forma, o primeiro grupo de perguntas centra-se na biografia individual do entrevistado, nomeadamente ao nível disposições adquiridas através da socialização familiar, escolar e profissional.

O segundo grupo de questões centra-se essencialmente no campo das emoções e da sua relação com as disposições, herdadas ou mais recentemente adquiridas, para o ativismo. Neste grupo de questões, irar-se-á procurar identificar de que forma as emoções se relacionam com as disposições para o ativismo, através da influência dos aspetos que se relacionam com valores ambientais ou de situações que, de alguma forma, tenham a capacidade de abalar esses mesmos valores.

O terceiro grupo de questões incide sobre a relação entre os diversos papéis sociais assumidos no decurso da vida quotidiana, com especial enfase em determinados contextos sociais, como os relativos ao trabalho, à ONGA e à vivência familiar. Procurar-se-á, ainda, discernir a eventual necessidade de gestão das emoções relacionadas com o ativismo e a forma como elas são identificadas pelo entrevistado.

2. Guião de entrevista

Consentimento informado

O presente estudo surge no âmbito de um projeto de investigação a decorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Este estudo visa identificar e perceber quais os aspetos que conduzem ao ativismo ambiental e também a uma participação ativa em associações ambientalistas por parte de um indivíduo. O estudo é realizado por Vasco Santos (vmsss11@iscte-iul.pt; vasco.s.s@gmail.com;), que poderá contactar caso pretenda esclarecer uma dúvida ou partilhar algum comentário. A sua participação no estudo, será muito valorizada pois irá contribuir para o avanço do conhecimento neste domínio da ciência, consiste em responder a perguntas que abarcarão várias áreas da sua vida presente e passada e que por se tratar de uma entrevista algo extensa, será muito possivelmente realizada em várias sessões. Não existem quaisquer riscos significativos expectáveis associados à sua participação no estudo.

A participação no estudo é estritamente voluntária: pode escolher livremente participar ou não participar. Se tiver escolhido participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também anónima e confidencial.

Esta entrevista será realizada através de videoconferência com o recurso unicamente à gravação de som para efeitos de futura transcrição e análise dos dados.

Em nenhum momento do estudo precisa de se identificar.

Declaro ter compreendido os objetivos de quanto me foi proposto e explicado pelo/a investigador/a, ter-me sido dada oportunidade de fazer todas as perguntas sobre o presente estudo e para todas elas ter obtido resposta esclarecedora, pelo que aceito nele participar. (Resposta verbal)

Questões

Ser-lhe-ão agora colocadas diversas questões diretamente relacionadas consigo e com a forma como se identifica, como pensa e/ou pensou sobre diversos aspetos e temas. Estas questões envolverão diversas dimensões da sua vida, como as relativas ao seu passado ao nível familiar, escolar e profissional; ao seu quotidiano, à sua atividade profissional, à sua atividade como membro da ONGA e, finalmente, quanto às suas relações familiares, de amizade e profissionais. A sua identidade será sempre preservada através do anonimato. Agradece-se mais uma vez a sua disponibilidade para participar, o tempo que nos disponibilizou e a franqueza das suas respostas.

Idade:

Sexo:

Grau de instrução:

Profissão:

Grupo 1 – Biografia

1. Onde nasceu?

2. Qual é a sua primeira e mais vívida memória na primeira infância?

3. Consegue descrever como era(m) o(s) bairro(s), a(s) cidade(s) ou a(s) localidade(s) onde cresceu?

3.1. Onde gostou mais de viver e onde gostou menos?

4. Fale-me dos seus pais, qual dos dois foi mais marcante na sua educação?

4.1. Foram ambos?

4.2. Como era a sua relação com os seus pais, havia diferenças nas relações um com outro, pode falar-me disso?

5. Como acha que foi a sua infância, acha que foi feliz?

5.1. Porquê?

6. Consegue recordar-se de alguns momentos ou de situações mais disciplinadoras por parte de um dos seus pais ou de ambos?

6.1. Os seus pais repreendiam-na(no), havia algum tipo de castigo, como?

7. Como era o posicionamento dos seus pais quanto à religião?

7.1. Teve uma educação religiosa ou não?

7.2. Pode falar-me disso?

8. Em termos de valores, como se orientava a sua família mais chegada?

9. Quais eram as habilitações escolares dos seus pais?

10. Pode falar-me da educação que herdou dos seus pais?

11. Como era obtido o rendimento familiar, quais eram as profissões dos seus pais?

11.1. Os seus pais conseguiram dar-lhe tudo ou havia constrangimentos?

12. Como compara a sua família com outras famílias da vizinhança (mais rica, mais pobre, similar)?

13. Quais eram ou qual era o posicionamento político da sua família?

13.1. O que achava disso?

13.2. Discutia-se política na sua família?

13.3. Revia-se nesse posicionamento?

14. Relativamente à consciência ambiental, como se posicionava a sua família?

14.1. Falava-se disso?

14.2. Havia atitudes pró-ambientais?

15. Sobre que assuntos se falava quando a família se reunia (refeições, comemorações, etc.)?

15.1. Participava nas discussões?

15.2. Concordava ou discordava?

16. Na família havia envolvimento em algum tipo de associativismo, movimento social ou sindicalismo?

16.1. Qual?

16.2. Qual era o tipo de envolvimento?

16.3. O que achava disso?

17. Admirava algum tipo de herói ou personagem histórica quando era criança?

17.1. Porquê?

17.2. E quando era jovem?

18. De que grandes eventos ou revoluções à escala nacional ou global se recorda e que, de alguma forma, o/a marcaram?

18.1. Porquê?

19. Quando era jovem seguia alguma causa ou ideal?

20. Aderiu a algum tipo de cultura juvenil?

20.1. Como se sentiu?

20.2. Os seus pais diziam alguma coisa sobre esse facto?

21. Qual ou quais os tipos de escola em que estudou (privada, pública, colégio interno, religioso, militar, etc.)?

22. Qual foi o ou os seus professores favoritos e porquê?

23. Quais eram as atividades preferidas durante o verão ou nas férias escolares?

23.1. Porquê?

24. O que gostava e ambicionava ser quando crescesse?

24.1. Por que área educacional optou?

24.2. Foi sempre essa a opção?

24.3. Qual era a disciplina favorita?

25. Em que tipo atividades coletivas se envolveu na escola?

25.1. Como foi a experiência?

26. Nessa época, recorda-se de alguma situação que tenha presenciado e que tenha considerado injusta ou que lhe tivesse provocado uma certa revolta?

26.1. Pode falar-me dela?

27. Foi para o ensino superior?

27.1. Se interrompeu os estudos, porque o fez?

27.2. Entrou na área que desejava?

27.3. Público ou privado?

27.4. Teve de sair de casa dos pais para estudar, como achou a experiência?

27.5. Houve algum tipo de constrangimento financeiro?

28. Não foi para o ensino superior, porquê?

28.1. Ainda pretende ir?

28.2. O que pretende estudar?

29. Fale-me sobre como decidiu o que queria estudar?

30. Estudou até que grau académico?

31. Quando é que começou a trabalhar?

31.1. Teve muitos empregos, quais?

31.2. Mantem o mesmo emprego, porquê?

31.3. Esteve desempregado, pode falar-me disso?

32. Participou em algum tipo de associativismo académico?

32.1. Como se sentia?

33. Não participou, porquê?

34. Participou em algum movimento social, fez voluntariado ou participou em alguma associação?

34.1. Quantos?

34.2. De que tipo?

34.3. Porquê e como começou a participar?

34.4. Como se sentia e o que achava dessa participação?

34.5. Qual era a sua posição nessas organizações?

34.6. Em que tipo de atividades participou?

Grupo 2 – Emoções, crenças e valores

35. O que é para si ter qualidade de vida?

36. Tem alguma crença religiosa?

36.1. (Se não tem) Porquê?

37. Quais são as suas melhores qualidades?

37.1. Quer falar-me das piores?

38. Em termos de objetivos pessoais, quais são os mais importantes para si agora?

38.1. Porquê?

39. Para si, quais são os valores mais importantes na vida?

40. O que significam para si os valores verdes, de defesa do ambiente, contra a crise ecológica e perda de biodiversidade?

41. Porque decidiu defender o ambiente?

42. Segue a política?

42.1. O que acha do contexto político atual?

42.2. Como se identifica no espetro político?

42.3. Vota sempre?

43. Que valores na sociedade considera mais importantes?

43.1. Pensou sempre assim?

43.2. O que sente quando esses valores são atacados?

44. Se você pudesse viajar para o futuro, como preferiria ver o planeta?

44.1. Porquê?

45. O que acha da relação da sociedade atual com o ambiente?

46. Para si, quais são atualmente os maiores problemas ou ameaças ambientais?

46.1. Que soluções considera adequadas?

46.2. Acha que a crise ecológica será resolvida?

46.3. O que perspetiva para o futuro?

46.4. Se pudesse, mudaria o quê?

47. Quando surgiu a sua preocupação com o ambiente e a crise ecológica?

47.1. Como surgiu?

47.2. Mudou alguma coisa na sua vida?

47.3. O quê?

48. Como vê essa sua preocupação com o ambiente em relação à restante sociedade?

48.1. E em relação às pessoas próximas de si?

49. Como se sente quando tem conhecimento de alguma situação com impactos negativos no ambiente?

49.1. Quais os tipos de impactos que o (a) preocupam mais e porquê?

50. Alguma vez participou em ações de protesto (boicotes, manifestações ou bloqueios)?

50.1. Pode falar-me dessa experiência?

51. Já fez ou faz voluntariado?

51.1. O que achou e sentiu acerca da experiência?

52. Há quanto tempo participa em ONGA?

52.1. Como se envolveu na participação (passiva ou ativista)?

52.2. Ocupou algum cargo dentro da organização, como se sente em relação a isso?

53. E na ONGA em que participa atualmente, como vê a sua participação, em que atividades participa?

53.1. Porquê?

53.2. Pode falar-me relativamente ao que sente e ao que significa para si a participação na ONGA?

53.2.1. E o que representam para si os objetivos da ONGA?

54. E os outros participantes, o que dizem sobre o seu trabalho e atividades desenvolvidas?

54.1. E como vê o desempenho dos outros participantes?

54.1.1. Tem algum relacionamento especial ou diferente com algum deles?

55. Mudaria alguma coisa no funcionamento da ONGA?

55.1. Qual ou quê?

55.2. Porquê?

56. De seguida vou mostrar-lhe algumas notícias, pode dizer-me o que sente acerca delas e o que representam para si em particular cada uma delas?

56.1. Pode falar-me sobre que atitude ter em relação a cada uma destas situações?

Imagem n.º1

Imagem n.º 2

Imagem n.º 3

AMBIENTE

Em 2017 o potencial de aquecimento global aumentou 6,9% em Portugal

A seca e os grandes incêndios daquele ano contribuíram para estes resultados. Francisco Ferreira da Zero diz-se seguro de que os dados de 2018 e 2019 serão já muito diferentes.

Patrícia Carvalho · 18 de Outubro de 2019, 13:51

56 PARTILHAS

A seca de 2017 levou ao uso de mais energia proveniente do carvão e do gás ADRIANO MIRANDA

A relação entre as contas nacionais e as contas do ambiente, em particular as emissões atmosféricas, que o Instituto Nacional de Estatísticas (INE) analisa anualmente, mostram que, em 2017, o potencial de aquecimento global aumentou 6,9% em Portugal, superando o crescimento económico. Os dados confirmam uma tendência que se faz sentir desde 2015, depois de oito anos em que esse indicador tinha decrescido.

Os dados foram divulgados esta sexta-feira e indicam que, no ano em análise,

MAIS POPULARES

Imagem n.º 4

negocios

PREMIUM NOTÍCIAS NO MINUTO COTAÇÕES OPINIÃO WEEKEND DIRECTÓRIO DE EMPRESAS EMPRESTE MUST

EMPRESAS

Mina de lítio em Montalegre vai ser a céu aberto e em túnel

A empresa Lusorecursos esclareceu hoje que a exploração da mina de lítio em Morgade, no concelho de Montalegre, vai ser mista, efetuando-se primeiro a céu aberto e passando depois, à cota das aldeias, para túnel.

Carla Gottgens/Bloomberg

x

Imagem n.º 5

I

Imagem n.º 6

Grupo 3- Identidade, interações e papéis sociais

57. Pode descrever-me o seu quotidiano?

58. Quando está no contexto da ONGA, como se relaciona com os outros participantes e membros da ONGA?

58.1. Que tipo de laços estabeleceu/estabelece?

58.2. Já se relacionava ou conhecia alguém da ONGA antes de nela participar?

58.3. Era um relacionamento de que tipo?

59. A participação na ONGA é a sua principal atividade?

59.1. De que forma desempenha esta função?

59.1.1. É voluntário ou recebe alguma remuneração?

59.2. Se não é a única e principal atividade, pode falar-me da forma como relaciona a sua atividade profissional com a sua atividade na ONGA?

59.2.1. São atividades muito diferentes?

59.2.2. Quais são as principais diferenças?

59.2.3. Vê algum tipo de influência em si resultante dessas diferenças?

60. Como se sente relativamente ao seu trabalho, faz o que gosta?

60.1. (Se não faz o que gosta) Porque é que não gosta?

60.2. (Se gosta do que faz) Porque é que gosta?

60.3. Que posição ocupa na estrutura organizacional onde trabalha?

60.3.1. Pode falar-me do relacionamento com os seus colegas de trabalho?

60.3.2. (Se for o caso de posição de chefia) Pode falar-me da forma como exerce a sua liderança perante as pessoas que tem sob a sua responsabilidade?

60.3.3. (Se não for o caso de chefia) Pode falar-me da forma como se relaciona com os seus superiores?

60.4. Fala e discute sobre as questões relacionadas com a ONGA ou com o ambiente no seu trabalho ou com os seus colegas de trabalho?

60.5. Relaciona-se da mesma com os seus colegas de trabalho e com os participantes da ONG da mesma forma?

60.5.1. (Se for diferente) Pode falar-me acerca dessa diferença?

61. Como vê a sua atividade profissional em relação aos valores da sustentabilidade e da proteção do ambiente?

61.1. (Se forem divergentes ou parcialmente divergentes) O que sente em relação a isso?

61.1.1. Quer falar-me disso?

62. E relativamente à vivência familiar e ao quotidiano, que influencia tem aquilo que defende na ONGA?

62.1. Pode falar-me relativamente ao tipo de consumos que faz?

63. A sua atividade na ONGA e a forma como defende o ambiente têm alguma influência junto dos seus familiares?

63.1. Todos os seus familiares partilham das mesmas preocupações?

63.1.1. Existem divergências, com quem?

63.1.2. Pode falar-me sobre como se sente?

63.2. E relativamente ao seu círculo de amigos?

63.2.1. Todos os seus amigos partilham das mesmas preocupações?

63.2.2. Se existem divergências, pode falar-me sobre essas divergências?

64. Olhando novamente para as suas atividades do quotidiano, qual é a mais importante para si?

64.1. Pode dizer-me qual delas é que tem mais a ver consigo?

65. Uma última questão, pode falar-me sobre o que significa para si ser um ativista ambiental?

Muito obrigado por ter participado neste estudo. Conforme adiantado no início da sua participação, o estudo visa identificar e perceber quais os aspetos que conduzem ao ativismo ambiental e também a uma participação ativa em associações ambientalistas por parte de um indivíduo. Em termos mais específicos, objetivo primordial visa compreender e destacar, a partir da opinião subjetiva do ativista ambiental, as questões que estarão por detrás da sua decisão de participar ativamente de uma ONGA e sobre as quais este não tem por hábito refletir.

Recordamos os dados de contacto que pode utilizar caso deseje colocar uma dúvida, partilhar algum comentário, ou assinalar a sua intenção de receber informação sobre os principais resultados e conclusões do estudo:

Vasco Manuel de Sousa Santos

Mais uma vez, obrigado pela sua participação.

Anexo C – Transcrição da entrevista a "Elisabete"

Local da entrevista: Entrevista realizada online através da aplicação ZOOM
Data de início: 29 de maio de 2020
Duração da entrevista:
Idade: 34
Profissão: Bióloga
Habilitações: Mestrado
Sexo: Feminino
Observações: Entrevista realizada ao longo de três sessões, nas seguintes datas: 21/05/2020, 22/05/2020 e 29/05/2020.
Participante voluntária numa ONGA e como funcionária em outra ONGA.

E: A primeira questão, as primeiras questões que farei têm a ver com a idade, perguntarei qual é a idade quem tem?

ELISABETE: Hum! Hum! Trinta e quatro.

E: Sim, hâ…é licenciada, certo?

ELISABETE: Tenho mestrado, o mestrado sim.

E: E a profissão?

ELISABETE: Bióloga.

E: Onde é que nasceu?

ELISABETE: Nasci em Vieira de Leiria, concelho da Marinha Grande.

E: Hâ, Marinha Grande?

ELISABETE: Marinha Grande, sim.

E: Da sua infância qual é primeira e mais vívida memória que tem? Da primeira infância?

ELISABETE: Mas relacionado com… questões de natureza, ou…

E: Não.

ELISABETE: Genéricos.

E: O que, o que, se lembra da sua infância.

ELISABETE: Hâ… em casa, questões familiares, com a família, sim…hâ…

E: Algo em especial, que lhe seja caro, ou…

ELISABETE: Hummm… não assim nada de muito especial, mas andar a brincar por ali com o meu irmão, coisas assim, não…

E: Ok.

ELISABETE: Assim as primeiras memórias são assim muito vagas, mas têm a ver com isso, com o estar em casa, sim, sim.

E: Hâ, consegue-me descrever como era o bairro ou o local onde cresceu ou onde, onde fez essas brincadeiras?

ELISABETE: Hum,hum…sim…hâ… era uma vila pequena, ali à volta era uma zona com casas, hâ... basicamente o crescimento foi sempre ali no quarteirão, hâ… mesmo a escola e tu era muito próximo, ia a pé para a escola, era uma vila pequena, as pessoas conhecem-se todas, casas, algumas com quintais, hâ…e… e depois campos agrícolas. É umas das memórias que tenho é de ir brincar par os campos com a minha avó e quando ela andava… a cavar e eu assim ia brincar (risos).

E: E portanto, isso é o que gostava mais de fazer?

ELISABETE: Hum! Hum!

E: E o que é que gostava menos de sua infância nesse local, o que é que lhe desagradava mais?

ELISABETE: Hâ… não tenho particulares memórias negativas, na verdade. Hâ… sempre gostei da escola, pronto, devia ser aquela primeira coisa, que… (risos) que as pessoas dissessem que… não agradasse sendo como criança, mas eu…era uma criança aplicada e que gostava de ir à escola, hâ… sempre fiz muitas atividades também, extracurriculares… portanto… sempre fiz… coisas… que… que me agradavam. Hâ… não tenho esse sim… assim de repente, não tenho… não consigo identificar nada, na infância que me desagradasse assim mais. Não… mesmo as tarefas assim em casa e tudo, sempre foi tudo tranquilo, mas não… não tenho assim… nada que… pudesse identificar assim como mais… menos agradável ou… de que não gostasse de fazer.

E: Relativamente, não sei se... Falou-me da sua avó já, relativamente aos seus pais, qual dos dois ou a sua avó por exemplo, não sei como é que foi, foram mais marcantes na sua educação, qual é que considera que te uma influência maior, ou se não teve nenhum em particular?

ELISABETE: Hâ… com os pais é… é um bocadinho distribuído, mas nós em pequeninos, assim mesmo em primeira infância, hâ… passamos mesmo bastante tempo com os meus avós paternos. As casas são pegadas, portanto, hâ… quando os meus pais iam trabalhar, e a minha mãe também estudou de noite, portanto passamos muito tempo com… com os meus avós e com os avós maternos também, mas a casa era mais deslocada, portanto era menos o tempo. Hâ… portanto eu posso dizer assim… tenho memórias, se tenho…uma ideia de ter vivido muita coisa com o meu avô paterno, sim. Que destacasse, hâ… entres os dois pais, é bastante equilibrado, hâ… o meu pai para um lado a mãe para o outro, mas não, não consigo assim destacar… influência dos pais. Mas relativamente ao meu avô paterno tenho essa, essa noção de…de ter

aprendido muita coisa, ter passado muito tempo com ele. Hâ… a fazer… por exemplo muitas coisas diferentes, e…

E: Pode falar disso?

ELISABETE: Especialmente as relacionadas com o campo, sim, muitas, sim.

E: Pode-me falar disso, mais um pouco?

ELISABETE: Hâ… sim, posso. Foi a aprender a andar de bicicleta… com o meu avô, por exemplo. Hâ… e nós temos um quintal entre as duas casas, portanto tudo o que era… coisas de campo, hortas, etc… hâ… era ele que, que… fazia e que nós passávamos tempo com ele. Hâ… hâ… mesmo passeios, sair de carro e assim, também. Humm… coisas… e jogos tradicionais, jogar às cartas, era… passávamos sempre muito tempo… muito tempo juntos, hâ… eu o meu irmão e ele. Depois o meu irmão como era mais velho, começou… já começou a ter outros gostos (risos). Hâ… mas assim, dessas coisas do dia à dia, de… da vivência assim, de uma memória em que, no meio mais pequeno, não é? Aquilo não é muito grande, da vivência mais… rural, se, se pode dizer… hâ… o meu avô ensinou-me muita coisa, e passei assim muito tempo, com ele.

E: Na sua educação, com os seus pais ou com o seu avô, hâ… tem memória de algum momento ou uma situação, hâ… mais disciplinadora por assim dizer, não digo propriamente castigos, mas…

ELISABETE: Hâ…sim, hâ… eu percebo a pergunta. Hâ… eu posso, eu gabo-me frequentemente de não ter assim… muitas coisas hâ… marcantes. Os meus avós sempre foram muito brandos, tanto de um lado, como do outro. Hâ… os maus pais, a minha mãe castigou-me uma vez a mim e ao meu irmão, hâ… castigar de… fica uma parte sem ver televisão e… e… sem brincar, hâ… durante dois ou três dias, porque nós… basicamente, fomos brincar para um sítio e dissemos que tínhamos ido para outro. Hâ… fomos brincar para um sítio perigoso e dissemos que tinha ido para um sítio não perigoso, basicamente. E então, fomos os dois e o meu primo também foi, só que o meu primo estava na casa dele a contar a verdade à mãe e então pronto, eu e o meu irmão, não tivemos hipótese e a minha mãe pôs-nos de castigo, hâ… dois ou três dias. A minha conta, eu não me lembro, mas a minha mãe conta que a minha avó, depois foi interceder por nós e foi lá dizer: “hâ… coitadinhos dos meninos, deixa-os vir cá pra casa”, pronto, foi aquele castigo, só mesmo de…de privar da televisão e brincar. Hâ… com o meu pai, eu nem tenho memória disso, hâ… mas ele disse que uma vez, eu demorei a ir para casa e eles correram a Vieira inteira à minha procura e ele quando me encontrou, deu-me um pontapé assim no rabo e: “já para casa!”, mas é, ele conta isso na brincadeira e eu nem… nem sequer me lembro, lembro-me de onde é que estava e o que é que estava a fazer, estava a ver uns carroceis… um daqueles carroceis, estava

um montado lá no meio da vila e eu em vez de ir para casa direta, fiquei a ver o carrocel, pronto, e… tenho memória do carrocel, mas não tenho memória do… do ato disciplinador do meu pai, ele era contra isso, sempre na brincadeira e gabar-se que foi a única vez que se chateou, comigo, dessa vez. Foi mais quela reação da preocupação, do que… propriamente estar chateado, humm… e pronto, são assim as duas histórias… a da minha mãe lembro-me porque era um bocadinho mais crescida, essa do meu pai, é mesmo ele que conta, eu… não tenho memória nenhuma.

E: Relativamente ao elemento da religião, como eram os seus pais religiosamente e o posicionamento deles quanto à religião?

ELISABETE: Hâ… Os meus pais são católicos, casados, nós somos batizados, e eles sempre…hâ… hâ…permitiram que nós fizéssemos as nossas escolhas, hâ… e eu não sei, talvez um bocadinho por identificação como os meus avós e com a minha avó particularmente, sou católica, sou praticante, sempre participei em tudo. Hâ… catequeses todas, sou escuteira católica, hâ…vou à missa, tenho, tenho todos os hábitos… religiosos católicos. Hâ… comuns, por assim dizer, mais essa dos escuteiros que sempre foi uma coisa que… que sou desde os sete anos, foi uma coisa que sempre me acompanhou. Hâ… portanto, tenho essa ligação, os meus pais são… católicos, e vão… frequentam quando há… cerimónias dos escuteiros ou outro tipo de… de coisas…mais chatas, funerais e assim, mas não, não são praticantes. Sempre deixaram isso à vontade da… de escolha e de praticar, o meu irmão teve a mesma educação que eu, também fez a catequese toda, mas… desligou-se. Não eu, mantive-me ligada, talvez um bocadinho por essa proximidade que tenho, com, com os meus avós e com a minha avó paterna, particularmente, que ela é muito, é muito religiosa e é muito ligada, era catequista e…era muito ligada a essas coisas, da comunhão, portanto… essa… essa proximidade com ela e esse hábito e trouxe, essa…veia religiosa.

E: Em termos de valores, que valores é que orientavam a sua família mais chegada, que tipo de valores?

ELISABETE: Hâ… (reflexão) sinceridade, a honestidade sempre, uma coisa que é muito valorizada e… ao dia de hoje olhando para o tal castigo tenho a noção perfeita de que o problema não foi a situação foi mesmo a mentira. Hâ… o trabalho… o trabalho, para se conquistar aquilo que tem, que temos. Hâ… uma coisa que o meus pais dizem sempre que tem a ver com, tanto eu como o meu irmão seguirmos muito, que é levar as coisas até ao fim, ou seja, quando aceitamos um desafio, hâ… tentar, hâ… contornar as dificuldades e os obstáculos, sem desistir, não é?…até pelo menos, quando for possível, hâ… ser assim perseverante nas nossa escolhas, hâ… e muito, muita responsabilidade, ser muito…como é que eu posso explicar…sei lá. Por exemplo, eu tinha notas para medicina e a minha mãe dizia, “não, se tu escolhes aquilo que tu

entenderes é uma decisão que é tua, mas tens de ser responsável, tens de levar essa decisão até ao fim", hâ…sei, (reflexão)…pronto, ter consciência daquilo que decidimos e agir de acordo com isso… hâ… a família em si também é uma valor que é muito forte, hâ…que é muito forte. Hoje por exemplo é o feriado municipal da Marinha Grande e todos os anos há um grande piquenique em família e é uma coisa que nos respeitamos muito, e que temos sempre muita atenção. Hâ…(reflexão) temos sim, talvez sejam esses que eu pudesse destacar…

E: Relativamente ainda aos seus pais, em termos de habilitações escolares, quais são?

ELISABETE: Hum… hum…hâ… o meu pai tem o equivalente ao 11º e a minha mãe concluiu o nono à noite.

E: E em termos escolares eles contribuíram nos seus estudos?

ELISABETE: Sim, sim…contribuíram, mas…efetivamente (risos) era uma criança bastante disciplinada, para além de gostar de estudar, hâ…procurava muito de mim e trabalha muito, tanto sozinha, como em grupo, sempre fui muito disciplinada, portanto… eles comigo, nunca tiveram aquela necessidade de: "vai te sentar, senta-te aqui, vamos fazer os trabalhos"… mas…hâ… pronto quando era ainda, antes de haver internet e era preciso fazer pesquisas e assim, o meu pai ajudava-me também nessa parte e coisas em enciclopédias e…memórias que eu tenho, mas efetivamente, hâ…não tenho, sempre fui muito disciplinada (risos), portanto, não tenho aquela memória de me ir sentar ou eles terem de me obrigar a fazer os trabalhos, ou…

E: Porque é que acha que era disciplinada?

ELISABETE: Porquê? (risos) Eu costumo dizer, que… porque gostava de aprender, ou seja, não… não tinha… para mim não era enfadonho ir às aulas, tanto pequenina, como mais tarde na universidade, independentemente das noitadas que houvesse, eu ia sempre às aulas a porque… gostava, eu tinha gosto... hâ… e…acho que me dei muito bem com o ouvir, o estar a assistir, e estar a fazer. Hâ… pronto como sempre tive muito gosto em adquirir o conhecimento, criei essa disciplina por assim dizer, e então pronto, não… não era…não me baldava (risos), nem nada disso.

E: Em termos de rendimento familiar e profissões dos seus pais, sempre conseguiram dar-lhe tudo aquilo que queria ou havia algum tipo de constrangimento?

ELISABETE: Sim, hâ… sempre conseguiram, hâ… porque… nem eu nem o meu irmão fomos exigentes, hâ… porque tanto o meu pai como a minha mãe. Hâ… Agora o meu pai não, está numa situação diferente, mas sempre trabalharam por turnos, ordenados mínimos e tudo o mais… hâ… mas eu e o meu irmão, hâ… sempre… pronto, dentro daquilo que, queríamos nunca nos faltou nada, hâh…a nível de estudos os meus pais sempre me apoiaram em tudo, hâ… por exemplo para o mestrado já foi preciso um empréstimo para o conseguir fazer, já não foi possível de outra maneira, mas… passou

por essa decisão e eles apoiaram e fizeram por isso, não tenho, não tenho aquela coisa de me ter faltada nada, nem, nem… a mim nem ao meu irmão. O meu irmão era bastante mais desenrascado do que eu, por exemplo se queria o skate, fazia o skate ou inventava o skate pronto, e então não… não (reflexão) não creio que me esteja a faltar nada, pode… não me ter chegado no timing em que nós queríamos. Lembro-me nas aulas guitarra, andei muito tempo com uma guitarra emprestada até conseguir ter a minha própria guitarra… hâ… portanto…pode as coisas, podem as coisas não ter chegado tão depressa como nos gostaríamos, mas sempre chegaram, não houve assim problemas de maior.

E: Na sua vizinhança, onde cresceu, na sua comunidade como compara ou como consegue estabelecer a sua comparação entre a sua família e as outras da vizinhança, era mais rica, mais pobre, se eram todos da mesma classe em termos de rendimentos?

ELISABETE: Hâ… (reflexão) estaria, ali no meio, hâ… porque… na verdade eu tinha amigos que eram bastante pobres, lembro-me de brincar em casa deles que eram barracos autênticos, portanto… ter esse extremo como comparação, hâ… tenho a noção de que estaria ali a meio, mas também tinha amigos com muito mais posses do que eu… hâ… e tinham, pronto, tinham tudo aquilo, que, que… as roupas de marca aquelas coisas que uma pessoa, que na altura se ligava mais do que agora, hâ… depois assim casos… tinha alguns amigos com as famílias, com os pais já separados, portanto havia ali uns que tinham mais dificuldades, nessa situação, mas a nível económico acho que estaria ali no meio. Sim, mais porque tenho um extremo, não tenho… não tinha amigos muito ricos, mas tinha amigos muito pobres, portanto… acho que estava ali no meio sim.

E: Acha que essa questão de ter amigos muito pobres, tem…pode falar-me disso, poderia ter significado alguma coisa para si?

ELISABETE: Hâ… (reflexão)… nem sei… (risos e reflexão) … nem sei muito bem…o que é que…como…como é que posso explicar, ou…justificar essa situação, simplesmente eram pessoas com quem eu me dava muito bem e hâ… e, hâ… entre a amizade na amizade de brincarmos na casa uns dos outros, ou o facto de darmos roupa, de dar roupa à minha amiga ou o meu irmão dar aos irmãos dela. Hâ… havia ali sempre, sempre uma proximidade, hâ… então não, não tenho assim nenhuma razão em particular, gostava muito das pessoas, fazíamos coisas divertidas, apesar das condições em que eles moravam, conseguia sempre fazer brincadeiras engraçadas e… portanto…a memória quele tenho é de andara brincar na casa desses meu amigos que era no meio do pinhal, que era uma barraca, andávamos no meio do pinhal e então o facto de ser rica ou pobre não importavam muito, na verdade.

E: Mas havia essa consciência de que eles já na altura…

ELISABETE: Sim, sim, tinha, tinha, tínhamos essa consciência, aconteceu essa questão das roupas, acontecia, por exemplo nas festas de a aniversário… hâ…. em casa desses amigos, pronto, apercebemo-nos que eles tinham muito gosto em reunir as pessoas, mas tinham dificuldade em fazer as festinhas, comparando com as outras a que nós íamos, pronto. Tinham, sim, sim, tinha essa noção.

E: Politicamente, como eram, quais eram os posicionamentos políticos na sua família?

ELISABETE: É uma boa pergunta (risos), foi tema que nunca abordamos exaustivamente, hâ… sei vagamente em quem é que os meus pais votaram ou votam, hâ… mas realmente política, não é um tema que surja com frequência, não… se me perguntasse diria que eles andam li no centro direita eventualmente, mas não… (risos), faço mesmo ideia, com toda a sinceridade do mundo.

E: Discutia-se política?

ELISABETE: Não, não (risos). Tirando que… se acontecesse alguma situação muito, muito… hâ… marcante. Sei lá, legalizar as drogas, assim qualquer coisas que tivesse a ver com o nosso dia à dia, abordava-se a questão política, mas não… não era um tema frequente…frequente.

E: Revia-se nessa posição, nesse quadrante político em que os seus pais se inserem?

ELISABETE: Não tinha, não tinha…(reflexão) não tinha posição, não tinha… saber quando…ser que… idade para votar, informava-me e votava em consciência relativamente aquilo que era minha opinião, portanto… sempre foi indiferente, porque nunca houve, nunca houve conversar sobre política e tentarmo-nos influenciar uns aos outros, portanto, sempre foram decisões, hâ… individuais, unilaterais, não há nenhum tipo de influência nesse sentido.

E: E relativamente à questão ambiental, consciência ambiental, falava-se nisso, era um assunto, já existia?

ELISABETE: Sim, hâ… hum…primeiro porque pronto como somos de um meio pequeno e sempre tivemos aquela ligação, sempre tivemos quintal e brincávamos no pinhal, ou brincávamos no campo, ou brincávamos na praia, hâ… sempre, houve sempre esse envolvimento e sempre que havia… sempre algum tema… hâ… de ambiente fazia parte, hâ… de, de uma…era esclarecido e falava-se…depois o meu pai sempre teve uma ligação muito forte ao mar, chegou a ter… um barco, portanto saíamos muito para pescar, falávamos do peixe, da pesca e de tudo quanto são atividades relacionadas. Hâ… hum…com os meus avós, especialmente com o meu avô a mesma coisa, ensinava-nos sobre os pássaros, tinha uma memória, não faço ideia com que idade, mas é a primeira perceção que eu tenho relativamente às aves, foi ter uma pena azul, mas eu devia ser muito pequenina, porque eu não me lembro mesmo, lembro-me da pena, mas não me lembro do meu avô me dizer que era um gaio, mas não...não me

lembro, não faço ideia que idade é que tinha, mas sempre tivemos, tivemos essa…as questões ambientais, ou seja, não sendo ninguém da área, ainda assim sempre foram coisas presentes, hâ… a reciclagem, lembro-me de muito pequena de levar o vidro com a minha mãe e pedir para ser eu a pôr as garrafas para fazer barulho, (risos) para partir as garrafas no fundo do vidrão… hâ… não sendo ninguém da área, ainda assim foi sendo…sempre foram temas…

E: Em que altura, em que altura da sua idade?

ELISABETE: Hâ… bem pequenina, ainda antes da escola provavelmente, sim… eu começo a ter memorias mais vívidas a partir dos sete anos, antes disso é tudo muito… estranho, não sei porquê, antes disso, sim.

E: Nas reuniões familiares, por exemplo às refeições, nas comemorações, quais eram os assuntos mais falados, sobre que assuntos falavam?

ELISABETE: Hum…hum…eu acho que depende um bocadinho do que tivesse a dar nas notícias, (risos) porque nós… hâ... sempre tivemos, nunca tivemos televisão no quarto, mas sempre tivemos televisão onde comíamos e era aquela hora sagrada de ver as notícias, dependia sempre muito do que estivesse a dar, e de algum assunto do dia à dia, ou da escola, ou dos escuteiros, acontecia muito, hâ… estarmos a preparar alguma atividade, ou termos vindo de alguma atividade, portanto, eram assuntos frequentes, assuntos da escola, os amigos, os amigos eram um tema também muito frequente, hâ… mais da parte do meu irmão até, hâ… do que até da minha parte, porque os meus amigos, os meus pais sempre conheceram, eram ali do meio, o meu irmão tinha mais facilidade em arranjar amigos de fora. E então, era um assunto também, os amigos, quem é que são, o que é que fazem… hâ… depois eram sempre as coisas da atualidade, do que estivesse a acontecer, hâ…mas…assim…

E: Portanto, em termos de assunto mais repetitivo, eram aqueles que me referiu, os escuteiros, as aulas, participava toda a família nessa discussão?

ELISABETE: Sim, sim.

E: Em termos de, na sua família havia já algum envolvimento no associativismo, em associações, algum movimento social, sindicalismo?

ELISABETE: Hâ (reflexão)… não, a nível familiar não, os meus pais e o meu irmão, o meu irmão foi o primeiro ao ir para os escuteiros, depois fui eu a seguir, de resto não, mesmo à volta, tios e assim, não, não tínhamos… não tínhamos ninguém envolvido em movimentos ou associações, pelo menos de que me esteja a lembrar.

E: Portanto os escuteiros foi, por assim dizer, em termos de coletividade aquilo que começou desde cedo?

ELISABETE: Sim, sim…o meu irmão entrou primeiro, depois eu tive de esperar para fazer os sete anos para entrar e foi assim a primeira associação… hâ… em que, em que estive envolvida…

E: Admirava algum tipo de herói ou personagem histórica quando era criança?

ELISABETE: (Risos e reflexão longa) hum…não, por acaso não, não…daquelas coisas de adolescente de ter posters pelo quarto todo, mas era música e atores e assim, não, de pessoas não… tenho uma memória… um bocado enviesada, porque estamos a falar de ambiente, lembro-me de ter noção da existência do David Attenborough, por exemplo, hâ… mas não….não acompanhava ninguém, nem…

E: Não é enviesada (risos).

ELISABETE: (Risos)…sim, tenho memória, porque… por causa dos documentários, também era uma coisas que…víamos em família, mais eu e o meu pai, mas às vezes também o meu irmão e a minha mãe também se juntavam. Que eram os documentários ao meio dia, ao fim de semana…e era uma coisas que também fazíamos em família e tenho, tenho a memória de… de ouvir o nome David Attenborough e de achar que devia ser muito interessante o que ele fazia, e depois um bocadinho mais tarde, hâ… descobri que havia filmagens que eram manipuladas e tal e não fiquei tão satisfeita. Mas pronto, aí já era adulta, já… já pude fazer a minha própria opinião.

Hâ… mas de resto, não tinha, não tinha assim… nem… nem pessoas que admirasse particularmente, ou que seguisse particularmente.

E: Em termos de grandes acontecimentos ou eventos ou revoluções, poderão ser à escala nacional ou global, no seu passado, recorda-se de alguma que a tenha marcado, ou que tenha tido algum significado, ou se tenha preocupado com o lado negativo?

ELISABETE: Hâ… pelo lado negativo, lembro-me bastante bem do 11 de setembro, estava na praia e estávamos a vir da praia ou a ir para a praia e passar num… num salão de jogos, que tinha as televisões viradas para fora, e foi quando nos apercebemos o que é que estava a acontecer. E foi assim um… um tema que… que na altura, tenho uma memória muito vívida de quando, de como me apercebi e da…e pronto de ter sido um assunto durante muito tempo… assim de outras situações, o lado positivo é a expo, a expo 98 (risos), o facto de ter ido à expo e ter visitado as coisas todas e… o oceanário, foi assim, a… é uma data, um momento, nos treze anos, passar ali, na pré adolescência penso sempre na expo 98, não sei porquê. Mas, efetivamente foi um momento bom, também em família, foi tudo família, assim… um momento positivo, mas assim revoluções, acontecimentos nacionais ou mundiais, pela negativa será o 11 de setembro… hâ… (reflexão). Ah! Os incêndios, os incêndios…hâ… o primeiro de 2004 creio eu, a primeira vez que ardeu assim muito mato, lembro-me também… hâ… lembro de termos… hâ… foi na altura das festas da vila, e… e foi assim uma altura muito

complicada de gerir… hâ… tenho assim memória dos escuteiros ficarem de prevenção e de ter sido levada água aos bombeiros e de estarem as chamas a chegar ao pé de casa, tenho assim um momento que também tenho alguma memória. Mas que…agora reajo sempre às ambulâncias e acho que vem daí dessa altura. Nestes incêndios mais recentes eu estava aqui em Castro Verde e, portanto, não me apercebi… hâ… assim…agora assim coisas…de nível nacional….

E: Esses incêndios que me falou, de 2004, o que é que sentiu, na altura?

ELISABETE: Hâ… (reflexão), sim… medo, porque estavam a cair as cinzas no centro da vila onde estava as festas, portanto a situação estava muito próxima. Depois… era um sentimento de… preocupação e de responsabilidade porque nós… como fomos chamados a ajudar, estivemos muito próximo da situação e a ver os bombeiros, e o cansaço e toda aquela, famílias aflitas, foi assim uma coisa quem me deixou assim bastante… desnorteada, durante uns tempos… a seguir ao evento e depois passando, passando no pinhal, não é? Nós que crescemos ali, quem cresceu no pinhal de Leiria, tanto depois destes últimos como desse primeiro incêndio, foi assim muito… muito agressivo, porque… hâ… muitas memórias de infância, seja com escuteiros ou sem escuteiros eram ali da zona, isso foi assim…

- **Fim da primeira sessão.**
- **Início da segunda sessão em 22/04/2020 através da plataforma ZOOM**.

E: Continuando então, a próxima pergunta é, quando era jovem seguia algum tipo, alguma causa, algum ideal ou…alguma questão política, na altura, isto, mais na juventude por assim dizer?

ELISABETE: Hâ (reflexão)…não, não, tirando o que estava associado aos escuteiros, hâ… era o que tinha assim mais… mais força…trazia por arrasto campanhas pelos animas, a do banco alimentar ou coisas assim desse género, hâ… mas de resto não, também não sei até que idade é que…não sei até onde é que vai o jovem.

E: Sim, até à entrada na faculdade por exemplo.

ELISABETE: Não, tirando essas, essas campanhas pontuais, hâ…não.

E: Aderiu a algum tipo de cultura juvenil, ou sentiu-se mais ligada…cultura juvenil em termos sociológicos, havia assim os *punks*, os *metals*, havia aquela…identificava-se com algum tipo de cultura na altura?

ELISABETE: Hâ…(reflexão) tive assim uma fase mais *dark*, em que me vestia toda de preto, hâ… mas não por idealismos, nem…era mesmo só por uma questão de… de roupa, praticamente, não seguia nada, nem associava ao estilo de musica, e assim, não de……hâh… lembro-me disso, porque os meus colegas reparavam muito, mas não, não

era associado…hâ… aos góticos nem nada disso, era mesmo só por uma questão de roupa, passei por essa fase de me vestir toda de preto, mas de resto, não…era, não tinha assim um grupo com… com que me identificasse mais.

E: Portanto a questão de se vestir de preto era só uma questão de gosto?

ELISABETE: Sim, de preto…sim, mais nada, sim. Não…não… as pessoas é que perguntavam isso, se era gótica? Porque eu me lembro de responder que não, que era mesmo só uma questão de roupa.

E: Os seus pais diziam alguma coisa sobre isso?

ELISABETE: Hâ…não, não…hâh…às vezes perguntavam, se eu não queria vestir outra cor, se não estava cansada, mas não… não interferiam.

E: Agora relativamente à escola, a escola primária, secundário, em que tipo de escola, ou tipos de escola estudou, privada ou pública?

ELISABETE: Pública sim, sempre público, sim.

E: E era algum ensino assim tipo religioso, ou militar?

ELISABETE: Não, não…ensino público regular, não andei na pré-escola, fui direta para primária, na escola, depois… o ciclo foi outra escola e a secundária foi outra escola, mas sempre públicos regulares, normais.

E: E em termos de professores ou professoras, quais foram os que a marcaram mais?

ELISABETE: Hum…hâ…(reflexão) assim já mais crescida tenho memoria da… da de português, porque era diretora de turma, e então era uma pessoa que, que era muito próxima dos alunos de um modo geral…hâ…humm… da de matemática, porque, pronto, era uma disciplina que eu gostava e…a minha turma era de quarenta e então a professora às vezes pedia-me ajuda (risos) e era engraçado….hâ…e depois as de ciências, hâ…tecnologias, as técnicas de…as técnicas laboratoriais de biologia, e a…biologia mesmo, ciências da natureza, cheguei-me a cruzar com o meu professor de ciências… de terras e da vida na universidade, que ele também ia lá fazer uma formação…hâh…foram as de ciências, assim mais, na reta final, hâ… são as de ciências, as de ciências com quem ainda contacto de vez em quando e ficou para além da relação de professor.

E: A razão de gostar deles, era pelo tipo de disciplina que lhe dizia mais, não era?

ELISABETE: Sim, e o tipo de pessoas…hâ…a professora de biologia, era realmente uma pessoa muito, aberta, muito disponível, hâ…e então identificava-me muito com ela como pessoa e depois a parte da disciplina, hâ…sim, que era a preferida, pelo menos na reta final, era a disciplina favorita sim.

E: Em termos de atividades, aquelas atividades de férias escolares, no verão, ou…quais é que eram as preferidas?

ELISABETE: Eu…em pequena, ou seja, durante a primária… hâ… portanto frequentava as colónias de férias durante o verão, tinha portanto ao componente de praia, como, como… a componente de jogos de equipa, de visitas a museus, o que fosse, mas todos os verões ia para as colónias de férias. Hâ…estando ali por casa, era mais a praia que fazia e normalmente, todos os verãos havia uma atividade grande dos escuteiros, pelo menos até à atividade, estaríamos sempre a preparar, portanto desde fazer jangadas ou outras construções, a preparar a atividade que depois normalmente era de uma semana, mais perto ou mais longe, ou umas internacionais, a nível de férias era sempre à base de… do que houvesse nos escuteiros, nas colónias….e…a praia.

E: Nos escuteiros, o que é que gostava de fazer mais nos escuteiros, já vi que os escuteiros é uma parte importante?

ELISABETE: (risos) É, um bocadinho de tudo… hâ… a parte dos acampamentos propriamente ditos eram sempre aquela, aquela parte mais… que as pessoas têm mais…hâ… ligação… e eu igual. Hâ… mas também gostava, gostava… e gosto não é…da parte de formação e de aprender, tudo o que é técnica escutista, (impercetível) construções, códigos. Tudo o que seja, hâ… coisas mais, mais práticas, sempre gostei muito e…e o próprio trabalho em equipa, aquele esquema de cada um ter a sua função e todos sermos essenciais para cumprir os objetivos, também era uma coisa que eu, que eu gostava de ver a funcionar e fazer parte.

E: Na altura, o que é que gostava, o que é que ambicionava ser quando crescesse, na altura?

ELISABETE: Hâ…passei por várias fazes, assim a que eu tenho mais memória era a professora de línguas, não sei explicar… bem porquê, hâ…tenho memória bastante forte de professora de línguas. Hâ…depois tive assim uma fase mais ligada às artes, hâ…propriamente, artes, música, eu tinha… atividades, extracurriculares, tinha aulas de música, de guitarra, de piano e de flauta, hâ… tive também essa fase, hâ… mas de resto aquelas assim mais típicas, nunca… me passou para ser médica, nem advogada, nem bombeira (risos), nunca… assim, mais pequena, mais pequena eu lembro-me mesmo da professora de línguas e esta da parte das artes, hâ… acho que sim, sim.

E: Agora, tinha pergunta, de qual a área educacional que optou, mas já é evidente.

ELISABETE: Mas essa decisão foi já tardia, foi já… a nível de secundário, é que eu decidi… hâ… um bocadinho por motivação dessa professora de biologia, hâ… que identifiquei-me com o que ela ensinava e na altura de escolher, conversei muito com ela, e decidi, decidi a área propriamente dita. Um bocadinho antes era uma área um bocadinho mais específica, que era a biologia marinha. E já muito pelo secundário, já tudo muito ali na reta final, passei pela biologia marinha, mas depois então, em

conversação com ela, meti-me pela biologia de uma forma mais ampla, para ter mais…mais opção.

E: Sem ser os escuteiros, houve alguma atividade coletiva que se tenha envolvido no período escolar, sem ser os escuteiros?

ELISABETE: Tomei parte do grupo da floresta, que na altura era um grupo que… eles tinha na…era já a um nível nacional, era tipo hâ…as atividades da bandeira azul, que há agora atualmente, que há nível nacional, mas cada escola tem o seu e nós tínhamos um grupo da floresta associado a esse programa, que eu fazia parte… hâ… que fazíamos atividades de, de orientação, de coisas relacionadas ali com o pinhal e muitas atividades desse género. Hâ… mas assim de grupos, hâ… creio que foi só, fora dos escuteiros foi só isso, depois o resto foram atividades já mais, mais culturais, ou de caráter…da música, de aulas de francês… depois era tudo mais de formação, do que propriamente de grupos, de organizar.

E: Essa experiência para si, do grupo da floresta, como é que foi?

ELISABETE: Hâ…eu na altura, estava bastante interessada e gostava de participar e participava em tudo, nós eramos um grupo até… bastante alargado, mas pronto para trabalhar eram sempre as mesmas (risos) e eu era uma dessas sempre as mesmas que apareciam sempre para fazer as coisas. Aparecia muita gente para as saídas, para as visitas de estudo (risos), mas para preparar e fazer as coisas na escola (impercetível)…eu… tenho memória de muitas das saídas, de…de ir ver a vegetação das dunas por exemplo, são memórias que me ficaram, de ver as árvores notáveis do pinhal de Leiria, árvores que por serem muito grandes ou por serem muito antigas, são visitas de estudo que eu tenho muita memória, de ter, de ter participado e de ter… de ter gostado, de ter feito com gosto, com gosto em participar.

E: Mudando agora um bocadinho a perceção, nessa altura da juventude, tem ideia, ou passou por alguma situação, ou teve conhecimento de alguma situação, ou um evento que tenha considerado de alguma forma injusto, que tenha provocado algum tipo de revolta, ou um sentimento de injustiça, ou não?

ELISABETE: Mas assim pessoal ou…geral?

E: Não, não propriamente pessoal, mas um evento exterior que tenha sentido que algo não estava bem e que teria de agir de alguma forma, ou…

ELISABETE: Hum, hum…lembro-me da questão dos incêndios, hâ… aconteciam todos os anos e no ano que foi mais forte lembro-me particularmente de andar…naquele tempo de andar… daquilo ter mexido comigo e de ter andado bastante revoltada, com a possibilidade de ter, de ter sido de propósito, de ter sido fogo posto. Hâ… e a… tinha também situações pontuais com a poluição no rio Liz, que era uma coisa que nós a nível de escuteiros, ficávamos sempre muito revoltados, porque enfim, era uma zona que a

gente usava para fazer atividades, muitas das vezes chegávamos ao sítio e pronto, aquilo estava, estava tudo sujo, hâ… assim… que me esteja a lembrar, hâ… (reflexão) sim, assim coisas mais globais será isso.

E: Essa questão da poluição no rio Liz, participou em algum tipo de atividade de protesto?

ELISABETE: Não, não…nova não…fazíamos com os escuteiros, fazíamos atividades de limpeza das margens, na praia… hâ… mas assim de protesto, ou de mais interventivo, não, não fazíamos, não fiz.

E: Hâ... pronto, já sabemos que foi para o ensino superior, interrompeu os estudos alguma vez durante o curso, ou fez tudo seguido?

ELISABETE: Não, tudo seguido, tudo seguido sim.

E: E entrou logo na área que desejava?

ELISABETE: Sim, entrei na primeira opção, naquilo que queria sim.

E: Foi no ensino público ou no privado?

ELISABETE: Público, Universidade de Aveiro.

E: Teve de sair de casa para ir estudar?

ELISABETE: Sim.

E: E o que é que achou dessa experiência?

ELISABETE: Hâ…para mim foi muito bom (risos), hâ… eu até costumo brincar, porque normalmente, eu como… pronto, saí de casa com dezassete anos, não é. Que eu faço anos no final do ano, que ainda não tinha os dezoito quando entrei na universidade, hâ…e então… era um bocadinho mais nova do que provavelmente as pessoas são, mas não, para mim foi…ótimo. Não tive qualquer problema, bem pelo contrário, adaptei-me logo muito bem e….e gostei, gostei de estar fora de casa, e depois em conversa com outros colegas da universidade que realmente estavam a ter dificuldade por estar fora de casa, seja a nível de… saudades e a nível de gestão, coisas que não sabiam, não conseguiam gerir, uma mesada, ou cozinhar, coisas daquele género… eu estava completamente independente, não tive problemas nenhuns, nem a me adaptar e gostei, gostei muito, gostei muito da experiência. Saí e nunca mais voltei (risos)…não por nada em particular. Mas adapto-me bem, onde quer que tenha de ir, adapto-me bem.

E: Nem houve constrangimentos a nível financeiro?

ELISABETE: Não, não, não… hâ... eu tive, tive…hâ… direito a bolsa de estudo, para as propinas. Pagaram integralmente o valor da propina, hâ… o que já foi uma ajuda, hâ…depois tudo o resto, hâh…bem, pela verdade eu também não tinha hábitos, muito….(risos), muito gastadores, portanto, era mesmo só aquelas despesas do dia à dia… hâ… da renda e as refeições, do ir e vir a casa, depois também começou a ser ajustado… cada vez era menos comum. Portanto, era assim os gastos… não tive

dificuldades, pois… não. Quando cheguei ao mestrado é que, é que… os meus pais tiveram de pedir um empréstimo para pagar, para pagar essa fase, mas é tudo.

E: O que é que achou disso?

ELISABETE: Hâ…(reflexão) na altura, hâ… conversei muito com os meus pais, e hâ…quis ter a certeza que isso não iria ser um problema, hâ… e eles disseram que não, que tinham todo o gosto e que… que não era um problema, hâ… mais tarde, já depois de fazer o mestrado, cheguei a perguntar se eles queriam algum tipo de… de devolução, pronto, porque podia e eles nunca tiveram interesse nisso. Hâ… foi mesmo, naquele momento em particular, era mesmo a única, a única opção, e pronto foi uma decisão em família, por assim dizer, que eu agradeço muito, mas não trouxe assim nenhum constrangimento, a partir do momento que se decidiu, está decidido e foi.

E: Já sabemos que a decisão que tomou, pela área…o que é que fez ou pode me falar o que é que fez em concreto ou de forma mais ampla também… decidir por que via ou qual o tema que queria estudar?

ELISABETE: Hum, Hum… Sim…Eu…Eu…o meu principal desejo, eu às vezes acho um bocado estranho nunca ter pensado em ser médica ou ser assim uma profissão mais, mais social, porque eu tenho memória muito antiga de que eu queria mesmo era fazer alguma coisa que tivesse utilidade… para o mundo e para as pessoas, fazer alguma coisa que fosse útil e que tivesse uma marca. E tenho memória de ser… de conversar sobre o que queria fazer, mesmo no resto das atividades sem ser… escolares ou profissionais e ter essa ideia de que… de que queria, pronto de que queria de alguma maneira fazer alguma coisa de útil pelo mundo. Hâ… mas nunca me vi a trabalhar com pessoas, por alguma razão… nunca hâ… nem, naquelas profissões da saúde, ou mais sociais. Não…achava que não era para mim, que não era por aí que eu ia conseguir ajudar. E depois talvez um bocadinho por vir, vir dos escuteiros, essa convivência com a natureza, comecei a perceber que talvez seria esta área que eu poderia ser, poderia dar o meu contributo, hâ…para fazer alguma coisa de importante e de útil, era sempre nesta ótica de, de fazer melhor, de fazer mais. Também… tirando aquela fase em que passei na biologia marinha, hâ… nem sequer tinha decidido…hâ… pessoas que escolhem… “ai, querem muito trabalhar com tigres ou” - …eu não, era mesmo nesta ótica de estar na, no meio, para poder fazer alguma coisa de útil pela natureza, neste caso pelo planeta. Não era por uma espécie em particular, era mesmo pelo, pelo, pelo…objetivo… hâ… global.

E: Porque é que não se via a trabalhar com pessoas…

ELISABETE: Porque é que não me via a… não percebi?

E: Porque é que não se via a trabalhar com pessoas?

ELISABETE: Com pessoas… hâ… (reflexão) não sei, eu…hâ… (reflexão), agora quando falo nisso, costumo brincar a dizer que as pessoas mentem e os animais não. Hâ…(reflexão) quando trabalhei em recuperação, trabalhei num centro de recuperação e… hâ…e…hâ (reflexão), conversávamos sobre isso e eu dizia muitas vezes isso, os animais quando entram é aquilo que é, não é? Vêm com a asa partida, cura-se a asa, liberta-se e o animal continua a ser exatamente, aquilo que era, hâ… e cumprir a sua função… hâ… e as pessoas não. As pessoas têm… têm… aí alguns…algumas nuances, que eu acho que… (risos) devia ser mais difícil de lidar, hâ…(reflexão), com isso, hâ…pronto, acho que, que era por aí, não via… sim.

E: No mercado de trabalho, quando é que começou a trabalhar?

ELISABETE: Eu… quando fiz o meu mestrado. Fiz a minha tese de mestrado, num centro de recuperação e esse centro de recuperação era… era e é gerido por uma associação. Hâ… uma ONG e… hâ… quando eu terminei o meu mestrado propuseram-me ficar a trabalhar, hâ… inicialmente em… hâ… estágio no IEFP, depois a recibos verdes, hâ… depois a contrato. Hâ… portanto entrei, assim que terminei o mestrado comecei a trabalhar, humm… nem sequer passei pela fase de procurar emprego, porque… hâ…fiquei…isto tudo seguido. Fiquei logo no sítio onde tinha feito a tese. Hâ… depois mudei de local, mas mantive a entidade empregadora. E depois, então é que mudei mesmo de… de entidade e de função.

E: Mantém o mesmo, quanto empregos ou neste caso sendo locais de trabalho, foi sempre o mesmo ou…

ELISABETE: Sim…

E: Mudou, não é?

ELISABETE: Não, não. Para a mesma entidade estive em dois sítios diferentes. Estive na Serra da Estrela e estive no Algarve, a fazer hâ… fazer… a trabalhar em recuperação de animais selvagens e a mesma entidade fazia a gestão dos dois centros. Passei da Serra da Estrela para o Algarve quando, quando começou por exemplo no Algarve. Hâ… depois estive a fazer, um…estágio num... Da Vinci, que é equivalente ao Erasmus, mas, um bocadinho diferente, já… hâ… já não é durante o estudo, hâ… estive a fazer esse Da Vinci em Madrid, também na área da recuperação, também com uma ONG, na área de recuperação de animais selvagens, hâ… depois estive… hâ… (reflexão) umas coisas pontuais para a primeira associação, hâ… coisas assim mesmo muito pontuais, quando voltei de Madrid, hâ…e depois ingressei no sítio onde estou agora. Hâ… também é uma associação, projetos de conservação da natureza e já estou… há oito anos seguidos, no mesmo sítio.

E: Nunca experimentou o desemprego ou já passou por isso?

ELISABETE: Hâ… a longo prazo não. Tive parada, o máximo que estive parada foi…(reflexão) cinco meses, hâ... (reflexão) ali entre… vir de Madrid e começar a outra, as outras…colaborações. Nessa altura aproveitei e meti-me a dar explicações e fazer… mais envolvida com os escuteiros, porque, gostava, largar o meu emprego e ser escuteira assim sempre (risos)…hâ… e então foi assim o período maior que eu estive parada, foi…esse, esse período.

E: Ainda na universidade, participou em algum tipo de associativismo académico?

ELISABETE: Hâ… (reflexão) não fiz parte da associação académica, nem da universidade, nem especificamente de biologia. Hâ… colaborava na organização de eventos, inclusive, hâ… estive à frente do…estive na equipa coordenadora do encontro nacional de estudantes de biologia em Aveiro. Hâ…não fazia propriamente parte da associação de estudantes, era…colaborava, uma colaboradora externa por assim dizer. Hâ… fazia parte de… da equipa responsável pela receção dos caloiros e assim, hâ… pronto, a vulgar praxe (risos), coisas desse género… mas… pronto, mas eramos uma equipa muito responsável e hâ… e é isso. E fiz mesmo parte da equipa principal, mas a nível de associações académicas, não, oficialmente não, ajudava nos eventos, hâ… e não. E nas atividades, mas não, não era membro por assim dizer.

E: Hum…alguma razão em especial ou simplesmente…

ELISABETE: Hâ… não! Hâ… se calhar, quando eu entrei, se calhar não me identifiquei com as pessoas…entrei na universidade, se calhar não…tenho memória de não… ter assim particular ligação com as pessoas que lá estavam e depois como…comecei a fazer, hâ… participar nas outras, outras atividades e outros cursos, outras formações que haviam, paralelamente hâ… e então…não, não…acho que foi mesmo, não me identifiquei com as pessoas que estariam, hâ… e então ajudava só naqueles eventos em que, em que… poderia chamar-se útil.

E: Participou não necessariamente ligado unicamente à parte académica, mas em algum tipo de movimento social, fez voluntariado para além dos escuteiros?

ELISABETE: Hum, hum.

E: Em alguma associação?

ELISABETE:Hâ… (reflexão) durante a universidade só coisas pontuais, hâ… estive… (reflexão)… estivemos… lembro-me particularmente de ter… de ter havido uma convocatória de voluntários, na altura em que foi preciso tomar conta de uns golfinhos em Quiaios… hâ… e então estavam em recuperação e era preciso estarem vigiados vinte e quatro sobre vinte e quatro horas, então eles fizeram, foram pedir voluntários junto dos estudantes de Aveiro. Hâ… e estive envolvida nisso, mas eram assim coisas pontuais e não era voluntaria de uma associação ou de uma entidade, era sempre em

resposta a situações pontuais, coisas muito…coisas pontuais que apareciam e não de forma contínua…hâ…para uma…uma associação ou para uma entidade.
E: Em termos de movimento social, pró-ambiente não participou?
ELISABETE: Não!
E: Vamos então agora passar para outro grupo de questões, as que estão mais ligadas às suas emoções, crenças e valores mais contemporâneos. Para si, o que é que significa ter qualidade de vida?
ELISABETE: (Risos e reflexão) Ter paz de espírito… essa é a boa resposta, fácil… estão-me sempre a perguntar isso, é… ter paz de espírito. Hâ… ou seja, não tem a ver tanto com morar na cidade ou morar no campo, ter dinheiro ou não ter dinheiro. Acho que tem a ver com isso a… com as pessoas… hâ… em, em determinado momento porque, isso também muda de momento para momento. Em determinado momento estar tranquila com aquilo que tem e aquilo que está a fazer. Hâ… eu pessoalmente tenho mais facilidade em encontrar essa paz de espírito em sítios calmos, zonas mais… rurais, assim… sem, sem muita confusão. Não tenho paciência para trânsito, nem para semáforos e isso… hâ… sem que… se estivesse numa cidade, por exemplo, teria mais dificuldade em alcançar esta paz de espírito que eu defino como qualidade de vida. Hâ… hum… também tenho de ter espaço para fazer coisas que… (suspiro) que… que gosto de fazer, não é? Ter essa liberdade, seja disponibilidade de tempo, seja financeira. Hâ… apetecer fazer uma viagem ou… pegar e ir a um concerto ou a um festival e pronto. Ter… ter essa liberdade, seja uma opção mesmo de equilíbrio entre o dia à dia e aquilo que… que depois gosto de fazer e ter… ter essa capacidade para fazer… conjugar tudo.
E: Hâ… já sabemos que é religiosa.
ELISABETE: Hum, hum.
E: Hâ… subjetivamente, olhando para si, quais é que parecem ser as suas melhores qualidades?
ELISABETE: Hum, hum… hâ…
E: Depois vou perguntar as piores (risos).
ELISABETE: (Risos) (imperceptível)… as piores… hâ…(reflexão) eu acho que é…o meu sentido de responsabilidade, hâ…(reflexão) e de capacidade de… de… me organizar e de ajudar os outros a organizarem-se, isso é uma coisa que eu… hâ… que eu…reconheço que as pessoas reconhecem em mim, hâ… (reflexão) se é preciso uma tarefa para ser feita eu sou a pessoa certa com quem falar. Seja para individualmente seja para fazer em equipa, hâ… tenho uma preocupação muito grande com o bem-estar dos outros. Hâ… é uma coisa que eu… também (reflexão)…pronto, que…sei que tenho e…e…sinto-me bem por ter essa, essa capacidade. Hâ… de tentar sempre fazer como que… que os outros estejam, estejam bem. Os que estão à minha volta, que estejam

bem. Hâ… (reflexão) assim… que tivesse que destacar, seriam essas…depois há aquelas coisas mais normais, tento ser pontual… hâ… arrumada, aquelas coisas que… mais praticas no dia à dia… hâ… por acaso… não… não… não podem acusar de me atrasar (risos), para o eventos e coisas desse género, depois, tento ter esse cuidado. Mas são assim coisas…qualidades mais de gestão do dia à dia… (reflexão)… sim.

E: Quer falar-me daquelas que poderia melhorar, por assim dizer? Ou as menos...

ELISABETE: Sim… hâ… pensando, pensando mais naquilo que, que… que é mais fácil assim dos outros repararem, muitas vezes o que me… quando… hâ… (reflexão) inclusive os meus pais reparavam nisso quando eu era nova e continuam a reparar, que é quando as coisas não me correm de feição tenho a dificuldade em lidar com… quando as coisas não correm como eu planeei, ou que eu pensei… tenho dificuldade em… em gerir isso, lidar com, com a falha ou com a derrota como lhe quiserem chamar. Não tenho… não sou uma pessoa que aceite com muita facilidade a derrota, no sentido em que, pois, isso me afeta, afeta-me negativamente e depois na minha maneira de estar e de… de estar com os outros. Hâ… (reflexão).

E: Como é que isso se reflete?

ELISABETE: Como é que isso se reflete? Normalmente…com…o isolamento (risos), realmente é o que vem a seguir a uma situação falhada, vem o isolamento… muito grande… hâ… e tenho… tenho dificuldades em (reflexão)… como é que eu hei-de dizer… hâ… (reflexão longa) não sei… estão-me a faltar as palavras, mas…tem muito a, tem muito a ver com isto de…dificuldade em gerir a… hâ… em…em gerir (risos) o meu perfecionismo, qualquer coisa desse género. Ou seja, gosto muito que as coisas se… que as coisas sejam à minha maneira e como eu idealizei e então… pronto, quando as coisas não correm de feição normalmente não lido muito bem. Hâ… mas assim, de resto, é assim, defeitos assim mais normais (risos). Normalmente, as pessoas sentem que…de ser desarrumada, de ser… hâ… não sei o quê, isso não. Sou…no dia à dia (reflexão), hum.

E: Neste momento ou atualmente…

ELISABETE: Hâ… sou desastrada, já agora.

E: Ai é?

ELISABETE: (impercetível) isso sou, hâ… fisicamente desastrada, tropeçar, cair e… não sei porquê… (risos). É uma coisa… é um defeito que o meu namorado está sempre a reparar e tudo… se calhar… reparar (risos).

E: O que é que é mais importante, que coisas são mais importantes para si agora, isto está ligado à qualidade de vida, mas o que é que é mais importante, que coisas são mais importantes na sua vida?

ELISABETE: Hum, hum… a família, o estar com a família e o saber que a família está bem, hâ… ontem por exemplo era, era dia de estar em família, não foi possível. Fica assim…fica…é uma coisa que me afeta mesmo e ter essa… essas dificuldades de estar com a família, hâ… e com os amigos também, os amigos mais próximos também sou, sou a muito… (impercetível) hâ… nisso… liga um bocadinho com, com a… as características boas e os meus amigos dizem que para fazerem encontros, se é preciso reunir os grupos, pronto para ser eu a fazer, porque... bem… eu consigo. Hâ… a família e amigos e hâ… (reflexão) assim… das coisas mais importantes para ter qualidade de vida…a saúde também é essencial não é, mas… hum… um bocadinho mais generalista. Hâ… (reflexão) não sei…acho que seriam as coisas que…

E: Porque é que acha que são importantes?

ELISABETE: Porque é que acho (risos)…

E: Porquê?

ELISABETE: Hâ… porque cresci nesse meio da, da família grande e de, de sempre muitos amigos, é uma coisa que eu estou… cresceu comigo e depois é… de estar um bocadinho ligado a esta minha vontade de ver os outros bem e de saber que os outros estão bem. Hâ… e então… hâ… reunir os amigos ou ir a casa sempre que há um aniversário é… é um bocadinho essa maneira de eu ver que as coisas estão bem e de contribuir para as coisas estarem bem, isso é muito, é muito por aí, sim.

E: Atualmente para sim, quais são os valores mais importantes na vida, falamos ontem na sua família, estes agora são para si, atualmente?

ELISABETE: Hum, hum… Hâ… eu gosto particularmente da sinceridade, acho que é essencial, hâ… ser sincero e sentir que as pessoas à minha volta são sinceras, hâ… hâ… a humildade, especialmente para perceber… destoa um bocadinho com a minha maior dificuldade ou o meu maior defeito, para perceber quando não se consegue ter a capacidade de, de se admitir que não se consegue, que se precisa de ajuda ou que é que seja, ter essa capacidade de discernimento, acho mesmo que a palavra é essa, ter a capacidade discernimento para, para, para ver, identificar o que está bem, mas também o que está mal e ter a humildade de aceitar quando as coisas não estão tão bem e ser…precisar de ajuda. Hâ…e depois a assumo a responsabilidade (risos), portanto, liga um bocadinho também com a situação atual, se calhar é mais fácil lembrar-me disso na situação atual, de, de ver tanta irresponsabilidade agora com esta situação de… e efetivamente ser uma coisa que me mete um bocado de confusão, hâ… as pessoas serem irresponsáveis, acho que é uma das zonas que eu realmente adiro e tento manter…e que é sentido de responsabilidade não só pelas coisas que eu faço, mas também com, com as coisas…com o que é bem, o que é bem comum, seja a saúde, o próprio planeta, seja ter sentido de responsabilidade de, de que a nossa liberdade

termina onde começa a dos outros, é uma frase que o meu pai me dizia muito quando eu era pequena (risos), e então… sim, acho que são esses, esses três, sinceridade, humildade, responsabilidade, acho que são assim os valores para mim, para a minha gestão pessoal que, que eu gosto de… ter à minha volta.

E: Hâ…vamos entrar agora na área…mais, se calhar que vai lhe dizer mais. Para si, os valores verdes, da defesa do ambiente e da preservação da biodiversidade, a crise ecológica o que é que significam para si, isto em termos tanto pessoais como relativamente aos outros, que lidam diretamente consigo, aquilo que vê? O que é que isso significa para si, o que é que suscita, o que é que…?

ELISABETE: Hâ… eu sim, acho que… ao ver as situações, ou seja, ao ver o estado em que as coisas já estão, hâ… eu, enerva-me profundamente (risos) e acho que liga um bocadinho com esta questão da responsabilidade. Hâ… ou da falta dela, da irresponsabilidade e hâ… a mim mete-me muita confusão as pessoas não terem a noção de que, só existe um planeta e é aquilo que nós fazemos, hâ… diariamente, tem um impacto direto. Pode ser um… clichê, mas…as pessoas acharem que aquilo que eu faço não conta, mas se sete mil milhões pensarem isso depois temos o problema que temos, não é? Hâ… portanto é mesmo… o olhar para a situação atual a nível ambiental…o meu sentimento é uma raiva profunda pela irresponsabilidade, não só individual das pessoas, hâ… como a global, hâ… e de quem, quem tem mais impacto, tem mais poder de decisão não, não tomar as atitudes corretas. Hâ… e depois é… um impulso diário para tentar fazer melhor e fazer diferente, hâ… nas pequeninas coisas que se podem ir fazendo no dia à dia. Seja eu pessoalmente, seja a incentivar os outros a fazer, ou a explicar aos outros como é que se faz, hâ… é uma coisa que eu…que eu, olhando para a situação atual que… me move e que… pronto e que é, é a minha reação, seja passando ali a parte do… da raiva, a reação é fazer alguma coisa, que seja, seja eu pessoalmente, seja a… de explicar, de ajudar os outros a fazer hâ… se bem que eu… eu pessoalmente, hâ… a questão das alterações climáticas por exemplo é uma coisa que eu compreendo e que respeito, mas a minha luta diária é mais relacionada com a perda da biodiversidade. Seja…identifico-me mais com as causas relacionadas diretamente com a perseguição animal, por exemplo, ou aquilo que as pessoas no seu dia à dia fazem, que interferem com… com a biodiversidade e não tanto se calhar aquelas questões da poupança da água ou do aquecimento global, tenho esses cuidados e tenho esse pensamento. Hâ… e tento fazer o que está ao meu alcance, mas a nível de luta pessoal não é tanto, não é tanto o meu foco, não são tanto essas áreas… hâ… mais, mais globais. A perda da biodiversidade também é global! Mas… pronto, são… têm lutas mais focadas, mais… mais locais por assim dizer.

E: Pode parecer redundante, eu vou lhe fazer a questão, porque é que decidiu defender o ambiente desta forma?

ELISABETE: Hum, hum… hâ… foi a maneira que eu vi de poder dar o meu contributo, para fazer algo pelo planeta, pelas pessoas e pelo planeta de uma forma mais…hâ…mais natureza não é. Mas foi mesmo, uma maneira que eu achei que ia ter um impacto, poder fazer algo de útil e que ia gostar de estar a fazer isso. Hâ… (risos) eu quando comecei a trabalhar, hâ… inclusive dizia que podiam não me pagar porque eu podia fazer aquilo toda a minha vida, aquilo, isto. Toda a minha vida, sem me pagarem por isso, desde que me dessem teto e comida, por mim estava tudo bem, porque efetivamente identifico-me com… é como se tivesse um… chamamento, uma coisa desse género (risos). Hâ… ou seja, não o faço, não o vejo como um emprego, mas sim como uma postura, uma maneira de estar… hâ… isso. Foi mesmo essa decisão, partiu mesmo por aí, por… achar que era, era a maneira de contribuir e que ia gostar de o estar a fazer, ou seja, que não ia de um momento para outro, decidir… à não, não é isto que eu quero.

E: Mudando agora um pouco. Segue política, atual?

ELISABETE: Não! Não... informo-me quando (ruídos, beber água). Informo-me quando é altura de votar, para votar em consciência, hâ… e tenho noção de quais são os partidos que respondem pela causas com que eu me identifico, mas não…não é assunto, não é…não é uma coisa que eu pense, ou que siga sequer, não…não é…realmente não é uma área que me agrade e que eu siga com muita atenção.

E: Não tem ideia, uma ideia formada sobre o contexto político atual, ou tem uma palavra que o defina ou um conjunto de palavras?

ELISABETE: Hâ… nos estamos numa situação muito particular, não é. Hâ… eu…, eu devo… eu faço parte, não sei se são muitos ou se são poucos, mas eu acho que faço parte daquelas pessoas que neste momento, hâ… está satisfeita com a reação que está a acontecer, estamos numa situação muito particular, que eu olho numa ótica de… de… responsabilidade e de necessidade de… de intervenção em grupo. Portanto, olhando para a situação atual eu poderia definir como… (reflexão)… uma situação política segura ou confortável, mas porque estamos nesta situação em particular e… eu identifico-me com as respostas que estão a ser dadas. Hâ… porque sair deste contexto da pandemia, efetivamente só reajo quando há coisas… hâ… pontuais, que me chamam a atenção, hâ… sei lá, questões relacionadas com o aeroporto do Montijo, ou com a eutanásia, ou com, ou seja quando há assuntos pontuais que me chama a atenção, eu aí… reajo e tenho uma noção se estamos encaminhados para um lado ou para o outro, mas…o meu dia à dia, fora disso, não, não acompanho.

E: Hâ… em termos genéricos no espetro político, direita, centro, esquerda e agora temos também o ecológico, onde é que se posiciona, com o qual de identifica?
ELISABETE: A esquerda.
E: A esquerda?
ELISABETE: É mais para a esquerda, sim.
E: Vota sempre?
ELISABETE: Voto sempre, sempre que posso, sempre que consigo, sim.
E: Há bocado falamos de valores para si, na sociedade, olhando para a sociedade, quais são os valores que considera mais importantes na sociedade?
ELISABETE: (Reflexão)… eu acho que vai parar um bocadinho sempre ao mesmo, que é este sentido de… responsabilidade e de pensamento coletivo. Hâ… ou seja a nível de sociedade é essencial as pessoas perceberem que fazem parte da sociedade, que fazem parte de um grupo maior e que os atos individuais têm implicações nos… na… na qualidade de vida por exemplo, ou… ou… no bem-estar global. Portanto vai sempre parar a esta, a esta questão da responsabilidade e do sentido… do sentido de grupo, do sentido de… de… pronto que as pessoas têm de olhar no mesmo sentido para não haver desigualdades, para não haver desequilíbrios. Portanto tem que haver sempre este sentido de… sentido de grupo.
E: Pensou sempre assim?
ELISABETE: Hâ… sim, até onde consigo avaliar que possa ter pensado sobre o assunto, sim.
E: Hâ… já tocamos um bocadinho nisto, hâ… o que sente quando esses valores são atacados ou postos em causa?
ELISABETE: Raiva! (risos), raiva profunda… hâ… há situações em que é um sentimento também de impotência, ver as coisas a acontecer e… e… ou pelo menos…não poder fazer nada, ou pelo menos achar que não se…que não posso fazer nada ou que não consigo fazer nada, ou aquilo que eu consigo não é suficiente. Portanto entre, entre o enervado e o sentimento de impotência, são…quando, quando há assim situações mais de…de…de desencontro desses valores, seria…é, é um bocadinho por aí, é… o sentimento de impotência e de…e de revolta, sim.
E: Hâ… imaginemos que tinha uma máquina do tempo e que poderia viajar para o futuro, como é que gostaria de ver o planeta e porquê?
ELISABETE: Sim… hâ… eu gostava de ver o planeta se calhar como o nunca o conheci, porque nós já somos, já somos de gerações onde houve muito impacto, hâ… eu para mim, tudo o que seja situações de equilíbrio, hâ… para mim era, era a situação ideal, seja a nível de população humana, seja a nível de valores naturais, hâ… conseguir visualizar um planeta em que, em que… as águias têm coelhos para caçar e que os

coelhos têm sementes para comer e água para beber e as pessoas podem sair… e… conseguir ver as águias, ou seja, estar tudo em equilíbrio, por ser… haver essa capacidade de todas as atividades acontecerem, as atividades humanas acontecerem sem prejudicarem a natureza e a natureza acontecer no seu equilíbrio. Hâ… (risos) eu costumo brincar, às… se calhar a melhor maneira de o definir era… hâ… ir para um planeta onde não era preciso biólogos conservacionistas, era…era o planeta ideal, basicamente, eu acho que temos trabalho, porque há problemas. Se não houvesse a necessidade de fazer conservação era porque, porque estava tudo em equilíbrio. Portanto era… era o planeta onde eu não fosse precisa, ou pelo menos a minha profissão não fosse precisa, acho que é uma boa definição.

E: E… atualmente como vê a relação da sociedade com o ambiente?

ELISABETE: Hâ… eu acho que… há, passámos daquela fase em que… eu já cresci assim, em que as coisas eram muito ligadas ao ambiente e brincavam na natureza e gostavam da natureza, hâ… porque conheciam e porque faziam parte, mas agora atualmente eu acho que há assim uns, uns falsos verdes, aquelas pessoas que acham que está na moda preocupar-se com o ambiente portanto é fixe, é fixe ser vegan, é fixe reciclar, é fixe poupar água, hâ… depois começam a existir os verdadeiros, não é, as pessoas que realmente fazem as coisas com consciência. Hâ… mas depois também caiem nos extremos… hâ… não sei, hâ… o facto de eu fazer conservação não quer dizer que eu seja contra a caça, ou que tenha necessariamente contra a caça, já estamos numa, numa época de extremos… de… que as pessoas… hâ… são muito… têm… têm… são muito fechadas, quem foca no ambiente, muitas vezes foca-se só no ambiente e esquece-se que o ser humano também faz parte do ambiente, por exemplo…e depois há aqueles que acham só que o ambiente é fixe e que é um tema que está na moda falar. Hâ… e então para que lado depois está… estou eu aqui no meio, não é? Por exemplo, e outros colegas meus, tentamos fazer aquele equilíbrio entre as duas coisas, mas hâ… a minha principal sensação é que há um desligar da natureza, hâ… e que as pessoas só se ligam quando, quando acham que é bonito ligar-se à natureza ou então quando há estes extremos assim, hâ… de que… pronto que as coisas têm de ser mesmo, mesmo fechadas e agora é só alterações climáticas, e agora é só este assunto e as coisas na minha ótica têm de ser sempre numa visão mais global.

E: Hâ… já também abordamos isto, de alguma forma, para si quais são atualmente os maiores problemas ou ameaça ambientais ou ecológicas, pode falar-me das soluções, acha que a crise ecológica será de alguma forma resolvida, perspetivas para o futuro?

ELISABETE: Sim…eu…para mim o principal problema está na falta de consciência das pessoas que depois de reflete nos impactos diretos e nos impactos indiretos, não é. Hâ… mas eu, pronto, eu tenho uma tendência para puxar, o meu foco e a minha

preocupação, o meu interesse está muito na parte da perseguição direta da fauna, hâ… e… identifico isso como um problema, porque se retirarmos, os predadores de topo, desequilibramos todo o ecossistema e vem tudo por aí a baixo. Portanto, seja…para as pessoas pode…não ser percetível porque é que um lobo faz falta, porque é que uma águia imperial faz falta, mas eu tenho esta noção e uma é uma das preocupações, senão a maior que eu tenho, é mesmo do… da importância do, de cada ser no, na cadeia e da importância que tem, isto muito relacionado com a biodiversidade. Hâ… depois tudo o que é…impacto diretamente na degradação de habitat, tudo o que seja, hâ… questões relacionadas com, com destruir hâ… a floresta, ou a poluição no mar, assim tudo o que tenha a ver com questões de habitat, é também uma das coisas que eu identifico como principal problema, porque mais uma vez afeta toda a cadeia, não é uma coisa limitada. Hâ… não se destrói só uma árvore, só um ecossistema é uma coisa só, portanto é sempre uma visão mais global do impacto de cada, de cada coisa, mas para mim, mas…no meu…aquilo que eu identifico como os principais problemas, na minha ótica e no meu foco é a perda da biodiversidade e antes disso o habitat. Hâ…como é que isto se resolve… hâ… a perda… hâ… a perda da biodiversidade é a sensibilização, eu acho que há um… nós podemos fazer projetos, frequentemente e fazer projetos de reintrodução, mas não serve de nada estar a meter linces, ou estar a reproduzir linces para depois virem as pessoas abate-los ou a pôr veneno. Portanto, enquanto não houver aqui… uma... uma mentalidade da importância de toda a biodiversidade, toda a cadeia… hâ… por isso acho que é essencial a sensibilização e a formação. Nem tem de ser sensibilização nas escolas, nem, nem andar com joguinhos, é… se for preciso mesmo falar com proprietários e caçadores é explicar-lhe exatamente o que é que estão a fazer e o porque é que o estão a fazer. Ou seja, não é aquela sensibilização de educação ambiental mais genéricas, mas mesmo sensibilização das pessoas que estão no terreno e fazê-las perceber. A nível de destruição de habitat, eu acho que as pessoas têm que moderar o consumo, basicamente é isso, ou seja, se… ao dia de hoje, se… todas as pessoas consumissem aquilo que precisam e não aquilo que acham que precisam, nós não precisávamos de estar a…nem a fazer mais lixo, nem a destruir mais floresta, nem… hâ… a libertar mais dióxido de carbono, eu acho que tem mesmo a ver com o consumo. Hâ… também passa pela sensibilização por um lado, mas passa também por coisas que parecem não ter nada a ver com ambiente, mas é, a haver preços equilibrados por exemplo, uma pessoa quer fazer uma escolha, mais amiga do ambiente e normalmente são mais caros, enquanto assim for, as pessoas, pronto, quando têm de escolher, se calhar, hâ… acabam por escolher o mais barato. Portanto é…aqui relacionado com a destruição de habitat tem muito a ver com esta parte do consumo e com coisas para além da natureza, como seja a economia e o fator social… hâ… e

cultural também, as pessoas sentirem prazer a ir passear na natureza e a sentirem que aquilo é… que aquilo lhes dá saúde e que lhes dá bem estar e conseguirem valorizar isso. Portanto é muito mais que…cortar árvores ou atirá-las para o chão, é mesmo uma coisa muito de hábitos, dos hábitos de cada um.

E: O que perspetiva para o futuro, nesse âmbito?

ELISABETE: A nível de ambiente? Hâ… eu… num futuro próximo, agora saiu uma nova estratégia para a biodiversidade para vinte-trinta, eu acho que daqui a dez anos não vamos estar muito melhor, ou seja, numa escala de 10 anos… hâ… não me parece que, que a coisa melhore, hâ… substancialmente, ao ponto dos objetivos que estão a ser idealizados serem cumpridos porque infelizmente quem sofre mais, são os menos culpados, ou seja, quem tem a maior diversidade hâ… são os países mais pobres e são os que menos poluem, portanto, quem tem mais impacto nesta questão do ambiente… hâ… não me parece que me dez anos, ainda por cima agora a sair de uma crise mundial, como aquela que estamos… hâ… não se adivinha. Eu pessoalmente nos próximos dez anos não adivinho que os resultados sejam muito positivos. Esta situação da pandemia pedirá às pessoas uma… uma interpretação da importância da natureza e da, e da… agora diminui a poluição e diminuía a... todas as coisas que aconteceram durante, durante a pandemia e que os animais voltaram não sei a onde, podia dar uma ideia às pessoas de que, a seguir a isto, a natureza tem que ser uma prioridade mas… não vai ser. Acho que vai haver muitos problemas, portanto, se normalmente já não adivinharia um futuro risonho, a sair de uma pandemia… pelo menos na escala de dez anos, não vejo… não vejo que a coisa melhore muito.

E: Se pudesse mudaria o quê? Se tivesse ao seu alcance, o que é que mudaria?

ELISABETE: (risos) Eu mudava a… eu mudava a lei e mudava, e mudava a… fiscalização e a regulamentação da lei. Hâ… na parte, especialmente na perda da biodiversidade… hâ… a nível de… do impacto de cada um no dia à dia, nesta questão do consumo… hâ… eu acho que tem também muito a ver, acaba por também ter a ver com a lei e com… com a gestão do país ou do planeta, hâ… que se prende muito com esta… hâ… as pessoas, o estilo de vida que têm hoje, quem coisas fáceis, e acessíveis e baratas e hâ... enquanto o ambiente não tiver, não for fácil, acessível e barato, as pessoas não vão tomar atenção. Portanto acho que passa muito por isso, por haver um…um…as coisas serem mais acessíveis, terem hábitos amigos da natureza, ser mais acessível às pessoas… e… hâ… não sei, hâ… haver a… tem que ser… sensibilização, não sei. As pessoas perceberem que não há necessidade nenhuma de… ir uma sozinha para o trabalho num carro se pode ir de transportes, ou de irem quatro ou cinco… hâ… mas isso não sei muito bem, tirando a sensibilização, não sei como é que se chega lá, mas acho que a nível global é definir regras mesmo, que… que tenham o ambiente

como prioridade e fiscalizar a regulamentação dessas regras. Porque… até pode haver depois a regra, mas se não houver um controlo. Muitas vezes as pessoas têm mais medo da multa do que do acidente como eu costumo dizer, portanto… isto se calhar só lá vai com, com algumas regras, mais… pelo menos numa primeira fase até as pessoas perceberem os contributos e os benefícios, acho que só lá vai mesmo com, com imposição, porque… de resto as pessoas estão muito confortáveis, no que fazem e como fazem, isso.

E: Já vai numa hora, quer continuar, por mim posso continuar, não está cansada?

ELISABETE: Eu não.

E: Não, pronto…

(Pausa para beber água)

E: Hâ…como vê, ou seja, como…essa sua preocupação com o ambiente como é que acha que a sociedade interpreta isso, ou como como é que vê essa sua preocupação com o ambiente em relação à restante sociedade?

ELISABETE: Hâ… no meu caso em particular… como eu não estou nos extremos, hâ… não…ou seja as pessoas com quem eu lido e mesmo as pessoas com quem eu não lido diariamente mas tenho que lidar a nível profissional… hâ… respeitam e… gostam da maneira como eu, como eu… abordo o assunto ou como eu faço… trabalho, no assunto, ou… nos exemplos que eu dou no meu dia à dia. Pronto, isto porque eu não estou no extremo…hâh, mas quando calha ter que… que…demonstrar alguma opinião mais, mais de extremo… hâ… nem toda a gente lida muito bem com isso e eu sei que isso é muito visível por exemplo nas redes sociais, sempre que há…alguma situação nas redes sociais, uma cria caiu do ninho, por exemplo… as pessoas têm muito… muito atrito naquilo que têm de fazer, depois não percebem… depois tentamos explicar porque é que as coisas são como são e… e as pessoas têm alguma dificuldade, mas isso é mais numa perspetiva mais… hâ… de quem não me conhece, porque… quem está à minha volta… hâ… reconhece que… reconhece esta faceta como uma mais valia e tenta também tirar algum, algum proveito disso, quanto têm… quando há alguma dúvida, ou quando é preciso preparar alguma coisa… sabem a quem recorrer, basicamente, portanto é… esta minha veia é vista como um, como, como uma mais valia, pelo menos nas pessoas à minha volta, não tenho… não tenho assim… um problema relacionado como isso.

E: Alguma vez, participou em ações de protesto, sei lá, boicotes, manifestações, bloqueios, eu sei que não são comuns por cá, mas alguns ainda vão acontecendo, sei lá, não são bem manifestações, as caminhadas na rua?

ELISABETE: Sim… hâ… já participei, já participei e até mais recentemente, agora com a história da… Greta e uns que vieram cá… das escolas e das manifestações mais de

jovens, já participei, hâ… mas não é… na verdade, não é um estilo de… de… (reflexão) de atividade, de impacto com que eu me identifique muito. Não é… mesmo para… hâ… quando havia greves na escola e coisas assim, não… não… era daquelas que ia para a linha da frente, não é mesmo o meu estilo pessoal. Não sei, não são as… atividades mais reativas, não tenho nada contra, e inclusive já participei em algumas, mas não é… se for eu a decidir, para mim, se for eu a organizar não seria a minha primeira… a minha primeira escolha para fazer a… hâ… para intervir nessas questões do ambiente.

E: Como é que se sentiu, quando participou?

ELISABETE: Hâ… exposta… (risos), não… não… não senti que o facto de estar ali, ou seja… senti que estava, que estava… que a pessoas são… que está toda a gente a olhar para nós, mas que a nossa mensagem não passa, ou seja há uma exposição muito grande, mas… não é… não me senti que a minha presença ali estivesse sido útil de alguma maneira para a causa... hâ… é só fazer o número e só… mas eu pessoalmente não senti que tivesse tido grande utilidade, ou seja é uma exposição um bocado desnecessária por assim dizer, porque não…eu já…eu já falei para a televisão por exemplo e também há exposição, mas senti-me muito mais útil com aquilo que estava a dizer ou o que estava a fazer tinha um impacto que chegava a muito mais pessoas e… hâ… do que propriamente estar a…num bocado nesse tipo de manifestação mais de, multidão e de mensagens, mensagens de guerra. Não… pessoalmente, a mim pessoalmente, não senti que estivesse a cumprir o meu objetivo.

E: Há quanto tempo participa em ONGA´s?

ELISABETE: Ah…(reflexão) desde… há dez anos… noventa e três... sete… fazer contas… dois mil e nove, dezanove, vinte… hâ… dez, doze anos, sim. Fui logo fazer… quando a fazer o mestrado era logo numa ONG, hâ… por isso… assim que… assim que entrei, assim que saí da universidade, nunca mais saí das ONGAs, praticamente.

E: E foi uma participação sempre… ativa ou…?

ELISABETE: Sim… eu comecei a… e fui parar a essa primeira ONGA, fui parar porque participei num, num curso de recuperação… numa atividade, que a ONG me organizou e eu participei e hâ… para além de me identificar com o tema em si, identifiquei-me com a maneira como eles faziam…hâ....

E: Qual era o tema?

ELISABETE: Hâ… recuperação de animais selvagens… hâ… para além de me identificar com essa questão… o facto de… eles sempre que libertam um animal convidam as pessoas que estiveram envolvidas na recolha, a participar e fazem educação ambiental… hâ… o facto de permitirem que… estudantes de veterinária ou de biologia possam fazer voluntariado, ou seja, não era só o tem em si, era mesmo como se trabalhava… hâ… que eu me identifiquei hâ… identifiquei-me logo, então

quando tive a oportunidade de fazer a tese de mestrado… contactei logo aquela associação, foi a minha primeira escolha.

E: Ocupou que tipo de cargos dentro das ONGAs, das ONGAs e como é que se sente em relação ao desempenho desses cargos?

ELISABETE: Sim, hâ… eu fui sempre técnica, seja… sempre funcionária, hâ… quando deixei de ser funcionária da primeira ONGA…fiz parte dos corpos sociais. Fui hâ… primeiro fui hâ… presidente do conselho fiscal ou seja, depois de ser técnica, já não era técnica, integrei os órgãos sociais… hâ… fui presidente do conselho fiscal, depois fui vice presidente da direção dessa associação… hâ… na… na… nesta que estou agora sou técnica, não, não tenho nenhum envolvimento na associação para além de… do meu trabalho por assim dizer. Hâ… mas pronto, trabalhar numa associação, numa ONGA, hâ… fazemos sempre tudo, por isso é um bocadinho, somos funcionários e somos os voluntários, porque estamos sempre a fazer tudo. Assim… hâ… mais diferente a… que eu senti nesta vida associativa foi quando fui vice-presidente… hâ… ingressei na direção da associação numa fase difícil, para a associação, por questões financeiras e de… de incompatibilidades pessoais… hâ… basicamente integrei a lista mesmo para tentar… (risos) pelo menos a parte das incompatibilidades pessoais, de estar a fazer essa gestão… hâ…portanto passei…foi hâ… não foi má… como o contexto era complicado, as experiência também não foi fácil… hâ, mas pronto, cumpri o mandato de três anos e depois…no final do mandato, também por questões de saúde acabei por não… não me… recandidatar com lista… que depois de candidatou. Hâ… é muito interessante e eu acho que para quem gosta de associativismo, tem oportunidade de estar num cargo de chefia, acho que é muito interessante, porque… permitiu-me, por um lado… perceber coisas que eu não percebia enquanto técnica, porque é que as coisas aconteciam ou porque é que havia tanta dificuldade… hâ… por mais que… quando temos muitas ideias e depois, muitas vezes não passam da direção e nós chegando à direção, percebemos que é porque não há dinheiro, ou porque… pronto, percebemos, temos uma visão… diferente, mais das dificuldades até, do que… de… das coisas positivas, mas é mesmo, é mesmo muito interessante e a nível de desenvolvimento pessoal… hâ… cria-nos aqui umas capacidades de… de… desenrascanço, de… de… ver… oportunidades em todo o lado, hâ… porque pronto, estando numa direção o objetivo é que, a associação consiga continuar a trabalhar, e ao contrário de uma empresa em que há aquele, objetivo de lucro, não é? O objetivo é fazer dinheiro, ali não há… o objetivo é arranjar dinheiro e é… e é… para se poder fazer as tarefas. Portanto… chegar… chegar a um cargo de direção, deu para perceber que muitos dos problemas, até interpessoais acabam por vir as questões financeiras… hâ… e… e pronto, mas eu… a minha experiência não foi particularmente positiva mas

também porque entrei mesmo numa fase difícil da associação… hum… acredito que entrando numa fase mais, talvez tivesse tido uma experiência mais positiva… mas... não foi o caso na altura. Mas pronto, pelo menos para criar competências e perceber como é que funciona, ver a dificuldade que é, fazer conservação da natureza em Portugal, através das associações, foi… foi a oportunidade certa. Porque, como, pronto… como técnico nós sentimos a dificuldade, mas não… muitas vezes… não… não… não nos dizem ou não percebemos as origens e tendo estado na direção tem-se logo uma perspetiva diferente, particularmente das coisas más.

E: E na, atualmente na ONGA em que está atualmente, como vê a sua participação, como é que…nas atividades em que se envolve e em que participa, como é que vê, como é que avalia?

ELISABETE: Hâ… eu como já estou há oito anos no mesmo sítio, já passei por várias fases, também relacionadas com… situações mais… de contexto mais pessoal, já passei por várias fazes e hâ… e inicialmente era aquela ânsia de fazer tudo e de participar em tudo e… e é tudo extraordinário, porque também se está a fazer muitas coisas pela primeira vez e hâ… e hâ… basicamente vê-se sempre a… o copo meio cheio… hâ… ao fim de alguns anos uma pessoa começa-se a aperceber das dificuldades. Hâ… e então… às vezes já se vê o copo já meio vazio. Eu, a minha participação… pronto o trabalho ou seja, o meu trabalho… hâ… é trabalhar na associação, para a associação e depois quando há atividades paralelas que não têm a ver diretamente com a minha… com o meu trabalho… tento também ajudar e participar naquilo que me é possível fazer… hâ… mas nem sempre os resultados se vêm na…à velocidade que nós gostávamos. Hâ… e então… pronto é assim um balancear entre a utilidade daquilo que se está a fazer, a utilidade momentânea, a utilidade naquele momento e a utilidade a longo prazo… hâ… e então… nem sempre é muito fácil hâ... perceber a utilidade daquilo que se está a fazer. Isto, nas… nas tarefas mais… mais pontuais da associação, não no trabalho normal… hâ… por isso eu não. Eu na associação onde estou atualmente não sou sócia por exemplo, é uma coisa que normalmente acontece, que as pessoas que… ou já são sócias quando começam a trabalhar ou comando começam a trabalhar são sócias, eu optei por não… me tornar sócia da associação onde estou a trabalhar agora… hâ... por achar que em determinadas alturas pode haver conflito de interesse. Hâ… porque defender… defender o meu lugar como funcionária, hâ… às vezes pode… hâ… tenho… ou tenho informação como funcionária que os sócios não podem ter ou não devem ter ou há situações em que… para pensar no meu lugar como funcionária posso não conseguir pensar na… na, na associação como tal, ou aquilo que é melhor para a associação, então foi uma opção pessoal. E… o facto de não ser sócia, se calhar priva-me um

bocadinho de algumas coisas que… que depois fazem parte dos sócios, de… daquilo que são atividades dos sócios e aquilo que é comunicação às pessoas e fica para os sócios. Hâ… por isso… hâ… eu hâ… atualmente na associação em que estou sou uma funcionária que faz também… que também dá apoio em outras atividades. Hâ… mas não, não tenho, hâ… sinto-me mais ligada à associação anterior, da qual fui vice-presidente, hâ… e inclusive, hâ… participo, voluntario-me para participar em mais coisas dessa associação e da qual sou sócia. Hâ… nesta atualmente, tenho uma visão diferente… sou… tenho esta visão mais de funcionária do que… do que… de… de membro da associação, mas tem a ver mesmo com… com… as situações que se vão desenvolvendo ao longo do tempo e… pronto, é…

E: Hâ…o que representam para si os objetivos da ONGA, esta atualmente, o que é que representam para si?

ELISABETE: Os objetivos são…muito bons (risos). Os objetivos ideais, quem quer fazer conservação nacional, a ONGA é de… é de dimensão nacional, logo por aí é muito mais… hâ… muito mais… ousado do que a outra, que é mais local. Hâ…, portanto logo o facto de ter um impacto a nível nacional é… é muito bom. Porque no nosso país é muito pequenino e hâ… e tem que se trabalhar de forma global, não vale a pena estar a conservar no Alentejo se no Norte não se conserva por exemplo. Hâ… e depois os próprios objetivos são…são os objetivos que devem pautar tudo quanto é atividades e ações… hâ… de conservação da natureza em Portugal, seja a conservação propriamente dita, seja a parte de educação ambiental, seja a parte da formação e seja a parte da intervenção, que… que é uma coisa que a associação já teve, muito forte… (ruído e impercetível) e agora estão a tentar reativar… reativar outra vez, que é a parte da intervenção… portanto os eixos, os eixos e os objetivos estão lá todos e… hâ… é conseguir cumprir todos… pois…tem…é fazer…a cumprir o objetivo global de conservação da… da melhor maneira, sim.

E: Tem ideia, ou percebe, ou o que é dizem os outros participantes acerca do seu trabalho e do seu desempenho?

ELISABETE: Os outros participantes, hâ… na associação?

E: Sim, sim.

ELISABETE: Sim… hâ… estão… naquela… que me é possível saber, estão todos satisfeitos, desde colegas à chefia… hâ… estão todos satisfeitos… hâ… com, com a maneira como eu desenvolvo as tarefas e… o facto das tarefas aparecerem feitas, é… é sempre uma mais valia quando… especialmente quando há dificuldades… hâ… de gestão ou financeiras ter esta capacidade de… tentar contornar os obstáculos e fazer muito mais… fazer as coisas. Hâ… portanto… acho que estão, estão todos satisfeitos e… isso nota-se também quando… porque… recorrem à minha ajuda quando precisam

de coisas que acham que eu possa ser útil, portanto… acho que está tudo… está tudo satisfeito (risos), espero eu que esteja tudo satisfeito (risos). Também nunca demonstraram que não estão, por isso também não posso saber muito (risos).

E: E como vê o desempenho dos outros participantes, ou de alguns ou vê todos da mesma forma?

ELISABETE: Sim… hâ… não… é um bocadinho desequilibrado… hâ… eu, aqueles que me são mais próximos… hâ… percebe que também passaram por esta… por esta… evolução que eu também tive… hâ… já são muitos anos e… hâ… e hâ… a certa altura, quando… hâ… eu pronto atualmente tenho aquele problema de quando as coisas não me correm de feição, quando não vejo que os objetivos… estou a cumprir aquilo que eu achava que eram os objetivos essenciais… hâ… pronto, é um bocadinho mais complicado. Hâ… mas as pessoas... hâ…(reflexão) esforçam-se, pelo menos as que me são mais próximas, esforçam-se por cumprir as tarefas que têm em mãos e… e tentar fazer para além daquilo que, que é o nosso trabalho, hâ… mas pronto, depois esbarramos com, com muitos obstáculos na sua maioria financeiros, não é, e de gestão, portanto… às vezes não…não há muita energia , infelizmente… hâ… mas…a nível de empenho, hâ… eu acho que se nota, nota-se um bocadinho a diferença, das pessoas que, que…vêm isto como eu vejo para mim, que é um dom, que é uma forma de vida, apesar de nos pagarem para fazermos isto e de sermos funcionários. Hâ… para aquelas que é só mais um emprego não é… hâ… também acontece, mesmo nesta área também há pessoas, que, que estão nesta área e hâ… se calhar eram mais felizes a fazer outra coisa qualquer. Portanto…depois aí nota-se um bocadinho a nível do empenho, especialmente naquilo que não são… naquilo que seriam as tarefas extra ao nosso dia à dia… hâ... portanto… há… há…os dois casos, há as que se empenham grandemente e tentam fazer aquilo que lhes é possível apesar dos obstáculos, depois há quelas que… que se nota um bocadinho que é… que é um emprego não é… que cumprem aquele horário, fazem aquelas coisas e… não… hum… pode ser um bocadinho indiferente no final do dia se… se conservou natureza ou não… hâ… pronto. Tenho essa perceção, mas… mas tem mesmo a ver com a pessoa em sim.

E: Hâ… dentro da ONG tem algum relacionamento mais próximo ou especial ou mesmo até afetivo com algum dos membros?

ELISABETE: Sim!

E: Ou não, é assim tudo profissional?

ELISABETE: Não, o meu namorado também trabalha, nós conhecemo-nos cá... hâ… depois tenho… tenho grandes amigos que…que também são membros da associação. Hâ… Um bocadinho porque estamos todos deslocados, ou quase todos, hâ… do… dos… o máximo que nós tivemos aqui eramos treze ou catorze, hâ… e desses só…

dois, três é que eram daqui da vila. Portanto… acho que o facto de sermos todos deslocados, a trabalhar nesta área da conservação da natureza, portanto temos para aí coisas muito para além do trabalho, óbvias e coisas que gostamos de fazer, passear na natureza ou sair para ver pássaros, ou que quer que seja. Seja… para além de termos o trabalho em comum, também temos hobbies… e o facto de estarmos deslocados, ou seja, não temos os nossos amigos e a nossa família… hâ… temos relações de proximidade… a hh…somos bons amigos… hâ… pelo menos alguns de nós… hâ… com quem, com quem convivemos fora do trabalho e… pronto.

E: Hâ… mudaria alguma coisa no funcionamento da ONGA?

ELISABETE: Hum! (risos)…

E: O quê?

ELISABETE: Sim… (risos).

E: O quê? Mudaria alguma coisa?

ELISABETE: (hesitação na resposta) Pois… não…atualmente a minha resposta tem de ser sim. Hâ… eu acho que… e foi uma coisa que me cativou… hâ… na primeira…associação em que eu estive e por isso é que eu acho que tenho essa ligação muito emocional e, isso eu posso dizer… tenho uma veia associativa, bem mais dessa primeira associação, para mim aconteceu uma coisa que é essencial e que eu acho que numa associação tem de acontecer, apesar de haver uma hierarquia… porque pronto… para organizar as coisas é a melhor maneira. Hâ… mas temos todos de fazer a mesma coisa e eu quando comecei a trabalhar em recuperação… o diretor clínico lavava jaulas também… também apanhava cócó de pássaro e isso para mim numa associação, apesar de haver hierarquias, eu acho que as pessoas têm de estar com o mesmo nível de disponibilidade para tudo… seja das coisas mais rasas, seja também para assumir a responsabilidade, das coisas mais… mais… maiores, das coisas que exigem… que sejam mais exigentes. Hâ…e eu para mim, acho que… o trabalho de associação tem que haver muito… esse… esse nível de… de igualdade e de confiança… hâ… para mim, trabalhar por objetivos, por exemplo, seria uma coisa essencial… e não sei… como… na primeira, trabalhávamos muito por objetivos, ou seja, não… não… havia dias que trabalhávamos das seis da manhã à meia noite, porque naquele dia tinha trabalho para fazer das seis da manhã à meia noite. Hâ… portanto tinha cumprido aquele objetivo, depois havia outros dias, que só ia duas horas, porque só tinha trabalho para duas horas, pronto. Hâ… ou seja… haver aqui uma… um equilíbrio para o que é, efetivamente para fazer e como é que se faz e haver uma confiança, não é… no trabalho das pessoas e na capacidade das pessoas para executar essas tarefas. Hâ… porque… senão depois, se há problemas que são transversais à conservação na natureza e às associações, como são as questões financeiras, hâ… depois esbarramos em… em

obstáculos que são criados pela gestão interna, ou porque… para fazermos uma tarefa precisamos de autorização de três pessoas diferentes, por exemplo, não é… não conseguimos e nós, trabalhando na natureza, não é, como não trabalhamos num espaço controlado… hâ… eu hâ… as tarefas que eu tenho para fazer, se eu não as conseguir fazer em determinado mês, só as consigo fazer na época seguinte, portanto… acho que a nível de gestão é essencial haver aqui uma agilização dos processos, hâ… para nós podermos trabalhar, numa forma um bocadinho mais autónoma e isso implica que…se calhar um bocadinho mais de confiança, hâ… nas… nossas tarefas, na nossa capacidade para executar as tarefas. Hâ… mas depois hâ…como eu estava a dizer, eu acho que as pessoas, hâ… gostam do meu trabalho e confiam no meu trabalho, portanto, não… não sei explicar porque é que não há esse nível de confiança… Hâ… pode ser mesmo uma questão de… de… haver uma necessidade de… de gerir e de controlar, mas para melhor funcionar aqui na associação em que estou atualmente, para mim era essencial. Esse nível de… trabalhar por objetivos sempre… hâ… a nível de confiança e acabar aqui com alguns patamares das hierarquias, porque… temos… nós… não podemos estar à espera… hâ… quinze dias por uma resposta. Portanto, a nível de gestão… gestão interna, não é… porque depois havendo os problemas maiores, como a falta de dinheiro e a… e de apoios, depois é tudo uma bola de neve, muito mais complicado de gerir e eu como venho do exemplo anterior, não é, tenho… como tenho a outra associação como exemplo, consigo… tenho esta visão de… que se calhar mudando algumas coisas, conseguimos… agilizar aqui algumas tarefas.

E: Estamos a chegar ao fim… eu vou mostrar algumas imagens de algumas notícias, através da partilha de ecrã, a ver se isto corre da melhor maneira, depois irei perguntar o que é que cada uma delas…de certeza que as vai identificar, mas o que cada uma delas representam para si em particular e…que atitude teria ou que reação teria perante aquelas situações me particular?

ELISABETE: Sim.

E: A ver se eu consigo aqui… (tempo para o processo de partilha de imagens) consegue identificar, consegue ver (primeira imagem)?

ELISABETE: Sim (risos).

E: Conhece?

ELISABETE: Esta é muito querida (pausa de reflexão e contemplação da primeira imagem)… posso comentar já?

E: Sim, é dizer-me o que para si representa essa situação, estas imagens e esta notícia em particular o que é que a faz sentir e que, que atitude tomaria relativamente a esta situação em concreto, como agir ou o que é que a levaria a fazer?

ELISABETE: Sim, esta imagem para mim representa um problema muito maior do que aquilo que a imagem é por si, não é. Hâ… isto só acontece porque esta aves são privadas de… das suas… dos seus abrigos naturais. Hâ… portanto… o problema para mim, este é mais e é mesmo só uma das muitas consequências de um problema maior que são, que são as culturas intensivas. Hâ… (reflexão) para esta situação em particular, ou seja, depois do mal feito, aqui a única alternativa é evitar, é evitar esta… neste caso a apanha noturna para não acontecer esta situação… pois… do mal feito, para evitar isto, é evitar a apanha noturna e tentar arranjar locais de descanso alternativo para as aves, para elas não terem que recorrer apenas às oliveiras… hâ… mas para mim esta imagem é daquelas que… demonstra um problema muito maior, do que… do que só a morte destas aves durante a apanha, mas sim o problema todo que está relacionado com…com a cultura intensiva, hâ… e que a mim me deixa particularmente revoltada, porque eu não percebo como é que se fazem culturas dependentes de água, quando o panorama é que a água seja cada vez mais escassa. Portanto… é mesmo um problema muito maior do que… do que só a mortalidade destes indivíduos, que é grave, não é? E até porque muitas das espécies são comuns, mas também de certeza que aparecem lá espécies mais raras e, portanto, é a perda dos indivíduos em si, mas… mas é mesmo uma… uma imagem, um problema muito maior do que só a morte destas aves.

E: Vou passar à seguinte (segunda imagem).

ELISABETE: (Breve sorriso ao olhar a imagem e momento de reflexão)... hâ… essa aí vem com aquela questão da responsabilidade, da… nós podemos fazer, podemos e devemos fazer aquilo que está ao nosso alcance, enquanto indivíduos e cidadãos, mas… hâ… enquanto não houver decisões globais e de… de… hâ… (reflexão) e que sejam, que sejam desenvolvidas pelos principais responsáveis, estas… este tipo de, este tipo de imagem vai continuar a acontecer. Porque uns a esforçarem-se muito e outros a boicotarem, a boicotarem o esforço… hâ… aqui, hâ… uma solução para isto, nem sei bem. Eles já tentam multar os países, mas… parece que não está a ser suficiente, não sei como é que se obriga… hâ… como é que se obriga os países a aderir e a cumprir as metas, gostava de saber (risos) mas não sei.

E: O que é que sente perante este facto (ainda a mesma imagem)?

ELISABETE: Hâ… (reflexão)…incomoda-me, mas por exemplo se tiver que comparar, incomoda-me um bocadinho menos do que a imagem anterior. Tenho uma ligação um bocadinho maior à questão da biodiversidade… hâh… e pronto, como eu…aqui não tenho uma solução, hâ… fico um bocadinho mais distante, ou seja. Contra as outras situações eu sei qual é a solução e interrogo porque é que não se faz, e aqui já tenho mais dificuldade em, em hâ… em hâ… apresentar uma solução, portanto… já fico um

bocadinho mais, mais… como é que eu hei de dizer… mais em *stand-by*, mais… menos afetada se calhar…. com esta situação.

E: Vamos então à outra (terceira imagem).

ELISABETE: (reflexão) Aqui… hâ… eu aqui… pronto… e estando no Alentejo, nós sentimos muito a…sentimos muito as consequências. Hâ… portanto eu aqui, a questão do aquecimento global, hâ… (reflexão) sinto uma ligação e… incomoda-me, porque eu vejo no dia à dia quais são as consequências disto. Hâ… portanto tenho uma… sinto… é um tema que estou um bocadinho mais próxima, hâ… porque efetivamente vejo as consequências não só para as pessoas, mas também para a biodiversidade, desta questão do…do aquecimento global e pronto… e dos incêndios, que… que é sempre aquele tema que me é mais, mais pesado… hâ… como é isto se resolve? É… a questão do consumo e a questão do… dia à dia e daquilo que… que as pessoas têm que mudar ou deixar de fazer, hâ… para tentar controlar aqui a… questão do aquecimento global. Portanto é a…a atitude individual para resolver um problema global.

E: E o que sente, relativamente a esta imagem (terceira imagem)?

ELISABETE: Hâ… preocupação, porque cada vez é mais frequente ver…ver isto no dia à dia, ver isto, esta imagem, ver as consequências disto… hâ… grande parte do nosso trabalho é… é disponibilizar pontos de água e de alimento para a biodiversidade que cada vez é mais difícil eles aguentarem o ano todo, portanto… a preocupação é a palavra de ordem, para esta, para esta situação.

E: Vou passar à outra (quarta imagem).

ELISABETE: (Sorrisos) Hâ… pois nós aqui, esta… imagem é particularmente… hâ… nem sei que palavra usar (reflexão). Hâ… porque… (reflexão) primeiro porque foi foram usados exemplos de comparação desta situação com as minhas aqui de Castro Verde que… que incomodam bastante ver esse tipo de comparação. E depois porque é fator económico que é… é hâ… perceber que os interesses económicos estão sempre… os interesses económicos de uma pessoa, de um grupo, não é? Não é… não vai… se fosse para melhorar a qualidade de vida de um país, mas não… é… aqui é mesmo aquela, aquela raiva de… de ver que os interesses económicos estão acima… hâ… do… neste caso da conservação da natureza e mesmo da qualidade de vida das pessoas. Hâ… por isso… via… sim.

E: (Apresentação da quinta imagem).

ELISABETE: Este foi um assunto que eu me apercebi, mas confesso que nunca me debrucei muito sobre ele. Hâ… portanto eu não…não sei…se a reação aqui a esta situação tem só a ver com o medo de haver um problema com a central ou se diariamente já está a haver um problema, portanto, eu não tenho, não tenho informação suficiente para avaliar esta situação em particular. Porque… apercebi-me que as coisas

estavam a acontecer, mas não sei, não sei qual é o impacto atual da central e se o problema reside só como possibilidade de haver um… um acidente ou se efetivamente já está a acontecer algum tipo de… de prejuízo. Acredito, que acontece, não é? Porque são intervenções não pode… nunca são com um impacto zero… mas efetivamente não tenho… não tenho conhecimento para… para ter uma opinião muito formada sobre esta… esta imagem em particular.

E: Agora esta… (sexta imagem).

ELISABETE: (Sorrisos e expressão muito emocional) Aii… (risos) está é pronto… esta é… a revolta total, é… hâ… (reflexão)… eu não sei… eu… acredito, a sério eu tento… acho que a minha capacidade de me pôr na pele da pessoa que pode fazer isto, não é? Se estivermos a falar de alguém que acha que o seu sustento está em risco ou… ou o que é que seja… mas esta em particular é um lince. Hâ… os linces… comem coelhos, portanto os coelhos… os coelhos não são o sustento de ninguém, podem ser… hâ… de sustento propriamente dito, ou seja, ninguém depende de caçar coelhos ou de comer coelhos, ou…vive…ninguém vive dos coelhos. Portanto é mesmo… uma… uma inveja pelo lince que, que eu não consigo compreender. É uma coisa que me revolta mesmo, é alguém assumir que por abater um lince… abater um lince ibérico que… vai ter mais coelhos para caçar. Hâ… portanto… é uma coisa que me enerva profundamente e gostava que houvesse uma fiscalização e consequências mais… mais graves para estas situações. Hâ… e pronto isto só se resolve mesmo com… sensibilizando as pessoas, explicando às pessoas a importância, neste caso do lince ou das espécies de um modo geral e havendo alguma penalização que as pessoas achem que… que seja dissuasor e as pessoas perceberem que ter um ato destes vai ter consequências muito graves, para além das consequências ecológicas, vai ter consequências muito graves para ela e que ganhem medo de alguma maneira, porque… não… ao dia de hoje, para o dinheiro que se gasta e pois é isso que as pessoas também não percebem, estão sempre a criticar o dinheiro que é usado para conservação da natureza, que há muita gente a passar fome e não sei o quê… mas depois abatem um lince que… cuja conservação custou milhares de euros ao estado… portanto… não é isso que faz sentido, é mesmo… é mesmo uma revolta muito grande.

E: E pronto, interromper (fim da segunda sessão).

- **Fim da segunda sessão.**
- **Início da terceira e última sessão em 29/05/2020**

E: Esta terceira sessão, eu vou começar com uma questão aberta, se me podia descrever o sue quotidiano, um dia normal?

ELISABETE: Hum, hum… um dia norma de semana?

E: De semana sim, sim.

ELISABETE: Hâ… levanto-me, preparo-me, saio para o trabalho, não trabalho longe, hâ… estou a cerca de oito quilómetros de onde moro, portanto é uma viagem rápida. Hâ… depois é o dia a trabalhar, tanto pode ser trabalho de escritório como… trabalho de campo, em atividades de conservação da natureza. Hâ… a hora de almoço também é lá no local, nós almoçamos no sítio, portanto não tem espaço para… para fazer nada em particular… hâ… em teoria do dia de trabalho termina às dezoito, dependendo… do trabalho que estamos a fazer ou não, hâ… pode ser um bocadinho mais ou um bocadinho menos. Hâ… depois regressando a casa, normalmente pratico desporto com… com o gabinete de desporto daqui do município, preparo a refeição, jantar… um bocadinho de televisão, uma série, um filme… e descansar sim… durante a semana é mais ou menos este ritmo assim.

E: Hâ… portanto trabalha na ONG, não é?

ELISABETE: Sim, sim.

E: Hâ… que tipo de laços estabeleceu na ONG ou estabelece na ONG, já sabemos que existe um relacionamento, não é, mas que tipo de laços é que estabelece, de amizade, mais de carácter profissional?

ELISABETE: Hâ… depende das pessoas, tenho as duas situações… tenho amigos que são bastante próximos, de amizades feitas aqui no… no trabalho dentro da ONG que são… bastante próximos e… tenho outras relações que são mesmo… estritamente profissionais, de trabalho e de convivência profissional … hâ… dependendo das pessoas tenho as duas situações.

E: E antes de trabalhar nesta ONG, já se relacionava com algumas pessoas?

ELISABETE: Não… hâ… não, não… ou seja… hâ… eu estou deslocada, portanto eu trabalho num sítio onde não moro, não sou…não sou…originária do sítio onde trabalho, portanto…estou deslocada, ou seja, todas as pessoas com quem eu me dou aqui no sítio onde moro e trabalho, conheci no âmbito desta… ONG.

E: Hâ… a participação na ONG é a principal atividade, se é a sua principal atividade?

ELISABETE: Sim.

E: De que forma é que exerce esta participação, é remunerada ou é voluntária?

ELISABETE: Sim, sou técnica, sou remunerada, faço parte dos quadros da associação, hâ… pronto, ou seja, é o meu emprego para além de ser… de ser uma colaboração, é o meu emprego, o meu trabalho.

E: E como é que se sente a trabalhar na ONG, o que é que significa para si?

ELISABETE: Eu sempre trabalhei com ONG´s, hâ… portanto a minha experiência desde que saí da universidade, sempre envolveu trabalhar com ONG´s, hâ… houve uma altura

que eu achei que poderia ter o gosto em fazer um trabalho… hâ… para um município, por exemplo, ou para uma empresa. Hâ… mas acho que me ia faltar um bocadinho aquele sentimento de… dar a importância que eu tenho ao trabalhar para uma ONG, ou para uma associação sem fins lucrativos. Hâ… e então… pronto, como não tenho essa experiência… pelo menos desde que trabalho, hâ… para aquilo em que me formei, hâ… para mim trabalhar na ONG sempre é, sempre foi a situação ideal, hâ… não só pelo… pelo espírito associativo que… que é inerente não é? Para mim, tem a ver comigo, como pelas pessoas com, com as quais acabo por trabalhar, hâ… como também depois hâ… alguma flexibilidade e alguma, hâ… capacidade de… de adaptação que existe neste formato de… de estar numa associação que… que às vezes não é tão claro numa empresa ou num… num município ou no outro tipo de entidade. Hâ… tanto para explorar as nossas próprias ideias, das minhas ideias, como por exemplo aquelas flexibilidades mais logísticas de… não… não haver um horário, claro que isto também funciona para um lado mau, às vezes (risos). Hâ… de não haver um horário e… pronto é tudo um bocadinho mais flexível, porque… porque as pessoas em sim também são também mais flexíveis, portanto. Para mim trabalhar numa associação é… é a minha realidade, não tenho… não tem sequer outra experiência e apesar de já de ter achado que poderia ser para mim, nunca cheguei a experimentar e tenho algumas dúvidas que fosse gostar, tivesse tanto a ver comigo, como tem trabalhar numa associação.

E: Eu saltei aqui uma série de perguntas, porque esta é a atividade principal, se… se houvesse outra atividade profissional eu fazia outro tipo de perguntas.

Relativamente à vivência familiar, ao quotidiano familiar, que influência ou que relação existe relativamente ao trabalho e aquilo que defende no contexto da ONG?

ELISABETE: No meu contexto familiar… hâ… a minha família neste momento, não é?

E: Sim, sim, isto é tudo atualmente, agora.

ELISABETE: Sim… hâ… eu moro com o meu namorado, ele… trabalha na mesma associação que eu, também é biólogo de formação e de profissão, não trabalha é exatamente na mesma área, hâ… portanto… a nossa vivência em casa é muito… anda muito à volta deste… deste gosto e desta atividade que ambos temos, hâ… hum… portanto não há… ambos compreendemos o estilo de vida um do outro e… as conversas andam muito à volta do trabalho, vê-se aí uma parte má, não há assim muita fuga (risos). Hâ… mas a nível de… de… convivência familiar pronto, é… é inevitável porque temos os dois a mesma… a mesma profissão e o mesmo… o mesmo nível de… de ligação à associação. Hâ… portanto, é assim, como somos só… só os dois… hâ… mesmo fora da família, também os nossos amigos são da associação, portanto… está tudo, está sempre tudo relacionado com esse tema… não há… assim muito espaço

para… para haver falta de compreensão, ou questões maiores sobre outro tema, porque somos todos… somos todos da área.

E: E, falando do estilo de vida, relativamente aos consumos em termos de…que tipo de consumos, quando falo de consumos é mesmo o consumismo em si, como é que se encaixa, como é que se definem?

ELISABETE: Sim, nós somos… hâ… temos algumas… opções e um estilo de vida, um bocadinho… para chegar ao sustentável… bom, se calhar não fazemos tudo o que poderíamos, não é? Hâ… mas tentamos ao máximo ter… determinados cuidados a nível de consumo e a nível de gestão de dia á dia… hâ… seja a nível de… do tipo de compras que fazemos, dos cuidados que temos em casa, hâ… temos aqueles… pelo menos aqueles mais comuns, poupança da água, da luz, hâ… reciclagem, produtos reciclados, cuidados com os plásticos, etc… temos todos. A nível da alimentação, também temos uma alimentação cuidada… hâ… e temos alguns cuidados com o consumo de… de produtos animais…não somos vegetarianos, hâ… mas temos, temos alguns cuidados e limitamos… hâ… também na ótica do ambiente, não apenas da saúde, mas também na proteção do ambiente… hâ… por exemplo temos assim um estilo de vida bastante cuidado relativamente às questões ambientais, tanto a nível de consumo, como… gestão diária, hâ… ainda assim há sempre espaço para melhorar… hâ…mas quanto ao facto de estarmos também num meio rural tão pequeno, a nível de produtos hâ… alternativas de consumo mais… sei lá, biológicas ou outros tipos de cuidado, não temos essa facilidade, portanto… há coisas que… aquilo que conseguimos fazer nos contexto em que estamos, fazemos… hâ… se calhar numa zona com mais oferta, poderíamos ter outro tipo, também de cuidados que aqui não conseguimos.

E: Relativamente ao seu círculo de amigos atuais, genericamente todos eles partilham das mesmas preocupações relativamente ao ambiente?

ELISABETE: Sim, sim… hâ… eu tenho… pronto, os meus amigos aqui, com quem eu me dou diariamente, sim, pronto, são da área e são biólogos e são… trabalham para a mesma associação. Hâ… depois vem o grupo de amigos que tenho… hâ… na minha terra de origem, com quem passo tempo quando estou, apesar de… quase nenhum, ou nenhum deles ser, pronto, da área do ambiente, hâ… também são pessoas preocupadas e também têm… têm cuidados, hâ… como, como têm sempre muita curiosidade com o meu trabalho é… acaba por ser sempre assunto, o tema do ambiente é sempre um assunto também hâ… nesse grupo… apesar… pronto de eu ser a única, como ficam fascinados com os temas, acaba também por ser um assunto e… e pronto que eles gostam e daquilo que eu… eu vou sabendo, também… também há umas preocupações, hâ… ambientais, sim.

E: O que é que sente relativamente a isso?

ELISABETE: Hâ… eu… eu gosto (risos), eu para mim, acho… para mim pessoalmente, pronto... primeiro… estou distante não é, e… quando…quando estou com eles é bom saber que eles têm interesse naquilo que eu faço, num modo genérico, não é? Hâ… mas depois é muito engraçado, a curiosidade que as pessoas têm nestas questões do ambiente, hâ… e particularmente no meu caso, não é? Como eu trabalho muito próximo dos animais e dos habitats… hâ… é realmente uma área que fascina as pessoas e, e… eu sinto-me muito confortável e com muito gosto em…em esclarecer e em… e em… hâ… sensibilizar as pessoas numa simples conversa de café, pode-se fazer muito trabalho de comunicação e de sensibilização, hâ… e eu tenho muito gosto nisso. E… pronto, costuma-se dizer que se me deixarem, eu estou horas e horas a falar disto, portanto… hâ… para mim é…muito agradável haver este interesse. E mesmo estando longe, às vezes telefonam-me sei lá… porque encontram um animal ferido ou alguma situação, ou porque há uma descarga no rio… hâ… ponto, já sabem (risos) a quem… a quem telefonar, sim.

E: Olhando novamente para as suas atividades do quotidiano, qual delas é que vê como mais importante para si, ou qual delas mais se identifica?

ELISABETE: Hâ… ou seja, neste caso… será a minha atividade profissional, (risos) não sei se é… hâ… depois quanto tenho… quando tenho espaço para… ao fim de semana ou de férias de lazer… hâ… tudo o que são viagens, viagens de exploração de… espaços naturais, hâ… também é uma coisa que gosto muito de fazer, mas no dia à dia a minha profissão é realmente a atividade que…com a qual eu me identifico mais, sim.

E: Isto foi mais curto, porque esta era a atividade principal, mas tenho uma última questão, o que é que significa para si ser ativista ambiental?

ELISABETE: Hâ… este ativismo… se bem que hoje em dia a palavra ativista tem assim, uma conotação um bocadinho negativa, que as pessoas quando pensam em ativistas, pensam naqueles que se barricam e que se atam com… com cadeados aos portões. Pronto que não é…não é de todo essa…essa situação. Hâ… portanto eu… ter este ativismo ambiental é a minha oportunidade para fazer alguma coisa de útil, hâ… pelo mundo, seja, hâ… mundo no sentido global, seja mundo pessoas. Hâ… portanto…é mesmo o juntar o meu gosto pela natureza com a minha capacidade e a minha vontade de fazer alguma de útil e fazê-lo no âmbito do ativismo ambiental, ou no associativismo ambiental ou no conservacionismo, como querermos… hâ… realmente é… é… aplicar tanto um gosto como uma vontade, neste caso é uma atividade, faço-o de forma remunerada mas… tenho a certeza que se tivesse outra profissão qualquer, acabaria sempre por ter também, atividades de… voluntariado ou… ou algum tipo de projeto paralelo ou associado ao ambiente, porque é mesmo… é mesmo a minha área de eleição e de… de preocupação e de gosto.

E: Está tudo?

E: Sim.

ELISABETE: Ok

E: Vamos só parar aqui a gravação.

Fim

Anexo D – Transcrição da entrevista a "Nuno"

Local da entrevista: Entrevista realizada online através da aplicação ZOOM Data de início: 10 de agosto de 2020 Duração total da entrevista: 2h1m Idade: 33 Profissão: Técnico de calibração Habilitações: Mestrado – Engenharia do Ambiente Sexo: Masculino Observações: Entrevista realizada ao longo de duas sessões, nas seguintes datas: 04/08/2020 e 07/08/2020. Participante e dirigente regional de uma ONGA.

E: A primeira pergunta que faço, é, a tua idade?

NUNO: Tenho trinta e três.

E: E as habilitações?

NUNO: Sou mestre, mestrado, tenho um mestrado na minha profissão.

E: E a profissão?

NUNO: Sou técnico de calibrações em ensaios.

E: Onde é que nasceste?

NUNO: Sim, lá na Guarda.

E: E na infância qual é a tua primeira e mais vívida memória, na primeira infância, aquilo que te lembras?

NUNO: Epá… isso é uma pergunta, quase… psicológica, sabes? Pá… é assim do… do… sei lá, olha que eu tenho uma memória não se terá sido a… é a mais antiga, quer dizer… tenho de engolir quase uma bolita, estás a ver? E a família, epá…preocupada a querer socorrer, não é? Eu guardo essa memória, não se essa será a mais longínqua, mas eu guardo essa memória, exatamente.

E: Consegues descrever-me como era o bairro, ou a cidade ou a localidade onde cresceste, como é que era o tipo?

NUNO: Pronto, isso em termos de quê? De desenvolvimento… é isso?

E: Sim, sim… o contexto, se era uma aldeia ou se não era.

NUNO: Não, vivia na cidade, portanto na cidade da Guarda, sim, embora tinha contato, pronto, frequente com a aldeia, portanto, que é a parte dos avós, hã… semanal ou

quinzenal ia à aldeia, hã… mas sim vivia na cidade com acesso a… exatamente, à escola, quer dizer toda a… toda… normal, exatamente.
E: Hã… viveste sempre ali, sempre na mesma zona até hoje?
NUNO: Sim, até aos dezoito anos, exatamente, até aos dezoito anos sempre na… exatamente.
E: Hã… fala-me um pouco dos teus pais, qual dois consideras que foi mais marcante na tua educação, ou foram ambos de igual forma?
NUNO: Olha, isso continua assim com um cariz, mas…
E: É, é muito subjetivo, é.
NUNO: Exatamente.
E: Esta parte biográfica é uma parte biográfica, não se na parte daquele email que eu enviei, eu referi lá isso, que há uma parte biográfica que é muito importante.
NUNO: Ok, sim, sim, sim. Olha eu entre… eu perdi o meu pai muito cedo. Hã… com oito anos, sabes? E… quer dizer, tu estavas a pergunta qual deles me marcou mais, portanto eu se calhar… esse episódio, pronto, a morte do meu pai, quer dizer, marcou-me durante… toda, toda a adolescência, toda… até aos meus… já eu estava na universidade quando consegui falar sobre este tema, estás a ver? Porque, fechei-me muito ou… e, portanto, cresci muito, hã… com isso muito presente e sem conseguir exteriorizar muito isso. Hã… portanto, quer dizer, realmente, depois entre o pai e a mãe, quer dizer foi a mãe que… quer dizer, que esteve mais próxima, quer dizer… mas, tenho esse episódio muito marcante, ainda hoje, quer dizer, ainda hoje, quer dizer, continuo assim a falar sobre isto e a ter isto ainda muito presente, sabes? É… e… acho que ainda não ultrapassei totalmente, exatamente. Ainda está muito marcado este episódio, hã…exatamente.
E: Portanto, foi a tua mãe que foi a mais relevante na tua educação, por assim dizer?
NUNO: Pois exatamente, obrigatoriamente foi a minha mãe, exatamente sim, sim. Foi ela que assumiu o papel, quase de pai e de mãe, exatamente.
E: Que idade é que tinhas quando perdeste o teu pai?
NUNO: Oito, oito anos, exatamente, exatamente.
E: Como é que achas que foi a tua infância, foi uma infância feliz?
NUNO: Bem… hã… uma boa pergunta, continuamos nas boas perguntas. Vou-te responder aquilo que tenho ultimamente já muito consciente, quer dizer… é quase uma resposta de tábua rasa, quer dizer… tornei-me ali um adulto depressa demais, sabes? Nem… por causa deste episódio que te falei, não é? E… epá e acho que houve coisas que deixei de viver enquanto criança. Hoje… hoje digo isto, quer dizer e… pronto se calhar asneiras que não fiz, na altura que podia ter feito, asneiras. Sei lá,

comportamento, é uma maneira de dizer, vá, não é? Hã… e assumi assim um papel… desde, desde novo, hã…sei lá, se calhar numa situação normal não assumiria, não é?
E: Consegues-te recordar de algum momento, mais ou menos disciplinador por parte, neste caso, da tua mãe, na tua educação, um momento, um castigo ou?…
NUNO: (pausa de reflexão) Sei lá, pá. Sabes que eu… era, era… fazendo a sequência da reposta anterior, quer dizer… eu… quase que não dava oportunidade, quer dizer, eu próprio, sei lá, tinha a ideia de não… não desobedecer, ou não ir… hã… tipo, não… sei lá, eu acho que eu próprio antecipava as situações e então, hã… pronto e se calhar não seria chamado à atenção, ou se era… ou quando era, também me custava, quer dizer, e aliás, ainda hoje me custa ser chamado à atenção, hã… porque… epá, cresci a tentar ser adulto, logo de pequeno, não é? Hã… portanto a fazer sempre o melhor de mim… sempre mais do que se calhar devia, ou podia… hã… não se respondi, exatamente.
E: Não há respostas certas ou erradas.
NUNO: (impercetível).
E: Hã… relativamente à religião como é que se… tiveste uma educação religiosa, como é que a tua família se posicionava em relação à religião?
NUNO: Sim, tive. Frequentei a catequese, os vários anos, não é? Fiz aquela… fiz o crisma, cheguei a fazer o crisma, hã… pronto, hoje em dia já tenho assim uma… uma opinião diferente, ou pelo menos já reflito um pouco mais. Mas pronto, enquanto criança fiz os vários… os vários anos, exatamente a catequese e assim, frequentava a… igreja, a igreja católica, exatamente.
E: Como é que sentias a frequentar?
NUNO: Olha, naquela altura sim, sentia-me bem. Quer dizer, pelo menos… hã… não… sei lá, não questionava, ou não, não… aceitava, não é? Exatamente, exatamente, depois agora mais recente, não é? Há três ou quatro anos, ou quatro ou cinco é que comecei a questionar mais e a… e a desligar mais, exatamente.
E: Em termos de valores, como é que se orientava a… os valores que te eram transmitidos, como é que se orientava a tua família mais chegada?
NUNO: Como é que se orientava?...
E: Como é que… quais eram os valores que imperavam no teu contexto familiar, em termos de valores, quais são aqueles que tu achas que te, que te influenciaram mais?
NUNO: Epá… uma pergunta difícil essa também. Hã… (risos).
E: Prometo que já via ficar mais fácil.
NUNO: Realmente estava a contar só com elas fáceis (risos). Epá, não sei, quer dizer… a família era assim… apesar de ter tido esse episódio que tive, que te falei, dos valores… os valores normais, quer dizer, união entre a família, união quer dizer… que depois, realmente com a morte do meu pai…separou-se a parte dos irmãos do meu pai, não é?

Os meus tios, quer dizer, houve aí assim uma separação, mas pronto a parte da família com quem eu sempre contatei, a parte da mãe, sempre houve a questão de… hã… sei lá, de união da família, de … respeito e de… hã… sei lá… não sei, exatamente de valores, epá tenho dificuldade, tenho dificuldade me dizer que valores é que recebia… sei lá… só, olha.

E: Quais era eram as habilitações escolares dos teus pais?

NUNO: Olha, portanto, a minha mãe penso que foi ali… os anos anteriores, quer dizer, sétimo ano antigo, quer dizer, acho que equivalia ao décimo primeiro, não sei bem, e o meu pai também não tenho a certeza, epá… se… se não teria sido só até à quarta classe, eventualmente… quinto, sexto. Mas sempre estes anos antigos, quer dizer, o quinto e sexto antigo, quer dizer, não têm formação superior, isso não tinha nenhum deles… portanto acho que quanto muito a minha mãe seria ali talvez, o décimo primeiro ano antigo. Pronto, ok.

E: Podes falar-me da forma como é que consideras o tipo de educação que herdaste, neste caso, da tua família, da tua mãe?

NUNO: Olha… hã…sim, em certa parte, foi assim… rígida, ou pelo menos, hã… sei lá, com pouca, com pouca possibilidade de… de exteriorizar… ideias, hã… diferentes, não é? De partilhar ideias diferentes, não havia muito espaço para isso. Hã… e quando isso acontecia, não é? De partilhar essas ideias…hã… mais depressa havia assim uma cara puxada, uma cara: “deixa-te de ideias” ou… do propriamente do aceitar e o deixar explorar as ideias da criança ou do jovem, não é?

E: Como é que era obtido o rendimento familiar, qual era a profissão da tua mãe?

NUNO: Na altura, exatamente, na altura em que o meu pai faleceu, portanto, a minha mãe não trabalhava e depois ela ocupou a vaga numa unidade fabril, na mesma unidade fabril onde o meu pai trabalhava. Só que só lá esteve cerca de um ano, dois anos… depois teve, noutro… num supermercado. Hã… e depois não sei também ao certo já, já não sei precisar quantos anos, talvez dois ou três anos nesse supermercado. E depois ela abriu um negócio por conta dela, que ainda tem hoje em dia, um comércio tradicional, um comércio local. E eu também só recentemente… só recentemente, para aí há quatro ou cinco anos é que… até porque a palavra empreendedor é que começou a estar mais na moda, não é? Nesses quatro ou cinco anos, ou cinco ou sei anos. Aí é que considerei a minha mãe como tenha sido uma empreendedora também, porque abriu realmente o negócio dela, mas na altura, pronto. Não sei, mas essa palavra também surgiu agora, exatamente, há mais de… exatamente. Uma empresária, uma empresária por conta própria, exatamente.

E: Houve algum constrangimento? Tinhas tudo aquilo que necessitavas?

NUNO: Sim, eu lembro-me, olha… duma vida… as respostas, olha… as respostas, pronto, todas elas vêm na sequência, portanto, eu lembro-me de várias vezes de não, não exigir muito de… mesmo de brinquedos, ou assim, quer dizer… Lá tive uma altura, vá o gameboy e… não sei… um carro telecomandado, coisas assim, vá. Mas depois lembro-me de… havia ali uma altura que eu deixei de… não sei, de querer pedir coisas, quer dizer, achava que… pá… sei lá, não, não… não o fazia, não o fazia.

E: No contexto onde tu vivias, onde cresceste, como é que comparavas a tua família relativamente às outras famílias da vizinhança, em termos financeiros mais rica, mais pobre, havia grandes, grandes… havia semelhanças ou havia grandes discrepâncias?

NUNO: Olha eu vou fazer se calhar a comparação com os colegas da turma eventualmente, não é? Hã… pá sim, quer dizer, havia diferenças, havia… hã… sei lá, mas também nunca faltou nada quer dizer, também nunca, nunca faltou, eu nunca tive… sei lá… se formos a pôr, portanto, em termos de riqueza, quer dizer, de zero a cem por cento, quer dizer, eu estaria ali à volta dos trinta, quarenta por cento, hã… considero que estaria assim nesse, nessa faixa, não é? Sendo que deu sempre para sobreviver, ou quer dizer, deu sempre para… quer dizer nunca faltou nada, quer dizer, agora se calhar também estou a ser… se calhar bastante pessimista, nesta questão. Sei lá, mas havia alguma diferença, quer dizer, isto para dizer que havia diferença entre sentimentos de… pronto dos pais de colegas e… nossos em casa, ok.

E: E isso em ti, refletia-se de alguma maneira, sentias alguma coisa relativamente a isso?

NUNO: Quer dizer, é como digo, quer dizer, faltar nunca faltou nada, não é? Nunca faltou para estudar, quer dizer, nunca faltou a… Portanto é como te digo, quer dizer, nunca faltou nada, quer dizer nunca faltou comida, quer dizer, nunca faltou meios para estudar, nunca faltou hã… mas sempre me considerei assim, pronto, um pouco… inferior, um pouco… hã… com menos rendimentos, exatamente.

E: Olhando agora para a política como é que se posicionava a tua família em termos políticos?

NUNO: Olha, não, não… não expressava, hã… sabes, não… não era tema… de grande discussão em casa, ou de grande… eu lembro-me de acompanhar a minha mãe quando ela ia votar, não é? Embora eu quando, antes nos dezoito anos… portanto a gente não vota, e perguntava-lhe e ela:

- “Epá, não, não te vou dizer, quando tiveres idade tu vais votar e…”- portanto era um assunto, que não era assunto em casa, a política.

E: E… e relativamente ao ambiente, consciência ambiental, qual era o posicionamento?

NUNO: Olha, pois por incrível que pareça, também quer dizer não havia propriamente… portanto, eu fiz dezoito anos em dois mil e cinco, quer dizer, pronto, nessa altura eu já…

o ambiente, quer dizer o ambiente é de toda a vida, quer dizer… hã… mas hoje em dia considero que está mais… ou pelo menos eu próprio estou mais consciente para as questões ambientais, não é? Hã… mas mesmo naquela altura também não era propriamente tema em casa, tema de conversa em casa e com a família, e também não… também não era, também não era…

E: Quais eram os assuntos que se falavam mais, quando se reuniam, às refeições ou…

NUNO: Bem uma boa pergunta, daquelas de… possivelmente vais ter perfil para (risos) exatamente, boa... não te sei dizer, epá, sou te sincero… sei lá pá… eram sobre a escola, não é? Quer dizer, perguntas sobre a escola, hã… não te consigo dizer muito mais, hã…

E: Havia algum tipo de envolvimento ao nível do associativismo, movimentos sociais ou sindicalismo, havia… por parte da tua família mais chegada, tinhas algum familiar ou não?

NUNO: Não, quer dizer, o único que… era um tio avô, hã… mas quando eu… quero dizer nessa altura dos meus oito anos, porque também antes disso, quer dizer há poucas memórias e há poucas… sei lá, já não me recordo de… de grande coisa, hã… mas esse tio avô, estava reformado, nessa altura, reformou-se ele cedo e deve ter sido o que assumiu assim mais funções de sindicalista, eventualmente, quer dizer… mas também era assuntos que também não surgiam e que também não era muito falado na…

E: Admiravas na altura algum tipo de herói ou personagem histórica, isto quando eras criança, tinhas alguma personagem, ou algum ídolo?

NUNO: Sei lá, essa pergunta tem de ser feita na altura, naquela altura…

E: Sim, mas se te recordas disso ou não?

NUNO: Não sei, sei lá, entre dragon ball e super-homem, quer dizer, pronto, fiquemos por aí vá, desses (risos).

E: De que grandes eventos ou revoluções à escala nacional ou até mesmo global, hã… é que te recordas, na altura?

NUNO: Olha, até porque agora estes dias foi falado, portanto recordo-me daquele episódio lá de Foz Côa, das gravuras, da barragem, não é? Embora foi ali, realmente em noventa a quatro, noventa e cinco, creio eu, não é? Portanto noventa e cinco, tinha eu os tais oito anos, portanto eu recordo-me vagamente de… fosse por notícias, eu acredito mais que por notícias do que propriamente todo o assunto ser debatido lá em casa, hã… tenho assim memórias disso, hã… pronto, depois aí nesses anos noventa, a expo noventa e oito, ok. Portanto cheguei a ir também, não é? Aí já tinha talvez, dez anos, onze anos, vá, já mais crescido. Hã… a pergunta é que eventos me recordo, não é? Que eventos…

E: E de que forma é que tu achas que isso te marcou, ou se te marcou de alguma forma?
NUNO: Não sei, quero dizer, não… não… agora se calhar posso fazer essa comparação, quer dizer, essa do episódio da barragem, não é? E ver ainda, da minha veia assim… ecologista, mas a… naquela altura não, não considerava que me tivesse marcado, quer dizer pronto, apercebi-me disso e… recordo-me disso pá…
E: E acompanhaste o assunto?
NUNO: Acompanhei, quer dizer, não acompanhei, quer dizer de… sei lá, é… é… tenho ainda memórias de ouvir falar, de aquilo ter sido parado, de ter parado tudo, mas… não me recordo muito mais, quer dizer, não… que tinha… teria os tais sete ou oito anos, nove anos talvez, sim.
E: E… quando já era jovem, mais velho, hã… seguias algum tipo de causa, algum tipo de ideal?
NUNO: Algum tipo de?
E: De ideal, ideal, alguma causa, algum tipo de ideal, o que é quer para ti na altura…
NUNO: Ok, ok… por acaso também é engraçado, quer dizer, eu… mesmo no movimento associativo, começou-me a fazer só sentido já, já na universidade, já no… não foi tanto nos dezoito anos, antes dos dezoito anos, em que estava na Guarda, não é? Portanto foi quando fui para Aveiro estudar, é que comecei a integrar movimentos associativos e aí sim a fazer-me sentido, hã… pronto, as associações e o movimento associativo no geral, exatamente. Aí teria os vinte anos, dezanove, vinte anos
E: Na adolescência isso não era… não era ainda, não representava praticamente nada?
NUNO: Pois, não, não.
E: Aderiste algum tipo de cultura juvenil, ou seguias alguma coisa, quando falo de cultura juvenil, falo daquelas modas altura, sei lá, havia o heavy metal, havia… ou nada disso fazia.
NUNO: Pois Vasco, também não, também não.
E: Que tipo de escola é que frequentaste na secundária, privada, pública, ensino mais religioso?
NUNO: Pública, sim, sim.
E: E qual foi dos teus professores o preferido na escola?
NUNO: Epá… também, é que isto parecendo que não, já lá vão, estás a ver, já lá vão quinze anos, quer dizer. Acabei o décimo segundo ano há quinze anos, estás a ver? Olha, pronto e… lembro-me de um professor de ciências, curiosamente, vá. de ciências no décimo segundo ano, ou de biologia, esse gostei bastante, esse professor. Está mais recente, apesar de tudo, quer dizer de todo o secundário, de todo o básico, pronto esse professor está mais presente. Esse marcou-me, esse gostei desse professor sim, sim.
E: Porquê, porquê?

NUNO: Olha… hã… ele, eram aulas de noventa minutos, acho que hoje em dia também devem ser, não é? Ele faltava tipo, os primeiros quarenta e cinco e vinha aos segundos quarenta e cinco, e isto por norma, quer dizer, acontecia quase sempre. Hã…, mas a matéria conseguia sempre e a motivação dos alunos, porque eu acho que era importante… ele… comparando com outras turmas… eu por exemplo, nós tínhamos colegas de outras turmas, andávamos sempre a par da matéria, quer dizer…. Apesar de ele só dar aqueles quarenta e cinco minutos, quer dizer, mas focava-se, focava-se no importante, ou pelo menos no mais relevante, não é? E gostei desse professor, a verdade é que, lembro-me assim… sim, sim.

E: Durante as férias do verão e aquelas férias escolares, quais eram as tuas atividades preferidas?

NUNO: Olha, também tive assim um período, um grande período em que… passava as férias em casa, sabes, pá? Também tive assim um período grande, hã… em que me isolava bastante, sabes? Hã…, sei lá também não sei bem explicar, o porquê, ou… quer dizer, eu lembro-me, por exemplo, o meu irmão ele ia muito para a aldeia, era capaz de lá passar os dois meses de verão, não é? Dois ou três meses de verão, mas eu não, epá…eu acabava por ficar mais na cidade, mesmo que ficasse ali em casa, quer dizer, a fazer… sei lá, a jogar consola, ou a… ver televisão, quer dizer, mas lembro-me que não era muito de fazer muitas atividades no verão, não é? Isto pensando sempre até aos dezoito anos, vá, não sei se a pergunta que tu fazes sempre é… toda a…

E: É aquela parte, ainda aquela parte mais de adolescência, até à entrada… ainda não chegamos à entrada da universidade.

NUNO: Pois exatamente, é bom marcar isso, o que eu refiro é até aos dezoito anos, exatamente, exatamente.

E: Nessa altura o que é que gostavas ou ambicionavas ser, quando tu crescesses, se tinhas alguma ideia?

NUNO: Elá… eu próprio acho que segui engenharia do ambiente… foi uma decisão mesmo ali no décimo segundo ano, sabes? Hã… portanto para trás, hã… por acaso ainda estive com a minha tia este fim de semana e quer dizer, e às tantas, quer dizer, e há ali uma altura, mas isso teria os oito, nove, dez anos, quer dizer, queria ser polícia, quer dizer, queria ser… havia outra coisa, mas também já não sei bem, o que era… mas depois a escolha do curso, propriamente dita, foi só mesmo aos dezoito anos, dezassete, dezoito anos, hã…nos catorze, quinze, dezasseis, não, não tenho ideia de… sei lá de pensar ou de ter ideias assim certas do que queria… do que queria ser, exatamente.

E: Falamos há bocado do professor, a disciplina, qual era a disciplina favorita?

NUNO: Hã… ao longo dos vários anos, não é? Ah… matemática, hã… sim, sim essa desse professor, era a biologia, que também gostei como te disse, mas assim dos vários anos, a matemática sempre foi assim a mais, a que gostava mais, sim.
E: Hã… já falámos há bocado das gravuras e dessa, dessas questões. Nessa época durante a tua juventude, tens ideia de alguma situação ou algum evento, que tenhas presenciado, que tenha provocado algum, em termos emocionais algum tipo de revolta, ou tenhas considerado injustas, de alguma forma?
NUNO: Hum… sei lá, o episódio da morte do meu pai, quer dizer tive muito tempo sem conseguir falar disto, mas a remoer muito, quer dizer, considerar assim injusto, hã… e pior era quando eu via situações de pais e os filhos que não se davam bem, pais, pai e eu a colocar-me naquela posição de não ter. Quer dizer, isso para mim, mexia bastante naquela altura, sim, sim.
E: Pronto, já falámos, foste para o ensino superior, não foi?
NUNO: Hum! Hum! Hum!
E: Alguma vez interrompeste os estudos?
NUNO: Olha, sim, sim, curiosamente, no… estava a fazer tese de mestrado, hã… portanto, no final do quinto ano, quinto ano, três mais dois, não é? Hã…e não quis entregar naquele ano, e isso… congelei a matrícula, ali naquele ano, portanto fiz ali uma pausa… sim, sim, foi o sexto ano, parei no sexto ano, digamos assim, no sexto ano da universidade.
E: Podes dizer-me porque é que o fizeste?
NUNO: Olha, houve ali uma altura que eu conheci muitos colegas, hã… que estavam a trabalhar, portanto eles também tinham estudado na universidade, e depois outros não tinham concluído os cursos, e tinham começado a trabalhar, pronto em lojas, a trabalhar em… e eu hã… comecei-me a questionar, quer dizer: “estou a fazer o curso, hã… mas não sei, também preciso de trabalhar, ou também queria era trabalhar” – e coincidiu, eu cheguei a trabalhar numa loja de desporto, comecei em outubro, eu tinha até dezembro para concluir a tese e lembro-me de começar a trabalhar e ainda com a ideia de concluir a tese até dezembro, mas… mas depressa cheguei à conclusão que não dava e… pronto e congelei a matrícula nesse ano e trabalhei nesse ano.
E: Entraste logo na área que te interessava?
NUNO: Sim, sim, Vasco, sim. Foi logo a primeira opção, sim.
E: E o ensino na universidade era público ou privado?
NUNO: Era público, sim, foi na Universidade de Aveiro, sim, sim.
(pequena interrupção com chamada de telemóvel do entrevistado que rejeitou prontamente no sentido de continuar com a entrevista.)
E: Tiveste de sair de casa para estudar, ir para longe?

NUNO: Tive, e… foi porque quis, quer dizer, não fui, quer dizer… hã… realmente e em boa a hora o fiz, mas eu, não é, portanto, fui para Aveiro, também não é muito longe da Guarda, mas sim em boa hora o fiz, sim.

E: E o que é que significou para ti essa experiência?

NUNO: Epá, fez-me crescer e… fez-me… pensar por mim próprio, e… exatamente, eu próprio, no contexto associativo só surgiu já nesta altura, quer dizer, já depois de ter saído de casa. Eu acho que se tivesse estudado na Guarda, que curiosamente havia lá o curso, o mesmo. Hã… não… seria diferente, pronto, não interessa como seria, mas seria diferente a minha… a minha atitude, disposição.

E: Houve algum tipo de constrangimento financeiro, durante esse período ou não?

NUNO: Da universidade?

E: Sim.

NUNO: Não, não, não, realmente nunca faltou hã… portanto, para pagar propinas, quer dizer, não, nunca faltou.

E: Portanto, já falámos um bocadinho disto, como é que decidiste aquilo que querias estudar, recordas-te do tipo de reflexão que fizeste?

NUNO: Olha, ali nesse ano em dois mil e cinco, falava-se muito hã… em instalar eólicas, instalar… instalação de… de torres eólicas no país, não é? E eu lembro-me de… pronto disso, o ambiente, começar a falar do ambiente e ter havido assim um amigo próximo da família, com dois anos de diferença talvez, que seguiu engenharia do ambiente, hã… de Aveiro também, portanto eu fui ali um pouco a… pronto, nesse seguimento, na… nesse colega que já tinha ido, com quem convivi, nesse colega, amigo de família. E… e dele ter ouvido assim essas notícias do ambiente, de começar a ouvir falar mais de ambiente, exatamente.

E: Portanto, estudaste até ao mestrado, não foi?

NUNO: Exatamente, exatamente, portanto apanhei o processo de Bolonha a meio, exatamente, foi três mais dois, exatamente.

E: Em termos profissionais, quando é que tu começaste a trabalhar?

NUNO: Olha, dois mil e dezasseis. Pelo menos a… por conta de outrem, porque tive ali um período de dois mil e doze quando acabei o curso, até dois mil e dezasseis, que queria criar algo por conta própria, portanto ainda participei no concurso de empreendedorismo e… ainda chegámos a vencer, eu e a equipa. Mas depois não implementámos a… era uma central de pellets, acabamos por não… não implementar o projeto.

E: Hã… esta questão volta um bocadinho mais atrás, na escola, na escola secundária envolveste-te em algum tipo de atividade coletiva?

NUNO: Ao ambiente, foi isso?

E: Não, na escola, atividade coletiva, seja de ambiente ou não, envolvias-te na escola secundária, envolvias-te em algum tipo de atividade coletiva?

NUNO: Pouco, apesar de tudo, pouco, pouco. Não era muito, não. Não sei se alguma vez cheguei a participar naqueles pedipapers, ou… aquelas corridas que se faziam, não se é pedipaper, não é pedipaper, que isso é… Aquelas, era corrida, não é? Dentro da escola… tinha assim uma vaga ideia de ter participado uma vez ou outra, hã… mas ocasional, ocasional.

E: Começaste a trabalhar, ainda estudavas, ou não?

NUNO: Sim, portanto, exatamente, ou… nesse ano, no sexto ano da universidade, portanto teria os meus vinte e dois, vinte e três anos, portanto, fui trabalhar… mas é como te digo, quer dizer, depois congelei a matrícula, nesse ano, portanto, nunca acumulei dois meses, quer dizer acumulei dois meses… hã… mas acho que nunca usufrui do estatuto de trabalhador-estudante, porque… porque na parte que estava fazer a tese de mestrado, já não tinha aulas, não é? Só já tinha de redigir a tese, não é? Portanto, não tive que… pronto, nunca solicitei o estatuto, exatamente.

E: Manténs o mesmo emprego, ou já tiveste mais empregos?

NUNO: Sim, sim, desde dois mil e dezasseis que é o mesmo, exatamente, exatamente.

E: Estiveste desempregado, já passaste pela experiência do desemprego?

NUNO: Sim, também, também, quer dizer, eu quando acabo, quando acabas o curso, estás desempregado (risos) e… inscreveste no centro de emprego, quer dizer, portanto, hã… mais uma vez, quer dizer, eu nesse sexto ano em que eu trabalhei em dois sítios, depois estive no sétimo ano… eu estou-lhe a chamar sétimo ano, do… de universidade, exatamente, portanto aí eu acabei o curso e depois sim, penso que me inscrevi no centro de emprego, nessa altura, em dois mil e doze, hã… e depois fiz o estágio profissional em dois mil e treze, hã… e mesmo neste período em que estive a desenvolver o projeto de… por conta própria… eu penso que continua a estar inscrito no centro de emprego, até porque estávamos a par de formações e a par de, de… sei lá, de vagas e eu, estava à procura de trabalho, quer dizer, seja como for, mantinha em aberto a hipótese de trabalhar por contra de outrem, mesmo estando a desenvolver um negócio, sim.

E: Participaste em algum tipo de associativismo académico?

NUNO: Sim, sim, sim, estive dois anos no núcleo de estudantes, depois tive um ano na associação de estudantes, na associação, exatamente, da universidade. Hã… sim, foram esses três anos. E depois, também estive um ano no grupo de teatro, hã… exatamente. Pronto e acho que foram assim esses quatro, quatro anos. Portanto, por norma os mandatos era sempre um ano letivo, ou… exatamente, acho que era um ano letivo, portanto, hã… exatamente, estou aí a contar quatro anos, sim, sim.

E: E o que é que significava para ti esse tipo de participações, como é que tu te sentias, qual era?

NUNO: Sim, sim. Gostei, gostei de participar…. Bastante nesses… e até me fazia confusão era quando organizávamos atividades e… fosse questões de defesa dos nossos interesses o defesa dos nossos… a lutar por questões… e… fazia-me confusão os colegas não quererem… não participarem, não se envolverem, não é? Portanto isso sim, marcou-me aí nesses anos, hã… aliás, ainda hoje acho que me marca. Quer dizer, pessoas que acabam por não se interessar… pronto, por lutar por causas e… para a qual eu faço. Acho que ainda hoje me revolto com isso, também.

E: É aquilo que isso te transmite, essa, essa… é a revolta, é o sentimento?

NUNO: Hum… eu às vezes lá está, fazes a pergunta e depois acabo por divagar um pouco na resposta, exatamente, que é…

E: É isso é que é a parte que interessa (risos).

NUNO: (risos) Sei lá, o que é que eu… lá está, é a satisfação quando lutamos por questões e… somos bem-sucedidos, não é? Portanto isso dá esse sentimento de satisfação ou de realização. Hã… mas pronto são poucas as… são poucas as lutas ganhas, não é? São poucas as… eu acho que resisto mais ainda sempre daquele lado de nós estamos lá e… há sempre muitas vezes a criticar, mas depois as pessoas também não são capazes de se juntar… e continua a fazer-me assim bastante confusão…

E: Qual era a tua posição dentro dessas organizações, do associativismo, qual era a tua posição em termos organizacionais?

NUNO: Olha, no núcleo de estudantes eu comecei como responsável pela secção informativa, no primeiro ano e no ano a seguir assumi a coordenação. Porque, pronto, isso também é universal em todos os movimentos associativos por onde passo, portanto há sempre a dificuldade de encontrar uma nova direção, portanto lembro-me de no ano, no segundo ano, de ter… de ter aceite desafio de coordenar o núcleo de estudantes. Depois na associação de estudantes, fui só para o conselho fiscal, exatamente. E no grupo de teatro, também fui só vogal, exatamente. Não, não exerci a… não tinha assim funções de coordenação, nem de tesouraria que acho que era ali os dois papéis, dois, três que a função de secretariado, hã… portanto ocupava o papel de vogal.

E: Quais eram os tipos de atividades em que participavas?

NUNO: Olha, no núcleo de estudantes, hã… era organização de… quando estava na secção informativa, portanto, nós elaborávamos uma folha informativa e, portanto, era reunir informação, era… elaboração do site, era atualização das informações no site, do núcleo. Hã… mas depois também era tipo, organização de atividades, visitas técnicas, isto se calhar já no ano em que coordenei o núcleo. Hã… organização de visitas

técnicas, um debate, fazíamos sempre assim uma… uma… um debate de… um tema, já não me recordo exatamente qual foi o tema, mobilidade talvez. Hã… portanto também organizei, organizamos esse debate e depois havia toda a parte de… pronto académica, quer dizer, de organização de jantares de... jantares de turma, quer dizer jantares de convívios de colegas, também era organizado pelo núcleo de estudantes.

E: Vamos passar agora para o grupo dois e é um grupo que se centra nas emoções, nas crenças e nos valores e a questão que eu tenho agora, é o que é que é para ti, ter qualidade de vida?

NUNO: Bom hã… o que é que para mim é ter qualidade de vida? Ok, ter trabalho, ok… mas depois também ter… um período de em que o trabalho fica lá hã… lá no trabalho que é mesmo assim e chegas a casa e… e não continuas a magicar naquilo, quer dizer, consegues desligar por completo. Para mim isso é qualidade de vida. É tu conseguires, teres o trabalho, teres o trabalho, mas depois chegas a casa e… tens os teus hobbies, tens os teus… tens as tuas preocupações fora… e deixas as preocupações no trabalho, exato.

E: Já há bocado abordamos este assunto, atualmente tens alguma crença religiosa?

NUNO: Não, Vasco. Hã… estou mais, exatamente, neste momento sem, sem… seguir, exatamente.

E: Por que razão?

NUNO: Por que razão? Hã… Bem quer dizer, tive assim nesses quatro ou cinco anos atrás tive dois contactos com, pronto, com uma irmã religiosa, quer dizer e um… e não sei, fez-me… quer dizer, estou a considerar assim três pessoas com quem tive assim mais contacto, dois padres e uma irmã, uma freira. Mas não sei, havia ali coisas que eles diziam, pelo menos dois deles, vá… hã… e depois não sei, não fazia sentido pá, não… não, de todos, dos três, se calhar um dos padres era ainda um dos que… aquilo que dizia, era o que assim que reagia, era assim que agia. E assim se calhar fazia-me mais sentido, a… a conversa com ele e… mas acabei por me desligar, quer dizer e continuo assim bastante desligado. Não totalmente da parte espiritual, quer dizer, porque esta parte espiritual ou a parte assim de nós pararmos e… refletirmos para nós, mas não sei isso é forçosamente parte espiritual. Essa parte eu faço muito, de procurar parar e de procurar estar comigo mesmo e… procurar meditar eventualmente. Isso procuro fazer, hã… mas não é tanto a parte espiritual, quer dizer, não é tanto a parte de… de refletir sobre seres espirituais ou seres superiores, exatamente, isso não…

E: Olhando para ti, quais é que tu consideras as tuas melhores qualidades?

NUNO: Olha, considero-me assim bastante comunicativo, hã… e assim hã… de quebrar gelo, sabes? Eu considero-me assim… em alguns contextos quer dizer, também não serão em todos os contextos, mas… capaz de quebrar gelo e de… e de… de, sei lá. E

de unir assim… grupos, de equipas, sei lá, ou grupos de pessoas que até possam não se conhecer à partida e… fazer ali um… um quebras gelo, exatamente.

E: E as que menos gostas?

NUNO: As que menos gosto… pá… (suspiro). Epá… muito pensativo, muito raciocínio, pá… muita parte mental, quer dizer… tenho isso sempre demasiado ativo em mim e… devia, devia conseguir reduzir, devia reduzir.

E: Porque é que achas isso?

NUNO: Que devia reduzir, depois comparando com a parte sentimental, com a parte… não é? Portanto, fazendo esta… esta… por na mesma balança a parte de raciocínio e a parte sentimental, eu… a minha balança está bastante desequilibrada, hã… bastante para o lado do mental e… portanto, devia equilibrar, devia conseguir equilibrar mais, exatamente.

E: Neste momento, atualmente, que coisas é que são mais importantes para ti?

NUNO: Olha… hã… realmente epá, isto… perguntas difíceis Vasco, continuamos nas perguntas bastante difíceis, hã… sei lá… quais são as coisas mais importantes, para mim, não é? Olha, o estar bem comigo mesmo, que ando assim numa fase atribulada, sabes? Hã… portanto, hã… sei lá, pá, é conseguir este equilíbrio que estava a dizer antes, não é? Conseguir este equilíbrio entre o raciocínio, entre o lado mental e o lado sentimental. O que conta é o equilíbrio, para mim é assim o verdadeiro e recorda a pergunta, portanto a pergunta era? Neste momento o que era mais importante para mim?

E: Algo subjetiva a questão, mais importantes para ti, aquilo que tu consideras importante na tua vida?

NUNO: Epá… oh… ter trabalho, quer dizer, isso é positivo, quer dizer, isso considero positivo, hã… ter vontade de recuperar uma casa que tenho na aldeia, também considero assim positivo, não é? Hã… será isto, será isto.

E: E voltando aos valores, neste momento, no momento atual da tua vida, quais são os mais importantes? Em termos de valores? Valores mais materialistas, menos materialistas? Mais emocionais, menos emocionais?

NUNO: Não dou assim tanto valor assim aos materiais hã… é só ter assim um conjunto de amigos…

E: Em termos de valores, quais é que consideras, eu dei uns exemplos só para mais ou menos orientar… mas… podem ser outros, ou mais do que um.

NUNO: Quer dizer, a amizade, quer dizer, ter assim um conjunto de amigos, hã… querendo a… hã… será isto, quer dizer. Hã… Assim na parte, mais de pronto, de meditação, quer dizer, com isso de conseguirmos ter assim uns períodos em que te… em que, sei lá, em que refletes, em que… hã… não se propriamente isso é um valor,

quer dizer, se isso são valores, que dizer, mas a… dou bastante importância a isso, quer dizer de conseguir, hã… parares, não é? Parares e estares contigo próprio e ouvires a ti próprio.

(interrupção por terem entrado pessoas na sala onde estava o entrevistado)

E: Vou fazer só mais uma questão, e… fazemos hoje, eu sei que estas entrevistas às vezes são um bocado maçadoras, porque as questões envolvem alguma reflexão, e continuas depois noutro dia e agendávamos, mas vou deixar esta última pergunta. O que significam para ti os valores, aqueles valores chamados verdes, da defesa do ambiente, contra… sobre a crise ecológica, os problemas com a biodiversidade, o que é que isso representa para ti? Atualmente?

NUNO: Já é a base, não é? De continuar à frente de uma organização hã… uma organização de defesa do ambiente até… é a constatação de que temos que mudar, ou precisamos de mudar… hã… alguma coisa, para evitar a degradação do planeta, portanto, isso está… presente e está, e está e são os alicerces, não é? E são…

E: Sim, mas em termos… para ti subjetivamente, qual é a… o que é que isso te leva a acreditar ou como é que sentes relativamente a estes problemas, a estes valores, ligados a isto, estas questões?

NUNO: Pois é Vasco, eu sinto-me bastante desanimado, quer dizer, não é? Porque… acho que é difícil de as coisas estão… estão aí, não é? E hã… é inglório, quer dizer, ou é inglória às vezes as nossas lutas e… e às vezes o sentimento é de bastante desânimo de ver o poder político e ver as instituições a… a rumarem noutro sentido, quando todos os factos apontam para ali, não é? E… depois têm um discurso a… de defesa do ambiente quando na verdade, na prática, não conseguem ter as ações. Hã… têm o discurso, mas… depois não têm as ações, portanto, há ali qualquer coisa que não… não está certo. E revolta, quer dizer, e depois revolta… revolta quer dizer, quando nós estamos à frente de organizações, em que reunimos realmente com os decisores políticos e dizem uma coisa, mas não conseguem atacar o problema, quer dizer, seja ele, desde a poluição de um rio, hã… ao corte de árvores, reconhecem que as arvores são importantes, mas o projeto de requalificação daquele espaço, prevê que as árvores sejam abatidas para serem postas outras árvores no mesmo sítio, quer dizer, mas eles defendem as árvores, quer dizer, mas… mandam abate-las, quer dizer… e… não sei, não consigo a… são lutas inglórias às vezes ou são lutas em que… não são inglórias, não é? Mas são… hã… precisamos assim de uma nova classe de decisores políticos, não particularizando nenhum, nem ninguém, mas a… têm o discurso, mas não têm a ação, portanto, há qualquer coisa que falha.

E: Estes valores para ti na tua vida, como é que os posicionas numa escala, por assim dizer?

NUNO: Os valores hã…
E: Os verdes, os ambientais, a crise ecológica…
NUNO: Em termos de importância, é isso que queres dizer, não é? Pois é, eu acho que este episódio que tivemos agora do vírus, não é? Que pôs a… pôs a… quer dizer que a gente esteve quase em risco, ou ainda estamos, não sei bem, quer dizer, de… de extinção da espécie humana, não é? Hã… portanto isto, proveniente assim, da destruição dos ecossistemas, não é? Da destruição de… hã… não sei, quer dizer a prova da… a destruição dos ecossistemas, quer dizer e as próprias alterações climáticas, o aumento da temperatura, portanto esses serão assim a… a… a prioridade, ou a, ou a questão de topo das, das minhas preocupações, hã… com as consequências todas a… imprevisíveis que isso traz, não é, ou que pode trazer, hã… para o homem, para o homem e para as outras espécies, porque quer dizer, o planeta vai continuar a existir e vai, hã… as espécies hã… homem e outras espécies é que poderão não estar cá, mas o planeta, o planeta vai continuar, mais alguns milhões.
E: Paramos por aqui hoje?
NUNO: Ok, Vasco, ok, ok.

- **Fim da primeira sessão.**
- **Início da segunda sessão em 07/08/2020**

E: A pergunta que eu fiquei no outro dia para te fazer, foi e eu apontei aqui, hã… como é que decidiste defender o ambiente?
NUNO: Epá... sei lá, eu estudei engenharia do ambiente, não é? Em Aveiro, hã… pá, depois o convite para a ONGA, hã… estudei em Aveiro e foi por eu sentir… tipo, achava que devia fazer alguma coisa na nossa terra, não é? Achava que devia fazer alguma coisa na Guarda, e… epá e fui juntar uma coisa à outra, o útil ao agradável, por exemplo, era juntar o ambiente que era a minha formação de base e poder fazer alguma coisa na minha terra, não é? E foi aí que comecei na ONGA e foi aí, e depois ainda passei pela nacional, e, entretanto, saí da parte nacional, e continuo no núcleo da Guarda.
E: Mas esse convite surgiu por intermédio de algum acontecimento, alguma situação ou tu é que foste ao encontro da…
NUNO: Olha, aquilo foi um… estava a decorrer uma exposição, lá na Guarda, de uma casa ecológica e eu, pronto, tive curiosidade em… em ir descobrir e em perceber melhor sobre aquela, sobre aquele modelo, de construção e depois disseram-me que aquilo era um projeto ali pela ONGA, ali da Guarda, e eu…não sabia, pronto. Desconhecia até que existia ONGA na Guarda e… pronto e daí surgiu o contato e… comecei a trocar emails e assim.

E: Diz-me uma coisa, segues política?
NUNO: Olha, mais agora do que, agora, agora sim… agora mais do que… do que antes, não é?
E: E… o que dizes acerca do contexto político atual?
NUNO: Eu apesar de acompanhar acabo por não ter assim uma opinião, tão… não sei, sei lá, acho que nem… não está tão mal assim, quer dizer, acho que… sei lá, já houve aquele período que também entre troika e que também coincidiu com o período em que eu estava mais desempregado e assim, acho que esse período político era mais… agitado. Agora considero assim um período mais calmo, ok. Mesmo em termos de oposição e assim, vá lá.
E: No espectro político, onde é que tu te posicionas?
NUNO: Sim, assim mais à esquerda, mas não, não extremista, mas a… mais à esquerda sim, sim.
E: E votas sempre?
NUNO: Sim! Sim isso sim, epá sim, isso exatamente, exatamente.
E: Hã… diz-me na sociedade atual, que valores é que tu consideras mais importantes?
NUNO: A justiça, igualdade, não é? De direitos, igualdade de… hã… por aí assim, justiça, igualdade…hã… sei lá.
E: Quando esses valores são atacados ou colocados em causa, o que é que tu sentes?
NUNO: Sim pá, às vezes há uma revolta, quer dizer… quer dizer e também impotência por, por não, por não se conseguir agir, por causa da injustiça, quer dizer, quando são aqueles casos… de corrupção e assim, não é? Portanto a gente sente também assim um pouco, impotente… vê as situações e… não consegue agir, ou… não sabe como agir e… entre o revoltado e o impotente, de poder… de não conseguir fazer nada, também é esse sentimento.
E: Se pudesses viajar para o futuro, como é que gostarias de ver o planeta?
NUNO: Epá… (risos), sei lá, olha se calhar... Era imaginar tipo, há quarenta ou cinquenta anos, ou mais, se calhar mais. Tipo era imaginar… o planeta há um par de anos atrás, mas há um par valente, não é? Porque quer dizer, o planeta já foi muito mais verde e já foi muito mais ecológico, já foi muito mais… natural, não é? Pronto, depois… sei lá, o homem tem estado a destruir tudo, portanto, ver o futuro do planeta, era se calhar imaginar, não sei há dois ou três séculos atrás, se calhar a coisa…. ou mais, ou se calhar ainda mais séculos atrás, vá… o planeta era mais virgem, não é? Era mais… autêntico, era mais… verde. Hã… havia uma capacidade melhor de o planeta absorver os… pronto, hã… o lixo, absorver as emissões, não é? Hã… eram menores números, não, não tem comparação nenhuma, não é? Portanto imagino… a pergunta era como é que eu desejava o planeta, não é?

E: Isso sim, dizer… sim.

NUNO: Pronto, é isso, quer dizer, desejava o planeta tipo, era o planeta assim mais, sem febre, não é? Atualmente está febril, não é? (risos)

E: O que achas da relação da sociedade atual com o ambiente?

NUNO: Olha, eu penso que mesmo assim tem vindo a reunir mais adeptos, não é? Ou tem vindo a… as pessoas têm vindo a tomar mais consciência do planeta, não é? Hã… a questão é que continua a ser insuficiente, quer dizer, ou melhor, o cidadão comum até já pode estar mais desperto, mas depois a… pronto ainda não chega, quer dizer, ainda não… ainda não conseguimos a mudança que precisamos, não é? Está mais desperta a sociedade, mas ainda não, ainda não chega, quer dizer…

E: Para ti, quais são atualmente os maiores problemas ou ameaças ambientais?

NUNO: Olha, no outro dia, acho que também houve assim uma pergunta também parecida, não é? Portanto eu, eu olho para mim é a destruição dos ecossistemas, não é? Tipo a… florestas, não é? Portanto nós em Portugal, já não temos floresta eu acho, quer dizer, temos as monoculturas, quer dizer, temos plantações de eucaliptos e… pinheiros e assim, mas quer dizer, floresta propriamente dita, hã… não temos quer dizer, floresta que durasse séculos, não é? Eu creio que nós não temos nada disso já. Portanto a destruição de um planeta, de vários desses ecossistemas é para mim, é crítico, é mau, é…. hã… bem depois o outro é as alterações climáticas, não é? Portanto a subida da temperatura e as consequências... imprevisíveis que isso pode, que isso vai trazer, não é?

E: Achas que a crise ecológica será resolvida?

NUNO: Não, isso nunca (risos). Acho que nunca. Sei lá, isso… sei lá, terá que ser atenuado, ou terá que ser… minimizada, mas resolvida… bem somos muitos milhões, muitos mil milhões e… sei lá, e continuamos a causar impacto no planeta… muito impacto, não é?

E: O que é que tu perspetivas para o futuro ou o que é que mudarias, se tivesses esse poder?

NUNO: Esse poder, não é? Ou esse… isso nas mãos, não é? Essa é a pergunta do… quem quer ser milionário. Ou a pergunta, para um milhão de euros, ou uma coisa assim, não é? É uma pergunta para o… sei lá, olha, eu acho que às vezes que nós pensamos que as nossas decisões, hã… individuais que não têm... significado, é portanto devia haver campanhas, massivas de desmistificar isso, quer dizer, o… portanto, aquilo que cada pessoa pode fazer hã… é muito e… e é um princípio, quer dizer, as pessoas… eu muitas vezes falo com as pessoas e elas: “ah! Isso sou só eu, isso não faz diferença nenhuma” – não! não é? E depois é em tudo, quer dizer, é a fazer a reciclagem, quer dizer, é a tentar andar… portanto devia haver campanhas massivas para… pronto, para

sensibilizar as pessoas que a sua diferença, a sua atitude faz a diferença, hã… pronto, talvez pudesse começar por aí.
E: Agora olhando para a tua preocupação com o ambiente como é que relacionas isso com a restante… sociedade?
NUNO: Traduz lá isso melhor… quer dizer olhando…
E: Esta pergunta é complexa, quer dizer, olhando para ti, e essa tua preocupação com o ambiente e a forma como defendes, como é que tu te vês, relativamente à sociedade?
NUNO: OK, à restante, à restante sociedade, não é? Pois quer dizer, vejo-me às vezes mais preocupado, quer dizer, ou mais… desperto para, para…também não vou dizer que seja mais desperto, quer dizer, porque eu acho que as pessoas com quem falo, e com quem convivo, também estão despertas para os problemas. Hã… não vou dizer que esteja mais, que eu esteja mais desperto, estou mais revoltado, (risos). Sinto-me mais revoltado, hã… por, pronto, por assistirmos assim à degradação ambiental, e… e não conseguirmos alterar, não é? E não conseguirmos, hã… e as outras pessoas, pronto, noto-as assim um pouco mais conformadas ou mais… ou mais hã… "deixa andar, ou deixa ver… não te preocupes que alguém se há-de preocupar com isso" – não é? E eu preocupo-me, procuro preocupar-me com isso, não sei se respondi à pergunta Vasco.
E: Lá está, isto não há respostas certas nem, nem erradas, é o que a pergunta sei, que, é uma pergunta nem sempre nós… mas é para perceber mais ou menos como é que tu te vês, relativamente à restante sociedade e essa tua preocupação. E agora tirando aqui a sociedade e passando relativamente às pessoas que te são próximas, as pessoas mais próximas de ti?
NUNO: Família e amigos e assim, não é?
E: Sim, sim.
NUNO: Pois quero dizer, eu volto-te a dizer, eu acho que… quer dizer, despertas as pessoas estão, não é? Para as questões ambientais, eu acho que, assim no meu círculo social, de… acho que não tenho ninguém que não esteja desperto para as questões ambientais. Hã… mas depois… hã… sei lá, não consigo deles, é difícil de… de lhes… posso-lhes até pedir para enviar um… "epá, envia um email à entidade, a questionar, o porquê de fazer isso, não é?" e é difícil quer dizer, eu acho que na maioria das vezes, não enviam, não é? E às vezes já é muito, o poder questionarmos as entidades do porquê de ter tomado aquela decisão, hã… pronto, faz parte daquela coisa, daquilo… que cada pessoa individualmente pode fazer, não é? E acho que isso, para as pessoas com quem convivo… já é muito e não fazem e… e chateia-me um bocado. Porque partilhamos do mesmo discurso, não é? Ou temos a mesma preocupação, mas depois falta, falta a ação, não é? Falta, falta passar do… discurso para a ação e… sei lá.

E: Isso chateia-te mesmo, não é?

NUNO: Opá, pois é isso. É quando falamos das coisas e… pá, tem que haver uma consequência ou tem que haver uma… uma… ação daquilo, não é? Se estamos preocupados com alguma coisa, então temos de agir de alguma forma, quer dizer… por mais pequenos que sejamos, ou por mais… individuais que estejamos a agir, mas acho que faz sentido… fazê-lo e… seja no ambiente, seja em qualquer área, pronto, isto… não no meu ponto de vista, pronto, é do ambiente que estamos a falar, mas a… sei lá, noutras questões acho que continua a fazer sentido este papel individual de cada pessoa.

E: Quando tens conhecimento de alguma situação, com impactos negativos no ambiente, como é que tu te sentes, como é que tu reages?

NUNO: Olha, hã… também não dá para ir a todas, não é? Porque hã… realmente eu tinha vontade de… pronto de questionar, sei lá, é mais fácil darmos exemplos. Portanto, uma situação de descargas no meio hídrico, uma situação de… um aterro ilegal, quer dizer, eu tenho vontade de questionar, pronto, as autarquias, quer dizer, quando isso acontece, tenho vontade… pronto de fazer a pergunta formal, quer dizer: "têm conhecimento, desta situação, o que é que pensam fazer? O que é que já estão a fazer", não é? Epá, mas ultimamente não, pronto, também não consigo ir… ir a tudo, e quer dizer o facto de pertencer à ONGA da Guarda, faz com que eu, atue mais nas queixas e nas denúncias que recebo ali na zona, não é? No distrito da Guarda e pronto e nesse sentido, questiono eu próprio, e costumo questionar a autarquia ou a junta, ou a própria fábrica em questão. Hã… pronto, também, já podíamos fazer mais, mas pronto, começamos por aí, muitas vezes começamos por questionar e aguardar algum tempo, por uma resposta da entidade, a ver o que é que, o que é que nos diz.

E: Quais são os tipos de impactos que te preocupam mais e porquê? Aqueles que te preocupam mais e que te chamam mais a atenção?

NUNO: Ok, não sei se é exatamente o que me preocupa mais, mas quer dizer, um que está hoje em dia muito, na ordem do dia, é o corte de árvores, nas cidades. Hã… e que depois procuramos, pronto procuramos pedir justificação do porque do abate, hã…porque faz-nos sentido que se a árvore estiver… doente, se a árvore estiver em risco, não é? Faz-nos sentido que seja cortada, mas quando nos dizem que a árvore vai contra o projeto de urbanismo ou o projeto de requalificação daquele espaço, epá, ficamos revoltados, quer dizer, ficamos chateados com essas justificações… Em concreto lá na Guarda, quer dizer até há muito pouco tempo, há dois ou três dias atrás, pronto está previsto numa avenida cortarem árvores e voltarem a por… árvores no mesmo sítio. Estás a ver, árvores que têm vinte e tal anos, que têm um porte

considerável, não é? E depois querem por outras, quer dizer… muito mais pequenas, não é? Porque… acho que não faz sentido, quer dizer…

E: Alguma vez participaste em ações de protesto de ação direta, boicotes, manifestações, bloqueios?

NUNO: Sim, sim… embora não participe assim tanto, não calha tanto, hã… já cheguei a estar… em Retortillo… em Espanha, junto à fronteira, cerca de quarente quilómetros, não se o sinal está bom Vasco?

E: Estava a ouvir-te aqui com uns cortezinhos, mas…

NUNO: Hã… tinha… a tua imagem tinha bloqueado.

E: Eu vou desativar o meu som.

NUNO: OK, e a mim, aqui diz-me que a internet está fraca, mas vá. A ver se… agora pronto, já está bom. Hã… participei em Retortillo, que é… ali em Salamanca, hã… portanto já me lembro de lá ter ido, pelo menos, de ter participado em duas manifestações, que dizer, uma em Salamanca, sim e outra foi em Freixo de Espada à Cinta, Cintra… Cinta. Hã… pronto contra, contra então a exploração de urânio, hã… onde é que eu estive mais assim de manifestações… mesmo assim, não é, não é que seja dos mais participativos em manifestações, eu confesso. Hã… acho que organizamos uma vez uma lá na Guarda, contra a Monsanto, hã… exatamente, exatamente… mais aí, tipo, foi muito reduzida a participação, para isso se tivemos cinco ou seis pessoas, ou sete, foi muito. Enquanto que estas de Retortillo, juntou… junto assim multidão, juntou, juntou muita gente.

E: Podes falar-me dessa experiência, o que é que sentiste quando te envolveste neste tipo de ações.

NUNO: Pá, gostei, o balanço foi positivo, hã… e… estou-me a lembrar, olha por acaso estou-me a lembrar de outra manifestação, vá, ou pelo menos a… que foi… do corte de árvores também, lá na Guarda, em dois mil e dezasseis, exatamente. Epá sim, gostei e… tipo fazer assim cânticos, ou fazer assim hã… tipo… não te sei dizer assim agora já de cor, mas era pronto, lá… eu acho que essa da minha de urânio, há qualquer coisa, tipo: “Não à mina, sim à vida” – estás a ver, e pronto, dava-me gozo, no bom sentido, dava-me assim bom proveito, sentia-me bem tipo… fazer esses cânticos, do género:

- “Mina não!” - e o pessoal respondia:

- “Vida sim!” – estás a ver? Epá, sim, gostei de envolver assim nessas… nessas… nessas manifestações.

E: Relativamente ao voluntariado, fazes voluntariado ou já fizeste, ou fazes ainda?

NUNO: Sim, ainda faço, ainda sou… na ONGA ainda sou voluntário para todos os efeitos, não é? E faz-me sentido.

E: E o que achas dessa experiência, como é que te sentes a… na ação de voluntariado?

NUNO: Olha, hã… e começou, quando comecei a fazer parte dos movimentos associativos, não é? Porque, sempre fui enquanto voluntário, hã… sim, pá, trouxe-me assim um *background,* não é? Ou trouxe-me assim… abriu-me… pronto, mais facilidade de contactar com outras pessoas, não é? Com outras instituições, hã… deu-me assim mais confiança, se calhar também… de o para o fazer, não é? Hã… dou-te também outro exemplo, quer dizer, eu cheguei a ser tesoureiro da ONGA a nível nacional três anos, e… depois disso também ganhei, pronto, pessoalmente, quer dizer ganhei muito mais à vontade para… com as instituições bancárias, quer dizer, até com assuntos pessoais, pronto poder falar, pronto, diretamente, não é? E… coisa que se calhar antes… hã… não sei. Não teria tanta à vontade, ou… e ganhei, portanto, mais à vontade para fazer perguntas e para questionar e… ou fazer voluntariado, sim, sim.

E: Há quanto tempo participas em ONGAS?

NUNO: Epá, aí acho que é mesmo desde… desde que entrei para a ONGA vá lá, desde dois mil e nove. Sim. Porque no Clube de Estudantes, não era, quer dizer, não era uma ONGA, é… é uma associação de estudantes, exatamente, exatamente.

E: Hã.. naquela altura em que foste… que tiveste contacto com… com a ONGA, envolveste-te logo na participação como ativista ou não?

NUNO: Pois, se calhar de início não, não é? De início, hã… também fui conhecer um pouco os cantos à casa. Ou conhecer um pouco… até porque eu fazia parte então da ONGA da Guarda, mas continuei a estudar em Aveiro, pelo menos mais três anos, portanto, só ia à Guarda aos fins de semanas e… e… portanto se calhar foi gradual, foi crescente, não foi logo de início que… essas manifestações que te estava a contar agora por fim, foi agora mais recente, quer dizer, estas de Retortillo, talvez dois mil e dezoito… a tal de Freixo de Espada à Cinta, foi em janeiro de dois mil e dezanove. É mais recente, esta parte assim do ativismo… hã…

E: Já me falaste disso, mas, não se ocupaste mais algum cargo dentro da organização?

NUNO: Dentro da ONGA?

E: Sim.

NUNO: Pronto, é isso, quer dizer, eu comecei como tesoureiro, porque pronto, também não tinha muito… não havia muita gente interessada, então comecei como tesoureiro do Núcleo da Guarda, hã… de dois mil e nove a dois mil e doze. Hã… aliás, dois mil e nove, a dois mil e treze. Quatro anos, mas depois entrei para a direção nacional em dois mil e doze a dois mil e quinze. Exatamente, tesoureiro nacional e depois passei a presidente do núcleo da Guarda em dois mil e treze, até atualmente, quer dizer, continuo a ser presidente do Núcleo da Guarda, não é? Portanto os cargos foram estes, entre tesoureiro e presidente do Núcleo e pronto tesoureiro nacional.

E: Para além da experiência que isso te trouxe, hã… como é que, ou se consegues identificar, como é que era o… como é que te sentias a desempenhar esses cargos dentro da, da ONGA?

NUNO: Epá, eu… sempre gostei de… sei lá, gosto, não é? E… assim mesmo funções de coordenar equipas e assim, quer dizer, gosto de… de desempenhar, hã… mesmo quando fui tesoureiro nacional, que não é a minha formação base, não é? Porque eu sou engenheiro do ambiente e não… hã… outra área relacionada com contabilidade, não é? E… portanto mesmo nessa área em que me podia sentir… sei lá, mais… com mais dificuldade, não é? Mas sempre tive muito… sempre gostei de a desempenhar, mesmo assim, porque tinha apoio da contabilista da associação, e dos recursos humanos de uma funcionária que… ela sim, afeta a essa parte, de contabilidade, não é? Portanto, sempre, eu fazia basicamente a ponte, ou tirava dúvidas com elas ou assim, portanto, gostei de desempenhar… hã… as funções sim.

E: Atualmente, como é que vês a tua participação, em que atividades é que participas?

NUNO: Olha, atualmente… até porque a ONGA, em si particular, não anda a atravessar uma fase… a melhor fase, não é? Hã… Eu próprio e mais duas pessoas denunciámos no programa "sexta à nove", aqui em fevereiro, e… não sei atualmente, ando… ando assim mais preocupado e mais desmotivado com a condução da associação, assim a nível nacional, não é? Hã… e o facto… depois… quer dizer, continuo a ser presidente do núcleo da Guarda, mas eu… trabalho aqui em São João da Madeira, não é? Portanto, há quatro anos que aqui estou, hã… portanto também ando numa de querer tentar passar a pasta, quer dizer, pelo menos deste, deste cargo, enquanto presidente do núcleo, não é? Hã… posso continuar como vogal ou como… hã… membro, mas este cargo, ando assim com vontade de… de… embora, quer dizer, nada me retira a minha veia ativista, quer dizer, eu faço muita, muitas questões que faço, muitas vezes é a título particular e… telefonemas que faço e não sei o quê… hã… mas a quanto, a nível… atualmente, ando numa fase de… de desmembrar, ou de… de…. de… afastar um bocado. Ando assim um bocado a refletir sobre isso.

E: O que representa para ti, os objetivos da ONGA?

NUNO: Hum! Sim, quer dizer, os objetivos são válidos, não é? Hã… embora os meios, ou… as pessoas que estão, hã… que estão à frente, ou que… ainda é que deixa a desejar, não é? Mas os objetivos são válidos, quer dizer não… a defesa do ambiente, não é? A promoção de espaços naturais, hã… a defesa de espaços naturais, e… da vida selvagem, e, portanto, os objetivos continuam válidos, hã…apenas as pessoas que estão à frente é que… bom, que estão a minar a associação, não é? Aí é que…

E: E… aqueles que te estão mais próximos, os outros participantes, o que dizem sobre o seu trabalho e as atividades que tu desenvolves, o que eles dizem de ti? E recebes algum tipo de feedback?

NUNO: Pois, se calhar, na maior parte das vezes é isso, quer dizer, não há assim essa oportunidade para esse *feedback,* agora recentemente tivemos a assembleia anual, portanto a assembleia onde se apresenta o relatório de contas, e atividades e apresenta-se o plano de atividades, hã…. e talvez aí tenha sido onde há mais *feedback*, embora tivemos seis pessoas ou sete na assembleia, não é? Muito, muito pouco, hã… já houve tempo em que participava mais e… lembro-me assim de um comentário uma vez de um colega que… pronto no relatório de atividades era uma página inteira, do princípio ao fim e o colega a dizer: "Epá, vocês trabalharam, este ano trabalharam muito bem, quer dizer este ano, fartaram-se de…. de fazer atividades". Hã… mas eu ultimamente, não há assim muito esse *feedback.*

E: E como é que vês o desempenho dos outros participantes?

NUNO: Olha, pois há bocado… às vezes aborrece-me um bocado, epá, às vezes eu queria que a malta… epá, uma vez que eu não estou na Guarda, eu gostava que a malta às vezes assumisse mais eles o papel de liderança ou o papel de… de… hã… "vamos fazer…" – sim, às vezes fico um bocado aborrecido, hã… com isso.

E: Uma pergunta… mudarias alguma coisa no funcionamento da ONGA?

NUNO: Sim, quer dizer, várias coisas, quer dizer… (risos) Sei lá pá… na associação, estou a falar da ONGA assim em termos nacionais, claro, não é?

E: Sim, sim, em termos gerais.

NUNO: Hã… sei lá pá. A associação tem agora a parte assim da entrada de novos sócios, hã… e, não sei, devia haver ali mais…. Imagina, Vasco, quer dizer, atualmente o que está a acontecer, isto é mesmo hã… quase um partido político, estás a ver, isto chegou à ONGA, quer dizer, é tipo, pagar quotas hã… a pessoas que depois vão… quer dizer, devia haver um procedimento interno, capaz de averiguar isto estás a ver? Quer dizer, impedir isto, estás a ver? Pronto, depois essas pessoas vão às assembleias, na ONGA é permitido o voto por correspondência, estás a ver. Quer dizer, em último caso, pode acontecer alguém que está por detrás a fazer isso, quer dizer alguém que está a solicitar o boletim de voto, a preencher, a meter no correio, quer dizer, não sei, se pudesse mudar alguma coisa, olha era tentar… encontrar assim um procedimento, encontrar-se um método que… pronto, de verificar tudo isso, hã… sei lá. Em dois mil e nove e nos anos seguintes, nunca se questionou, não é? Nunca se… epá, não tenho ideia nenhuma de haver assim situações destas, mas hoje em dia, tem sido demais, frequente. Com muita frequência, haver assim entradas de muitos sócios, e de muito… que são suspeitas, pronto.

E: Para terminar este grupo, a questão que vai agora, que vamos abordar agora, eu vou-te mostrar algumas notícias, algumas imagens e vou-te pedir que me fales acerca de cada uma delas, o que que é que elas representam para ti e que significado? Tu vais identificá-las, provavelmente tu já de… são do teu conhecimento e de que te forma é que isso te levava a agir, perante cada uma daquelas situações ou se, individualmente, alguma daquelas situações te levou a agir e como é que isso aconteceu?
(apresentação da primeira imagem)
NUNO: Ok, ok, ok… olha sim, esta dei conta… hã… e por caso pronto, hã… a novidade disto é que… deixa lá ver melhor… (leitura rápida o texto que acompanha a imagem). Portanto, a notícia é de dois mil e dezanove, portanto já este ano em dois mil e vinte, já saiu a informação, tipo….
E: Sim, sim.
NUNO: Exatamente, portanto deixou-me um pouco mais contente, agora a segunda notícia, quer dizer, posterior a esta, por acaso, quando vi esta notícia, ou quando soube disto, hã… pus nos favoritos, hã… agir, mas confesso que não agi… o agir era questionar o ministério do ambiente, não é? Questionar o próprio, se calhar o próprio ICNF na altura, mas não fiz, não questionei. Mas pronto fiquei satisfeito agora, em dois mil e vinte de… de ter havido assim uma notícia favorável ou pelo menos para impedir a apanha noturna, acho que é isso.
E: E o que é que isto te despertou na altura?
NUNO: Olha… sei lá, revolta também, sei lá… hã… sei lá Vasco, o que é que me…na altura… (reflexão)… os pássaros morriam, hã… é a tal coisa, quer dizer… uma vez no… tudo é… sei lá… é mais do mesmo, quer dizer, não é? É mais do mesmo, é sempre mais do mesmo e… por acaso é… como te digo, não tive a oportunidade de questionar, mas… até os próprios produtores (corte da ligação). Deixei-te de te ouvir Vasco.
E: A ligação teve flutuações, mas agora já te estou a ouvir.
NUNO: Ótimo, ok.
E: Vou passar aqui à seguinte.
(apresentação da segunda imagem).
NUNO: A mim também me aparece sinal fraco de internet (leitura rápida do texto que acompanha a segunda imagem apresentada). Portanto, esta então também é de dois mil e dezanove, portanto, foi do ano passado. Pronto, isto quer dizer… (pausa de reflexão). Hã… e continua a faltar, não é? Há sempre a falha de… de… decisões que vinculem os vários países. Oh, Vasco, quer dizer, como é que a gente se sente com isto? Não é? Pronto, olha é… enfim… sei lá, o que é que queres que eu te diga? Como é que nós nos sentimos? É assim, deviam… conseguir chegar a um entendimento, hã… (risos). Epá, não é… também, acho que a única coisa que tenho vontade de questionar

sobre as cimeiras do clima, é fazer… propor uma assim cá em Portugal, pronto tenho vontade de propor, (risos), que realizem cá uma em Portugal, também.
E: (apresentação da terceira imagem)
NUNO: (Breve leitura do texto da terceira imagem) Aqui, pronto, a notícia… hã… faz lembrar aquilo da seca, não é? Quer dizer… pronto, no fundo os sistemas estão todos, depois há ali: "a seca e os grandes incêndios naquele ano contribuíram para estes resultados"… hã… sei lá Vasco, epá… é… é a degradação do planeta, pá, mas… hã…a gente também não podemos… eu também não gosto de ser assim, catastrófico, eu também não gosto de ser… como é que se diz, também não gosto de ser… não sei, procuro… procuro também ter assim um atitude, não sei, mais animadora, quer dizer, porque… o discurso quando é assim muito… negativo, pá! Também não conseguimos… já é difícil trazer malta para as nossas causas, então quer dizer, com um discurso sempre tão negativo, mas pronto, no fundo é um discurso realista, quer dizer, isto é um discurso realista, também, quer dizer… (nova leitura de algumas palavras do texto que acompanha a imagem). Quando é as secas em Portugal, também são dados reais, não é? Não há volta a dar. Hã.. também não é, não é… estar a dizer uma coisa, quando… não sendo verdade, não é isso. Hã… mas não sei, às vezes gosto mais de partilhar notícias de… pronto e mesmo no Facebook da ONGA e não sei o quê, mas é que… quer dizer, que soluções é que são postas em prática para evitar… ou para minimizar, ou para… hã… mas pronto esta também pronto, não tinha… epá eu acompanho algumas coisas, mas quer dizer também não consigo acompanhar tudo, quer dizer, também não, sei lá, não… sei lá. Uma que é dos ninhos, é dos pássaros, tinha assim mais presente, esta não, pronto esta não tinha assim tão presente, lembro-me do ano de dois mil e dezassete, foi o ano dos incêndios em Pedrogão e assim. Portanto, foi um ano… mau, não é, mesmo mau.
E: (Apresentação da quarta imagem)
NUNO: (Leitura do texto que acompanha a quarta imagem) Pá, sim, esta é o que está na ordem do dia, hã… e eu, pronto, se calhar mais do que Montalegre, estou a acompanhar lá, a Argemela, que fica entre ao Fundão e a Covilhã, não é? Hã… pronto e aí, hã… porque é como te digo, quer dizer mais uma vez procuro agir… mais localmente… porque senão também perdemo-nos, quer dizer, em todo os assuntos do ambiente que existem… hã… e sim, é o que está na ordem do dia. Aquilo que temos feito, é tentar participar assim nas consultas públicas, hã… houve aquele pedido, a ver se eu te sei contar, portanto… na Direção Geral da Energia e Geologia, portanto, abriu ali um período para as pessoas reclamarem, não é? Pronto e então fizemos esse… pronto, para reclamarem ou para enviarem comentários, pronto, não tem que ser forçosamente reclamar. Pronto então participamos nesse período de… que tem um

nome, está aqui a faltar-me o nome. Hã… agora mais recentemente, foi a sexta-feira passada, quer dizer, hou um projeto de decreto-lei, para regulamentar a lei, não é? Das minas, não é? Portanto, também participamos nisso, hã… epá sim, é um tema que está na ordem do dia este, exploração de lítio e assim.

E: O que é que este tipo de situações te desperta?

NUNO: Hum! Epá, é assim, eu também gosto de acreditar que… pá isto… houve uma altura, houve uma altura que até… partilhava imagens do que se passava, não sei se era na Austrália, quer dizer, que era uma cratera enorme, quer dizer, hã… também gosto depois de… quer dizer, não vamos partilhar… é a tal coisa, quer dizer, não vamos partilhar, o negativo porque, parece que o negativo é que vende, não é? Quer dizer, também não é isso. Também depois de… discutir as coisas, com… com professores, quer dizer, com, com especialistas, digamos assim, não é? E tenho falado muito com uma professora lá na Guarda, pronto, da área da geologia, não é? Hã… porque também, quer dizer, também sou sincero, também, acho que… faz-me sentido que… as coisas sejam localmente… estás a ver, quer dizer, o lítio se não vem do Chile, ou da América do Sul, não é? Quer dizer, tudo isso também tem um impacto enorme, no ambiente, quer dizer, não é? O transporte e não sei o quê… hã… agora a exploração sendo feita cá em Portugal, é isso, quer dizer, também não pode ser feita de qualquer maneira, quer dizer, também não pode ser à custa de… pronto e é essa compatibilização, que também gosto de… pronto, de procurar e gosto de… Não gosto de dizer logo à partida que não, também, não é? Também não sou hã… mas pronto este da exploração mineira, de lítio, hã… está, está difícil de encontrar essa compatibilidade, exatamente.

E: (Apresentação da quinta imagem)

NUNO: (nova breve leitura do texto que acompanha a imagem da notícia) Pá, essa também é uns que eu costumo, hã... eu acho que ainda nunca fui a nenhuma manifestação de Almaraz, hã… mas, hã… mas fui às outras, à de, à de… à de Retortillo não é? À exploração de urânio lá em Salamanca. Hã… mas pronto, nunca calhou por disponibilidade, por… por… fosse pelo que fosse, mas também gosto de acompanhar estas notícias de… ou gosto de participar assim nestas iniciativas de Almaraz, contra Almaraz, hã… e é outra, não é? Que a central já tem… tu também sabes estas coisas, a central já tem… já ultrapassou o tempo de vida, não é? Por exemplo, aquilo tem sido o prolongar, de prolongar e… acho que está outras vez em cima da mesa até dois mil e vinte oito, uma coisa assim, não é? Hã… sei lá, pá. É a tal coisa, nós individualmente podemos… eu continuo a achar, quer dizer, podemos sempre fazer muito, individualmente, vá. Eu aqui a vontade que tenho, mas também confesso também, nunca quis… é questionar as elétricas, sabes? Questionar as elétricas, inclusive a Iberdrola, não é? Hã… porque a Iberdrola cá em Portugal, portanto, faz muita

publicidade da energia renovável, de origem renovável, não é? Mas pronto, mas depois explora esta central nuclear, não é? Hã… não sei… isto mais ou menos uma vez por ano, há assim um encontro, embora este ano, foi um ano atípico, continua a ser um ano atípico. Mas mais ou menos há um evento, uma vez por ano, de manifestação de Almaraz, hã… e… procuro estar atento e… mas é como te digo, ainda nunca participei… em protestos contra Almaraz.

E: (Apresentação da sexta imagem)

NUNO: (Nova leitura do texto da notícia que contem a imagem) Isto foi… isto é o quê, é recente a notícia, quer dizer, deve ser… de agora, não é? Hã… pá! Realmente, esta passou, esta também não… não tinha, não tinha… fui acompanhando algumas porque foram encontrados, porque foram atropelados, não é? Hã… cá em Portugal, hã… por acaso, lá na Guarda, mais uma vez, remeto sempre para a Guarda, há a serra da Malcata, no distrito da Guarda, não é? Há a serra da Malcata, que foi… que foi… a imagem de marca é o lince, não é? E… pronto o que nos dizem lá os autarcas e o próprio ICNF, é que não há libertação de lince lá, porque não há coelho em número suficiente, não é? Hã… mas realmente pronto, é… e porque o coelho tem muitas doenças e é muito atacado, não é? Hã… mas olha que já há bastante tempo que não os questiono, quer dizer, o município lá do Sabugal e assim, era uma boa questão outra vez para relembrar se… olha, esta por acaso passou-me ao lado, esta notícia…" encontrado morto com trezentos chumbos no corpo" – possa!! Que caraças…o que se desconfia lá no Sabugal, ou lá naquela zona, é que… é que depois possam voltar a ser caçados, não é? Que era o que acontecia há uns anos atrás, não é? Portanto, esse, esse trabalho tem de continuar a ser feito, de não caçar, quer dizer, está se a investir na recuperação do lince e na reprodução do lince, para depois serem mortos a… que é que era… já tive vontade de ir visitar o centro de recuperação, não é? Lá em Silves, não sei se estou bem… lá em baixo, não é? Mas… depois também me foi dito que não, também não aceitam visitas, quer dizer, não, não está aberto a visitas, quer dizer os animais, quanto mais… quanto menos contacto tiverem com pessoas melhor, exatamente, aquilo não são animais domésticos, não é? Nem se quer que o sejam, não. Mas sim, é um bom projeto, essa recuperação ou reprodução do… dos linces, mas pronto, depois essas notícias são más.

E: Vou aqui interromper e chegámos ao fim das fotos. Chegámos ao fim daquele grupo e vamos entrar no último grupo, se não te importares de continuar. Com a identidade, interações e papéis sociais. Podes descrever-me o teu quotidiano, de uma forma geral?

NUNO: Opá, então… hã… desporto de manhã, hã… embora agora em agosto a piscina fechou, (risos) e ainda não encontrei alternativa do desporto que… hã… e portanto, quer dizer, venho para o trabalho, quer dizer, não é? Tipo, nove da manhã, quer dizer, estou

aqui a chegar ao trabalho, nove e meia, quer dizer… tenho esta flexibilidade assim de horário, portanto, para mim é bom. Pá, depois passo aqui a grande parte do dia, hã… trabalho muito, quer dizer… trabalho muitas horas, hã… considero-me assim um pouco viciado no trabalho, quer dizer, com tudo do lado bom e do lado mau, que isso implica, hã… bem e depois… quer dizer, quando regresso a casa, agora de verão, tenho uma horta, então de verão, consigo lá passar, não é? Porque às sete horas é de dia, estás a ver? Sete horas, seis e meia, sete. Hã… é de dia, portanto ainda dá para passar lá, mas… de inverno já é mais… sei lá, é mais difícil, já não me apetece tanto de inverno, ir lá. Hã… não sei, este ano também, quer dizer, a rotina deste ano também é muito atípica, não é? Porque este ano a gente passou este período todo e continua muito, com pouco… interação social, não é? Mas… hã… epá, houve uma altura que fazia, participava em teatro, hã… depois saí do grupo, hã… e ainda nunca mais retomei assim uma atividade mais cultural. Hã… mas também gosto muito. Hã… pá, pronto atualmente é isso, quer dizer… saio de casa venho para o trabalho, quer dizer, regresso a casa, quer dizer e sei lá, não, não difere muito disso, quer dizer, fazer compras, quer dizer, comprar qualquer coisa que seja precisa e…

E: Quando estás no contexto da ONGA, hã… fugindo um bocado a este contexto atual em que ninguém contacta uns com os outros, mas… mais anteriormente, como é que te relacionavas com os outros participantes e membros, como é que classificas o teu relacionamento com os outros participantes? Que tipo de laços estabeleceste, se há amizades, se não há, se é uma participação mais…

NUNO: Sim, sim… há exatamente, nós inclusive, já retomamos no fim de semana, já temos vindo a retomar aos poucos, quer dizer, mesmo com distanciamento, quer dizer, com máscaras, quer dizer, temos com os devidos cuidados, não é? Mas, no fim de semana passado estivemos juntos na sede, foi-nos cedida uma escola primária, antiga escola primária, estás a ver? Depois então… eu acho que realmente já não íamos lá, se calhar depois da pandemia, a última vez deve ter sido antes da pandemia, antes de março, que lá tínhamos ido à escola. Reuníamos era na outra sala que temos na cidade. Hã… mas sim, quer dizer, foi bom, quer dizer e sim, temos assim, a maioria de nós, temos assim um… temos à vontade, quer dizer… temos assim boa relação de amizade, já la vai o tempo também que… pronto que a seguir íamos, sei lá, tomar qualquer coisa, quer dizer, comer qualquer coisa. E continuávamos a conviver e a trocar… sei lá, informações sobre a ONGA e assim… portanto agora nem tanto, por causa desta situação, mas… mas sim há assim um bom ambiente… de amizade e assim.

E: Antes de seres ativista na ONGA, já te relacionavas com alguém da ONGA, ou não?

NUNO: Não, não, não. Ou melhor antes de ser ativista, o que é para ti ser ativista? É ser assim mais…

E: É participar ativamente na ONGA, como eu por exemplo, participante passivo que só paga quotas.

NUNO: Eu sei, eu sei. Pois quer dizer, eu, eu, comecei logo. Eu fiz-me sócio, e fui logo dirigente, quer dizer, porque faltavam pessoas na Guarda, não é? Para uma direção, portanto, eu comecei logo como dirigente, quer dizer, não sei, ativista, quer dizer… para mim a definição mais de ativista é se calhar, o que faço mais agora recentemente, que é tipo: "ok, perante as notícias, questionar e… participar nas manifestações" – quer dizer, eu de início, pronto, não era assim, tão ativista. Mas pronto era dirigente, quer dizer, tinha funções de direção, ou funções de… administrativas, vá, e perdi-me outra vez na pergunta. Portanto a pergunta era…

E: Será que conhecias alguém antes de…da ONGA, antes de… não?

NUNO: Só da televisão, quer dizer, só da televisão, a gente vê as pessoas da televisão, quer dizer, mas não… mas não conhecia.

E: Não te davas com ninguém antes, nem conhecias ninguém…

NUNO: Pois, não, não, não, não.

E: A participação na ONGA não é a tua principal atividade?

NUNO: Pois, não, exatamente, exatamente.

E: Desempenhas as funções na ONGA, de forma voluntária, não é?

NUNO: Exatamente, exatamente.

E: Assim… relativamente ao teu trabalho, fazes aquilo que gostas?

NUNO: Sim, posso dizer que sim, que sim, sim. Há uns períodos, é como digo, quer dizer… há períodos assim de muito trabalho… pronto que implica também às vezes assim mais stress, ou mais… sei lá, mais… para cumprir prazos, para cumprir horários, pronto e… e podemos às vezes naqueles dias ou naquelas semanas, andar assim mais… aborrecidos, mas sim, de um modo geral, faço assim um balanço positivo do que faço e gosto do que faço.

E: Como é que relacionas a tua atividade… profissional com a atividade que desempenhas na ONGA? São atividades muito diferentes, não são? Quais são as principais diferenças?

NUNO: Sim, quer dizer… uma coisa não tem a ver com a outra. Não, não há relação, quer dizer, entre a atividade que faço na associação e a atividade profissional que tenho. Bem, quer dizer trabalho… na área do ambiente, vá. Na área do ambiente, que mesmo assim é… trabalho na calibração de equipamentos, hã… que esses sim, esses equipamentos sim, são utilizados, pronto, na área das medições, ou na… na parte de medições de qualidade do ar. Hã… mas portanto, não há assim muita ponte, entre a associação e a… e o trabalho que faço, quer dizer, não relações… pronto, faço num lado o que não faço no outro, exatamente.

E: E vês algum tipo de influência em ti, no âmbito dessas diferenças, em termos de, de… no contexto da ONGA e no contexto de trabalho?
NUNO: Como é que é? Como é que é?
E: Se identificas alguma diferença, na tua pessoa ou se te sentes de uma forma diferente no contexto da ONGA e no contexto de trabalho?
NUNO: Não, não… hã… continuo assim com a minha atitude crítica, não é? Ou continuo… bem há coisas que são nossas, não é? Portanto… sei lá, se questiono… na associação sobre alguma coisa, pronto… se há alguma coisa que também aqui na empresa que também me questiono, também procuro, procuro… perguntar, procuro saber, procuro… mais ou menos a minha atitude é a mesma… num sítio e noutro.
E: Porque é que gostas do teu trabalho, consegues identificar?
NUNO: Olha… hã… é muito de… detalhado, é muito minucioso, é muito hã… está relacionado com números, hã… não sei se te recordas, ontem, ontem, na terça a pergunta era assim a disciplina favorita, que também é a matemática, ok. Hã… portanto está relacionado assim com números, hã… e acho que é uma questão assim de flexibilidade de horário, combina bem, combina bem comigo. Porque… o trabalhar por exemplo por turnos, ou… não, já não… se fosse… até podia estar a fazer o mesmo trabalho, mas se fosse assim exatamente por turnos e… se calhar já não iria ter a mesma satisfação, ou a mesma… motivação, não é? Hã… sei lá, o que mais é que… pá, é assim tudo isto, não é… quer dizer, a pergunta era mais ou menos, o que é que gosto, ou o que é que…
E: Na estrutura profissional, qual é mais ou menos a posição que ocupas, de direção, intermédia, no teu trabalho?
NUNO: No meu trabalho, não é? Não quer dizer, estou na base, estou na base, estou cá em baixo. Sou o técnico, sou mesmo o técnico, somos poucos, quer dizer, no fundo a empresa também, quer dizer, o laboratório em que trabalho somos poucos e estou mesmo na base, exatamente.
E: E… como é que identificas, ou como é que classificas, não quantitativamente, o relacionamento com os teus colegas de trabalho?
NUNO: É bom, é bom, sim, sim, sim. Hã…. realmente olha, eu trabalho sozinho no laboratório, hã… e portanto, não tenho colegas, propriamente dito… de… pronto, no laboratório. Hã… tenho é colegas de… pronto, por exemplo o diretor técnico do laboratório, acumula funções com outra empresa dentro do mesmo grupo. Hã… e, portanto, ele, pronto, por telefone, está contactável, nos estamos sempre contactáveis, hã…a toda a hora e por email, também… hã… portanto, se precisar de alguma coisa, quer dizer ligo… sim o ambiente é bom e mesmo com a chefia, também nada… não tenho assim nada a apontar, exatamente.

E: Falas ou discutes questões relacionadas com a ONGA ou com o ambiente, no teu trabalho?

NUNO: Olha… aqui com o diretor técnico… hã… sim, hã… nem sempre, nem nunca… pronto, também não é todos os dias e também não, pronto. E às vezes falamos, não é? Mas com a chefia não. Não surge assim a oportunidade ou não surge, sei lá… não questiono, não falo e a diretora assim da qualidade, também… é porque também, não é que surja oportunidade, quer dizer, por acho quase surgisse oportunidade também falávamos e também conseguiria saber a reposta, o que é que ela pensa sobre esse assunto. Mas mais com o diretor técnico do laboratório. Ele sim, às vezes a questionar… ele também em dizia, durante muito tempo dizia-me:

- "Hã Nuno, tu tens de deixar a associação, pá! Eu não sei o que é que tu estás a fazer na associação, quer dizer…" – (risos), dizia-me assim várias vezes, hã…

E: E em que sentido? E em que sentido é que ele dizia isso?

NUNO: Opá… primeiro porque… epá, é a tal coisa, quer dizer, estou aqui na zona de Aveiro, quer dizer e aí faço parte da associação lá na Guarda, quer dizer, portanto, é… é tipo… não sei, não estou lá na Guarda, quer dizer, não é? Não consigo acompanhar ou… hã… e depois não sei se foi agora também mais recente, com estas notícias que têm vindo a… pronto a público, não é? Assim das falcatruas da ONGA, e das irregularidades e então ele é que diz: "Não sei porque é que continuas a fazer parte da associação, não sei o quê…" – mas é mais neste tom, quer dizer e é num tom descontraído que diz isto, quer dizer, não é num tom… hã… sei lá, pesado, não é… nunca foi nesse tom… hã…

E: O teu relacionamento ou relacionas-te da mesma forma com os teus colegas como te relacionas com outros membros da ONGA?

NUNO: Sim, sim…de um modo geral sim. Hã… nos assuntos a falar, são diferentes, como é óbvio, mas sim, de um modo geral o relacionamento hã… sim, sim.

E: Não existem grandes diferenças de relacionamento entre o teu ambiente de trabalho e o ambiente na ONGA?

NUNO: Pois, não, não. Epá, é a tal coisa, se calhar na ONGA, dá para estar mais descontraído, pronto, mas… e é um ambiente mais informal e assim. Pronto e no trabalho… no trabalho mesmo assim também me permite muita informalidade, não é? Quer dizer, não… não precisamos de estar… por acaso, pronto, também é uma das vantagens ou é uma das coisas que gosto do trabalho, é esse ambiente informal e não por isso que é… que as pessoas não são profissionais, quer dizer, são profissionais na mesma e o ambiente é… descontraído e é bom, e é bom. Portanto de um modo geral, o meu desempenho ou a minha maneira de ser, é… igual, sim num sítio e no outro.

E: Como é que vês a tua atividade profissional, o teu trabalho em relação aos valores da sustentabilidade, e da proteção do ambiente, com a crise ecológica?
NUNO: Sei lá… aí a empresa, quer dizer não é que tome medidas não? Não é que tome… posição propriamente dita… hã… sei lá. Por exemplo o carro, não é, é um carro a gasóleo, quer dizer, não é? Hã… sei lá, por acaso, quer dizer, tenho vontade… e já uma vez fizemos uma atividade, que dizer… de… aqui na zona de Aveiro, existe o projeto Cabeço Santo, que é de… renaturalizar área… antigas áreas de eucalipto e já uma vez desafiei, pronto, os colegas da empresa, para lá irmos fazer assim uma ação de voluntariado, de plantação de carvalhos e assim. Epá e aderimos, se calhar, uns cinco ou seis, ou três ou quatro ou cinco, já não sei de cor. Opá! Portanto, também foi bom, esta motivação das pessoas ou esta disposição das pessoas em participar numa atividade assim de defesa do ambiente e da sustentabilidade. Hã… e foi porque não voltou a surgir, porque eu acho que… se a qualquer momento eu voltasse a propor… eu acredito que as pessoas a… alinhassem. Deixa-me te contextualizar melhor, portanto a empresa, que eu trabalho, faz parte de um grupo, e são à vontade três empresas, quatro empresas, dentro do mesmo grupo. Pronto e… eu contato com os colaboradores dessas quatro empresas ou… estou a contar quatro, hã… ok, sim, são quatro, são quatro, exatamente. Hã… pronto então quando há pouco te dizia que desafiamos, pronto é dessas quatro empresas, quer dizer, e há um bom ambiente entre todas e assim. Todas e todos os que trabalhamos, sim.
E: Mas o… a atividade profissional relativamente aos valores ecológicos, da defesa do ambiente, não são… são coincidentes ou… ou vês aí, identificas alguma diferença?
NUNO: Sei lá… quais são os valores… agora a pergunta é… quais são os valores então da empresa, não é? Quais são os valores a… a…
E: Tendo em conta a atividade do teu trabalho?
NUNO: Hum! Mas quer dizer, o meu trabalho ok, faço a calibração dos equipamentos, não é? quer dizer, depois esses equipamentos são utilizados para fazer as medições, quer dizer, isto não há… no fundo, quer dizer, este problema deste trabalho, também … sei lá, não é… não é um trabalho sustentável, não é, não é isso que… essa palavra está gasta hoje em dia, não é? Hã… sei lá, mas é um trabalho, pronto, em prol do ambiente, quer dizer, é um trabalho o que está, hã… pronto, que tem de ser feito… em prol do ambiente!! Não sei, é bem em prol, quer dizer, se as medições forem de valores elevadíssimos, hã… o trabalho é feito na mesma, não é? E o ambiente… não… o ambiente, pronto, está a ser, está a ser…está a ser poluído, não é? Hã… não sei quer dizer, eu acho que não há propriamente assim coisas em comum, ou… sei lá, não consigo estabelecer…

E: Agora relativamente à tua vivência familiar e ao teu quotidiano, hã… que influência tem aquilo que tu defendes na ONGA?
NUNO: Que, que?
E: Relativamente ao teu meio familiar e ao teu quotidiano, aquilo que tu defendes na ONGA, as causas que tu segues, que influência é que têm no teu quotidiano e na tua vivência familiar? Isto, em termos, mesmo de consumos, de…
NUNO: Ok, olha é Vasco, olha… é… também te digo, quer dizer, também gostava de… às vezes gostava de poder… consumir só produtos biológicos, quer dizer, também gostava de poder… hã… também sou sincero, quer dizer, também não consigo acompanhar… ou também, por questões financeiras, quer dizer, também não, também não consigo estar… em produtos assim mais biodegradáveis, e produtos hã… pá, vou procurando, quer dizer, sei lá, vou procurando estar atento e consumir produtos, hã… mas também… também cá a minha pegada ecológica, quer dizer, também assumo a minha, a minha… também como carne, quer dizer (risos), sei lá… também, não sou vegetariano, embora goste de comida vegetariana, mas… não sou a… mas pronto, fora isso, quer dizer, faço a minha reciclagem quer dizer, já faço reciclagem aos anos e… e… procuro fazer. Agora também, o que me habituei a fazer já há dois ou três anos, apanho bolotas e ponho-as a germinar e depois ofereço, quer dizer, ofereço quase como prenda de aniversário… hã… e pronto, incentivo as pessoas a… plantarem e depois a cuidarem da árvore, não é? Hã… um desafio que também… lá está, a gente de ideias são sempre muitas, depois… hã… pronto, depois vão-se concretizando aos poucos, não é? E uma das ideias que tenho a algum tempo também… epá, é fazer uma espécie de um cupão, e pronto e entregar à pessoa, até pode ser juntamente com o carvalho, ou assim: "Hã… agora vais apontar aqui, mais ou menos os quilómetros, que fazes com o teu carro, anualmente ou mensalmente" – pronto, e depois chegar ao final do ano e calcular-se ali um… estimar-se também, esses valores exatos também é difícil sempre de apurar, não é? Mas estimar-se o impacto de CO2, não é? A emissão e CO2, hã… epá, dois lá está, hã… depois ter lá assim uma informação, uma nota bibliográfica, portanto, a dizer: "uma árvore, um sobreiro absorve x, um carvalho absorve x e… pronto" – sei lá e tentar sensibilizar a pessoa para… essa ideia já anda há dois ou três anos e ainda nunca passou da ideia.
E: Relativamente aos teus consumos do dia à dia, e a tua forma de agir e… relativamente aquilo que defendes, não pensas muito na coerência, ou pensas?
NUNO: Vou tentar… sei lá Vasco, a gente também… o que tu estás a dizer é, portanto, é… mesmo consumir carne e assim, quer dizer, tudo isso tem um impacto que tem no ambiente, não é? E… por isso…
E: Não sei, não sei como é que tu te sentes…

NUNO: Sim, sim… opá olha… assim, há coisas que é verdade que tem…mas não sei, também não consigo, não consigo… hã… não consigo ir viver para a gruta, quer dizer… não podemos ir viver para um gruta. Quer dizer, não é? Mas também não é… é procurar consumir menos, não é? É procurar reduzir, é… é…, mas lá está, volto a dizer, tenho a horta, não é? Portanto, já lá procuro produzir… os legumes, alguns legumes, quer dizer… hã… mesmo assim é muito pequeno, mesmo assim é uma hora muito pequena e… e eu também não sou um agricultor de… também não sou agricultor… sou agricultor de cidade, quer dizer, hã… sei lá, é… às vezes lá está, tenho vontade de fazer mais, pá… mas, também… não consigo, também não conseguimos chegar, não consigo chegar mais a… não consigo, pronto, assumo também.

E: E a tua atividade na ONGA e a forma como defendes o ambiente e o que defendes, tem alguma influência junto dos teus familiares mais próximos?

NUNO: Olha, aos poucos, não é? Quer dizer, a questão da reciclagem, hã… eu lembro-me, quer dizer, quando eu saí da Guarda, aos dezoito anos, não é? Hã… pronto, era eu então que… despejava o… pronto despejava lá a matéria, não é? O papel, o cartão, o plástico, o vidro e não sei o quê… epá e sempre achei que a minha mãe depois, não ia… não ia querer saber, não é? Mas, mentira, quer dizer, quando ela continuou, pronto, todos estes anos continuou ela a fazer e… portanto algum, algum significado… aquilo lhe deu, não é? Hã… mas pronto, em termos da alimentação aí… é muito difícil a… haver assim alterações a… por exemplo eu gosto, é a tal coisa, gosto de experimentar comida vegetariana, mas a minha mãe aí… já, já não, já não se predispõe a… a experimentar sequer, ou… é muito raro, hã… pá, mas sempre, por exemplo agora nisso, a questão do sacos. Estás a ver, a questão dos sacos, isto também é a pagar, portanto também a pessoa também habituou-se a… a levar os sacos de casa… pronto, e quer dizer, também, fomos habituados a isso, quer dizer, já não, não é… hã…quando toca na carteira, não é? A gente… pronto, toma as decisões mais rápidas de…

E: E relativamente ao teu círculo de amigos?

NUNO: Pá, mesmo assim, de um modo geral eu… tenho aqui um grupo de amigos, aqui… pronto aqui em São João da Madeira, ou em Esmoriz, vá. Hã… que também partilham muito esses… estes princípios, até às vezes quando é para fazer umas caminhadas, há sempre a lógica do partilhar os carros, não é? Hã… ainda agora neste fim de semana também vamos… hã… assim lá para a serra da Freita e não sei o quê, portanto há esta questão de partilhar e assim… hã… e de compensar a pegada ecológica, também… este discurso é muito frequente… hã… portanto, quer dizer, de um modo geral as pessoas com quem convivo também têm assim preocupações e… epá, mas não são todos, quer dizer, também, quer dizer, não será todos vá.

E: Existem grandes divergências ou não?

NUNO: Pois é isso, quer dizer, eu acho que… estás a ver Vasco, a gente também tem conhecidos e tem amigos, quer dizer, não é? Isto é uma definição sempre difícil de se estabelecer, quer dizer, como é que tu separas um amigo de um conhecido, não é? Epá… é diferente sim, hã… mas, hã.. sei lá, de um modo geral as pessoas que me são mais próximas, quer dizer, partilhamos as mesmas… pelo menos o mesmo pensamento e procuram agir… alguns até bem mais do que eu, não é? Quer dizer, esta questão da alimentação, eu confesso que sou muito… muito descuidado, hã… e pronto e há colegas que sim, que fazem e seguem a alimentação muito mais hã… pronto os produtos que produzem que eles próprios produzem, não é? Eu, se não tiver, tenho que ir ao supermercado, quer dizer, estás a ver. Pronto e tenho colegas que, pronto, esses sim, têm tudo ali, na ordem.

E: Olhando novamente para o teu quotidiano, hã… para as atividades, qual delas é a mais importante para ti?

NUNO: Atividade no quotidiano, não é? Hã… opá… atualmente, olha, é a disponibilidade que às vezes tenho para parar e… e refletir, seja pessoalmente, seja às vezes mesmo, pronto, nestas questões de, de ambiente, quer dizer, ás vezes sabe-me bem aqueles momentos em que eu procuro estar comigo mesmo, ultimamente tem-me sabido muito bem, assim, momentos desses hã… pronto até mesmo para refletir sobre algum tema… quem é que quero questionar, como é que vou questionar, portanto, consigo mais depressa nesses momentos em que estou… num registo mais… hã… mais calmo, ter ideias e assim, do que… do que no dia à dia, quer dizer, no dia à dia do trabalho. Portanto o momento, a pergunta era qual era o momento mais…

E: Qual era a atividade mais, mais importante para ti no teu quotidiano?

NUNO: Pá é isso, neste momento é a atividade por incrível que pareça é não fazer nada. É não fazer… (risos) é não fazer, estás a ver… é ter aquele momento em que estás ali só tu, quer dizer, não é? Para mim, ultimamente é esse, pode parecer… pode parecer caricato, pode parecer… (risos).

E: Vamos para a última questão, já tínhamos começado a falar nela, o que é que significa para ti, ser um ativista ambiental?

NUNO: Ser um ativista, não é?

E: Do ambiente, pelo ambiente.

NUNO: Hum! Pá é defender… quer dizer o planeta, que é de todos, quer dizer, quer dizer… o que é que é ser ativista ou o que é que é para mim ser ativista? Hã…epá é achar que ainda há…ainda, ainda vamos conseguir ultrapassar esta crise, quer dizer. Embora eu também te respondi numa das últimas perguntas, que não vamos ultrapassara crise, não é? Mas pelos menos que vamos conseguir minimizá-la, que dizer, que vamos conseguir xcietarda-la o mais possível, hã… é… e pronto é… no fundo

o meu papel de ativista é muito de questionar, quer dizer, questiono muito as entidades, quer dizer e procuro a… saber as opiniões delas e depois partilho num blogue, também que tenho que criei e não sei o quê. Hã… porque às vezes também acho que eu… pronto, é a tal coisa, individualmente o que é que cada um pode fazer? Pronto eu acho que ali é… é o pouco ou muito que posso fazer é isso, é questionar as entidades e depois partilho as respostas delas e… e… procuro gerar… não procuro gerar muita discussão das respostas que obtenho, também podia tentar obter ali mais discussão, mas às vezes também não é… para mim também não é ali o mais… Por exemplo, tu tens ideia disso, quer dizer, às vezes o *Facebook*, a gente… pode partilhar qualquer coisa e depois aquilo há, pronto há comentários de tudo e de nada, não é? Quer dizer, e isso para mim também não me… também não…retira o foco, não é? E isso para mim, não… isso retira o foco, das questões, não é, para mim. Portanto, eu também não…. Partilho as respostas, que às vezes obtenho, sendo que na maioria das vezes não obtenho respostas daquilo que questiono, não é? Hã… mas depois não, não procuro… hã… não procuro gerar discussão à volta disso. Hã… já fico, já fico satisfeito por… por quando me respondem e…, mas é a tal coisa, quer dizer, às vezes não respondem, a maioria das vezes não respondem, e… depois ligo, depois procuro insistir um pouco e… faço aquele papel dE: "então recebeu o meu email e… e… veja lá se pode responder e não sei o quê" – e digo aquilo sempre muito cordialmente, mas… (risos). Mas lá por dentro, (risos)…

E: Lá pode dentro?

NUNO: Pois, lá por dentro: "epá, responda ao email!" quer dizer, não é… eu não digo isso assim, quer dizer, porque sei que também não ia ser… não ia ser… hã… pronto: "se puder responder ao email, veja lá" – pronto, conforme o assunto ou conforme a conversa seguir hã… Mas por exemplo, dou-te um caso, quer dizer, ainda hoje então, hã… liguei para a APA e para a CCDR do Centro sobre a… eu recebo, recebemos, recebo pela ONGA lá um email, quando há excedências do valor limite de ozono, do valor limiar de ozono. Imagina, isto aconteceu agora entre as cinco e as seis… então recebes um email depois das seis, conforme aquilo foi verificado, aquele, aquela excedência, não é? Pá mais isto, fazia todo o sentido, até com toda a modulação que já existe, fazia todo o sentido que… a… então se é previsível que entre as cinco e as seis fosse ultrapassado o valor limiar de ozono? Pronto, que fosse enviado o mesmo email antes. Que alertava as pessoas: "olhem é… por precaução não façam exercício físico a esta hora, quer dizer, tomem as devidas precauções, não sei o quê" – mas não, quer dizer, enviam o email depois do facto acontecido, quer dizer, qual é? Opá, ok… enviar… então, mas quer dizer, a pessoa… não faça exercício físico naquela hora, mas aquilo já passou, (riso irónico) quer dizer!! Estás a ver, então liguei, questionei por email em

dezembro a APA e a CCDR do Centro. A APA respondeu-me em abril, epá, mas com uma resposta que também não faz sentido nenhum, quer dizer, aquilo não tem nexo, estás a ver? Falam do índice de qualidade do ar… pá está bem, o índice é uma coisa, mas… mas não foram, pronto, não perceberam o que eu quis, o que eu perguntei, talvez não tenham percebido… e eu tinha este… também pronto, estava nos pendentes e então só hoje é que questionei, mas pronto, está tudo em teletrabalho, está tudo em… sei lá. Passaram-me o telefone duas vezes, para os técnicos, que estão em casa, não é? E depois eles lá não podem repassar a chamada, porque estão com os telemóveis e não sei o quê, não é? Portanto, depois tive que voltar a ligar para o serviço geral, epá, mas não consegui falar com ninguém, basicamente, hã… sei lá.

E: Como é que isso te deixa?

NUNO: (risos) Opá… é isso, quer dizer, estás a ver, como é que… como é que isto, uma coisa… quer dizer, que é tão simples, estás a ver ou que ia ser tão simples, quer dizer, alguém pensar sobre isto… hã… não sei, quer dizer, ninguém se questiona sobre isso, quer dizer… ou ninguém… estás a ver? Como é que… não sei pá. Por acaso esta foi… há pouco quando fazias a pergunta se discuto com o diretor técnico estas questões, não é? Esta foi uma, há três semanas ou quinze dias foi uma que falei com ele… porque ele pronto, é como te digo, a empresa em que trabalhamos é relacionada com ar, portanto este tema que te estou a dizer da excedência tem tudo a ver com o ar, com o ozono, tem tudo a ver com a qualidade do ar. Epá, pronto ele deu-me a resposta, quer dizer:

- “Eh, Nuno, se calhar a legislação não obriga a que haja divulgação.”
- “Epá, está bem, possa não haver divulgação… possa não haver legislação que obrigue, mas devia então haver alteração na legislação para…” – não é ó Vasco, pensa tu também, quer dizer, ou faz esse exercício comigo, estás a ver? Estão-te a divulgar uma coisa que já passou, qual é a lógica? Quer dizer, deviam-te divulgar era antes, era se há previsão de isso acontecer, divulgavam-te antes, não é? Pronto…não sei se isso responde à tua pergunta.

E: A minha é, como é que isso te deixa, como é que tu te sentes quanto a isso?

NUNO: Opá, deixa-me chateado sei lá, deixa-me opá… sei lá… como é que isto me deixa… olha, sei lá… tu é que tens de traduzir isto pela, pela expressão com que, com que disse isto (risos). Vais ter que… arranjar a palavra certa, sei lá. (risos) opá…

E: Pronto, deixa-me só parar aqui a gravação.

Fim

Anexo E – Transcrição da entrevista a "Mariana"

Local da entrevista: Entrevista realizada online através da aplicação ZOOM Data de início: 10 de agosto de 2020 Duração da entrevista: 2h38m Idade: 53 Profissão: Técnica de Ambiente Habilitações: Duas Licenciaturas Sexo: Feminino Observações: Entrevista realizada ao longo de três sessões distintas nas seguintes datas: 10/08/2020, 12/08/2020 e 24/08/2020. É participante ativa e dirigente de uma ONGA nacional.

E: Já está a gravar e a primeira questão que coloco, é a sua idade?

MARIANA: Cinquenta e três.

E: E as habilitações?

MARIANA: Licenciatura, duas, duas licenciaturas.

E: E a profissão?

MARIANA: Técnica de ambiente.

E: Muito bem, onde é que nasceu?

MARIANA: Em Braga.

E: E qual é a sua primeira e mais vívida memória da sua infância? Daquilo que se lembra?

MARIANA: Hum!… Moçambique, vivi lá a partir dos três anos e, portanto, é de Moçambique. Eh!… da praia, da piscina, da… das brincadeiras com a minha irmã, em Moçambique.

E: Hã… consegue descrever-me como era o bairro, ou a cidade ou a localidade onde cresceu, de uma forma geral?

MARIANA: Eu cresci lá, em… duas… (impercetível) e depois vim para, vim para Portugal, ainda vivi com os meus tios, e depois é que vim para Braga. Portanto, lembro-me de todas elas, hã… sim. Até tenho presente a própria estrutura das casas, todas elas, sim.

E: Pode falar-me de uma forma geral, como é que eram, o tipo de habitação, como é que era o contexto em termos de espaço, do bairro onde…

MARIANA: Hã… em Moçambique a primeira casa, era uma… vivenda de rés do chão, com jardim. E… depois a segunda casa, era uma vivenda com vários pisos, com jardim também e… jardim e quintal. Hã… depois… em, em Guimarães era

uma… uma casa, portanto com, com bastante terreno, uma, um primeiro andar de uma casa com bastante terreno. E depois em Braga, que foi num apartamento. Hã… portanto no centro da cidade, enquanto que as outras tinham… tinham espaço, envolvente, esta aqui é mesmo no centro da cidade, portanto, não tem… não tem quintal, não tem jardim, é só mesmo… hã… apartamento.

E: Onde é que gostou mais de viver?

MARIANA: Hã… em Moçambique.

E: E porquê?

MARIANA: Gostei mais de viver em Moçambique? Tinha muito mais liberdade, fazia-se muito mais coisas, hã… tínhamos lá muitas atividades, hã… desportivas, muitas… enfim, o dia era muito preenchido e o clima também ajudava, não é? Eu gosto muito de água e estava sempre dentro de água, (risos). Hã… do que… para Portugal, foi… foi uma prisão, ou seja, em Portugal era só escola, escola, nada mais, portanto… hã… depois os meus primos estavam em… num colégio todo dia, quando voltavam era hora de jantar, não dava sequer para brincar com eles. Daí que, não tinha grande graça, apesar de ter, outros, outras crianças com que brincar, que apesar de serem mais velhos que eu. Mas… mas não tinha muita graça por causa disso.

E: Pode falar-me dos seus pais. Qual dos dois é que foi mais marcante na sua educação ou se foram ambos de igual forma, ou se há um mais do que o outro?

MARIANA: (Reflexão) É assim… hã… talvez o meu pai tenha sido mais, porque era mais… hã… mais autoritário. E também estava mais tempo connosco, hã… a minha mãe trabalhava… hã… no hospital, estava muito tempo presa no hospital e… e o meu pai estava mais… ia almoçar a casa, estava mais tempo connosco. Hã… portanto, talvez ele tivesse… tido mais, mais influência na educação, nessa, nessa primeira fase.

E: Na sua relação com os seus pais, a sua relação com eles era idêntica ou havia diferenças na sua relação com o seu pai e com a sua mãe?

MARIANA: Hã… o meu pai já faleceu… mas a relação que tinha com eles era, era idêntica. Agora, claro, agora tenho a minha mãe, mas na altura era, era equivalente. O meu pai era, era… talvez não me desse tão bem com ele porque ele era muito autoritário (risos), mas… mas de resto, eh!… Era equivalente, entre os dois, sim.

E: Como é que acha que… como é que define a sua infância, foi uma infância feliz? Foi uma criança alegre?

MARIANA: Sim, sim, sim era. Um bocadinho bicho do mato, sempre fui, mas… eh!… Mas gostava muito de ler, portanto… não, não gostava tanto de socializar como a

maior parte das crianças, mas sim, sempre fui uma criança alegre e… e bem enquadrada sim.

E: Consegue recordar-se de algum momento ou situação mais disciplinadora por parte de um dos seus pais ou de ambos?

MARIANA: É assim, eles eram mais disciplinadores com a minha irmã que era muito mais aventureira do que eu. Hã… lembro-me de várias, de várias situações com minha irmã, (risos) hã… de… pronto, dela ter o braço partido e andar aos saltos e, portanto, correr riscos, de partir outra vez o braço (risos). De… depois de muitos avisos, hã… conseguiu que o cão lhe rasgasse as calças e, portanto, foi castigada, porque tinha recebido muitos avisos, portanto, com a minha irmã lembro-me de inúmeras situações (risos), comigo não porque… talvez eu não me portasse assim tão mal, não sei.

E: Hã… como é que era o posicionamento dos seus pais relativamente à religião? Eram religiosos, não eram?

MARIANA: Hã… é assim, nós fizemos a primeira comunhão, mas… hã… creio que a minha irmã fez a solene. Eu já não fiz. Hã… em Moçambique não… não havia assim grande… não se dava grande importância à religião, apesar de ter sido lá que frequentamos a catequese. Mas… hã… cá era muito mais… era muito mais rigorosa, digamos, não sei se por influência do meio, hã… eramos obrigados a ir à missa todas as semanas, coisas que eu… com que me revoltei desde sempre, talvez por isso já não tenha feito a segundo… (risos) a comunhão solene. Portanto… hã… sempre foi um tema que me revoltou, porque… nunca me identifiquei como, como católica… e sempre me disseram que: "estás… estás batizada, fizeste a primeira comunhão, és católica". Portanto sempre foi um tema de… de algum atrito na família.

E: Acha que teve uma educação religiosa ou… nem por isso?

MARIANA: Hã… tive, nesses pontos sim, eu fiz a… eu como digo, fiz a primeira… fui batizada, tive a primeira, fiz a primeira comunhão, mas nunca tive fé, portanto nunca… eu ia de corpo presente, digamos. A… a todas essas cerimónias, não é? Hã… quando comecei a ter… hã… é assim até aos dezoito anos fui obrigada a ir à missa. Mas partir do momento em que fiz dezoito anos, nunca mais fui, a não ser, em cerimónias importantes, casamentos, batizados, funerais, porque realmente não tenho qualquer fé. Não tem sentido eu estar na igreja porque não acredito. Portanto, só vou por respeito às pessoas que acreditam.

E: Em termos de valores como é que se orientava a sua família, mais chegada?

MARIANA: Hã… é assim, para mim são os valores normais, não sei (risos). Não lhe sei dizer muito mais do que isso. Hã… sempre foram muito rigorosos com o próximo, com a pontualidade, com a… enfim, com as coisas que consideramos que é… que

é respeito pelos outros. Que mostram respeito pelas coisas dos outros, se te emprestam alguma coisa, tens de entregar ou igual, ou até melhor. Nunca, nunca pior, hã… portanto acho que, são os valores… intrínsecos, se calhar associados a… normalmente a uma religião, mas… que… perante mim, são coisas distintas.

E: Quais era as habilitações escolares dos seus pais, recorda-se?

MARIANA: A minha mãe, fez enfermagem, portanto… creio que na altura era o nono ano e depois o curso de enfermagem, o quinto ano como lhe chamavam, não é? Na altura… hã… o meu pai, creio que tem o equivalente, o equivalente ao segundo ciclo, era escriturário, portanto, de… numa empresa.

E: Como é que acha, ou como é que identifica o tipo de educação que herdou dos seus pais? Olhando para altura, como é que consegue definir?

MARIANA: É assim… hã… eu acho que os meus pais eram… para altura… quando estávamos em Moçambique… muito… muito à frente das pessoas que estavam em Portugal. Eu notei o contraste quando viemos para cá, desde o tratamento por tu, por exemplo, coisa que os meus colegas tratavam os pais por senhor, hã… ou por você na melhor das hipóteses e nós tratávamos por tu, aí era um contraste notório, não é? Hã… e isso reflete-se em todas as frentes, depois o à vontade que se estabelece com os pais, é diferente daquele cerimonioso que os meus colegas tinham. Punham os pais lá num pedestal, muito distantes, não é? Hã… mas, mas de resto… para mim era perfeitamente normal, digamos, não notei assim, tirando esses tratamentos… hã… era… havia uma diferença também com os meus colegas, que a maior parte dos meus colegas tinham as mães… hã… em casa e eu não. A maior dos meus colegas, depois já cá, em Portugal. Hã… as mães estavam em casa, eram domésticas e a minha não. Portanto, eles chegavam a casa tinham o almoço feito, não é? Porque, a mãe estava em casa e… e nós tínhamos de o vir acabar de fazer, não é? A minha mãe adiantava e nós tínhamos de vir acabar de fazer, portanto era assim, o… a diferença digamos, referente aos pais. Hã… os pais dos meus colegas eram bastante mais conservadores, digamos, do que os meus. De resto, não… não noto, não notei grande diferença em relação ao meio envolvente, que Braga é muito conservadora, não é? Temos de chamar a atenção para isso (risos), que Braga é realmente… mais ainda na altura, do que agora, mas… mas muito, muito religiosa e muito conservadora. E portanto, há assim uma envolvente, marca bastante nesse… nesse sentido, portanto há um contraste grande nesse sentido, sim.

E: Os seus pais conseguiram dar-lhe tudo aquilo que precisava ou havia algum tipo de constrangimento?

MARIANA: Hã… portanto quando nós viemos de Moçambique, como retornados que eramos, não é? Hã… foi uma fase difícil. Porque o meu pai não arranjou emprego, hã… a minha mãe conseguiu, hã… e portanto, vivíamos com a… com o ordenado da minha mãe e com os rendimentos que o meu pai tinha, porque tinha… tinha propriedades e portanto, estavam alugadas. Hã… mas não deixou de ser uma fase bastante complicada porque tínhamos de montar casa cá, não é? Portanto, foi uma fase complicada, hã… quando viemos, mas rapidamente se estabilizou e… hã… lembro-me que se compararmos agora com os miúdos atuais, hã… aí há um contraste grande, na altura era normal, mas a… visto à luz atual, é… é bastante diferente do que é atualmente, que é… a humm… quando nós tínhamos uma peça de roupa nova, toda a gente notava, porque realmente era raro ter uma peça de roupa nova, um calçado novo, coisa que agora, os miúdos já nem sequer sabem que roupa têm, não é? Portanto, ele é… um exemplo que dou, quando vou às escolas e que digo que quando… quando levávamos umas sapatilhas, uns sapatos, umas botas ou o que fosse, toda a gente calcava porque era novo. E quando era uma camisola nova, toda a gente vinha e beliscava: "Ai! Uma camisola nova" – coisa que agora ninguém faz porque… é tão comum ter roupa nova, calçado novo, que… que ninguém valoriza, não é? Portanto, hã… era um… eram tempos diferentes, não é? Não passamos necessidades de maneira alguma, mas eram tempos diferentes. Não havia a fartura que há atualmente, não é?

E: Olhando para aquele contexto em Moçambique e cá, como é que comparava ou como é que compara a sal família com as outras famílias do mesmo, do mesmo, do mesmo contexto…onde vivia? Eram mais ricas, pobres, do mesmo, do mesmo nível social?

MARIANA: Hã… é assim, lá. Lá pronto, havia a diferença entre negros e brancos, não é? Hã… portanto… apesar de eu ter colegas negros, tinha, estava numa escola mista, hã… havia, havia diferenças entre… entre negros e brancos em termos de rendimentos, era, eram claras não é? Hã… já cá, mas pronto, os restantes brancos viviam, viviam bem, tinham… tinham qualidade de vida em várias frentes, desde sair para jantar fora, até… até ir ao cinema, hã… enfim, tínhamos práticas de quem vivia com qualidade e com, com fartura. Hã… já cá, hã… como digo, foi uma fase, houve uma fase complicada, mas comparativamente com os meus colegas de escola, hã… tinha um nível superior. A maior parte dos meus colegas passava mais, tinham mais dificuldades, em termos económicos.

E: Em termos políticos, qual era o posicionamento da sua família?

MARIANA: Hã… mais centro direita.

E: E discutia-se política?

MARIANA: Foi… o meu pai discutia muito economia, política nem tanto. Mas economia sim, a crise estava sempre na boca dele. Hã… a crise económica estava sempre… (risos) era tema sempre… hã… era algo, ainda há dias numa reunião de família se falava, se falava nisso. Hã… ele estava sempre com… a parte económica, e a… e, portanto, era tema que aparecia constantemente, mas política propriamente pura e dura, não.

E: Revia-se nesse posicionamento político, ou…

MARIANA: É assim, eu em termos… de idealismo, hã… sempre fui muito mais de esquerda, mas… hã… mas pronto, nunca… nunca votei esquerda porque… hã… confrontei-me com a realidade, ou seja uma coisa é o ideal outra coisa é a realidade. Hã… no sentido em que, se não dermos estímulos, hã… as pessoas fazem o mínimo possível, a maior parte das pessoas fazem, faz o mínimo possível e, portanto, caímos na… na mediocridade e, portanto, hã… é um bocadinho como eu vejo o cristianismo, é dar de igual para todos, todos tratados por igual e depois aqueles que, que não querem fazer esforços, não fazem. Portanto, não, não são motivados, a fazê-lo. Hã… portanto acabei por cair também nas mesmas… tendências de, de centro direita, por causa do estímulo que constitui a… para as pessoas, melhorarem, fazerem melhor, para… para terem melhor vida, hã… mesmo sendo para a comunidade, porque, senão, a maior parte, uns farão, mas a maior parte deles viverão à sombra, têm tendência para isso.

E: E à época, relativamente à consciência ambiental, os valores ecológicos, como é que se posicionava a sua família? Falava-se nisso, ou havia atitudes pró-ambientais, ou ainda não?

MARIANA: É assim, hã… eu sempre fui mais, mais preocupada com as questões ambientais, talvez por ter enveredado pela biologia, sempre gostei muito de ciência e portanto enveredei logo, rapidamente pela biologia, hã… mas portanto, muitos anos não, não se preocupavam, nem se falava nisso, em termos genéricos, não é? Hã… gostava-se de passear na natureza, etc, mas não, não havia tantas preocupações… em termos ambientais, seja pelos resíduos… aproveitava-se, mas era por uma razão mais económica, não é? Aproveita-se tudo, hã… em termos de… em termos de filosofia de vida… (impercetível) nunca foi de desperdiçar, hã… sei lá, a nível por exemplo de comida, hã… a comida sempre… hã… sempre tinha um outro uso, sobrava agora carne, juntava-se depois com outra carne que sobrasse amanhã e já se fazia croquetes ou empadão, etc… nunca se… nunca se desperdiçava comida. Mas isso, é mais uma questão ideológica, se alguém morrer de fome, não vamos nós deitar comida fora, não é? Portanto, hã… não era tanto a questão ambiental subjacente, era mais uma questão por respeito pelo próximo e respeito

por… hã…por o alimento em si. Mas de resto, hã… pronto, também é como digo, não havia a fartura que há hoje, portanto não havia tantas necessidades de nos preocuparmos em a…em… em poupar porque realmente poupava-se por razões económicas.

E: Sobre que assunto é que se falava, quando a família se reunia, nas refeições, nas comemorações, etc… que tipo de assuntos é que eram mais falados?

MARIANA: Os mais velhos era a crise (risos). Os mais velhos era a crise, que falavam sempre (risos), os mais novos, claro, tinham outros temas, mas… mas os mais velhos, era, era a preocupação com a… pronto, falava-se claro, no futuro, se fulano passou, se reprovou, se tem boas notas… mas, mas falava-se muito na… na questão económica, era, era um tema recorrente.

E: E participava nessas discussões?

MARIANA: Hã… sabe que os mais novos, nunca… enfim, como é um tema que… que se houve muitas vezes, a certa altura desligamos… hã… já não interessa (risos). Portanto, já não se… não se presta atenção, hã… e… e, portanto, quando estávamos como outros, hã… falávamos daquilo que nos ia na altura, era a música, ou era… eu modas, nunca, nunca fui muito… mas a… livros, ou de… ou de filmes ou… música. Portanto, pegávamos em temas que nos dissessem alguma coisa.

E: Na sua família havia envolvimento de alguém em algum tipo de associativismo, movimento social, sindicalismo?

MARIANA: Creio que não. Não estou a ver… hã…tenho tios que sim, mas… família, núcleo mais, mais próximo, não, nunca forma ligados a, a… talvez porque pronto, por terem vivido a situação salazarista, etc.… nunca… nunca tiveram grande tendência nem para sindicatos, nem para partidos políticos, nem para nada do género. Não, não creio, nem sequer associações desportivas ou algo do género.

E: Admirava algum tipo de herói ou personagem história quando era criança… tinha alguma personagem de referência?

MARIANA: Humm… não. Não me recordo de nada em particular. Eu gostava pronto das personagens dos livros, dos cinco, do sete, de… da... dos colégios, por causa, do… do colégio ser de todos, enfim… da, da… havia mil e um, mil e uma imagens de infância associadas a obras que lia, mas… tirando isso, não houve assim… enquanto que os meus colegas tinham… mas mais tarde, portanto já, já adolescente, não é? Era os DuranDuran para um lado, era o Roberto Carlos para o outro, nada disso a mim me… me tocava, nada de música, enquanto que a minha irmã gostava muito de ídolos musicais, hã… eu não, nunca, nunca liguei nada… ela tinha os pósteres, punha… metade do quarto era dela, metade era meu, então a

parte dela estava cheia de pósteres com, com ídolos, ou das telenovelas ou da… ou dos… da música e… do meu lado, não tinha, não tinha cartazes nenhuns.

E: E quando era mais jovem ou na adolescência?

MARIANA: Nada, nada, eu gozava com uma amiga que ainda hoje é, minha amiga, por causa dos Duran Duran. Que ela comprava tudo, mesmo revistas em alemão que não percebia, hã… só porque tinha os DD e… e eu gozava com aquilo, porque achava aquilo perfeitamente ridículo. Portanto, não, nunca tive… idealismos de… nem heróis dessa natureza (risos), não.

E: De que grandes eventos ou revoluções, ou acontecimentos tanto à escala nacional ou até global se recorda e que, de alguma forma a marcaram?

MARIANA: Olhe, lembro-me muito bem da, da morte do Sá Carneiro, hã… porque a minha irmã chorava que nem uma madalena, e… hã… portanto lembro-me de ir para o liceu, e toda a gente falar, falar nisso. Essa, foi da, das coisas que na altura mais se, mais marcaram. Hã… porque pronto, um político normalmente não, não marca tanto os jovens, não é? Quando se está no liceu ainda. Hã… mas aquela morte… realmente dramática, foi… foi marcante, hã… essa foi assim das mais jovens. Claro que depois de ter passado pelo… pelo desenraizamento que foi hã… a vinda do ultramar, não é? Porque, essa marcou bastante, mas… foi, foi a primeira de todas, não é? Hã… porque foi uma… foi realmente a vida virada do avesso, não é? Nessa… mas eu tinha sete anos, portanto… rapidamente as crianças nessa idade se, se ajustam. Hã… e portanto, foi… essas assim as mais… mais de tenra idade foram essas duas, foi realmente o… hã… a perda das colónias e depois a… a situação da morte do… Sá Carneiro, são assim aquelas que me recordo assim mais para trás.

E: E mais um bocadinho mais na juventude, na adolescência?

MARIANA: Mais recentes… sei lá… a praça Tiananmen, por exemplo, mas essa é muito mais recente, não é? Hã… foi das… das coisas que… que mais me chocaram, hã… e depois claro, a situação da… da explosão, hã… na Ucrânia, não é? Chernóbyl, portanto… são, são coisas que… essas marcaram bastante. E são bastante mais próximas, não é?

E: Já percebi que não seguia nenhuma causa nem nenhum ideal e nem aderiu a um tipo de cultura juvenil ou moda, por assim dizer, também não?...

MARIANA: Não, não. Enquanto a minha irmã era muito dada a modas, tudo o que era moda ela vestia ou calçava, eu não. Eu usava a roupa que… que me davam, nunca liguei… (risos) nunca liguei muito a roupa. Hã… e hã… e portanto, não… não era… tão, tão facilmente, tão volátil digamos… de mudar, gostava sempre, sempre

gostei de coisas muito discretas, e hã… e não, nunca gostei de… de coisas muito vistosas e daí que não… muito estável a esse nível.

E: Relativamente aos tipos escola, que tipo é que era, era privada, pública, de ensino religioso?

MARIANA: As escolas, sim, as escolas sempre foram públicas, sim. Públicas e mistas, portanto.

E: Hã… qual foi ou quais foram os seus professores favoritos?

MARIANA: Hã… tive uma professora de biologia que me… que me influenciou imenso. Para, para a minha área de escolha… logo no… no oitavo e nono ano. Foram assim dois professores que me marcaram muito, depois uma professora de matemática, também, que me cativou imenso, como, como pessoa. Hã… e hã… claro, também houve as negativas, não é? (risos) As que me marcaram pela negativa, porque eram injustas e portanto, também marcaram, a professora de físico-química eu recordo-me que… tratava mal um colega meu, que trabalhava num talho, logo a partir das seis da manhã e ela… e ela não tendo isso em conta, hã… castigava-o sistematicamente… hã… porque não estava atento, não tinha feito os deveres, não… e isto, revoltava-me, porque… realmente a situação dele era… anormal perante a turma que só estudava. Ele estudava e trabalhava e… e, portanto, devia ser tratado de outra forma. Há as duas, as duas situações… para o lado bom, para o lado mau. Mas antes disso, tive um professor aqui na…na primária, portanto, o ano que fiz já em Braga, hã… que era um homem, hã… pronto, normalmente os, os professores primários eram mulheres, hã… era um homem e que era excecional, como, como professor e que me marcou muito pela positiva.

E: Porquê, porquê?

MARIANA: Hã… não sei, pela forma como tratava a turma, hã… extremamente atencioso, hã…e… com a… e pronto, bom professor, portanto… sempre atento às dificuldades dos alunos e hã… e que… e conseguia bons resultados, portanto. Conseguia-nos cativar para as matérias e manter-nos atentos e… motivados.

E: Durante as férias do verão ou as férias escolares, quais eram as atividades preferidas?

MARIANA: (risos) Durante vários anos, as férias escolares eram três meses na praia e para mim era a recruta. Porque três meses a ir todos os dias para a praia, fez com que eu hoje não consiga ir para a praia. Hã… porque… e aí… começou logo a minha revolta, feminista, como os meus primos chamam, porque, eramos quatro raparigas e três rapazes. E a minha tia ficava sozinha durante a semana a tomar conta de nós, enquanto os meus pais e os meus outros tios, vinham trabalhar para Braga e nós ficávamos, na… na Aguçadoura, que é Póvoa do Varzim, hã… durante a semana,

com a minha tia. Hã… ora, o que é que acontecia, os rapazes tinham liberdade, podiam ir passear, para a praia fora, as raparigas tinham de ficar junto da minha tia, ora eu era a mais nova, nós eramos quatro, havia uma, onze anos mais velha que eu, que tinha de fazer a mesma coisa que eu. Por outro lado, eu em Moçambique, hã… portanto, participava em provas em piscina olímpica e ali nem para as pocinhas podia ir. Porquê? Porque a minha tia não nadava, não sabia nadar e não podia tomar conta de sete em simultâneo, porque era um risco afogarmo-nos, não é? Portanto, para mim que era a mais nova, mas que sabia nadar muito bem, revoltava-me ter de tomar banho de arrasto, digamos (risos). Só ao fim de semana é que podíamos ir para o mar aberto, portanto, aquela praia deixou-me saturada de praia para o resto da vida (risos). Portanto, o meu desejo era que chovesse, naqueles três meses de praia, que chovesse, de maneira que nós ficássemos a jogar ao petróleo ou ao monopólio, para não irmos para a praia. Porque só na condição de chover a sério é que nós não íamos para a praia. Porque se estivesse a cacimbar, não é, a cair só alguma humidade, assim nevoeiro denso, íamos para a praia na mesma. Portanto as férias de verão, durante, durante muitos anos teve essa, essa questão… (risos).
E: O que é que ambicionada ser quando crescesse?
MARIANA: O que é que eu pensava quando… bem o meu sonho era… hãh… viajar pelo mundo fora, hã… com a… num camião. Era o meu sonho, ou seja, ter o camião transformado numa casa, e… e correr mundo. Claro que isso não era… não era exequível… (risos), portanto, muito rapidamente enveredei pelo ensino, hã… porque no liceu, hã…os… professores explicavam uma coisa e o colega de trás começava-me a pedir para lhe explicar outra vez. O que tinha acabado de ser explicado. E comprei uma guerra com um professor de matemática, dessa forma, porque… ele tinha acabado de explicar e o colega de trás já me estava a espetar o lápis nas costas para eu lhe explicar e, portanto, eu virava-me para trás e explicava-lhe o que tinha acabado de aprender. E o professor virava-se para mim a dizer: “afinal quem é professor aqui, aqui nesta turma?” E, portanto, uma vez, outra vez e outra vez, comprei uma guerra com ele por causa disso. Hã… mas, em contra partida a professora de biologia, cativou-me para a biologia, portanto, acabei por enveredar para o ensino de biologia, por causa… por causa disso, portanto, logo a partir do ano do nono ano… ciências era claro! Porque eu não gostava de letras, não gostava de línguas estrangeiras, não gostava de filosofia. Hã… que era ciências era claro, agora… humm… que carreira em particular, era a dúvida. Ainda fiquei, hã… tentada pela veterinária, mas… depois começava-me a imaginar a tratar de aviários e ia morrer estúpida no meio daquelas galinhas todas e, portanto… hã… optei pelo, pelo ensino de biologia.

E: Na escola, em que atividades coletivas é que se envolveu?
MARIANA: Na altura não havia grande coisa, sabe. Na escola, na altura não havia clubes, hã… não havia nada de particular, havia só… quando tínhamos furos ou feriados como nós lhes chamávamos, quando o professor faltava, simplesmente juntávamo-nos no a… no logradouro das escolas e ficávamos à conversa. Não havia… hã… não havia outras alternativas, ou era ir para a biblioteca estudar, ou era ficar a conversar com os colegas. Se alguém tivesse levado uma bola, ainda se podia jogar alguma coisa, senão, não podíamos dispor do material desportivo da escola, porque estavam a decorrer aulas de educação física. Portanto, ou era conversar, ou era ir à… à, não era fácil sair da escola, nós não estávamos autorizados a sair da escola, portanto… havia alguns colegas que conseguiam sair, ia à pastelaria comprar, uns suspiros, ou uns rebuçados, ou… mas não…. era ficar no logradouro da escola a conversar. E ainda nos damos, talvez por isso, os colegas do… do décimo, do décimo primeiro ano, ainda hoje nos encontramos todos os anos, a relembrar esses feriados, que… em que convivíamos.
E: Nessa época e na escola, na escola secundária, hã… recorda-se de alguma situação ou de algum acontecimento que tenha presenciado e que tenha considerado injusta, tenha provocado algum sentimento de revolta?
MARIANA: Sim, houve essa situação com esse meu colega, que, que trabalhava no talho. Hã… foi logo uma situação… que revoltou toda a turma, não era só a mim. Hã… revoltava-nos a todos, a certa altura achávamos que ela só não poderia… só podia atuar assim se não soubesse realmente que, que ele trabalhava. Hã… de resto, o…o que me revoltava, era mais em casa, porque o meu pai era muito autoritário, estava em casa e hã… e, no entanto, nós tínhamos de ir fazer tudo, todo o trabalho doméstico tinha de ser feito pelas mulheres. Enquanto que ele, estava… como estava desempregado, estava em casa. Portanto, poderia perfeitamente… hã… ter… fazer mais alguma coisa, digo eu. Portanto era uma coisa que sempre me revoltou, a diferença entre homens e mulheres, principalmente porque a minha mãe trabalhava no hospital, hã… e eh!… E depois, ainda vinha dar aulas em casa para o parto sem dor, hã… ainda vinha trabalhar… aquilo que o meu pai podia ter feito, fazer o jantar, adiantar o almoço, enfim… coisas de… domésticas, digamos. E, portanto, ela tinha três empregos, ele não tinha nenhum, e isso revoltava-me. Talvez venha daí o meu lado feminista, não sei.
E: Foi para o ensino superior, não é?
MARIANA: Depois fui para o ensino superior e daí é que despertei para a… para, para as áreas mais ligadas a ambiente, sim.
E: Alguma vez interrompeu os estudos ou fez tudo seguido?

MARIANA: Hã… não, eu comecei, portanto, entrei em biologia, mas depois entrei em biologia em Vila Real, hã… e, portanto, não tinha muito sentido, porque havia o mesmo curso em Braga, pedi transferência para Braga no ano seguinte, mas perdi imensas cadeiras, portanto mandaram-me novamente para o primeiro ano. Hã… o que, também não foi muito simpático, não é? Portanto, andei depois com cadeiras… do primeiro e do segundo ano, porque havia cadeiras anuais, cadeiras semestrais, foi uma grande baralhada, porque a meio do ano, mandaram-me para o segundo ano, hã… e portanto, a partir daí andei sempre com cadeiras sobrepostas, o que… dava muita confusão, porque tinha de lidar com duas turmas, não é? Com, com colegas de dois níveis… e, entretanto, é que…hã… a tirar por exemplo curso de jornalismo, dentro da, da Universidade do Minho, hã… portanto a frequentar outras… lá está, os ditos clubes que não havia no liceu e começaram a aparecer, na… no curso superior.

E: Portanto, era o ensino público, era universidade pública, ou era privada?

MARIANA: Sim, sim, a Universidade do Minho, sim, sim.

E: Saiu de casa dos seus pais para ir estudar?

MARIANA: Portanto, saí da casa dos meus pais em Braga, para ir para Vila Real, um ano. Depois voltei para Braga. Portanto fiquei na casa dos meus pais, outra vez.

E: Como foi essa experiência?

MARIANA: É assim, o ano em que estive em Vila Real, foi ótimo em termos de amizades, em termos de, de… de aprender a cozinhar, de aprender a gerir o dinheiro, etc, mas, como não tinha aulas à sexta, eu na quinta-feira à noite, já me vinha embora, portanto era meio… era quase meia semana cá, meia semana lá. Portanto, na quinta feira à noite vinha de comboio para Braga, e… e voltava no domingo, porque tinha aulas na segunda de manhã. Portanto, foi um ano assim, que passou a voar, não é? Em Braga, claro que como estava em casa dos meus pais, fiz muito pouca vida académica, enquanto que em Vila Real, hã… fiz mais. Estávamos numa casa partilhada por três do mesmo curso, portanto, encontrávamo-nos muito mais com os amigos, apesar de não haver muita vida académica, naquela altura, agora sim, mas na altura não. Hã… acabei por viver muito mais a vida académica em Vila Real, do que… do que em Braga.

E: Houve algum tipo de constrangimento financeiro ou não, durante os seus estudos?

MARIANA: Não, não, depois… entretanto fui fazer outro curso. Portanto o curso… não foi… a (impercepítivel), na medida em que, apesar de ter feito o ano em Vila Real, depois vim para Braga, teve, teve esse problema, da… das equivalências, hã… a certa altura, hã… resolvi começar a dar aulas, com… portanto, na altura era

possível, havia muita procura de professores, hã… e comecei nos mini concursos, como lhe chamavam na altura, comecei a dar aulas. Portanto, ainda licenciada, portanto, daí, dois anos, um ano em Braga depois outro ano em Famalicão, hã… o que fazia com que tivesse cadeiras, não é? Aulas, práticas ou teóricas, hã… e… e tivesse de dar aulas, não é? Portanto, durante dois anos, fui professora e aluna. Hã… e, entretanto, já estava desmotivada com o curso, que o curso era todo de decorar e eu via os meus colegas a copiarem, à descarada. Hã… do género de levarem uma cábula com todo o conteúdo da, da cadeira, hã… e… hã… e tirarem altas notas, não é? E eu, como… sabia que ia ser professora, não podia copiar porque senão, não podia evitar depois que os alunos copiassem, não tinha moral, não é? Portanto… hã… houve anos que as cadeiras se arrastaram, porque os outros faziam dessa maneira, e como a cadeira era toda na base da memorização, eu nunca gostei de decorar, hã… tive mais dificuldades em fazer a cadeira porque não entrava no sistema. No sistema do copianço, não é? Hã…e… hã… e portanto… arrastou-se o curso e entretanto, lá está, fui dar aulas. Mas, hum…num, nesses entretantos é que entrei para a ONGA. Que entrei para a ONGA a partir dos meus vinte e um anos, antes disso, estive nos Amigos da Terra, hã… entrei para a Amnistia Internacional, portanto, comecei a… a ter muitos outros interesses, não é? Hã… ia muitas vezes a Lisboa, a Aveiro, a Coimbra, etc, para, para reuniões com eles, formação, etc, com uns e com outros, hã…hum… e hã… e portanto as disponibilidade de tempo também não era muita, não é? Na… nessas, nessas correrias, com a ONGA, começamos a ter programas de rádio semanais, aqui em Braga, as rádios locais, que ainda era uma novidade na altura, hã… e eh!… E, portanto, eram afazeres, eh!… Constantes e eh!… E com este interesse pelo ambiente, cada vez tinha menos interesse pela biologia, não é? Porque, entretanto, já tinha experimentado ser professora e davam-me as piores turmas, não é? Os professores, que eram, os últimos a ser colocados, ficavam com as piores turmas, ou seja, quem menos tinha experiência, tinha as turmas mais complicadas e portanto, isso desmotivou-me do ensino, as duas questões, o ter, o ver os outros a copiar e serem professores no final e por outro lado, hã… a ter turmas tão complicadas, hã… começou-me a desgastar imenso e… e cada vez estava mais fascinada pela questão ambiental. E foi nessa altura que… li num jornal que havia uma reunião no Porto, em que ofereciam, portanto, uma Universidade Britânica, oferecia hã… hum… a, o curso, portanto, na Grã-Bretanha, e eu fui, então, saber informações, mas vim desiludida, porque só pagavam as propinas. As propinas lá, eram caríssimas, não é? Portanto era muito dinheiro, mas… mas só as propinas não me chegava e não ia pedir outro curso aos meus pai, não é? Hã… mas eles ficaram

intrigados, porque é que, o que foste fazer ao Porto, eu tentei enrolar a dizer que… fui tratar de assuntos de ambiente, não deixa de ser verdade, mas não era a verdade toda. Hã… mas eles insistiram e eu acabei por dizer, "olha passou-se isto assim e assim, fui ao Porto, saber do… há então uma, uma universidade que está, a oferecer as propinas, por causa da Comunidade Europeia, então… está a oferecer as propinas, mas… hã… fica muito caro". Portanto havia já presentes, dois alunos, que já tinha feito o primeiro ano lá e que vinha falar da sua experiência, de… de portugueses que tinham falado da sua experiência, mas nenhum do meu curso, eram de engenharia mecânica, hã… e que, um deles era de Vila do Conde, ora o meu pai é de Vila do Conde, tem lá família e eh!… Ele disse: "ai, não há problema nenhum, vamo-nos encontrar com esse… com esse teu conhecido de Vila do Conde, que eu tinha ficado com contato, vamos fazer contas, a ver… o que é que ele diz. Tu não estás a gostar do… do curso de biologia, nem do ensino, portanto vamos ver o que é que ele diz, a ver se é economicamente… pagarmos o resto, ele pagam as propinas e vemos se nós podemos pagar lá"… e assim foi, reunimo-nos lá com esse esse rapaz que ainda hoje é meu amigo, e eh!… E ele esteve a fazer, a fazer as contas, a mostrar por A mais B, o que é que gastava mensalmente, viagens, estadias, alimentação, etc, etc… e pronto, e o meu pai… eh!… Os meus pais, depois disseram-me: "vais tentar, vais experimentar, hã… tens uma semana" - porque, entretanto, eu tinha concorrido para os miniconcursos, não é? Porque, o terceiro ano consecutivo, hã… e depois saiam os resultados dos mini concursos, onde eu tinha de me apresentar na escola, se voltasse, para Portugal, tinha de me apresentar na escola, hã… ou então, ficava na Grã Bretanha, porque eu só tinha tido três anos de inglês, três anos de inglês, ou seja, o sétimo, o oitavo e o nono, o resto tinha sido francês. Ora eu já estava com vinte e quatro anos, onde já estava o sétimo, o oitavo e o nono, não é? Eu nunca tinha gostado de línguas, portanto, hã… a primeira dificuldade era perceber os professores, e então, assim foi, foi uma semana, por acaso só não incluía um professor, mas era genérico, porquê, porque inglês e isto era o País de Gales, o professor era galês e até os britânicos que não fossem galeses, não percebiam, portanto estava em pé de igualdade. Hã… acabei por ficar, portanto fiz, eh!… Três anos na Grã-Bretanha e um ano em França de estágio e, portanto, fiquei com… duas licenciaturas, entretanto. Portanto, quando voltei nas férias de verão, fui fazendo as cadeiras que faltavam de biologia, do curso da Universidade do Minho, foi a primeira vez que a Universidade do Minho, se deparou com uma aluna, que era, aluna em duas universidades europeias em simultâneo, hã… foi uma novidade para eles, eu tive de os confrontar, dizer: "mas é possível, eu estar inscrita em duas?" e eles "não, não há nada, realmente não há

nada que te… que te impeça, não é muito normal, mas…" (risos) eu já tinha feito as cadeiras práticas, por causa que era ser tudo, decorado, não é? Faltava-me alguns exames, e, portanto, durante as férias de verão, portanto, em junho eu acabava na Grã-Bretanha, de exames… fazia os exames lá e vinha, e fazia os exames cá, em julho. Ou então, em setembro, antes de ir para lá. Portanto, andei uns anos a fazer… dois cursos, em simultâneo. Portanto, em engenharia do ambiente, surpreendente, não é? (risos)

E: Há bocado, falou-me da influência do professor, da professora, para além disso, sentiu alguma coisa, como é que decidiu que queria estudar, biologia?

MARIANA: É assim, hã… hã... a área em si, hã… ciência em si, fascinava-me, não é? A vida, a natureza, em geral, era algo que me fascinava, e depois também não havia, o leque que há hoje, de opções, não é? Nós, não eramos confrontados com mil e um cursos de… de opções que, que… como hoje, hã… portanto, era um bocadinho, hã… se vais para a área X, hã… sais sei lá para a área de… de letras ou vais para economia…eh!…Eh!… Ou então, parte mais de economia, senão vais para professora, vais para direito, ou vais para professora de línguas, ou vais para direito, ou vais para… não havia tantas opções, portanto um leque tão grande, não é? Portanto, automaticamente, hã… se fosse para ensino, era para biologia, porque, era de biologia que eu gostava, não é? Hã… na altura nem se quer me confrontei com a hipótese de engenharia do ambiente, nem… pronto, não havia esta… esta orientação que há hoje, nas escolas, em termos de carreira e, portanto, nós só sabíamos um bocadinho das carreiras e das áreas que as pessoas à nossa volta tinham, e… e eu não tinha ninguém da engenharia do ambiente à minha volta, portanto, nem sequer sabia que existia essa área. Portanto, hã… já tinha posto esta duas opções, ou veterinária ou… hã… saúde não, saúde pura e dura, enfermagem ou medicina, não. Talvez porque a minha mãe fez um bocadinho de campanha para não, não seguirmos essa área, porque era muito sacrificada, hã… medicina também nunca quis e nem sequer tive apetência, porque era… era notas elevadíssimas, já na altura, hã… e hã… e, portanto, restava um bocadinho essas duas áreas, não é? Biologia, não havia outras, muitas opções a não ser ensino, porque investigação na altura, nem se falava, portanto, hã… só, só tinha essas duas, veterinária ou hã… ou biologia e ensino.

E: Hã… portanto, chegou até ao grau da licenciatura, na altura, não era, as duas, não, foi nem para mestrado?

MARIANA: Sim, portanto, cá era o curso com cinco anos, não é? Licenciatura, hã… e lá eram quatro anos, lá fora.

E: Há bocado falou-me que começou a dar aulas, ainda durante, ainda estudava, quando é que começou a trabalhar?

MARIANA: Portanto, comecei a dar aulas, com vinte e três, portanto atrasei, com essas coisas da transferência… vinte e três não, vinte e dois, vinte e dois, assim é que é. Portanto, fiz, fiz eh!… Com vinte e dois anos… eu tinha alunos da minha idade, porque comecei logo a dar décimo primeiro ano, tinha alunos, hã… com a minha idade. Hã… mas… mas sim, tinha, tinha vinte e dois, comecei a dar aulas com vinte e dois.

E: Para além do ensino, teve mais empregos?

MARIANA: Cheguei a trabalhar na, na ONGA, uns meses, na ONGA de Coimbra, hã… e depois vim para a Câmara de Braga, agora já estou há vinte anos na Câmara de Braga, com as duas áreas de formação, portanto já deixei o ensino há bastantes anos. Dou aulas, mas de ambiente. Dou aulas nas escolas, mas vou, como convidada, dar aulas de ambiente, não é? Portanto, faço um misto. Sou professora sim, mas não tenho problemas disciplinares que os professores têm, foi o que me fez abandonar o ensino. Foi a questão disciplinar dos alunos, eu gostava de dar aulas, tanto é que ainda hoje dou, mas não gosto de ter de chamar a atenção ao Manel, à Maria, ao José, porque não estão atentos, e… para estarem quietos, e para estarem calados, e para…(impercetível), não tinha paciência para isso.

E: Passou pela experiência do desemprego, ou não?

MARIANA: Estive desempregada, três meses, mas estive a fazer traduções, portanto, estive desempregada porque estive em casa, mas… em contrapartida estive a fazer traduções, automaticamente, não estive parada, não é? Nunca estive parada.

E: E… como que se sentiu durante esse período em que esteve, desempregada?

MARIANA: Hã… fazia uma certa confusão, por isso que eu admiro os desempregados, como é que conseguem, porque… fazia-me muita confusão não ter… uma rotina, um horário, hã… e portanto, tinha-me de forçar a ter… um horário estabelecido, mas eu sempre fui muito notívaga, ou seja, sempre trabalho melhor à noite, quando era para estudar, fazia dira… diretas, porque durante o dia, não me conseguia… hã… não me conseguia concentrar, havia sempre, ou o telefone tocava, ou a televisão que dava um programa que me, que me agradava ou… alguém quem chegava, e portanto só à noite é que eu conseguia realmente, mergulhar a fundo, nos, nos temas. Hã… automaticamente, a tradução também era a mesma coisa, por isso, era-me difícil, ter uma rotina…eh!… Típica de um trabalhador, das nove às cinco, não é… quando eu trabalho melhor à noite. Portanto, eh!… Foi, foram três meses um bocado complicados a esse nível.

E: Participou em algum tipo de associativismo académico?
MARIANA: Não, só, só… estive em… hã… perdão, em agrupamentos, mas… que, ou era para organizar ou… o curso, ou a o… o cortejo, que fazia parque aquele ano, não é? Fazer o carro alegórico do, do curso, hã…ou a… ou então, hã… em atividades que organizávamos mas, era um… saídas para ir visitar o parque… pronto, o parque natural X, coisas assim do género, mas não propriamente em termos académicos de… da associação académica, não, nunca fiz parte.
E: Porque é que não participou?
MARIANA: Era muito de vida noturna, não… nunca me cativou, era… hã… pronto, saí uma vez ou outra comos amigos da turma, mas hã… nunca me… nunca me chamou, hã… não bebo cerveja, o pessoal… toda a gente bebia cerveja, eu não gostava nem do cheiro. Portanto, hã… nunca, nunca fui muito para a, para a vida académica, e depois também estava na casa dos pais, não é? Portanto não era muito propício, o meu pai não permitia essas coisas (risos).
E: Participou em, já me falou nisso, em algum movimento social, fez voluntariado, participava em alguma associação?
MARIANA: Sim, comecei rapidamente a fazer parte da ONGA, logo que entrei para a… como eu digo, estive nos Amigos da Terra, mas foi pouco tempo, quer dizer, como associada foi bastante, mas hã… em termos mais de dirigente não, foi pouco tempo, hã… a ONGA entrei e rapidamente… fui integrada na, na direção, portanto, hã… estive muitos anos na direção da, da ONGA Braga, e ainda participei em internacional também, mas era um grupo de trabalho só.
E: E porque é que se envolveu, porque começou a participar?
MARIANA: Na ONGA… na ONGA, comecei a… a participar porque, o tema interessava-me, o ambiente, e as pessoas tinham pouco tempo, e, portanto, rapidamente passavam a batata quente, literalmente, os mais novos. Hã… e, portanto, hã… foi, e também, também foi uma oportunidade na, na faculdade porque eramos vários de biologia, não é? Colegas meus, hã… que nos tornamos sócios, automaticamente começamos a fazer atividades entre nós, hã… e começamos então a… é como digo, a fazer o programa de rádio, que tínhamos que preparar todas as semanas, não é? Os textos e depois a leitura, dos textos. Hã… e, eh!... e fazíamos saídas, e íamos conhecer os Gerês, e íamos conhecer a Serra da Estrela, ou seja, saíamos para conhecer espaços naturais que era uma das vantagens de estar na ONGA, que havia várias saídas, hã… na altura, hã… coisas organizadas a nível nacional, etc, que… e que a nós nos permitia, conhecer o país também.
E: Porque é que lhe interessava o ambiente?

MARIANA: Entretanto, cada vez mais, hã… menos a biologia, pura e dura que era toda de decorar, mas cada vez mais o intercâmbio entre os vários meios, não é? O que era na realidade era o ambiente, hã… e foi, foi um assunto que cada vez mais me foi cativando, hã… e… e, portanto, a curiosidade de saber mais e mais.

- **Fim da primeira sessão**
- **Início da segunda sessão em 12/08/2020 através da plataforma ZOOM.**

E: Para si, o que é ter qualidade de vida?

MARIANA: Ter aquilo que é essencial para a pessoa, seja lá o que for. Para mim, em particular, é… é poder andar a pé, sem precisar de viaturas, sem precisar de transportes públicos, para, para me deslocar… aos sítios, onde vou, diariamente. Hã…poder dormir bem, portanto, não ter barulho de vizinhança, hã… ter natureza nas proximidades, hã… ter boa relação com vizinhos, ter amigos por perto e família, e claro aquilo que é essencial a qualquer ser humano, comer bem, hã… ter uma… um… condições confortáveis em termos de casa, para mim é essencial, também ter disponíveis, livros em quantidade e qualidade. É por aí.

E: Hã… já abordamos esta questão, superficialmente, tem alguma crença religiosa?

MARIANA: Não, nenhuma.

E: Porque que… porque é que não tem?

MARIANA: É assim, fui criada como… como católica, mas nunca tive qualquer fé, hã… porquê, não lhe sei dizer… porque tive tudo para ter, não é? (risos) Hã… até, tentativa de lavagem ao cérebro, mas… hã… nas, talvez por ter seguido ciências naturais e, portanto, conseguir justificar a existência da vida, sem precisar do… da… de me basear num deus, hã… não acredito, não acredito em… em qualquer… e… e pronto, acredito que seja mais fácil viver tendo crenças, hã… na medida em que as pessoas num momento de desespero têm a quem recorrer, enquanto que quem não crê, não tem (riso). Hã… mas, não tenho, não tenho qualquer fé.

E: Olhando para si, consegue identificar quais são as suas melhores qualidades?

MARIANA: Humm… (momento de reflexão), sei o que as pessoas dizem que são, agora… olhando para mim, não, não vejo nada de mais, dizem que sou organizada, que sou, hã… que… que tenho espírito de iniciativa, que… que, que tenho boas relações, ou seja, que faço um esforço para manter, por exemplo, os amigos por perto, manter-me em contacto com eles, etc… mas, eu para mim isso é normal, não acho que sejam qualidade porque é o básico, digamos, considero que isso é o… digamos a base e não algo que se destaque, uma boa qualidade é normalmente uma coisa excecional, uma

coisa acima da média, olha para mim e isso é normal, portanto não considero que seja, que seja nenhuma qualidade excecional.

E: E… consegue identificar o que menos gosta ou aprecia?

MARIANA: O que menos gosto em mim, primeira, ser muito lambareira, (risos), muito lambareira, o que me faz engordar e, portanto, não ser fácil em termos depois de… quando me apetece caminhar, etc… torna-se, torna-se mais difícil. Hã… considero que por vezes me dou muito à preguiça, ou que será, será um defeito, hã… também porque gosto muito de ler e automaticamente se estou a ler, não estou a fazer outras coisas, não é? Hã… que mais assim, hã… se me pisam os calos, tenho mau feitio, não me… não me fico, como se costuma dizer, não é? Portanto, hã… posso não, não dizer as coisas, se as coisas estão a um ambiente mais ou menos bom, mas se… se me pisam muito os calos, acaba por sair aquilo que eu estava a tentar não dizer. Hã… apesar da…da quem me rodeia ser mais teimosa ainda que eu (risos), posso-me considerar teimosa… pronto, serão assim os, maiores defeitos.

E: Que coisas são mais importantes para si agora, não tanto em termos materiais, mas…

MARIANA: Amizade, é, é assim a coisa que eu mais valorizo, mais do que o amor, etc, é a amizade, em termos… é… é das coisas que eu, que eu mais valorizo e, portanto, que, que eu mais tento preservar, hã… e, e depois o… nas relações entre as pessoas, acho que o respeito é a base de tudo, portanto… eh!… Será assim, um valor prioritário, digamos. Tentar manter, manter o respeito pelos outros e… que eles tenham respeito por mim.

E: Eu ia-lhe perguntar a seguir, o que é que eram… relativamente, propriamente aos valores, mas neste momento, não é tanto em termos materiais, mas em termos, por exemplo de projetos, ou…algo que esteja na sua vida que…

MARIANA: É assim, para além dos valores, são o que… que realmente, eu, eu acho essencial são… é o ambiente, a natureza, porque sem isso, não é possível a vida humana, não possível a vida, ponto final, hã… e portanto, daí ser, ser uma… uma causa para mim, hãh… o ambiente, e… tanto é que levei, a nível profissional, com as duas licenciaturas que tenho, não é? Portanto, natureza e… subjacente à biologia e ambiente, a hegemonia do ambiente, portanto, foi, foi… é algo que eu… que eu respeito muito e que acho essencial, porque é base de tudo. Senão, assim… sem serem valores matérias, são, são esses, é realmente o ambiente… é que é, é que é essencial.

E: Portanto, estas coisas que são importantes e estes valores, porque é que… consegue identificar porque é que são importantes, para sim?

MARIANA: É assim, eu creio que são… primeiro pelo… por o meu percurso de vida, pela minha opção de, de seguir biologia primeiro e depois me terem, digamos encantado

com o tema do ambiente, mais em particular, hã… e portanto, acabou por e… de alguma forma, conduzir a, a minha vida, não é? E automaticamente, tenho mil e uma atividades relacionadas com essas áreas e como tal, está muito embrenhada na minha própria vida, não é? Hã… daí que… cada vez mais, hã… uma coisa leva a outra, o gostar lá vai embrenhar mais e o embrenhar leva a gostar mais e… portanto é um ciclo vicioso, no sentido positivo do termo.

E: Portanto, são os valores do respeito e da amizade, os mais importantes para si na vida, ou tem mais algum, essencialmente são esses?

MARIANA: Hã… a solidariedade, mas que venha, vem um bocadinho subjacente a esses, não é? Mas… mas nem sempre, se consegue, pela solidariedade elevar as outras pessoas, porque às vezes isso é manipulado e mal usado, etc, portanto, eh!… Se tivermos respeito por outros, à priori também acabamos por nos ajudar, porque… ao respeitar, queremos o bem deles e automaticamente, eh!… Se pudermos, vamos ajudá-los. Portanto, uma coisa vem… associada à outra.

E: O que significam para si, os valores verdes, os valores da defesa do ambiente, e aqueles que estão ligados à própria crise ecológica e perda de diversidade, que significado tem para si, atualmente na sua vida?

MARIANA: Hã… é a base de tudo, como digo, é a base de tudo, eh!… Na medida em que… é a base da vida, por um lado, eh!… E por outro lado, é base da minha vida profissional também e da minha vida associativa. Portanto, acaba por, por estar muito presente na, na minha vida pessoal. Hã… portanto o ambiente é algo, que… neste momento, não tenho atividades, eh!… Não tenho atividades de voluntariado, mas… eh!… Prontos, estamos no verão, automaticamente, não é, não é fácil organizar atividades quando as pessoas estão de férias, hã… mas a nível profissional, continuo a trabalhar nesse tema, portanto é um tema que… ao fim de semana e à semana, estão sempre presentes, porque à semana estou a trabalhar e ao fim de semana, estou com as associações, estou com a associação de ambiente, portanto automaticamente é algo que todos os dias… está presente na minha vida.

E: Como é que decidiu, defender o ambiente?

MARIANA: Era como comecei a contar no outro dia, primeiro… no liceu era a biologia, não se falava em ambiente ainda, não fazia parte dos conteúdos programáticos, hã… depois… dentro da biologia, comecei… a interessar-me mais, pela área da… da preservação. Hã… e, portanto, acabei por me interessar… eh!… Por associações de ambiente e ao eh!… Ao envolver-me com elas, comecei a conhecer mais, o ambiente do nosso país, os problemas e os sítios paradisíacos que temos em termos ambientais, mais ou menos preservados, hã… e a partir daí, eh!… Foi-me cativando cada vez mais e preocupando cada vez mais e… e… fui-me apercebendo do potencial que havia de

trabalho a fazer, da necessidade que havia de… de unir esforços, hã…e, portanto, acabei por me, por me envolver como voluntária e como, e como hã… portanto, digamos hã… não sou uma voluntária participante, mas… organizadora, digamos.

E: Segue política?

MARIANA: Não, política, eh!… Pronto eu tenho muita dificuldade em separar a política do… partidarismo, e… estando a trabalhar numa câmara hã… o partidarismo, está presente em toda a hora, a toda a hora e minuto, não é? Portanto há uma saturação, mas mesmo antes, nunca, nunca me atraiu. Hã… porque há muitos interesses, hã… e, portanto, não é uma área que me… que me cative, hã… mas, mas claro, a política é muito mais do que partidarismo, não é? Portanto, política ambiental sim, hã… as outras tenho muita, muita dificuldade em seguir porque também hã… quando uma pessoa se especializa numa determinada área, ou gosta muito de uma determinada área, hã… os outros temas são tão vastos que é difícil aprofundar muito, não é? Não somos, não somos, como antes, as pessoas poderiam ser, quase bibliotecas, eh!… Porque o conhecimento era relativo, era pequeno, era reduzido, mas… cada ano que passa é cada vez mais vasto, é, é impossível dominar tudo, e… e, portanto, preocupo-me mais, com o ambiente por um lado, hã…e com a… com a questão humana por outra. E… e fico por aí, não me envolvo depois noutras, noutras áreas mais… mais específicas da política que… tem de ver, muitas vezes com o partidarismo.

E: E relativamente ao contexto político atual, tem alguma ideia, tem alguma… consideração?

MARIANA: Hã… sinceramente vou ouvindo só, mas não, não vou…acompanhando grandemente, eh!…Tanto é que depois quando chega a altura das eleições, sinto-me na obrigação de votar, porque… acho que foi algo que…que implicou muita, muita luta, muito esforço dos anteriores, eh!… Primeiro a… para todos termos direito a… a voto, nomeadamente as mulheres, há muitos anos atrás, eh!… E, portanto, perder esse direito, é algo que é inconcebível, mas… votar de forma consciente torna-se… complicado quando não se acompanha, não é? Hã… e… e tendo consciência que eu voto, no meu outro voto, um voto consciente pode ser anulado pelo inconsciente, hã… é particularmente complicado… eh!… Votar, e portanto, nos… nos últimos dias antes das eleições tenho de fazer um esforço acrescido para, para me por a par, para poder votar de forma minimamente consciente.

E: Portanto, vota sempre?

MARIANA: Realmente não é uma área que me cative.

E: Vota sempre?

MARIANA: Hã… voto sempre.

E: E, consegue identificar-se no espetro político ou, ou não liga mesmo?

MARIANA: Não, não ligo mesmo, ainda hoje falava com um colega que é assessor político, que é meu colega de gabinete e... eh!… E ele me dizia…hã…tal, tal… falava-me de um político qualquer, já não, já não me recordo do nome, hã… local e eh!… E a certa altura depois dizia:

- “Ah! E tal, não sabe, esse, esse é do Chega e tal.” - E eu:

- “Olha… realmente não me diz nada, o nome, pronto dizia-me qualquer coisa, mas não estava a associar” - hã… e ele:

- “Ah! E tal, tem uma, tem uma área política de, de opção.” - E eu:

-”Olhe nem por isso, voto mais nas pessoas do que… do que nos partidos, porque realmente… chego à conclusão que eles são todos iguais.” - Portanto, não me… não me identifico particularmente com… com um pronto, tenho mais tendência para centro de direita, hã… por razões ideológicas, na medida em que acho que, a esquerda acaba por não funcionar, é tudo muito bonito na filosofia, mas na prática não funciona, hã… mas depois as escolhas são… tornam-se mais complicadas a não ser pelas pessoas e hã… quando são próximas, é mais fácil agora quando é… são mais distantes, hã… a máquina política pode-nos manipular muito facilmente, não é? E, portanto, é mais difícil fazer a separação do trigo do joio. Daí que eu digo que é um esforço acrescido na altura, para, para conseguir votar de forma consciente. Mas nem que se vai lá, por uma cruz… pronto um voto nulo, só para dizer que votei (risos). Não, só para ter… para manter a consciência de que realmente todos nós temos de votar, comodidade de ficar em casa, não pode ser mais importante do que ir fazer um esforço, de uns minutos para ir votar. Hã… mas realmente a política é algo que… que não me atrai.

E: Na sociedade, relativamente à sociedade, como a vê, quais são os valores que considera mais importantes?

MARIANA: Hã… (reflexão) antes de mais nada, transparência, eh!… Honestidade… eh!…E lá está, por isso é que muitas vezes a política se torna complicada, não é? Porque não encontro esses valores… eh!… Respeitados, nessa… nos vários, nos vários partidos políticos. Eh!… mas se… mais uma vez, o que está subjacente é o respeito pelo próximo, respeito por, por… seja pelos eleitores, por cidadão em geral, hã… para todos termos o hã…o básico, mas, se todos respeitarmos, todos fazermos um esforço. Agora aqueles que vivem à sombra da sociedade porque exploram, essa sociedade… por isso que eu digo que a solidariedade é complicada porque às vezes leva a que alguns fiquem à sombra da bananeira, hã… se ajudarmos muito, simplesmente não se mexem, porque se podem ter tudo facilitado em casa sem se mexerem, eh!… Portanto é… é difícil essa… talvez seja um bocadinho com os pais educam os filhos, para um é fácil de uma forma, vão tentar fazer a mesma coisa para outro, mas o outro pensa de outra forma completamente diferente e não funciona aquela… aquela ferramenta,

portanto, tem de ser cada caso é um caso, não é? E eh!… E portanto… eh!… para generalizar com o respeito por todos, sendo nós todos diferentes, eh!… O respeito por todos é capaz de levar a coisa a bom porto.

E: Pensou sempre assim, dessa forma? Foi sempre dessa forma que pensou?

MARIANA: Sim, creio que sim. Quando era mais nova, talvez tivesse mais… eh!… Mais… não digo influência, porque também nunca… nunca falavam grandemente na, no assunto, mas… eh!… Mas tenho consciência que na família, havia… pessoas de esquerda, havia pessoas de… mais de direita, mas centro, eh!… Mas… pronto talvez não de uma forma tão clara, mas creio ter pensado mais ou menos assim.

E: Hã… o que é sente quando observa ou vê que esses valores estão a ser atacados?

MARIANA: Hã… revolta, às vezes chega ao nojo, mesmo. Quando, quando a coisa é… demasiado… desrespeitadora, não é? Hã… portanto, não me identifico com eles, e… cada vez menos procuro informação sobre… sobre essa situação, porque isso é que me leva a fugir um bocado da política. Porque realmente, não, não me identifico, acaba por me… por me revoltar, dizerem uma coisa na altura, dizerem outra noutra… hã… acaba por, por refletir que é tudo um jogo de interesses, e, portanto… não me… não me identifico com elas.

E: Imaginemos que poderia viajar para o futuro, como é que gostaria de ver o planeta?

MARIANA: Antes de mais nada com… menos gente. E que, cada pessoa quisesse menos coisas, (risos). Hã…e automaticamente com a natureza mais preservada, mais… os habitats mais preservados, as pessoas mais em equilíbrio com o seu meio, a respeitarem o seu meio, esse…essa seria a situação ideal.

E: O que é que acha, ou o que acha, como é que considera a relação da sociedade atual, como ela está, com o ambiente?

MARIANA: Hum!! (reflexão). As… a maior parte das pessoas só vê o seu umbigo, só vêm os seus interesses e hã… e, portanto… vê tudo a muito curto prazo, na melhor das hipóteses a médio prazo, hã… não tem uma visão à distância e… e… e, portanto, é levado a um consumismo extremo, daí que não estão de forma alguma a preservar aquilo que é de todos, nomeadamente, que recebemos de uns e temos de deixar a outros. E que não estamos a deixar, como recebemos, estamos a deixar pior ainda do que recebemos. Já podemos não ter recebido muito bem, mas já, vamos deixar ainda pior do que aquilo que recebemos. Portanto, não estão a respeitar aquilo que na realidade é de todos. Dos presentes e dos futuros.

E: Para si, quais são atualmente os maiores problemas ou… as maiores ameaças ambientais?

MARIANA: As alterações climáticas, hã… o que vem subjacente depois a falta de água, a… o hã… os recursos de um modo geral a escoarem-se à… a esgotarem-se,

nomeadamente a… a… o solo, qualidade produtiva, a fertilidade do solo, hã… e tudo isso, resulta também de uma exploração excessiva, não só por sermos muitos, mas também porque querermos muito, cada um de nós. Portanto é o esgotamento dos recursos e as alterações climáticas. São a… que levam depois à destruição de habitats, enfim, tudo isso acaba por ser uma bola de neve, não é?

E: Que soluções é que considera adequadas e acredita que estas crises serão resolvidas?

MARIANA: Se não acreditasse, já tinha desistido há muito (risos). Hã… mas que não é fácil manter essa crença, não, hã… se calhar é mais fácil acreditar em deus (risos). Hã… é assim, a minha esperança é que, que realmente as pessoas tomem consciência e… que gradualmente respeitem mais, hã… mas ao sermos cada vez mais, não é fácil. Mas também não é fácil controlar as pessoas, viu-se com a China, não é? Hã… o objetivo filho único, teve efeitos catastróficos em termos sociais, não é? De… de agora termos muitos rapazes sem… sem esposas disponíveis, não é? Enfim, e… e as matanças que foram feitas às raparigas, enfim… hã… é toda hã… é muito complexo, mexer na sociedade é complexo. Hã… ou as pessoas… digamos que… absorvem, assimilam os princípios ou então impostos, estes princípios, é muito complicado. Hã… portanto, se as pessoas conseguirem, hã… aprender a viver com menos, agora força-las a viver com menos, é…. é muito complicado. É muito complicado.

E: Se pudesse, se tivesses esse poder, o que é que mudaria? De uma forma geral?

MARIANA: Primeiro, é… era na base da educação, não é? Tentativa… antes de mais nada e é isso que eu faço, hã… é educação ambiental, hã… pela educação, tentaria convencer as pessoas, claro que nem todas, nem todas se deixam convencer de… dessa situação, da necessidade de todos juntarmos esforços. E depois há outros que dizem: “ah… se já temos aí as alterações climáticas, de nada vale o esforço, porque… porque realmente isto vai levar uma reviravolta mito grande e tal, e…” e enfim, hã… e portanto deixam os braços cair, no sentido: “Ah!… está perdido por cem, perdido por mil, não vale a pena o esforço”. Portanto, tem, tem de ser ali um equilíbrio muito bem feito, eh!… De mostrar às pessoas que é, importante, a colaboração de todos, hã… pela educação ambiental e se… à primeira, à segunda, à terceira, não resultar… aí é que temos de penalizar, penaliza-las das formas mais diversas, desde… como se vê agora, hã… desde o saco plástico que se tem de pagar, mas se calhar pagar mais, hã… a água engarrafada ser bastante mais cara, dado que temos água da torneira com qualidade, enfim, coisas deste género, hã… de maneira que o consumidor, seja o pagador. Hã…por… a mim revolta-me, hã… por exemplo, eu em casa faço a separação de tudo o que é resíduos, ainda tenho minhocas para me comer os resíduos orgânicos, na… na minha varanda do sexto andar, e depois chego cá a baixo, quando vou por o único

saquinho do mês inteiro, ponho, uma coisa, minúscula, só com cabelos e pouco mais, e encontro sacos imensos com garrafas de vidro, misturadas com resíduos orgânicos, misturadas com plásticos, com papel, com tudo, que o vizinho do lado não fez esforço nenhum. Hã… portanto era necessário pagarem os resíduos em função da sua produção, coisa que em Portugal não se faz, não é? Está se a pagar em função de consumo de água e automática não há um estímulo para a pessoa, separar. Porque quem separa, faz um esforço por todos e não é valorizado, portanto era necessário de alguma valorizar essas pessoas, pronto, ou pagarem menos impostos, pagarem menos resíduos, pagarem menos água, efim… hã… verem a melhor forma, mas de alguma forma… valorizar, porque senão, lá está, é o que eu digo de… de…. da esquerda, se… uns fazem esforço, outros não fazem, certa altura todos desistem de fazer esforço, porque, não há, motivação.

E: Quando surgiu a sua preocupação com o ambiente e com a crise ecológica, eh!… Nós já falámos como é que ela surgiu, mudou alguma coisa na sua vida?

MARIANA: Hã… gradualmente sim, não foi uma coisa de um dia para o outro, não é? Gradualmente sim, eh!… Cá em casa, eh!… Eu já, pronto. Lá está, é o que eu digo, economia e ecologia estão muito relacionadas, não é? Hã… na altura, como vivia com os meus pais e… tinha uma… uma mesada, não é? Uma mesada que, que era uma coisa irrisória como é normal, quando se é criança ou adolescente, eh!… Fazia um complemento à minha mesada, hã… vendendo os jornais que o meu pai, lia diariamente. Hã… tenho um armazém aqui à porta da casa dos meus pais, e…eh!…. E então ia vender os jornais. Depois, com as… preocupações ambientais, valorizei mais ainda, já não era a questão só económica, era também a questão ambiental subjacente a esse aproveitamento, dos jornais. Hã… mais tarde numa atividade realizada com a ONGA, hã… comecei então a ter… recebi uma mão cheia de minhocas, minhocas vermelhas da Califórnia e começamos a fazer *vermicompostagem*, claro que… foi difícil convencer a minha mãe, ter minhocas em casa, não é? Mas… mas pronto, mas consegui e… e a partir daí, as minhocas começaram-se a reproduzir, comecei a dar a outros e a passar a mensagem a outros, etc, e quando… saí da casa dos meus pais, levei as minhocas comigo, hã… deixei à minha mãe, mas levei um punhado comigo para… para iniciar o processo na minha própria casa, portanto, eh!… Houve uma, uma gradual adaptação da, da vida a estas questões, quando… quando comprei casa, o primeiro critério era, ser na cidade para poder andar a pé, para não ter de andar de viatura ou mesmo de transportes públicos. Hã… e eh!… E, portanto, todas estas coisas são subjacentes, claro que não, nem tudo é… é perfeito, não é? Não sou fanática ao ponto de não andar de avião, por exemplo, não é? Quando faço a minha avaliação da pegada ecológica, dispara, dispara por causa do número de voos, faça eu o que fizer, todos os esforços

diários, basta um voo de avião (risos) que deita a perder tudo aquilo que fiz, mas se não fizesse era bem pior, não é? (risos) Acumular tudo. Porque realmente gosto muito de viajar e tenho amigos por todo o mundo, portanto acabo por… ter uma… uma tendência a… a viajar bastante. Hã… mas no dia à dia, eh!… Ando a pé, hã... reduzi a… o consumo de carne, hã… como mais, mais proteínas de origem vegetal, enfim, não sou vegetariana, não sou das radicais, hã… porque também considero que se fôssemos todos vegetarianos, hã… havia uma quantidade de espécies que desapareciam, não é? Hã… desde os bovinos aos… às galinhas, etc, tudo isso desapareceria, porque… só nos jardins zoológicos é que veríamos, não é? Enfim, há aí uma quantidade de questões subjacentes, eh!… Mas realmente foi mudando gradualmente, eh!… Pequenas coisas acumuladas e foi mudando e hã… e fui fazendo a cabeça dos amigos, não é? Alguns deles dizem: "Ah! É por tua causa que… eu faço isto, eu faço aquilo, é por tua causa que eu comecei a separar, é por tua causa que eu agora só tenho lâmpadas, de… de… consumo reduzido de energia" - enfim, mil e uma pequenas coisas que… que as pessoas vão fazendo por, por influência, não é?

E: Como é que vê, essa sua preocupação e esse seu posicionamento, com o ambiente, relativamente ao ambiente, em relação à estante sociedade?

MARIANA: Como é que vejo em relação à restante sociedade?

E: Sim, como é que identifica, ou seja, como é que olha para si estabelecendo uma certa comparação relativamente ao resto da sociedade ou das pessoas?

MARIANA: Eu considero que estou neste momento, que estou na mediania, ou seja, hã…há as pessoas que não ligam absolutamente nada e há pessoas que levam ao extremo. Eh!… pronto o meu chefe diria que são os fanáticos, são os fundamentalistas, pronto é o que… eu como digo, trabalho na câmara, pelouro do ambiente e o, e o vereador… hã… às vezes para pegar comigo, chama-me fundamentalista e eu mostro-lhe que, conheço muito mais fundamentalistas do que eu, que… pronto, não comem carne, que não andam de… transportes… hã… grandes consumidores de energia como o avião, que, enfim, que… que… mesmo o calçado, a roupa, etc, é tudo de origem vegetal, enfim, há… há situações levadas ao extremo e eu estou longe de ser desses… extremistas, não é? Portanto, não me considero fundamentalista, por isso é que eu digo que estou mais ou menos na mediania. Hã… nem tanto a um lado, nem tanto ao outro, nem sou aquela pessoa que não faz separação nenhuma, que não se preocupa absolutamente nada com o ambiente, mas também não sou aquela, hã… que estou no extremo, de… de…ter a vida toda condicionada pelo… por preocupações ambientais e não faz nada fora da… dessa caixa. Hã… portanto, talvez o… o mediano.

E: E em relação às pessoas mais próximas de si?

MARIANA: É assim, claro que tenho, pessoas próximas de mim, que são, hã… da associação e portanto, têm mais ou menos os mesmos princípios, e as mesmas práticas, hã… as pessoas de… de outros núcleos de amizade e familiares, hã… claro que eu preocupo mais, quando vou para algum lado, sou eu que ponho os sacos para a separação, porque senão, se calhar ia tudo junto. Hã… sou eu que, quando vamos às compras vejo a origem e não quero, por exemplo, alhos de… de… que venham da Cina, quero os que venham de Portugal, e… e coisas assim do género. Hã… mas já é visto como normal, porque, por fazer parte de uma associação e por trabalhar na área de ambiente, portanto, digamos que sou a ambientalista de serviço (risos).

E: Como é que se sente quando tem conhecimento de alguma situação com impactos negativos, no ambiente?

MARIANA: Revoltada, hã… revoltada e sempre que possível, tento atuar, quando… quando tal é possível. Hã… mas muitas vezes é chover no molhado, não é? É uma coisa que já se conhece, que já se sabe e, no entanto, se mantém assim, por razões… eh!… Diversas, nomeadamente financeiras. Hã… mas, mas não deixa de me revoltar cada vez que… que sei e que tenho de denunciar às vezes a outras entidades, quando não estou no papel de… hã… da entidade responsável pela área, hã… leva-me a… a atuar, portanto, eu… houve uma altura que o SEPNA aqui de Braga, já não me atendia as chamadas (risos). Eu depois tinha de pegar noutro telefone diferente, para eles me atenderem (risos). O que é curioso, ligava do número da ONGA, não atendiam, pegava noutro telefone qualquer, deixava passar uns minutos, já me atendiam e eu: “hum! Curioso” – (risos).

E: Quais são os impactos ou tipo de impactos que a preocupam mais, ou que suscitam mais… reações emocionais, por assim dizer?

MARIANA: Hã… talvez as que tenham a ver com a água, hã…porque, pronto, a partir da água vai parar ao solo e do solo, vai parar aos alimentos, vai parar diretamente através da água à… aos ecossistemas mais diversos, nomeadamente também, a nós seres humanos que… que a bebemos. Hã… a água é da… porque, pronto, para o ar não é tão… normalmente não é tão visível, felizmente já não há tantas, tanta poluição atmosférica assim tão visível, não é? E, enquanto que a água, continua a ser muito, e… e em Braga em particular, estamos numa zona muito, muito chuvosa, portanto, é… é muito fácil haver linhas de água pelo concelho fora. Hã… a água talvez seja das… das mais, das que mais me incomodam apesar de… do ruido, mas, mas pronto, eh!… O ruido muitas das vezes, as pessoas quando escolhem a casa, têm de escolher… se são sensíveis ao ruido, como eu sou, que sou muito chata para dormir… hã… têm de ter um cuidado acrescido, não é? Eu, eu recordo-me de uma queixa, de um professor meu da

universidade, hã… que comprou uma casa numa variante e depois veio-se queixar do ruido. Eu disse:

- “Oh…oh seu professor, vai me desculpar, mas quando comprou o apartamento a variante já estava aí, portanto se estivéssemos a falar de uma pessoa analfabeta, eu ainda compreenderia que só à posteriori se apercebia do ruído, mas um professor universitário, não tantas desculpas, não é? Portanto… se comprou a casa aí, devia… ou feito um teste previamente, dormido uma noite lá antes de comprar ou a… ou então já era de desconfiar que a casa ia ser ruidosa, que ia ter dificuldades em dormir, principalmente no verão se abre a janela, não é? Portanto, não é… não é muito fácil agora mudar as coisas, não é?” – Portanto, o ruido, sem que é extremamente incomodativo, é das maiores queixas que há, em termos… porque afeta diretamente a qualidade de vida das pessoas e uma pessoa que não durma bem, é uma pessoa que não tem qualidade de vida nenhuma, não é? Porque não consegue fazer nada da sua vida, não paciência para nada, não se consegue concentrar, não consegue ter boas relações, enfim… hã… é tudo muito complicado, hã… mas a mim em particular, porque já fugi das fontes de ruído, a que me choca mais é… é a água.

E: Algumas vez participou em ações diretas de protesto, boicotes, manifestações, bloqueios?

MARIANA: Sim, sim, sim… sim, várias vezes, com a ONGA, várias vezes. Não em Braga, desde que entrei para o município, não… não podia misturar as águas, não é? Hã… mas sim, já participei inúmeras vezes, sim.

E: Pode-me falar dessas experiências, como é que se sentiu?

MARIANA: Hã… enfim, desde manifestações contra construção de, de barragens, em linha de água, até à plantação de eucaliptos, hã… até à compra de…madeira exótica, coisas organizadas pelas… pelas associações, não só pela ONGA, mas… por outras plataformas. E que…e que nós estávamos presentes, sabíamos o que é que se passava e estávamos a manifestar. Mas… a manifestar contra, contra essas situações, mas muito mais… não tanto presencialmente, mas mais por, por manifestos escritos, participei muito mais, do que… do que presencial. Porque presencial, muitas vezes era em Lisboa, era à semana, e isso, para mim não era exequível, não é? Hã… mas algumas houve que foi ao fim de semana e foi, noutros sítios, mais, mais acessíveis, eh!… que não Braga e eh!… e participei.

E: Hã… já fez ou faz voluntariado?

MARIANA: Sim, sim, fiz, numa associação e agora estou a fazer noutra, ainda não começamos, por causa do Covid que foi logo em março, que íamos começar e hã… e portanto ainda não começamos, mas devemos começar agora em setembro.

E: É voluntariado de que âmbito?

MARIANA: Da área de ambiente, hã… é uma associação, eh!… De educação ambiental, exatamente, associação portuguesa de educação ambiental, ASPEA.
E: Hã… sei, conheço, conheço.
MARIANA: Mas não faço só voluntariado na área de ambiente. Fazemos na área de… fazemos… algumas das pessoas são comuns, hã… na área da solidariedade também.
E: Há quanto tempo participa em ONGAS?
MARIANA: Ora bem… isso é preciso fazer muitas contas, desde os meus vinte anos, para aí, já estou com cinquenta e três (risos), entretanto… trinta e três, por aí, (risos).
E: E como é que se envolveu logo na participação, envolveu-se logo numa forma ativa ou… como ativista ou foi gradual?
MARIANA: Hã… bem, foi… fui aprendendo, fui… eh!… Descobrindo, não é? Foi aumentado a responsabilidade e a autonomia, hã… mas é assim, as associações normalmente têm tão poucos ativos, que… quando chega o primeiro, o primeiro voluntário, é logo agarrado com unhas e dentes, principalmente naquele caso em particular, quando entrei para a ONGA Braga, as pessoas que estavam na direção, eram pessoas na altura, já com, pronto, devem ter uns vinte anos mais do que eu, hã… portanto, estavam digamos, na… na, numa fase da vida que queriam começar a descansar um bocado, hã… e apanharam uma pessoa com vinte anos, e… és mesmo tu que nos vais… que nos vai dar aqui um impulso. E, portanto, fomos… e eu e os colegas que levei da faculdade fomos agarrados com unhas e dentes para… para pegar na associação, ao final de poucos anos, estávamos na direção. Porque… porque eles queriam é… era passar o testemunho, hã… com rapidez. Porque estavam cansados, eh!… Porque é difícil arranjar voluntários que se exponham a esses cargos, não é? E, e pronto, e foi assim que, que fiquei na direção tantos anos.
E: E, portanto, ocupou um cargo de direção dentro da organização, não foi?
MARIANA: Sim, fiquei como presidente, hã… a atual presidente do núcleo, diz que fiquei mais de vinte e três anos, não sei, como presidente, vinte e três e, portanto, como estive como secretária e como vice presidente já não sei quantos anos, eu nunca fiz contas, mas… é talvez, ande por aí, pelo… perto dos trinta.
E: E como é que se sentiu a desempenhar esses cargos?
MARIANA: É assim, nestas… nestes papéis, desempenhamos o cargo, porque simplesmente ninguém lhe quer pegar. Há aquela pessoa que gosta de estar no cargo e que gosta de aparecer nas fotografias, ou porque gosta de… de, enfim de… se destacar, não é o meu caso, que gosto pouco. Hã… até detesto fotografias, mas… hã… foi porque simplesmente ninguém queria pegar no cargo e, portanto, ou, das duas uma, ou morria a associação, aliás quando eu fui para a Grã-Bretanha, hã… tive de deixar, não é? Hã… quando fui estudar para a Grã-Bretanha deixei a associação e a associação

desapareceu. O núcleo da associação, hã… morreu, foi primeiro ano, foi para Barcelos e, daí nunca mais soube dele, até eu voltar e reativar. Hã… o que foi uma pena, não é? Porque, havia muito trabalho a fazer, mas… pode dizer a culpa também é dos dirigentes, não deixar passar… não conseguir passar o testemunho, mas não é fácil passar o testemunho, porque, como é trabalhoso, as pessoas…eh!… Não, não querem, não é? Hã…e é um trabalho que não se vê o fim, porque como digo a educação ambiental é algo que se tem de fazer todos os dias, porque nunca está feita, não é? (risos) Hã… portanto, eh!… Eu simplesmente fiquei com o cargo, porque, durante uns anos, consegui passar para um, para um senhor… eh!… Que era… era e é, advogado, um senhor que agora já tem oitenta e muitos, hã… mas ele gradualmente, eu era a secretária e ele gradualmente iam-me passando o cargo, ou seja, ele só aparecia para a assinatura de documentos, pouco mais. Hã… e a certa altura ele disse-me:

- "Não vale a pena, estar eu a assinar, porque realmente quem faz o trabalho de sapo és tu" – e, e pronto e acabei por ficar eu a presidente no… nestes últimos vinte e tal anos. Hã… mas… mas a razão é essa, é… eu todas as vezes que fazíamos lista, perguntava:

- "Quem é que quer ficar para presidente?" –

- "Ai não, não, ficas tu, ficas tum ficas tu." – Porque, porque ninguém, ninguém queria dar o corpo às balas, porque é preciso organizar, é preciso… motivar as pessoas, é preciso fazer contatos, pronto, não é um presidente para assinatura, é um presidente, ele faz o… eu fazia o papel de presidente e secretária, não é? Portanto, hã… ninguém queria ficar com esse papel, acabava por sobrar para mim, porque já sabia que se eu não ficasse, não presidente e uma associação, não se mantém sem presidente.

E: Atualmente na ONGA, como é que vê a sua participação em relação às atividades, ou como que se sente em relação a isso?

MARIANA: É assim, a ONGA que eu estive, portanto, a ONGA hã… eu abandonei, portanto houve uma nova direção eleita em julho passado, do ano passado, portanto, tem um ano. Hã… e agora estou na ASPEA, que como digo ainda não começou atividades, não é? Porque era para começar em março, ainda não começou atividades, por isso tenho uma certa dificuldade em falar do presente, porque, o presente não, não existe como, como associativismo, porque possivelmente a partir do próximo mês, hã… vamos manter um bocadinho a linha que seguíamos, que é a educação ambiental, aliás agora é uma associação só mesmo de educação ambiental, que é a ASPEA, não é? Portanto, vamos seguir um bocadinho a experiência que temos de educação ambiental, hã… que a nossa grande aposta na equipa, que transitou, transitou de uma associação para a outra, hã… e portanto as nossa esperança é… influenciar pessoas, nos seus, nos seu hábitos, nas suas práticas.

E: E naquele passado mais recente na ONGA, como é que via a sua participação, nas diversas a atividades, o que é que achava?

MARIANA: A minha participação, os meus colegas diziam-me que era, era… era digamos, o motor de, de… de toda a associação em Braga. Hã… era eu que estabelecia os contactos com os formadores, eh!… Que definia programas, com eles. Depois, estabelecia os contactos com os espaços onde se fazia a formação, divulgava, recebia as inscrições, ia receber os formandos, hã… enfim, só não tratava do pagamento porque não era tesoureira. Porque o tesoureiro é que tinha de… proceder ao pagamento, mesmo assim ainda tinha de assinar, porque…tinha de entrar na conta da ONGA e assinar. Portanto, eh!… Era um bocadinho, o hã… o… digamos o motor da associação e eh!… Que, que marcava as reuniões, que… trocava com eles impressões por mail, eh!… O que é que acham disto, o que é que acham daquilo, pronto… para trocarmos impressões e definirmos estratégias, eh!… Foi a… foi vários anos assim.

E: O que é que representavam para si os objetivos da ONGA?

MARIANA: Era esse esforço, no sentido de sensibilizar as pessoas e de motar mentalidades. Hã… mudar práticas e mentalidades, hã… nós fazíamos formações das mais diversas, mas muito na área agrícola, portanto, agricultura biológica, na área das podas, do, do… da agricultura em si, depois também em particular de fruteiras, enfim, muita formação na área, na área agrícola, eh!… Para levar as pessoas a passarem a consumir biológico. E portanto, automaticamente tomavam opções, biológico é mais caro sim, eh!… Mas, tem um… isso implica um produto de qualidade, implica manutenção do solo, hã… com qualidade, a água com qualidade, portanto, ter menos impactos no ecossistema, hã… e menos impactos na saúde do próprio de consome. E por outro lado… eh!… Claro que está a despender mais dinheiro, mas em contrapartida o que eu dizia às pessoa: “há! Tal, o que vocês podem fazer, é se… o vosso não permite, cortem na carne, porque a carne é das coisas mais caras eh!… ficam com uma margem para comer produtos biológicos em vez de… agricultura convencional, e, portanto, comecem a comer mais, leguminosas” – e, portanto, uma coisa jogava com a outra, hã… claro que não é fácil, mudar hábitos, não é? Hã… principalmente se a pessoa estiver habituada a comer um bom bife, eh!… Mas se começar a comer aquilo que se chama a comida de tacho, não é? Se comer, um rancho, uma feijoada, é mais fácil ter menos carne, num prato desses, do que… quando é uma posta de carne, não é? Portanto, são hábitos que se vão mudando gradualmente e isso…não é preciso recuarmos muito para vermos que os portugueses não comiam, essas postas de carne, não vai há muitas décadas, não é? Portanto, eh!… É um bocadinho… não digo andar para trás, mas ir às nossas, às nossas raízes e… e eramos mais saudáveis, se calhar.

E: Para si, representava… eram importantes, eram um… ações, eram objetivos importantes?

MARIANA: Sim, eram objetivos importantes, porque se mudarmos as pessoas, mudamos os seus hábitos e preservamos mais o ambiente, não é?

E: E como é que via o desempenho, dos outros participantes?

MARIANA: Claro que… nós dava-nos, fazemos a formação e… há pessoas que ficam sensíveis, é curioso que que, muitas das vezes, eu já conhecia os formandos todos, ou seja, eles começavam a ir a uma formação da ONGA e a seguir já iam à outra e depois já iam à outra, ou seja, (risos) eram as mesmas pessoas, curso após curso, muitas das vezes, com a mudança de uma ou outra, não é? Se não faziam num ano, faziam noutro. Muitas vezes repetíamos o mesmo curso, porque havia pessoas que ficavam em lista de espera, etc, mas… significa que as pessoas gostavam, não é? Se as pessoas repetem, repetem, não há o mesmo curso, mas é, é… é um outro curso com a mesma entidade formadora, é bom sinal, é sinal que ficaram minimamente satisfeitos, senão simplesmente não punham lá mais os pés, não é? Hã… e eh!… E, portanto, levou-me a pensar que as pessoas seguiram… ao fazerem vários cursos numa determinada área, eh!… Alguma coisa mexeu lá dentro, portanto… estou convencida que… algumas pessoas terão… terão mudado, nas suas práticas.

E: Mudaria alguma coisa no funcionamento da ONGA?

MARIANA: É assim, o essencial a mudar numa, numa associação de ambiente é conseguir convencer mais pessoas a aderirem, eh!… O que não é fácil, eu tentei inúmeras vezes, hã… porque como, se eu fui cativada numa altura que estava na faculdade pensei: " bem, se calhar há um potencial muito grande aqui na universidade do Minho, para ir buscar novos, novos associados" - e tentamos através da Universidade do Minho, mas não sei se… nós eramos mais idealistas, eh!… Há… há três décadas atrás, hã… ou se… eh!… Ou se os miúdos agora estão desencantados, não é? Não… já não acreditam em nada, não sei, ou são simplesmente, muito comodistas, não sei (risos). Sei que não é fácil, agora convencer quem quer que seja a aderir, eles podem aparecer para fazerem um estágio, não é? O estágio faz parte do curso, estágio curricular, fazem-no, mas depois desaparecem. Portanto, eles podem tirar partido da associação por… e fazem um estágio com ela, mas… hã… em vez depois de se tornarem associados e começarem a aparecem não já como estagiários, mas como… como sócios, eh!… Simplesmente desaparecem. Não sei se é por termos o azar de os apanharmos no último ano e, portanto… entretanto vão à vida deles, não é? Se calhar casam, etc, hã… ou eh!… Ou simplesmente porque… dá muito trabalho.

E: Mas isto em termos de funcionamento da ONGA, como é que… mudaria?

MARIANA: O que faz é com que os ativos, vão envelhecendo, não é, os anos vão passando, e são sempre os mesmos e, eh!…. Aparece um ou outro, que está uns meses e desaparece, hã… não sei… se… por achar hã… cansativo, pronto, as coisas para se realizarem as pessoas têm de reunir, claro, agora cada vez mais é por vídeo conferência, mas na altura era… reunião presencial, hã… bem todas as semanas, às vezes a chover, um frio desgraçado e nós reunirmos à quinta-feira à noite, não digo que não fosse… não era agradável, não é? A mim própria também não era agradável, ter de… depois de já ter chegado a casa há, há um par de horas tornar a vestir para tornar a sair, eh!… E calçar as botas e etc, para… para ir à reunião. E num espaço que… não era simpático, era frio, era desagradável. Hã… tentamos depois passar a ter uma reunião de duas em duas semanas, para não ser um esforço tão grande, e trabalhar os temas mais intensamente, nessa semana, nessa reunião de… de duas em duas semanas, as pessoas baralhavam-se, apareciam na semana em que não havia, não apareciam na semana em que havia, enfim… hã… cabia-me a mim ter de estar a relembrar sempre quando é que era a reunião. O que também não é simpático, não é? Ter de estar sempre a mandar mails a relembrar… a fazer de secretária dos outros. Eh!… E depois o cidadão comum que nos queria procurar… hã… nunca sabia quando é que nós lá estávamos. Porque senão tínhamos de lá fixar na porta, qual era a reunião seguinte. Hã… portanto também não resultou, eh!… Tinha de ser realmente semanal, e… a… e não era, não era particularmente agradável, nos dias… eh!… Que estava bom tempo, etc… sim, mas na altura de inverno, desde… novembro a… a fevereiro, era, era realmente uma fase complicada, todas as semanas ter de ir para a, a reunião, hã… estávamos sempre à espera que… como éramos poucos, se alguém dissesse:

- “Hoje não posso ir à reunião” - E outro:

- “Ah! E eu também não, então também já não há reunião, porque só éramos cinco, se dos cinco não aparecem dois ou três, não vale a pena haver reunião” – Portanto, e eles estavam sempre à espera que eu metesse férias, porque se eu fosse de férias, não havia reunião. Ia dizer:

- “Quer dizer, vocês podem ir de férias e há reunião, eu vou de férias, não há reunião, não é justo” - (risos) .

- “Ah! Mas és tu que trazes os temas, és tu que, que… que vais orientar a reunião, portanto se tu não estás, estamos de férias todos” – Eu:

- “Pronto, está bem” – Portanto, era assim uma situação um bocadinho, caricata.

E: Hã… a última pergunta deste grupo, hã… consiste em que, pronto, eu vou lhe mostrar algumas imagens, fazer uma partilha e ecrã de algumas notícias…

MARIANA: Hum! Hum!

E: Provavelmente irá identificar quais são, hã… e o que eu peço, é que…. me diga o que é que elas lhe despertam, e… o que é que sente ao ver cada uma delas, e o que representam para si, essencialmente e…o que… de que forma é que… tomaria alguma ou… tentaria fazer alguma coisa porque aquela situação em concreto.
MARIANA: Hum! Hum! Ok.
E: Vamos começar por esta (foto n.º 1)
MARIANA: (período de reflexão e análise do texto da notifica e a imagem). Portanto são aves que são… que forma atingidas porquê?
E: Isto foi, não sei se consegue ver, isto é, é a apanha noturna e do olival superintensivo, é o resultado.
MARIANA: Hã…. portanto há, apanha e as azeitonas, mataram as aves, foi isso?
E: Foi a apanha noturna do olival superintensivo e essencialmente, praticamente pelo Alentejo todo, atualmente.
MARIANA: Hã… aqui… hã… é revoltante, na medida que eles estão a atuar de uma forma… hã… ou seja, estão a fazer uma prática que não é usual fazer-se à noite. E, portanto, automaticamente atinge, hã… aves que, foram apanhadas desprevenidas, se fosse durante o dia, não estariam ali, certamente. Portanto o que eles poderiam, era arranjar uma solução, emissão de sons estridentes para os afastar ou algo assim do género, não é? Portanto, eh!… Aos primeiros exemplos, que acontecessem, tinha de tomar uma medida para evitar que se repetisse. Portanto, se soubesse uma coisas dessas, certamente que… entraria em contato, se soubesse qual a entidade, ou então com o ministério da agricultura, no sentido de, de… de os forçar a… a tomar alguma medida nesse… com solução, portanto… fosse qual fosse a forma de evitar que as aves lá estejam. Ou então, passarem a fazer de dia, porque… por razão estão a fazer à noite? Por causa do calor?
E: Ela é feita à noite, não sei… era… isto agora deixou de ser feito porque… houve uma denúncia da ONGA e houve medidas e tudo, houve avaliação e…. e o estudo concluiu que não há solução, tem de se acabar. E as empresas suspenderam a apanha noturna.
MARIANA: Vá lá, pronto, então resultou (risos).
E: Passar à próxima (foto n.º 2)
MARIANA: (pausa de reflexão) pois isto foi um prolongamento muito grande, para ver se chegava a acordo, hã… bem isto minimamente acompanhei, não é? Hã… mas… mas que, que é revoltante que mexe com muitos interesses e nós sabendo que… os Estados Unidos, entre outros, hã… se, se cortaram, não é? E estes acordos, acaba por… ser chover no molhado, nunca… não resulta em grande coisa, quer dizer se os principais poluentes não eh!… Os… os… os principais poluidores não eh!… Não se envolvem, hã… os outros acabam por, por ter muito pouco impacto. Hã… podemos

fazer a nossa parte, mas fica muito aquém daquilo que… que seria se todos estivéssemos a remar para o mesmo lado. Daí que… o que é que, o que é que se pode fazer neste sentido, é… é pressionar, é… é de alguma forma… seja na economia, hã… não consumir produtos provenientes dos países em causa, hã… ou seja, enfim… em termos políticos, o que… já está um bocadinho fora das nossas mãos… mas… mas tentar influenciar para, para que as pessoas… dos seus respetivos países, eh!… Consigam que os políticos, eh!… Abracem. Porque, estamos… estar alguém a lutar num sentido sem juntarem esforços, já não é fácil com todos juntos. Eh!… Se não se juntarem todos, pior ainda. Portanto, acaba por não resultar. Isso é desmotivador para todos.

E: A seguir (foto n.º 3)

MARIANA: Pois… a questão da, das águas, da seca, da… da… dos incêndios, dois mil e dezassete foi um ano fatídico, até Braga foi atingida por grandes, grandes fogos, eh!… Apesar de ser a zona mais chuvosa do país. Portanto, a… a coisa foi transversal a todo o país, eh!… O que é que nos diz isto, a mim o que me chama logo à atenção é… é a questão do, do… dos esbanjar de recursos, e da inconsciência da, da cobertura florestal que temos, ou seja, ter eucalipto e pinheiros no interior do país é daquelas coisas aberrantes hã… mas, os proprietários florestais, hã… para além de não haver cadastro, é o primeiro problema que salta logo à vista, nós não sabemos quem são os donos, hã… há, há a questão de não haver… respeito pelo… pelo serviço dos ecossistemas, não é valorizado o serviço dos ecossistemas, automaticamente, eh!… Se tivéssemos todos a pagar pela floresta que temos, mas agora, se o proprietário florestal tem de tentar tirar algum, algum rendimento do… da floresta que tem, realmente por um carvalho, pode durar muito tempo até ele tirar algum proveito, não é? Mas se tivéssemos nós todos contribuintes a pagar para ele ter lá um carvalho, por causa do serviço dos ecossistemas que o carvalho está a executar, hã… a situação era outra, muito díspar daquilo que se passa hoje. Portanto, há muita coisa a mudar ainda, em termos, em termos florestais, hã… e isso veio-se a repercutir nos ditos incêndios e também na seca, porque… um dos serviços dos ecossistemas é exatamente o, o ciclo da água.

E: E aqui (foto n.º 4)

MARIANA: A questão do lítio, isto é, é tudo muito bonito, ninguém quer o… é a velha história, *not in my back yard*, não é? Nós queremos os, os telemóveis, mas depois não queremos as minas de lítio. Hã… claro que isto também passou por Braga, hã…Braga estava a cidade inteira para ser explorada, porque… a maior parte das empresas, são empresas australianas, são empresas que, para eles, o país é… quer dizer, o país Portugal, é minúsculo em relação à… aquilo que eles consideram ser um país, não é? E, portanto, a zona de Braga, para eles, era… todos o território, era território para explorar com minas, não sabem o que é a cidade de Braga, não conhecem a realidade,

da, do Minho, que é todo, todo tão, tão disperso e tão densamente povoado, tão disperso em termos de… há povoações em tudo o que é cantinho, não é? Portanto não há uma zona, livre como há no Alentejo, sem a, sem habitações. Aqui perto de, há casinha em tudo o que é esquinas, hã… e, e nós na, na câmara tivemos de nos… fui eu própria que redigi o documento para… para nos insurgirmos contra a exploração de… de lítio. Em Braga, portanto, percebo perfeitamente a situação de Montalegre, não é? Claro que Montalegre tem muito menos densidade populacional, hã… mas em contra partida com as experiências que temos, e… e não é muito longe de Braga a… a situação do caulino, por exemplo, que a ONGA de Braga na altura manifestou-se com o caulino em Barcelos, hã… eles exploram e depois deixam as coisas… como ficam, hã… portanto, não só o período da exploração, não traz contra partidas para os locais, porque na realidade, hã… a maior parte dos que vêm, das pessoas que vêm trabalhar são pessoas de fora, hã…e eh!… E depois deixam as coisas num estado calamitoso, apesar da lei agora obrigar, etc., que reponha, *na!Nan!*… Mas é tudo muito bonito no papel, na prática, a maior parte das vezes, fica tal e qual como está, ou porque entrou em banca rota ou… qualquer outra situação, acaba por ficar um estado, parece, parece a lua. Hã… portanto, hã… concordo com o que se limite o mais possível, senão… se proibir completamente, hã… a exploração de lítio, mas… é preciso ver o outro lado da moeda, é também, não descartar telemóveis, hã… cada dois anos, não é? Portanto, eh!… eu falo por mim, o meu telemóvel já tem seguramente uns dez ou doze anos. Claro que toda a gente goza com ele, não é? Porque… não tem as funcionalidades que os novos, mas eu digo, eu tenho de ser coerente. O telemóvel está a funcionar, não justifica deitá-lo fora, agora digam-me, é um Nokia, daqueles robustos, enquanto ele durar não vou comprar, não vou comprar outro, mas é…hã… isto é que é difícil enfiar na cabeça das pessoas. As pessoas querem as coisas topo de gama da… da…. último berro, literalmente, não é? Portanto é consumismo é que nos leva a esta desgraça, porque senão eh!… Não precisaríamos mais minas, porque já haveria lítio explorado suficiente para… usar para uns e para outros, não é? Reciclar de um equipamento para outro, etc.. Mas… portanto é preciso lutar nas duas frentes, não é só numa.

E: (foto n.º 5)

MARIANA: Central nuclear, pois… eh!… Essa foi mais uma que… estávamos para ir, não fui porque… porque tínhamos atividades no núcleo no dia em que, em que eles iam lá abaixo, hã… pronto o nuclear é mais uma questão, porque… quando se fala em energia, eh!… Tem de se falar no que é que se pode fazer para não consumir energia porque realmente a única que não tem impacto, é aquela que não se… que não se… consome. Hã… porque a pessoa pensa: “Ah! E tal o nuclear é muito mau” – é, é péssimo, mas… mas as outras ditas, hã… renováveis, por exemplo a hídrica, também

tem um impacto muito grande e as pessoas não têm consciência disso, não é? Nos ecossistemas, hã… impedir a passagem do peixe, etc., portanto, hã… a única energia que realmente não tem impacto, é aquela que não se consome, eh!… E portanto é preciso meter isso na cabeça das pessoas, é… ser mais eficiente em termos energéticos, consumir o mínimo possível, hã.. mantendo, a qualidade de vida, claro, portanto, esta é uma guerra, porque também é uma questão de estados, não é? Eh!… Espanha, Portugal eles foram muito espertos, encostaram mesmo a… a central a Portugal, porque se tiver impactos negativos, partilhamos, mas as vantagens estão todas para o lado deles, portanto… tem… tem essa, essa… ambivalência digamos. Hã…e… e este tema é um tema forte, é um tema fácil de…de… conseguir convencer as pessoas a… a lutar por ele, não é? Porque… enfim, com a situação de Chernobyl, ah… depois se falarmos um bocadinho mais para trás, não tanto em centrais nucleares, para a energia, mas com bombas nucleares, etc., consegue-se motivar as pessoas, para… para uma posição de… mais idealista, não é? Hã… mas, mas se começamos a falar em energia, as pessoas já se cortam na… nas poupanças, já não… já é difícil convence-las a… a mudar comportamentos, porque se, poupássemos energia, não precisávamos mais, mais da centrais, não é? E nomeadamente as nucleares.

E: (Foto n.º 6)

MARIANA: Pois… hã… os… caçadores do topo da cadeia, hã… sejam os lobos, sejam os… linces, enfim… hã… é muito difícil em Portugal convencer as pessoas de que… sã essenciais no ecossistema, hã… principalmente… porque temos muitos caçadores, Portugal tem imensos caçadores para, para o território que tem. Eh!…E a… e portanto, enfim, tendo em conta que… tem um prazer mórbido em ver morrer… seres vivos, para mim é mórbido, para eles não será, acredito que numa saída ao campo, é agradável, mas com um piquenique, em vez de levar uma arma, não é? Levar uma máquina fotográfica, hã… aí é… é muito agradável, eu própria faço-o com frequência, agora… hã…sair de madrugada, pelo frio, etc., para estar parado num, num canto, escondido, hã… até ver um animal e disparar, eu não vejo prazer nenhum nisso. Hã… principalmente se nem sequer vão comer o animal. É matar por matar… eh!… Portanto há muito trabalho a fazer… hã… no futuro, se bem que não vejo tantos jovens a gostar desta área como vemos pessoas mais velhas que eu, portanto, ou da minha idade, pode ser que próxima geração já não tenha tanta apetência por esta área. Hã… mas, pelo sim e pelo não, é preciso trabalhar o tema, hã… para os convencer que realmente, são essenciais no ecossistema e não são para ser destruídos, porque, têm um papel essencial para o equilíbrio.

E: Esta foi a última. Chegamos ao fim. Chegamos ao fim deste, deste grupo.

MARIANA: Hum, hum…

E: Se, quiser, nós paramos por aqui e agendamos para outra data, a terceira sessão, o grupo três.
MARIANA: Sim, vai ter de ser que eu vou de férias para a semana e agora, só vai quinta e sexta, sexta já não dá, portanto, é melhor deixarmos para a outra semana, a partir de vinte e quatro.

- **Fim da segunda sessão.**
- **Início da terceira sessão em 24/08/2020 através da plataforma ZOOM.**
-
- E: Este grupo, tem a ver com… é o último grupo, tem a ver com a identidade, a interações e eventuais papéis sociais… hã… e a primeira pergunta que eu faço, é… se me pode descrever de uma forma geral, o seu quotidiano, assim o mais comum, a forma mais comum, um dia normal? Por assim dizer.
- MARIANA: Dos… dos dias de trabalho ou dos fins de semana?
- E: Um dia de trabalho, sim.
- MARIANA: Dia de trabalho, levanto-me às oito, às nove estou ao serviço, eh!… Saio à uma, venho almoçar… com a minha mãe, que é viúva, às duas e meia retomo o serviço e hã… e saio normalmente depois da hora estabelecida, às seis, sete… hã… e a partir daí ou vou para piscina ou eh!… Ou vou lanchar como amigos ou jantar com amigos. Ou então vou para casa, quer dizer, são normalmente as três alternativas, hã… quando fazia parte da ONGA tínhamos reunião à quinta-feira. Portanto era assim a grande mudança num dia útil. À quinta-feira à noite tínhamos sempre reuniões, agora com esta nova associação, ainda não começamos, por causa do… do Covid, que era para começar em março. É normalmente a minha rotina, hã… claro que há um dia ou outro que tenho de… sei lá, ir ao banco, ir… ir buscar um livro que encomendei, coisas assim do género. Mas a rotina é essa.

E: Hã… pode-me falar sobre, quando se encontra no contexto da ONGA, no contexto normal, no quotidiano, no funcionamento, hã… como é que o seu relacionamento com os outros participantes ou com os outros membros, sei lá, a nível que tipo de laços é que estabeleceu, ou que estabelece, se já se relacionava anteriormente com alguém que fizesse parte da ONGA, antes de participar nela, por exemplo?
MARIANA: É assim, a maior parte dos colegas que fizeram… que faziam parte da direção anterior, eh!… E que fazem agora parte desta, eh!… São… são pessoas que eu conheci através de formações. Só um deles é que foi trazido por um desses, eh!… Portanto, foram pessoas com quem eu me relacionei, em… em situação de… de uma formação, seja ela qual for e que depois, em conversa, falei da ONGA e que se

entusiasmaram, eh!… Tornaram-se… sócios ativos e mais tarde acabaram por integrar a… a direção, tornaram-se meus amigos, não é? E mais tarde formaram a direção comigo. Portanto gradualmente em substituição dos anteriores membros, que estavam cansados, que já estavam há muitos anos na associação.

E: Estas formações não eram dentro do quadro da ONGA?

MARIANA: Algumas sim, um dos elementos foi num quadro duma… duma formação de ambiente, os outros, não, foi da formação de formadores. Hã… portanto, situações diversas.

E: E este tipo de laços e relacionamentos, era laços de amizade ou simplesmente profissionais?

MARIANA: Sim, sim, sim… tornaram-se laços de amizade, foi nesse contexto que eles integraram a associação, portanto… eh!… Em conversa comigo, já como amigos, já… pronto, eh!... A partir dessas formações, estabelecemos laços de amizade e depois em conversas mais, mais detalhadas, mais profundas, falava-lhes das atividades que tínhamos, eles começaram-se a entusiasmar, e começaram a frequentar a associação, gostaram do ambiente que lá havia, das atividades que se realizavam e… passaram a ativos, eh!… Pronto, fazendo parte da direção. Mas, portanto, passou por uma relação de amizade.

E: Segundo me apercebi, a participação na ONGA, não é a sua principal atividade?

MARIANA: Não, não, não. Eu trabalho na Câmara Municipal de Braga.

E: E de que forma, esta participação na ONGA, reveste-se de que forma, é voluntariado?

MARIANA: É voluntariado, é voluntariado. Todos nós eramos voluntários.

E: Hã… pode falar-me da forma como é que relaciona a sua atividade profissional com a atividade na ONGA. Se são atividades muito diferentes, em termos de objetivos e se consegue identificar quais são as principais diferenças?

MARIANA: As principais diferenças, é o salário (risos). Porque… e é uma coisa que dá confusão, ou dava confusão na cabeça das pessoas, porque eu umas vezes eu estava no papel de representante de… da ONG, outras vezes estava hã… em funções às vezes muito semelhantes, hã… mas, em funções em termos de atividade, eh!… Estava pela câmara, portanto, eh!… Estou no pelouro do ambiente da câmara municipal de Braga, trato de educação ambiental lá, e… e… na… e na ONGA também, portanto às vezes dava um bocadinho o nó, as pessoas perguntavam: “qual é o chapéu que tem hoje?” – porque me conheciam nos dois contextos, não é? Portanto, às vezes tinha de esclarecer um bocadinho em que papel é que eu estava.

E: Portanto, as duas atividades, eram muito parecidas?

MARIANA: Claro que, na… enquanto na ONGA, eramos nós que decidíamos tudo, na Câmara não. Na Câmara tem de passar pelo, pelo vereador, não é? Mas… mas,

algumas atividades, talvez pela minha experiência na ONGA, acabavam por ser semelhantes, eu testava, digamos na ONGA e… e depois na Câmara, executava, claro que os voluntários seriam outros, hã… algumas vezes eram comuns, mas a maior parte das vezes não. Porque a ONGA é distrital, enquanto que a Câmara normalmente só consegue chegar a pessoas do concelho, não é? Eh!… Mas, mas as funções eram, eram semelhantes. Hã… claro que em papéis diferentes, eh!… Apesar de estarmos a mobilizar voluntários, mas claro que… a… na ONGA era, era muito mais à vontade, não é? O meu papel era muito mais, descontraído na ONGA, no que era no papel de funcionária pública, não é? É sempre, estou a representar uma entidade que, que só é um bocadinho mais complexo de representar, principalmente porque havia mais críticas, porque as pessoas… numa ONGA, encaram-nos de uma forma, porque somos voluntários, na Câmara, há sempre críticas, hã… começa a derivar… estamos a falar, a… a fazer por exemplo, um controlo de invasoras e começam-me a dizer que na rua X, que há muito lixo, que não varrem, que não… que já foge ao nosso contexto, porque, nem sequer é o pelouro do ambiente que trata disso, é uma outra entidade, não é? Hã… portanto a situação não era tão descontraída, porque estávamos num… eu estava num papel muito mais… eh!… Critica corrente aos… às pessoas.

E: Portanto, o impacto destas diferenças na sua atuação, têm a ver mais com… aquilo que eu percebi, com a forma mais descontraída de desempenhar o papel na ONGA, tem a ver mais com isso?

MARIANA: Sim, sim, sim, na ONGA hã… claro que tenho de prestar contas à Direção Nacional, mas…. hã… como fazia parte da direção local, estava muito mais à vontade porque eramos nós que decidíamos, não é? Enquanto na outra, não, é… é câmara, é o vereador, é… o presidente, portanto, temos de… acaba por se criar um ambiente um bocadinho mais… hã…mais restritivo, mais… digamos, mais… rigoroso, mais… hã… institucional, será o termo. Do que na ONGA, não é?

E: Este, esta forma de agir mais, mais descontraída, consegue-me dar um exemplo, como é que…como é que se processava, consegue-me identificar?

MARIANA: Primeiro porque grande parte das vezes, a… eram pessoas mais jovens que apareciam na… na ONGA, eh!… Do que… do que no contexto município. Hã… e, portanto, automaticamente, hã… há muito mais à vontade no tratamento, não é? Não é o tratamento por você, é o tratamento por tu, enfim, começa logo por aí. Hã… e depois, eh!… Estava muito mais à vontade para falar de outras atividades que a ONGA levava a cabo, não é? Do que na câmara que… a maior parte delas, não são de voluntariado e portanto, não se enquadra estar a falar de outra atividades até porque… podia ser facilmente alvo, alvo de críticas, não é? Hã… portanto reflete-se logo aí a… no próprio tratamento. Hã… e a… e depois havia um… um cuidado acrescido de onde, onde…

como fazer as coisas, como onde colocar os resíduos por exemplo, onde… enfim, tidas essa logística que… que implicava, enquanto que na ONGA, eu ia com o meu próprio carro, hã… quando vou com a câmara já tem de ser com motoristas, porque… eu recuso-me a conduzir o carro… a viatura da câmara, porque não estamos cobertos pelo seguro. Enfim, há assim uma quantidade de... de restrições, não é? E, portanto, já implicava levar o motorista, já implicava, hã… todos esses cuidados no… no trato e no hã… no, hã… acesso às coisas e… enfim. São, a maior rigidez, não é?

E: Relativamente ao seu trabalho, fazem aquilo que gosta?

MARIANA: Sim, sim, sem dúvida. Se não, não fazia em duplicado (risos).

E: E que… porque é que gosta, porque é que sente gosto nessa posição?

MARIANA: Sinto, porque… acho que se pode mudar um bocadinho o mundo, que se pode melhorar as coisas, é compensador, apesar de alguns dos meus colegas não acharem, não é? Eu ao longo de anos que fiz… hã… portanto fiz de propósito durante vários anos, a mesma atividade, para ver a evolução. Das mentalidades e dos comportamentos, que era uma limpeza aqui numa zona próxima… pronto de saída da cidade em direção ao Santuário do Bom Jesus, e fomos limpando sempre na mesma zona, de ano para ano fomos vendo que estava mais limpa, claro que podem levantar outras possibilidades, não é? Simplesmente porque… a cidade está a crescer para aquele lado e há mais limpeza, hã… feita pelas, pelas entidades, hã… enfim, há outros eventuais fatores, ou do género, as entidades que nós contatamos, eh!… Para depois nos irem recolher os resíduos, sabendo que nós vamos, podem ter agora um cuidado acrescido que não tinham antes, de limparem antes, enfim, há várias possíveis justificações. Hã… mas de um modo geral… eh!… Posso, posso dizer que houve, houve melhorias. Pode haver atenuantes para essas outras justificações, mas houve melhorias e isso é motivador, hã… que, que as pessoas eh!… Que as pessoas aprendam e que mudem… comportamentos. Eu aliás, ainda há dias dizia a umas amigas quando fiz o… curso de engenheiro do ambiente lá fora, tive de fazer projetos em Portugal, e um deles foi sobre resíduos, e… hã… fotografei valetas, carregadas de resíduos e agora, mesmo que agora ainda se encontrem, garrafas, sacos de plásticos, etc., há muito menos do que havia nessa altura. Hã… claro que a gente: “Ah! E tal, mas há muito lixo!” – “há, mas há menos!” - Portanto, hã… ainda há trabalho a fazer, claro que há, mas… há menos, há menos do que… há uma década, há duas décadas ou quase três. Portanto há, há melhorias que são motivadoras, que nos levam a querer continuar, para isto realmente ir a bom porto.

E: Hã… que posição é que ocupa na estrutura organizacional onde trabalha?

MARIANA: Na câmara, sou técnica do ambiente.

E: E pode falar-me como é que é o seu relacionamento com os seus colegas de trabalho?

MARIANA: É assim, em termos técnicos no pelouro do ambiente sou a única, com formação de ambiente. Hã… automaticamente, eh!… Quando há alguma questão de ambiente, vem tudo parar a mim. Hã… o que me leva, por um lado a ter uma sobrecarga de trabalho, mas por outro lado, estou numa situação privilegiada porque… toda a gente me vem perguntar a mim, como fazer ou como atuar, etc., não é? Hã… e em termos de… tenho contato direto com o chefe, com o vereador, não há, não há… chefias intermédias, hã… e, portanto, lido diretamente com a… com o político, o meu colega de gabinete é assessor do político, portanto, por aí já se vê a posição em que… em que estou. Hã… chegaram-me a desafiar para ser chefe de divisão, mas como a divisão é constituída só por jardineiros, abaixo de mim, hã… e que só homens e eu não estava disposta a… quer dizer a deixar de ser uma técnica de ambiente em termos de educação ambiental, etc, para estar a chefiar pessoas, cuja formação, eu não domino, que é a parte de jardinagem, da arboricultura, etc., e, portanto, recusei. Mas… mas o papel é esse… a posição hierárquica é essa, portanto, os meus colegas em termos de formação, são de formações diversas, hã… não há hierarquias frente a eles, estamos em pé de igualdade em termos de… hierárquicos, mas em termos de formação no papel de pelouro de ambiente, não há dúvida que em termos de formação, sou eu que estou mais à vontade.

E: Hã… pode falar-me de como é que é o seu relacionamento com o seu superior, neste caso o vereador, não é?

MARIANA: Com o vereador, hã… é assim, ele… ele volta e meia a brincar, vai-me dizendo que eu sou fundamentalista e eu, e eu vou-lhe mostrando, que não sou fundamentalista, conheço muito mais fundamentalistas do que eu. Hã… portanto, para ele talvez seja, mas… para mim que conheço muitas outras, muitas outras nuances… hã… não sou, hã… e… ele muitas vezes conta um episódio, há uns anos atrás, ele já está no pelouro há… há oito, sim, há oito anos. Hã… está a fazer oito anos, e ele… eh!… Achou muito curioso eu ter um cinzeiro de carteira, um cinzeiro de levar na bolsa. Hã… claro que agora já não acha tão estranho, porque agora não se pode deitar as piriscas para o chão, não é? Mas eu já tinha isso, desde… antes de o conhecer e portanto, ele achava isso fundamentalista (risos), deitara cinza em alguns sítios, hã… no próprio cinzeiro que levava na bolsa e hã… e deitar a pirisca… eh! Portanto fui abrindo um bocado os olhos, claro que ele não tem formação na área de ambiente, ele da área florestal, mas… mas acabou por… por me dar razão (risos).

E: Costuma falar sobre as questões relacionadas com a ONGA no seu trabalho, ou com os seus colegas de trabalho?

MARIANA: Hã… normalmente não. Hã… o a… o que… portanto com os colegas de trabalho, no papel só de colegas de trabalho não. No papel de amigos que alguns deles já se tornaram, hã… aí sim, aí hã… até já os levei para atividades e alguns deles já se tornaram sócios. Hã… mas, mas evito para não misturar as águas, hã… claro que volta e meia o vereador fala-me: "Ah! E tal, não conhece ninguém no seu papel lá da ONGA, não conhece ninguém nesta situação, naquela que nos possa ajudar nisto." – claro, como já tenho muitos anos de… de ONGA e que fazemos muitas atividades, diversas atividades, acabo por ter leque de contactos que dá jeito, não é? Hã… no papel de, de vereador do ambiente, nesse, nessa situação sim, quando ele me pede, hã… eu a… eu contato os colegas, as pessoas, os técnicos que conheço, eh!… Pela ONGA. Mas não gosto de misturar, porque às vezes a ONGA tem de chamar a atenção à câmara. Hã… claro que para dividir as coisas, para não se criar uma situação delicada, porque se não, sou eu própria a mandar um mail pela ONGA, para a câmara e eu própria a responder pela câmara, não era propriamente muito, muito efetivo, não é? Hã… criava aí uma situação de… complicada, hã… quando há alguma chamada de atenção à Câmara de Braga, eu peço a um colega, que a mande, hã…o mesmo se passa com o colega que trabalha na Câmara de Barcelos que é da… da ONGA e era eu… mas aí pronto, estava no papel normal que sou, era a presidente do núcleo, portanto, remetia eu para ele. Portanto, para evitarmos, hã… não digo represálias, mas… situações embaraçosas de estar a representar os dois papéis.

E: Já percebi que há amigos de um lado e do outro, o seu relacionamento com os seus colegas de trabalho e com os colegas da ONGA, os participantes da ONGA, situa-se ao mesmo nível, processam-se da mesma forma ou existe algumas diferenças?

MARIANA: Ohh… já tem bastantes mias anos, que o outro, portanto na ONGA, já nos damos há muitos mais anos e… e lá está nesse ambiente… hã… de camaradagem, de… que tem mesmo que ser, porque senão não se consegue levar uma… uma ONGA avante. As pessoas estão porque se sentem bem. Porque se se sentirem bem, se sentirem mal, deixam a associação. Enquanto que numa situação de trabalho, tem que se aguentar, não é? Pelo menos durante uns tempos, até se conseguir a mudança. Hã… portanto, na ONGA, a minha relação de amizade é muito mais profunda do que… do que no serviço que tem menos anos, são colegas que… mudaram à pouco tempo para o pelouro do ambiente, eu já lá estou há vinte anos, mas eles entraram há cinco, há seis, há quatro, portanto há… há muito menos e eu antes disso, nem os conhecia. A câmara é tão grande que eu nem os conhecia. Portanto, são situações diferentes, e o ambiente eh!… apesar de na câmara estarmos muito… muito mais horas juntos, eh!… Não é propício estarmos a falar de… de…. coisas paralelas, não é? Porque eu não tenho pro hábito ir ao café, da câmara, nem sair a meio da manhã, nem a meio da tarde

para lanchar, nem nada do género. Automaticamente não se cria esse ambiente, é… aquele tempo todo de serviço a trabalhar e… acabando, hã… venho-me embora. Eh!… Enquanto na ONGA… o tempo que estamos juntos, até fazíamos piqueniques, organizávamos fins de semana juntos, etc., portanto, criava-se o ambiente que tinha mesmo de ser nesse sentido, porque senão as pessoas, dão tanto de si, dão tantas horas, hã… que se não se sentem bem, se não há um espírito de camaradagem, de entre ajuda, etc.., as pessoas simplesmente abandonam.

E: Hã… como é que vê a sua atividade profissional em relação aos valores da sustentabilidade e da proteção do ambiente e da crise ecológica, eles são, já percebemos que eles são convergentes?

MARIANA: (risos) Hã… é assim, enquanto na câmara há situações que… que não conseguimos ir ao de encontro, hã… do género, sei lá, fazer um concurso público para obter determinado material. Hã… o critério é sempre, o menor, o menor custo, nem sempre é aquilo que é mais sustentável, enquanto que na ONGA, hã… tínhamos margem para isso, claro que as associações não nadam em dinheiro, mas também, como estão habituados a fazer, a fazer omeletes sem ovos, hã… acabamos por conseguir fazer as coisas tendo, tendo esse cuidado, sendo esse o critério principal, não é? Não tanto o custo, mas mais… mas mais o cuidado com o ambiente. Hã… é a grande diferença de um para o outro.

E: Isso fala sentir de alguma forma diferente, sente alguma coisa?

MARIANA: Sim, isso cria situações eh!… Para mim, como pessoa com… com formação e com a sensibilidade que desenvolvi, cria situações complicadas, mas compreendo que a legislação não nos permite de outra forma, senão é aso… dá aso a corrupções, e… etc., não é? Portanto, eh!… Tem é de haver realmente um… (impercetível) que se consiga conciliar as duas coisas, o que muitas vezes não é fácil. Não é fácil porque não tanta oferta que reúna as duas coisas, não é? Em determinados artigos, pelo menos, hã… conseguir o mais barato e ao mesmo tempo o mais sustentável nem sempre é… é possível, não é? Hã… até porque por exemplo, imagine, eu…. imagine que eu vou de… de Braga a Lisboa, eu pela ONGA vou sempre de… de comboio, é o mais sustentável, vou de comboio, mas também é mais flexível porque posso ir em horários… da minha…pronto, horário da minha vida, ou… fim de semana, mais cedo, mais tarde, é… estou a dispor das minhas horas. Enquanto que se for pela câmara, tenho de ir com motorista, porque senão é muito complicado para me pagarem a deslocação. E muitas das vezes, as horas que vou, tenho de conciliar com outros compromissos, e hã… e portanto, muitas vezes os transportes, possíveis não são viáveis para fazer… hã… respeitando os outros compromissos, conseguindo fazer, conciliar tudo, não é? E,

portanto, acabo por ir com motorista, automaticamente isso não é, não é sustentável, não é? Portanto, são às vezes pequenas, pequenas coisas deste género.

E: E essas pequenas coisas o que que é a levam a sentir?

MARIANA: É um desconforto, é um desconforto, mas… muitas das vezes se quero realmente conseguir fazer tudo, tenho mesmo que ceder… em algum lado, no sentido em que, imagine, tenho um…um… sessões de na escola, durante a manhã e à tarde já tenho de estar no Porto, se fosse de comboio era uma hora e tal para lá, depois até tinha de apanhar o táxi para ir não sei a onde. Ou outro transporte público, e… eh!… Já não conseguiria fazer outra coisa, uma delas tinha de deixar de fazer, automaticamente sendo a única técnica de ambiente, não posso delegar em ninguém, a única hipótese é… ir em viatura própria. Que aqui neste caso, como não temos seguro, se formos nós a conduzir, tem de ir o motorista comigo. Mas não é, não é confortável em termos de princípio, mas temos, temos de ser flexíveis de queremos… conseguir fazer tudo.

E: Hã… e relativamente ao contexto mais familiar, à vivência familiar e ao quotidiano, que influência tem aquilo, aqueles princípios que defende na ONGA e os valores?

MARIANA: Hã… a maior parte das pessoas dentro da família, pronto, eu não tenho núcleo familiar constituído, ou seja, sou solteira, portanto não tenho, não tenho dependentes, hã… mas a mãe, a irmã, os sobrinhos, etc., todos eles levaram uma lavagem ao cérebro, portanto, todos eles acabam por ter preocupações desse, desse foro. E hã… desde a separação de resíduos à poupança de água, à questão de… da matéria orgânica… hã… à questão sei lá de terem pequenas, pequenas hortas ou pequenos… serem, hã… produtores desde as plantas aromáticas a medicinais, não podendo fazerem mais nada por viverem em apartamentos ou terem minhocas para… para degradarem a matéria orgânica, pronto, pequenas coisas deste género, hã… acabaram por… e os amigos também, muitas vezes os amigos me dizem: “Ah! Eu agora antes de te conhecer não fazia isto, não fazia aquilo, agora (risos) por tua influência faço, e agora já tenho uma horta, e agora já tenho isto e aquilo” – pois, nós no dia à dia, acabamos por… hã… intencionalmente ou não, por exemplo, ou pela lavagem ao cérebro (risos), vamos, vamos mudando quem está à nossa volta.

E: Em termos de consumismo quotidiano, existem, portanto, preocupações, não é?

MARIANA: sim, claro e é uma das guerras, eu por exemplo tenho um telemóvel que já, já para aí uns oito anos, ou… oito ou nove anos. Hã… é daqueles Nokia que nunca mais acabam, portanto já… me tentaram oferecer dos…dos... *touch*, não sei quantas vezes, e eu sempre recusei, ainda há dias, estive de férias na Alemanha com, com amigos, queriam-me dar uma escova de dentes elétrica e eu recusei, o que cria situações delicadas, não é? Hã… principalmente falando uma língua estrangeira, explicar, para uma pessoa que está por sua vez também a falar uma língua estrangeira, portanto já se

criam ali duas situações de comunicação complicadas, hã… porque é que eu não queria uma… uma escova de dentes elétrica, porque ela dizia:

- "Mas eu, eu estou-te a oferecer."

- "Eu sei que me está a oferecer, mas… é contra os meus princípios, portanto eu agradeço, mas não quero, porque é um dos exemplos que eu dou, quando vou às escolas, chegamos ao ponto de querer tudo elétrico, quer dizer, andamos de elevador, ou de escadas rolantes e depois vamos para o ginásio fazer step, é ridículo. E vamos de carro até à porta do ginásio para depois irmos fazer passadeira, é ridículo, portanto temos de ser um bocadinho coerentes e… e ver onde é que podemos… eh!… Atura, pronto, se não estamos dispostos as esforçar-nos muito, pelo menos as coisas mais simples e essas são dessas, são das mais simples."

E: Na sua família existem divergências, relativamente à essa forma de pensar?

MARIANA: Hã… o primeiro contato, é… sempre, a mudança é sempre… é sempre um bocadinho difícil, não é? Hã… é mais fácil deixar-nos levar na onda do consumismo, hã… e eu vejo, pronto, hã… a tendência para… para comprar o último grito dos telemóveis, etc., é… muito grande, não é? É um apelo ao consumo, muito grande todos os dias somos bombardeados por essa… por esse estímulo, hã… mas… eh!… Mas acho que… ou por razões económicas ou…pelas duas razões uma somada à outra, a preocupação ambiental já predomina, portanto já há um bocadinho mais de… de critério e de cuidado a esse nível, de consumo.

E: No seu círculo amigos também, em termos de divergências?

MARIANA: Também, também, também. Do género de alguns deles, pronto, quando não, não conseguem resistir a comprar algum objeto desses, de consumo nomeadamente os telemóveis, dão-me os antigos, aliás eu estou a usar os telemóveis antigos deles. Porque a mim faz-me confusão deitar um objeto que está útil, que é perfeitamente, está… em… e perfeita capacidade de uso, só porque deixou de ser o último grito. Portanto acabo pro ficar com os objetos em segunda mão, alguns dos objetos em segunda mão deles. Depois o… a prática por exemplo da… do empréstimo de livros, cada se tornou mais, mais hábito entre nós, eh!… A pessoa que comprou o livro e é lido por cinco, seis, sete, por várias pessoas dentro do grupo, de amigos, eh!… Às vezes trazemos do amigo e emprestamos a outro amigo que não era dessa, dessa rede de amigos, portanto, eh!… É emprestado a outros. Hã… com o compromisso de estimar e tal, para, para devolver, portanto, há, há vários objetos que estão… a circular, desta, desta forma, de maneira a… evitar o consumo.

E: Olhando novamente para o seu quotidiano, para as suas atividades que me falou, qual é aquela que se revela mais importante para si?

MARIANA: Claro, mais importante em termos de horas e em termos de… de suporte financeiro acaba por ser o emprego, não é? Mas em termos de satisfação, satisfação pessoal diria que é a associação, ou era a associação. A anterior, não é? Eh!… Porque fazia, fazia aquilo que queria, ou seja, era eu própria que definia o programa com os meus colegas, hã… e hã… claro que, que me roubava muitas horas, hã… daquelas que seriam para dispor pessoalmente, ao fim de semana, à noite, etc. Hã… mas que era mais, mais satisfatório, porque não estava num papel de funcionária, estava no papel de… de voluntária e as pessoas assim respeitam mais, porque… se eu vou como funcionária, o que é que acontece, as pessoas pensam que eu estou a ser paga para estar a fazer aquelas horas, quando na realidade não sou paga em horas extraordinárias a trabalhar ao fim de semana ou à noite, mas pronto, não vou estar a dizer isso às pessoas. Porque normalmente os funcionários públicos quando trabalham à noite ou ao fim de semana, recebem essas horas, não é? Hã… mas não é o caso do nosso pelouro, portanto é preciso ter muito amor à camisola para estar a dar essas horas, também, mas como eu já as dava no, na associação, não faz grande diferença, o impacto é o mesmo, a população pode ser ligeiramente diferente, população recetiva, digamos ao… recetora desses serviços, acaba por ser ligeiramente diferente, mas… o efeito acaba por ser o mesmo. Portanto eu acabava por… trabalhar às vezes em horários semelhantes umas semanas numa entidade, outras semanas noutra.

E: É a última questão, hã… pode falar-me sobre o que significa para si, ser um ativista ambiental?

MARIANA: Ser uma ativista ambiental, é uma pessoa que está disposta a dar o seu tempo, que é o que… no final é aquilo que temos de mais valor, é a nossa vida, é nosso tempo de vida, é o que tempo que dispomos enquanto cá estamos, hã… para algo que… hã… que se quer melhorar, neste caso, o ambiente, para bem de todos, portanto, que estamos dispostos a dar, a nossa vida, o nosso tempo a… a favor da natureza e do ambiente e… e para todos os efeitos da população humana, não é? Também está a usufruir desse mesmo ambiente, é isso que é ser um ativista ambiental.

E: Pronto chegamos ao fim.

Fim

Anexo F – Transcrição da entrevista a "João Pedro"

Local da entrevista: Entrevista realizada online através da aplicação ZOOM Data de início: 23 de setembro de 2020 Duração da entrevista: 2h38m Idade: 56 Profissão: Agricultor Habilitações: Licenciado Sexo: Masculino Observações: Entrevista realizada ao longo de três sessões distintas nas seguintes datas: 23/09/2020, 24/09/2020 e 29/09/2020. É participante e antigo dirigente de uma ONGA nacional.

E: Diz-me uma coisa, quais são, qual é a tua idade?

JOÃO PEDRO: Cinquenta e seis.

E: E a profissão?

JOÃO PEDRO: Profissão… é… agricultor… desempregado.

E: Hã… e o nível de habilitações?

JOÃO PEDRO: Eu tenho… fiz o bacharelato em produção animal e depois aquela licenciatura de Bolonha, portanto, oficialmente é uma licenciatura, mas…

E: É uma licenciatura.

JOÃO PEDRO: Eu nunca me senti, licenciado por ninguém, para pronto. Mas fui lá pagar a… a licenciatura… *just in case*…(risos)

E: Hã… onde é que nasceste?

JOÃO PEDRO: Nasci em Setúbal, no hospital… São… da freguesia de São Sebastião, hospital já de Santo… não sei o quê… já nem me lembro. Eu também era muito pequenino para me lembrar, pronto. Os meus pais eram lisboetas, mudaram-se para Setúbal, o meu pai trabalhava na SECIL. Portanto eu nasci em Setúbal no hospital, mas fui logo para o Bairro da CECIL, bairro dos engenheiros. Eram assim umas vivendas, pá! Boas! Com jardim… assim uma coisa à rico (risos).

E: Qual é a, qual é a primeira e mais vívida memória da infância, que tu tens?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Primeira memória da infância?

E: Assim, aquela mais clara, mais…

JOÃO PEDRO: A mais clara que eu me lembro sempre, sempre, sempre… eh pá! É uma coisa que não, não me abandona, foi o dia em que eu, fui ao… galinheiro, tirei de lá um coelho, antes de ir para a escola, porque ouvi a minha mãe dizer que era coelho para o almoço: "hoje o almoço é coelho" – e, eh pá! era de uma ninhada, nós tínhamos

uma coelha de estimação. Que, eh pá! ficou sempre, era uma coelha já velha, era a coelha de estimação. E a coelha ia tendo ninhadas e as ninhadas iam todas parar à panela, nunca ficava nenhum, ficava só a coelha, porque era só de estimação, pronto. E então… hã… nessa manhã havia um coelhito, que era um que tinha uma risquinha branca, eh pá! Era um coelhinho muito fofinho, pá e eu tinha uma identificação grande com o coelhinho, e, portanto, esse nunca ia para a panela. Foi ficando, foi ficando, ficando, até que naquela manhã: "Eh pá! Hoje o almoço é coelho" – e eu: "hã! lá se vai o coelhinho da risca." – eh pá! então agarrei no coelho, levei para a escola, primária ou pré-primária, isso também já não me lembro e… entreguei a um colega o coelhinho, mas isto, vendi-lhe o coelho. Ou seja, eu nem lho entreguei, eu podia chegar e dizer: "olha toma lá o coelho" – vendi-lhe por… dois tostões ou… eh pá! na altura era os tostões, ou cinco tostões, ou uma coisa qualquer. Só que… tive tanta sorte ou tanto azar que ele era o filho da professora, portanto, ele assim que ficou com o coelho, foi mostrar à mãe. Hã… e a mãe ligou à minha mãe, pronto, pá. E é… fui gozado, fui eh pá! Uma coisa mesmo… pronto, é… acho que é a recordação mais viva, porque eu… estou-me sempre a lembrar disto, estás a ver. Eu há pouco tempo, houve um filme agora, que era o… *rabbit*…hã… ai! Como é que se chamava? Tu não viste esse filme? De um puto na segunda guerra, hã… alemão, nazi, esse filme passou agora, este ano, nos cinemas… e eu fui ver. Hã… qualquer coisa *rabbit*, não interessa… pronto, então o miúdo também, ele vai lá para os nazis e tal, então há uns coelhinhos, e depois pá, o miúdo é o mais sensível, e lá os chefes nazis estão a preparar a juventude hitleriana, dizem: "agora tens que matar o coelho, vá torce-lhe o pescoço e tal"- e o puto agarra a olhar para o coelhinho, mete o coelho no chão, e diz: "foge, foge" – (risos) e pronto, é essa cena, eu era um bocado essa cena assim.

E: Já me falaste um bocadinho disto, hã… consegues-me descrever como era o bairro ou a cidade onde cresceste?

JOÃO PEDRO: Ora, o bairro onde eu cresci, era no meio de uma fábrica de cimento, portanto, ao lado de uma fábrica de cimento, assim é que é. A fábrica, não sei se conheces, a SECIL é junto ao mar, e depois está ali uma parte, serra da Arrábida, pronto, que… tem o… a parte mais perto da fábrica era o bairro dos engenheiros, portanto fazia uma subida, só depois já estava… na parte da descida que ia depois dar ao bairro social, digamos assim, onde era a escola. Portanto, nós não estávamos mesmo ali em cima da fábrica, mas pronto, era um ambiente assim de campo, mas com… eh pá!… aquilo, por exemplo as folhas no verão, no fim do verão, estava tudo cinzento, com o pó da… do cimento, havia dias que não se podia estender a roupa, pronto, havia aquele problema do pó do… do cimento. E depois quando chovia as primeiras vezes, hã… ficava tudo verdinho, era super bonito aquilo, e… pronto, era um ambiente um bocado isolado, nós

não tínhamos vizinhos, propriamente. O vizinho mais próximo, tínhamos que ir a pé… não sei o quê… duzentos e… cinquenta metros, trezentos metros, se calhar até um bocadinho mais, era o vizinho mais próximo. E, portanto, estávamos assim um bocado isolados, mas tínhamos… eramos quatro irmãos, eramos primeiro três, depois nasceu um assim mais afastado, pronto, tínhamos assim aquela infância… convivíamos entre nós, digamos assim.

E: Gostaste de viver aí?

JOÃO PEDRO: Eu gostei muito. Eh pá! Tínhamos galinhas, coelhos, hã… jardim, pá, aquilo era… uma maravilha, depois fiz amizade lá com a malta, na escola, pá, tínhamos um pequeno grupo… hã… foi, foi… interessante, andávamos à vontade. Andávamos na rua, bicicleta… eh pá!… condições que hoje em dia, não é para toda a gente.

E: Podes falar-me um pouco dos teus pais, qual dos dois, ou se foram ambos, que foi mais marcante na tua educação? Ou se foram ambos?

JOÃO PEDRO: Não… eu não acho que houvesse um mais, mais marcante que o outro, de facto não tenho assim essa ideia. Pá… hã… assim, nunca me fizeram essa pergunta eu também nunca pensei nisso. Mas de facto, o meu pai era a autoridade, ao fim ao cabo. A minha também era, também era bastante autoritária… porque a minha mãe estava em casa, a minha mãe não trabalhava, estava sempre em casa. E, portanto, a gente obedecia basicamente à minha mãe, mas o meu pai era sempre quem, pá, quando havia assim chatices, era a voz grossa, pronto, aquela… aquela energia. Mas depois em termos da, da educação, eh pá!… Como exemplo, pá, são as duas pessoas… eles são muito parecidos no sentido… pá no sentido de darem exemplo… bons exemplos… cidadania, de… pá, não tenho nada a dizer… o meu pai fumava, fumava em casa, na altura era prática, pronto. Hã… mas depois, quando nós depois mudámos para Coimbra, quando eu tinha treze anos, mudámos para Coimbra. Hã… e… e… lembro depois o meu pai, quando nós eramos assim mais velhinhos, dizer: “não… pá, este cheiro dentro de casa assim não pode ser, e tal” – e eu era logo, pá eu era já contra o tabaco, assim… e o meu pai começou a ir fumar para a varanda, para a janela, foi mesmo perseguido e aceitou, não se impôs a dizer: “não, aqui quem nada sou eu” – nada disso. Portanto são pessoas assim… a minha irmã, por exemplo engravidou ainda… andava no décimo segundo ano, se calhar nem tinha dezoito anos, engravidou lá de um namorado que era nosso vizinho, hã… depois tentou abortar, aquilo correu mal, foi parar à… à maternidade lá de Coimbra e… eles aceitaram a situação, não fizeram aquela guerra do… eh pá! na altura era: “oh! vai se casar com…” – não, nada disso, apoiaram sempre a minha irmã: “faz o que quiseres” - ajudaram-na e ela depois acabou por fazer o décimo segundo ano. E… hoje é professora, eh pá!… foi… portanto

são pessoas assim um bocado, que eu considero que na altura, iam um bocado à frente do tempo.

E: Como é que achas que foi a tua infância, foi uma infância feliz? Achaste que foi uma infância feliz?

JOÃO PEDRO: Foi, foi uma infância feliz.

E: Porque é que achas isso?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Porque… brincava, porque tinha tempo para brincar… hã… tinha os irmãos, tinha… depois tinha amigos, aprendi a andar de bicicleta que é uma coisa que ainda hoje gosto muito. Hã… eh pá! pronto, levavam-me a passear, tínhamos as férias no Algarve, hã… também com grupos de amigos e malta, com outros casais que tinham filhos. Eh pá!… nunca passámos, sabes, uma situação assim… nem de grande violência, nem de… não, pá, nada de, nada de especial. Hã… a minha avó, da parte do meu pai, eu já não conheci os meus avôs, os, os machos, digamos assim… hã… mas eles morreram, já eu tinha nascido, só que morreram muito perto um do outro e eu não tenho memória mesmo nenhuma. Lembro-me depois da minha avó, paterna, disso lembro-me bem, e a minha avó materna que depois foi connosco para Coimbra. Portanto ela, depois acabou por viver connosco no apartamento em Coimbra, e acabou por falecer lá em Coimbra. E essa lembro-me mais, porque… durou mais anos. Mas foi, sabes, feliz nesse sentido de… não tive… olha nunca parti a cabeça, olha a primeira vez que parti a cabeça, estás a ver isto aqui? Foi agora, anteontem à noite saí desta porcaria desta reunião, que nunca mais acabava, (risos). Foi na segunda-feira, e… depois ainda ficou o Raúl, ficou o Paulo Almeida, eh pá! E depois estava aqui a fazer umas coisas, a descascar umas maçãs… fui pôr aquilo no forno, depois era para ir para a cama, pá. Mas depois, tenho aqui, estou a tomar conta de uma cadela: "onde é que está a manta da cadela?... hã… fui que pus ao pé da janela" – vou buscar, não acendi a luz, pá, está lá uma prateleira…. Traz!! E começou a sangrar e eu: "Heii! Nunca tinha partido a cabeça em miúdo." – (risos).

E: Consegues recordar-te de algum momento ou situação mais disciplinadora por parte dos teus pais, ou de um ou de outro, ou de ambos?

JOÃO PEDRO: Eh pá!… A situação mais disciplinadora, era obrigar-me a fazer os trabalhos. Eu tinha que fazer os trabalhos… e… pá, e às vezes fechavam-me no quarto: "eh pá! Agora não sais do quarto enquanto não fizeres os trabalhos!" – eh pá! Mas aquilo para mim era um sacrifício, era horrível, até que eu comecei a ganhar coragem e saltava pela janela, pronto. Saltava pela janela para fora e depois voltava a entrar, pronto, que assim podia andar na rua. Andava lá no meu mundo e tal, não podia fazer barulho, não podia… mas pronto, pá, anda ali à vontadinha. Depois voltava a entrar… fazia lá meia

dúzia de coisitas, aquelas patacoadas e: “já fiz os trabalhos!” – pronto e: “isto não consegui fazer, esta parte também não consegui fazer, pronto…”

- “Hã! Pronto, a gente ajuda-te” - e eu:

- “Vá, bora!” – (risos).

E: Relativamente à religião, como é que era o posicionamento dos teus pais?

JOÃO PEDRO: Hã… os meus pais era ir à missa, sempre. Sempre ir à missa, eles depois tiveram uma fase, deixaram de ir à missa, mas agora voltaram a ir à missa. E… mas nós tínhamos que ir à missa, pronto. Hã… quando havia aquelas coisas religiosas também… os batizados, tínhamos que ir, com o lacinho, aquela coisa muito queque horrível, apertado até aqui ao… eh pá! era horrível, aquilo. Mas pronto, tínhamos que ir à missa, e… eh pá! mas eu desde muito cedo, eu não aguentava aquilo, pá, nunca gostei daquilo, nunca. Eu ia à catequese, eu nunca gostei da catequese, nunca gostei dos padres, pá, nunca gostei. A parte que ainda hoje, ainda hoje ouço na Antena 1 a missa, ponho a missa na rádio, aquilo dá às oito da manhã, não estou a ouvir nada daquilo que eles dizem, mas aquela parte: “ide em paz e que o senhor vos acompanhe” – foi a parte que eu sempre gostei mais, pá: “Bora!!” – (risos).

E: Portanto, tiveste uma educação religiosa, foi? Consideras que foi uma educação religiosa, ou nem por isso?

JOÃO PEDRO: Foi, foi, foi, foi. Foi religiosa, foi. Completamente, a catequese, aqueles… aquelas coisas, sabes, em casa e tudo. Eh pá! Não era… não rezávamos antes de comer, mas… eh pá! Pronto, havia aquele respeito, pela… pela divindade e pelo… pelas regras da religião. Pronto, isso acontecia muito.

E: Hã… em termos de valores, como é que se orientava o teu núcleo familiar mais chegado, quais são os valores que imperavam e que tu sentias que estavam mais presentes?

JOÃO PEDRO: Pá, a justiça, a boa educação, hã… a solidariedade, eu notava muito isso.

E: E identificas-te com isso? Identificavas-te na altura?

JOÃO PEDRO: Sim, identifico-me, nunca tive assim problemas… sempre senti também um… pronto senti que fazia parte dessa… desse mundo, digamos assim.

E: Ainda relativamente aos teus pais, quais eram as habilitações escolares deles?

JOÃO PEDRO: O meu pai… é licenciado em engenharia mecânica, Lisboa e a minha mãe tirou o curso comercial, chegou a trabalhar… como secretária, em algumas empresas. Mas depois deixou. Quando se casou, deixou.

E: Na tua perspetiva e eu sei que esta pergunta é difícil às vezes de responder, como é que vês ou como é que consideras a educação que herdaste dos teus pais, podes falar-me disso?

JOÃO PEDRO: (reflexão) Eh pá! Eu acho que… eles sempre me deram tanta… tanta liberdade e bons exemplos e… pá, quando me obrigavam a fazer as coisas, eram aquelas coisas que eu tinha mesmo, era a minha obrigação fazer ao fim ao cabo. Se eu andava a estudar, tinha que… tinha que fazer aquelas coisas, era os trabalhos, hã… eh pá!… eles não… acho que foi uma educação… foi uma boa educação, vá. Não dizíamos palavrões em casa… nesse sentido, pá, respeitar as pessoas, o… pronto… acho que foi… para a altura, vendo agora em perspetiva, foi avançado para a altura, para os tempos que se viviam na altura.

E: Um aspeto mais prático, mais a ver… como é que era obtido o rendimento familiar, a profissão dos teus pais, eles conseguiram sempre dar-te tudo aquilo que querias ou, ou havia algum tipo de constrangimento financeiro, ou havia algum tipo de regras, como é que vias isso?

JOÃO PEDRO: Não… eh pá! eu nunca notei nenhum constrangimento financeiro. Hã… o meu pai era da fábrica, não é? Era engenheiro, portanto também tinha um salário bom, digamos, nunca teve assim nenhum problema. E… que eu saiba, houve lá uns problemas financeiros na família, numa determinada altura, mas quem me contou isto foi a minha tia, porque houve ali uns problemas, pá o meu pai teve um acidente, caiu uma carga… estavam a descarregar um navio, aquilo caiu-lhe na cabeça e… mas não lhe afetou a cabeça que ele estava de capacete. Ele foi salvo pelo capacete, mas só que ficou com problemas na coluna, ele teve muitos meses em casa, acamado, e… não sei se foi na sequência disso, que houve ali uns problemas financeiros, que a minha tia é que disse ao meu tio para emprestar o dinheiro, pronto. Porque a minha mãe precisava de dinheiro e a minha tia disse: “eh pá! Avança lá com o dinheiro, e tal, e tal” – e o meu tio avançou com o dinheiro. Mas eu penso que isto já estaríamos nós em Coimbra, houve ali qualquer coisa… pronto, o meu pai depois também tinha problemas do sistema nervoso, depressões, e não sei o quê, começou lá a fazer tratamentos em Coimbra, até que lhe deram a reforma antecipada, o meu pai passou da CECIL para a CIMPOR de Souselas, em Coimbra e depois… eh pá! Não sei situar-me no tempo, porque são histórias que… mas a mim aquilo passou-me completamente ao lado, a noção que eu tenho é que nunca faltou nada. Agora se quando eu era miúdo queria mais brinquedos e… queria os índios e os cowboys, e os carrinhos e as pistas… claro, um puto quer sempre mais, pá. E não tinha, claro. Aí… aí até foi boa educação, eh pá! A gente não pode ter tudo o que quer… pá, tem que fazer uma seleção.

E: Relativamente aos sítios onde tu viveste, como é que comparavas a tua família com as outras famílias da vizinhança, pertenciam ao mesmo estrato social, ou as outras eram mais ricas, ou a tua era a mais rica, sentias alguma, algum tipo de diferença a esse nível ou não sentias diferença nenhuma?

JOÃO PEDRO: Pá, eu senti isso, depois já na… na escola primária, quando… fui… a escola era no bairro social digamos assim e na escola, é que eu tive o contato com os miúdos… que não eram filhos dos engenheiros, pronto. O meu contacto, era com os filhos dos engenheiros, portanto eu não notava diferença nenhuma, eu achava que toda a gente vivia assim, eh pá! Não é? Normal. Uma casinha, um jardim, um… eh pá! Normal, uma horta, um fulano a tratar da horta, um jardineiro… isso é normal. Mas isso não é normal (risos), eu só percebi depois, na escola, pá, quando vejo os outros miúdos…casas mais pequenas, hã… também tinham um galinheiro, mas o galinheiro era uma coisita pá, muito rudimentar, pá pronto aí é que eu vi que havia, havia diferenças. E, portanto, aí fiquei com a certeza de que eu vivia, de que eu era do lado… dos abastados digamos assim.

E: Em termos políticos, qual era o posicionamento político da tua família, podes-me falar disso?

JOÃO PEDRO: Aquilo… eu só percebi que havia política no 25 de Abril, eu antes disso, a política para mim não existia. Pronto, eu cheguei à escola, na quarta classe, penso eu, ou terceira ou quarta classe, ou no fim da terceira classe talvez. E… e um amigo meu, era o Gordo, o Manuel Gordo, diz assim:

-"Eh pá!! Houve uma revolução" – eu:

-"Houve o quê?"

– "Uma revolução, está tudo coiso, ouvi na rádio, tal, tal." – eu assim:

- "Eh pá!! Uma revolução." – mas não sabia o que aquilo era. Acho que as aulas, acho que… ou ainda começaram ou nem chegaram a começar, e o meu pai ou a minha mãe foram-me buscar à escola, pronto. Fomos todos para casa, tudo em casa a ouvir aquelas coisas aí: "houve uma revolução, houve uma revolução" – pronto. E depois do 25 de Abril é que se falou cá na família, que o meu tio e a minha tia, tinham sido presos pela PIDE, pronto. E foi aí que eu tive a noção, eh pá! Havia opressão. Eu para mim, não, não sabia o que isso era, pronto. Mas na minha família, há esta história dos meus tios, pertencerem ao Partido Comunista, os dois. Pronto, eles namoravam, tal, tal… mas pertenciam os dois ao partido comunista. Eram professores, na Covilhã, eram de Lisboa, mas iam dar aulas para a Covilhã e foram presos uma vez que iam apanhar o Comboio. Prenderam os dois, separadamente, mas estiveram, estiveram engaiolados três ou quatro dias, porque… eh pá! Pronto, houve lá uma denúncia, alguma coisa. E ali estiveram a atentar obter alguma coisa. Mas depois libertaram-nos, pronto.

E: Isso em ti, tinhas que idade nessa altura?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Então, se eu andava na terceira, devia ter nove anos… hã… ora eu nasci em sessenta e quatro… pois tinha nove, ia fazer dez anos. Eu nasci em maio. Tinha nove anos. E aí é que eu tive um bocado a noção da… dessas coisas da política.

Eu antes tinha a noção que havia guerra, em África, não sei se é do teu tempo, não sei quantos anos tens tu, quantos anos tens? Já agora?
E: Quarenta e oito.
JOÃO PEDRO: Quarenta e oito. Pois, pá… mas já não apanhas te tanto, eh pá! Havia aqueles programas da televisão com os soldados a dirigir à família: "eh pá! Não sei o quê… na, na, na…" - eh pá! Pronto era a coisa que… o que a gente tinha da guerra, não era as imagens que tu tens hoje, a gente não sabia que havia mortes, não é? Pá, a miudagem sabia que havia guerra, lá com os pretos: "Eh pá!… andam lá, os pretos, o exército vai lá para África" - pronto, e vivíamos essa imagem dos soldados lá, com bom aspeto a desejar à família, muitas prosperidades, bom natal, bom ano novo, era assim, pronto. Pá, mas politicamente isso para nós, fazia parte, pá, nós aprendíamos, que nós tínhamos um império, não é? Nós na escola, era o império, não é? Tinhas que aprender os rios de… de Angola, e Moçambique, as linhas de caminho de ferro, a gente aprendia aquilo tudo. Portanto os soldados estavam lá… a defender o que era nosso, pronto e era o que nos aprendíamos. E para nós fazia sentido, então se aquilo era nosso! Tinha que lá ter soldados nossos, pronto. Mas não tínhamos ideia da guerra, que aquilo era… que havia, sabes? Que havia… adversidades enormes, e não… não tínhamos ideia do racismo, nada disso, pá. Os portugueses estavam lá… lá conviviam com as pessoas de lá, normal… (risos).
E: Mas após o 25 de Abril, em termos políticos nunca conseguistes identificar onde é que a tua família se posicionava, mais á esquerda, mais à direita?
JOÃO PEDRO: A minha família foi sempre mais à esquerda, sempre mais à esquerda, sempre, até por causa desses problemas com a PIDE, e… pá e depois as pessoas… falavam umas com as outras, não é? E…
E: Isso relativamente a ti, sentias alguma coisa relativamente a isso, eu só te dizia aquilo que me acabaste de falar agora?
JOÃO PEDRO: Não, depois do 25 de Abril, eu acompanhei aquelas situações todas. Eh pá! Havia muita movimentação, depois eu comecei a… a ver aquelas coisas todas, o 25 de novembro, não sei o quê, tudo. A gente depois, começa a ver como as coisas são. A descolonização… ou pá, pronto, e vais… e vais vendo aquilo. E a minha casa era sempre pelo posicionamento da esquerda, para já tinha tios comunistas, eh pá!… eh pá! E ter comunistas da família, já… é qualquer coisa e… mas podiam os meus pais ser de direita, não é? Podiam ser como… mas não. Pá, o meu pai era uma pessoa solidária, e… pronto e sempre foram de esquerda, mas esquerda moderada, não eram… pá, não eram comunistas… nem nada que se parecesse, hã… pá, eram aquele PS… aquele PS mais… conservador, digamos assim.
E: Hã… revias-te nesse posicionamento tu?

JOÃO PEDRO: Sim, eu revia-me, mas eu era mais à esquerda. Eu era mais revolucionário, o meu pai era PS e eu era União da Esquerda para Democracia Socialista, o UEDS. Porque depois, ainda andei a colar cartazes com a malta do PS, porque eles depois fizeram, como é que se chamava aquilo, a FRS. Que era a Frente Revolucionária Socialista, seria qualquer coisa assim. Que era a UEDS, que eram dissidentes do PS, que formaram a UEDS. Que era a mais à esquerda e há a ASDI, que era os que também tinham saído do PS, mais à direita. Que eram mais para o PSD, ou saíram do PSD, eram mais à esquerda do PSD, a ASDI, talvez fosse. Os mais à esquerda do PSD, saíram, do PSD. E os mais à esquerda do PS, saíram do PS, mas depois quando houve umas eleições, fez-se a FRS e nessas eleições eu já andei a colar cartazes. Mas eu era da UEDS, era dos poucos, eh pá! porra, mas tinha uma bandeira da UEDS, ainda a tenho (risos).

E: Relativamente à consciência ambiental, eu sei que nessa altura as coisas ainda eram um pouco diferentes, um pouco ténues, como é que a tua família se posicionava? Já havia algum tipo de consciência?

JOÃO PEDRO: Olha, a parte da família da minha mãe, tinha uma grande ligação ao mundo rural, porque eram de Vila Verde, Seia… a família esteve ligada ao comércio das… peles, das samarras, peles de ovelhas, pele e pelo, era as samarras. Vila Verde de Seia é a terra dos samarreiros e, portanto, a minha família esteve ligada a esse negócio e depois ficaram lá sempre umas tias. Portanto, o meu pai como a minha mãe, mantiveram sempre muita ligação com essa terra de Vila Verde, hã… eh pá! Mas não havia preocupações… ecológicas, isso… pá, não havia, pronto, pá. Sabia-se que a poluição fazia mal, sabia-se que o tabaco… certas pessoas faziam mal, certas pessoas, nas não era toda a gente. Havia muita gente a fumar, aquilo não lhe fazia mal nenhum, então! E… eh pá! Depois só que as coisas depois realmente foram evoluindo, mas era um bocado assim, eles não tinham… eu não identifico nos meus pais qualquer consciência ecológica. Agora, havia a preferência pelos produtos caseiros… eh pá! Uma questão de gosto e de… não era por levar menos químicos… na altura nem… nem se falava muito disso vá. Mas já havia, já havia químicos na agricultura. Havia pesticidas e essas coisas.

E: Nas reuniões de família, refeições, comemorações, coisas assim do género, sobre… qual era o assunto, ou sobre que assunto se costumava falar, assuntos mais dominantes, por assim dizer?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Estás-me a pedir para falar de uma coisa que eu não tenho memória. Não chego lá… já não tenho memória. Mas devia ser a coisa mais… o assunto do momento, pá… se o momento era político… depois do 25 de Abril, ah… falava-se de política à vontadinha…hã… falava-se do que se ia fazer, das férias, mostrava-se

fotografias, às vezes faziam-se projeções de slides, tínhamos uma máquina de projetar slides, o meu pai chegou a ter uma máquina de projeção de filmes, super oito, às vezes fazia aqueles filmes caseiros super oito, super engraçados. Três minutos, fazia-se a projeção, eh pá! Pronto eram encontros assim… entre o divertido e o sério. Se havia assuntos sérios, havia, mas não… normalmente não se falava de questões… delicadas à frente dos miúdos. Portanto essas questões não eram levadas ali para a…

E: Em termos de associativismo na tua família, havia algum tipo de envolvimento ou… já me falaste nisso. Movimento social, sindicalismo?

JOÃO PEDRO: Havia… os meus pais pertenciam a um grupo… ligado à igreja, era o grupo do… eh pá! Eles faziam aconselhamento de casais. Aquilo tinha um nome, eles iam a Setúbal, que nós vivíamos longe de Setúbal, eles tinham que ir de carro, para participar nessas reuniões, que eram normalmente ao fim do dia. E… pronto, participavam nisso, portanto era o envolvimento deles com as coisas da sociedade. Assim, mais grupos… havia os grupos da… da fábrica, havia aqueles grupos… recreativos e não sei o quê… pá, participávamos na festa do, do Natal, mas normalmente nós… os miúdos participavam por causa da escola. Pronto, mas havia ali o… sabíamos que havia ali aquele… aquele, aquela reunião de pessoas, por causa do desporto e tal, mas o meu pai não praticava assim nenhum desporto, nem a minha mãe. E… hã… participavam… também… hã… politicamente não, nem sindicatos, nem nada dessas coisas…. Era o desporto, o futebol, pá, é família sportinguista, SCP! SCP! pronto. Aí eram sócios, hã… pagavam quotas e essas coisas assim, que é uma associação, ao fim ao cabo. Agora é cada vez menos, pá, mas na altura aquilo era levado como… um clube a que as pessoas pertenciam com… com orgulho. O meu pai não sei se chegou a pertencer… mas a minha mãe tenho ideia que sim, a minha mãe tenho ideia que sim.

E: E o que achavas disso, tu?

JOÃO PEDRO: Eh pá!… achava bem. Hã… o futebol, nunca, nunca me disse assim nada de especial, nem nunca tive essa febre do… do SCP. Hã… mas o, participar lá naquilo com os casais e tal… apesar de eu não saber o que é que era aquilo, não é? Também eles também não diziam… sabia que eles iam e não sei o quê, dos casais, eles depois… às vezes ainda apanhava assim uma conversa, deles a falarem, dos casais e tal. Mas… pá, achava, não achava mal… dizia assim: “pronto, estão a participar em coisas, para ajudar as outras pessoas, e assim” – e o desporto aquilo a mim, pronto, era igual, para mim não… não ligava muito a isso.

E: Quando eras mais novo, criança, jovem ou na adolescência, tinhas algum tipo de herói ou personagem histórica que admirasses ou nem por isso?

JOÃO PEDRO: Eu tinha o Tarzan, Robin dos Bosques, o Zorro (risos), eh pá!… É tudo figuras que não há hipótese, pá, identifico… ainda hoje, ainda hoje me identifico, eu tinha livros do… tinha, tinha livros do… Cebolinha, estou a olhar para ali, porque tenho ali ainda uma coleção. Tinha livros do Asterix, o Tim Tim, nós tínhamos do Tim Tim por fascículos, já não és desse tempo, o Tim Tim era uma revista… és desse tempo? Pronto, depois aquilo saíram umas… ainda se podem comprar encadernado, aquilo tudo, eh pá!… Saíram vários livros de BD, fogo, eu tinha ali… BD com fartura. Mas realmente para mim era… à tinha muita coboiada, livros de cowboys, havia os livros da coleção Combate, também sobre a segunda grande guerra, também devorava aquilo tudo. Hã… e… pá, mas eu identificava-me sempre era com o Zorro, histórias do Zorro, do tio Patinhas era depois uma figura que tinha várias aventuras. O Tarzan, que havia várias bandas desenhadas com o Tarzan e… e com o Robin dos Bosques, eh pá!…Então pronto, estás a ver o trio…

E: Consegues, explicar-me ou identificar, passo a redundância, porque é que te identificavas com esses, com essas personagens?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Porque eles… olha defendiam os animais, estás a ver, o Tarzan… aquilo para mim era uma coisa… porque eu era o defensor dos animais… desde pequenino, pá… eu tinha aquela… aquele amor, sabes? Aquela ligação com as galinhas, com… nós só tivemos um cão, era eu pequenito, depois deixamos de ter cão. Nunca mais tivemos, eu via um cão, eu ficava todo contente, hã… eh pá!…. Aquilo era, era mesmo a minha alegria e as plantas também, pronto. E depois o Robin dos Bosques, eh pá! roubava aos ricos para dar aos pobres, justiça, estás a ver? Eh pá! Aquilo para mim fazia todo o sentido… e o Zorro, era o revolucionário, estás a ver, era o gajo que vai contra a opressão, eh pá!, e que tem um cavalo, espetacular e eh pá!, pronto, era num… ainda hoje, consigo admirar. Eu se puder… (risos) votava Zorro para presidente da república, voto no Zorro, (risos).

E: De que grandes eventos ou revoluções, seja à escala nacional, ou… até mesmo global… é que te recordas e que te marcaram no teu passado, mais jovem, de adolescente?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Olha, o 25 de Abril, foi o primeiro. Lembro-me perfeitamente, hã… porquê?

E: Sim, sim.

JOÃO PEDRO: Eh pá! Porque foi essa história depois de me irem buscar à escola, foi uma coisa completamente diferente, e foi quando eu acordei, um bocado para… sabes, havia um outro mundo. Que a gente vivia num mundo… onde não se falava nas coisas, pronto. E ali começa-se a falar das coisas. E vi muita alegria, via as pessoas alegres, eh pá! Aquilo mexeu mesmo comigo, o 25 de Abril. Depois assim, a nível mundial, o que

é aconteceu assim que mexesse assim muito comigo… não me lembro assim de… a nível mundial, o que é que, o que é que eu via a nível mundial e o que… pá? Era os jogos olímpicos, e tal… que era a coisa que mexia assim mais o mundo. Depois houve a queda do muro de Berlim, hã… mas aí eu já tinha alguma… algumas convicções políticas, hã… eh pá! É assim o que eu me lembro, mas é o que eu te digo, atenção, a minha memória, é muito… fraquinha, há coisas que pá, que se passaram e que se calhar foram importantes e que eu não, não consigo ir lá atrás buscar.

E: Hã… na juventude, mais jovem, pós-adolescência, seguias algum tipo de causal algum ideal, alguma… convicção?

JOÃO PEDRO: Eu seguia… quando apanhei a malta do *Greenpeace*, notícias sobre o *Greenpeace*, era o que eu seguia, para mim era o… era o *Greenpeace*. Eu só, só ouvia falar o *Greenpeace,* era o que eu gostava mais, punham-se à frente das baleias, defendiam as baleias, pronto, era… agora, nem a religião, nem… grupos assim, nada, nada disso, nada. Politicamente fui então para a UEDS, mas não tinha assim uma coisa a nível global, digamos assim, de dizer: "eh pá! Eu sou daquela linha, marxista ou leninista, não, não era nada disso, pá." – Eu era UEDS, porque juntou-se ali um grupo de pessoas que eu achava que… que eram boas e que representavam bem a… aquelas ideias da esquerda, mais esquerda se ser assim também extremista, digamos.

E: Portanto e algum tipo de cultura juvenil, aderiste a algum tipo de cultura juvenil?

JOÃO PEDRO: Não, não… eu estava fora disso tudo. Eu era uma mosquinha morta nas aulas, falava pouco, muito tímido. Não me juntei assim… a anda de… nem a malta do rock, nem a malta do… eh pá! ouvia a… ouvia a música e tal, mas era muito na minha onda, nunca tive assim… nunca pertenci a… a grupos grandes de… de malta nova.

E: Essa tua, essa tua… opção pelo *Greenpeace* e pela UEDS, o que é que os teus pais diziam disso, recordas-te?

JOÃO PEDRO: Pá, os meus pais acho que não criticavam, por exemplo quando viam coisas do *Greenpeace*, eu podia estar com atenção e podiam dizer: "olha o que estes estão ali a fazer, olha o perigo." – Nada, nada disso pá. Pá se faziam algum comentário, sim, eh pá!… Era: "é preciso coragem para fazer aquilo e tal, e tal." – Ou qualquer coisa assim. Pronto, para tu veres como eu era esquisito na altura, eu agora lembrei-me, quando eu disse que não era do grupo do rock, eu ouvia a banda jazz na rádio… já nem sei que rádio era, com é que se chamava a rádio, eu comecei a ouvir jazz pá, com dezasseis anos ou com dezassete anos, que é uma coisa… ouvia na rádio, pronto. A banda jazz, ensinava o que era o jazz pá e dava jazz muito bom, pá. Era, aquilo era um programa espetacular. Era à hora na novela, toda a gente via telenovelas em Portugal, pá eu via a Gabriela, vi o Casarão, mas depois… eh pá! chega, quer dizer, aquilo é sempre a mesma coisa. E eu comecei a querer… eh pá! Outra coisa, pronto. E encontrei,

o jazz, pronto, pá, estamos a falar do jazz, naquela altura ninguém ouvia jazz em Portugal. Eh pá! Era uma coisa, mesmo, para pessoas muito esquisitas… pá, mas eu identifiquei-me com o jazz. Aquela liberdade, de… do som e realmente aquele programa ensinou, sabes? E eu por acaso apanhei aquilo, comecei a ouvir e disse: "Eh pá!! Isto é giro pá! Isto realmente…" – a maneira como eles explicavam: "agora nesta música e tal, prestem atenção ao baterista! Esta música também é boa, mas prestem atenção ao baterista" e a gente: "Eh pá!! Realmente o gajo… há aqui um trabalho bom e agradável" – pronto. E explicavam o que era o swing, explicavam, pá, aquelas coisas todas. Foi muito bom, foi muito bom, ainda hoje… a minha música é sempre… quando oiço jazz… pá, é outra coisa.

E: Relativamente aos tipos de escola, em que tipo de escola é que estudastes? Privadas, públicas, colégios, ensino militar, religioso, ou?

JOÃO PEDRO: Não, foi tudo, tudo público. Sempre público. Só que tive pré-primária, numa altura em que pouca gente tinha pré-primária. Mas eu tive pré-primária, com piano, com… mas era público, era para toda a gente. Era lá o bairro social da escola, só que, não era um ambiente urbano era um ambiente fabril, rural, digamos assim. Que as pessoas trabalhavam na fábrica vinham ali do meio rural, ao fim ao cabo. E… pronto, mas foi sempre público, sempre.

E: Não sei te recordas, tiveste algum professor favorito, no teu passado escolar?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Tive uma professora de inglês… que me fez adorar inglês, pá. Eu comecei a aprender inglês, eu devorava aquilo tudo e… e foi essa, assim… favorito, só me lembro dessa professora de inglês. O resto, pá, tive uma professora primária que me dava reguadas, não era de certeza a minha favorita, depois mudou para uma outra mais nova, já não dava reguadas… já não foi mau. Hã… depois na escola, na, na… nessa escola preparatória, só me lembro dessa professora, não me lembro de mais nenhum professor. Depois em Coimbra, já me lembro de professores, porque depois… fui para o oitavo ano e depois já me lembro de alguns professores, porque depois tive lá o oitavo, nono, décimo, décimo primeiro… eh pá! E claro, são figuras da escola e depois ainda me lembro de alguns. E gostava dos professores de biologia, tinha uma predileção pela biologia, eh pá! Era o que eu gostava, logo os professores… também eram professores que faziam a pessoa interessar-se… digamos assim…. não eram… não eram professores que dificultavam, nem… não, eram, eram bons professores. E sempre gostei muito.

E: Durante as férias escolares de verão, quais eram as atividades, preferidas?

JOÃO PEDRO: A minha atividade preferida era, agarrar numa sachola e quando toda a gente ia para a praia, eu limpava o galinheiro, fazia buracos na terra, punha plantas, andava de bicicleta sozinho, hã… eh pá! Era a minha atividade favorita e depois brincar,

eu brincava muito com legos, com os índios e os cowboys, aquelas figurinhas, hã… e… e às vezes lia. Mas o ler, não era assim… pá, lia banda desenhada, isso sim. Mas o ler livros, não era comigo.

E: O que é que, se te recordas, o que é que ambicionavas ser, em termos profissionais ou gostarias de ser, quando crescesses?

JOÃO PEDRO: Pá, toda a gente dizia que eu ia ser veterinário, portanto eu fiquei com aquela coisa de: "Hei!! Vou ser veterinário, vou ser veterinário!" – Só que eu não estudei o suficiente para ser veterinário, pá, porque era preciso média e eu não tinha média, não havia hipótese. E depois fiquei um ano, quando concorri, concorri para vários cursos, acho eu, não entrei, não entrei, fiquei um ano… fiz aquilo que se chama o *gap year*, agora é muito na moda o *gap year,* na altura isso não existia. Isso era para os gajos que não entravam… "Ai! Não entrou!" – Era logo apontado a dedo, porquê? "Não estudo o suficiente, não entrou" – pronto e então nessa altura, conheci malta da, da veterinária e… e que andava em veterinária, nos… não no primeiro ano, mas no segundo, terceiro ano, já assim… eh pá! E eles diziam que aquilo… era preciso decorar os nomes disto, daquilo e o curso era teórico, só não sei o quê… eu disse assim: "Eh pá!! Eu não gosto disso, calma isso não é para mim, então a veterinária, pronto" – e então, quando entrei, já nem concorri para veterinária, disse: "não, não quero veterinária" - mas também não tinha média, penso eu. Concorri para produção animal, em Coimbra, que é a escola superior agrária, hã… que eu conhecia o sítio, adorei o sítio da escola, a escola era um sítio paradisíaco, já não é agora. É no mesmo sítio, mas deram cabo daquilo tudo e… e então, fui para produção animal, pronto. Foi um bocado a… mas a… sempre quando diziam: "quando fores grande…" – eh pá! Era sempre aquela coisa: "vai ser veterinário" – pá, eu nunca sonhei ser outra coisa, nem desportista, nem… nada, pá, pronto tinha aquela ideia que, sim, posso vir a trabalhar com animais, pronto.

E: Durante a escola, isto antes da universidade, envolveste-te em algum tipo de atividades coletivas?

JOÃO PEDRO: Fora da escola?

E: Durante a escola, mesmo na escola, isto antes da universidade?

JOÃO PEDRO: Pá, antes da universidade… antes da universidade eu já pertencia a um, a um grupo, exatamente, foi no décimo primeiro ou no décimo segundo ano. Entrei para um grupo, que era o grupo de investigação e divulgação científica, que era um grupo em Coimbra, que, que tinha ações ecológicas, pronto, foi através de uma outra pessoa que pertencia ao grupo, e que disse à minha irmã: "Eh pá!! O João Pedro é que era bom para aquela associação" – Eh pá! E realmente era, eu disse: "Eia! Isto existe em Coimbra, uma coisa assim?" – Porque eu na altura já conhecia o Setúbal Verde,

havia uma associação que era o Setúbal Verde, que era pá, o *Greenpeace* em Portugal era o Setúbal Verde, e eu: "Eh Pá!" – Mas eu já não estava em Setúbal, portanto eu já não pertencia ao Setúbal Verde, estava em Coimbra, pá e quando me se me abre a hipótese de pertencer a uma associação, eu foi logo: "Pá, é o GIDC, é já para o GIDC." - Vou à primeira reunião: "Quem é que fica responsável por isto?" – "Olha, este está aqui, este gajo novo, não queres ficar responsável?" – E eu: "eh pá! Eu… desde que me digam o que é que é para fazer, eu… esto aqui é para fazer, coisas" – Pronto, e fiquei até hoje (risos).

E: E o que é que achaste dessa experiência?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Essa experiência foi muito boa, porque… hã… eu estava com malta nova, super fixe pá, na casa dos dezassete, dezoito anos. Nós fazíamos muitas reuniões, tínhamos muitos estatutos e regulamentos para ver, porque aquela associação nasceu de depois do 25 de Abril, e os estatutos, aquilo era uma porcaria, era uma coisa tipo… meio revolucionário, eh pá!… Aquilo qualquer pessoa fazia uns estatutos na altura, pá. Só que os estatutos, abriram a porta a muitas irregularidades, pá, porque não estava previsto nos estatutos. E então, eh pá! Quando a associação depois, aquilo é um grupo de investigação e divulgação científica. Tínhamos um programa na Antena 1, eu fazia, através do estúdio de Coimbra, eu era uma das pessoas, punha a música, cheguei a fazer programas, a fazer locução, apesar de eu não ser a pessoa indicada para aquilo. Eh pá! Mas era preciso e eu… vá bora, a gente fazia, que era o espaço ciência e depois dentro dessas, dessa história da ciência, chegaram os computadores, os *ZX Spectrum*, e aquelas coisas assim. E então nós, começámos a fazer cursos de formação para a informática, e arranjávamos computadores pá, da *Texas Instruments* e não sei o quê. E passávamos aquilo mais barato, fazíamos preços pá, claro era através da associação, era muito mais barato. E aquilo começou a… a associação começou a ter algum dinheiro, pá, quando a associação começa a ter algum dinheiro, esquece. Problemas… "O fulano tal ficou com os computadores, não há maneira de a gente agora ficar com os computadores, e hã… pá!" – Até que… se fez uma reunião a nível nacional, aquilo, Coimbra era um núcleo, a associação era nacional. Hã... e então fez-se uma reunião e então fechou-se a associação. Fechou-se a associação, porque não tínhamos estatutos, não conseguíamos, pá. Alguém fazia alguma irregularidade, ficava com coisas da associação, podia ficar, não estava previsto nos estatutos, pá, pronto, aquilo era uma rebaldaria, ao fim ao cabo. E então, fechou-se a associação, e acabaram-se os problemas, depois de tanto trabalhar em estatutos e regulamentos internos, e não sei o quê, pá. Mas, aquilo ficou por aqui. Mas ainda fizemos muita coisa, muita coisa.

E: Nessa altura, ou por essa altura, hã… recordas-te de alguma situação que tenhas presenciado ou que tenhas vivido, hã… e que tenhas considerado injusta ou que te tivesse provocado algum, algum tipo de emoção ou sentimento mais, mais desagradável. Uma revolta?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Eu… essas… eu estava um bocado, à… ao lado dessas irregularidades que ia acontecendo ou se ia acontecendo, a nível central, ali no núcleo de Coimbra… não me lembro assim nada que me revoltasse assim dentro da associação. Pá, se aconteceu alguma coisa, não tenho ideia nenhuma.

E: E fora da associação?

JOÃO PEDRO: Mas fora da associação, é isso que eu ia dizer, fora da associação… hã… pá assim uma coisa que eu… que eu dissesse assim: "Eia pá!" – Eh pá! Havia, tive, senti que era injustiçado por algum professor ou outro, mas eu depois revoltava-me. Hã… assim a nível nacional, pá, acompanhei de certeza politicamente algumas situações, também. Que achei que aquilo era uma grande injustiça. Hã… pá, mas agora não te sei dizer quais… mas acompanhei, de certeza, porque eu já tinha muito… acompanhava muitas situações. Ah!! As cenas das armadilhas, para os pássaros, pá, que era proibido. Era proibido usar armadilhas para os pássaros, mas elas era… continuavam a ser vendidas. Pá, isto para nós era uma injustiça estúpida, então se é proibido usar armadilhas para os pássaros, que acaba com as aves insectívoras e elas são vendidas ali… por toda a gente, vende, coiso. Vendiam pássaros apanhados ilegalmente, aquilo era… era um forrobodó. E a gente: "mas como é que é possível, pá? Isto é uma injustiça!" – Isso era uma coisa… e nós lutávamos contra isso, eh pá! Estávamos sempre, sempre a dar nessas, nessas causas ambientais, entre aspas. Mas nós já, já trabalhávamos muito nessas frentes.

E: Nesse tipo de situações, consegues a identificar as tuas emoções, o que é que sentias?

JOÃO PEDRO: Eh pá!… Eu sentia vontade de denunciar aquilo, e acabar com aquilo, era a vontade que eu tinha e nós conseguimos denunciar muita coisa. Denunciar conseguíamos, mas não era… hã… eh pá!… Não era gajo para ir lá e partir aquelas pessoas, ou… fazer mal às pessoas, ou… eh pá! Era um bocado contra o… era… as autoridades não fazerem nada. Então se era proibido, deviam ser as autoridades ou o poder político a tomar medidas para acabar com aquilo. A única coisa que eu fazia mesmo… assim revolucionário, era arrancar eucaliptos e partir eucaliptos. Isso eu fazia… eh pá! Pronto era o meu tempo livre. Dedicava-me a isso (risos). Quando podia: "Oh carago!" – Já era conhecido pá, já era conhecido pelo gajo: "Vem aí pá, vamos passar por um eucaliptal pequeno, pá, cuidado com o João Pedro" – Era a minha guerra, era essa.

E: A ida para o ensino superior, foi público, não é, universidade pública?
JOÃO PEDRO: Sim, sim, a escola agrária.
E: Tiveste que sair de casa dos teus pais para estudar ou não?
JOÃO PEDRO: Não, não, não. Não porque já estava a viver em Coimbra.
E: Portanto, estudaste até ao grau de bacharel, não é? Licenciatura na altura?
JOÃO PEDRO: Sim, três anos.
E: Como é que… quando é que começaste a trabalhar?
JOÃO PEDRO: Eu comecei a trabalhar… ora, eu fiz o curso… fiz o curso, depois… como é que foi? Eu tinha lá um… tive uns problemas com a tropa. Aí houve umas injustiças grandes, eu tive ali uns problemas com a tropa, que era uma coisa… por engano. Enganaram-se comigo, pá. E depois queriam… eh pá! é uma história muito grande, eu não te vou contar. Mas vale a pena, é uma história que vale a pena. Hã… e por isso, eu depois andei ali uma fase, que é que eu queria? Queria fazer um projeto agrícola, queria meter um projeto… pá, tinha estudado, podia-se meter projetos, jovem agricultor e eu andava com essa ideia. E andava na zona, de Vila Verde, porque tinha lá essa ligação familiar, ao pé de Seia. Lá para a terra dos samarreiros… e andava um bocado com ideias para ir para lá. Só que depois aquilo não avançou e tal e depois no ano a seguir, fui trabalhar para a Agro Bio, a Associação Portuguesa de Agricultura Biológica, eu fui fundador da Agro Bio, naqueles primeiros anos, acompanhava as coisas assim um bocadinho à distância, mas depois houve uma altura que foi preciso alguém para trabalhar na sede, em Lisboa. Mas a Agro Bio não tinha dinheiro para pagar… pá era assim uma coisa… pá sim, a gente vai pagar, mas… era assim uma coisa muito estranha, hã… mas pronto a associação estava com tendência para crescer e cresceu, realmente a associação depois cresceu. Mas eu tive lá poucos meses, aquilo depois passado pouco tempo era impraticável, porque eu não desenvolvia trabalho, eu não conseguia fazer… render, digamos assim, o investimento que a associação… eu era para fazer projetos, eh pá!… Mas eu depois estava ali numa sede em Lisboa, eu não era de Lisboa…. Eh pá! Pronto, aquilo não era, de facto não era a solução melhor. E… então depois saí, e quando saí da Agro Bio, saí logo diretamente para o ensino, a minha tia comunista, dava aulas no liceu Pedro Nunes, em Lisboa… Liceu Pedro Nunes, não sei se conheces? Atenção!
E: Sei, sei.
JOÃO PEDRO: E a minha experiência, laboral a sério, digamos assim, a primeira… ah! Eu antes já tinha trabalhado umas coisas na agricultura, a fazer umas podas, a fazer… pronto, trabalho agrícola. Mas, eh pá! era uma coisa muito… foi muito pontual. Se não falasse contigo, já não me lembrava disso. Mas ainda fiz, fiz, depois estive na Agro Bio, depois fui então para o ensino, pronto, pela mão da minha tia, fui substituir um professor,

eh pá!… Pronto, não tive com… não fiz o concurso, não fiz aquelas coisas. Entrei a meio do ano, entrei em novembro ou dezembro, para substituir um professor, pronto. A minha tia convidou-me, eu fui lá, apresentei lá os meus currículos e fiquei lá, a dar biologia. Muito interessante, foi uma experiência muito boa, mesmo.

E: Passaste pela experiência do desemprego ou não?

JOÃO PEDRO: Eu passar pela experiência do desemprego… aquele desemprego em que a gente depois vai à procura do emprego, não. Mas eu em dois mil, fiquei desempregado, até hoje. Eu sou agricultor desempregado. Desde o ano dois mil. Por isso é que eu sou magrinho, (risos).

E: Podes falar-me em termos gerais e de uma forma sintética o que é que achas dessa experiência do desemprego?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Mas eu… é um desemprego por opção. Pá… por isso eu não… não consigo… é difícil… estar a falar do desemprego, porque o que eu vou dizer, não é… não é… não é… ó pá! Como é que hei de explicar, eh pá! eu, eu fiquei desempregado porque o ministério da agricultura, foi lá fazer uma inspeção, ao Monte Velho da ONGA, eu era o rendeiro do Monte Velho da ONGA, pronto. E… eh pá! E fiz lá muita coisa, de voluntariado, eu fiz obras, eu fiz mil e uma coisas no Monte Velho. E era conhecido por ser o gajo da ONGA, pronto. E antes de irem lá fazer a inspeção, eu sou avisado. Ligam-me lá do ministério da agricultura, a dizer: "João Pedro! Atenção que eles vão aí fazer uma inspeção" – e eu disse: "Então vá, bora, tenho tudo… está tudo regular" – Eu sou inspecionado, eu fazia agricultura biológica, tinha as inspeções, portanto eu não podia fugir daquilo. Quando eles lá vão fazer a inspeção: - "Então onde é que está esta cultura?"

– "Então a cultura está aí!"

- "Então, mas a gente não vê cá nada!"

- "Então, mas vocês vêm cá no verão? No verão o que vêm é restos. Eu não consigo dizer mais, mas se querem que eu vos diga, isto nasceu muito mal." - Pá, o milho, deixa ver se tu consegues ver… o milho não passou desta altura.

-"Pá eu semeei no milho, na altura em que se deve semear, foi um ano de seca. O milho sequeiro não deu mais. Então, o que é que eu posso fazer?"

- "Ah! Porque não, então, devia se ver a cultura e tal. Então e o milho de regadio?"

- "Então o milho de regadio já deixei de regar há um mês e tal atrás, as ovelhas já comeram tudo." - Nem saíram do carro, para ir ver que o milho tinha sido semeado.

-"Há! Então não se vê cá milho nenhum, isto não pode ser, isto não pode ser."

-"Vocês façam os vossos relatórios, tenho testemunhas, tenho relatórios a dizer que eu fiz tudo, eh pá!, eu não tenho problemas nenhuns." – Oh! Com quem eu havia de me

meter, com o ministério da agricultura, pronto. Isto foi em noventa e nove, em dois mil volta lá ir a inspeções, eu chamei lá técnicos, eu fiz relatórios, eu disse:

-"Eh pá!! Eu tenho razão". - Eh pá! Aquilo foi de tal maneira, fiz greve de fome, apareci nos noticiários, eu fiz tudo e mais alguma coisa. Pá, reunião lá com o diretor regional, diz:

-"Eh pá! João Pedro, tens razão, tu tens razão. Só que agora, chamaste comunicação social, mas é, se a gente te der razão temos de dar razão aos agricultores todos." - E eu:

- "Então, e agora?"

-"Eh pá! Agora temos de sair desta embrulhada, pá, vais ter, vais ter de pagar." - E eu:

- "Mas vou ter de pagar como?"

-"Vais ter de devolver os subsídios todos." - E eu:

- "Não, não. Pá, vou para casa pensar como é que vai ser, agora não estou a ver bem essa hipótese." - Pronto, então depois fui lá a uma reunião e disse:

-"Do mal menor, escolho o mal menor." E ele diz-me assim, o diretor regional:

- "Mas o quê?"

-"Pronto, para meio entendedor meia palavra basta. Eu escolho o mal menor." – E ele chorou:

-"Obrigado João Pedro, e tal." – E disse assim, mas então ele não sabe o que é que eu escolhi, o mal menor para mim é não pagar nada. Qual é agora, pagar! Nem pensar nisso, então. O mal menor é ir para o desemprego. Pronto, fui para o desemprego, fechei o estaminé, tudo o que eu tinha no meu nome, passei tudo para nome da ONGA, o trator, o jipe, tudo o que eu tinha adquirido, todo, fiquei sem nada. Bens, zero. Não me podem levar nada, pronto. Foi a minha guerra foi essa, entrei no desemprego. Entretanto, tinha uma companheira na altura também muito revolucionária. Hã… que ficou doente, com uma doença… hã… pá que levava à morte. Que era a esclerose lateral amiotrófica, e… eh pá! E pronto e eu… estava desempregado, fiquei a tomar conta dela, fiquei a cuidar dela. Isto coincidiu quase, umas coisas com as outras. Eu cheguei a ir a Bruxelas em greve de fome, com ela a conduzir, eu fiz, ó pá! Fiz muita coisa, muita coisa, muita coisa. Mas quando ela foi a Bruxelas, já estava doente, pronto, só que aquilo é uma doença progressiva e ela foi aguentando, aguentando, aguentando… hã… ela depois faleceu em dois mil e oito. Portanto entre dois mil e dois mil e oito eu fui cuidador dela, sendo que de dois mil e cinco ou dois mil e seis, até dois mil e oito, era só *fifty-fifty*. Ela ficava com a mãe, passado uma semana, ela já não aguentava mais estar com a mãe. Vinha estar comigo, passado uma semana não aguentava estar comigo, ia estar com a mãe. Pronto, foi… e pá, foi bom para ela, foi bom para a mãe, foi bom par mim, porque aquilo é uma situação… muito difícil, pá,

muito, muito difícil. E… e a coisa acabou por correr bem, até que ela não aguentou, pronto. Aquilo depois chega a um ponto, que não conseguem… respirar e morrem com problemas respiratórios. E… e pronto e foi uma escola, pá, em termos de saúde e não sei o quê, abriu-me também outros, outros horizontes. Pronto, depois em dois mil e oito estava desempregado e tinha os processos em tribunal, pronto. E depois eu queria ser indemnizado, e andei, naquilo até dois mil e doze ou dois mil e treze… eu já nem sei. Arranjei uma advogada em Coimbra, que era oficiosa, o estado é que pagava, que eu não tinha meios de pagar à advogada. Pá, uma fulana impecável, lá fomos para o administrativo, no administrativo apanhei uma juíza… ouve, aquilo só visto, só filmado. A juíza era pior, tinha mais preconceitos, e atacava mais que o advogado do IFADAP. O advogado do IFADAP dizia:

- "Eu nunca vi uma coisa assim." – A minha advogada dizia:

- "Eh pá!! É impossível, eu só não faço queixa dela, porque ela dá cabo de mim." – Porque os advogados depois não podem apresentar queixa dos juízes, pá, aquilo é um sistema completamente, ao contrário, está tudo corrompido, ouve, era uma gaja preconceituosa como eu nunca vi. Parecia uma buldogue atacar as testemunhas, quem fosse minha testemunha era arrasado.

- "Eu sei muito bem." – A pessoa dizia uma coisa e ela dizia:

- "Sim, senhora." – Dizia o contrário do que a pessoa tinha dito. E eu:

- "Isto é possível?" – ela está a tirar conclusões que ele disse o contrário. Ouve, uma coisa… pronto, eh pá! E depois aquilo acabou por ficar… ela depois não… disse que não podia, na, na, na… e disse:

- "Eh pá!" - Eu depois podia recorrer, podia não sei o quê, mas a minha advogada entretanto também tinha uma doença autoimune, e eu disse:

-"Eh pá!! Sem stress, se der para fazer o recurso, na boa, tranquilo, com prazer? Pá, tudo bem, se não der, eu por mim, já chega, são muitos anos, já percebi como é que o sistema funciona, pá, não vale a pena, não vale a pena." – E ainda ganhei, ainda ganhei contra o IFADAP uma ação, para tu ficares a saber, ganhei, eu ganhei e ganhei dinheiro, ainda fomos fazer um cruzeiro, por isso (risos).

E: Diz-me uma coisa, participaste em algum tipo de associativismo académico?

JOÃO PEDRO: Hã… não, académico… não, pertencia à associação de estudantes da escola agrária e fiz lá um núcleo de defesa da natureza. Nesse sentido, sim, mas aquelas coisas académicas de… de… praxes e isso, nada disso, nada disso.

E: E o que é que dizes dessa experiência, desse núcleo?

JOÃO PEDRO: Ó pá! O núcleo de defesa da natureza foi muito interessante, estávamos numa escola agrária, e havia pessoas e encontrei lá… duas ou três pessoas com aquele, com a minha onda, sabes? De preocupação pelo ambiente, e gostarem de

ouvirem falar o que era agricultura biológica, porque na altura não havia nada disso. Hã… pá essas coisas assim fora da caixa, e foi uma… foi um núcleo que depois se manteve. Depois de eu sair da Escola Agrária houve outras pessoas que continuaram com o núcleo de defesa da natureza. E depois ainda fizemos coisas em conjunto com a… com a Escola Agrária de Castelo Branco, eu depois mudei-me lá para a zona de Castelo Branco. Ainda fizemos lá também, havia lá um núcleo também em Castelo Branco, hã… e eu depois consegui organizar coisas conjuntas, umas jornadas, coisas de divulgação, não é? Mas foi interessante, por acaso foi interessante.

E: Fora, fora da parte académica, participaste ou participavas em algum tipo de movimento social, fizeste voluntariado ou em alguma associação?

JOÃO PEDRO: Eu fazia voluntariado nas associações de defesa do ambiente, era do GIDC, depois passei para a ONGA, assim que o GIDC fechou, já existia a ONGA e eu inscrevi-me como sócio da ONGA. E depois, fiquei mais ativo na ONGA em Castelo Branco, sim. Em Coimbra, não, já foi em Castelo Branco, acho eu. Foi, foi, já foi em Castelo Branco.

E: Isso em que altura, em que momento?

JOÃO PEDRO: Isto foi em…foi quando eu fui trabalhar para Castelo Branco como professor, ora eu fui como professor para Castelo Branco em… oitenta e nove, acho eu. Oitenta e nove e… nessa altura já havia o núcleo de Castelo Branco da ONGA, pronto e aí conheci um fulano, que era na altura o dirigente, e depois ficamos grandes amigos, até hoje, mas ele agora já não está ativo na ONGA. E… e… pronto e depois daí foi sempre ONGA, ONGA e politicamente, tive então na UEDS mas nunca pertenci à… nada da UEDS, eu era o gajo da UEDS, pá, mas não tinha contactos com a organização central, nada, pronto, Mas quando havia coisas, eu… eh pá! Gostava de aparecer e colar cartazes e tal, mas isso foi uma experiência curta e depois disso, já em Castelo Branco apareceu o… Ah! Depois eu era simpatizante, acompanhava o PSR, do Louçã, pá, gostava muito daquela irreverência e da, das ideias. E… e depois surgiu o Bloco de Esquerda, pronto e então aderi ao Bloco de Esquerda, eu quando aderi politicamente, a primeira vez que fiz mesmo uma adesão, foi ao Bloco de Esquerda. E… também até hoje. E aí é que fazia alguma, muita intervenção, ao nível local fazia muita coisa.

E: Na altura em que aderiste à ONGA e em que pertencia à outra associação, hã… consegues… estas perguntas eu sei que são às vezes difíceis, nós não pensamos nisto, hã… consegues identificar o que é que tu sentias ou… ao participar neste tipo de organizações, aquilo que te movia?

JOÃO PEDRO: Ora bem… pá, eu… é daquelas coisas que… (risos), pensado bem… eu fui para lá por causa daquele romantismo do *Greenpeace*, sabes? Aquela coisa de se pôr à frente das baleias, à frente dos barcos e proteger aquilo. E um bocado… era

um bocado a ideia da justiça ambiental, era um bocado isso que me movia. Era um bocado esse caminho da justiça. Depois… eu fui para uma ecologia, um bocado mais profunda por causa da agricultura, quando entrei para a Agro Bio, ouve, eu na altura, na Agro Bio, quando se fundou a Agro Bio, a gente falava destas radiações do… dos computadores, sito que a gente hoje me dia pouca gente fala, dos telemóveis, que vieram depois, mas este tipo… isto é negativo para as pessoas. As pessoas não têm ideia: "Ah e tal, sofro e fico doente disto" - Nunca fica doente só de uma coisa, é de tudo, e os computadores e os telemóveis não ajudam nada, mas pronto. Hã… o… mas isso abriu-me muitas, muitas coisas, e eu fui para essas coisas por isso. Quando eu participava, eu sentia que estava a participar numa coisa maior, ou seja, eu participava localmente, mas tinha a ideia que havia um movimento, não estava sozinho. Não era uma luta de… pá, de uma coisa assim isolada. Mesmo socialmente, no Bloco de Esquerda, a mesma coisa. Eu aliás, eu aderi ao Bloco de Esquerda, quando o Bloco de Esquerda se formou, eu nuca pertenci ao PSR, porque achava sempre uma coisa muito marginal e que não tinha… não iria ter força, nem impacto. E quando se formou o Bloco de Esquerda, disse: "Eh pá! assim, sim, há união." – Porque a esquerda era a coisa mais… depois do 25 de Abril, aquilo era ver fragmentar a esquerda, pá, cada mês aparecia uma formação política nova, pá e aquilo nunca mais, até acertar… pronto. E realmente a UDP e o PSR, juntarem-se, fizeram… fizeram uma coisa que eu achei que… fazia todo o sentido. Que é ganhar expressão para poder fazer coisas, para ser… para ter consequências das coisas, não é fazer e esperar que: "eh… depois não dá em nada." – Não, aquilo podia dar em alguma coisa e foi um bocado nesse sentido. E quando eu participava, quer na ONGA, quer nas outras coisas, era para ver coisas a acontecer. Eh pá! E nós fazíamos coisas acontecer, eu por exemplo, lembro-me íamos lá para o Tejo Internacional, ainda não havia Monte Velho, não havia nada. Nós íamos ficar numas casas abandonadas… que pertenciam a uma coisa que era a Herdade da Popa. A Herdade da Popa tinha sido toda, *eucaliptizada*, toda… eh pá! Eram hectares e hectares de eucaliptos. Mas gente sempre que lá ia, eh pá! Eu fazia cada clareira nos eucaliptos… houve aquilo era uma coisa… depois já não era só eu, a malta depois ia: "Eh! Espera o gajo arranca a gente também dá uma ajudinha." – Pronto, pá e foi uma coisa, pá, que pronto, que… agente tinha, sabia que estava a fazer alguma coisa. Agora, também tínhamos a noção que eramos uma… uma… um grão de areia, digamos assim. Mas também com a sensação que alguém tinha que denunciar aquelas coisas e fazer alguma coisa, pronto. E… e foi um bocado nesse… tinha um bocado essa ideia de que estávamos a fazer coisas, sabes? Eu participava porque sentia que estava a fazer a diferença.

E: Hã… na altura, qual era a posição que ocupavas na organização?

JOÃO PEDRO: Olha eu na altura… no GIDC, fui tesoureiro, do núcleo de Coimbra, muitos anos. Hã… era as quotas e questões de dinheiros e era preciso comprar coisas. Passava tudo por tesoureiro, mas ao mesmo tempo o tesoureiro era dos órgãos executivos, a gente tinha de tomar decisões… eu participava muito na parte das decisões. Participei muito, muito, muito… nos, nas questões de estatuto e coisas assim. Fazíamos boletins informativos, também sempre gostei muito dessa parte de comunicação. Depois na ONGA, eu entrei para Castelo Branco e passado pouco tempo era dirigente regional, do núcleo de Castelo Branco. Hã… era o Carlos Alberto o presidente, eu não sei se cheguei a ser tesoureiro, talvez, tenho ideia que talvez tenha sido tesoureiro. Depois o Carlos Alberto abandonou, foi-se embora da região e fiquei eu presidente do núcleo. Depois eu fui presidente do núcleo até que… achei que estava já praticamente sozinho, não havia ninguém lá nos, nos coisos… eu disse:

- "Então vou fechar o núcleo, fecha-se o núcleo, pronto!" – Fechei o núcleo, fez-se uma reunião, acabou-se com o núcleo de Castelo Branco, mas continuei do Monte Velho, pronto, eu era o responsável pelo que se fazia no Monte Velho. Era responsável por um projeto, tinha folha de caixa e tudo, aquilo funcionava tudo, era um departamento da ONGA, digamos assim. Hã… mas aí não tinha responsabilidades, mais outras responsabilidades na ONGA. E depois o núcleo renasceu, mas eu já não pertenci à direção do núcleo, mas o núcleo passado um ano, reabriu. A malta nova convivia comigo e que aprendeu comigo algumas coisas, disse:

- "Eh pá! então, mas agora quando o João Pedro, tinha o núcleo, pá. A gente fazia coisas era… e agora não… não se faz nada." – E eles próprios disseram:

-"Então vamos nós fazer." – E eu:

-"Eh pá! até que enfim." – Porque, o que é que acontece, nas organizações e na ONGA é a mesma coisa agora. Enquanto os velhos lá estiverem, os novos não sentem necessidade de fazer, até porque se… acho que há um bocado… sentem-se constrangidos. Ou seja: "Eh pá! Não… vamos nós agora, temos… nós até temos ideias e queremos fazer coisas, mas a gente, mas aquela parte burocrática e tal… deixa-os, deixa-os com esse coiso de trabalho, a gente vai fazendo as outras coisas." – E depois nunca entram a sério, pronto. E na ONGA, nota-se isso, eh pá!… É uma cambada de velhos, pronto. E eu disse: "Eu vou-me reformar da ONGA, pronto." Ah! Depois no núcleo de… e Castelo Branco, esteve fechado, eu estive em Castelo Branco, depois… saí eu de Castelo Branco, sempre ligado à ONGA. Depois era voluntário lá no Monte Velho, fui voluntário ainda uns anitos e depois fui para Coimbra, quando fui para Coimbra, fui agarrado no núcleo de Coimbra, fui para presidente do núcleo de Coimbra, porque a malta que lá estava, não ia continuar, já havia problemas internos, e tal. E eu pá! E aquilo, ou alguém agarrava no núcleo de Coimbra ou núcleo de Coimbra, os bens

do núcleo de Coimbra e todo o núcleo de Coimbra, passava para a direção nacional. E como já havia pessoal da direção nacional a aproveitar-se, eh pá! A malta reuniu-se e disse:

-"Eh pá!, isto não pode ser." – Então foram os do GIDC, daquela associação que eu pertenci quando era novo, três pessoas que eram do GIDC, que era sócias da ONGA, que pegaram na direção do núcleo de Coimbra. Não fizemos nada, durante… quatro anos acho eu, não fizemos atividades, respondíamos às pessoas, mas nunca organizamos nada. Tínhamos uma sede, tudo, não fazíamos nada, nem limpávamos a sede, durante aqueles anos, foi uma coisa mesmo… não fazíamos, pronto. Era só para acompanhar, íamos a reuniões, nacionais, eu acompanhei as situações todas, e tal e tal… quando vim viver para Aveiro, depois de… de, da morte da minha companheira, vim viver para Aveiro com uma companheira atual e… então… hã… quando vim para Aveiro, deixei o núcleo de Coimbra, despedi-me, tal, tal, na lista nacional:

-"Pá, pronto vou deixar o núcleo de Coimbra, tal e tal." – Passados dois dias:

-"Pronto, estou no núcleo de Aveiro, sou o presidente do núcleo de Aveiro." - (risos). Ou seja, quando eu vim para Aveiro eu já conhecia aqui a malta e eles já queriam alguém para ser presidente do núcleo, pronto. Eh pá! Porque estas coisas depois ocupam muito tempo. E eh pá! Quem é o gajo que tem tempo, quem é o desempregado? Era eu, pronto, então: "O João Pedro é o presidente." – Pronto, está bem. Entrevistas, preparar coisas, atividades, pronto… mas aqui o núcleo de Aveiro tinha muita atividade e continuou, o núcleo de Aveiro continuou sempre com muita atividade. Até que eu depois saí, hã… eu demiti-me aqui por causa de umas injustiças e uns negócios aqui com o Ribau Esteves, imagina, andei a fazer frente ao Ribau Esteves. Eu meti-me à frente de máquinas, aqui, no parque de ciência. Eu, fui detido pela GNR, pá… notícias e tal, mas aquilo é o que… pá, a minha especialidade é aquilo. E demiti-me, eu disse:

-"Eh pá! Eu ver estas coisas e depois ir reunir com o presidente…" – Porque isto envolvia as câmaras todas, eu disse:

-"Como é que um presidente do núcleo, como é que eu consigo ir reunir com o presidente da câmara de Vagos? E não achar que o gajo é completamente corrupto e anormal? Não sou capaz, não capaz, eles estão todos metidos naquela negociata, pá, eu não sou capaz, não... eu depois nas reuniões passo-me dos carretos" – Pá, não tenho aquele, sabes? Aquela política, de falar, sabes? O doutor… e isto, não, eu passo-me logo. Eu digo:

-"Ah… isso é mentira, desculpe!" – (risos) – "Desculpe, mas o senhor é um mentiroso." – Eh pá! Eu sou logo assim (risos). E então, hã… eh pá! Eu disse:

-"Eu não… vou-me demitir, até para ser notícia de jornal." – Porque depois aqui os jornais aqui, abafavam tudo. Então eu disse:

-”Vou-me demitir, que é para os jornais virem perguntar porquê?” – Pá, perguntam o caraças, - “Demitiu-se, demitiu-se, pronto.” – Demiti-me daqui, entra o José Claro, hã… a querer fazer uma lista para a direção nacional. Para os órgãos sociais nacionais, hã… eu demiti-me em dezembro e as eleições eram em março, imagina. E ele veio cá a Aveiro e tal:

- “Eh pá! Coiso, por causa dos núcleos, tem que ser uma associação dos núcleos…” – Aquela conversa, pá. Que agora já sei que é tudo mentira, era só esquemas, pá, uma coisa! Mas a malta aqui alinhou, eh pá! Então… “O José Claro e tal…” – Mas não foi por falta de aviso, havia aqui uns gajos, aqui de Aveiro, que… são do tempo da escola dele lá, onde ele andou a estudar e… na, na UTAD em Vila Real… e diziam:

- “Ó pá! Esse gajo não presta para nada, e tal…” – E eu disse:

-”Eh pá! Mas eh pá!, mas isto é… não é só ele pá, está ele, está o Bruno Salgueiro, está o Manuel, está o Rui, aqui de Aveiro, eh pá! fazemos uma direção nacional como deve de ser, e pronto, pá, então vá, vamos todos votar nele, para correr lá com os outros.” – Os outros já se eternizavam, que era o Ricardo Santos. Eh pá! Que era só também perseguições aos outros e… o gajo queria era… cria era carta branca:

-”O quê, a coca-cola dá dinheiro? Bora, dinheiro da coca-cola para cá. Os bancos… um banco qualquer que seja, dá dinheiro? Bora…” – Eh pá! E a malta não era assim, a malta dizia:

- “Eh pá! isto não pode ser assim.” – Entra o José Claro e… ora, e vai fazer exatamente a mesma coisa, dinheirinho para cá e disse assim:

-”Oh! Que caraças, fomos muito bem enganados.” – Pá pronto, eu comparei o José Claro ao Sócrates, depois de uma reunião que eu fui, já depois do Manuel ter denunciado perseguições e tal eu fui a uma reunião, depois vim no carro com ele, pedi-lhe boleira ao José Claro, ele deixou-me na estação de comboios, que eu depois tinha que apanhar o comboio, mas naquele bocadinho, eu quando saí… saí do carro, naquele bocadinho, fui até à estação e eu assim: “Sócrates, Sócrates, Sócrates.” – Só me lembrava do Sócrates…. E eu assim: “querem ver, que a gente tem um Sócrates na associação?” – Ó pá! E foi, daí para a frente pá…é uma coisa, só negócios sabes? Há ali sacos azuis, há muito dinheiro, há prepotência, há… as outras pessoas não quererem saber, pá. E foi assim, e aí entrei… hã… e isto para dizer o quê, aí entrei para os órgãos sociais nacionais com o José Claro, fui para presidente do conselho fiscal. Mas por insistência dele, eu disse:

-”Eh pá! Eu não quero ser presidente, mete lá outra pessoa qualquer.” – Pá, mas em boa hora ele insistiu:

-”Não João Pedro.” - Sabes aquela coisa de… de mentiroso:

-”Não João Pedro, tens de ser tu, e tal, pá. A gente tem muita confiança em ti. Sempre foste um gajo para isto e aquilo.” – Sabes aquelas coisas para um gajo dizer:
- “Eh pá! Está bem pronto, se confiam em mim, tenho de dizer que sim” – Pronto, e fui para presidente do conselho fiscal, e com isto são quase oito horas, pá.
E: É verdade e chegamos ao fim do primeiro grupo.
JOÃO PEDRO: Foi?
E: Foi a última pergunta.
JOÃO PEDRO: Deixa-me só parar a gravação
E: Eh pá! Espetacular. Eu não sabia, mas… (risos).

- **Fim da primeira sessão**
- **Início da segunda sessão em 24/09/2020 através da plataforma ZOOM.**

E: Já está, vamos então começar a segunda sessão, e então dizias-me?
JOÃO PEDRO: Lembrei-me de duas coisas, uma delas é… o teu mail é? Qual é o teu mail?
E: vasco.s.s@..
JOÃO PEDRO: É o “SS”?
E: É o “SS” exatamente.
JOÃO PEDRO: Então está aqui já, pois já devia estar aqui, que a gente já… naquelas listas, já trocamos mails. Lembrei-me do filme, vou-te mandar aqui o link. Enquanto isto estava aqui a abrir, eu fiz aqui uma pesquisa… que eu tenho um blog e o meu blog é a minha memória. E então é o blog… (risos). O filme é o “*JOJO Rabbit*”, é um filme deste ano, deste ano ou do ano passado, já. Mas é muito recente. Pronto, lembrei-me. Segunda coisa que me lembrei, hã… tinhas perguntado se os meus pais, tinha alguma preocupação ecologista ou assim?
E: Sim.
JOÃO PEDRO: E… eu disse não, não. Mas a verdade, depois eu lembrei-me, pá, estava a tomar banho e disse assim: “E lembrei-me! Porque a minha memória é assim, as coisas estão cá, mas… mas custam às vezes a sair” – E… e então nós fizemos campismo, quando eu era novo, o meu pai, uma vez fomos a Andorra, e… compramos uma tenda daquelas familiares, pronto. Hã… daquelas de reboque, sabes umas que abrem. E fica uma tenda com uns quartos para um lado e para o outro. Nós eramos… chegámos a ser seis, era quatro irmãos e os pais eram seis, tinha que ser assim uma coisa grande. E os meus pais nunca tinham feito campismo, porque… pá, pronto, na juventude deles não se fazia, isso é uma coisa mais ou menos recente. E resolveram passara ser… campistas, portanto nós… a minha infância era a passar férias no

Algarve, hã… vivenda e aquelas coisas assim. Mas depois quando eu teria quê, oito anitos, ou… por volta disso, ou nove anos. Houve essa viagem a Andorra, para comprar a… o atrelado tenda, porque era muito mais barato, pronto. O problema era entrar em Portugal com a… com o atrelado tenda, pronto. E o meu pai então o que fez foi entrar perto de fechar a fronteira, porque é à hora que eles chateiam menos (risos). Porque a fronteira. pronto, era fechada à uma da manhã, ó pá! nós ainda vínhamos a dormir, acordamos com eles todos contentes: "Hã… que maravilha." – Porque era, ó pá! Tu não estás bem a ver, era máquina de filmar, era a tenda, era… pá, pronto, tudo o que deu para passar. E eles:

-"Tem alguma coisa a declarar?"

- "Não, não, não tenho nada a declarar." – Siga (risos), pronto, então no campismo até… houve aquela educação… eh pá! o campista, deixa sempre o sítio mais limpo do que aquilo que encontrou. E nunca deitar o lixo para o chão, hã… pronto respeitar o espaço das outras pessoas e pronto, isso faz e também foi bastante educativo essa experiência do… do campismo. Para nós enquanto miúdos acho que aprendemos alguma coisa de… pronto do contato com a natureza, e essas coisas assim. E isso, eu tinha-me esquecido como tinha sido… como pode ter sido importante…

E: Sim, na consciência ambiental.

JOÃO PEDRO: Sim, sim.

E: Familiar.

JOÃO PEDRO: Pronto é isso.

E: Olha, hoje o grupo dois é mais centrado nas emoções, nas crenças e nos valores… hã… portanto, vou procurar, continuar a procurar a tua subjetividade e a primeira pergunta que te vou fazer o que é que para ti, é ou significa ter qualidade de vida?

JOÃO PEDRO: Pá, qualidade de vida, isso é uma pergunta realmente… toda a gente fala de qualidade de vida. Pá, qualidade de vida, é a pessoa poder ter acesso a bens… hã… essenciais e que lhe deem também… além do, do conforto físico, também um… hã… eh pá! Espiritual, não andar em *stress* por causa de situações… pronto, ligar um bocado, não é só o… o corpo, mas também o sistema nervoso, o corpo no seu todo. O sistema nervoso, hã… a pessoa tenha qualidade de vida, tem… tem esse tipo de coisas assim. Hã… imagina, eu gosto do campo, hã… vivo no campo, mas não tenho tempo para usufruir do campo, eu não tenho qualidade de vida, por exemplo. Depois é um gosto que eu tenha, isso para mim já, já influi na qualidade de vida. Não só a qualidade de vida só… aqueles, pronto, ter aqueles bens… de consumo, digamos, não é só o consumo. Sim, bem mais para lá… do que é o consumo, só.

E: Já tínhamos falado um pouco sobre isso, crença religiosa, tens alguma?

JOÃO PEDRO: Não, não tenho nenhuma. Religião, nada, nada.

E: E porque é que achas que não tens?
JOÃO PEDRO: Eh pá! Porque eu tive um… quando era miúdo, tive aquela história lá da obrigação e tal, e logo aí eu reagi um bocado mal, porque, a pessoa quando é obrigada, tem essa tendência. E depois, sempre fui muito das ciências, ó pá! e a gente nas ciências, vê que… que… pá, que não faz muito sentido essa… aquela história. Como eles contam a bíblia, que aquilo também é tudo por parábolas, digamos que… não é propriamente aquilo que eles querem dizer, porque realmente aquilo são histórias de crianças, ao fim ao cabo. Hã… mas…. depois não… eh pá!… Nunca tive, nunca… acho que não faz sentido, acho que não faz sentido… isto, hã… eu acho que a religião é bom, é bom. Atenção as pessoas que acreditam, quando estão numa situação e aflição e tal, porque, aquela parte de, das incertezas e do… eh pá! A religião ajuda, ajuda bastante. Quem tenha, quem acredite. Quem não acredita, eh pá!… Não acredita, pronto, pá. Porque vê que isto as coisas são tão complexas que não é… não um deus a fazer isto, quer dizer, não há uma identidade que se conseguisse lembrar disto, agora, pá, é um acaso e depois é… eh pá! Sei lá, não sei, porque é que isto tudo apareceu há milhões de anos atrás, sei lá, nem quero saber.
E: Quais são as tuas melhores qualidades?
JOÃO PEDRO: Pá, as minhas melhores qualidades… é… hã… resistência, são um bocado resistente, corredor de fundo, digamos assim. Hã… preocupado com as outras pessoas, o que me rodeia, ao fim ao cabo, não só as pessoas, mas preocupado com as pessoas, com as coisas que me rodeiam, e… a fazer coisas sou bom com outra pessoa. Sozinho não, mas quando tenho companhia, gosto de estar a… gosto de desenvolver ideias e projetos e trabalhos, mas sozinho não, porque o meu signo é gémeos, eu não tenho nenhuma crença religiosa, nem acredito nisso, nos signos mas a verdade é que dizem que as pessoas de gémeos sozinhas não (risos), eh pá! E eu nisso calha-me mesmo bem.
E: E as que menos gostas?
JOÃO PEDRO: Eh pá! As coisas que menos gosto… é, olha, uma delas é essa, eh pá! Sozinho não… custa-me muito fazer qualquer coisa. Se tiver com duas pessoas a fazer, eh pá! A coisa vai lindamente, sozinho não consigo, hã… e… e uma coisa que não gosto agora e pá e que… porque realmente sempre foi uma coisa que me fez confusão e queria mudar e não consigo, é o… não gosto de desperdiçar coisas. E então, imagina, fruta, vou apanhar fruta. Há uma ameixa que já está muito madura, não posso por no saco porque vai-se esborrachar e estragar as outras, eu tenho que a comer. Pá, eu tenho a sensação, eu tenho a noção que aquilo me vai fazer mal, mas… pronto e sou guloso, também não gosto. Mas era uma coisa que antigamente, gostava de dizer: “Eia, eu sou guloso, pá! Eu sou muita guloso!” – E comia tanta… Ei! Ouve, era uma coisa…

eu no fim dos almoços fazia concursos de que mé que comia mais melancia, eu ganhava sempre, sempre, ficava com uma pança, até inchado ficava, nunca vomitava, pá. Era uma coisa, por gula, só. E agora hoje, hoje em dia acho que isso é muito negativo. Porque, dá-me cabo da saúde. Pá, o comer fruta por exemplo, ouve, eu agora o… o acupuntor até me assustou, eu estava mesmo mal, mesmo mal. Os rins e fígado, agora a altura das ameixas, e das nêsperas… pá, então, primeiro as ameixas e depois as nêsperas, depois eu como assim, trinta ameixas, comia. Eu agora vou deixar mesmo, tenho, eh pá!… Está meia podre, apanho-a para não ficar na árvore e… pá, vai para o composto ou qualquer coisa. Não posso comer tanto, não posso. E custa-me, o desperdício alimentar custa-me, coisas fora do prazo de validade, eu não deito fora, eu como. Eh pá! E aquilo já não tem qualidade alimentar muitas vezes, pá, mas custa-me o desperdício, e… isso realmente não é bom, é uma mania, digamos. Eu não gosto de manias, e vícios não tenho, nunca tive vícios.

E: Atualmente, na tua vida, que coisas é que são mais importantes, agora atualmente, para ti? O que é que consideras mais importante?

JOÃO PEDRO: Mais importante para mim… hã… a saúde, hã… um projeto novo, queria ter um projeto novo, uma coisa, fora das associações, uma coisa mais… que eu queria fazer… hã… e… eh pá! Isso é o que eu considero mais importante. E a ambiente pá, a defesa do ambiente para mim isso é… está colado à pele, já não consigo, não consigo livrar-me disso, isso para mim é muito importante. Acompanhar estes movimentos, o *Greenpeace*, as coisas que se vão fazendo a nível mundial, esta onda da juventude, eh pá! Eu fiquei… até eu rejuvenesci, quando vi esta malta a ir para rua agora. A sério pá, porque ninguém ligava nada, eu vi esta malta nova tudo em casa, agarrada às máquinas, eu assim: “Fogo! Isto vai de mal a pior, só consumo, só consumo.” – Mas afinal há malta, que… que está sensível a isto e depois, nessa onda, vi muitos casos de casais, que arranjaram terrenos da família e que estão a fazer… recuperação, mesmo sem terem grandes bases, depois acabam por chegar ao meu conhecimento e pedem-me ajuda, e eu vou lá e dou-lhes umas dicas… isso eh pá! Isso para mim, rejuvenesceu-me, a sério. Que eu já andava mesmo, preocupado.

E: Voltando aos valores, atualmente, hã… quais são os valores mais importantes, atualmente para ti?

JOÃO PEDRO: Valores… pá, valores para mim… eu considero a solidariedade um valor. Outro valor… eh pá! Eu acho que a solidariedade é tão… é um conceito tão abrangente, a solidariedade, a amizade, hã… a justiça, pá, a justiça, parecendo que não é… é básico. E pronto, e chega.

E: Hã… uma pergunta quase… pode não ser fácil de responder, mas…

JOÃO PEDRO: Eu quando não consigo responder, digo-te.

E: Ok, o que é que significa, ela é óbvia, o que é que significam para ti, os valores, aqueles valores chamados valores verdes, a defesa do ambiente, a crise ecológica e a perda de biodiversidade, o que é que isso significa para ti, que lugar isso ocupa no teu pensamento?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Isso para mim é… isso, isso é quase o meu dia à dia. É quase não, eu estou sempre pá. Porque, entretanto, criei uma rede de contactos e isso vem ter comigo, vem ter comigo, mesmo que eu esteja longe, vem um telefonema: "Olha, é por causa disto, ou de outra…" – Ou por exemplo agora quando é a época dos fogos, eh pá! Ando sempre em *stress*, por causa dos fogos. Porque, eh pá! Conheço muitos projetos e… e há terrenos onde eu já fiz, já estive a fazer, a ajudar e eh pá! Estou sempre com medo que aquilo vá arder. Eu faço também a gestão aqui de uns *terrenozitos* que normalmente estão mais ou menos protegidos, estão perto de zonas urbanas, mas mesmo assim, eh pá! O tipo de gestão que eu faço, aquilo pode arder, percebes. Porque eu não tiro tudo, a malta tem a mania de… fazer desertos e eu não, eh pá! Eu deixo árvores e arbustos e… porque se arder, arde mais devagar. Eu explico às pessoas, eh pá! Isto, vocês tiram tudo, erva têm sempre, nem quem seja *rasinha*, vem um fogo e isto arde parece gasolina. Eh pá! Se tiver vegetação, arder, arde, mas arde devagar. Dá tempo de chegarem os bombeiros, dá tempo de as pessoas atuarem, é muito diferente, pá. E eu, é isso que eu faço, mas ando sempre…. Mas isto tem a ver com, com esta minha preocupação do ambiente, não, não estar a fazer desertos e… as coisas que eu faço, eu faço porque me apetece, não é? Eu não tenho necessidade nenhuma de andar aí a… a fazer este tipo de trabalhos, que pagam-me, um ou outro, mas o que pagam é… o que toda a gente diz: "Eh pá!! Tu com esses preços, tu… toda a gente queria que tu fosses lá." - (risos) Mas eh pá! Não, não é… eu faço porque gosto e porque as pessoas também precisam, ao fim ao cabo. Mas é tudo na base da conservação da natureza, por isso para mim é o… é o dia à dia.

E: Como, como é que decidiste defender o ambiente, lutar pelo ambiente?

JOÃO PEDRO: Já não me lembro, pá, não faço ideia… pá eu já, hã… não sei… desde, desde jovem era… eu gostava dos animais, eu… eh pá! Quando tive a oportunidade de fazer alguma coisa para defender o ambiente, olha, aí fui eu. Uma das coisas que eu fiquei mais alegre, ainda era… ainda estávamos a viver em Setúbal, ainda tínhamos o galinheiro, foi quando, já estávamos para ir para Coimbra, já sabíamos que íamos para Coimbra, talvez no último ano, não sei, que lá estivemos, se calhar nem chegou a ser um ano, talvez fosse menos tempo. O… decidiram não matar mais galinhas, acabou-se a matança das galinhas e dos coelhos, isso acabou-se. E eu: "Eh pá!!!" – Fiquei tão contente, chegámos a libertar os coelhos, os coelhos andavam ali no jardim… claro que depois vinham os predadores e limpavam-nos, mas eh pá! mas ao menos andavam ali

à… sabes à vontade, pá, andavam por ali as galinhas também. Eu libertava as galinhas, ensinei-as depois a entrar para o galinheiro, eh pá! Isso para mim foi… agora, como é que, como é que… eu não decidi, sabes? Nunca decidi, hã… quando eu entrei na primeira associação, decidi, claro eu decidi dar aquele passo, mas aquilo já era… sabes? Era o… que tinha que acontecer logo a seguir, porque… eu já estava virado para ali, para o *Greenpeace*, se não fosse em Portugal eu ia para o estrangeiro, mais tarde, eh pá! Eu… era o meu caminho.

E: Já percebi que segues política, hã… o que que achas atualmente do contexto político?

JOÃO PEDRO: Eh pá! O contexto político atual… é… é um bocado complexo, na medida em que… eu vejo a democracia em… situações dramáticas, mas por decisão das pessoas, ou seja, as pessoas que deviam entender que a democracia é a coisa mais básica, pá, nós estamos no ano dois mil e vinte, eh pá! E as pessoas escolhem, pessoas que de democracia não têm nada pá. Autênticos palhaços e… eh pá! e as pessoas defendem aquilo. Porque acreditam nas mentiras, pronto. E… mas depois vejo isto ao… ao nível microscópico, que é das associações e vejo… e vou dar este exemplo concreto, vejo o José Claro na ONGA, é a mesma coisa. Com as mentiras, ele conseguiu levar as pessoas a… sabes? É… as pessoas vão, na mentira, porque… há uma tendência para confiar: "Ah! A gente confia, que… se o gajo diz, isto é porque…" – Pá, mas do dizer ao fazer, vai uma distância grande. O problema é quando os outros começam a fazer, mas as pessoas depois não vêm. Não vêm porque não querem ver. Porque depois tens não sei quantas pessoas a dizerem: "Hei! É isto, é isto, é isto." – Eh pá! E algumas pessoas abrem os olhos, mas a maioria, tem uma grande dificuldade em abrir os olhos. Porque eu acho que andam muito distraídas, eu acho que é uma questão também de distração e de falta de prática de participação cívica. Se as pessoas não participam civicamente, estão alheadas, estão… estão longe, pronto, e é assim que eu vejo um bocado a situação. Tu perguntaste… eu estou a falar a nível internacional, mas pronto.

E: Votas sempre?

JOÃO PEDRO: Voto sempre. Já votei… em todos as forças partidárias, do CDS ao… porque eu voto por exemplo, nas eleições… locais, há o voto mais próximo, digamos assim. E voto muito estrategicamente, embora pensando que não é por um voto, claro, porque ninguém pensa estrategicamente, as pessoas votam por clubismo. Pá, mas eu, se tenho um voto perdido, imagina, vou votar no Bloco de Esquerda, é um voto perdido, eh pá!… Então vou votar estrategicamente. E então digo sempre, já votei em todas as situações e já votei também em branco e já fiz voto nulo, também. Eu já experimentei tudo, são muitos anos, pá, a virar frangos (risos).

E: Para a sociedade, relativamente à sociedade, relativamente à sociedade num todo…
JOÃO PEDRO: (toque do seu telemóvel) Oh… desculpa lá, deixa-me só atender.
E: Não faz mal.
(Pausa na gravação)
JOÃO PEDRO: Podes recomeçar, estávamos a preparar a ida à assembleia geral, porque se não fosse desconvocada era… então andei a fazer muitos contactos e então são contactos de ontem que não puderam e que ficou para hoje, eh pá! De vez em quando isto vai tocar (assembleia da geral da ONGA onde participa).
E: Na sociedade, que valores é que consideras mais importantes para a sociedade, num todo?
JOÃO PEDRO: Olha, num todo, liberdade de expressão, não sei se isso é um valor, mas acho que sim. A solidariedade, é muito importante as pessoas serem solidárias. Hã… como é que hei de dizer, o não desperdiçar, sabes? Não desperdiçar… recursos no geral, pode ser recursos financeiros como podem ser outro tipo de recursos. A poupança, digamos a… o não… o não gastar a mais, sabes, esta coisa de: "Oh!! Enquanto há, há muito dinheiro, bora a gastar" – Eh pá! Não. "Há aqui muitas árvores, bora cortar as árvores todas." – Eh pá! não, calma. Sabes o… a contenção digamos assim, uma certa contenção, acho que era importante. Hã… e… e se calhar o… a tolerância, além do, além do… desta questão da solidariedade, é a tolerância e acho que há muita intolerância, muita, muita intolerância e é cultivada na televisão, a intolerância, considero eu.
E: O que é que sentes quando esses valores são atacados ou colocados em causa?
JOÃO PEDRO: Sinto indignação, basicamente sinto isso.
E: Se pudesses viajar para o futuro, como é que gostarias de ver o planeta?
JOÃO PEDRO: Eh pá! Se eu pudesse viajar para o futuro… gostava de ver… um planeta com zonas demarcadas. Onde houvesse espaço para tudo, pá, pronto, tipo, como tens um jardim, com várias zonas, pronto. A zona onde a pessoa pode ir, a zona onde a pessoa não pode ir. A zona para isto e para aquilo. E mais… e mais… pá, como melhor distribuição das coisas, digamos assim. Porque vejo as coisas muito desequilibradas, muita concentração das pessoas em grandes cidades, e… eh pá! Muita poluição, muitas… eh pá! e isso para mim não faz sentido nenhum. Há coisas que… não sei, não sei como é que se chegou a esta situação. A ilhas de plástico nos oceanos, como é que se chegou a esta situação? É uma coisa impensável, impensável. Mas isto vem das pessoas, da falta de… cultura das pessoas, pá. Eu, eu em Castelo Branco acho que cheguei, não sei se cheguei a fazer, mas se não fiz, ameacei fazer, que era uma localidade que as pessoas iam despejar o lixo, plásticos e tudo a uma ribeira. Que no verão aquilo secava, então as pessoas iam despejando para lá, depois no inverno vinha

a água… (imita som de água a correr) levava tudo. Pá e eu disse, se as pessoas desta aldeia algum dia pedirem à ONGA, alguma coisa, eu não vou lá fazer nada. E vou-lhe dizer, enquanto vocês tiverem este hábito estúpido, eh pá! Sinceramente não merecem nenhum apoio. Eh pá! E era assim que eu gostava de ver o planeta. Com aldeias e… uma sociedade humana, respeitadora e por aí fora.

E: E o que é que achas da relação da sociedade atual, desta sociedade com o ambiente?

JOÃO PEDRO: Acho que as pessoas… já se fala muito, mas… pouco, há pouco, as pessoas não, não têm noção. Não têm noção. Já estou como o outro, tenham noção. Mas as pessoas não têm noção. Não têm. Pá, há pessoas preocupadas, e até fazem algumas coisas, mas depois não há… pá não… as pessoas não estão a ver o… caminho que temos à frente. Não estão a ver… e depois de se temos… sociedades até mais, preocupadas com isso, a Alemanha, eh pá!… há países que estão mais à frente. Temos outros países onde as pessoas ainda vão passar pelos mesmo erros que já passaram os alemães, pá, que foi destruir tudo e estragar tudo e… pá e acho que, não há… não um atalho, não há um… as pessoas não conseguem atalhar. Só há, ainda vi alguma esperança, mas, eh pá! Então continuam a ser dizimados, que é as populações indígenas, pá que têm um conhecimento ancestral e pá, e têm práticas, de equilíbrio com o seu, com o seu meio, mas que pá, estão, estão completamente… continuam a ser… assassinados, eh pá! Que é uma vergonha, isso é para mim uma vergonha.

E: Para ti quais são atualmente as maiores ameaças ou os maiores problemas ambientais?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Eu de vez em quando recebo uns inquéritos do *Greenpeace*, a dizer o que é que eu acho mais importante. Pá, mais importante, as áreas mais importantes para mim, são: agricultura e florestas, é… a questão do consumo, consumo de… matérias, plásticos e… pá tudo, madeiras, tudo, consumo de matérias. Hã… e… depois especificamente acho que era a questão da… agricultura biológica, pronto, mesmo um foco grande na parte da agricultura biológica, porque isso já liga à saúde, à saúde das pessoas, à saúde do planeta, pá, e acho que é, acaba por ser uma coisa básica, básica. Pronto, temos a agricultura e florestas, por causa da poluição e da desflorestação e dessas coisas todas. Acho que é um tema importante, mas depois a agricultura biológica, acho que devia ter um foco… que não tem. Acho que me faz impressão, pá, faz-me impressão aquilo da agricultura biológica não ser mesmo… apoiada e… pronto, isso, faz-me… acho que são assim as coisas mais importantes.

E: Achas que a crise ecológica vai ter solução e que há soluções?

JOÃO PEDRO: Eu acho que há soluções, mas acho que… só quando for à força, só quando isto estiver mesmo mal é que as pessoas vão… vão ver que a economia não

pode… destruir assim o planeta. Mas enquanto for a economia a mandar, eh pá! não é há… não há outra hipótese, é mesmo para destruir. A ordem é estragar, e estragar, e estragar, e estragar até… até dar, quando não der… as pessoas abrem a pestana.
E: Se pudesses, mudarias o quê?
JOÃO PEDRO: Pá, eu se pudesse mudava… a… o sistema judicial, mudava o sistema de ensino e mudava… hã… o sistema de saúde (risos). São só três áreas, atenção, não mudava os negócios estrangeiros, não mudava as finanças (risos). Mas mudando estas três coisas, o resto vinha por aí fora (risos).
E: O ambiente, a solução da crise ambiental?
JOÃO PEDRO: Sim, sim, sim. Pá, eu tinha uma amiga que me disse uma coisa, que eu… que ela disse que as pessoas diziam: "
-"Ah! Não sei quê." E ela disse:
-"Olha João Pedro, justiça, se houver justiça, justiça, justiça, justiça, tudo o resto vem atrás." – (risos) E eu fiquei a pensar naquilo e de facto, se houver justiça. Justiça, sabes? Tudo o resto vem atrás, e… de facto essas três áreas para mim são básicas. A justiça, a saúde e a educação. Eh pá! O resto vem atrás.
E: Como é que vês, essa tua preocupação e essa tua forma de estar relativamente ao ambiente e à natureza e aos recursos naturais, em relação à restante sociedade, ou como é que achas que a restante sociedade te vê?
JOÃO PEDRO: Me vê a mim?
E: Sim.
JOÃO PEDRO: Ó pá!! (risos). Olha eu já passei por… hã… como é que se chama os gajos, já passei por fundamentalista, atenção. Já passei por… hã… gajo muito esquisito. E… agora já sou um gajo que toda a gente já olha com outros olhos e diz, eh pá! Este gajo se calhar tinha razão, agora já ninguém diz que eu sou fundamentalista. Hã… por isso, eh pá! Como é que as pessoas vêm um bocado esta história da conservação da natureza e o… acho que as pessoas vêm já muito melhor. A sociedade, no geral a sociedade portuguesa, atenção, estamos a falar da sociedade que eu conheço, que é a sociedade portuguesa, vê muito melhor a conservação da natureza. Muito… eh pá! Acho que há uma evolução grande. Mesmo em relação aos direitos dos animais, hã… pá, vê-se, vê-se que há um… uma outra preocupação. Nos meios urbanos, nos meios rurais… ainda… eh pá! É um atraso cultural e educacional. Lá, está, é a educação, pronto, pá…vê se que nos meios urbanos há… há acesso a um outro tipo de educação e outro tipo de vivências. E nos, nos meios rurais não.
E: E como é que achas que as pessoas pais próximas de ti, te vêm nesse aspeto?
JOÃO PEDRO: Pá! Vêm como… como às vezes um exemplo a seguir… hã… há uns anos atrás não, era um gajo muito esquisito… lá está fundamentalista, se alguém te diz

que és fundamentalista, não és um exemplo a seguir, eh pá! Porque o fundamentalismo é… é um radicalismo, uma coisa… a evitar, digamos. Porque a sociedade gosta dos, dos meios termos digamos assim, não gosta cá de radicalismos. Hã… mas agora, noto que as pessoas vêm um bocado como exemplo, vejo por exemplo que ficaram com uma imagem às vezes aquela imagem de que sou um gajo pá… mesmo, pá, duro sabes, que bateu ali forte e feio e que tenho aquelas e coiso. Por exemplo, eu fui vegetariano muitos anos e as pessoas ainda hoje dizem que eu sou vegetariano, mas eu já tive com pessoas e já lhes disse que não era vegetariano. Mas não, mas a ideia na cabeça deles é que eu ainda sou vegetariano. Porque eh pá!… Assim é que… assim é que toda a gente devia ser (risos). E… de facto eu agora já não considero que o vegetarianismo seja o… o melhor, pá, para mim e para muita gente. Mas para algumas pessoas, é o melhor, de facto, o vegetarianismo é o melhor. Mas para mim e para muita gente não é. Portanto agora não sou um defensor do vegetarianismo, agora e já há alguns anos. Mas pronto, é assim, é um bocado isso.

E: Como é que te sentes quando tu tens conhecimento de alguma situação com impactos negativos no ambiente ou… na natureza?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Eu sinto-me indignado, dá-me vontade de… de fazer qualquer coisa, pá. De… exprimir a minha indignação, pá. Há coisas que a gente não pode fazer nada, não é? Mas na maior parte das vezes pode sempre fazer alguma coisa, pá, só que… por exemplo, nos incêndios, eh pá! se houver um abaixo assinado, eu… assino o abaixo assinado, agora como eu não sou especialista da área, não vou eu escrever o abaixo assinado, não tenho capacidade: “Agora vou eu fazer um abaixo assinado, pronto!” – E… pá, e gosto de colaborar em projetos proactivos, digamos assim. Isso gosto de fazer, a prevenção, trabalhar no… porque é uma coisa que aflige, esta questão dos… dos fogos florestais, aflige-me um bocado. E… eh pá! E é uma área que eu… pronto, quando vejo assim alguma coisa, apetece-me fazer alguma coisa. Pá, imagina, eu… houve uma altura que andava no *Facebook*, eh pá! Quando acontecia alguma coisa, eu era daqueles gajos que ia para lá, botar opinião e… eh pá! E se havia assim algum gajo com uma opinião muita estúpida, eu: “Eh pá!! Este gajo não pode passar com esta opinião.” – Mas depois deixei-me disso, não fazia mais nada se não estar no *Facebook*. Eh pá! É uma perda de tempo aquilo. Mas eu era desses. Eu… não era um *hater,* eu não sou de… de perseguir as pessoas e tal, eh pá! Mas nos comentários gostava que esses comentários levassem ali um puxão de orelhas, porque há pessoas, pá, que realmente não têm educação para as coisas. E… eu… mas atenção, eu sou tolerante, em relação às opiniões contrárias, mas, uma coisa é tolerância outra coisa é… eh pá! Ver ali coisas completamente aberrantes e… dizer: “Eh pá!! Isto não, isto tem

que levar aqui uma resposta, pronto." – E aí levavam boas respostas e depois claro, gostava de ver, a malta a dizer:

-"Boa João Pedro, deste-lhe bem." – e eu:

-"Ah! Assim está bem." – (risos) É a tua recompensa também por… não é, o *Facebook* funciona muito com a recompensa e isso funciona, de facto, eu… claro, fazia aquilo e quando via lá os *likes,* também ficava mais animado: "Bora! Siga para bingo!".

E: Isto já aconteceu, quando participaste em ações de protesto, boicotes, manifestações, bloqueios, participaste?

JOÃO PEDRO: Sim, muito… tantas vezes.

E: Sim, podes-me falar da experiência, como é que tu te sentias quando participavas, a tua experiência, o que é que?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Eu sentia… que estava numa missão, numa missão, exatamente. É uma missão, pronto, agora… hã… sempre, sempre que eu participei era uma missão. Agora havia missões organizadas, eh pá! e havia aqueles nervos, pá, da missão organizada e havia aquelas missões que tu… que tu vês a coisa e tu dizes: "Não, eu vou, eu vou, pá vou!" – Pronto, e tu fazes as coisas quase sem pensar, tu pensas: "Eh pá!! Agora vou fazer isto." - Mas não pensas bem nas consequências, pá, tu fazes pronto. Por exemplo, eu andei em Valpaços a arrancar eucaliptos, lá com os agricultores, com as pessoas de Valpaços, isto foi uma coisa que aconteceu há… não sei quantos anos atrás, eu andava na Agro Bio, lá com os gajos da Agro Bio e alguém da Agro Bio, que ia no carro connosco, disse assim:

-"Parece que a ONGA e a… vão fazer aqui uma coisa em Valpaços." – E eu:

-"Mas é o quê?"

-"Arranque de eucaliptos." – E eu:

-"Ó pá!! Bora… eu vou!"

-"Então vá, já fizemos aqui…" – Andávamos a visitar agricultores, e assim…

-"Então vá, se temos tempo, vamos lá um bocadinho ver como aquilo é." – Chegamos lá estava a malta mesmo a ir para o campo e nós fomos também. Lá fomos, pá a caminhar, a caminhar… mas as indicações era:

-"Atenção porque nós estamos aqui… não podemos… a malta da ONGA e os ativistas não podem arrancar eucaliptos. Pá, nós viemos aqui só ver, porque eh pá! não podemos depois ser implicados a… as associações no, no arranque dos eucaliptos." – E eu:

"Claro, olha… está quieto, vá, bora arrancar eucaliptos, isso é comigo, bora!" – Eu fartei-me de arrancar eucaliptos, carga da GNR, cavalos, ouve, eu só tive medo, aí tive mesmo medo, porque os gajos iam todos armados. Os agricultores, tudo de pistola, então tínhamos a GNR armados, estás a ver? Cavalos, aquelas encostas, pá e… e tudo armado. E os gajos estavam dispostos a… aquilo ia para o tiro, aquilo ia para o tiro. Mas

não foi porque a GNR não disparou, portanto, as pessoas também não iam disparar contra a GNR, mas se a GNR começasse a disparar, aquilo era… era fatal. Mas eu acho que ali a GNR também tem a noção que a malta dali de Trás-os-Montes anda tudo armado. E então, também… eh pá! Houve ali um… sabes? Há um equilíbrio de forças, ao fim ao cabo. Mas eu tive medo, quando há um gajo que agarra no, num calhau, uma coisa assim, um bocado de xisto, daqueles, um bloco e da parte de cima da encosta, manda cá para baixo para um GNR que estava a cavalo e aquilo passa-lhe a centímetros da cabeça. E eu só pensei assim: "Se aquele gajo, tem acertado, eh pá! Havia tiros como é óbvio" – Porque aquilo era uma agressão, o gajo podia matar o GNR a cavalo, pá. Estás a ver? Era, era mesmo grave. Ó pá! aí é que eu pensei: "Ó pá!! Cum carago, pronto!" – mas aquilo depois foi, arrancou-se os eucaliptos, a GNR depois lá conseguiu, conseguiu-se fazer o que queria, apareceu na televisão, tal, tal, pronto. E eu apareço no jornal, no Primeiro de Janeiro, ou num jornal qualquer, eu já não sei… devo ter para aí um recorte algures, não sei onde é que está. E quando chego a Coimbra, a primeira coisa que o meu pai me diz, é assim:

-"Eh pá!! A primeira vez que um filho meu sai no jornal e é a fugir à GNR, pá!" – (risos) então a fotografia saiu eu a saltar e o gajo da GNR a cavalo atrás de mim (risos). E eu assim:

-"Realmente! Fica mal!" – mas pronto, estás a ver, é o espírito de missão. A ideia é… eh pá! vais na missão, pronto. Isso foi a primeira vez que eu tive assim uma coisa de, sabes, de confrontar a… a ordem estabelecida sabendo que estavam lá outras pessoas e que… mas depois fizemos mais, na ONGA, depois já na ONGA fizemos mais e… depois, já participei fora da ONGA. Não sei se a ONGA estaria envolvida, pelo menos pessoas da ONGA estavam envolvidas, quando foi aqui da construção das barragens, uma malta que se acorrentou, assim com umas correntes e tal, eu também estava lá, pronto. Mas isso já foi tudo organizado, a gente sabia o que é que tinha a dizer, que aparecemos lá sem ninguém se conhecer: "Estava a passar por ali." – sabes? Tens que dizer que aquilo é tudo… aquelas quer dizer…. Esse foi muito bem organizado, acho que foi a vez que eu participei numa coisa… Ah! Participei em Inglaterra, nuns protestos, uma vez também fui lá, as umas reuniões europeias, por causa da Agro Bio, e, portanto, estavam lá também a fazer uma manifestação, havia uma reunião dos ministros da agricultura, pá, eu ao certo já não te sei dizer o que era, também já foi há muitos anos. Mas havia também ali um… um confronto, pá, estás a ver, um coiso… ministros, tudo, polícia, só que nós tínhamos um rio a dividir-nos e havia uns voluntários que não eram os portugueses, que iam atravessar o rio e invadir, o coiso, e conseguimos, pá. Aquilo foi uma cena, pá, mas pronto, há ali um confronto… estás sempre à espera, aquela tensão… mas foi bom, foi bom. E pronto, isto é o que eu me lembro assim de repente.

Ainda bem que falaste nisso, que isso em Inglaterra já não me lembrava (risos), há muito tempo.

E: Portanto, essas questões dos fogos, dos eucaliptos, das barragens, hã… o que que elas te despertaram, para te levar a essa, consegues identificar? Para te levar a agir?

JOÃO PEDRO: Eh pá! o que leva a agir assim, é o perigo iminente de destruição das coias… há ali um perigo e… e sabemos que se não fizermos nada, aquilo vai, vai, vai embora. Tens que fazer alguma coisa. E eu faço, e quando é assim eu faço. Porque eu tenho a convicção que aquilo vai acontecer e… vai destruir. Eh pá! tem de se fazer, eu faço… abaixo assinados, eu assino montes de abaixo assinados, porque isto também é uma forma de participar, só que não é forte, não é uma forma… sabes, não é uma demonstração de força, digamos assim. Mas já é bom, pá, pronto. E não custa nada hoje em dia, um abaixo assinado. Oh! Mas abaixo assinados tantos, que eu participei no, no tempo das folhinhas, e vira a folha e mete mais não sei quantas assinaturas, tantos, tantos, tantos. Sempre participei muito nessas coisas.

E: Já fizeste ou fazes voluntariado?

JOÃO PEDRO: Eu… na ONGA foi sempre voluntariado. Sempre, sempre, tudo o que eu faço é foi voluntariado. Já fiz voluntariado na ONGA, já fiz voluntariado aqui numa associação de proteção dos animais, fiz voluntariado no GIDC, na outra associação. Onde é que eu já fiz mais voluntariado… basicamente foi isto. Nunca fiz voluntariado lá fora, assim desses programas de voluntariado, nunca fiz… fiz voluntariado a orientar outros voluntários, agora destas jovens que vêm do voluntariado europeu e tal, eu fazia… acompanhava-os, mas era voluntário, nunca recebia nada por isso, hã… eh pá! já fiz voluntário no festival Andanças, na cozinha do Andanças, fiz voluntariado, hã…. de cozinheiro, aí era de cozinheiro, não era de coisas do ambiente, podia andar na equipa dos lixos, mas pronto, mas não andava. Hã… e é uma experiência espetacular, o Andanças, o voluntariado do Andanças era… é uma escola espetacular. Hã… e pronto, e basicamente é isso.

E: E como é que te sentes quando prestas esse serviço de forma voluntária?

JOÃO PEDRO: Eh pá! isso para mim é… isso é básico, o ser voluntário para mim é… o poder participar numa coisa, porque tu queres e acolherem-te como voluntário, para mim é… é espetacular. Porque não é só, a gente quando se voluntaria… do outro lado, tem que haver alguém que… que oriente o voluntário, sabes? Tem de haver alguém com disponibilidade, para aturar as coisas do voluntariado. Porque o voluntário, não é um funcionário. Tu num funcionário dizes: “Ó meu amigo, é para fazer!” – o voluntário é diferente: “Pá, temos aqui esta tarefa, vamos lá fazer isto e tal, então vá, vamos lá fazer isto” – mas também há responsabilidade, o gajo que oriente depois tem que… sabes, há ali um projeto que tem de ser levado a bom termo… pá, e… não é fácil trabalhar com

voluntários. E… quando trabalho de voluntário, lembro-me sempre disso, sabes que… é bom eu ser voluntário, mas também é bom… que haja pessoas do outro lado, que sejam mesmo profissionais, isso não me faz confusão nenhuma. Pá, mas que acolha os voluntários, isso para mim é… é bom pá, e sinto-me lindamente, é como peixe na água. Para mim, oi, devia haver… eu quando vejo esta malta a andar de bicicleta todos os fins de semana, para a frente e para trás, não produzem nada… eh pá!, com tanta coisinha boa que se pode fazer… ei… acho que é o tempo mais mal empregue, é isso e ir à missa, são duas coisas que eu acho… esta malta toda que vai à missa, ou que não vai à missa, que andam de bicicleta porque se andam, não vão à missa… isto tínhamos uma força, sabes? Quando há estas coisas de limpar Portugal, hã… só uma vez é que funcionou, mas que também não tinha assim uma rede tão boa. Podia ser uma coisa muito mais… sabes, muito mais bem organizada e com mais… gente, não porquê? "Hã… ó pá! no fim de semana é para ir à missa." – "Não, eu ao fim de semana vou andar de bicicleta com os meus amigos, quilómetros e quilómetros" – que perda de energia, anda aquela gente a comer, para depois gastar a energia no, na bicicleta. E eu gosto de andar de bicicleta, atenção, eh pá!… mas todos os fins de semana? Não há ali um tempo, sabes? Não há um tempo para pararem, é tum, tum, tum, não param para pensar, para ajudar, para fazer uma coisa positiva, enfim.

E: Como é que vês atualmente a tua participação a ONGA onde te encontras? Em que atividades tu participas?

JOÃO PEDRO: Eh pá! eu agora estou… eu participo, dou ajuda aqui a um, ao Núcleo de Aveiro, participo em atividades práticas, como voluntário, hã… e… como é que vejo esse trabalho que eu faço? Eh pá! vejo que é uma, uma pequena colaboração, não estou a dar uma grande colaboração. Estou a dar uma pequena colaboração, porque… por causa da idade da reforma, não que eu esteja… atenção! Não estou mal, nem… mas eh pá! quero dar espaço aos outros estás a ver? E ao mesmo tempo é a questão familiar, a minha família, as pessoas que vivem comigo, foram muitos anos aturar, estas coisas… e… e chega a um ponto que também tens que… tens que equilibrar, digamos assim.

E: O que é que representa para ti, o que é que significam os objetivos da ONGA?

JOÃO PEDRO: Eh pá! os objetivos é a conservação da natureza, para mim é o… é básico. É… porque o objetivo da ONGA é associação nacional de conservação da natureza, não é… ecologista, não é um partido ecologista, é conservação da natureza. Só que depois alargou um bocado para tudo o que é ambiente, consumo, menos o consumo, poluição, porque tudo isso ao fim ao cabo, depois reflete-se na conservação da natureza. Mas não é, conservação da natureza, estrita, pronto. E então, nós, nós, quando eu digo nós, as pessoas assim da ONGA mais… mais antigas, o nosso gozo é

mesmo fazer conservação da natureza. Estas coisas de reflorestar, de salvar animais, eh pá! essas coisas é que… é que nos dão mesmo, dão-nos mesmo interesse, de fazer, pronto. E… o resto, claro, também faz parte.

E: E os outros, os outros participantes, o que é que eles dizem do teu trabalho e das atividades que tu desenvolves? Que *feedback* é que tu recebes?

JOÃO PEDRO: Eh pá! o *feedback* que eu recebo é bom, no sentido em que me chamam, para participar e por isso estou convencido que… que pronto faço um trabalho, vá, razoável. Bom não é, porque um voluntário, nunca faz um bom trabalho (risos). Mas eh pá! pelo menos sabes, gosto de ir lá acompanhar, gosto de animar, gosto de… de ver as coisas feitas, pá, pronto. E como participo bastante, acho que isso contribui também para animar as outras pessoas, acho que as outras pessoas se sentem animadas por eu participar. O *feedback* que eu recebo é o *feedback* positivo ao fim ao cabo.

E: E como é que vez o desempenho dos outros participantes?

JOÃO PEDRO: Vejo… vejo que as pessoas que aparecem, têm alguma disponibilidade, não tanta e isso compreendo, porque as pessoas têm, eh pá! têm situações às vezes pessoais que obrigam, a isso. Hã… se calhar não têm tanta disponibilidade, a maior parte delas, mas há pessoas com muita disponibilidade, e muita garra. Eh pá! e eu vejo… gosto de ver e então quando vejo aparecer malta nova, aí, fico, como agora tem aparecido, gosto mesmo de… gosto de ver e apoio. Gosto de tentar apoiar ao máximo. Para as pessoas também não desanimarem, e… continuarem a… a participar.

E: De uma forma resumida, eu já sei que há, o que é que mudarias ou mudarias alguma coisa no funcionamento da ONGA?

JOÃO PEDRO: Ah… pois, de uma forma resumida (risos). Mudava, mudava… o que é que eu mudava, no funcionamento. Mudava, a parte da… da divisão de responsabilidades, ou seja, mas… e mudava, mas na parte da organização estatutária também. Ou seja, isso tinha de ficar bem explícito. Ou seja, tínhamos que mudar um órgão social que existe que é o conselho de representantes, tinha que mudar, hã… e mudar em termos de direção nacional, as pessoas perceberem que é um órgão colegial. E que colegial é para decidir em todos, e porque as pessoas para decidir têm que ter muita informação, não podem dizer: Eh pá! não tenho tempo para ler isto, se o gajo disse que era para votar assim, eu vou votar." – não, não, a pessoas tem que ter tempo para ler e digerir e pôr questões. Porque é uma coisa de muita responsabilidade, e… eh pá! e as pessoas não se apercebem disso, estão ali… confiam, vão confiando, confiando, pá e não pode ser. Isso tem que mudar, tem mesmo que mudar.

E: Vamos mudar aqui… é a última questão esta, mas é um bocado mais longa, eu vou mostrar alguma imagens, através da partilha de ecrã, de certeza que vais reconhecer algumas delas, senão mesmo todas e vou pedir-te que me fales delas, o que é que elas

te suscitam, o que é que te chamam e o que é que te dá vontade de fazer relativamente a cada uma destas situações, são fotografias de notícias, eu faço a partilha de ecrã aqui.
JOÃO PEDRO: Ok, então eu vou tentar também dizer uma palavra, e depois desenvolver só uma ideia, para cada, senão, não saímos daqui (risos).
E: Ok, sim, sim.
JOÃO PEDRO: Vou tentar ser sintético.
E: (Apresentação da imagem n.º 1)
JOÃO PEDRO: (Leitura breve da notícia que acompanha a imagem). Pá, isto é estupidez… estás-me a ouvir agora?
E: Estou, estou, perfeitamente.
JOÃO PEDRO: Estupidez, isto basicamente o que se deve fazer é… legislar e dizer que isto é proibido, acabou e fiscalizar.
E: (Apresentação da imagem n.º 2)
JOÃO PEDRO: Isto aqui é… cinismo, é a palavra que isto me faz lembrar… hã… e… pá, o que se devia fazer… o que é que se pode fazer, isto é participar em ações e eh pá! forçar, manifestações como fizeram os jovens, pá, o clima é… básico, isto é básico, isto é básico.
E: (Apresentação da imagem n.º 3)
JOÃO PEDRO: (Breve leitura do texto que acompanha a imagem) Isto aqui… hã… o que isto me faz lembrar… é… tecnicismo, é muito eh pá!… estes números, isto… agora a questão em si do… do aquecimento global, potencial do aquecimento global isto é… é… é… para mim é irritante. Isto irrita-me, esta história. Porque… hã… toda a gente tem culpas no cartório, todos, todos, todos. Os agricultores aos industriais, eh pá! toda a gente tem culpa, a sociedade toda tem culpas. E isto o que é preciso fazer… é… é combater isto. Combater de todas as maneiras, com casos práticos, falar… levantar questões, fazer sair notas de imprensa. Que a ONGA fazia sair tantas notas de imprensa, agora não faz sair nenhumas quase. Pá, estar sempre a chamar atenção da sociedade para isto. Porque as pessoas vão, vão, porque as pessoas vêm, há coisas que acontecem que são chapadas, pá e é dizer: “Não, isto aconteceu por isto.” - mas todos têm culpa, atenção, mesmo os ecologistas, também, todos têm culpa.
E: (Apresentação da imagem n.º 4).
JOÃO PEDRO: (Breve leitura do texto que acompanha a imagem) Hã… isto faz-me lembrar mentiras e negociatas, hã… e… eh pá! isto é… ao fim ao cabo, ganância a mais e… pá, e… corrupção e combater isto é… votar pá, participar politicamente, e… dizer que isto assim não pode ser. Não quer dizer que não haja uma mina a céu aberto, pá, mas agora, como eles querem fazer é… aqui e ali, acolá, é tudo, é negócio, é tudo à grande. Quando fazem estes contratos é tudo a… enfim.

E: (Apresentação da imagem n.º 5).
JOÃO PEDRO: (Breve leitura do texto que acompanha a imagem) Pronto, lá está, é uma coisa… isto já me dá logo… um ar positivo à coisa, sito aqui, vejo isto, fico logo contente porque isto é ali a central que é ali perto do Tejo e eu conheço o sítio. Não só Tejo como a central nuclear, e… de facto, eh pá! isto da energia nuclear é um… é uma falácia de primeira, e… e… pá nunca devia ter sido instalada ali. Nem em aldo nenhum, havia outras maneiras, tinha-se desenvolvido uma outra… outra tecnologia, e como havia esta tecnologia, pá, e se podiam enterrar no mar, os, os coisos radioativos, estão todos a rebentar no fundo do mar, como aquilo era: "Eh pá! ninguém vê, isto dá muita dinheiro" – e dava, isto dava e dá muito dinheiro, para algumas pessoas, isto avançou. Pá e as pessoas deixaram, foram deixando, felizmente que em Portugal não há nenhuma central, mas no mundo há, há. Lá está, Portugal não tem, mas há o mundo que tem, eh pá! então, fico logo triste.
E: (Apresentação da imagem n.º 6).
JOÃO PEDRO: (Breve leitura do texto que acompanha a imagem). Pá, isto é… é estupidez, isto é estupidez, hã… caçadores, pá, é uma coisa que não, não consigo compreender. Não consigo compreender, o caçador que… o caçador consigo compreender, agora o caçador que mata outros seres só porque, porque esses se alimentam daquilo que ele anda a caçar, pá! Ou só por, por estupidez, mesmo. Só por ver uma coisa a mexer e dizer: "Eh pá!! Vou ali dar uns tiros, vou matar um, um bicho qualquer" – pode ser um lince, não por ser uma espécie muito protegida, pode ser um lince, pode ser uma gaivota, pode ser um pardal, para mim é a mesma coisa, é estupidez.
E: E pronto, chegamos ao fim desta sessão, ela é rápida, foi rápida.
JOÃO PEDRO: Ora, foi bom, foi bom porque eu também quero ir jantar mais cedo…

- **Fim da segunda sessão.**
- **Início da terceira sessão em 29/09/2020 através da plataforma ZOOM.**

E: A primeira pergunta que irei fazer é… de uma forma geral, é se me podes descrever o teu quotidiano, de uma forma mais comum, por assim dizer?
JOÃO PEDRO: O meu quotidiano é… hã… levantar muito cedo, beber água, depois andar aí a fazer coisas, o que for preciso fazer, seja arrumar louças, hã… se for assim muito cedo também não arrumo louças porque moro num apartamento e não quero fazer barulho para a vizinhança. Posso ir para o computador, pronto faço assim umas coisitas, vou passear a… a cadela. Também não tem hora certa. Coitada, como eu não tenho horários ela também não tem… e… e depois… hã… pequeno almoço. Portanto, beber

água, depois fazer umas coisas, depois pequeno almoço, também não tenho hora certa. Às vezes é meia hora, outras vezes passa duas horas, tomo o pequeno almoço passado duas horas. Hã… e depois dedico-me a fazer trabalhos rurais. Depois almoço, almoçar, quando almoço, também sem hora certa, às vezes é só lanche. Hã… depois trabalhos rurais, hã… e… de pois casa, jantar, casa… à noite, internet. Hã… um bocadinho de televisão e adormeço a ver televisão e depois já vou para a cama já com primeiro sono feito.

E: Quando te encontras no contexto da ONGA onde tu participas, como é que… classificas o teu relacionamento com os outros participantes, isto ao nível de laços que estabeleceste, ou se já te relacionavas, eu sei que já estás há muito tempo nesta ONGA, se já tinhas anteriormente algum tipo de, de laços de amizade, ou com alguém, podes falar-me disso?

JOÃO PEDRO: Pá, o relacionamento… é um relacionamento… de companheirismo digamos assim, não é aqueles amigos, que a gente diz assim: "Eh pá!! Agora vamos para os copos, e encontramo-nos e fazemos grandes coisas, ou se há um evento importante familiar, eh pá!… aquele fulano tem que ir" – não pá, acho que nunca fiz assim… amigos, amigos. Agora, é um companheirismo, eu digo: "Eh pá!! Quando houver ou preciso alguma coisa, passa cá em casa." – e às vezes as pessoas, vêm cá a casa, outras vezes vou eu a casa deles. Hã… mas isso depende muito se tenho coisas a tratar com eles ao nível da ONGA. Se não tiver, hã… mas é, também pode ser uma situação pessoal, imagina que vou… hã… sei lá… a Sintra, e preciso de ver um espetáculo e preciso de alguém, onde ficar. Recorro a essas pessoas, mas as pessoas também estão à vontade par me dizer: "Eh pá!! olha, não te podemos receber cá hoje, via procurar outro lado" – eu lá sigo para outro lado (risos).

E: Antes de participares, conhecias alguém que já participava, ou não?

JOÃO PEDRO: Eu antes de participar na ONGA, já conhecia alguém que participava, sim. Já foi há muitos anos, mas sim.

E: E teve alguma influência isso ou não?

JOÃO PEDRO: Hã… teve influência… no sentido de… de… eu querer juntar, sim. Mas não foi, não foi de querer… se calhar também em disseram na altura:

- "Eh pá!! Porque é que não te inscreves?" – se calhar disseram, mas eu depois já pertencia à outra, e depois quando me inscrevi na ONGA, já foi porque a outra fechou e eu disse:

-"Eh pá!! Olha, agora inscrevo-me na ONGA, pronto, para trabalhar."

E: Outra questão, a participação na ONGA, é ou foi a tua principal atividade?

JOÃO PEDRO: Enquanto voluntariado sim. Mas… eu tinha a minha vida pessoal e profissional, como ainda tenho. Portanto eu não participo na ONGA a tempo inteiro, agora gasto muitas horas… ai gasto, gasto.

E: Portanto há uma atividade profissional para além da participação na ONGA, certo?

JOÃO PEDRO: Sim, sim, sim, sim. Há muita, há muita gente na ONGA que são funcionários da ONGA, mas que para além do funcionário, já eram sócios da ONGA ou eram ativistas, eh pá! e depois apareceu a oportunidade, ficaram integrados e acabam por ter um contrato de trabalho. Pá, mas são pessoas que acima de tudo são, são voluntários (risos). Agora na verdade, eles trabalham na associação, eu nunca tive esse, esse vínculo, nunca, nunca recebi. Eu recebi uma vez de um projeto, hã… logo muito no início, nos anos… fim dos anos oitenta, princípio dos noventa, houve um projeto europeu onde eu recebi. Depois daí para a frente… pá, acho que nunca mais, a única coisa que agora, agora me, eh pá! às vezes me pagam é deslocações. Pá, é preciso uma deslocação a tal sítio assim, assim, acho que cheguei a trabalhar aqui na… no Cabeço Sagrado também. Havia uma verbazita… e acho que aí ainda recebi, mas isto foi, pá, início de… dois mil e qualquer coisa, já foi há muito tempo.

E: De que forma é que… se me podes falar nisso, como é que relacionas a tua atividade sem ser na ONGA, com a atividade da ONGA, se são atividades muito diferentes, quais são as principais diferenças?

JOÃO PEDRO: Não, acho que uma coisa influencia a outra. Por exemplo, eu faço trabalhos na área da agricultura. A minha participação na… na ONGA começa a… é muito base de… de coisas ligadas também à… agricultura biológica, ó… à parte da floresta, são coisas que… a minha… pronto. Que daquilo que eu gosto de fazer já… e depois, o participar na ONGA nessas coisas, também me dá informação que também depois me ajuda na minha vida enquanto agricultor. Isto é um exemplo muito simples, no outro dia, estive com o gajo da ONGA, que… hã… tem uma loja de material elétrico que eu já conheço desde os anos noventa, hã… e… então, ele agora… pá quer largar a loja, aquilo pá, não tem nada a ver com ele. É daqueles gajos da ONGA de coração, pronto. E aquilo, ele já, sempre teve assim umas agriculturas, ia fazendo, no tempos livres, mas ele disse: “Eh pá!, não, eu vou ter que deixar a loja, pá, eu não quero saber.” – aquilo é dele, é um negócio dele, é um negócio familiar, mas ele vai ter que se afastar, porque eh pá!, aquilo não lhe… já não o preenche, pronto. Então ele instalou um pomar de macieiras e eu estive com ele, fui lá ver, depois ele convidou-me, e eu disse: “Eh pá! não, então eu quero ir ver.” – eh pá!! E aprendi muito com ele, muito, muito, muito. E… de facto, eh pá! porque ele fez formações e é um gajo muito interessado, é um gajo muito metódico e aprendi muito, pronto, sobre a questão das macieiras, as pragas, as… as… os enxertos, as enxertias, pá, foi espetacular.

E: Portanto, são atividades que se complementam uma à outra, por assim dizer?
JOÃO PEDRO: Sim, sim, a ONGA ganha daquilo que eu aprendo, mas eu também ganho daquilo que eu aprendo na ONGA, pronto.
E: Relativamente ao teu trabalho, fazes aquilo que gostas, não é?
JOÃO PEDRO: Sim, sim.
E: E é uma atividade independente, não tens nenhuma hierarquia organizada, nem nada?
JOÃO PEDRO: Não, sim, independente.
E: Hã… e em termos de colegas de trabalho também não é, és tu próprio que promoves essas atividades ou trabalhos rurais?
JOÃO PEDRO: Sim, sim.
E: Relacionas-te da mesma forma com os outros participantes da ONGA e as pessoas com quem contatas no contexto de trabalho ou existe algum tipo de diferença?
JOÃO PEDRO: Hã… não, eu não vejo assim grande diferença. Eu não sou uma pessoa para umas pessoas e outra pessoa para outras pessoas. Acho que é… é a mesma coisa.
E: Portanto em termos de falar de assuntos relacionados com, com a conservação, com a proteção do ambiente, acontece tanto num contexto como no outro, não é?
JOÃO PEDRO: Sim eu falo com toda a gente, eu se puder convencer toda a gente a associar-se à ONGA, convenço (risos). As conversas acabam por ir bater sempre à mesma coisa. Com certas pessoas é difícil, não é? Pá, ali com os… por exemplo, agora temos ali a Cabaninha Natural, à volta é só agricultores, daqueles tradicionais, eh pá! eles… aquilo para eles é herbicida, é, no outro dia houve um que até foi por um produto para afastar os pássaros. Eu assim:
- “Para afastar os pássaros? Eh pá! sinceramente, um produto químico?” – e ele assim:
-”Ah! Eu tenho que por aqui o trator no seu terreno, para chegar lá.” – e eu:
-”Eh pá!, ponha lá o trator.” – pá, mas a vontade era dizer: “Não chega, deixe lá estar os pássaros à vontade.”
E: Esta pergunta prende-se porque há pessoas, que como estão numa ONGA, têm em contexto da ONGA uma forma de se relacionar e no trabalho, são um bocadinho mais austeros, mais de outra forma, há uma mudança de papéis, às vezes isto acontece com algumas pessoas, é por isso é que eu coloco esta pergunta?
JOÃO PEDRO: Eu compreendo, uma pessoa por exemplo numa empresa, por exemplo, às vezes não pode andar lá… com certas conversas.
E: Uma coisa é ser ativista a tempo inteiro, outra é ser ativista… é… tem um bocado a ver com esta questão, portanto no teu caso isso não acontece, és um ativista?

JOÃO PEDRO: Não, não, eu digo-lhes, digo-lhes não gosto do herbicida, disse ao outro que não gostava lá daquele produto nos pássaros, mas disse: “eh pá! meta lá aí o trator.” – Também não ia… dificultar a vida ao homem, mas depois tenho que lhes dizer: “A gente não gosta cá de… tudo o que seja venenos e químicos, santa paciência.”

E: Hã… relativamente à convivência familiar e no quotidiano, há alguma influência, aquilo que tu defendes na ONGA?

JOÃO PEDRO: O convívio familiar… há, não… há influência não no sentido de… de dizerem que… que eu não tenho razão, ou… até pelo contrário, as pessoas, toda gente é… acaba por ser um bocado mais ambientalista por viver comigo. Mas a influencia é no sentido de… pá que eu perco muito tempo. Pá, é critica que eu não… não tenho vida própria, que… dou demais à associação, que os outros também deviam fazer… porque é que hei de ser só eu? As pessoas, têm, têm… depois só eu é que faço. Mas não, isto toca a mim e toca a outras pessoas. Só que há pessoas que se envolvem mais do que outras, pronto. É assim.

E: Relativamente aos consumos do dia à dia, já percebi que és preocupado com isso e que há uma sensibilidade grande, hã… e já me tinhas falado um bocado relativamente que isso te preocupa, os consumos, que tipo de consumos procuras fazer? Ou se há algum que te sai fora da tua capacidade de tentar mudar?

JOÃO PEDRO: Não, eu tento… hã… eu tento arranjar coisas biológicas, na alimentação. Nós temos aqui um agricultor que faz agricultura biológica, quando não é biológica, tento ir também ao tradicional, sabendo que o tradicional usa… produtos químicos, mas eh pá! não usa os mesmos que usa o industrial. E o problema muitas vezes está, o industrial, eles usam sempre os mesmos produtos, e tu se consumires industrial, estás sempre a consumir o mesmo químico. E… pá… e já há muitos anos houve um médico que disse: “Eh pá!! A gente tem que variar, estamos rodeados de químicos, o melhor é variar, porque se for sempre o mesmo, o organismo, começa a acumular e não tem capacidade de… de reposta, pronto” – e é um bocado nesse, nessa perspetiva. Mas não faço alimentação cem por cento biológica, hã… o meu sogro, aliás o meu sogro usava muitos produtos químicos, com ele faleceu em janeiro, hã… já não, agora na hora dele já não… já não se usa produtos químicos, mas ele usava, usava pesticidas, usava tudo e mais alguma coisa. Herbicida pouco, mas usava também, tinha lá um arsenal, hã… eh pá! e nós comíamos da horta dele, pronto, pá. Ele também produzia e nós comíamos, mas mesmo assim também íamos ao cabaz, porque ele não produzia as coisas… pá, coisas que ele não produzia, pronto. E… por isso faço assim uma… uma certa procura. De resto nas outras coisas, no… por exemplo nos detergentes, o… mais coisas, os cereais, hã… eh pá! há um certo tipo de coisas que… eu não faço muita essa procura, vou mais para o mais barato, pá, porque um detergente

é sempre um detergente, seja biológico, não seja biológico, não é? Nunca é o mais natural, e aí tento fazer uma coisa, que é uma mania que eu tenho, tu ainda não tens aí registado, que é a mania de sacar o mais barato possível (risos). Dentro dos limites, pá, tem de ter qualidade, como é óbvio, por exemplo a loja dos chineses faz-me muita impressão. Pá, porque é muito barato, mas depois não tem qualidade, pronto e a gente não sabe como é que aquilo é produzido, nem… pronto. E sabemos que aquilo na China não, respeitam, nem as pessoas nem o ambiente. Pronto, pelo menos é a ideia que eu tenho, também nunca lá fui. E… por isso faço um bocado essa… essa coisa do… eh pá! da, da procura. Agora imagina, vou às promoções, há flocos de aveia biológicos em promoção, eh pá! deito contas, vejo: "Eh pá! isto realmente, mesmo ficando um bocadinho mais caro, já é um preço muito aceitável" – se é aceitável eu compro. Agora não vou lá comprar flocos de aveia biológicos sem promoção. Pá, esquece (risos). Aquilo é um preço abusivo, eles abusam mesmo dos preços só porque é biológico. Isso eu já sei há muito tempo, porque eu como estou ligado à produção de, de, da agricultura biológica nós comentamos, eles compravam uma alface por vinte cêntimos, vendiam aquilo por dois euros, os hipermercados, pá, margens de lucro assim… brutais. E isso eu não estou para alimentar esse tipo de coisa, agora com uma promoção, tendo, comparando também com o preço que se compra aqui no cabaz biológico, consigo ter a… ter essa noção.

E: E em termos energéticos?

JOÃO PEDRO: Em termos energéticos, hã… eh pá! hã… as lâmpadas de *leds*, mudar as lâmpadas, hã… pá, evitar consumos desnecessários, não temos máquina da… de louça, não temos hã…máquina da roupa… é sempre água fria, só que ligámos a água fria ao painel solar, montamos um painel solar para aquecimento de água, eu tomava banho de água fria e portanto, as minhas companheiras nunca tomavam banho comigo, nem eu com elas. Comecei com o painel solar, comecei a tomar banho de água quente, mas estranhamente constipava-me sempre que tomava banho de água quente, ouve. Eu até já pensava que era alérgico ao trabalho, porque eu pá… ia para o campo, trabalhava dois dias, nem que fosse três dias, eu não tomo banho no intervalo, se eu estou a trabalhar, eh pá!… deitava-me como estava, quando me for embora tomo o meu banhinho, eu sou assim. E então eh pá!, ia trabalhar dois dias, no terceiro dia, hã… febre, umas dores de cabeça, eu assim: "Eh pá!, mas o que é que se passará comigo, pá!" – depois repousava ali dois três dias, recuperava, dieta, chás, recuperava ia trabalhar… ficava doente, fosse um dia, fosse três dias, fosse dois dias, eu ficava doente, eh pá!, e aquilo começou a bater-me mesmo mal, disse: " Isto não é normal!" – falei depois com uma tia minha, de Lisboa, que sempre tomou banho de água fria, e ela assim:

-”Oh, João Pedro, tu mas não disseste que andavas a tomar banho de água quente?”
-”Sim!”
-”Então isso é da água quente.”
-”Tu fazes constipações, reação à água quente.” – e eu assim:
-”Eh pá! não acredito nisto.” – e era. Agora já me habituei, comecei menos quente, estás a ver? Comecei a… menos quente, menos quente, agora já aguento o banho de água quente. Vê lá tu, como a vida é (risos).
E: Portanto, um consumo assim fora do âmbito mais ecológico e preocupado com o ambiente, não tens assim nenhum em particular, não alguma coisas que tu sintas: “Eh pá! tenho que mudar isto”?
JOÃO PEDRO: Eh pá! o que agora estamos a fazer na casa, é por energia solar, o painel de doze volts com uma bateira normal só. Para pôr a iluminação, a iluminação aí vamos poupar. Hã… em princípio vai ser tudo lá com o painel solar. Só um, também não vamos por cinquenta painéis, com não sei quantas baterias, que isso também acho que não é… não é… não é solução. E… vamos ter fogão a lenha, vamos a… não vamos ter gás, eh pá! a ideia é sempre reduzir… reduzir ao máximo. E depois ando muito de bicicleta, porque a gente às vezes não conta, o consumo da energia, eh pá! o consumo dos gasóleos e gasolinas é… é um bocado exagerado na nossa sociedade. Eu durante muitos anos não tive carta de condução, hã… andava de bicicleta, depois comecei a andar de mota, aquelas… cinquenta centímetros ou coisa assim. Uma mota super fixe, pá e eu *vuuuu*, acelerava, eh pá! mas depois houve um ano, no Natal que eu deitei fora a carta de condução dos motociclos, e dizia, eh pá!, é horrível aquilo, porquê? Porque eu de bicicleta, chegava quentinho, a casa, tomava o meu banhinho de água fria, ficava quentinho, ó pá! E de mota eu chegava geladinho e não conseguia tomar banho de água fria, pá. Chegava tão gelado, tão gelado, ele ouve, aquilo era horrível, era um frio… eu punha jornais, eu vestia casacos em cima de casacos, calças em cima de calças, depois um gajo chegava geladinho… eu disse assim: “Então, mas isto faz algum sentido? Eh pá! Vou de bicicleta, demora mais tempo, mas… é, é outra qualidade de vida.” – e deixei de andar de mota, vê lá tu (risos).
E: Hã… todos os teus familiares partilham as mesmas preocupações contigo, ou são, são mais moderados?
JOÃO PEDRO: Não, mais moderados, muito mais moderados, não, muito mais, muito mais moderados. Mas não há discussões, hã… cada um, mas muito mais moderados. Agora reciclagem toda a gente faz, poupança de energia também temos, mas agora, tipo andar menos de carro e assim… esquece, isso é carro para cima e para baixo, quilómetro e quilómetro, sempre a andar (risos).
E: E o círculo de amigos, relativamente aos amigos?

JOÃO PEDRO: Eh pá! O meu círculo de amigos, hã… eu noto que há alguma influência, de… do convívio comigo, e têm algumas preocupações, eh pá! Mas não…não tenho a preocupação de ver se eles fazem isto, se fazem aquilo… pá, tenho amigos de todos os géneros. Há uns mais preocupados outros menos preocupados, o que eu noto é que às vezes há pessoas preocupadas com a reciclagem, mas já não são preocupadas com a alimentação biológica, outras é a alimentação biológica, podem já não ser preocupados com a questão da reciclagem e da gestão dos lixos, hã… pronto há… há gente para tudo. Conheço muita gente (risos).

E: Olhando outra vez para aquelas atividades do quotidiano, qual é aquela que é mais importante para ti, durante o dia?

JOÃO PEDRO: Eh pá! Agora nesta altura… o mais importante para mim… nesta altura, ou assim no geral?

E: No geral, por assim dizer.

JOÃO PEDRO: Eh pá! no geral, o mais importante para mim… é o trabalho nas árvores, no geral. Mas agora particularmente, agora, é o trabalho com cães (risos). Mas assim no geral, eh pá! o que eu gosto mesmo, eh pá! e que eu dou mesmo grande importância, é a questão das árvores, podar árvores, plantar árvores, arbustos, eh pá! tudo o que eu veja assim mais… floresta, pá, um bocado nesse, nesse campo.

E: Porquê, consegues identificar, assim de forma rápida, porque é que te identificas com isso?

JOÃO PEDRO: Eh pá! isso eu acho que já vem desde pequenino. Sei lá, eu lembro-me de um episódio de pequenino, que eu acho que até chorei, se não chorei, eu fiquei super revoltado, eh pá! eu já não sei qual foi a minha reação, mas eu cresci no… era um bairro, tipo bairro social, mas à minha volta, além do jardim, havia floresta, medronhos, hã… eh pá! havia assim série de vegetação, devia haver *quercus*, eu na altura não sabia identificar, mas havia bolotas, assim… portanto havia *quercus* de certeza. E houve uma altura que nasceu lá um pinheiro, lá no meio daquele descampado à volta da casa, nasceu lá um pinheiro e eu eh pá! ei, via o pinheiro a crescer, e veio o Natal, veio lá um carro, hã… o carro para, e eu assim: “Estes gajos vêm buscar o pinheiro de Natal.” - Mas passaram para lá daquele, foram para lá, e eu assim: “Ah! não cortaram aquele pinheiro!” – estava ali isolado, espetacular, no dia a seguir fui lá, tinham levado aquele pinheiro, os gajos foram para frente, não viram nenhum melhor, viram aquele ali, estava mais perto do caminho, limparam o pinheiro. Epá, eu… já tinha aquela ligação com aquilo, sabes? Já tinha pá, aquela ligação… eu quando fui para a escola agrária, é porque a escola agrária tinha um arvoredo, uma zona florestal, um choupal, aquele choupal original, que nem o Choupal, que o próprio Choupal de Coimbra já é, eles

tinham aquele choupal. Eh pá! e eu fui para ali, porque senti-me identificado com o local, e tinha o curso de produção animal, vá, mas… mas eu, o local para mim, disse-me tudo.
E: Vamos à última questão, podes falar-me sobre o que é que significa para ti ser um ativista ambiental?
JOÃO PEDRO: Ora, um ativista ambiental… um ativista ambiental tem der ser um gajo chato. Porque, a sociedade em si, é… que da maneira como está organizada, é anti ambiental, pronto. E é, ao mesmo tempo, anti ambientalista. Porque é anti ambientalista? Porque se tu chamas a atenção das pessoas, que as pessoas estão a fazer mal, as pessoas levam-te a mal. Dizem: "Então, mas quem este gajo, para vir agora dizer que eu não faço reciclagem, que meto o lixo todo no contentor, que sou um criminoso" – ou, quem sou eu, para… hã… dar outro exemplo, ir de bicicleta com três ou quatro gajos, por exemplo, e andarmos no meio do trânsito, naquelas, naquelas coisas que não sei se alguma vez participaste, ou viste uma coisa dessas, que é as *massas críticas,* que é um gajo meter-se no trânsito da cidade e ir ali a ocupar a faixa que tem direito, e ir na sua velocidade me grupo. Eh pá! é uma coisa… eh pá! é claro que tu aí… como é que hei de dizer, aí… as pessoas são contra ti, dizem: "Tu és um chato, estás a ser chato, pronto" – mas tu estás a mostrar às pessoas que… assim é que devia ser, devia haver calma, nos transportes, a malta andar de bicicleta, haver espaço para todos, e não haver só espaço para os carros, as bicicletas também têm lugar e a velocidade dos carros deve ser adaptada à vida das pessoas, e não a vida das pessoas adaptar-se à velocidade dos carros, e pá, e aí somos chatos, é nesse sentido que eu digo, que, que eu vejo assim o ativismo ambiental como sendo a pessoa chata, pronto. Mas também posso também dizer que a pessoa também tem aquele papel do… da consciência sabes, quando está o diabinho a dizer: "Vá, faz, consome." – e estamos nós do outro lado a dizer: "Eh pá! Não consumas, olha que isso faz mal ao planeta e faz-te mal a ti! Tu até podes não sofrer, mas olha os teus filhos e os teus netos!" – pronto, nós temos um bocado esse papel. De o ativista ambiental, acho que tem de ser um bocado assim, hã… e… e depois há o ativismo mais… localizado, que é aquelas pessoas que tu consegues mais influenciar mais, são as pessoas que estão perto de ti, mas depois também há aquele ativismo, que é… hã… mais à distância, que é, tentar influenciar, governantes, empresas, pá e esse ativismo ambiental também acho que é importante e hoje em dia está na nossa mão. Pá, tens internet, eu recebo não sei quantas coisas…. Eh pá! Este abaixo assinado, do *Avaaz*, do *Greenpeace*, do… da Amnistia Internacional, do… Eh pá! essas coisas eu… participo, pronto, participo porque de facto o número pode ser importante. Agora… também… eu sei que não é o determinante, mas pode ajudar pá. Porque tem a ver também com os lobbies, com as forças não é? Imagina, está um político que tem não sei quantos lobbies ali a forçar,

mas o político também depois tem as pessoas a dizerem: “Eh pá! atenção que nós… nós queremos isto assim, assim.” – E ele perante os lobbies também pode dizer: “Eh pá! mas a maior parte das pessoas, ó para isto, então eu recebo aqui um coiso com não sei quantos milhares de assinaturas, eu não vou contra esta gente, vocês organizem-se lá com os lobbies de outra maneira, vocês conseguem ganhar dinheiro de muitas maneiras, não tem de ser sempre da mesma maneira.” – Eh pá! e às vezes pode funcionar, eh pá! E em termos de direitos, direitos civis da… das liberdades, dessas coisas da Amnistia Internacional, eu acho que sim pá, mostrar aos países que nós sabemos. Eu por exemplo, dizer-me assim:

-”Olha vais à China fazer férias.”

-”Não vou!” – (risos) – “Não vou. Pá, enquanto a situação política lá for assim, não vou.” – Quem diz a China, diz outro, outro país assim, pá, não vou. Se é para dar dinheiro a… a alguém, vou a outro lado, agora tu dizes assim: “Mas tu vais dar dinheiro ao governo ou vais dar às pessoas coitadas que lá se calhar também precisam?” – Eh pá! uma parte é para as pessoas, mas… essa malta está a ser chulada, as pessoas lá também têm que se revoltar, têm que ser as pessoas revoltar-se, as pessoas têm esse poder. Só que eh pá! a maior parte das pessoas, encarneiram, como eu costumo dizer, pá e eu tenho muita experiência com ovelhas e carneiros, pá. E há muita gente aí, muito encarneirada.

E: Pronto e é o que tu entendes por um ativista ambiental.

JOÃO PEDRO: E já não é pouco (risos).

E: Chegamos ao fim.

Fim